COROGRAFIA BRASÍLICA

OU

RELAÇÃO HISTORICO-GEOGRAFICA

DO

REINO DO BRAZIL

COMPOSTA E DEDICADA A

SUA MAGESTADE FIDELISSIMA

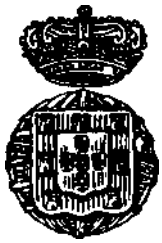
POR

HUM PRESBITERO SECULAR

DO

GRAM PRIORADO DO CRATO.

TOM. I.



RIO DE JANEIRO.

NA IMPRESSÃO REGIA.

M. DCCC. XVII.

Com Licença e Privilegio Real.

"Fac-simile" do frontespíoio da Primeira Edição

Manuel Aires de Casal

SUMÁRIO

1.ª PARTE

Introdução 17

Província do Rio Grande do Sul ou de S. Pedro 61

Província do Paraná 77

Província do Uruguai 85

Província de Santa Catarina 89

Província de São Paulo 97

Província de Mato Grosso 117

Província de Goiás 145

Província de Minas Gerais 163

2.ª PARTE

Província do Rio de Janeiro 185

Província do Espírito Santo 209

Província de Porto Seguro 215

Província da Bahia 223

Província de Seregipe d'El-Rei 247

Província de Pernambuco 253

Província da Paraíba 271

Província do Rio Grande do Norte 277

Província do Ceará 283

Província do Piauí 291

Província do Maranhão 297

Província do Pará 307

Província de Solimões 327

Província de Guiana 332

Senhor:

A descrição geográfica do vasto Reino que a Providência confiou a V. R. Majestade na América é o assunto da obra que respeitosamente ofereço a V. R. Majestade, como Sua, por muitos títulos. Nela se acha a História do Descobrimento do Brasil em 1500, até o ano de 1532 em que este País foi repartido em Capitanias: mostra-se a época, o método da colonização, e o atual estado das povoações, e produções da agricultura e indústria de cada uma delas: indica-se o que há de mais notável em a Natureza; como são rios, lagos, montes, cabos, portos, ilhas, animais, minerais e vegetais: acrescendo enfim um apêndice das duas Províncias civilmente anexas à do Grão-Pará. Persuado-me que uma tal obra merecerá o acolhimento que V. R. Majestade costuma prestar a tudo que pode ser útil a seus vassalos, a cujo proveito sacrifiquei os melhores anos da minha vida, empreendendo esta obra original, e tão superior às minhas forças, e cabedais, que por vezes, descorçoado à vista de um tropel de dificuldades, determinei abrir mão da empresa: Assim aconteceria se não me dominasse uma simpatia por esta ciência encantadora e conjuntamente me alentassem amigos inteligentes e patriotas receosos de que os meus trabalhos e fadigas descessem comigo à sepultura. Digne-se V. R. Majestade aceitar uma oferta, ainda que pequena para o meu desejo, contudo devida a V. R. Majestade.

Deus guarde a Sagrada Pessoa de V. R. Majestade por mui dilatados e felizes anos.

De V. R. Majestade
O mais reverente vassalo,
O Padre Manuel Aires de Casal

Eu El-Rei faço saber aos que este alvará virem: que em consulta da mesa do meu desembargo do Paço me foi presente o requerimento do Padre Manuel Aires de Casal, em que me expôs ter dado ao prelo uma sua obra intitulada Corografia Brasílica, *fruto de muitos anos de trabalho, em que fizera consideráveis despesas, e da qual pretendia publicar uma edição mais perfeita: pedindo-me por isso lhe fizesse a graça de privilegiar a dita obra a benefício seu, ou das pessoas, a quem ele a deixar por sua morte, na forma praticada em semelhantes concessões. Ao que atendendo, e ao mais que se me expôs na mencionada consulta, em que foi ouvido o Desembargador Procurador de minha Coroa e Fazenda, e com o parecer do qual fui servido conformar-me por minha imediata resolução de oito do mês próximo passado: Hei por bem conceder ao suplicante privilégio exclusivo por tempo de catorze anos consecutivos, contados da data deste, para que nenhum livreiro, impressor, ou outra qualquer pessoa possa vender, imprimir ou mandar vir de fora dos meus Reinos e Domínios a dita obra intitulada* Corografia Brasílica, *debaixo da pena de perderem todos os exemplares dela, que lhes forem achados, metade para o denunciante, e outra metade para os cativos. E hei outrossim por bem, que o mesmo privilégio possa por morte do suplicante passar aos seus herdeiros, ou a quem ele o deixar, contanto que não exceda o espaço dos ditos catorze anos concedidos. E este se*

cumprirá como nele se contém, e valerá posto que o seu efeito haja de durar mais de um ano sem embargo da ordenação do livro segundo, título quarenta em contrário, e depois de registrado em todos os lugares, aonde se costumam registar semelhantes alvarás, se imprimirá no princípio, ou no fim de cada um dos exemplares da referida obra. Pagou de novos direitos quinhentos e quarenta réis, que se carregaram ao tesoureiro deles a folhas cem do Livro quinto de sua receita, como se viu do respectivo conhecimento em forma registado a folhas cento e oitenta e cinco verso, do livro undécimo do Registro Geral. Dado no Rio de Janeiro aos vinte e um de agosto de mil oitocentos e dezessete.

REI

Alvará, por que Vossa Majestade há por bem fazer mercê ao Padre Manuel Aires de Casal de lhe conceder privilégio exclusivo por tempo de catorze anos, para que nenhum livreiro, impressor, ou outra qualquer pessoa possa vender, imprimir ou introduzir nestes Reinos e seus Domínios a obra intitulada *Coro*-grafia Brasílica. *E há outrossim por bem, que o mesmo privilégio possa por morte do dito Padre passar aos seus herdeiros, ou a quem ele o deixar dentro do prazo dos ditos catorze anos, na forma acima expressa.*

Para Vossa Majestade Ver.

Por imediata resolução de Sua Majestade de oito de julho de mil oitocentos e dezessete tomada em consulta da mesa do desembargo do Paço, e despachos da mesma mesa de vinte e quatro de julho, e onze de agosto do dito ano.

MONSENHOR MIRANDA.
MONSENHOR ALMEIDA.

Ã margem do registo da resolução pela qual se passou este alvará fica posta a verba necessária. Secretaria de Estado dos Negócios do Reino, em 16 de setembro de 1817.

JOSÉ BALBINO DE BARBOSA E ARAÚJO.

Nesta Secretaria do Registro Geral das Mercês fica registado este alvará. Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1817. Pagou 3.200 reis.

VISCONDE DE MAGÉ.

BERNARDO JOSÉ DE SOUSA LXJBATO *o fez escrever.*

MONSENHOR MIRANDA.

Pagou quinhentos e quarenta réis; e aos oficiais três mil quinhentos e vinte. Rio, 4 de setembro de 1817.

JOSÉ MARIA RAPOSO DE ANDRADE E SOUSA.

Registado na Chancelaria-Mor do Reino do Brasil a f. 12 do Liv. 9.° dos Ofícios e Mercês. Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1817.

MANUEL PLÁCIDO DA CUNHA VALE. *Lugar do selo. Pagou quatro mil-réis do selo. Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1817.*

DRUMOND.

JOAQUIM JOSÉ DA SILVEIRA *o fez. Deste três mil e duzentos réis.*

INTRODUÇÃO

A América, segunda das quatro partes da terra em grandeza, e que por si só forma um hemisfério, ou a metade do globo terrestre, deriva o nome de Américo Vespúcio, piloto florentino, que fez a este país duas viagens no serviço de Castela, e outras duas, se houvermos de lhe dar crédito, por mandado de El-Rei D. Emanuel.[1]

A sua vasta extensão, e o ter sido descoberta nos úütimos séculos, fazeim dar-lhe também o nome de Novo Mundo. Também lhe chamam, ainda que impropriamente, Índias Ocidentais.

Quiseram alguns, depois do seu descobrimento, que os Antigos tivessem notícia da América, conhecida então pelo nome de Ilha Atlântida; ao mesmo tempo que muitos sábios pretendem que a Atlântida fora uma ilha fabulosa, imaginada por Platão para representar alegoricamente o Governo de Atenas. Parece não dever-se duvidar da antiga existência desta ilha no Mar Atlântico ao Ocidente, e defronte das Colunas de Hércules, e que, segundo contam, desapareceu, ficando submergida na ocasião dum terremoto, seguido duma espantosa chuva, ou tempestade de água, que durou um dia e uma noite inteiros.[2]

Os mais modernos, tendo por verossímil que as Ilhas dos Açores, a da Madeira e as Canárias sejam fragmentos, e as porções mais altas da Atlântida, querem que de quanto os antigos disseram desta ilha nada se deva entender da América.

Com o descobrimento deste hemisfério nasceram dois problemas: 1.°) se era porção da Ásia; 2.°) como fora povoado. Quanto ao primeiro, consta já de largos anos, com toda a certeza, que a América é uma ilha; porém quanto ao tempo, ao modo, e por quem fora povoada, nada se sabe, nem pela história, nem pela tradição, sendo preciso recorrer a conjecturas; e a mais óbvia e expedita é que a América noutro tempo era unida com o Continente da Ásia.

O descobrimento deste hemisfério é atribuído ao piloto genovês Cristóvão Colombo. Diz-se que a sua felicidade principiara em ele se achar na Ilha da Madeira, quando, pelos anos de 1480, ali aportou o Mestre Francisco Sanches com a sua caravela destroçada, e três ou quatro marinheiros, todos mais mortos que vivos, pelas calamidades, que sofreram com um temporal, que os levara a uma remotíssima longitude ocidental, onde avistaram terra, que provavelmente era alguma das Ilhas Caraíbas.[3]

Como de largos séculos se sustentava que a terra era redonda, e que podia haver antípodas,[4] e também já se julgava que o grande Oceano Atlântico devia estar entre duas costas, como o Mediterrâneo entre África e Europa, e se conjecturava que a costa oriental da Ásia era a barreira ocidental do Mar Atlântico, persuadiu-se Colombo, que a terra avistada por Sanches era a Ilha do Japão ou Cipango de Marco Paulo, seu Aquiles; e que navegando sempre ao poente,

1 Segundo os melhores cálculos a Ásia tem 3.419.162 léguas quadradas e a América 3.051.254, havendo de diferença 367.908 a favor da primeira. Guthrle, edlc. XIV.

2 Post heec lngentl terras motu, Jugique dlcl unlus, et noctls alluvlone factum est, ut terra dehlscens vestros lllos una omnes belllcosos homlnes absorveret, et *Atlantis insula* sub vasto gurglte mergerefur. Plato, Ub. XXXII Flmens pag. 704 e 5: Brasil. Troben.

3 "Navegando huma caravella por nuestro mar Oceano, tuvo tan íorçozo vlento de Levante. y tan continuo que fue a parar en tlerra no sabida, nl puesta en el mappa, ò Carta de marear". Gomara, Historiò delas *índias,* cap. 13.

4 Orbem certè dlclmus terras, globomque vertlcibus lncludl fatemus. Neque enlm absolutl orbls est forma. In tanta montlum excelsltate, tanta camporum planltle... Clrcumfundl teme undlque homlnes, converslsque lnter se pedlbus stare, et cunetls slmllem esse cosll vertlcem, se slmlll modo ex quâcumque parte calcarl. PUn., *Hist. Nat.,* Uv. II, c. 64 e 65.

passada esta ilha, necessariamente chegaria em pouco tempo ao Reino do Cataio: assim chamava Marco Paulo o país dos Sinas, hoje China, sempre considerada como a parte mais oriental da Índia (ao menos contígua a esta província) onde os portugueses forcejavam por chegar, rodeando a África.

Entusiasmado da glória de abrir para a índia um caminho mais curto, que o projetado pelos portugueses à roda da África, dizem que fora a Gênova propor o seu plano, e que este lhe fora considerado como quimérico. O certo é que fazendo a mesma proposta a El-Rei D. João II de quem então era vassalo, não foi atendido, por votos dos geógrafos escolhidos para o ouvir.[5]

Esta recusa o fez passar com o mesmo projeto a Castela, onde por voto do Prior, do Prado e de outros sábios, cujos sentimentos eram os mesmos dos cosmógrafos lisbonenses, ia a suceder-lhe o mesmo apesar de achar fautores. A espontânea oferta, que Luís Santangel fez do empréstimo de todo o dinheiro necessário para a expedição, com a que o Cardeal D. Pedro de Mendonça fazia da oitava parte das despesas, venceram as dificuldades; e Colombo, saindo de Paios de Muger com três caravelas a 3 de agosto de 1492 em demanda das Canárias, navegou ao poente até que a 11 de outubro encontrou a Ilha Guanaí, que é uma das Lucaias, à qual pôs o nome de S. Salvador; havendo sofrido muito a sua equipagem, que de desesperada quisera por vezes voltar atrás; mas ele animoso a sossegava, dizendo-lhe que não podiam ver terra antes de estarem 750 léguas arredados das Canárias para o poente.[8]

Continuando a viagem, descobriu a Ilha de Cuba, e a Espanhola, hoje S. Domingos, a qual os indígenas chamavam Haité, onde deixou trinta e oito homens num forte de madeira, e fazendo-se na volta da Europa com dez ou doze insulanos, aportou em Lisboa a 6 de março do ano seguinte, blasonando de ter descoberto a Ilha Cipango, que lhe ficava ainda 150° mais longe, e uma barreira invencível de permeio.

Colombo fez mais três viagens ao Novo Mundo, todas debaixo dos auspícios de D. Fernando V. Na segunda saiu de Cádiz a 25 de setembro de 1493; visitou a Ilha Espanhola, descobriu a Jamaica e um grande número de ilhotas ao sul da Cuba, as quais denominou Jardin de Ia Reyna. Na terceira, em 1498, avistou, junto à boca do Rio Orenoco, a Ilha da Trindade no 1.° de agosto; desembarcou em várias partes da costa de Pária, voltou à Espanhola, e de lá à Europa. Na quarta, saiu de Cádiz a 9 de maio de 1502, aportou na Espanhola, e continuando a

5 "Como Christováo Colom era curlozo em as cousas de geografia, e Ha por Marco Paulo, que falava moderadamente das coisas orientais do reyno Cathayo, e assl da grande Ilha Cypango, velo a fanteziar que este mar Occidental ae podia navegar tanto, até que fossem dar nesta Ilha Cypango, e em outras terras Incógnitas. Com este projecto velo requeTer a El-Rey D. João que lhe desse alguns navios para Ir descobrir a Ilha Cypango por este mar Occidental; porem El-Rey. porque via ser este Chrlstovao Colom homem fallador, e glorlozo em mostrar suas habilidades, e mais fantástico, e de imaginações com sua Ilha Cypango, que certo no que dizia dava-lhe pouco credito. Com tudo, à forca de suas lmportunações, mandou que estivesse com D. Diogo Ortlz, Bispo de Cepta, e com Mestre Rodrigo, e Mestre Josepe, a quem elle commettla estas cousas da cosmogra fia, e seus descubrlmento; e todos houverão por vaidade as palavras de Chrlstovao Colom, por tudo ser fundado em imaginação, e cousas da ilha de Cypango de Marco Paulo. E com este desen gano espedldo eUe delRey, se foi para Castella, onde também andou ladrando este requerimento em a corte delRey D. Fernando, sem o querer ouvir, até que por meio do Arcebispo de Toledo, D. Pedro Gonçalves de Mendonça, ElRey o ouvlo, J. Barros".

N. B. — Cláudio Ptolomeu, que ainda era o oráculo em geografia naquele tempo, punha a foz do Rio lindo, limite ocidental da India, em 114° a leste do meridiano das Canárias, e estendia esta província até o Golfo de Si&o, então *sinus magnus,* posto por ele 61° mais a Leste, isto é, na longitude de 175° ao Oriente do meridiano das Canárias. Ora constando, que a terra tinha 360 de circunferência, ficavam 185, que tantos tinha de navegar quem quisesse ir á India pelo Poente.

Mais:

Como a história dizia que Hannom na florescência de Cartago, sairá pelo Estreito Herculano, e entrara pelo Mar Roxo, e que Eudoxo fizera a mesma viagem em contrário, considerava-se a empresa não só vencivel, mas até mais segura navegando em torno, e á vista da Africa.

6 Colombo muchas vezes les avia dlcho que nò pensava hallaria hasta haver navegado 750 legoas desde Canária á Ponlente, en el qual termino tamblen avia dlcho, que hallaria Ia Islã Hespanlolha, que entonces nombrava Cipango. Herrera, Dec. I, I. I. c. XI.

Como podia Colombo saber que havia terra 750 léguas ao Poente das Canárias (como na verdade estáo as Caralbas) se nao tivesse falado com quem a vira? Esta asserçáo, o pedir ele táo extraordinárias recompensas, como eram o titulo de Vlce-Rei perpétuo, e hereditário de todos os mares, e terras, que descobrisse, com os dizimos dos lucros provenientes de perpet/uldade para ele, e seus descendentes, dez ou doze anos de Instâncias contra recusas, bem favorecem aos que afirmam ter-se avistado terra acessível em pouco tempo. Veja-se Herrera, e Robertson.

navegar, descobriu a Ilha Guanaia, vizinha do Cabo de Honduras, e toda a costa do continente desde o Cabo Graças a Deus até Porto Belo.

Querem alguns que o Novo Mundo devesse tomar de Colombo o nome de *Colômbia,* e não o que se lhe derivou de *Américo,*[7] quando muitos declamam ser uma grande injustiça dar àquele navegante a honra de descobridor deste hemisfério. O certo é que os Sibérios orientais, chamados *Choukchis,* costumam passar o Estreito de Behring para a América no verão desde tempos imemoráveis. O dinamarquês Gumbiorn descobriu a Grinlândia nos fins do século X, e os noruegueses estabeleceram nela colônias no século seguinte, e visitaram-na por mais de trezentos anos. Se esta terra não é porção do continente, ao menos é ilha, que lhe pertence. Os ingleses mostram que João Caboto descobrira a Terra Nova, e o continente vizinho em 494.[8]

A América está entre o Mar Atlântico, que a separa da África e Europa pelo oriente, e o Mar Pacífico, que a separa da Ásia pelo ocidente.

A menor distância entre a América e a África é do Cabo de S. Roque no Brasil a Cabo Roxo na Guiné, onde há 500 léguas. A maior proximidade com a Europa é de 200, com pouca diferença, da Costa da Noruega à da Grinlândia, se esta não é ilha; ou 600 da mesma Noruega à Terra do Labrador.

O mais curto intervalo da América para a Ásia é de 15 léguas, que tantas dizem ter de largura o Estreito de Behring ao nordeste da Ásia.

Tem o novo continente 2.560 léguas, de 20 em grau, norte-sul. Para o Pólo Austral estende-se até 54 graus; em tantos está Cabo Forward dentro do Estreito de Magalhães. Para o setentrional contamos só até à entrada de Lancaster's Sound, que se acha em 74 graus na Baía de Baffin, e se presume ser um canal para o Mar Glacial, cuja costa, segundo as relações de Hearn e Mackenzie, não fica em distância maiormente grande.[9]

Entre as inumeráveis nações de que todo o Novo Mundo se achou povoado, apenas se nota alguma diferença física. São os americanos quase geralmente baixos, refeitos e proporcionados, de semblante redondo, nariz grosso e um pouco esmagado, olhos pequenos, cor baça tirando a avermelhado, sem barba nem cabelo em parte alguma do corpo, mais do que na cabeça, sendo este mui preto, grosso e corredio. Assemelham-se muito aos malaios da Ásia. Eis aqui como um viajante os retrata moralmente: "Os americanos são glutões em extremo, quando têm com que se saciar; sóbrios em a necessidade, até nem ainda desejar o necessário; pusilânimes e poltrões, enquanto a bebida os não faz enfurecer; inimigos do trabalho; indiferentes a qualquer motivo de honra, glória ou reconhecimento; unicamente ocupados do presente; sem cuidado do futuro; incapazes de reflexão; passam a vida, e envelhecem, sem sair da infância, da qual conservam todos os defeitos. É para admirar que com tais qualidades seja preciso tanto trabalho para fazê-los bons cristãos."

Os bois, os cavalos, jumentos, cabras e ovelhas eram absolutamente desconhecidos neste hemisfério, cujos povos não tinham domesticado espécie alguma dos quadrúpedes indígenas para seu uso e comodidade.[10]

7Acerca das duas viagens, que Américo Vespúcio fez ao Golfo México no serviço de El-Rei D. Fernando V, dizem Antônio Herrera, e Robertson, que ele tivera não só a ousadia de falsificar as datas de ambas, confundindo uma com a outra na relação, que de suas exageradas aventuras respectivas enviara a um seu compatriota, logo depois da sua chegada à Espanha, mas tamhfra a habilidade de compor a sua narrativa de sorte que parecia dever-se-lhe a glória de primeiro descobridor do Novo Mundo. Nós diremos adiante alguma coisa mais a respeito deste façanhoso homem.

8William Mavor.

9Posto que as viagens de MM. Hearn e Mackenzie tenham provado nao haver passagem da Bala de Hudson para o Mar Pacífico, nem Glacial, como se conjecturava, nao se segue que ela nao possa existir do lado ocidental da Baía de Baffin para o derradeiro. Nada parece tão provável. A porção mais setentrional da costa do continente observado pelos navegantes, que subiram pelo Estreito de Berhlng, corria a Leste na latitude de 72". Na mesma altura viu Hearn o mar, quando em 1771 desceu pelo Rio Coppermine até à sua embocadura, que obra de 200 léguas mais a leste: a Mackenzie avistou-o no melo deste intervalo em menos de 70» em 1780.

10 Montepalau diz que os tigres, e leões foram transportados da África para a América, assim como os cavalos, e bois da Europa! A necessidade e utilidade obrigaram os europeus a transportar as duas derradeiras espécies com outras; mas que motivo podia haver para levar aqueloutras, tao

A América é dividida pelo Istmo de Darien ou Panamá, em duas partes pouco desiguais (na suposição de que a Grinlândia é uma ilha): Setentrional com 66 graus, e um terço de comprimento norte-sul, e Meridional com 66 e meio. Cabo-Falso, na entrada da Baía Venezuela, em 12 graus e meio do norte, é a terra mais setentrional da região do sul; e Ponta da Higuera, na entrada da Baía do Panamá, em 7 graus e 40 minutos da mesma latitude, a mais meridional da do Norte.

Na Meridional está o Brasil, a mais oriental das seis províncias, em que os geógrafos a dividem; e fica entre o Equador e o paralelo de 55 graus de latitude austral, na mais vantajosa situação para o comércio, não só com o restante da América, mais ainda com as três partes do Antigo Mundo. Tem 694 léguas, de 20 em graus, no maior comprimento de norte-sul, da Ponta Maguari na entrada do Rio Pará ou Tocantins, em 15 minutos austrais, até à Ponta de Maldonado no Golfo do Rio da Prata, em 34 graus e 57 minutos; e 600, com pouca diferença, na maior largura do Cabo de Santo Agostinho até à Ponta Abuná na margem do Rio da Madeira; jazendo entre os 26 e 58 minutos, e os 57 e 17 de longitude ocidental do meridiano do observatório de Coimbra.

Falamos na acepção geográfica e natural, porque na política estende-se atualmente da foz do Rio Maroni em 6 graus do norte até o paralelo de 33 escassos de latitude austral. Também nesta acepção a sua largura é muito maior, e conta-se de Cabo Branco até à margem do Rio Hiabari.

Esta vasta região tem ao norte o Oceano Atlântico, e o Rio das Amazonas ou Maranhão, que a separa da Província de Terra-Firme; ao meio-dia o golfo, que recolhe o Rio da Prata; ao oriente o mencionado Oceano; ao poente o Rio Paraguai, que corre do norte para o sul, e o Madeira, que corre em contrário; vindo a ser uma península, cujo istmo, que tem mui poucos côvados de largura, fica entre as origens dos rios Aguapeí e Alegre, que são ramos secundários daqueloutros. Abrange perto de cinco climas. O maior dia, que é em dezembro, tem quase catorze horas e meia na extremidade meridional. O inverno não é a um mesmo tempo por toda a parte, como mostraremos.

HISTÓRIA — Tendo chegado a Portugal D. Vasco da Gama em 1499, com a certeza de ter descoberto a navegação da índia, determinou El-Rei o Sr. D. Emanuel mandar lá no seguinte ano uma Armada a estabelecer amizade, e tratado de comércio com o Rei de Calecute, e uma feitoria na mesma cidade, onde o feitor tivesse as mercancias européias de melhor gasto no país, e com o seu produto carregasse de especiarias as naus, que as levassem. Para comandante desta Armada, que constava de dez caravelas e três navios redondos, foi escolhido um fidalgo chamado Pedro Álvares Cabral. O número da gente, que a guarnecia, andava por 1.200 pessoas: tudo gente escolhida, limpa e bem armada.

Pronta a frota defronte de Rastelo, hoje Belém, e determinado o dia nove de março para a saída, na véspera, que era domingo, foi El-Rei com toda a Corte ouvir a missa na Ermida de Nossa Senhora de Belém, sita onde hoje está o magnífico Mosteiro dos Padres Jerônimos, defronte do qual estava a Armada. Pregou D. Diogo Ortiz, Bispo de Ceuta, dissertando sobre o objeto da empresa; e enquanto se oficiou, esteve arvorada sobre o altar uma bandeira com a Cruz da Ordem do Cristo, a qual o mesmo Bispo benzeu por fim, e El-Rei com sua própria mão entregou a Pedro Alvares Cabral, ao qual havia tido junto de Sua Real Pessoa

daninhas, e ferozes, que nao respeitam ao mesmo homem? Os castelhanos da América, como também os portugueses da Provincia de S. Pedro, chamam leões às onças suçuaranas originárias do pais: os portugueses em todo o Brasil, e os castelhanos "nas províncias convlzlnhas, denominam tigres às onças negras, também originárias do Continente. O verdadeiro tigre só o hí. no antigo mundo: os maiores têm 5 pés de altura, e doze de comprimento: suas malhas sao em iorma de cintas compridas, e atravessadas do ílo do espinhaço para as llhargas: é do mesmo gênero que a onça, e a primeira fera carnívora depois do leão (que também só o hà no antigo continente) e Insaclável de sangue: abandona os animais, depois de lho beber, ataca o elefante, e o rinoceronte, também desconhecidos no Novo Mundo.

dentro na tribuna, enquanto durou a festividade. Acabado este ato, assim desenrolada, como estivera no altar, foi aquela bandeira levada como em procissão e acompanhada por El-Rei até o cais, onde Pedro Álvares Cabral e os mais capitães lhe beijaram a mão com respeitosa urbanidade, salvando entretanto com arruído toda a artilharia da Armada.

Foi esta despedida geralmente a todos de grande contemplação, por ser aquela Armada a mais poderosa e brilhante, que até àquele tempo saía do Reino para terras remotas. Os outros capitães eram Sancho de Toar, com sucessão ao Almirante Cabral; Nicolau Coelho, que tinha ido com D. Vasco da Gama; Simão de Miranda de Azevedo, Aires Gomes da Silva, Vasco de Ataíde, Simão de Pina, Nuno Leitão, Pedro de Ataíde, Luís Pires, Gaspar de Lemos, no navio dos mantimentos de sobressalente; o célebre Bartolomeu Dias, descobridor do Cabo da Boa Esperança; e Diogo Dias, seu irmão, os quais ambos haviam de ficar em Sofala com uma feitoria, que ali se devia fazer. Iam mais sete frades franciscanos, subordinados a um guardião por nome Frei Henrique, que foi Bispo de Ceuta, oito capelães e um vigário para administrar os Sacramentos na feitoria de Calecute, para cujo feitor ia nomeado o almoxarife da Armada Aires Correia, do qual deviam ser escrivães Gonçalo Gil Barbosa e Pero Vaz de Caminha.[11]

11 Havendo relatado o descobrimento do Brasil com Barros, Góis, e Osório à vista, comuni-cando-se-me depois no Arquivo da Real Marinha do Rio de Janeiro a cópia duma carta escrita em Porto Seguro pelo mencionado Pero Vaz de Caminha, companheiro de Pedro Alvares, que refere o caso em contrário daqueles outros, nao só com miudeza, mas até com veracidade palpável, me vi obrigado a dar-lhe preferência: e estimei tanto este encontro, que escrupullzo faria injustiça aos meus leitores nao lhes dando aqui dela a cópia seguinte: "Senhor, posto, que ho Capitam moor desta vossa frota, e asy hos outros capltaos escrepvam a V. A. ha nova do achamento dessa vosa terra nova, que se ora neesta navegaçon achou, nom lelxarey também de dar disto minha comta a V. A. asy como eu melhor poder, aimda que pera ho beem comtar. e falar, ho sayba peor que todos fazer; pero tome V. A. lnorancla per booa vomtiide, ha quaal beem certo crea, que pera has romensentar,* nem afear aja aquy de poeer mais ca nqulllo, que vy, e me pareceo: da marenhajem, e sangraduras do caminho nom darey aquy comta a V. A. porque ho nom saberey fazer, e hos pilotos devem teer ese cuidado; e por tanto Senhor do que ey de falar, começo, e digo, que na partida de Belém, como V. A. sabe, foy segunda feira 9 de Março; e sábado 14 do dito mes amtre has oito e nove oras nos achamos amtre has Canareas mais perto da Oram Canarea; e aly amdamos todo aquele dia em calma aa vista delas obra de três quatro lôgoas; e Domingo 22 do dito mes aas des oras pouco mais ou menos ouvemos vista das Ilhas de Cabo Verde: a saber da nha de Sam Nlcolaao, segundo dito de Pero Escolar piloto, e ha noute seguinte aa segunda feyra lhe aamanheeeo se perdeo da frota Vasco Datayde com a sua naao, sem hy haver tempo forte, nem contralro pera poder eeer. Fes ho Capitam moor suas diligencias pera ho achar a huumas e a outras partes, e nom pareceo mais: e asy seguimos noso caminho per ese mar lomgo ataam terça feyra Doltavas de Páscoa que foram 21 dias d'Abril. que topamos alguuns synaaes de terra, seendo da dita Ilha, segundo os pilotos dezlam, obra de 660 ou 670 legoas: hos quaaes heram muyta camtldade dervas compridas a que hos mareantes chamam botelho: e say outras a que tambeem chamam Rabo Dasno: e as quarta feyra seguinte pola manha topamos aves, a que chamam fura-buchos: e neste dia a oras de vespora ouvemos vista de terra, a saber: primeiramente de huum grande monte, muy alto e redondo, e doutras serras mais baixas aho Sul delle, o de terra chaa com grandes arvoredos; aho quaal monte alto ho Capitam pos nome ho Momte Pascoal, e na terra ha Terra da Vera Cruz.»* Mandou lançar ho prumo, e acharam 25 brasas, e aho sol posto, obra de 6 legoas de terra surgimos amcoras em 19 brasas, amcorajem limpa. Aly J ouvemos toda aquella noite, e aa quinta feyra pola manhaa fezemos vela, e seguimos direitos aa terra; e hos navios pequenos diante hymdo por 17, 16, 15, 14, 13, 12, 10, e 9 brasas ataa mea legoa de terra, omde todos lançamos amcoras em direito da boca de huum rio; e chegaríamos a esta amcorajem aas des oras pouco mais ou menos: e daly ouvemos vista de homeens que amdavam pela praya obra de sete ou oito segundo hos navios pequenos dlseram por chegarem primeiro aly. Lamçamos hos batées, e esquifes fora. e vieram logo todolos Capltaaos das naaos a esta naao do Capitam moor, e aly falaram: e ho Capitam mandou no bateel em terra Nlcolaao Coelho pera veer aquele Rio; e tanto que ele cumeçou pera lá de hyr, acodiram pola praya homeens quando dous, quando três; de maneira que quando ho bateel chegou aa boca do Rio, heram aly dezoito, ou vinte homeens pardos todos nuus sem nenhuuma coussa, que lhes eobrlse suas vergonhas. Traziam arcos nas maaos, e suas sectas; vynham todos rijos pera aho bateel; e Nlcolaao Coelho lhes fes synaal que posesem hos arcos, e eles os poseram aly: nom pode delos aveer nem entemdlmento que aproveitase polo mar quebrar na costa: soomente deo lhes huum barete vermelho, e huuma carapuça de linho que levava na cabeça, e huum sombreyro preto: e huum deles lhe deo huum sombreyro de penas daves compridas com huuma copezlnha pequena de penas vermelhas, e pardas coma de papagayo: e outro lhe deo huum Ramal*** grande de com tinhas bramcas, meudas, que querem parecer d'aljaveira: has quaaes peças creo que ho Capitam manda a V. A. E com isto se voltou aas naaos por seer tarde, e nom deles aver mais fala por aazo do mar.****

A noute seguinte ventou tanto sueste com chuvaceiros que fez casar has naaos, e especialmente ha capltana: e aa sesta pola manh&a aas oito eras pouco mais ou menos per conselho dos Pilotos mandou ho Capitam levantar amcoras, e fazer vela: e fomos lomgo da costa com hos batees, e esquifes amarados per popa comtra ho Norte, pera veer se achávamos alguuma abrigada. * *Romensentar:* enfeitar, adornar. ** Se o novo Hemisfério nao tivesse ainda aparecido, era necessariamente agora Pedro Alvares o seu descobridor. •** *Ramal:* enfiada.

*••« *Aaza ou Aazo:* motivo, causa

No dia seguinte saiu toda a frota a bom salvamento: a 14 passou à vista das Canárias; e na noite de 22 para 23, depois de haverem avistado a Ilha de S. Nicolau, uma das de Cabo Verde, desgarrou da Armada o navio de Vasco de Ataíde, que arribou a Lisboa maltratado. Pedro Álvares fez diligência por descobri-lo; e vendo que não aparecia, continuou a viagem. Com o intuito de evitar as calmarias

e boo pouso, onde Jouvesemos pera tomar agoa e lenha: noro per nos Ja minguar, mas pera nos acertarmos aquy. E quando fezemos vela, seriam ja na praya asentados Junto com ho Rio obra de sesenta ou setenta homeens, que se Juntavam aly poucos e poucos. Pomos de lomgo: e mandou ho Capitam moor ahos navios pequenos que fosem mais chegados aa terra: e que se achasem pouco seguro pera as naaos, que amaynasem. E seendo nos pola costa obra de 10 legoas, domde nos levamtamos, acharam hos ditos navios pequenos huum a Recife com huum porto dentro muyto boo, e muyto seguro com huuma muy larga entrada, e meteram-se dentro, e amaynaram: e has naaos arlbaram sobrelos; e huum pouco ante sol posto amaynaram obra de huuma legoa do areclfe, e amcoraram se em 11 brasas. E seendo Afonso .Lopes noso piloto em huum daqueles navios pequenos por mandado do Capitam moor, per seer homem vyvo e deestro pera lso, meteo se logo no esqulíe a somdar ho porto dentro; e tomou em humma almaadla dous daqueles homeens da terra mancebos, e de boos corpos; e huum deles trazia huum arco, e seis ou sete seetas: e na praya amdavam muytos com seus arcos e seetas, e nom lhe aproveitaram Troveos logo, Ja denoute, aho Capitam, omde foram recebidos com muyto prazer e festa".

"A felçam deles hee serem pardos, maneira de vermelhados, de boos rostros, e boos narizes, beem íeytos. Amdam nuus sen nhuuma cobertura: nem estimam nhuuma cousa cobrir, nem mostrar suas vergonhas: e estam aa cerqua dlso com tamta lnocemcla como teem em mostrar ho rostro. Traziam ambos hos beiços debaixo furados, e metudos por eles senhos* onos doso bramcos de compridam de huuma maao travesa, e de grosura de huum fuzo dalgodam, e agudo na pcnta, coma furador. Metem nos pola parte de dentro do beiço, e ho que lhe fica antre o beiço, e hos dentes, hee feyto coma roque denxadres: e em tal maneira ho trazem aly emcaxado, que lhes nom dá payxam, nem lhes torva a falar, nem comer, nem beber. Hos cabelos seus sam coredlos; e amdavam trosquyados de trosqueya alta mais que de sobre pemtem, de boos gramdura, e rapados ataa per slma das orelhas :e huum deles trazia per baixo da soelpa de fonte a fonte pera detrás huuma maneira de cabeleyra de penas dave amarela, que seria do compridam de huum couto, muy basta, e muy carada,** que lhe cobria ho toutlço, e has orelhas: ha quaal amdava pegada nos cabelos e pena com huuma comfelçam bramda coma cera, e nom no heera: de maneyra que amdava ha cabeleyra mui reonda, e muy hasta, e muy Igual, que nom fazia mlngoa mais lavajem pera ha levantar".

"Ho Capitam, quando eles vieram, estava asentado em huuma cadeyra, e huuma alcatlfa ahos pees por estrado, e beem vestido com huum colar douro muy gramde aho pescoço: e Sancho de Toar, e Slmam de Miranda, e Nlcolaao Coelho, e Ayres Corea, e nós outros que aquy na naao com ele nlmos asentados no chaao per esa alcatlfa. Acemc»eram tochas, e emtraram, e nom fezeram nhuuma mençam de cortesia, nem de falar aho Capitam, nem a ninguém: pero huum deles pos ho olho no colar do Capitam, e começou dacenar com a maao pera aa terra; e despois pera aho colar, coma que dezia que avia em terra ouro; e também vlo huum castiçal de prata, e asy meesmo acenava pera aa terra, e emtam pera aho castiçal, coma que avia também prata".

"Mostraram lhes huum papagayo pardo, que aquy ho Capitam trás; tomaram no logo na maao, e acenaram pera aa terra, coma que hos avia hy: mostraram lhes huuma galinha, e asy aviam medo dela, e nom lhe queriam pooer ha mano: e depois ha tomaram coma espantados. Deram lhes aly de comer pam, e pescado cozido, confeytos, fartes, mel, e figos passados: nom queserem comer daquilo casy nada; e alguuma coussa se a provavam lançavam na logo fora: Trouveram lhes vinho per huuma taça, poseram lhe asy ha boca tam malaves, e nom gostaram dele nada, nem ho queseram mais. Trouveram lhes agoa per huuma albarada:*** tomaram dela senhos bocados, e, nem beberam: soomente lavavam has bocas, e lançavam na fora. Vlo huum deles huumas comtas de rosalro bramcas, acenou que lhas desem, e folgou muyto com elas, e lamçou has aho pescoço, e despois tirou has, e embrulhou has no braço, e acenava pera as terra, e emtam pera aas comtas, e pera aho colar do Capitam, coma que dariam ouro per aquylo: Isto tomavamonos asy polo desejarmos; mas se ele queria dezer que levaria has comtas, e mais ho colar, Isto nom queriamonos emtender; perque lho nom aviamos de dar: e despois tornou has comtas a quem lhas deo; e emtam estlraram se asy decostas na alcatlfa a dormir, sem teer nhuuma maneyra de cobrirem suas vergonhas, has quaes nom heeram fanadas. Ho Capitam lhes mandou poeer aas cabeças senhos coxys; e ho da cabeleyra procurava asas pola nom quebrar; e lançaram lhes huum manto emclma, e eles consentiram, e Joveram, e dormiram".

"Aho Sábado pola manhaa mandou ho Capitam fazer vela; e fomos demondar ha entrada, ha quaal heera muy largua, e alta de seis a sete brasas, e emtraram todalas naaos demtro, e amcoraram se em slnco, seis brasas: ha quaal amcorajem demtro de tam gramde, e tam fremosa, e tam segura, que podem Jaser demtro neela mais de duzentos navios, e naaos. E tanto que has naaos foram pousadas, e amcoradas, vieram hos Capitaaos todos as esta naaos do Capitam moor e daquy mandou ho Capitam Nlcolaao Coelho, e Bertolameu Dyas que fosem em terra, e levasem aqueles dous homeens, e hos deyxassem hyr com seu arco e seetas: ahos quaaes mandou dar senhas camisas novas, e senhas carapuças vermelhas, e dous rosairos de comtas bramcas doso, que eles levavam nos braços, e senhos cascavees, e senhas campainhas; e mandou com eles pera ficar Ia huum mancebo degradado, criado de Dom Joham Teelo, aquém chamam Afonso Rlbeyro, pera amdar Ia com eles, e saber de seu viver, e maneyra: e a my mandou que fose com Nlcolaao Coelho. Fomos asy de frecha direitos aa praya. Aly acudiram loguo obra de duzentos homeens, todos nuus, e com arcos, e seetas nas maaos. Aqueles que nos levávamos, acenaram lhes qufe se afastasem, e posesem os arcos; e eles os poseram, e nom se afastaram muyto; abasta que poseram seus arcos; e entam sayram hos que nos levávamos, e ho manceebo degradado com eles; hos quaaes say como sayram, nom pararam mais, nem esperavam huum per outro, se nom aquém mais corerla; e pasaram huum rio, que per hy core dagoa doce, de muyta agoa, que lhes dava pola braga, e outros muytos com eles; e foram asy corendo salem do rio amtre huumas mcutas de palmas, omde estavam outros, e aly pararam. E naquylo foy ho degradado com huum homeen. que loguo algo sayr do bateel ho agasalhou e levou ataa Ia; e loguo ho fornaram a nós; e com ele vieram hos outros que nos levávamos, hos quaaes vynham Ja nuus, e sem carapuças. E emtam se começaram de chegar muytos, e emtravam pola beyra do mar pera ahos baíees ataa que mais

* *Senhos* vem do latino slngull: senhos onos doso, I. e. cada um seu ono d'osso.

•* *Carada:* coisa que circula, *redonda.*

**• *Albarada:* vaso de duas asas, hoje quase só conhecido pelo nome de infusa.

da Costa da África, e por ser-lhe ponteiro o vento, segundo se crê, empegou-se para oeste do meridiano da mencionada ilha tanto, que no dia 21 de abril, derradeira oitava da Páscoa, encontraram sinais de terra (que eram certas ervas), e no seguinte pela tarde, na latitude de 17' do sul, avistaram uma grande montanha redonda com outras serras mais baixas, que eram as porções mais altas

nom podiam; e traziam cabaaços dagoa, e tomavam alguuns barys que nos levávamos, e amchianos dagoas, e traziamos anos batees; nem que eles de todo chegasem a bordo do bateel, mas junto com ele lançavam nos da maao, e nos tomavamolos: e pediam que lhes desem alguma cousa. Levava Nlcolaao Coelho cascavees, e manllhas; aa huuns dava huum cascavel, e a outros huuma manilha; de maneyra que com aquela emcarva* casy nos queriam dar ha maao. Davam nos daqueles arcos, e seetas sombreyros, e carapuças de linho, e per qualquer coussa que lhes homeem queria dar. Daly se partiram hos outros dous manceebos, que nom hos vimos mais".

"Amdavam aly muytos deles, ou casy ha major parte que todos traziam aqueeles bicos doso nos beiços: e alguuns, que andavam sem eles, traziam hos beiços furados, e nos buraccte traziam huuns espelhos de paao, que pareciam espelhos de boracha: e alguuns traziam três daqueles bicos, a saber huum na metade, hos dous nos cabos. E amdavam hy outros quartejados de cores: a saber, deles ametade de sua própria cor, e a metade de timtura negra, maneyra dezulada; e outros quaTteJados descaques.** Aly amdavam amtreles três ou quatro mosas, e beemjemltys com cabelos pretos, compridos polas espaduas. Aly por emtam nom ouve mais fala, nem emtendimento com eles per ha berberla deles seer tamanha que se nom emtemdla, nem ouvia ninguém. Acenamolhes que se fosem, e asy ho fezeram; e pasaram se aalem do rio: e sayram três. ou quatro, homeens nosos dos batees, e emcheram nom sey quamtos barys dagoa, que nós levávamos, e tornavamonos aas naaos; e em nos asy vymdo acenaram nos que nos tornássemos; tornamos, e eles mandaram ho degradado, e nom queseram que ficase Ia com eles; ho quaal levava huuma bacia pequena, e duas ou três carapuças vermelhas pera dar Ia aho p«nhor, se ho hy ouvese. Nom curaram de lhe tomar nada. e asy ho mandaram com tudo; e emtam Bertolameu Dyas ho fes outra ves tornar, que lhes dese aquilo, e se tornou, e deo aquilo em vista de nos aaquele que da primeira ho agasalhou: e emtam veo se, e trovemolo. Este que ho agasalhou, heera Já de dias, e amdava todo per louçainha,*** e cheo de penas pegadas pelo corpo, que parecia aseetado, com Sam Sebastlam. Outros traziam carapuças de penas amarelas, e outros de verdes; e huuma daquelas mosas heera toda timta de fundo asyma daquela timtura. Nhuum heera fanado; mas todos asy coma nós: e com isto nos tornamos, e eles foram se".

"Aa tarde sayo ho Capitam moor em seu bateel com todos nós outros, e com hos outros capitaaos das naaos em seus batees a folgar pola baya a caram da praya; mas ninguém sayo em terra polo Capitam nom querer sem embargo de ninguém neela estar; soomente sayo ele com todos em huum nheeo gramde, que na baya está, que debayxamar fica muy vasio; pero hee de todas partes cercado dagoa, que nom pode nlmguem hyr a ele sem barca, ou anado. Aly folgou ele, e todos nós outros beem huuma ora, e mea: e pescaram hy amdamdo marynhelros com huum chunchoro, e mataram pescado meudo, nom muyto; e emtam volvemonos aas naaos Já beem noute".

"Aho Domingo da Pascoela pola manhaa determinou ho Capitam de hyr ouvir Mlsa, e prteega-çam naquele nheeo: e mandou a todolos capitaaos que se corejesem nos batees, e fosem com ele: a say fe.vto. Mandou naquele Ilheeo armar huum esperável, e demtro neelle alevantar altar muy beem corejldo: e aly com todos nós outros fes dezer Misa, ha quaal dlse ho padre frey Amrlque em vos emtoada, e oficiada com aquela meesma vos pólos padres, e Sacerdotes, que aly todos heeram.**** Aquaal Mlsa, segundo meu parecer, foi ouvida per todos com muyto prazer, e devaçam. Aly heera com ho Capitam ha Bandeyra de Christus com que sayo die Belém: ha qual esteve sempre aa parte do Avangelho. Acabada ha Mlsa, desvestlo se ho padre, e poae seem huuma cadeyra alta, e nós todos lamçados per esa área: e preegou huuma solene, e proveytosa preegaçam da estória do Avanjelho: e emfim dela tratou da nosa vymda, e do achamento desta teiTa, con-formandose com ho synaal da Crus, sob cuja obediência vymos; ha quaal veo muyto aa propósito, e fes muita devaçam".

"Em quamto estivemos aa Mlsa e aa preegaçam, seria na praya outra tamta Jemte, pouco mais ou menos, coma hos domtem com seus arcos, e seetas; hos quaaes amdavam folgando, e olhandonos, e asemtaram-se; e despois decabada ha Misa asemtados nós aa preegaçam, elevam-taram muytos deles, e tamjeram corno, ou vazlna; e começaram a saltar, e damçaram huum pedaço; e alguuns deles se meterem em almaadlas duas ou três que hy tinham: has quaaes nom sam feytas coma has, que eu Já vi; soomente sam três traves atadas Jumtas; e aly se metiam quatro ou slmquo, ou eses que queriam, nom se afastando casy nada da terra, Benom quanto podiam tomar pee. E, acabada ha preegaçam, moveu ho Capitam, e todos pera ahos batees com nosa bandeyra alta, e embarcamos, e fomos asy todos comtra terra pera passarmos aho, lomgo per omde eles estavam, hymdo Bertolameo Dyas em seu esquife per mandado ho Capitam diante com huum paao de huuma almaadla, que lhes ho mar levara, pera lho dar: e nós todos obra de tiro de pedra trás ele. Como eles viram ho esquife de Bertolomeo Dyas, chegaram logo todos aa agoa, metendose neela ataa omde mais podiam. Acenaram lhes que posesem hos arcos; e muytos deles hos hyam loguo poeer em terra, e outros hos nom punham. Andava hy huum, que falava ahos outros que se afastasem; mas nom Ja que mamy parecese, que lhe tinham acatamento, nem medo".

"Este que hos asy andava afastado, trazia seu arco, e seetas; e andava tlmto de timtura vermelha pólos peitos, e espadoas, e pólos quadrys, coxas, e pernas ataa bayxo; e hos vaslos com ha barlga, e estamego heeram de sua própria cor; e ha timtura hera asy vermelha que ha agoa lha nom comia, nem desfazia; amte quando saya da agoa, heera mais vermelho. Sayo huum homeem do esquife de Bertolameo Dyas, e amdava amtreles, sem eles emtemderem nada neele, quamta pera lhe fazerem mal, senom auamto lhe davam cabaços dagoa: e acenavam ahos do esquife que saysem em terra. Com Isto se volveo Bertolomeo Dyas aho Capitam: e eles tornaram se a asentar na praya; e asy per emtam ficaram. Neese nheeo, omde fomos ouvir Mlsa, e preegaçam, espraya muyto ha agoa, e decobre muyta arêa, e muyto cascalhaao. Foram alguns em nós hy estando buscar marisco nom no acharam; e acharam alguuns camarooens grosos e curtos, amtre hos quaaes vinha huum muyto gramde, que em nhuum tempo ho vy tamanho. Tambeem acharam cascas de bergooens, e dameyjoas: mas nom toparam com huuma peça lnteyra". • *Emcarva:* obséquio, engodo. ** *Quartejados:* divididos em quadrados. *Descaques:* quadrados como os do tabolelro do xadrez; ent&o se dizia enxadrez. •** *Per louçainha:* enfeitado.

•♦•» *Coroa Vermelha,* é hoje o nome deste ilhéu, onde se celebrem Missa.

da Serra dos Aimorés, e terra chão coberta de arvoredo. Fazendo Pedro Álvares sinal aos outros navios que aproassem à terra, foram surgir ao sol posto em 19 braças, obra de seis léguas arredados dela, e em respeito ao oitavário deu o capitão à montanha o nome de *Monte Pascoal,* que ainda conserva, e à terra o de *Vera Cruz.*

"E tamto que comemos, vieram todolos capltaaos aa esta naao per mandado do Capitam moor, com nos quaae se ele apartou, e eu na companhia: e preguntou asy a todos, se nos parecia seer beem mandar ha nova do achamento desta Terra a, V. A. polo navio dos mantlmentos, pera mllhor mandar descobrir, e saber dela mais do que agora nos podíamos saber, per hlrmos de nosa viajem. B amtre muytas falas, que no caso se fezeram, foy per todos ou ha mayor parte dito, que serya muyto beem; e nisto concrudlram: e tanto que ha concrusaon foy tomada, preguntou mais se seria boo tomar aquy per força huum par destes homeens pera hos mandar a V. A. e leyxar aquy per eles outros dous destes degradados. A Isto acordaram que nom heera necessário tomar peT força homeens; perque Jeral costume heera dos que asy levavam per forsa pera alguuma parte, dezerem que haa hy todo no que lhe preguntam; e que mllhor, e muyto mllhor emiormaçam da Terra dariam dous homeens destes degradados, que aqui[1] leyxasem do que elsã dariam, se hos levasem, por seer Jemte, que ninguém cmtemde; nem eles tam cedo aprenderiam a falar, pra ho saberem também dizer, que muyto mllhor estoutros nom digam, quamdo ca V. A. mandar: e que per tanto nom curaaem aquy de per forsa tomar ninguém, nem fazer escândalo, pera hos de todo mais amansar, e apacifIcar, senom soomente leyzar aquy hos dous degradados, quando daquy partisemos. E asy, per melhor parecer, a todos, ficou determinado".

"Acabado Isto, dlse ho Capitam que Tosemos nos batees em terra, e veer sya beem ho rio, que jando hera, e tambeem pera folgarmos. Fomos todos nos batees em terra armados, e ha Bandeyra comnosco. Eles andavam aly na praya aa boca do rio. omde nós hyamos: e tamto que chegasemos, do ensino que dantes tinham, poseram todos hos arcos, e acenavam que saysemos. E tanto que hos batees poseram has proas em terra, pasaram se loguo todos aalem do rio, ho quaal nom hee mais ancho que huum Jogo de mangual: e tamto que desembarcamos, alguuns os nosos pasaram loguo ho rio, e foram antreles; e alguuns aguardavam, e outros se afastavam; pero heera ha coussa de maneyra, que todos andavam mesturados. Eles davam coussa que lhes davam; pasaram aalem tarntos dos nosos, e andavam asy mesturados com eles, que eles se esquivavam, e afastavam se e hyam se deles pera aslma. onde outros estavam; e emtam ho Capitam feze se tomar ano ceio de dous homeens, e paasou ho rio e fez tornar todos. A jente, que, aly hera, nom seria mais caaquela que soya. E tamto que o Capitam fes tornar todos, vieram alguuns deles a ele; nom polo conhecerem per senhor; ca me pareceo que nom entendem, nem tomavam disto conhecimento; mas perque ha Jente nosa pasava Ja pera aaquem do rio, aly falavam, e traziam muytos arcos, e comtinhas daquelas Ja ditas, e resgatavam per qualquer coussa em tal maneyra, que trouveram daly pera aas naaos muytos arcos, e seetas, e comtas; « emtam tornou-se ho Capitam aaquele do rio, e acodlram muytos na beyra dele. Aly verlces galantes pintados de preto, e vermelho, e quartejados say pólos corpos, coma polas pernas, ojae certo pareciam asy beem. Tambeem amdavam antreles quatro ou slnquo mulheres mosas, e nuuas que nom pareciam mal; amtre has quaaes amdava huuma com huuma coxa do Jiolho ataa ho quadryl, e ha nádega toda tlmta daquela tlmtura preta, e ho ai* todo da sua própria cor; outra trazia ambolos jlolhos com has curvas asy timtas, e tambeem hos colos dos pees: tambeem amdava hy outra mulher mosa com menino ou menina no colo, atado como huum pano nom sey de que ahos peytos, que nom lhe parecia senom has pernlnhas; mas has pernas da may, e ho ai nom trazia nhuum pano. Depois moveo ho Capitam pera syma aho lomgo do rio, que anda sempre a caram da praya: e aly esperou huum velho, que trazia na maao huuma paa dalmaadla; falou estando ho Capitam com ele perante nós todos, sem ho nunca ninguém entender, nem ele a nós quanta coussas, que lhomeem pregun-tava douro, que nós dezejavomos saber se ho avia na terra. Trazia este vtelho o beiço tam furado, que lhe caberia polo furado huum gram dedo polegar; e trazia metudo no furado huuma pedra verde rolm, que carava per fora aqueele buraco; e ho Capitam lha fes tirar, e ele nom sey que falava, e hya com ela pera aa boca do Capitam, pera lha meter; estevemos, sobrlso huum pouco ryndo: e emtam emfadouse ho Capitam, e leyxou: e huum dos nosos deo lhe pola pedra huum sombreyro velho; nom por eip. valer alguma coussa, mas per mostra; e aho depois ha ouve ho Capitam; creo pera com has outras coussas mandar a V. A. Amdamos per hy veendo ha ribeyra, h£ quaal hee de muyta agoa, e muyto booa. Aho lomgo dela haa muytaB palmas, nom muyto altas, em que haa muyto boos palmytos: colhemos, e comemos deles muytos. Entam tornouse ho Capitam pera aa boca do rio, omde desembarcamos; e aalem do rio andavam deles dansando, e folgando nuuns ante outros, sem se tomarem polas maaos, e faziam no beem".

Passouse emtam aalem do rio Dlego Dyas, almoxarlfe, que foy de Sacavem, que hee homeem gracioso, e de prazer; e levou comslgo huum gayteyro noso com sua gayta, e meteo se com eles a dansar, tomandoos pelas maaos; e eles folgavam, riam, e andavam com ele muy aho soom da gayta Despois de dansarem, fes lhes aly, andando no chaaon, muytas voltas lijeiras e salto real, de que se eles espantavam, e riam, e folgavam muyto: e com quanto hos com aquilo segurou e afagou. tomavam loguo huuma esqulveza coma montezes; e foram se pera cima; e emtam o Capitam passou ho rio com todos nós outros, e fomos pola praya de lomgo, hlndo hos batees asy a caram da terra: e fomos ataa huuma lagoa grande, doce, que está Jumto com ha praya: porque toda aquela ribeyra do maar hee apaulada porclma, e saay ha agoa per muytos lugares. E despois de pasarmos ho rio, foram huus sete ou oito deles andar amtre hos marlnheyros, que se recolhiam ahos batees, e levavam daly huum tubaram, que Bertolameo Dyas matou; e levavalho, e lançou na praya abasta que. Ataa quy como quer que se eles em alguuma parte amansasem; loguo de huuma maao pera ha outra se esquivavam, coma pardaaes de cevadouro; e homeem nom lhes ousa de falar rijo, per se mais nom esquivarem: e todo se pasa como eles querem pólos beem amansar".

"Aho velho, com quem ho Capitam moor falou, deu huuma carapuça vermelha; e com toda ha faia, que com ele pasou, e com ha carapuça, que lhe deo, tanto que se espedlo, que começou de pasar ho rio, foy se loguo recatando, e nom quis tornar do rio pera aaquem: ho» outros dous, que ho Capitam teve nas naaos, a que deo ho que Ja dito heo nunca aquy mays pareceram; de que tiro seer Jente bestial, e de pouco saber; e per yso sam asy esqulvos: eles porem Comtudo andam muyto beem curados, e muyto limpos, e naquilo me parece aynda mays que sam coma aves ou alimareas montezes. que lhe fas ho aar mllhor pena, e mllhor cabelo, que aas mansas; per que hos corpos seus sam tam limpos, e tam gordos, e tam fremosos. que nom pode mais seer: Isto me

• *E ho ai: e o* mais.

No dia seguinte navegaram contra a mesma terra em direitura à foz dum rio denominado hoje Rio do Frade, e aterraram meia légua afastados, onde passaram a noite com algum incômodo por ventar rijo do sueste.

Como o rio, que naquele mesmo dia foi examinado pelo Capitão Nicolau Coelho, não tinha capacidade para recolher, nem ainda os menores navios da

fas presumir que nom teem casas, nem moradas, em que se colham, e ho ar, a que se criam, nos Ias taaes, nem nós ainda ata agora nom vimos nhuumas casas, nem maneyra delas".

"Mandou ho Capitam aaqueele degradado Afonso Blbeyro, que se lose outra ves com eles; ho qual se íoy, e andou Ia huum boo pedaço; e aatarde tornouse, que ho fezeram eles vir. e nom ho queseram Ia consentir: e deram lhe arcos, e seetas, e nom lhe tomaram nhuuma coussa do seu: amte dlse ele lhe tomara a huum deles huumas continhas amarelas, que ele levava e foglra com elas. e ele se queyxou, e hos autros foram loguo após eles, e lhas tomaram, e tornaram lhas a dar c emtam mandaramuo vir. Dlse ele que nom vh-a Ia antre eles senom huumas choupanlnhas de rama verde, e de feytos multo gramdes .coma dantre Dolro e Minho; e asy nos tornamos aas naaos Ja casy noute a dormir".

"Aa segunda feira saymos todos em terra a tomar agoa; e aly vieram emtam muytos; mas nom tantos coma has outras vezes: e traziam Ja poucos arcos; e esteveram asy huum pouco afastado do nós: e depois poucos a poucos mesturavam se comnosco. e abraçaram nos, e folgaram: e alguuns deles se esquivavam loguo. Aly davam alguuns arcos per folhas de papel, e per alguuma caru-pucmha velha, e per qualquer coussa. E em tal maneira se pasou ha coussa, que bpem vinte ou trinta pesoas dos nosos se foram com eles, omde outros muytos deles estavam com mosas e muineres; e troveram da lá muytos arcos e baretes de penas daves, delas verdes, delas amarelas; de que creo que ho Capitam ha de mandar a V. A., e ~>egundo dezlam cses, que Ia foram, folgaram com eles".

"Neeste dia hos vimos de mais perto, e mais aa uosa vontade, per andarmos todos cãs" mesturados: e aly deles andavam daqueeles tlmüuras quartejados, outros de metades, outros de tanta felçam coma em panos darmar; e todos com beiços furados; e muytos com hos osos neeles, e deles sem osos. Traziam alguuns deles huus ourlsos verdes darvores, que na cor queriam parecer de castlnhelros, senom quanto heeram mais e mais pequenos, e aqueeles heeram cheos d'uuns graaos vermelhos pequenos, quesmagando-os antre hos dedos, faziam tintura muyto vermelha, de que eles andavam tintos; e quanto se mais molhavam, tanto mais vermelhos ficavam Todos andam rapados ataa cima das orelhas; e asy has sobrancelhas, e pestanas. Trazem todcs has testas de fonte a fonte tintas de tintura preta, que parece huum:' fita ancha de dous dedos e ho Capitam mandou aaquele degradado Afonso Blbeyro. e a outros dous degradados, que"fosem andar Ia antreles: e asy a Dlego Dyas per seer homeem ledo, com que eles folgavam; *e* ahos degradados mandou que flcasem Ia esta noute".

"Foram se Ia todos, e andaram antreles; e segundo eles dezlam, foram beem huuma legoa e mea a huuma povoaçam. em que averia nove ou des casas: as quaaes diziam que eram tam compridas cada huuma como esta naao Capltana: e heeram de madeira: e das Ubargas de tavoas. e cobertas de palha, de razoada altura; e todas em huuma soo casa sem nhuum repartimento. Tinham dentro muytos esteos. e desteo a esteo huiuma rede atada pólos cabos a cada esteo, altas, em que dormiam: e debaixo pera se aquentarem, faziam seus fogos. E tinha cada casa duas portas pequenas, huuma em huum cabo, outro no outro; e dezlam que em cada casa se recolhiam trinta e quorenta pesoas; e que aly has achavam; e que lhes davam de comer daqueela vlanda, que eles tinham, a saber, muyto lnhame, e outras sementes que na terra haa, e eles comem. E como io.v tarde, fezeram nos loguo todos tornar; e nom quezerem que Ia ficase nhuum; e ainda segundo dezlam, queriam se vir eles. Resgataram Ia per cascavees. e outras cousinhas de pouco valor, que levavam, papagayos vermelhos muyto grandes, e fremosos, e dous verdes pequeninos; e carapuças de penas verdes, e huum pano de pena de multas cores, maneyra de tecido asas íremoso, segundo V ,A. todas estas coussas verá, porque ho Capitam volas haa de mandar, segundo elle dlse: e com Isto vieram, e nós tornamonos aas naaos".

"Aa terça feyra despois de comer fomos em terra dar guarda de lenha, e lavar roupa. Estavam na praya, quando chegamos, obra de sesenta ou setenta sem arco, e sem nada. Tanto que chegamos vieram se loguo para nós, sem se esquivarem: e despois acodlram muytos, que seriam beem duzentos, todos sem arcos, e mesturaram se todos tanto comnosco, que nos ajudaram deles aacaretar lenha, e meter nos batees; e lultavam com hos nosos e tomavam muyto prazer. Em quanto nós fazíamos ha lenha, faziam dous carpinteiros huuma gramde Cruz de huum paao, que se omtem pera lso cortou. Muytos deles vinham aly estar com hos carplntelrois; e creo que ho faziam mais per verem ha ferramenta de ferro, com que ha faziam, que per verem ha cruz; perque eles nom tem coussas, que de ferro seja: e cortam sua madeyra, e paaos com pedras, feitas coma cunhas met/udas em huum paao antre duas talas, beem atadas, e per tal maneyra, que amdam fortes, segumdo hos homeens, que omtem a suas casas foram, dezlam perque lhas viram Ia. Era Ja ha conversaçam deles comnoscc tanta, que casv nos torvavam aho que aviamos de fazer. Ho Capitam mandou a dous degradados, e a Dlego Dyas que fosem Ia aaldea. e a outras, se ouvesem delas novas; e que em toda maneira nom se vlesem a dormir aas naaos, ainda que hos eles manda em; e asy se foram. Em quanto andávamos nesta mata a cortar lenhas, atravessaram alguuns papagayos per esas arvores deles verdes, e outros pardos, grandes e pequenos; de maneira que me parece que averá nesta terra muytos; pero eu nom veria mais que ataa nove ou des; outras aves emtam nom vimos, soomente alguumas pombas seyxas, e pareceram me maiores, em boa cantldade, caas de Portugal. Alguuns dezlam que viram rolas; mas eu nom has vy; mas segundo hos arvoredos sam muy muytos, e grandes, e dlmfimdas maneiras, nom duvido que per ese sertaao ajam muytas aves; e aacerqua da noute nos volvemos pera aas naaos com nosa lenha. Eu creo senhor que nom dey ainda aquy comta a V .A. da felçam de seus arcos, e seetas: hos arcos sam pretos, e compridos, e has seetas compridas, e hos ferros delas de canas aparadas, segundo V. A. verá per alguuns, que creo que ho Capitam a ela haa demvlar".

"Aa quarta feyra nom fomos em terra, perque ho Capitam moor andou todo ho dia no navio dos mantimentos a despejalo, e fazer levar aas naaos lso, que cada huuma podia levar. Eles acodlram aa praya muytos, segundo das naaos vimos, que seryam obra de trezentos, e segundo Sancho de Toar, que foy, dlse. Dlego Dyas, e Afonso Blbeyro, ho degradado, a que ho Capitam omtem mandou, e que em toda maneira Ia dormisem, volveram se Ja denoute, per eles nom quererem que Ia dormisem: e troveram papagayos verdes, e outras aves pretas casy coma pegas, senom quanto tynham ho bico branco, e hos rabos curtos. E quando se Saucho de Toar recolheu aa

Armada, e o vento não era favorável para costear a terra do sul em busca de algum surgidor, onde seguros pudessem fazer as indagações respectivas ao descobrimento, mandou o Comandante navegar contra o norte, fazendo passar Afonso Lopes, seu piloto, a uma das caravelas menores para navegar mais próximo à praia e examinar o primeiro porto que encontrasse.

naao, queriam se vir com ele alguuns; mas ele nom quis senom dous mancebos déspostas, e homeens de prol. Mandou nos esa noute muy beem pensar, e curar: e comeram toda ha vlanda, que lhes deram: e mandou lhes fazer cama de lençooes, segundo ele dts?; e dormiram, e folgaram aqueela noute: e asy nom foy mais este dia, que pera escrepever seja".

"Aa quinta feyra deradelro da Abril comemos loguo casy pola manhaa, e fomos a terra per mais lenha, e agoa: e em querendo ho Capitam sayr, chegou Sancho de Toar cos seus dous ospedes; e per ele nom teer almda comido, pozeram lhe toalhas, e veo lhe vlanda, e comeo: hos ospedes hos e per ele nom teer almda comido, pozeram lhe toalhas, e veo lhe vlanda, e comeo: hos ospedes as°ntaTam nos em senhas cadeiras; e de todo ho que lhes deram, comeram muy beem, e especialmente caçam cozido frio, e arroz; nom lhes deram vinho, per Sancho de Toar dizer que nom bcblam beem. Acabado ho comer metemonos todos no bateel, e eles comnosco. Deu huum gromcte n huum deles huuma armadura grande de porco montes beem revolta: e tanto que ha tomou, meteo ha loguo no beiço; e perque se lhe nom queria teer, deram lhe huuma pequena de cera vermelha, e ele coreseo lhe detrás seu aderemço pena se teer, e meteo ha no beiço, e say revolta pra sima; e vinha tam contente com ela, como se tevera huuma grande Joya; e tanto que saymos em terra, foy se loguo com ela, que nom pareceo hy mais. Andariam na praia, quando saymos, oito ou des deles: e dhy a pcucó começaram de vyr; e pareceo me que vyriam quatrocentos ou quatrocentos e clncoenta. Traziam alguuns deles arco?, e seetas, e todo] cs deram per carapuças, e per quaalquer coussa, que lhes davam. Comiam comnosco do que lhes dávamos, e beblam alguuns deles vinho e outros ho nom podiam beber; mas pareceme que se lho p.vezasem, que ho beberiaro de booa vontade. Andavam todos tam déspostas, e tam beem feytos, e galantes com suas tinturas, que pareciam beem. Acaretavam desa lenha quamta podiam com muy booas vomtades, e leva-vumna anos batees; e amdavam Ja mais mancos e seguros amtre nós, do que nos amdavamos antreles. Foy ho Capitam com alguuns de nós huum pedaço per este arvoredo ataa huuma ribeyra grande, e de muyta agoa, que a noso parecer era esta meesnuv, que vem teer aa praya, em que nós temamos agoa. Aly Jouvemos huum pedaço, bebendo, e folgando aho lom(,o dela antre ese arvoredo, que hee tanto, e tamanho, e tam basto, e de tantas prumageens, que Uie nom pode homeem dar comto. Haa antreles muytas palmas, de que colhemos muytos, e boos palmitos. Quando saymos do bateel, dlse ho Capitam que seria boo hirmos direitos aa Cruz, que estava encostada a huuma arvore Jumto com ho rio. pera se poeer de manhaan, que hee sesta feyra, e que nos pozesemos todos em Jlolhos, e ha beljasemos, pera eles verem ho acatamento, que lhe tínhamos; e asy ho rezemos; e eses des ou doze, que hy estavam, icenaram lhes que feze3em asy; e foram loguo todos beljala. Parecem Jemte de tal Inocência, que se hos homeens emtendese, e eles a nós, que seriam loguo Cnristaaos; perque eles nom teem, nem emtendem em nenhuuma creeiça, segundo parece; e per tamto se hos degradados, que aquy amde ficar, aprenderem beem ha sua fala, e hos emtenderem, nom duvido, segundo ha Santa tençam de V. A., fazerem se Chrlstaaos, e crerem na nosa Santa Fee; aaquaal praza ho noso Senhor que hos traga: perque certo esta Jemte hee booa, e de booa synprezldade, e empremar se haa ligeiramente neeles quaalquer crunho, que lhes quezerem dar; e loguo noso Senhor lhes deu boos corpos, e boos rostos coma a boos homeens: e ele que nos per aquy trouve, creo que nom foy sem causa: e per tanto Vosa Alteza, pois tanto dezeja acrescentar na Santa Fee cathollca, deve entender em sua salvaçam; e prazera a Deos que com pouco trabalho será asy. Eles nom lavram, nem criam, nem haa quy boy, nem vaca, nem cabra, nem ovelha, nem galinha, nem outra nhuuma allmarea, que costumada seja aho viver dos homeens: nem comem senom dese lnhame, que aquy haa muyto, e desa semente, e fruitos, que ha terra, e has arvores de sy lançam: e com Isto andam taaes, e tam rijos, e tam nedeeos, que ho nom somonos tanto paanto trigo, e legumes comemos. Em quanto aly este dia andaram íiempre aho soon de humm tambory noso, dançaram e bailaram com hos nosos, em maneira que sam muyto mais nosos amigos, que nós seus: se lhes homeem acenava, se queriam vir aas naaos, faziam se loguo prestes pera iso, em tal maneira que se hos homeens :odos qulzera comvldar, todos vieram; porem nom trouvemos esta noute aas naaos senom quatro ou cinquo; a saber, ho Capitam moor dous ,e Slmam de Miranda huum que trazia Ja per page, e Ayres Gomes outro, asy page; hos que ho Capitam trouve, heera huum deles hum dos seus ospedes, que aa primeira, quando aquy chegamos, lhe trouveram: ho quaal veo oje aquy vesltdo na sua camisa, e com ele huum seu Irmaao; hos quaaes foram esta noute muy beem agasalhados, asy de viamda, coma de cama de colchooes, e lençooes pólos mais amansar".

"Hoje que hee sesta feyra, primeiro dia de Mayo, saymos pola manhaa em terra com nosa Bandeyra, e fomos desembarcar acima do rio comtra ho Sul, omde nos pareceo que seria mllhor ohantar ha Cruz, pera seer mllhor vista: e aly asynou ho Capitam omde fezesem ha cova, pera a chantar; e em quanto a ficaram fazendo, ele com todos nós outros fomos pola Crus, a baixo da rio, omde estava. Trouvemola daly com eses Religiosos e Sacerdotes diante cantando, maneira le prociçam. Heeram Ja hy alguuns deles, obra de setenta ou oitenta: e quando nos asy vyram vyr, alKUuns deles se foram meteer debayxo dela ajudamos. Pasamolo rio ahü lomgo da praya, e fomola poeer omde avia de seer, que será do rio obra de dous tiros dte beesta. Aly andando nysto, vyriam beem cento e clncoenta ou mais".

"Chantada a Cruz com has Armas e Devlza de Vosa Alteza, que lhe primeiro pregaram, armaram Altar aho pee dela, e aly dise Mlsa ho padre frey Amrique, ha quaal foy cantada, e oficiada per eses Ja ditos. Aly estiveram comnosco a ela obra de clncoenta ou setenta deles asentados t-dos em Jlolhos, asy coma nós: e quando veo aho Avangelho, que nos erguemos todos em pee com h«s maaos levantadas, eles selevantaram comnosec. e alçaram has maaos, estando asy ataa a seer acabada; e emtam tornaram Be assentar coma nós: e quando levantaram a Deos, que nos posemos rm jlolhos, eles se poseram todos, asy coma nós estávamos com has maaos levantadas; e em u.l maneira asesegados, que certifico a V. A. que nos fes muytas devaçam: e esteveram asy comnosco ataa acabada ha Com unham: e despois da Comunham comungaram eses Religiosos, e Sacerdotes, e ho Capitam com alguuns de nós outros. Alguuns deles, per ho Sol seer grande, em nós estando comungando, alevantaram se, e outros esteveram, e ficaram. Huum deles, homeem de clncoenta ou clncoenta e cinco anos ficou aly com aqueles, que ficaram: e aquele, em nós asy estando, ajuntava aqueles, que aly ficaram; e ainda chamava outros. Este, andando asy antreles, falando

Tendo a Armada navegado obra de dez léguas em ala, encontraram a enseada da Coroa Vermelha, aliás Baía Cabrália, onde pela tarde entraram as caravelas, que iam mais perto da praia, e Afonso Lopes, indo sondar o porto, recolheu no batei dois moços indígenas, que andavam numa almadia, e levou-os ao Almirante, que ancorava com os navios grande obra duma légua afastado dos recifes, que estão à entrada da enseada; e ali se entretiveram grande parte da

lhes acenou com no dedo pera no altar, e despois mostrou ho dedo pera aho Ceeo. coma quem lhes dezta alguma coussa de beem; e nós asy ho tomamos. Acabada ha Mlsa, tirou ho padre ha vestimenta de cima, e Ilcou na alva, e asy se soblo Junto com ho Altar em huuma cadeira, e aly nos preegou do Avanjelho, e dos Apóstolos, cujo dia oje hee: trautando emfim da preegaçam deste voso prosegulmento tam Santo, e vertuoso, que nos causou mata devaçam. Eses, que aa preegaçam sempre esteveram, estavam asy coma nós olhando pera ele; o aqueele, que digo, chamava alguuns, que viesem pera aly. Alguuns vynham, e outros hyam se. Acabada a preegaçam, trazia Nicolaao Coelho muytas cruzes destanho, que lhe ficaram ainda da outra vynda; e ouveram per ho beem, que lançasem a cada hum sua aho pescoço: pola quaal coussa se asentou ho padre frey Amrlque aho pee da Cruz e aly a huum e huum lançava sua atada em um huum fio aho pescoço fazendo lhr primeiro beijar, e alevantar has maaos. Vynham a iso muytos; e lançaram nas todas, que sciiam obra de quorenta ou clncoenta: e isto acabado heera Ja beem huuma ora despois de meodia. Vyemos aas naaos comer, omde ho Capitam trouve comsigo aquele meesmo, çue fes ahos outros aqueela mostrança, pera aho Altar, e pera aho *Ceeo; e* huum seu lrmam com ele, aho quaal fes muyta honra, e deu lhe huuma camisa mourisca, e aho outro huuma camisa destoutras. E segundo aho que amy, e a todos pareceo, esta Jemte nom lhe falece outra coussa pera seer toda chrlstaan ei em tenderem nos; perque asy tomavam aquilo, que nos vyam fazer, coma nós meesmo: per omde pareceo a todos que nhuuma idolatria, nem adoraçam teem: e beem creo, que se V .A. aquy i.iundar quem mais antreles devagar ande, que todos serom tornados aho dezejo de V .A. E ptra lso se alguém vier, nom leyxe loguo de vyr clérigo pera hos bautizar; perque Ja emtam tetrom mais conhecimento da nosa Fee pólos dous degradados, que aquy antreles ficam: hos quaaes timbos oje tambeem commungaram. Antre todos estes, que oje vyeram, nom veo mais que huuma mulher mosa, ha quaal esteve sempre aa Mlsa: aaquaal deram huum pano com que se cobrisse, e poseram lho deredor de sy; pero aho sentar nom fazia memorea de ho muyto estender pera se cobilr: asy. Senhor, que ha inocência desta Jemte hee tal, que ha da Dam nom seria mais quanta em vergonha. Ora veja V .A. quem em tal Inocência vive, ensinando lhe ho que pera ha sua sal vacam pertence, se se converteraom ou nom. Acabado Isto, fomos asy perante eles beijar ha Cruz, e espedlmonos, e vyemos comer.

"Creo, Senhor, que com estes dous degradados, que aquy ficam, ficam mais dous grumetes, que esta noute se sayram desta naao no esqulfe fugidos, hos quaaes nom vyeram mais, e creemoa que flcarom aquy, perquer de manhãa, prasendo a Deos, fazemos daquy nosa partida.

"Esta Terra, Senhor, me parece, que da ponta, que mais estaa contra ho Sul, vymos ataa outra ponta, que contra ho norte vem, de que deste porto ouvemos vista, será tamanha, que averá usela beem vinte ou vinteclnquo legoas per costa: trás aho lomgo do mar em algumas partes gramdes oarelras, delas vermelhas, e delas brameas; e ha terra percyma toda chaa, e muyto chea de gramdes arvoredos de pomta a pomta: hee toda praya parma muyto chaan, e muyto fremosa: polo sart^ao nos pareceu do mar muyto gramde: perque a estender olhos, nom podíamos veer senom terri, e arvoredos, que nos parecia muy lomga terra. Neela ataa gora nom podemos saber se aja ouro, u<m prata, nem nhuuma coussa de metal, nem de ferro, nem lho vymos: pero ha terra em sy hec Jê muytos boos aares, asy frios, e temperados coma hos dantre Doiro, e Minho; perque neste tempo dagora asy hos achávamos coma hos de Ia; agoas sam muytas, imfimdas: em tal maneira *hee* graciosa, que querendoa aproveitar, darscháa neela tudo per beem das agoas, que teem; pero lio mllhor fruyto que neela se pode fazer, me parece, que será salvar esta Jemte; e esta deve oeer a principal semente, que V. A. em ela deve lançar: e que hy nom ouvesse mais ca teer aquy esta pousada pera esta navegaçam de Calecute, abastaria, quanto mais despozlçam pera neela comprlr, p fazer ho que V. A. tanto dezeja; a saber, acrescentamento da nosa Santa Fee. E nesta maneira, Senhor, dou aquy a Vosa Alteza do que neesta vossa terra vy: e se alguum pouco alomguey, ela me perdoe, ca ho dezejo, que tynha de vos tudo dizer, mo fez asy poeer polo meudo. E pois que, Senhor ,hee certo que asy neeste careguo, que levo, coma em outra quaalquer coussa, que de voso serviço for, V. A. heade seer de mym beem servido, a ela peço que per me fazer singular mercee, mande vyr da Ilha de Sam Tom Jorge do Soyro, meu Jemro, ho que delaa receberey em muyta mercee. Beijo has maaos de V. A. eDste Porto Seguro da vosa Ilha de Vera Cruz. Hoje sesta ftyra, primeiro dia de Mayo de mil e quinhentos. Pero Vaz de Caminha".

O Original conserva-se no Arquivo Real da Torre do Tombo, gaveta 8, maç. 2., n.» 8. Os escritores castelhanos, Instigados de emulação, pretendem que o seu compatriota Vicente Yantz Pinzon aportara no Cabo de Santo Agostinho, ao qual dera o nome de Cabo *de Ia Consolacion,* tTês meses antes que Pedro Alvares Cabral surgisse em Porto Seguro. : para provar que Cabo de Ia Consolacion é o de Santo Agostinho, dizem que Pinzon avistara terra de muito longe, que a água do mar era turva, e esbranqulçada, e até mesmo doce como de rio; e que lançando o prumo, achara fundo em dezesseis braças... Todas estes sinais depõem, e provam *contra producentes* que o Cabo *de Ia Consolacion* é o Cabo do Norte, que fica na latitude de dois graus setentrionais. A terra do Cabo de Santo Agostinho, e suas vizinhanças, é baixa, e só aparece aos Navegantes, quando estfto perto dela: as águas sao ali cristalinas ,e a sondareça só mostra devasseis braças perto de terra. Em nenhuma parte desta costa se acha água doce senão dentro dos rios, onde nao chega a maré. Os mesmos escritores confessam que tendo Pinzon navegado quarenta léguas ao longo dã Costa, se certificara que aquela água doce, em que navegava, saia do Rio Maranhão, aliás Amazonas, cuja boca fica mais de quatrocentas léguas distante do Cabo de Santo Agostinho. A 26 de Henero descubrló tlerra bien lexos, y esto fuè el cabo, que aoTa llaman de San Agustln, ai qual Ilamó Vicente Yanez Pinzon Cabo de Ia Consolacion, y los Portuguezes dizem Ia tlerra de Santa Cruz, y aora dei Brasil: hallaron Ia mar turbla, y brancaza como de rio: hecharon Ia sonda, y hallaron se con dlez y seis braças... Se fuéron por Ia costa abaixo quarenta léguas al Ponlente, y por Ia mucha abundância de água dulce, que hallaron en Ia mar, hinecheron sus basljas; y segun que Vicente Yanez Io afirmo. Llegava el água dulce quarenta léguas dentro em Ia mar; y querendo saber este segredo, se acercaron a tlerra, y hallaron muchas lslas... Salta esta água dei aquel

noite com os hóspedes não esperados: os quais na manhã seguinte, logo que a capitania aferrou no porto, foram postos na praia, vestidos de camisas e com barretes; indo em sua companhia um degradado para observar o modo de vida daquele povo.

Oito dias se demorou aqui a Armada; e o que neste tempo houve de mais notável, foi a resolução de cada navio tomar os mantimentos, que pudesse recolher, para mandar o que os levava de aviso a El-Rei com a notícia do descobrimento e do que se havia obrado; e celebrar missa cantada duas vezes o guardião Frei Henrique: primeira no domingo da Pascoela em um ilhéu, que está dentro da enseada, à vista de um grande número de indígenas, que estavam na praia firme; outra no 1.° de maio ao pé duma grande Cruz, que na mesma manhã tinha sido colocada junto à praia com as armas e divisas de El-Rei o senhor D. Emanuel, em testemunho da solene posse, que em seu Real Nome se havia tomado da nova terra da *Vera Cruz*.

A 2 de maio saiu a Armada deste porto, deixando nele dois degradados, segundo a relação desta viagem escrita por um piloto da mesma frota, e conservada por Ramúzio, onde se menciona que aqueles ficaram chorando, e os homens do país os confortavam, mostrando-se deles compadecidos.[12] Um deles, que aprendeu logo o idioma dos indígenas, chamados Tupiniquins, e servia de intérprete aos primeiros portugueses que ali aportaram, tornou depois ao Reino.

Como a costa corre ao mesmo rumo, a que o nosso correio (Gaspar de Lemos) necessariamente devia navegar, e ele tinha interesse (e provavelmente recomendações de Pedro Álvares Cabral) em saber até que altura a terra se estendia para o norte, nada é tão verossímil e natural, como avistá-la ele muitas vezes até Cabo de S. Roque se é que não a levou sempre à vista até esta paragem; porque as águas nesta monção empurram para terra. Os dois indígenas, com que chegou a Portugal, segundo Barros, provam que ele aportou em alguma parte depois que saiu de Porto Seguro, visto não serem deste lugar.

O prazer, que El-Rei D. Emanuel recebeu na chegada do Capitão Gaspar de Lemos com as notícias do descobrimento da extensa, amena e povoada terra Vera Cruz, fez conceber a este magnânimo monarca o projeto de mandar explorá-la mais largamente, e suas particularidades.[13]

Posto que os nossos escritores não coadunem sobre o ano em que El-Rei mandou continuar o descobrimento desta nova terra, é fora de toda a dúvida que a primeira esquadra expedida a este exame constava de três caravelas, que saíram do Tejo em maio do ano 1501 (parece que ao comando de Gonçalo Coelho) e foram encontradas no Porto de Bezenegue[14] por Pedro Álvares Cabral, quando voltava da Índia.

muy nombrado Rio Maraanón, que tlene trelnta léguas de boca, e algunos dizem màs. Ant. Herrera.

Benedo, e Antônio Galvam deviam refletir nas expressões referidas, como fez Robertson-"Vicente Yanez Plnzon, one of the admirai's companlons, In hls flrst voyage, sulled from Paios from Paios wlth four shlps. He stood boldly towards the South, and was the flrst Spanlard who ventured to cross the Er;uluoctlal Llne; but he seems to have landed on no part of the Coast beyond the month of the Maragnon, or rlver of the Amazon". Hlst. da América, Uv. II Vicente Yanez Plnzon, um dos companheiros do Almirante Colombo na sua primeira viagem, saiu de Paios com quatro Navios. Navegou animosamente para o Sul, e fel o primeiro castelhano, que se aventurou a cruzar a Unha Equlnoclal; mas parece que nao desembarcou em parte alguma da costa além da boca do Maranhão, ou rio das Amazonas.

12L'altro glono che fu alii dua dl Magglo dei detto anno (M. D.) 1'armata fece vela pel caminho per andare alia volta dei Capo dl Buona Speranza "...." LI quall comlncloronD a plangere. et gll huoininl dl quella terra gll confortavano, et mostravano havere dl loro pletâ. Ramúzio.

13"O qual navio (de Lemos) com sua chegada deu multo prazer a El-Rei. e à todo o Reino, assim por saber da boa viagem, que a Frota levava, como pela Terra, que descobrira". Barros.

14Bezenegue, ou Bezegulche, crê-se ser o porto da Uha Coréia, situada em 14» 40' 10" de iatltude setentrional, junto a Cabo Verde.

Américo Vespúcio, Antônio Galvam. e o mencionado piloto da Armada de Pedro Alvares Cabral, testemunha ocular, concordam que em 1501 sairá do Tejo uma Esquadra de três caravelas para continuai a descoberta do mesmo Cabral. "Chegamos ao Cabo da Boa Esperança dia de Páscoa, e encontrando ali bom tempo, continuamos a viagem, e aportamos Junto a Cabo Verde em Bezenegue, onde encontramos três caravelas que El-Rei de Portugal, mandara para descobrir a Terra nova, que tínhamos achado indo para Calecute", *Relação da Viagem de Pedro Alvares Cabral em*

É igualmente certo que o mesmo Monarca (por motivos que apenas nos declaram, mas que se apercebem bem) expediu outra esquadra com duplicado número de caravelas ao mesmo exame, logo depois da chegada da primeira. Também não se concorda sobre o seu comandante, que parece ser Cristóvão Jaques. Costeou o continente o mais próximo dele, que lhe foi possível, observando cuidadosamente tudo o notável acerca de rios, portos, cabos, e pontas de terra com os perigos e ilhas adjacentes, aspectos e gizamentos da costa até Cabo das Virgens

Ramuzio. "Neste mesmo ano de 501, e mês de maio, partiram três navios de Lisboa por mandado de El-Rei D. Emanuel a descobrir a costa do Brasil; e foram a ver vista das Canárias, e dal *a* Cabo Verde. Tomaram refresco em Bezeguiche, e passada a linha da parte do Sul, foram tomar terra no Brasil em 5º <le altura; e foram por ela até 32 pouco mais ou menos, segundo sua conta: donde se tornaram no mês de abril por haver Já le frio, e tonnenta. Puseram neste descobrimento, e viagem quinze meses, por tornarem na entrada de setembro". Antônio Galvão, *Descobrimentos Antig. e Modem.*

Nao parece seguro que a esquadra chegasse a t&o grande altura. Como este escritor deixou em silêncio o nome do Almirante contra o costume que praticava, pois nao omite o de nenhum outro entre tantos (por ele nomeados) que passaram ao Novo Mundo, ou às regiões mais remotas do Antigo, nao só dos portugueses, mas ainda dos das outras nações marítimas, castelhana, francesa, e inglesa, parece dever-se inferir, que ele nao teve outro documento mais que o de Américo Vespúcio, testemunha suspeita e Infiel, que diz fora um dos capltáes subalternos, e também n&o o nomeia.* O que mais nos persuade este sentimento é concordar ldentlcamente a referida descrição de Galvão com o substancial da ntrrativa, que Américo Vespúcio fez desta viagem; pois diz que tendo saldo de Bezenegue, e navegado ao sudoeste quarta do sul por espaço de sessenta e sete dias, fora descobrir terra nova em 5 do Sui:** e que continuara a navegar obra de 900 léguas. Bempre à vista, e lunto da terra, fazendo continuadas escalas, ora falando, ora tratando com gente infinita; Já pacificando-a nao sem trabalho. Já observando seus costumes, e Jerarquias, como também as produções da Natureza até 32° de latitude austral, onde despedindo-se da costa por uma vez mudara de rumo para o sueste, e fora descobrir outra terra em 52°.

Partimmo de Llsbona tre navl dl conserva à 10 dl Magglo 1501... dlritl airisole djela gran Canária... et fummo nella costa d'Ethlopla, à un porto uue se dice Beseneghe... Sopra Ia quale el polo dei setentrlone 14» e y_2. Partimmo de questo porto... et navlgando per Ubecclo, piglfando una quarte dl mezzodl tanto che in 67 glornl... piacque a Dlo mostrarei terra nova, che fu 11 17 d'Agosto... Stava oltra delia llnea equinottlale verso ostro 5°... Partimmo de questo luogo, et commlnciammo nostra navlgatlone tra levante, et siroco, che cosi corre Ia terra, e íacemmo molto scale... et cosi navlgammo tanto che trovamo che Ia terra faceva Ia volta per libeccio, et como voltammo un cavo, alquale mettemo nome di S. Agostinho, commiciammo a navlgare per libeccio. E discosto questo cavo delia predetta terra... 150 leghe verso Levante* et Sta 8° fuorl de Ia linea equinottlale vers ostro... navlgando sempre per libeccio à vista dl terra, dl continuo faccendo di molte scale... tanto andamo verso l ostro, che giá stavamo iuorl dei trópico dl capricomo, donde el polo antártico s'alzava sopra l'orlzonte 32°.** Corremmo di questa nostra costa appresso di 750 leghc: le 150 dal cavo dl S. Agostinho verso el ponente ,et le 600 verso 11 libeccio... Visto che in questa terra non trovavamo cosa di minera alcuna, accordammo di espedirci di essa, et andarei à commettere ai mar per altra parte… dl questa terra commlnciammo nostra navlgatlone per el vento siroeco... e tanto navlgammo per questo vento, che el trovammo tanto altl, ch'il polo Antártico ei stava alto fora dei nostro orlzonte bem 52°; et di giá stavammo discotl dei porto dl dove partimmo bem 500 leghe per siroco".***

Sendo assim, parece nao podia ficai baia, nem rio caudaloso, cabo, slnuosldalde, ilha, nem montanha adjacente à praia, que nao fosse ao menos reconhecido, como também os dlíesentes aspectos da terra em suas diversas paragens: e Isto é o que ele nos dá a entender que conseguira; c- que por ter feito t&o completa, e cabalmente as averiguações, que El-Bel pretendia, este dando por escusada segunda indagaçao, o Incumbira doutra empresa Igualmente árdua, qual era a descoberta da cidade de *Malac* na índia, para a qual lhe fizera aprestar outra esquadra de sei3

• Sendo t&o necessário o conhecimento do almirante desta esquadra, nenhum dos mencionados escritores o nomeia: o piloto de Cabral por nao o Julgar preciso; Galv&o por n&o sabê-lo; e Américo Vespúcio, ao que parece, pela mesma razão de n&o ter feito estas viagens, e só de ouvida escrever o que, e como bem lhe pareceu; pois n&o falta quem afirme, que ele estava ocupado em outros negócios nos tempos em que diz navegara ao Brasil. "Les relatlons d'Amerlc Vespuce contiennent le réclt de deux voyages qu'il fit sur Ia même cote (du Brésil) au nom d'Emmanuel. rol de Portugal. Mais les dates en son fausses, et c'este en qual consiste 1'lmposture: car 11 este prouvé, par tous les temoignages contemporains, que dans le temps qu'il nomme 11 étalt employe à d'auties expeditlons". *Hist. Geral das Viagens,* tom. XIV. liv. VI, c. IX. Paris, 1757.

•* É t&o natural que a armada procurasse terra na paragem, onde desaparecera a Gaspar de Lemos, isto é, na vizinhança do Cabo de S. Roque, em pouco mais de cinco graus austrais, onde a costa muda de rumo; como impossível tomar a costa oriental um navio, que, desaferrando de Cabo Veiae, navega sempre ao sudoeste quarta do Sul, destlnadamente a encontrá-la naquela altura, enquanto o Sol anda ao norte da Eoulnocial; porque nestes tempos as águas do oceano correm com violência para o noroeste, e levam os navios (que n&o se seguram para leste) à costa do norte. Isto mesmo é o que sem dúvida lhe aconteceu; se é que viram a primeira terra 150 léguas ionge do Cabo de Santo Agostinho: porque doutra sorte n&o se pode verificar o tê-la avistado naquela distância; e só sendo assim í que a costa lhe sorria a Les-sueste a maior parte da distância; mas falta-lhe en t&o a veracidade di. latitude; porque aparecendo-lhes terra na mencionada distância, devia ser na Costa do Ceará no sítio de Mandaú, que está em 3°, e 1/3; e sendo em distância de 300 léguas, só podia ser a oeste da Dha de S. João na Costa do Pará em 1° e 1/4.

Se concedermos que a esquadra tomou terra em Cabo de S. Roque, impelida da corrente das águas por ter navegado (n&o ao sudoeste qunrta do Sul, come diz na carta, mas sim porque nave-pou) sempre ao sul, e um pouco ao poente por ser-lhe escasso o vento, como diz no Sumário: Drlzandr 11 ncetro viagglo verso 11 polo Antártico nondimeno tenevamo alquanto verso ponente, percio he era vento dilevante: objeta-se com a experiência t&o sabida que nesta costa n&o se navega à vista da terra para o sul sem findar o mês de setembro; e Vespúcio, como vimos, diz que continuara logo a navegar para o sul â vista, e perto de terra. Mais; se a esquadra aportou ua costa do norte, ainda lhe era mais dificultoso navegar para leste a dobrar o Cabo de S. Roque

na entrada do Estreito de Magalhães: havendo ancorado em muitas paragens, para fazer os exames necessários, segundo as insinuações que levavam, e se pratica em casos tais.

Consta que assentou vários padrões com as Qinas de Portugal nos sítios mais azados para serem vistos; que .perdeu quatro caravelas; e deixou em Porto Seguro uma colônia, ou parte dos que escaparam dos naufrágios, com dois missionários franciscanos, tornando ao Reino com duas caravelas carregadas do pau, que ao depois fez perder à região o nome dado por Cabral.

No mesmo ano de 1503, antes que o explorador chegasse a esta terra da Vera Cruz, aportou no meio da sua costa D. Afonso de Albuquerque, qjue saíra de Lisboa a 6 de abril, comandando uma esquadra para a Índia. Não se nos diz em que latitude; declara-se só que havia árvores de canafístula e verniz naquela paragem.[15]

• No Sumário é computada esta distância em 300 léguas. "Questo capo dal luogo, dove prima vedemmo terra, é lontano force 300 leghe". Na suposição que a frota tomou terra na Costa Oriental. como se presume, ambas estas asserções, s&o falsas; ainda no caso que os cabos de S. Roque, e Santo Agostinho estivessem nas latitudes que Vespúcio pretende; porque nao passando de 16° a diferença da longitude entre os meridianos destes cabos, só podia haver 60 léguas de 20 em graus E com efeito parece nao haver mais de 62 léguas geográficas neste Intervalo; porque, suposto Flmentel ponha o primeiro em 5° e 6' e o segundo em 8 e 27, segundo boas observações se tem achado um em 5 e 15, outro em 8 e 20.

•• No Sumario assevera Vespúcio que navegava à vista de terra até 17° e <*A* para lá do Trópico de Capricórnio, que vem a ser até 41 do Sul ."Tanto navlgammo presso dl detra costa, che trapassammo 11 trópico hlemale verso ei Polo Antártico per 17° e 14".

••• Um navio que desaferra da Costa do Brasil na latitude de 23° e navega 500 léguas sempre no sueste até 52°, nao encontra Ilha alguma. Mr. Bougalnvllte, e os que com ele pretendem, que as Ilhas Malulnas sejam a terra que Américo diz descobrira naquela latitude, deviam advertir, que estas Ilhas estão multo a oeste do meridiano do lugar, donde ele diz desaferrara, e de que constantemente se devia afastar de cada vez mais para leste: "Les lies Maloulnes se trouvent placées entre clnquante-am et clnquante-deux degrés et deml de latitude merldlonale... eles sont élolgnées de Ia cote de 1'Amérlque en des Patagones et de 1'entrée du détrolt de Magiellan, d'environ 80 á 90 Uenes". BougalnvlUe.

caravelas. Porém, o geral silêncio, em que, à exceção do Cabo de Santo Agostinho, deixou todas aquelas coisas, que os descobridores notam por principais, e os extraordinários enganos nes cálculos das distâncias, e ainda acerca daí- direções da conta, fazem suspeitar, que ele nao foi ao Brasil. O certo é, que as explorações, no caso de principiadas, foram tão escassas, que ocasionaram a expedição doutra esquadra ao mesmo exame.

O Jesuíta P. Posslno diz que Vespúcio era o Comandante da Armada; mas que El-Bel D. Emanuel nao ficara satisfeito com as suas observaçóes. Beduce Ulysslponem Américo Emmanuel per otlum audlto, haud contentus... Gonsalvum Coêlium... mislt. attributa classe sex navlum. Vida do P. Ignac. de Azevedo.

Pedro de Magalhães Gandavo, primeiro escritor do Brasil, onde esteve alguns anos, nao fala uma palavra sobre estas duas expedições. Nos outros escritores acham-se confundidos os sucessos duma esquadra com os da outra. "No mesmo ano (de M. D. III.) mandou Gonçalo Coelho com seis naus à Terra de Santa Cruz, com que partiu de Lisboa aos dez dias do mês de Junho; das quais por ainda terem pouca noticia da terra, perdeu quatro, e as outras duas trouxe ao Reino com mercadorias da terra, que então nao eram outras, que pau vermelho, a que chamam *Brasil,* bugios, e papagaios". Góis Cron.

Ciassem Gundlssalvo Coêlio comiolslt, qua reglonem A Caprale exploratam, quam Brasillan vocant, perlustraret. Sed navlgandl In reglonem parüm cognltam lmperltlâ factum est, ut Coêllus ex sex navlbus quatuor vadls allsas amlserit, atque duas tantum simllis In patrlam reduxerlt. O sor. De Reb. Emmanuelis.

Aqui começa a fazer-se sensível a perda da América Portuguesa de Manuel de Faria, da Terra Santa Cruz de J. de Barros, e, mais que tudo, do Diário dos primeiros lndagadoites: perdas que reparará, ao menos em parte, quem publicar o ms. de Dlogo de Castro.*

Francisco da Cunha, ou quem quer que é o autor do ms. Intitulado: Descrição Geográfica da América Portuguesa, escrita em 1587, diz que Gonçalo Coelho fora o primeiro explorador da Costa Brasíllca (deipols de Cabral, e Lemos). mas n&o nos declara em que ano; e Inadvertidamente o restitui ao reino a tempo, que já El-Rel D. João III estava no Trono; engano que seguiram vários escritores ."Teve S. A. noticia deste descobrimento, e desejoso de a ter mais formal, e maior, determinou que Gonçalo Coelho, distinto por sua qualidade, Intrépida resolução, valor, e prudência, fosse examinar aquele sitio, e corresse a costa".

"Para executar este desígnio, o fez embarcar numa esquadra de três caravelas, que lhe mBndou aprestar com todo o necessário. Nesta expedição siuportou G. C e os que o acompanhavam, Inexplicáveis trabalhos até que perdeu dois navios:** e receando acontecesse o mesmo ao em que andava... voltou para Portugal, por contar o que achara... E na presença de El-Rel D. Joáo e Terceiro, a quem achou reinando, expôs as noticias, que trazia, e os sucessos que tivera".*••*

• Deste ms. faz menção o A. da Justificação do título, com que se fundou a Colônia do Sacrbnuento. Lisboa, em 1681. "Dlego de Castro bem conhecido, e célebre pelo seu Roteiro, que fez de toda a Costa do Brasil, e que se guarda originalmente nos arquivos deste Reino".

** Posto que Vespúcio assevere c;ue nenhuma das caravelas da primeira armada experimentara naufrágio, parece dever prevalecer o testemunho de Cunha, que afirma ter escapado só uma. A pronta expedição de outra armada com duplicado número de caravelas parece comprová-lo.

*** A razão por que cuido ser o mencionado ms. de Francisco da Cunha, e por dizer o autor da Justificação referida, que aquele fizera um Roteiro da Costa Brasíllca por ordem de D. Cristovam de Moura: e uma das duas cópias, que vi, é que não passa da primeira parte, (e não

Pouco tempo depois foi aquela mercancia posta por contrato, começando a colônia a ser freqüentemente visitada pelas caravelas dos contratadores.

Em 1505, navegou a frota da Índia (comandada por D. Francisco de Almeida) mui próxima à costa do Brasil, ou Terra de Santa Cruz; mas não se sabe que fosse ao menos avistada por alguns dos navios que a formavam.

No ano de 1506, costeou Tristão da Cunha (indo para a Índia) a terra de Pernambuco, tão próximo a ela, que descobriu, ou reconheceu o Rio de S. Sebas-

me lembro se toda) traz uma Dedicatória àquele fidalgo, datada em a Corte de Madrld, no principio de março de 1587. Esta Dedicatória falta na cópia do que existe na Real Biblioteca, e oue é multo maior.

15 Buona somma de cássia et dl vernlzo. Altre dl mom-.nto nom abblamo eompreso. Bamúzlo

Sendo Gonçalo Coelho o Almirante da prlmelTa esquadra expedida a continuar o descobrimento de Pedro Alvares; é lndubltável que a primeira armada que saiu de Lisboa com este Intuito, foi a de três caravelas em 501, segue-se ter ele sido o seu Comandante, e nao o das seis, que saíram em 503.

O mesmo Francisco da Cunha, condutor de todos os escritores nesta parte, diz que Cristóvão Jacques fora o Almirante da segunda esquadra a adiantar a descoberta de Cabral: se bem que Inadvertidamente supõe este acontecimento no reinado de El-Rei D. João III.

"Mandou logo preparar outra armada de caravelas, que entregou a Cristóvão Jacques, Fidalgo de sua Casa: e com o titulo de Capltao-Mor o mandou continuar nesta empresa, descobrindo aquela costa". "Saiu a armada, e seguindo viagem, chegou à costa, e prosseguiu na sua averiguação; sondando baixos, e rios; pondo Padrões das Armas Portuguesas* por onde Ia passando, que para isso os levava em quantidade. Andando nesta diligência em continuo perigo, e com Incessante trabalho pela mesma falta de prática, foi dar a uma bala, a que pôs o nome de Todos os Santos. Fez mapa da altura das terras, que correu, e depois doutras multas averiguações, e diligências, se recolheu a Portugal".

El-Rel D. João III subiu ao trono em 1520. Nao é crivei que G. Coelho (a ser ele o Comandante da primeira Esquadra) se demorasse vinte anos nestas averiguações. Cunha seguramente estava equivocado aaerca do ano, em que falecera El-Rel D. Emanuel. Pensava que D. João III lá estava no trono em 502, quando G. Coelho chegou a Lisboa.

Se Cristóvão Jaques foi o segundo lndagador enviado à Terra Santa Cruz sendo lndubltável, e constante que a segunda Esquadra saiu em 503, segue-ae ter ele sido o chefe destoutra, e Ido a este paio por mandado de El-Rel D. Emanuel no ano oitavo de seu reinado. Se Cristóvão Jaques, como dizem, foi o descobridor da Baía de Todos os Sanots, era ele sem dúvida o Almirante da Armada de 1503, porque neste ano foi ela visitada por portugueses, que lhe puseram o nome, quo desde então a designa.

Asseveram muitos AA. estrangeiros, e alguns portugueses** que Américo Vespúcio (só porque ele o conta) fizera duas viagens no serviço de El-Rel D. Emanuel, ambas a explorar a Terra Santa Cruz: a primeira com três caravelas em pouco menos de dezesseis meses, como se disse; a segunda com seis navios em pouco mais de treze meses. Acrescentando que ele fora sempre de Comandant;. "Américo Vespúcio, partindo de Lisboa a treze de maio de mil quinhentos e um, navegou ao longo da costa da Africa, Indo para lá da Serra Leon até o Reino de Angola; dondé passou à costa do Brasil, que descobriu ,e costeou toda até à Terra dos Patagões, para lá do Rio da Prata; e chegou *a* Lisboa a sete de setembro de mil quinhentos e dois. El-Rel D. Emanuel extremamente afeiçoado a Vespúcio deu-lhe de seis navios, com os quais saiu a dez de maio de mil quinhentos e três; e passou ao longo das Costas da Africa, e do Brasil com o intuito de descobrir uma passagem pelo ocidente para as Ilhas Molucas, como ao depois se descobriu. Depois de aportar na Baía de Todos os Santos, navegou até os Abrolhos, e Rio Curababo: porém como nao tinha mantlmentos senáo para vinte meses, tomou a resolução de voltar a Portugal, onde chegou a dezoito de junho de mil quinhentos e quatro". Murery, *Die. Grand.* Paris, 1699.

O referido, à exceção das datas, e do número dos navios, é tão diverso do que se acha nas relações do mesmo Américo Vespúcio, quanto as suas próprias narrativas se afastam da verdaae no mais essencial.

Os documentos, que nos deixou, mostram nao ter visto terra da Africa da Serra Leão para o sul: nem empreendido a descoberta das Molucas, e multo menos pelo ocidente; nem sido comandante, ou capitão-mór de nenhuma das esquedras, em que diz fizera duas viagens: sobre as quais deixou à posteridade três rclaçeõs em duas cartas, e um sumário, que substancialmente não passam de outras tantas meras invenções dirigidas a exaltar-se, e ser reconhecido entre seus compatriotas por descobridor do hemisfério Austral do Novo Mundo. Contando-lhes que El-Rel D. Emanuel (depois de ter mandado dois mensageiros, cada um por sua vez* a Sevllha em busca dele) e fizera embarcar numa esquadra, mandada a-toa em buscai de terras absolutamente Incógnitas, com pilotos tão ignorantes, que não havia entre eles um único, que soubesse marcar um navio cinqüenta léguas. Sendo de notar, que Jamais nomeia um só indivíduo de quantos Iam nas armadas. Na primeira, e sumário, que respeitam à Esquadra, e viagem de 501, única, segundo ele pretende, destinada a descobrir terras incógnitas no novo mundo, notam-se Incoerência, contradições, erros Intoleráveis de Geografia, e de fato, e um geral silêncio, ou falta das coisas principais, que 03 outros navegantes Jamais omitem, e que ele nao podia deixar de observar, se foose ao Brasil, e navegasse, como conta.

A relação, que A. Vespúcio, na segunda carta, faz da Armada de 1503, é diametralmente oposta ao que os nossos escritores dela disseram; é uma corrente de falsidades manifestas, e caluniosas; pois além de lhe falsificar o destino, falsificou-lhe também os sucessos; Inventando acontecimentos fabulosos, e que circunstancia com sobrada difusão; e omitindo quase todos os verdadeiros.

* Não sei se o número destes Padrões excedeu o dos cinco, de que fazem menção os escritores do meu alcance, seilleet: 1.» na Enseada dos Marcos entre a Baia Formosa, e a da Traição; 2.° na entrada da Baía de Todos os Santos; 3.» sobre a Barra da Cananíla; 4.° na Dha de Maldonado; 5.» entre a ponte meridional da Baia de S. Matlas, e a Ponta do Padrão, mais chegado à primeira, segundo Francisco da Cunha, que o visitou obra de sessenta anos depois.

Não há conjectura tão desvairada, como a de Laethe, quando cuida que o primeiro Padrão servira noutro tempo de limite entre as possessões portuguesas, e castelhanas. "A smu Petitlnguse perglt ora versus sorum... ad *Omarco*... hlc quondam Umes fulsse vldet7ur inter Lusitanos et Cas-tellanos". Llb. XVI, C. 6.

tião; o qual, por não se lhe determinar a latitude, nem conservar o nome, é hoje desconhecido.[18]

Antônio Herrera diz, que João Dias Solis costeara o Brasil até o Rio da Prata em 1509; Gomara diz que fora em 1512; Antônio Galvão que fora em 1513: nenhuma destas autoridades parece segura.

Em 1510 naufragou um navio português na entrada da Baía de Todos os Santos, escapando toda a gente, ou a maior parte dela, segundo se crê; porque vinte e cinco anos depois ainda ali viviam nove marinheiros com os indígenas. Não se sabe com que desígnio empreendera a viagem.

Por testemunho do historiador Damião de Góis sabemos que, em 1513, Jorges Lopes Bixorda apresentara a El-Rei D. Emanuel três índios brasilienses, que tinham vindo no seu navio do contrato, vestidos de penas à moda do país, aos quais servia de intérprete um português versado no seu idioma.

No ano de 1515 navegou o castelhano João Solis do Cabo de Santo Agostinho até o Rio da Prata, que tomou dele o nome por algum tempo, havendo aportado na Baía do Rio de Janeiro. Depois da sua morte, que foi nas mãos dos indígenas com vários homens da sua tripulação, na margem do Paraguai, os dois navios, que ele comandava, foram carregar pau-brasil em Pernambuco, com que voltaram a Castela.

Em 1519 avistaram o Cabo de Santo Agostinho e entraram na Baía do Rio de Janeiro Fernando de Magalhães e Rui Faleiro, portugueses no serviço de Carlos I, indo fazer o primeiro giro do globo, e deram-lhe o nome de Baía de *Santa Luzia,* por entrarem nela a 13 de dezembro, e demorarem-se ali até 27 do mesmo mês.

Da carta de doação a Pedro Lopes de Sousa, e pela que El-Rei D. João III fez escrever a Martim Afonso de Sousa, sabemos que Cristóvão Jaques estabelecera uma feitoria sobre o canal, que separa a Ilha Itamaracá do continente, destinada a facilitar a exportação do pau-brasil e impedir este comércio às outras nações, que o iam lá fazer. Não sabemos porém em que ano.[17]

Consta de vários escritores, que Diogo Garcia, piloto português no serviço de Castela, aportara no ano de 1527 um pouco afastado da embocadura do Rio Uruguai;[18] e que achando ali os navios com que iSebastião Caboto saíra de Cádiz para passar às Molucas pelo Estreito de Todos os Santos, hoje de Magalhões; e sabendo que o capitão tinha subido pelo Paraguai, então Rio de Solis, navegara

*• Nfto encontrei ainda escritor português do século dezesseis que fale de Am. Vespúcio empregado no serviço da Cor3a Portuguesa. O Jesuíta Slmao de Vasconcelos é (entre cs do meu alcance) o primeiro, que o divulgou cento e sessenta anos depois; e tem servido de gula aos posteriores.

• Nao parece crível, que El-Rel mandasse buscar fora do reino um náutico, para Ir em uma esquadra sua a um pais, onde já tinham Ido, e voltado navios seus governadas por pilotos vassalos, sem lhe dar dela o comando, ou a precedência de primeiro piloto, contra os quais Vespúcio azedamente se queixa. Assim parece se deve inferir, depois de sabermos que os pilotos da esquadra de Vasco da Gama, de Pedro Alvares para região tão remota; de Gaspar Cortereal à Terra do Labrador, todos eram portugueses, como também os de G. de Lemos. Gaspar Corteregalis cüm esset egregiê fortls, et gloria? cupiditato vehementer lncensus... suls sumptlbus navem instruzit, et commeatu, et armls, et nautls, et milltibus egregiê munitam. Anno autem M. D. Olyslppone profectus est. cursum In septentrionalem plagam direxlt. Ad terramque tandem pervenlt, quam propter slngularem amoenltatem, Vlridem appellavlt. Hleran. Osor. *De Rebus Emman.* L. n.

Esta Esquadra, que Américo Vespúcio descaradamente diz sairá de Lisboa com o destino de Ir descobrir a cidade de Malaca no Oriente, é a mesmisslma, que foi destlnadamente remediar os infortúnios, e mau êxito da que sairá em 1501, para continuar o descobrimento de Pedro Alvares C, Osório, Góis, Barros, Faria, Castanheda, e Barbuda concordam, que em 1503 somente se apresentaram, e saíram para a Índia Oriental nove naus em três divisões, com igual número de velas, ao comando de Afonso de Albuquerque, Francisco de Albuquerque, seu primo, e Antônio de Saldanha, sem que haja algum outro escritor, que aumente o número dos navios ou dos comandantes.

16Castanheda, L. II. e. 32.

17A viagem, que Francisco da Cunha, e alguns de seus leitores atribuem a Pedro Lopes de Sousa no princípio do reinado de El-Rel Dom João III, é sem dúvida a mesma, que ele fez em companhia de seu lrmao Martim Afonso no ano de 531.

18Ano M. D. XXVII, ad flumen *de Ia Plata* íellciter appullt *Didacus Garcia,* Lusltanus, qul superatu Artoo hujus flumlnls promontorio, quod vulgo Cabo de S. *Maria* appelíatur... adverso flumlne ascendlt ad lnsulas *de Ias Piedras,* sexaglna elreiter leiucas à promontorio C. *Marice* versus occldentem: hie Uburnlcam molitus, quam na vi sua advexerat, Idem flumen ascendlt, et statlm vestiglls Christlanorum deprehensis .paulo ppst duas *Gaboti* naves Invenlt, et mox ad

com suas lanchas até muito acima da confluência do Paraná, onde o encontrara acabando de construir o Fortim de Sant'Ana, e onde ambos deram ao Rio de Solis o nome de *Rio da Prata,* por verem alguns pedaços deste metal nas mãos dos indígenas. Antônio Herrera, confirmador desta mesma história, acrescenta que Diogo Garcia havia estado no fim do ano precedente sobre o baixo dos Abrolhos, e aportado na Baía de São Vicente (então Rio dos Inocentes), onde um bacharel português o provera de refrescos e lhe dera um genro seu para lhe servir de língua no Rio de Solis, ou Paraguai: que Garcia fundeara na *Ilha dos Patos,* hoje de *Santa Catarina,* onde os idígenas lhe deram algum mantimento; e se lhe queixaram de Caboto lhes ter furtado seus filhos em gratificação do bom agasalho que entre eles achara. Segundo este autor, Garcia levou sessenta homens em dois bergantins até o Forte de Sant'Ana; e antes de começar esta viagem, mandou o maior navio da sua esquadra ao Rio dos Inocentes tomar a carregação, que tinha ajustado com o bacharel mencionado de lhe levar a Portugal. É natural que Diogo Garcia, na volta, aportasse em São Vicente para entregar o intérprete; e provável que o bacharel fosse ou João Ramalho, ou Antônio Rodrigues, que Martim Afonso de Sousa ali encontrou cinco anos depois. A certeza de se acharem ali portugueses estabelecidos de alguns anos, e o testemunho de Herrera de se embarcarem ali indígenas para Portugal em 1527, parece provar assaz que havia ali feitoria, antes da chegada de Martim Afonso, que concedeu a Pedro de Góis o poder mandar certo número de aborígines para o reino, "forros de todos os direitos, que costumavam pagar". Não se sabe quando, nem por quem foi estabelecida esta feitoria; nem também se estava sobre a Barra de Bertioga na Ilha de *Sto. Amaro,* se na de *S. Vicente* sobre a barra deste nome.

Com a notícia, que o navio de Diogo Garcia trouxe a Portugal, em 1528 ou 29, de estarem os castelhanos estabelecidos no Rio da Prata, e' receando-se de que se assentassem para leste do Rio Uruguai, por onde então se cuidava que corria a linha divisória, expediu El-Rei D. João III uma armada a este país, em o ano de 1531, debaixo do comando de Martim Afonso de Sousa, com ordem para fazer fortificações, e distribuir terrenos aos que no país quisessem estabelecer-se.

A Armada, depois de ter reconhecido o Cabo de Santo Agostinho, e navegado ao longo da costa, aportou na Baía de Todos os Santos, onde, encontrando dois navios franceses, fez presa neles, do que Martim Afonso deu logo notícia ao Soberano por João de Sousa, capitão de um dos navios da Armada, com a qual ficou ali até chegar a monção de poder continuar a viagem para o sul. Depois de ter refrescado em Porto Seguro, foi entrar na Baía de Santa Luzia, à qual trocou o nome pelo de *Rio de Janeiro,* por ser no primeiro dia do ano de 1532.

Continuando a viagem, sempre o mais perto de terra que lhe era possível, e dando aos lugares mais notáveis o nome do Santo, em cujo dia os encontrava, havendo passado pela Ilha de *S. Sebastião* no dia 20 do mesmo mês, parece natural, que fosse em direitura surgir no porto da feitoria, de cuja paragem naturalmente devia ter notícia.

Constando que Martim Afonso, depois de várias operações na barra setentrional para estabelecer ali os colonos, quisessem ficar no país, mudara de resolução, e fora estabelecê-los na meridional; ignoramos porém se o primeiro projeto foi por estar ali a feitoria, se por lhe parecer o sítio mais azado para a povoação, do que o da barra meridional, para onde finalmente, por motivos que se ignoram, mudou o estabelecimento, assentando-se mui perto da paragem onde está a Vila de São Vicente.

castellum S. *Spiritús* pervenit. Hlnc magnum Paranhase alveum sequens. vlglntl quatuor dlebus tantum Itlnerla absolvlt, quantum *Gabotus* vlx allquot mensIbus: et ad *Paraguay* In *Parannam* connuentem promovlt, atque tandem *Gabotum* In Castello S. *Annce* invenit, à quo conjunctlm ad naves *Gaboti* redierunt. Quia autem hlc nonnllhll argentl & barbaris acceperant... numlni hulc nomen *Argentei* lmposuerunt. *Laeth.*

Onze meses gastou Martim Afonso por estas paragens em diversas operações, e em acabar de correr a costa até o Rio da Prata, onde se achava, quando o sol chegou ao trópico do Capricórnio em 1532, segundo a dúvida que propôs ao doutor Pedro Nunes, quando voltou ao reino.[19]

Não encontrando estabelecimento algum castelhano em toda a costa, tornou à colônia estabelecida sobre a entrada meridional da Baía de Santos, e aumentou-a consideravelmente, dando terrenos a todos os que quiseram estabelecer-se, segundo a ordem que levava.[20]

Não sabemos se foi antes de ir ao Rio da Prata, se depois da chegada, quando os carijós lhe assassinaram oitenta portugueses, que expedira a descobrir, ou conquistar as minas de Cananéia.

Como é constante, que na primavera de 1534 embarcara para a Índia com o emprego de Almirante ou Capitão-Mor do Mar Indico, segue-se que partiu do Brasil para o Reino na monção do ano precedente.

Na mesma primavera, em que Martim Afonso saíra do Tejo, foi apresado pela esquadra do Estreito, e conduzido a Lisboa um navio de Marselha, que tinha ido carregar de pau-brasil a Pernambuco, onde demolira a feitoria de Itamaracá, e deixara sessenta franceses para o mesmo fim, que Cristóvão Jaques fundara aquele estabelecimento.

Com esta notícia, expediu imediatamente El-Rei a Duarte Coelho Pereira a expulsá-los.

Duarte Coelho bateu os intrusos, desfez-lhes as operações, que estavam a crescer, e foi assentar a feitoria sobre o Rio Iguaraçu, poucas milhas arredada do primeiro assento.

Este novo estabelecimento foi o princípio da Vila de Iguaraçu, a cuja matriz o mesmo Duarte Coelho Pereira, sendo já donatário da Capitania de Pernambuco, deu por padroeiros os Santos Cosme e Damião, em reconhecimento de ter derrotado os intrusos no seu dia em 1531.[21]

Vendo El-Rei D. João II que os castelhanos se achavam estabelecidos sobre o Rio Paraguai e que os franceses pretendiam estabelecer-se em Pernambuco e na Baía de Todos os Santos, resolveu povoar o continente; e para facilitar a colonização determinou reparti-lo em porções extraordinárias de 50 léguas de costa, com regalias lisonjeiras e nome de *capitanias,* que de juro e herdade a vassalos beneméritos pelos serviços que tinham feito à Coroa, os quais deviam ir ou mandar povoá-las com gente e navios à sua custa, dentro de certo tempo, antes que as outras nações ali se assentassem.

O historiador João de Barros, que foi um dos donatários, atesta que o país fora repartido em doze capitanias; mas não nomeia os proprietários, por tratar desta matéria em outra obra, que não se deu à estampa. Este escritor contava sem dúvida por outras tantas capitanias os cinco pedaços, de que constavam as duas dos dois irmãos Sousas; porque a história só menciona nove proprietários, cujos nomes são os seguintes: João de Barros, Duarte Coelho Pereira, Francisco Pereira Coutinho, Jorge de Figueiredo Correia, Pedro do Campo Tourinho, Vasco Fernandes Coutinho, Pedro de Góis, Martim Afonso de Sousa e seu irmão Pedro Lopes de Sousa.[22]

19P. N. Tratado da Esfera.

20Memor. do P. Gaspar.

21Alguns escritores antecipam gratuitamente esta viagem de Duarte Coelho Pereira um ano; e confundem-na também com a de 1535, quando ele foi povoar a sua Capitania de Pernambuco: cuidando que ele passara a colonizá-la em 1530.

Nao sabemos em que porto do Brasil Sebastião Caboto recolheu o português *Gonçalo da Costa,* que depois de ter vivido muitos anos no país, voltou com ele, e estabeleceu-se em Sevllha: nem em que parte do mesmo país estivera *Henrique Montes,* que foi na armada de Martim Afonso em 31, segundo nos informa A. Herrera.

22 Pedro de Magalhães Gandavo numera só oito capitanias, metendo gratuitamente neste número a do Rio de Janeiro, e omitindo a de Pedro de Góis; nao sei se por lnadvertência, se por estar Já abandonada quando ele escrevia.

É certo que sendo duplicado o número das capitanias, não tendo cada uma mais de 20 léguas de costa, ainda os donatários não podiam socorrer-se mutuamente nos apertos, em que todos se viram.

Todas tornaram para a Coroa por diversos modos em diferentes tempos, como mostraremos na topografia de cada província.

Com o país mãe, passou o Brasil para o domínio da Coroa de Castela em 1580, por falecimento de El-Rei D. Henrique.

Restaurado o Reino depois de sessenta anos, se lhe reuniu este país, menos o grande terreno, que vai do Rio de S. Francisco até o Maranhão, porque os holandeses, havendo-se subtraído da obediência do cetro católico, então dominante em Portugal, com o pretexto de que as conquistas portuguesas eram castelhanas, determinaram apoderar-se delas em três partes do mundo. O deplorável estado, a que os Felipes as tinham reduzido, contribuiu grandemente para que em toda a parte fossem felizes. Esta porção da colônia lhes caiu nas mãos pouco a pouco, desde o princípio de 1630, e foi-lhes tirada depois de vinte e quatro anos. Três homens se distinguiram nesta prolongada guerra até à restauração do país; João Fernandes Vieira, branco; Henrique Dias, preto; e o índio Camarão.

Poucos meses antes da gloriosa aclamação do Senhor D. João IV, havia o derradeiro Felipe condecorado o governador da Baía, que era o Marquês de Montalvão, D. Jorge Mascarenhas, com o título de *Vice-rei,* que se conservou a muitos de seus sucessores, até que o Senhor D. José I o transferiu em 1763 aos do Rio de Janeiro, cuja série findou com a feliz chegada da real Família Fidelíssima nos princípios de março de 1808.

No quinto ano de seu feliz reinado ilustrou o Senhor D. João IV o Brasil com o título de *Principado* na Real Pessoa do seu primogênito, o Príncipe D. Teodósio. Esse título passou a todos os sereníssimos Príncipes herdeiros do reino até o dia 16 de dezembro de 1815, quando S. A. R. o Príncipe Regente, Nosso Senhor, sublimou o mesmo principado com a dignidade de reino.

SERRANIAS — A face do país, quase geralmente desigual, tem muito mais de baixa, que de montuosa. As principais serranias são a de Borborema ou Cariris na parte setentrional; a da Mantiqueira na Província de Minas Gerais; a dos Órgãos ou Aimorés, que começa na da Bahia, e prolonga-se com a praia ora em maior, ora em menor distância até à de Santa Catarina; a da Mangabeira ou Paraná, no centro da região de norte a sul. Todas variam de nome, como mostraremos.

CABOS — Cabo de Santa Maria, na entrada do Rio da Prata; Cabo Frio, na Província do Rio de Janeiro; Cabo de Santo Agostinho, na de Pernambuco, e Cabo de São Roque, que é o ângulo ao nordeste da região.

BAÍAS OU PORTOS PRINCIPAIS — Baía da Traição, na Província da Paraíba; Tamandaré, na de Pernambuco; Baía de Todos os Santos, na do mesmo nome; a de Camamu, na mesma; a do Rio de Janeiro.na deste nome; Angra dos Reis, na mesma; a de Santos, na Província de São Paulo; a de Santa Catarina, na do mesmo nome; Maldonado e Montevidéu, na Província de São Pedro.

ILHAS — À exceção da pequena Ilha de Fernando de Noronha e da Trindade, todas as outras estão juntas da costa. As principais são a de Santa Catarina e a do Maranhão, nas províncias, que lhes tomam os nomes.

RIOS — O Amazonas ou Maranhão, e o Paraguai, entre os quais se nota uma grandíssima desproporção, não têm outros que se lhes comparem. O Rio da Madeira, o Tocantins, o de S. Francisco, o Paraná, de 300 a 400 léguas de curso, desprezadas as tortuosidades. O Tapajós, o Xingu, o Uruguai formam uma terceira ordem, e nenhum tem menos de 200 léguas. O Itapicuru do Maranhão, o Paranaíba, o Paraíba do Sul, o de São Pedro, ou Jacuí, compõem a quarta, tendo para cima de 100 léguas de extensão. O Mearim, o Jaguaribe, o Paraíba do

Norte, o Paraguaçu, o Rio de Contas, o de Belmonte, o Doce, com os centrais Tietê, Paranapanema, Iguaçu, ou Curitiba, Pardo, Cuiabá, fazem a quinta. O Capibaribe, o das Piranhas, o de Mucuri, o Patipe, o Itapicuru da Bahia, podem formar a sexta. De cada um deles falaremos na província a que pertencem, como também de outros muitos, e consideráveis, que por ora omitimos.

MINERALOGIA — Ouro, prata, platina, cobre, estanho, chumbo, ferro, diamante, rubis, topázios, esmeraldas, safiras, crisólitas, ágatas, cristais, águas-marinhas, pingos-d'água, jaspe, granito, perderneiras, lousas, pedra-sabão, magnete, pedra calcária, pedra-ume, pedras de amolar, talco, pedras de afiar, amianto, molibdeno, enxofre, salitre, sal-gema, argilas de várias cores.

ZOOLOGIA — Todo o Brasil se achou povoado, ainda que muito mal, por um vastíssimo número de nações, mais ou menos numerosas; e comumente repartidas em tribos ou hordas, das quais as mais multiplicadas apenas excedem uma centena de famílias, de ordinário errantes a maior parte do tempo em busca da caça, do mel e das frutas. Todas andam nuas, são raríssimas as que fazem uso do sal. Admitem a imortalidade da alma e um criador de tudo, ao qual comumente denominam *Tupã,* e um espírito malfazejo, a que chamam *anhangá;* pretendem ter entre si os *feiticeiros.*[23]

Não têm religião, nem letras ou coisa que supra. Ainda não se achou uma pedra posta por eles sobre outra com algum desígnio. Não têm caminhos: marcham em fileira, pondo todos o pé nas pegadas do dianteiro, para não se lhes saber o número. Ainda não se encontrou um Estado monárquico, nem republicano: cada tribo tem seu capitão eletivo, que só tem mando nas ocasiões de dirigir os assaltos, ou emboscadas contra o inimigo.[24]

Os aborígines ou povos brasilienses são geralmente bem feitos, enquanto pequenos; mas perdem a gentileza mui cedo; inconstantes, desconfiados, e apaixonados de todo o gênero de licor forte, que bebem sem medida, e com que de ordinário são furiosos e temíveis enquanto não lhes passa a embriaguez. Diz-se que não espancam as mulheres, nem os filhos; também a economia não lhes dá ocasiões de desavenças: conservam a vista até à última idade, porque não a cansam com aplicações: ferem fogo, roçando fortemente um pau com outro. Também se diz que não respeitam os graus de parentesco para os casamentos; a poligamia, ou pluralidade de mulheres, só é admitida entre mui raros indivíduos de bem poucas nações; e os divórcios são raríssimos, ao menos entre muitas tribos.

Os cristianizados vestem-se; são comunicáveis e menos andejos. As Leis defendem-lhes a liberdade e habilitam-nos para quaisquer empregos do Estado (com preferência nos eclesiásticos), a que eles quiserem destinar-se; mas nada ainda pôde mudar-lhes a indolência natural, nem inspirar-lhes sentimentos nobres de glória, honra, nem interesse. Não se encontram nas aulas maiores: são raros os que aprendem alguma arte liberal: comumente em tendo uma camisa e umas calças de algodão grosseiro e um chapéu de palha, estão satisfeitos, quase nada

23 Em outubro de 1800, os Índios da Vila da Pedra Branca, distrito da de Maragogípe, queimaram viva uma mulher da sua nação, por suspeitas de que tinha enfeltlçado um doente, cuja moléstia nao pudera remedlar-se; e nao fizeram o mesmo a uma parenta da desgraçada, por se refugiar na casa dum senhor de engenho do *Sururu.*

24 Nullas litteras nurunt: nullam rellglonem colunt: nullls leglbus alllgantur: nullls ponde-rlbus, aut mensuris utuntur; nullius regls Império subjlcluntur. Cüm autem bellum lnter eos orltur, cum ducem ellgunt, quem omnlum fortlsslmum, et In bellls gerandls acerrlmum fore eredunt". Hleron. Osorlus. L. II de *Rebus Emmanellis.*

Cada nação tem seu Idioma: entre estes há um denominado Língua-geral, que era a dce *Tupinambás.* Dizem os inteligentes que ela é pobre; mas abundante de vogais com poucos monos-süabos, e apropriada para o metro. Nao tem P, L, S, Z, nem V. Tem dois UU vogais, um de som semelhante ao francês, ou Y grego, com o qual os Jesuítas o substituíam nos vocábulos, onde ele entra. Os nomes tanto substantivos, como adjetivos, sao Indeclináveis, e sem diferença de singular para plural; e os verbos absolutamente invariáveis em todos os modos, e tempos, e ainda pessoas. Com os pronomes A ou AY, Eu; Ere ou Erel, Tu; O ou OI, Ele ou Ela, e também Eles e Elas; Ya ou Yay, Nós e Vós Juntamente; Oro ou Orol, Nós sem Vós; Pé ou Pel, Vós, se diferençam as pessoas; e com particular, os tempos.

mais apetecem: as mulheres não são totalmente despojadas da vaidade natural ao sexo, gostam de se assear; mas com pouco se contentam.

O número dos negros é superior ao dos brancos, incluindo ainda entre estes os indígenas. Com a física conservam todas as manhas pátrias, e refinam, quiçá porque os seus crimes acham aqui menos rigor do que na Nigrícia. Convém-se que esta gente é um mal moral, um obstáculo ao aumento da população branca, e que, enquanto escravos, não podem ser bons cristãos, nem vassalos fiéis.

A religião católica, que entrou no país com o desembarque do descobridor, é a única, que se professa. Atualmente há um arcebispado, seis bispados e duas prelasias, cujos prelados são bispos *in partibus:* entende-se nos domínios da Coroa Fidelíssima, onde nem os bispos, nem seus vigários percebem dízimos, que são da Coroa; todos têm *côngruas* pagas no Real Erário. As dos derradeiros não são iguais por toda a parte, sendo ainda tênues nas províncias setentrionais.

Quase só os Beneditinos, os Carmelitas Calçados e os Franciscanos têm aqui conventos. Os Carmelitas Descalços têm dois; os Mercenários igual número; os Agostinhos Descalços, um, como também os Capuchos, os Franciscanos da Reforma da Conceição, e os padres da Congregação do Oratório.

Na porção da Coroa católica, onde os dízimos pertencem quase exclusivamente aos bispos e seus cabidos, há um bispado, e parte de outro; e também religiosos dominicanos e recoletos. Todas as espécies de animais domésticos da nossa península se tornaram aqui mais fecundas: as cabras por toda a parte são pequenas, e de pêlo curto; os bois quanto mais para o sul, mas volumosos; o gado cavalar e muar é bem feito e manso: os jumentos pequenos, e poucos.

Contam-se trinta e sete castas de quadrúpedes indígenas:

Anta	Guará	Porco-montês
Ariranha	Guaracão	Preguiça
Cachorro-d'água	Guaraxaim	Preá
Cão silvestre	Guaxinim	Quati
Capivara	Irará	Raposa
Caxinguelê	Jaguané	Rato
Coelho	Jaritacaca	Rato-de-espinho
Cotia	Lontra	Saruê
Cuíca	Macaco	Sabiá
Cuim	Moco	Tamanduá
Furão	Onça	Tatu
Gato-montês	Ouriço-cacheiro	Veado
	Porco-espim	

A *Anta,* à qual quase todas as nações indígenas chamam *Tapira,* é o mais corpulento dos quadrúpedes brasílicos; e não entra na classe de espécie alguma dos conhecidos, fazendo um gênero à parte na história dos animais. É do tamanho de um bezerro pequeno, e mui semelhante ao porco na figura do corpo; do qual animal tem também as orelhas, que são proporcionadas à sua grandeza. O pêlo é curto, cochado, e nédio. Encontram-se de todas as cores; mas as escuras, as aloiradas são as mais comuns. As pernas são mui grossas e curtas: os pés têm três unhas quase como de porco, as mãos quatro com pouca diferença daqueloutras. A cauda é de forma piramidal com pouco mais de três polegadas de comprido: a cabeça grande, e comprida; os olhos pequenos; o beiço superior é um apêndice musculoso, que o animal estende, coisa de quatro polegadas mais que o inferior, e encolhe a igualar com este outro. A boca é guarnecida de oito dentes incisivos em cada queixo, dez molares no inferior, e catorze no superior. Pasta como cavalo; posto que pesado, é velocíssimo na carreira; tímido e inocente, não fazendo

mal, ainda ao cão, que o persegue, senão quando já de cansado não pode fugir mais, e o inimigo se lhe chega. Não sendo anfíbio, nada e mergulha muito, caminhando pelo fundo dos pegos largo espaço de lugar, e de tempo sem respirar. Sua carne só se diferencia da do boi no sabor e cheiro e todo o mundo a come. A pele é mui grossa e curte-se melhor quando o animal está magro.

O *Cachorro-d'água,* que é pequeno, tem os dedos pegados como os patos; cauda comprida e espalmada, e o pêlo sumamente macio e fino. É anfíbio; anda quase sempre na água, onde dizem ser tão valente, que mata as onças, quando estas atravessam os rios a nado. Apanhado, domestica-se; mas não cessa de gritar. Só se encontra nos rios centrais.

O *Cão Silvestre,* ou *Cachorro-do-mato,* é pequeno, rasteiro, e refeito ou escuro, ou cinzento, com muito faro, e perseguidor de veados. Dizem que só se encontra do Rio de Contas para o sul.

A *Capivara* tem a figura e grandeza de um porco, orelhas curtas, focinho e dentes de lebre, cabelo raro e áspero; pés como os daquele animal com grandes membranas entre as unhas. Este animal só anda perto de água, e é grande nadador, e também daninho: pouca gente lhe come a carne.

O *Caxinguelê* é uma espécie de esquilo, muito maior que a doninha, de cauda pouco felpuda, e cor parda: quase que nunca põe os pés no chão; saltando dum ramo para outro, atravessa um bosque imenso: é inocente, e sustenta-se de frutos.

O *Coelho* só se diferencia do europeu em ter ainda menor cauda; não são assaz multiplicados, apesar de não terem os inimigos, que tanto os devastam na Europa; porque além de não haver podengos no país, poucos pegam em espingarda para os caçar.

A *Cutia* tem dois palmos de comprimento, pernas altas, orelhas pequenas, focinho de coelho, cabelo avermelhado e rijo, e apenas sinal de cauda: depois de domesticadas vão ao campo, e tornam. Sua carne é um pouco seca e dura.

A *Cuíca* é espécie de rato anfíbio, malhado de branco e negro, com a cauda pelada; come peixe, e as aves que pode caçar.

O *Cuim* é bicho do tamanho de láparo; tem pés curtos, cauda comprida, focinho de doninha; todo coberto de pêlo e de espinhos como alfinetes, que o defendem de qualquer outro: corre pouco, vive no chão.

Há três castas de *Gatos Monteses:* pardos, denominados *Mariscos;* avermelhados e pintados chamados *Maracaiás.* Os derradeiros são mui grandes, e nem sempre tímidos. Dizem que os avermelhados sabem arremedar as zabelês, e que pondo-se de emboscada, as fazem vir junto de si, e as surpreendem.

A *Irará,* conhecida por outro nome, *Papa-mel,* em algumas províncias, tem semelhança de macaco, vista de longe, três palmos de comprimento, focinho agudo, pernas curtas, cauda comprida, cor anegrada, cabeça cinzenta, mas não conservam estas cores em todas as províncias.

O *Guará* tem a figura do lobo, com a diferença de uma pequena clina das espáduas até o coruto inclinada para diante; só se encontram nas províncias centrais, onde não são numerosos, nem tão daninhos como a sua espécie na Europa; sendo contudo roubadores de bezerrinhos: em algumas partes não duvidam chamar-lhe *lobo.* Estima-se-lhe a pele, e os dentes.

O *Guaracão* é uma espécie de cão grande e bravio, que não se confunde com alguma outra deste gênero.

O *Guaraxaim* é uma espécie de cão do tamanho de gato: habita em tocas subterrâneas, que ele mesmo faz: tudo o que encontra no campo, ainda que não seja comestível, como um chapéu ou lenço, o conduz para a porta da habitação.

O *Guaxinim* é uma casta de raposa com focinho curto e grosso; dedos um pouco compridos e abertos; e o peito largo. São mais numerosos nas vizinhanças do mar, a cujas praias descem a caçar os caranguejos.

A *Jariíacaca,* ou *Cangambá,* como lhe chamam em algumas províncias, e que alguns reputam por uma espécie de fuinha, é bem notável tanto pela sua linda figura, sendo branca, malhada de negro, com cauda felpuda, como pela singular e invencível arma com que facilmente se defende de qualquer inimigo, que ouse atacá-la. Este animal, sendo acometido, e às vezes antes de o ser, solta uma porção de urina de fedor tão forte e enjoativo que o agressor não cuida de mais nada que no modo de se livrar dele: os cães ferem o focinho de o esfregar pelo chão; e o homem só deseja mudar de vestido. Contudo matam-se alguns antes que usem da sua arma fatal, ou de improviso antes que eles vejam a gente, ou de longe quando não temem o caçador. Algumas pessoas dizem ter observado uma pequena fumaça esverdeada na parte posterior do canhoneiro, quando ela dispara a peça. Um naturalista que anatomizou alguns, achando-lhes junto do vaso da urina um pequeno receptáculo de água, totalmente distinta da da bexiga, persuadiu-se ser dela de onde procede o fedor. A banha deste animal, sendo aplicada externamente, é um poderoso emoliente; e sua carne gostosa, quando não foi infeccionada com a água fedorenta; também então se lhe aproveita a pele para bolsas: passa pelo gato de algália.

Há numerosas espécies de macacos, somente distinguidos pelo volume e cor do pêlo: notemos as *Guaribas,* que de ordinário andam em magotes, e o mais do tempo por cima das árvores, onde juntas fazem coqueadas, que se ouvem de meia légua; *Sauins,* dos quais alguns são do tamanho de ratos, lindos, alegres e estimados, com penachos brancos saídos de dentro das orelhas: dos chamados *Barbados,* o macho tem uma cuia óssea na garganta, onde forma uma zoada rouca e extensa. Entre outras particularidades nota-se a de não terem aposento, e a de não meterem pé em água; passam os rios fazendo cadeias agarrados uns aos outros; mas se sucede caírem em água, sabem sair nadando como qualquer outro quadrúpede. Quando vão furtar milho às searas, sempre fica um de sentinela em lugar próprio para os avisar da chegada do caçador. De cada vez parem um só filho, que trazem por alguns dias ao colo, depois cavalgados sobre as costas com as mãos por baixo do pescoço. Jamais deixam de ser maléficos, nem tomajm ensino a respeito de asseio.

O *Moco* somente se diferença do coelho em não ter orelhas, nem cauda; também só se encontra onde há pedras, cujas lapas são suas moradas. Domestica-se com a maior facilidade; e domesticado torna-se confiado e atrevido: apesar da sua pequenez investe, maltrata e faz fugir os cães: é um inimigo mortal dos ratos, ainda mais destruidor que o gato; mas de natural extremamente inquieto e infiel, sem sagacidade para executar suas maleficências, o que faz que sua vida não seja prolongada.

A *Onça* é um gato grandíssimo, de aspecto terrível e vociferação pavorosa: as maiores apenas excedem a doze pés de comprimento. Numeram cinco castas: negras de uma mesma cor, ou com malhas miúdas de um negro azevichado e brilhante, denominado *Tigres;* outras pintadas de negro e branco, ou amarelo com simetria, que são as propriamente chamadas onças ou panteras; umas de malhas miúdas, outras delas grossas, chamadas *Canguçus;*[25] outras aloiradas, ou avermelhadas, que são as menores, e chamadas *Suçuaranas;* estas só apanham bezerros e outros animais pequenos; aqueloutras matam um cavalo e um boi em um momento e arrastam-no por uma ladeira acima com muita facilidade; o touro de quatro anos para cima é o único quadrúpede que não se aterra com a vista destas feras e que lhes resiste.

25 Alguns apropriam o nome de *Leopario* & pantera de malhas miúdas.

A caçada das onças é menos laboriosa, porém mais perigosa que a das antas, e nunca divertida enquanto a fera respira. Sendo muitos os caçadores com espingardas, lanças e forcados, que são as armas, de que se usa, sempre com cães, e quanto maior número melhor, a campanha é menos perigosa. A fera, posto que muito mais corpulenta, de força incomparavelmente superior e muito mais ligeira que o cão, a quem tem ódio mortal, avistando-o sempre se afasta, pressentindo gente, mas por pouco espaço; porque ou trepa sobre alguma árvore, encontrando-a, ou acua, urrando e fazendo diligências por pegar algum sabujo, que, por muitos que sejam, jamais se lhe chegam: e ainda assim correm risco grande se a besta lhes chega com as unhas, sua arma principal. Se o caçador não segura bem o tiro de sorte que a alimária fique logo no lugar, ele parte direito aonde vê fumo, e a sua desgraça é inevitável, se não tem, ou companheiros armados, ou alguma lança com que a atravesse, ou forcado que lhe meta no pescoço, quando ele se lhe lança, que é sempre em pé, pegando primeiro com as garras, que com os dentes. Alguns caçadores matam-nas por este modo sem espingarda; e ainda vão alanceá-las em cima das árvores; porque quando o pau não é muito grosso, ele não pode voltar-se, e salta em terra.

A *Paca* é um quadrúpede rasteiro, encorpado, com pouco mais de dois palmos de comprimento, sem cauda, orelhas pequenas, focinho de coelho, cabelo rijo e avermelhado, com malhas brancas miúdas pelas ilhargas e riscas da mesma cor pelo espinhaço: é a melhor caça do país, e pela-se como o leitão.

O *Porco-espim* é do tamanho de um gato, com cauda comprida, todo cheio de espinhos agudos e compridos; mas no feitio assemelha-se mais com um cão. Nos rios centrais é onde são mais numerosos.

O *JagUflné* é espécie de cão pequeno, refeito com riscas. Há três castas de porcos monteses: uns são de todo negros, outros têm a queixada inferior branca. outros de pequeno corpo, e russos chamados *Caitetus;* estes domesticam-se até o ponto de acompanhar o dono por todas as ruas, sem jamais o deixar. A carne destes animais não é saborosa como a dos javalis da Europa.

A *Preguiça*[26] é um quadrúpede curto, muito rasteiro, aparentemente encorpado, coberto de pêlo comprido e grosso, de pernas grossas, armadas de grandes unhas, cabeça pequena, fisionomia redonda com alguma semelhança de macaco, sem orelhas nem cauda: alimenta-se de folhas; trepa as árvores: a extrema lentidão de seu passo lhe mereceu o nome.

O *Preá* é do tamanho e cor dum láparo, com o focinho mais redondo, orelhas muito pequenas e membranosas, e sem cauda.

O *Quati* é muito semelhante à raposa na primeira vista, mormente na cabeça; porém as orelhas são mais curtas, mais redondas e menos peludas; seu pêlo também é comprido, grosso e mole como o daquele animal, do qual tem a fisionomia; as pernas são curtas e grossas; os pés compridos, com cinco dedos guarnecidos de unhas, com o que sobe às árvores e desenterra os insetos; a cauda é comprida, redonda, adelgaçando em todo o comprimento até à extrimidade e variada de listas anulares; o focinho assaz comprido e delgado para a extremidade com tromba de porco; a boca grande e dentes de cão; o queixo inferior é quase dois dedos mais curto que o superior; este animal domestica-se de sorte que acompanha seu dono ao campo como um cãozinho; mas o seu natural inquieto faz que ele esteja sempre preso. Há duas castas deste quadrúpede, sem outra dife-

26 Entr'outros bichos, de que o bosque abunda, Vê-se o espelho da gente, que é remlssa, No animal torpe de figura Imunda, A que o nome pusemos de *Preguiça:* Mostra no aspecto a lentidão profunda; E quanto mais se bate, e mais se atlça, Conserva o tardo Impulso por tal modo, Que em poucos passos mete um **dia todo.**

Caramuru, *Cant.* VII, *Est,* 57.

rença mais que a do volume: os pequenos andam sempre em rebanhos; *Quatimondé* é o seu nome.

A *Raposa* é menor que a da Europa, igualmente astuta e ainda mais daninha pelos estragos que faz nos canaviais e meloais; só a pele se lhe aproveita ordinariamente para xairéis.

Entre várias raças de ratos não devemos deixar em silêncio o denominado *Rato-de-espinho,* que é grande, alvo pela barriga, cinzento por cima, com as ilhargas semeadas de espinhos, agradável ,à vista, sem cheiro e de boa carne.

O *Saruê,* ou *Gambá,* é do tamanho dum gato mediano, com forma de rato, de aspecto feio e cheiro desagradável; pernas curtas, pés e orelhas de rato; pêlo comprido, raro e macio; cauda comprida, afusada e sem pêlo; cabeça e focinho de porco; boca grande com dentes de cão. O que há de mais notável neste animal é uma bolsa, ou segunda barriga por baixo da natural, com uma boca para parte de diante, dentro da qual traz seus filhos até eles chegarem à idade de saber procurar a vida. Dizem uns que este quadrúpede gera, e pare os filhos, como outro qualquer, o que parece natural; e que depois de nascidos os mete naquele saco, onde com efeito só podem mamar, não tendo a mãe tetas senão na barriga superior. Outros pretendem que os filhos se organizam pegados às tetas, donde caem para o saco. O certo é que os filhos acham-se pegados às tetas da mãe ainda pelados, e muito pequenos. É um destruidor dos galinheiros, e apaixonado por cachaça, com a qual se apanha facilmente bêbado.

O *Savia,* segundo achamos, bicho como láparo; tem cabelo como lebre, cauda comprida: cria em covas; come frutas; e sua carne é mui estimada. Talvez seja este animal o que chamamos *Caxinguelê.*

Há duas raças de *Tamanduá,* pequenos, e grandes: o maior, chamado *Tamanduá Bandeira,* é do tamanho dum porco mediano, ao qual se assemelha no corpo, enquanto coberto de cabelo como de javali, negro e basto, com uma lista ruça em cada lado: as orelhas são redondas, e extremamente pequenas; focinho muito comprido e assaz delgado, terminando com semelhança do de cordeiro; boca muito pequena, e sem dentes, língua compridíssima e estreita com que apanha o cupim, casta de formiga, seu único alimento: a cauda é comprida, muito gadelhuda, e arqueada para o pescoço, donde se lhe derivou o nome: tem as pernas curtas, e muito grossas, com cinco dedos nos pés, cada um com sua unha curta e grossa, e deixa uma pegada semelhante à de uma criança, mas com o dedo polegar para a banda de fora: nas mãos tem quatro; os laterais extremamente pequenos; os do meio, que não são grandes, têm cada um sua unha negra de quatro polegadas de comprido, e andam sempre dobrados: pondo o animal os cotunhos no chão. Corre pouco, e também quase não faz diligência para escapar ao agressor: contudo quando irritado, avança ainda ao homem: basta dar-lhe uma pancada no focinho, para ele cair morto. Quando se vê acometido, deita-se de costas, e espera o inimigo; se este se lhe chega, abraça-o, sugiga-o, e jamais o larga, sem se lhe jarretarem as munhecas. Acham-se onças mortas juntamente com este animal agarrados um ao outro. Para caçar este animal, cuja carne é insípida, mas medicinal para certos achaques, é preciso um cão, que o busque pelo rasto; mas para não correr risco, deve ser tímido.

O *Tatu,* do qual há várias castas, que quase só se diferençam no tamanho, é duma figura admirável: a cabeça, e orelhas são de porco; os olhos pequenos; focinho comprido e agudo; boca pequena; cauda afuzada como de rato; pernas, e unhas, grossas, com que em breve espaço faz uma toca no chão para se esconder: o corpo é vestido dum casco duro em conchas atravessadas como de lagosta, e forma de gualdrapa, que lhe esconde a barriga: todo pelado, e negro. O denominado *Tatuim* é pequeno; o *Verdadeiro* maior, e de boa carne; o *Peba* tem a cabeça achatada; o *Canastra* é do tamanho de um porco, e sua carne nociva; o

Bola, assim chamado porque esconde todos os membros debaixo do casco, é esbranquiçado, e sua carne gostosa.

Há cinco castas de veados: *Galheiros,* que são grandes; *Suçuaparas; do Mato; Catingueiros,* e *Campeiros.*

A *Lontra* é um animal anfíbio, muito maior que a da Europa, igualmente voraz, e guloso de peixe: o pêlo é avermelhado, curto, e fechado, e a pele estimada.

O monstruoso anfíbio com figura de lagarto, chamado crocodilo na África e Ásia, tem aqui o nome de *Jacaré,* e encontra-se em todas as lagoas, e rios de corrente tranqüila.

No campo cria-se quantidades de cagados, que nunca entram em água, e cuja carne é gostosa, e o fígado delicioso.

O homem tem menos que temer nas feras, do que nos reptis, cujas espécies são numerosas algumas multiplicadíssimas, e geralmente venenosas. A *Sucuriuba,* que, segundo contam, cresce a mais de 40 pés, só anda nas lagoas, e pegos de água morta. Atando a cauda a uma raiz, ou ponta de pedra no fundo da água, agarra todo o vivente, que se aproxima à margem, e engole-o sem o despedaçar, como fazem as cobras na Europa aos coelhos: ronca debaixo da água ouvindo algum estrondo fora: as lontras são os seus maiores inimigos. O *Surucucu,* que nunca tem mais de 14 pés de comprido, e grossura proporcionada, só se encontra em terrenos frescos e sombrios; a sua pele é alcatifada com simetria; a cauda armada com dois ferrões, e a mordedura apenas curável. A *Jibóia,* que apenas se distingue da precedente quanto à grandeza, e matizado da pele, não tem ferrões, nem morde; quando pega em algum vivente, sempre é para o comer; nunca lhe faz bote sem primeiro ter laçado a cauda a um tronco, afim de que a presa não possa arrastá-la; e depois de a ter bem fatigada, cinge-se-lhe à roda do corpo tão apertadamente, que lhe quebra os ossos, e a mata. A cobra de *cascavel,* assim chamada pela razão de que sua cauda termina com alguma semelhança de vagem de tramoço seco, e que achocalha como ela, apenas toma a grossura da perna de um homem, e comprimento proporcionado: nunca morde sem bater três vezes com o cascavel no chão, e sua mordedura é quase sempre incurável. Dizem que o número dos partimentos é igual ao dos anos do bicho. A *Caninana* é muito comprida, delgada, e negra pintada de amarelo. A *Jararaca,* cuja casta é a mais multiplicada, e fatal: a denominada de *cauda branca* não tem mais de um palmo de comprimento, e seu veneno não tem ainda antídoto conhecido: o vivente, a quem ela picou, fica logo em convulsões, e suores de sangue, e expira em pouco tempo. O *Jararacuçu* é verde negro, assaz comprido, e pouco grosso; mas sua picada de ordinário é mortífera. A cobra de *coral* é pequena, delgada, e venenosa, com listas anulares de várias cores. A chamada de *duas cabeças,* porque todo o seu comprimento é de uma mesma grossura, também é venenosa: e dizem que o seu melhor antídoto é o fígado do mesmo bicho comido. A *cobra verde* é um pouco comprida, muito delgada. A *Papapintos* é grande, parda, e inocente, segundo dizem: de ordinário só se encontra nas margens, ou vizinhanças de lagoas, onde apanha rãs, sapos, e ratos. Dizem que quase todas estas espécies de cobras são vivíparas.[27]

No Brasil há várias espécies de aranhas, que subministram excelente seda. A *Caranguejeira,* assim denominada por ser do tamanho de um mediano caranguejo, é coberta de pêlo comprido, e venenosa. A *Cigarra* tem mais de escaravelho, que de gafanhoto. As espécies das borboletas são numerosíssimas, e as mais lindas acham-se na vizinhança do trópico, e zona temperada. Também aqui há grande

27 Na Freguesia da Muritiba se me mostrou uma cobra, morta naquela hora, por admiração. porque era absolutamente desconhecida de todo o povo: nao tinha bem um pé de comprido; mas era grossa, rollça. Usa como enguia, da qual tinha a cabeça: a cauda era curta, aguda com forma **plramldal: tinha quatro** pés extremamente pequenos sem sinal de pernas.

variedade de moscas, e insetos fosfóricos, **que brilham** de noite: e ainda diversas espécies de formigas; as mais notáveis são as de *mandioca,* as de *correição,* e o *cupim.* As primeiras são avermelhadas, grandes, e um flagelo das lavouras, e ainda das árvores frutíferas, como laranjeiras, e outras igualmente ou mais robustas. Todos os trabalhos admitem dias de descanso, menos o de preservar os mandiocais deste daninho vivente: é preciso deixar-lhe todos os dias de comer, para que não devorem de noite as plantações, e desfolhem as árvores; porque só de noite fazem as depredações. Fazem espaçosas cavidades subterrâneas com muitas entradas ou saídas longe umas das outras, para se servirem dumas, quando se lhes tapam as outras. Quando acontece ficar esta cavidade debaixo da parede de algum edifício, ele vem às vezes abaixo, abatendo a terra com o inverno. As de *correição* são pequenas, e mudam-se de um distrito para outro em inumeráveis legiões, que cobrem muitas braças de terreno em sua marcha: nenhum vivente fica no lugar, por onde passam: os pequenos são mortos, e os grandes obrigados a fugir. O *cupim* é uma formiga pequena, esbranquiçada, e gorda, que só se mantém do farelo de lenho, com o qual, e uma espécie de grude, que sai de seu mesmo corpo, cobrem de abóbada a estrada por onde caminham sem serem vistas dos outros insetos, e aves que as comem. É um destruidor dos madeiramentos dos edifícios; e faz sua casa nos tetos com os mesmos materiais em forma redonda cheia de células: outras fazem-nas nos forcados dos ramos das árvores; porém a maior parte edificam-nas no chão com terra abetumada com o mesmo grude, ficando todo o interior cheio de células, salões, e corredores: sua forma é piramidal: algumas com muitos pés de alto; e resistem por muitos invernos às tempestades; mas nem um só momento às garras dos tamanduás, que lhas desmancham, e comem todos os habitantes.

Há diversas espécies de abelhas; se bem que nenhuma delas se pode comparar com a única européia na utilidade do seu produto. A chamada *ururu* é a mais numerosa, e de cor parda: fazem-se-lhe cortiços de pau, que dependuram debaixo dos beirados ao enxuto; o aivado ou porta é um orifício, por onde cabe comodamente uma por cada vez, e onde sempre está uma de vigia com a cabeça de fora, para impedir a entrada aos pequenos insetos. Esta sentinela tem o incômodo de recuar cada vez que alguma quer entrar ou sair. A *mumbuca* é anegrada. A *mandassaia* negra e curta. Todas três são do tamanho da européia. A *tupim* é mais pequena. A *teuba* é também pequena, e amarelada. A *cupineira,* assim denominada, porque ocupa as casas desertadas do cupim, faz bom mel. A *tataíra,* a *saranhó.* De todas estas espécies só as duas últimas são mordazes. A *gelai* é do tamanho de mosquito, e fabrica um mel muito líquido, e delicioso; e no aivado um tubo de cera em forma de buzina, pelo qual entram a uma e uma. A *caruara* é pouco maior que a precedente. A *preguiçosa* é do tamanho da getaí, e fabrica um mel insípido. A denominada *mosquitinho* é muito pequena, e negra, e mora no chão. Nenhuma destas espécies fabrica favos como as da Europa: todos são redondos, e as células desiguais com forma de bolhas sem regularidade, nem simetria; e a cera mais ou menos glutinosa; e nunca toma a alvura da do Mundo Antigo. Todas as colméias, de qualquer espécie de abelhas que sejam, têm muito pouco gado; e eu ignoro a causa.

Também há várias castas de *Vespas,* ou *Marimbondos,* como lhes chamam no país. A *Inxui,* é delicada, e faz sua habitação ordinariamente de forma redonda, lisa, e de cor cinzenta pegada a um ramo, ou no chão presa à alguma planta: seus favos são covos, e encaixados uns nos outros como tigelas em pilhas, muito estreitos com um pequeno intervalo de permeio, lisos pela parte côncava, a regular, e finalmente esburacados pela convexa, sem diferença dos favos das abelhas européias: estes orifícios, ou células são cheios de um mel

amarelado, e saborosíssimo, que por fim fica como açúcar refinado. O *Inxu* é grande; fabrica os favos pelo método daqueloutra, e enche-os de um mel ótimo.[2]*

Se o Brasil não possui tão numerosas espécies de quadrúpedes como algumas províncias do continente, talvez nenhuma outra o iguale nas das aves, geralmente mais notáveis pela plumagem que pelo canto.

Alma de Gato é do tamanho duma pomba, cinzento pela parte inferior, aloirado pela superior, com cauda muito comprida, bico curto, e curvo; e não tem canto.

Há várias castas de *Andorinhas,* só distinguidas ou pelo tamanho, ou pela cor mais ou menos negra.

Anum é do tamanho de um melro, todo de um negro azevichado, e brilhante; cauda comprida, redonda, e só com oito penas; bico adunco, pontudo, assaz grosso na raiz, e aguçado pela parte superior: seu canto é um grito triste; seu vôo curto: andam sempre em bandos pouco numerosos, e nunca se pousam em árvores altas. Dizem que põem todos em um mesmo ninho comum: o certo é, que se acham ninhos deste pássaro com grande número de ovos, ou para melhor dizer com várias ninhadas deles, separadas com camadas de feno. Há outra casta de *Anum* do tamanho daquele outro, de cor cinzenta, bico fino e um pouco curvo, com um penacho, que levanta e abaixa.

Araponga, ou *Guiraponga,* é do tamanho de uma pomba pequena, branca como neve, com o bico largo na raiz, um pedaço depenado, e de cor verde à roda dos olhos. Este pássaro pousa-se no topo da mais alta árvore dos bosques, e ali passa a maior parte do dia em um canto mavioso, que imita bem o ferrador atarracando ferraduras na bigorna.

28 Podemos dizer que toda a cera que se gasta no Brasil vem do Congo. As abelhas da África ardente sao da mesma casta que as da Europa temperada ou fria. Nenhuma diferença se nota na forma dos favos, nem na qualidade da cera. sendo tão diferentes os vegetais, e as flores, de que a extraem. Parece natural que sendo transportadas ao Brasil nao percam o talento de fabricá-la com a mesma bondade, nem diminuam suas numerosíssimas famílias. A experiência é só quem o pode mostrar. Nao sucedendo como se deseja, nada se perde na experiência: mas prosperando, qual deve ser o lucro deste Importante ramo de comércio? As abelhas transportadas da Flórida para a Ilha de Cuba em 763 prosperaram tao prodigiosamente, que em 764 produziram, além da cera necessária para o consumo do pais, acima de dez mil arrobas que se exportara. Não se nos falam na casta destas abelhas. Há uma diminutissima pulga, no Idioma do pais *Tunga,* que se lntrcduz no corpo de alguns animais, principalmente no do homem; e dentro de poucos dias tem deposto um grande número de ovas, com que Incomoda, e às vezes produz consequências terríveis; e uma casta de lagarta extremamente pequena, que é a destruição dos livros.

Sabemos que antigamente houve neste país uma alimária de desmesurada grandeza; porém Ignora-se o seu gênero, e figura, como também a época, e a causa de sua extinção. Morse dá a este quadrúpede o nome de Mamute, e diz que os índios da América Setentrional pretendem que a sua espécie ainda existe nos bosques, que ficam ao Norte dos Lagos grandes; mas nenhum homem cordato deve conceber a esperança de ver este animal : porque as relíquias, que mostram a sua antiga existência, em toda a parte atestam uma antigüidade remotíssima. Talvez fosse este quadrúpede o *Behemoth,* de que fala Jó no Cap. XL. v. 10. Quase todos os comentadores deste Sagrado Livro, que se aclngem à letra, entendem por *Behemoth* o elefante, por ser o mais volumoso vivente conhecido entre os terrestres. As expressões do Sagrado Escritor designam um animal de extremosa corpulência; e nenhuma, ao que parece, é exclusivamente particular ao elefante. Se este é hoje o chefe dos quadrúpedes pela sua magnífica corpulência, n&o o era seguramente enquanto vivia aqueloutro, a cujo respeito era menos, do que um carneiro a respeito do mesmo elefante. Se este Já era o maior dos quadrúpedes do Mundo Antigo em tempo de Plínio, o *Behemoth* vivia ainda nos dias do Escritor Sagrado.

A oplnláo dos que pretendem que a extlnçfto destes quadrúpedes nao deve ser mui remota, pela razão de que os ossos não podem existir enterrados dilatada série de lustros, desvanece-se com a certeza de que quando os europeus se estabeleceram nesta parte do Mundo, Já entre os muitos Indígenas centenários, que encontraram, não havia um só, que tivesse lembrança do animal.

Também não parece verossímil, que este animal fosse carnívoro, como alguém pensou nas províncias setentrionais. Todos os quadrúpedes volumosos como o elefante, o rinoceronte, o camelo, o boi, o cavalo, são herbívoros.

Esta alimária devia ser naturalmente de marcha lenta, Imprópria de um caçador ou carnívoro; e de ventre tão capacíssimo, que somente vegetais podiam fazer a sua mantença. Entre as multas ossadas, que deste animal se hão encontrado em diversas províncias do Novo Mundo, talvez nenhuma ajuda a formar dele melhor Idéia do que a carcassa, que nos fins do século passado descobriram (no termo da Vila de Rio de Contas) os alimpadores de um caldeirão de pedra com o intuito de fazer dele tanque para o gado, como provavelmente fora dos animais selváticos na antigüidade antes de entupido. Esta ossada, consideràvelmente danificada, ocupava um etpaço de mais de trinta passos de comprimento: as costelas tinham palmo e melo de largura; as canelas eram do comprimento dum homem de mediana estatura; as presas tinham quase uma braça incluindo a raiz: um dente molar Já sem raiz pesou quatro libras; para tombar o queixo inferior, foram precisas todas as forças de quatro homens.

Azulão é uma espécie de pardal cor de anil, que depois de acostumado à gaiola arremeda vários outros passarinhos.

Bem-vi, assim chamados pelos europeus em razão de articular perfeitamente, e com valentia, as palavras, que compõem o seu nome; é do tamanho de uma cotovia, com um círculo branco à roda da cabeça, bico grosso, e pontudo; amarelo pela barriga, aloirado por cima.

Bicudo é uma casta de pardal, ou azevichado, ou aloirado: cantador, com o bico muito curto, e grosso.

Cabeça de Rubi é uma casta de toutinegra esverdeada com uma pequena barretina de carmesim, que esconde, quando quer, com as penas dos lados: a fêmea tem a barretina negra, e maior.

Caboré é o pequeno mocho da Espanha.

Caiçu, que quer dizer cabeça grande, é do tamanho duma cotovia, de feitio desagradável, com as asas, e cauda cor de tabaco, a barriga cinzenta, uma malha branca no peito, a parte superior do corpo parda, salpicada de branco; pescoço grosso, bico grosso e negro, pontudo, e circulado de barbas compridas, grossas, e duras: seu canto não lisonjea mais o ouvido.

Canário tem a forma, e quase a mesma cor, mas não a cantilena dos das Ilhas Fortunadas; porém é estimado, mais pelo valor, com que se bate, quando se metem dois machos numa gaiola, do que pelo canto, com que paga o sustento. Este pássaro é entre os pequenos o primeiro que anuncia a chegada do dia.

Canção é do tamanho dum melro; branco pela barriga, escuro pela parte superior, com cauda assaz comprida, redonda, e branca na extremidade. A parte anterior da cabeça, o pescoço, e o peito são cor de azeviche. Tem uma malha grande branca na parte posterior da cabeça; um pequeno penacho negro; uma malha pequena, e redonda por cima dos olhos, que começa azul, e acaba branca; o íris amarelo, que dilata, e comprime; bico grosso, e curto. Este pássaro anda sempre muito perto do chão, e em percebendo algum vivente, logo dá sinal. É dos mais coléricos do país. e destruidor dos outros, comendo-lhes os ovos, e os filhos enquanto pelados.

Cardeal é um pouco maior que o pintassilgo, com o qual tem parecenças. Uma barretina carmezim, que lhe cobre ainda parte do pescoço, é que lhe faz dar o nome: seu canto é valente, e engraçado.

Carriça só se diferença da européia, em ser um quase nada maior, e menos tímida. Faz o ninho indiferentemente dentro das casas habitadas, e no campo; e não com a arte, nem pelo método, com que o fabrica a da Beira.

Chama-Coelho é pouco menor que o melro, com a cabeça negra, a parte inferior amarelada, a superior cor de tabaco.

Cegonha é da mesma casta das que aparecem em fevereiro na Província Transtagana.

Casaca-de-couro é do tamanho da cotovia, amarelado por cima, e pardo pela barriga.

Colhereira, à qual com justiça dão a preeminência de rei das aves paludais, é do tamanho de um grande capão, derrabada, cor de rosa por cima, alvadia pela barriga, de pernas altas, pescoço longo e branco, bico comprido, assaz grosso na raiz, quadrado no meio, largo, e chato na ponta em forma de espátula.

Colibri, conhecido no país unicamente pelo nome de *beija-flor,* é a mais pequena ave, que se conhece. M. Robert diz, que ele não é maior que uma mosca; porém sua asserção não é verdadeira. Eu vi dez castas deste lindo passarinho de vários tamanhos; os maiores não excediam no corpo o denominado *chelho* em algumas terras da Beira Baixa. Todos têm as asas compridas para o corpo; e todos são de furta-cor. Comecemos pelos maiores, que são cor de anil com uma malha branca no lombo. Os da segunda espécie só diferem daquelas outras em serem mais pequenos, e não terem a malha. Ambos têm a cauda comprida, e

muito forcada. Os da terceira casta, e grandeza, são pardos, e costumam fazer o ninho dentro das casas habitadas com forma de bolsa, dependurados, e presos à ponta duma palha. Os da quarta são de todo esverdeados. Os que compõem a quinta casta são da mesma cor, e grandeza, com uma malha branca no peito. Os da sexta só se diferençam dos precedentes em ter a cauda curtíssima. Os da sétima têm a mesma cor e tamanho, e a cauda amarelada. Os da oitava têm a cor do rouxinol, com o peito finamente salpicado de branco. Os da nona casta são dum verde brilhantíssimo, com as asas e cauda assaz escuras; bico curto, delgado, e amarelado. Todas aquelas outras castas o têm comprido, pontudo, delicado e reto, à exceção das pardas, e cor de rouxinol, que o têm um pouco curvo. Os da décima espécie são escuros, ou quase negros, com a cauda curtíssima, e cor de fogo, bico preto, e pouco comprido: quando virado para o observador, a garganta, e o peito tomam num instante várias cores, segundo os movimentos do passarinho; umas vezes a da aurora, quando mais rutilante, ou de ouro derretido no cadinho, fugindo de repente umas vezes para verde, outras para azul, outras para branco, sem nunca perder um brilhante tão' inimitável como inexpressável; a cabeça, que é negra, e ornada com um penachinho da mesma cor, quando a ave está com as costas, ou de lado para a gente, parece cravejada de cintilantes rubis quando lhe apresenta a dianteira; ou toda dum escarlate brilhante, que insensivelmente passa a um amarelo refulgente. Todos geralmente têm a língua compridíssima, pernas curtíssimas, e olhos negros. Pessoas fidedignas me certificaram que também os há negros com a cauda branca; e ainda cor de ouro, e pouco maior que um grande besouro, do qual todos têm o vôo, ou movimento das asas, não deixando distinguir se são membranas, descobertas de penas, que tão rápida é a sua vibração, ainda estando parados diante da flor. Seu alimento principal é o suco, ou mel das flores, que tiram, não como as abelhas, mas da mesma sorte que o besouro. Se não são todos, ao menos alguns têm a língua fendida. Ordinariamente ouve-se primeiro o zunido, que esta avezinha faz com as asas, do que ela seja vista. Investe com todos os outros pássaros, e nenhum a persegue. Seu canto, longe de se parecer com o do rouxinol, como pretende Vosgien, é como o dum pinto de poucos dias. Nenhum pássaro no Brasil faz seu ninho com tanta arte e perfeição.[29] *Guainumbi* lhe chamam algumas nações indígenas.

Há várias castas de *Corujas:* algumas têm uma fisionomia galharda.

Ema, que é o Avestruz do Mundo Antigo, é o maior pássaro do país; tem o corpo redondo, coberto de penas pardas, compridas, e arrepiadas; pernas grossas, e assaz compridas, com três dedos curtos e grossos; pescoço muito longo, bico grosso e curto; dois ferrões nas juntas das asas, que não lhe são suficientes para voar; mas em descampado corre mais que um cavaleiro: não tem cauda; e quando levanta a cabeça, é da altura dum homem. Suas penas são estimadas para penachos; e a pele curtida para calções.

Encontro é do tamanho dum verdelhão, comprido, delicado, escuro, com uma malha amarelada na junta da asa. Há duas castas azevichadas; uma das quais tem as malhas brancas, a outra encarnadas.

Feiticeiro é do tamanho duma cotovia, entre amarelo, e vermelho por cima, cinzento pela barriga, com bico de melro, olhos como rubis, e um pequeno penacho: é dos mais coléricos.

Galeirão é do tamanho duma pomba, esverdeado pela parte superior, e roxo pelo inferior, com a cauda curtíssima, pernas compridas e amarelas, pescoço delicado, cabeça pequena e anegrada com uma crista chata, lisa, e branca; bico curto, grosso, e cor de lacre com a extremidade amarela. Pasta nas margens das lagoas, e sua carne é saborosíssima. Há outra casta de *Galeirão,* quase do mesmo

29 O *Colibri,* ou *beija-flor,* nao entra na classe dos *Crisálidas,* nem morre maia de uma vez.

tamanho, e vistoso: é redondo, e derrabado; com o pescoço comprido, e delicado; cabeça pequena, e ornada com uma crista; bico de melro; pernas muito compridas, e dedos ainda mais compridos; asas redondas com as penas grandes amarelas; a parte superior aloirada; a inferior negra, como também o pescoço, e cabeça. Tem uma unha redonda, e pontuda na junta da asa.

Galo-do-bando é do tamanho dum pardal, negro, com uma malha alvadia no lombo, e o coruto da cabeça vermelho; a cauda comprida.

Guará, uma das mais lindas aves paludais, tem o corpo duma perdiz, pernas compridas, pescoço longo, bico comprido, e um pouco curvo; sem cauda. A primeira pena é branca; passado algum tempo torna-se negra, e finalmente escarlate, conservando a segunda cor nas extremidades das asas.

Garças pequenas, e grandes brancas, e também grandes cinzentas.

Grande variedade de gaviões: o *Cauã,* ou *Macauã,* é pequeno, e o seu grito imita os brados dum homem sobressaltado de alguma desgraça; e serve para algumas pessoas de prognóstico a respeito da chuva ou de tempo seco. O *Coro-cuturu* é pardo, de quatro palmos de comprimento do alto da cabeça até à extremidade da cauda, com dois chifres de penas compridas aguçados a par um do outro; e unhas negras de polegada e meia de comprimento, e grossura proporcionada, com as quais arrebata um mico, ou macaco pequeno, de cima das árvores, e o leva pelo ar com muita facilidade. Pouco ou nada difere do bufo. Alguns brigam, e matam as cobras, fazendo escudo das asas, e lança das unhas.

Grunhatá é do tamanho de pintarroxo, amarelo pela parte inferior, e na anterior da cabeça; o resto é escuro tirando a azulado: seu canto é harmonioso: arremeda outros passarinhos depois de acostumado à gaiola. Há outras castas: uma delas é amarelada, com a cauda, e asas esverdeadas, e uma risca negra ao comprido de toda a parte inferior: seu canto difere pouco daquele outro.

Jaburu é maior que o peru, derrabado, alvo como neve, de pernas compridas, pescoço muito longo, bico comprido, e pontudo.

Jaçanã é pouco menor que o tordo, avermelhada pelo peito, cor de tabaco por cima; com asas curtas e redondas; cauda curtíssima com 8 peninhas; olhos encarnados, pernas da mesma cor, e assaz compridas; bico fino; uma malha avermelhada na parte anterior da cabeça: anda sempre pelo chão, e não é fugitiva.

Jacu é do tamanho de um grande capão, preto, com figura de perua.

Jacutinga é um pouco maior, com a mesma figura, e cor; pernas vermelhas, o meio das asas branco, bico verde, olhos grandes e negros; as penas da parte superior da cabeça compridas e brancas; o peito salpicado de branco. *Jacupemba* é menor que o primeiro, e tem o peito cinzento. *Aracuã* é ainda uma casta de Jacu, tamanho de pomba, com a cauda, e pescoço comprido, e dum preto aloirado: a goela do vento antes de entrar para o peito faz digressão até à extremidade do ventre. Todos estes quatro pássaros têm mamilos na garganta como as pernas.

Japu é do tamanho de uma pomba, negro, com a cauda amarela; bico da mesma cor, grosso, roliço, e finalmente pontudo: quando canta, dependura-se pelos pés com o corpo para baixo, batendo com as asas uma na outra. O *Japuí* é menor, e da mesma cor; com uma grande malha vermelha no lombo, olhos pequenos, e o íris azul. Ambos fazem o ninho duma maneira que é notável, tanto pela forma como pelo artifício, com que o fabricam na extremidade dos mais altos ramos horizontais, em forma de bolsa de 5 ou 6 palmos de comprimento, feitos de musgos, tecidos de sorte, que andam continuamente balançando com o vento sem se despegarem. Tão grande é a cautela, de que usam, afim de precaver a mágoa de ver sua descendência devorada pelo seu inimigo. Estragam as laranjas, para lhes tirar as pevides.

Inhuma é do tamanho dum capão, escura pelas costas, cinzenta pela barriga; com asas de extraordinário comprimento; chegando a 10 palmos de abertura, e

dois ferrões de desigual grandeza em cada uma, e um chifre ósseo de meio palmo de comprido, e grossura do canudo duma grossa pena de peru, agudo, um pouco curvo na extremidade, com virtude magnética, e ainda contra veneno; quando quer beber, mete-o primeiro nágua, e os outros pássaros, que andam após dele, como os quadrúpedes atrás da abada, só então bebem. Sua carne é esponjosa, como bofes de qualquer outro vivente, e não se come. Também as há do tamanho de pombas.

João-de-barro é uma casta de cotovia, amarelada, com uma risca esbranquiçada por cima dos olhos; e só notável pela formatura do seu ninho de barro, donde se lhe derivou o nome. É feito com muita arte, e perfeição no forcado duma árvore, e consta dum corredor, com pouco mais dum palmo de comprido, com sala quase do mesmo comprimento a um lado, tudo de abóbada, com uma janela de permeio no fim do corredor, cuja entrada é pequena, e fica sempre para aquela parte, donde o vento sopra menos. Este edifício resiste às invernadas por muitos anos.

João-tolo é do tamanho dum pisco, verde aloirado de furta-cor por cima, amarelo pela barriga, com uma malha branca na garganta; pescoço muito curto, bico assaz comprido, e pontudo; é manso, e não tem canto.

Lavandeira é pequena, e branca, com as asas negras.

Entre várias castas de *maçaricos,* que vivem nas margens dos rios, e lagoas, há um pouco menor que o tordo; cinzento por cima, branco pela parte inferior; de cauda curtíssima; pernas compridas, e vermelhas; cabeça grande e chata, rodeada com um círculo branco e estreito, que descansa sobre outro negro e largo; uma coleira da mesma cor; pálpebras encarnadas, unhas negras, dois ferrões nas juntas das asas, que são brancas com as extremidades negras. Há diversas castas de marrecas, e de mergulhões.

Marido-é-dia não tem diferença da fêmea do tentilbão; seu canto é o seu nome mal articulado.

Morcegos são multiplicadíssimos por toda a parte, e alguns do tamanho de pombas, prejudiciais aos gados, a certas frutas, e ainda às casas, e templos, soltando borrões de tinta negra, que não se lava, enquanto comem a baga da coirana.

Mutum é quase do tamanho dum peru, negro azevichado e brilhante; airoso com um penacho crespo, olhos espertos, bico amarelo, pernas vermelhas, coxas brancas. Seu canto lúgubre, sua carne deliciosa. A fêmea tem o penacho pintado.

Também há diversas castas de *noitibóis,* ou *curiangos,* como lhes chama o vulgo. Nota-se uma que anda de dia nas margens das lagoas, dum lindíssimo, e inimitável pardo pela parte superior, e branca pela inferior, com uma malha branca no meio das asas, e as extremidades negras; cabeça grande e chata; olhos grandes e negros; apenas com um sinal de bico adunco, e boca extremamente grande: o dedo maior, que não é proporcionado à pequenez dos outros, tem uma serra ou pente para a banda de dentro. A carne deste pássaro, quando gordo, é saborosíssima.

Paó é do tamanho duma pomba, negro com o peito encarnado, bico proporcionado: sua carne é deliciosa, quando ele está gordo.

Papa-arroz é pequeno, e todo negro; anda em bandos.

Há vinte e tantas castas de *Papagaios,* a contar do mais pequeno *Periquito* até à *Arara:* todos têm boa carne, com especialidade o *juru:* os que compõem a última classe, são de três castas: *Ararunas,* que são de todo azuis; *Canindés,* também azuis por cima com a barriga dourada; e outras, que têm a parte inferior e a cabeça encarnadas.

Nas lagoas, que ficam longe dos povoados, há patos grandes, uns pardos, outros brancos, outros de coral.

O chamado *Pavão* é do tamanho duma cotovia depenada; mas enquanto vestido é maior que o tordo. Tem pouca pena, e essa é que lhe dá o volume, porque é geralmente comprida e dum belíssimo brilhante de furta-cor; principiando verde-loiro nos encontros, acaba verde-azul no lombo; a da barriga é encarnada: as asas são pequenas e redondas, e dum lindíssimo e inimitável pardo: a parte inferior da coxa é vestida de pena escura, que cobre as pernas, as quais são delicadíssimas, não têm mais de 4 linhas de comprimento: os pés são escansórios: a cauda tem 6 polegadas de comprido: as duas penas centrais são escuras de furta-cor; as quatro próximas azevichadas, e todas seis iguais: as outras seis têm as extremidades brancas, e vão em diminuição, de sorte que as dos lados têm mais de duas polegadas de menos que as do meio: a cabeça é um pouco grande, coberta de pena crescida, que forma um penachinho azul-escuro: o bico muito curto, um pouco adunco, extremamente largo na raiz, terminando pontudo, e rodeado de cinco bigodes ou topetes de barbas grossas e negras; os olhos são grandes e negros, com a pálpebra amarela. Há cinco espécies de perdizes, todas pardas, e derrabadas: as mais pequenas, chamadas *Nambus,* têm o bico encarnado as denominadas *Zabelês* são pouco maiores, que as da Europa, e têm as pernas amarelas: as *Enapupês* são ainda maiores, e têm o bico comprido: as chamadas *Macucos* são muito mais corpulentas, e de cor escura, com dois esporões nas juntas das asas, e uma serra (ao menos os machos) na parte posterior das pernas: as denominadas *Capoeiras,* que são um pouco maiores que as *Nambus,* andam em bandos. Todas as outras se espalham, depois que as mães as deixam. Todas pousam somente no chão; porém o *Macuco* pernoita sempre em cima de árvores.

A espécie dos *Petos,* ou *Pica-paus,* é muito variada; mas nenhuma gritadora como o *Petoreal* das nossas províncias.

Peru-do-mato, impropriamente assim chamado pelos brancos, é do tamanho dum melro, negro-cinzento, muito fornecido de pena, que termina com pêlo; cauda azevichada, pés escansórios, bico grosso, pontudo, e cor de lacre: quando canta, levanta o bico a prumo para o céu.

Quero-quero, que quase faz o volume duma perdiz, é branco pela barriga, com o peito e garganta negra, de furta-cor por cima com uma malha branca no encontro das asas, que são armadas com dois esporões, e cujas penas grandes são negras, e excedem muito o comprimento da cauda, que é curta com a extremidade branca: os olhos sao vermelhos e lindos; o bico de pomba, vermelho, com a extremidade negra; a cabeça ornada com um penachinho pontudo e negro; as pernas compridas, e as coxas ainda maiores com a porção inferior nua e vermelha: sua carne é gostosa: parece que não dorme, porque se ouve grasnar pelo ar a qualquer hora da noite: pasta nas margens das lagoas.

A espécie das *Rolas* também é muito variada: as chamadas *Juritis* são um pouco menores que aquelas que passam da África para a Europa na primavera, e não têm a sua formosura: seu canto, que não tem mais que uma nota longa, é tristonho: as denominadas *Rolas de Cascavel,* por causa duns estalos, que fazem com as asas, quando se levantam, são lindamente pintadas de branco, e pouco maiores que um pardal: comumente procuram o sustento em bandos, e batem-se com as asas: as da terceira casta, chamadas *Caboclas,* pela razão da sua cor de tijolo, são do tamanho das precedentes. As outras castas todas passam com o nome de *Pombas:* as *Cardigueiras* são pequenas; as chamadas de *Asa Branca* são os pombos trocazes da Europa; as *Trocazes* do país são grandes, e têm o bico vermelho, como também as chamadas *Pararis.*

Sabiá é o tordo, e o pássaro mais cantador do país: seu canto não difere do melro, do qual alguns, mas raríssimos, têm também a pena, e até o bico amarelo.

Os *Sais* são uma espécie de passarinhos lindos, e divididos em várias castas: o *Saí-da-sécia* é do tamanho da carriça, da qual tem o bico; roxo pelas costas, e pela barriga, com as asas negras por cima, e amarelas pela parte inferior; cauda negra; pés cor de rosa; cabeça prateada, e olhos azuis: o *Saí-bicudo* é de tamanho do pintaroxo, de cor esverdeada, com a cauda e asas negras, e bico pontudo: o *Saí-roxo* é do tamanho de um pardal, com a cauda e asas negras; a cabeça, e o peito roxo, bico curto e pontudo: o *Saí-de-coleira* tem a forma, e grandeza de pardal, com a cabeça roxa, pescoço encarnado, barriga verde; costas, asas e cauda esverdeada; bico curto: *Saí-Xê* tem a cabeça, asas e cauda esverdeadas; o peito entre azul e verde; a garganta e as espáduas negras; o lombo amarelo; bico curto: o *SaUPapagaio* é do tamanho do verdelhão, de furta-cor entre azul e verde. com a cauda negra, bico curto, muito largo na raiz, e fino na extremidade.

Sanhaço é uma casta de verdelhão.

Seriema é pouco maior que a perua: seu canto simples e mavioso: anda sempre pelo chão, e voa pouco.

Serrador é um passarinho anegrado com bico de pardal: só se pousa em paus secos, e desembaraçados, como o taralhão; e incessantemente se está levantando a prumo obra de dois ou três palmos; e pousando no mesmo lugar, fazendo o compasso duma serra. Não tendo canto, com que lisonjeie o ouvido do homem. nem plumagem com que lhe recreie a vista, ele o faz parar, e admirar a singularidade de que o dotou o Criador.

Sofrer, ao qual os brancos puseram este nome, pretendendo que ele o articula no seu canto pouco harmonioso, é um pouco menor que o melro, cor de ouro, com a cabeça, garganta, cauda, asas, e encontros negros, com uma malha branca no meio das asas: a cauda assaz comprida: o bico roliço, pontudo, e negro, com uma malha branca em cada lado da mandíbula inferior; o íris amarelo.

Soco é um gênero de pássaro, que compreende várias castas: o branco é do tamanho dum grande capão, derrabado, com as pernas um pouco compridas, bico comprido e azulado; a parte anterior da cabeça negra; a posterior guarnecida com um penacho comprido, pontudo, e caído para o pescoço, que é um pouco longo. O cinzento só se diferença do precedente na cor. Nota-se outro pouco maior que o melro com dois palmos e meio de abertura, três da extremidade do bico até à dos pés, esverdeado pela parte superior, e cinzento pela inferior; bico comprido e pontudo; o íris amarelo; pescoço com um palmo de comprimento, pouco fornecido de pena, e pintado pela parte inferior; cauda com duas polegadas de comprimento; a cabeça negra ornada com um penacho.

Tapera é pouco maior que o melro: todo branco com a cabeça, cauda e as asas negras; bico grosso e pontudo.

Tiê, ou *Tapiranga* é muito maior que o pardal: as penas grandes das asas e da cauda são negras: o resto todo carmezim: o bico grosso e negro com duas malhas brancas na mandíbula inferior. O *Tiê-negro* é do mesmo tamanho com uma malha vermelha na cabeça.

Tangará é do tamanho dum tentilhão, de cor verde-mar com a cabeça vermelha, cauda curta, ornado com duas guias compridas; bico mui curto, fino e pontudo.

Tucano é do tamanho dum frango, negro, com o peito entre vermelho e amarelo, e bico um pouco adunco, de grossura e comprimento descompassadamente grande para o corpo. O *Arassari* é outra espécie de tucano com diferença na cor da pena; o bico um pouco menor e reto: a sua cantiga é o nome com que o designamos. Os tucanos nidificam nas cavidades dos troncos anosos: só põem dois ovos; e sua primeira plumagem é branca: têm de cada lado na cabeça um pedaço nu, e como vernizado, cor de lacre.

Tuiuiú é muito maior que o peru, branco com as pernas negras, muito altas; pescoço assaz comprido; bico pontudo: é derrabado, e da altura dum homem: pasta nas margens das lagoas, e sustenta-se de peixes.

Viúva é do tamanho dum pardal, negra com a cabeça branca, cauda proporcionada, e ornada com duas guias compridas. Há outra espécie de *Viúva,* do tamanho de pintarroxo, também negra com a cabeça branca, e um pouco grande para o corpo em razão da pena, que é muito crescida na parte superior; pescoço curto, e bico delicado como o de taralhão. Sempre se pousa em paus secos, e não canta.

Urubu é uma espécie de abutre, do tamanho dum peru, negro com a cabeça pelada, quase como a deste, bico proporcionado, e curvo na extremidade da mandíbula superior. Há mais duas castas de *urubus,* ambas raras: os duma só se diferençam daqueles em terem os encontros vermelhos: os da outra, a que chamam *Urubu-Rei,* são brancos cinzentos, com a cauda e asas negras; o pescoço absolutamente nu, e carnudo; cabeça mal coberta de uma lanugem; papo pelado; as pálpebras vermelhas; o íris alvíssimo, a prunela negra; e sobre o nariz uma curúncula composta de vários glóbulos de diversos tamanhos, amarelos, e presos por um delgado pedúnculo comum.

O *Urubu* é pássaro absolutamente mudo, manso, inocente, carnívoro; mas não enceta animal, por pequeno que seja, enquanto ele palpita. Nota-se que os negros não encetam um animal morto, enquanto o rei, ou branco lhe não come os olhos, se é que ele está presente, segundo dizem.

Barbudo é pouco menor que o melro, e também negro com uma grande malha branca no lombo, e outra amarelada no peito; cauda e pernas curtíssimas; cabeça grande com sobrancelhas mui fornecidas; bico azevichado, um pouco adunco, e pontudo, ornado de bigodes. Nas lagoas mediterrâneas há uma *Gaivota* do tamanho da andorinha, alvíssima pela parte inferior; cor de pérola pela superior; de cauda forcada, asas assaz compridas estreitíssimas com as três guias negras, como também a parte anterior da cabeça; o bico comprido e amarelo.

Patativa é menor que o pintarroxo, cinzento, e cantador.

A *Rendeira* é do tamanho dum pisco, branca, com a cabeça, cauda e asas negras, bico e cauda curtos.

O *Tico-tico* tem a grandeza da carriça, e quase a sua cor nas costas com a barriga amarela, e um semi-círculo branco por cima dos olhos.

Tacoara é maior que o melro, esverdeado, com a cauda mui comprida, a parte superior da cabeça loira, e uma grande malha negra à roda dos olhos.

FITOLOGIA — Talvez não haja país que possa competir com o Brasil na multiplicidade de vegetais, ao menos no préstimo. Abunda em diversidade de excelentes madeiras de construção, de paus de tinturaria e plantas medicinais. A natureza, tão fecunda neste objeto, tinha entre as inumeráveis espécies indígenas muito poucas das que produzira na Europa; porém os conquistadores têm naturalizado grande número das deste país, posto que não prosperaram, como no terreno natural. As da África e Ásia não estranharam o terreno, quando plantadas nos mesmos climas. A oliveira cresce pouco, envelhece cedo, e não frutifica na zona Tórrida. O castanheiro só é conhecido nas províncias do Sul, onde os pessegueiros são multiplicadíssimos e fecundos; e onde também as madeiras, as ameixeiras, as ginjeiras, as cerejeiras frutificam. As romeiras e os marmeleiros também frutificam na zona Tórrida. A videira, e a figueira frutificam por toda a parte; mas com especialidade fora do trópico; e por toda a parte os pássaros e sevandijas fazem cruel guerra ao seu fruto. As laranjeiras, de que há várias castas, hão-de por toda a parte. A irregularidade do tempo não permite cultivar os nossos cereais em todas as províncias, à exceção do arroz e milho. As melancias quase por toda a parte são excelentes, e os melões em poucas bons. As couves, os repolhos, e as alfaces são cultivadas juntamente com outras hortaliças indígenas desconhecidas na

Europa. As ervilhas, favas, grãos de bico, e nabos, acham aqui poucos cultivadores. Com estes foram também naturalizados o alecrim, arruda, losna, alfazema, salsa, coentros, erva-doce, hortelã, craveiros, jasmineiros. As roseiras acharam um grande inimigo nas formigas: também a sua flor não é formosa. Entre outras árvores de boa madeira para construção, carpintaria, e marcenaria, tem lugar distinto a ajetaipeta, o buranhém, o cedro, o conduru, o coração-de-negro, gonçalo-alves, jacarandá, jacarandatã, jacarandá-mulato, jequitibá, jetaí, louro, massaranduba, mocitaíba, mocuíba, que é alta, de copa pequena, e semelhante a um chapéu de sol, e dá uma pequena noz com alguma semelhança de azeitona, de casca delgada, lisa por ambas as faces, e que encerra uma amêndoa oval, de que se extrai um óleo, que se aplica com proveito a vários achaques. Braúna, ou *marta-preta,* olandim, dau d'arco, pau d'óleo, pau-roxo, peguim, putumuju, oiti, oiticica, itapicuru, sapucaia, sebastião-de-arruda macho, e fêmea; sucupira, sucupirassu, vinhático, sassafraz, e outros.

O *Umbuzeiro* é árvore de pouco crescimento, que prospera nos terrenos agrestes, e não quer cultura: começa a ramificar ao sair da terra: seus ramos são extremamente entrelaçados uns com os outros, as folhas pequenas, elípticas, e envernizadas por ambas as faces: a flor é em racimos pequenos como as da oliveira: o fruto muito semelhante ao abrunho, quanto à vista; de cor entre verde e branca, pele grossa, e áspera ao paladar, com um caroço grande e redondo, o qual nunca se despega da polpa, que se resolve em um fluido crasso, e ordinariamente agradável, quando maduro. É fruta muito estimada nos sertões, onde todos os quadrúpedes gostam dela. Come-se à maneira das sorvas, fazendo-se-lhe uma abertura. A gente do campo 'faz com o seu fluido, e leite coalhado bem mexido, e adoçado com açúcar, ou mel, uma beberagem, a que chamam *umbuzada,* e pretendem que seja uma comida *regia.* Esta árvore cria na raiz uma grande batata, e às vezes mais, e também pequenas duma substância transparente, esponjosa, que se torna em água frígida, sendo comprimida: é um grande recurso para os viandantes, que no campo não acham água para refrigerar-se.

O *Joazeiro,* que ama terreno arenoso, é do tamanho duma oliveira mediana: sua copa redonda, e espessa; as folhas, de que apenas despe, quase redondas, e finalmente serreadas: seu lenho branco; sua cinza boa para a saboaria: a flor em pequenos e redondos racimos: o fruto do tamanho de cereja, esferóide, amarelo, áspero no tacto, e com um caroço sarabulhento, do qual não é fácil despegar a polpa, enquanto o fruto não está meio seco. É pasto de alguns quadrúpedes, de jacus, e outras aves; ainda que são poucos os saborosos.

O *Articum,* ou *Araticu,* de que há várias espécies, é semelhante ao umbuzeiro na grandeza, no enlaçamento de seus ramos, e ainda na cor da sua casca cinzenta; as folhas de que anualmente se despe são quase redondas, dum belíssimo verde, e envernizadas por ambos os lados. Sua flor é como um figo de cor amarelada. que abre em três porções iguais, como se fossem partidas com uma faca, grossíssimas com forma de conchas, e avermelhadas; por baixo de cada corte está outra concha menor, menos grossa, branca na face exterior, cercando um botão em forma de pinha, que com o tempo é uma fruta do tamanho e forma dos maiores peros, cuja polpa é branca, ou amarelada, mole, e semeada de pevides em grande quantidade; a pele, que a cobre, é esverdeada, e ligeiramente bordada de repartimentos regulares como em escamas: são poucos os bons; mas todos se comem.

A *Jabuticabeira* é árvore pequena, delgada, e de casca lisa: as folhas, que são envernizadas por ambas as bandas, mas não dum mesmo verde, variam de forma num mesmo ramo: só floresce no tronco, começando do chão até onde os ramos têm boa grossura: a fruta tem ordinariamente a grandeza, e cor de ginja, e a forma de perinha com um pedículo curtíssimo: a pele é um pouco grossa, e a polpa semelhante à da uva ferrai: como ordinariamente estão em

pinha, sao em grande parte angulosas: é fruta gostosa, e inocente; dela se destila um licor forte.

O *Jambeiro,* cuja grandeza é proporcionada à qualidade do terreno, que o cria, tem folhas pontudas de um verde escuro pela face superior, e claro pelo inferior: a flor tem quatro pétalas pequenas em forma de concha com um vastíssimo número de estames mui compridos, e retos em forma de pincel, e um pistilo ainda mais longo, e pontudo: seu fruto assemelha-se ao damasco, com olho como pera, gostoso, e com cheiro de rosa.

A *Mangabeira* é árvore de mediana grandeza, de folha miúda e pontuda, flor como jasmim: a fruta é redonda de vários tamanhos num mesmo ramo, com a casca amarelada, e avermelhada; a polpa branca, extremamente mole, com várias pevides cobertas de cotão: o lenho, a folha, a flor, a mesma fruta, quando partidas, destilam um leite alvíssimo e pegajoso.

O *Jenipapeiro* é árvore de boa altura; tronco direito, copa mediana e redonda; folha semelhante à do castanheiro; muito grossa, e dum verde escuro: nunca está sem fruto, que é do tamanho de maçã, e pele tênue, um pouco áspera, e cinzenta; a polpa branca, e o interior repleto de pevides. Ficam dum ano para o outro nos ramos, que se despem totalmente da folha, e só amadurecem, quando a árvore está de novo bem vestida de folhas, e já com bom crescimento os novos frutos, que hão de ficar para o ano seguinte. A madeira é preferida para varais de seges.

A *Guabirobeira* é uma das maiores árvores frutíferas do país: sua folha é pouco menor que a do pessegueiro, e quase da mesma figura: a flor branca: o fruto tem a grandeza e a forma das peras *lambe-lhe-os-dedos,* e come-se à maneira das sorvas.

A *Mangueira,* oriunda da Ásia, e que só prospera na zona "tórrida, é árvore corpulenta, de copa frondosa, 'folha comprida, um pouco estreita, e pontuda. O fruto é da grandeza das maçãs, um pouco chato, aromático, de casca coriácea, esverdeada, ou amarela, e encarnada; e a polpa saborosa, suculenta, e cheia de fibras presas ao caroço.

O *Murici* é um arbusto de folha grande, grossa, áspera, redondeada na extremidade, e pontuda na base: a flor é em racimos como a do azereiro, começando amarela, e tornando-se encarnada: a fruta é miúda, e pouco saborosa. Há outro chamado *Murici-branco,* diferente na flor, que é branca, e nas folhas, que são muito menores, elípticas, e envernizadas por ambas as faces.

A *Pitangueira,* que toma a grandeza duma ameixeira, quando plantada em bom terreno, nos bosques ordinariamente não passa dum mediano arbusto: suas folhas assemelham-se às da murta: a flor é branca, miúda, e com um grande número de estames; o fruto da grandeza de ginja, canelado, de cor escarlate, ou roxa, e agridoce; destila-se dele um espírito agradável.

A *Jaqueira,* transplantada da Ásia, e que só prospera entre os trópicos, é árvore grande, de copa redonda, e frondosa; tronco grosso, e baixo; folhas grossas, redondeadas na extremidade, pontudas na base, envernizadas por ambas as faces, e dum verde escuro na superior. Seu fruto, que só nasce pelo tronco, e ramos grossos, é grande (alguns têm mais de 40 libras), de forma oblonga; casca assaz grossa, verde, regularmente lavrada em bicos, com alguma forma de lixa; a polpa branca, fibrosa, impregnada dum leite crasso e viscoso, semeada de amêndoas envoltas noutra polpa menos fibrosa, sem leite, e doce, que é o que se come. O centro é ocupado por uma placenta longitudinal, que nutre aqueloutras substâncias.

O *Cajueiro,* que ama terreno arenoso, é árvore pequena, de tronco tortuoso, copa redonda com ramos levantados, horizontais, e inclinados: a primeira casca entra na composição da tinta preta; a chegada ao lenho na da amarela: as folhas quase redondas, e ásperas: a flor em racimo: seu fruto singular é do tamanho e

figura de pimentão roliço, de pele fina, lisa, avermelhada ou amarelada, e à« vezes de ambas estas cores, com uma substância branca, esponjosa, assaz suculenta, agridoce sem caroço, nem pevides; e tem na extremidade um apêndice duro com forma de rim de lebre, e casca cinzenta, cheia de óleo cáustico, e que cobre uma substância alva e oleosa: dão-lhe com propriedade o nome de castanha; porque só se come assado, e seu sabor nada difere do da castanha européia, quando assada. É fruta salutífera; e faz-se dela excelente doce, e do seu suco boa limonada, e ainda vinho. Dá uma resina, que faz as vezes da arábica.

A *Sapucaia* é árvore alta, de boa madeira, com folha semelhante à do pessegueiro; a casca macerada dá estopa para calafetar embarcações. O seu fruto é um coco esférico da grandeza de bolas de jogar, muito grosso, coberto com uma casca delgada e áspera, e cheio de amêndoas compridas.

Para as tirar, criou a Natureza na extremidade um orifício de quatro polegadas de diâmetro, rolhado com uma tampa da mesma grossura, e coberta com a primeira casca, que é necessário tirar primeiro para a poder separar. Os macacos, por um instinto natural, derrubam estes cocos, quando maduros, e dão com eles em uma pedra, ou pau duro até lhe saltar 'fora a tampa, e comem-lhes as amêndoas.

O *Cajati* é um arbusto de casca muito grossa e regoada como a cortiça virgem e anegrada; folha pouco diferente da do loureiro; e dá um fruto amarelo, da grandeza do abrunho, irregularmente esférico, e dum sabor e perfume agradável com uma pevide graúda como de laranja, e preso à extremidade do ramo por um pedúnculo comprido e delicado.

A *Andiroba* é uma planta muito semelhante ao pepineiro, a qual dá um fruto redondo, sem cheiro, do tamanho duma grande maçã com onze ou doze grandes pevides, redondas e chatas, dispostas em três células, das quais se extrai um azeite claro, medicinal, e bom para luzes.

O *Cacauzeiro,* que de ordinário não excede a grandeza duma árvore pequena, quase sempre tem muitos troncos; e à proporção que se eleva, lança ramos horizontais e inclinados: as folhas assemelham-se às maiores do castanheiro: seu fruto, que só se cria no tronco, e ramos grossos, é uma grande cápsula, oblonga, em forma de melão, com casca muito dura, que encerra 40 até 50 amêndoas de casca quebradiça, metidas numa substância esbranquiçada, mucosa, e doce. Estas amêndoas são a base do chocolate.

O *Urucu,* que de ordinário não passa dum grande arbusto, com as folhas em forma de coração, e as flores em ramalhetes com cinco pétalas um pouco purpúreas, um pistilo, e grande número de estames: o fruto é uma cápsula um pouco ohata, e pontuda, do tamanho duma grande castanha; de cor avermelhada, composta de duas válvulas semeadas de espinhos raros, e moles, e forradas duma membrana, que encerra grande quantidade de sementes miúdas e cobertas duma substância avermelhada, que diluída em água dá uma tinta preciosa, e não ignorada dos selvagens, que se tingem com ela. A árvore da *Cola,* oriunda da África, é de mediana grandeza, com folhas um pouco compridas, pontudas, e luzidias por ambas as faces com um grande pecíolo; flor branca em racimo; monopétala, ordinariamente com cinco lacínias pontudas: frutifica em vagem.

O *Argueiro* é árvore grande como a oliveira: seu tronco, e os ramos são semeados de picos curtos; as folhas, das quais se despe anualmente, são quase em forma de coração, e sempre três pegadas a um mesmo pecíolo comprido: as flores são em racimos de um ou dois palmos de comprimento na extremidade dos ramos, dispostas a três e três, e sem que as primeiras murchem, as imediatas não abrem: têm cinco pétalas, dos quais uma só se desenvolve; esta é duma belíssima cor encarnada com pouco menos de duas polegadas de comprido, e mais duma de largura. Da parte inferior do pistilo, que está entre dez estames, se forma uma vagem, onde se cria um indeterminado número de feijões cor de lacre inteiramente,

ou com malhas negras, duríssimos, de que fazem braceletes. É uma das mais belas árvores do país, quando está florida; e dura muito tempo neste estado, antes que se vista de folha.

A *Barriguda,* assim chamada por ser o seu tronco mais grosso no meio do que junto ao chão, por outro nome *árvore-da-lã,* tem a casca coberta de espinhos redondos: as folhas são quase elípticas, de três ou quatro polegadas de comprimento, e em número de cinco juntas na extremidade dum pecíolo comprido e comum. A flor começa com a figura dum figuinho redondo, liso, sem olho com um pedículo curto e grosso: este figo toma o comprimento e forma duma lande de carvalho, sempre com cor verde, e sem olho: depois abre na extremidade em três partes, e dá saída a um como capulho de algodão, roliço e comprido coisa de duas polegadas, que se desenvolve em cinco pétalas de três polegadas de comprimento, e mais duma de largura na lâmina; lisas pela face superior, encarnadas no meio para a unha, brancas betadas daqueloutra cor para a lâmina, que é redondeada; e cobertas pela face exterior duma pelúcia branca: quase se enrolam, e cobrem o cálice. Têm cinco estames à roda dum pistilo, que é muito mais delicado, e termina em uma bolinha encarnada; e todos seis pegados a um receptáculo no fundo do cálice, onde se forma um fruto com alguma semelhança de pepino, que abre, e deixa-se ver cheio de lã branca, e (finíssima, que o vento leva, se não a apanham logo: não se pode fiar; mas serve para enchimentos.

O 5. *Caetano* é uma planta delicada, com muita semelhança de melancieira, cujo fruto é uma sorte de pepino pequeno, espinhoso, que depois de maduro abre em três porções, e deixa ver umas poucas de pevides semelhantes às da romã, pasto de todos os pássaros, que a propagaram por toda a parte: esta planta entra proveitosamente em vários remédios caseiros; e aumenta o efeito do sabão no seu uso ordinário: com este intuito foi transplantada da Costa de Guiné, onde tem o nome de *nhezikem,* e sendo plantada junta a uma capela de S. Caetano, tomou dele a denominação.

As *Caneleiras* transportadas da Ásia, e cultivadas com algum cuidado no princípio da colonização, foram pouco depois destruídas por ordem regia, afim de conservar o comércio oriental. O erro foi conhecido, passados tempos: hoje recomenda-se a multiplicação das que nasceram das raízes: cumpre fazer experiências acerca do terreno, em que devem ser cultivadas com preferência; pois que da qualidade dele depende a do vegetal. A melhor canela do Oriente é a dos terrenos secos.

A *Cuitezeira* é árvore pequena com os ramos horizontais, e folhas um pouco compridas, lisas, largas, e redondeadas na ponta, e pontudas na base: dá um fruto grande, oval, de casca delgada, lisa e muito dura, da qual partida ao meio se fazem *Cuias,* ou *cuités.*

A *Cajazeira* é árvore alta, de copa redonda, folha miúda, e dá um fruto como lande, amarelo, insípido, com grande caroço.

A *Goiabeira* é um arbusto de casca lisa, folha quase redonda, áspera e serreada; o fruto como pero, odorífero, amarelo, a polpa tirando a rubicunda com uma grande quantidade de pevides miúdas, e redondas no centro. Faz-se dele doce muito estimado.

O *Amçá-mirim* é árvore de bom crescimento, e folha miúda: a casca é tão lisa na epiderme, como no alburno.

A *Gameleira* é árvore corpulenta, de folha grossa, e redonda, lança raízes dos ramos para o chão: procura-se-lhe a sombra.

Há três espécies de *Pau^Brasil: Bfosil-mirim,* que é o melhor; *Brasil-açu,* ou *Rosado;* e *Brasileto.* O *Brasil-açu* ou *Rosado,* assim chamado por ser o seu tronco o mais alto, e também o mais direto, é o menos grosso; e a tinta, que dele se extrai, de menor consistência, e mais rosada, donde lhe provém o segundo nome. O *Brasileto,* que difere pouco do *açu,* ou *Rosado,* na grandeza e forma do tronco,

e copa, dá pouca tinta, e essa desmaiada. O *Brasil-mirim* tem o tronco mais grosso, a casca mais vermelha e mais delgada; os espinhos mais miúdos e mais bastos; a folha mais miúda, e o cerne mais arroxado. Em todas três a folha é pinulada; a casca lisa; e os espinhos começam no princípio dos galhos até à ponta dos ramos. A flor do *mirim* é branca, e muito miúda; e o cerne sendo chegado à língua, logo depois de cortado, tem um amargo sensível, que perde depois de seco, tornando-se em um adocicado agradável. Estas árvores, que se dão tanto em morros, como em várzeas, tornam a rebentar da porção do tronco, que ficou pegada à terra. Nota-se que nos matos, onde há abundância de *Pau-brasil,* não se encontram *Tapirmãs,* nem *Perobas.* É pau pesado, excelente para construção de edifícios; metido em água, dura eternamente; no fogo estala muito, e não faz fumaça. Certo observador notou que o tempo do corte desta madeira mais próprio para o rendimento da tinta, era o período da Lua Nova no inverno, e o do Quarto Crescente no verão; porque fora destas ocasiões sempre é sensível uma porção de linfa, que se extravasa pelos poros para as incisões dos golpes do machado: e que esta porção de água era outra tanta quantidade de tinta, que se perde; o que não sucede, cortando-se a madeira nas conjunções referidas, quando as árvores não lançam de si líquido algum, sustendo toda a sua tinta. Uma porção de caparosa, e de cal, ou de cinza, lançadas na decocção do *Pau-brasil,* fazem uma tinta preta.

A *Quinaquina,* descoberta há perto de três séculos no Peru, e há muito poucos anos nas cabeceiras do Rio Cuiabá, é árvore alta, com grossura ordinária, de nove polegadas no diâmetro. As folhas são redondas na base, e pontudas no ápice; luzidias, e dum belo verde por cima, betadas dum vermelho escuro, e brilhante na metade vizinha ao pecíolo; com os nervos alternos, e paralelos. As flores, que estão em racimos nas extremidades dos ramos, são afuniladas com a orla partida em cinco lacínias ou divisões mais curtas que o tubo, felpudas, vermelhas no meio, listadas de branco, e franjadas nas bordas. O pistilo é branco, e alongado com o estigma verde; e rodeado de cinco estames, recolhidos dentro do tubo da flor, e com as anteras de cor amarela desmaiada. Caída a flor, o cálice incha no meio, e toma o corpo duma azeitona, convertendo-se em um fruto, cujas sementes, que são muitas, compridas, avermelhadas, grossas no meio, e chatas nas margens, estão em dois alojamentos, divididos por uma membrana dobrada: com elas se propaga o gênero da planta tão útil à humanidade.

O *Algodoeiro* é um arbusto, que começa a ramificar logo que nasce: suas folhas, com semelhança de parra, têm cinco lobas: a corola compõe-se de dois cálices de diferente grandeza e forma: cinco grandes pétalas, amarelas, rodeando umas as outras; um vasto número de estames adunados em uma coluna, por cujo centro sobe com maior comprimento um pistilo, de cujo germe se forma uma cápsula com mais de duas polegadas de comprimento, triangular, trífida, encerrando em três alojamentos um grande número de pevides como de pera, contíguas em duas ordens, e envoltas em uma lã branca, e comprimida, que é o algodão, prodigioso ramo do comércio do país.

O *Mozés,* árvore de mediana altura, pouca grossura, e pequena copa; é notável pela sua folhagem, que nada difere do feto: a sua flor é branca com forma de pincel; e sua cinza é boa para a lixívia do sabão.

O *Cafeeiro,* ou *Cafezeiro,* oriundo da Arábia, e que tem admiràvelmente prosperado nos terrenos fortes e frescos deste país, é um arbusto ramoso, com as Ifolhas opostas, lisas, pontudas em ambas as extremidades, e maiores que as do loureiro. A flor é branca, inteiriça, tubulosa na parte inferior, e fendida em cinco lacínias pontudas na superior, outros tantos estames pegados ao ângulo das divisões, e um pistilo pegado ao receptáculo. O fruto é uma baga com forma de cereja presa por um pedículo grosso e curtíssimo. É fecundíssimo; e toma muito

maior crescimento quando plantado à sombra de árvores grandes; mas o fruto dos que estão expostos ao sol é de melhor qualidade.

O *Tingui* é árvore pequena com os ramos, e folhas alternos; estas são pequenas, e lanceoladas: a casca e as folhas bem machucadas, e deitadas nos lagos onde há peixes, estes morrem bêbados em breve espaço.

A *Gerema* é uma árvore pequena, espinhosa, de folha pinhulada e miudíssima, que fecha diariamente ao por do sol: a flor imita a do Castanheiro; o fruto é uma vagem: do seu lenho se fazem carvão para as forjas.

A *Tabábuia* é árvore notável pela leveza do seu lenho, do qual apenas se faz mais do que rolhas e boias: ele resiste a todos os instrumentos, menos aos que trabalham a cortiça.

O *Calumbi* é árvore pequena, de pouca copa; folha miudíssima, pinulada, que fecha ao sol posto, e abre pela manhã. Há macho, e ifêmea, ambos armados de espinhos como de silva: o maoho dá uma florzinha com forma de pincel, e o seu lenho é vermelho, duríssimo, compacto, e muito pesado; e só serve para obras de marcenaria; porque apenas se acha um, ainda entre os mais delgados, que não seja oco. A fêmea tem flor semelhante à do Castanheiro; e a sua madeira, maciça, menos pesada, e veiada de vermelho e branco. Ambas frutificam em vagens chatas.

O *Angelin* é árvore de mediana altura, e muito ramosa; de folha miúda te pinulada; a flor de cinco pétalas, em espiga, de cor entre roxa e encarnada; um pistilo, e nove estames: o fruto é uma cápsula bivalve, cinzenta, oval, onde se cria uma amêndoa oval, coberta com uma membrana grossa, e que tem gasto na farmácia.

A *Candeia* é um arbusto tortuoso, que cria uma grande cepa: a folha é ordinariamente lanceolada, esbranquiçada pela face inferior: o pau seco dá uma boa luz sem fumaça, e poupa muito azeite à pobreza do sertão, que mete um tição aceso na parede, onde dura largo espaço dando chama como um archote, ou como se fosse oleado, donde lhe provém a denominação: e metido no chão dura largos anos.

O *Teú* é um cipó delicadíssimo, que apenas excede a grossura duma pena de galinha, mas de extraordinário crescimento, sempre enroscado com outro vegetal mais forte: sua folha é miudíssima, e semelhante à da giesta na forma e tamanho: a raiz, que excede pouco mais a grossura do caule, e apenas com menos duma braça de comprimento, tem um cheiro forte e enjoativo; é um remédio aprovado contra o veneno de cobra.

A *Erva-de-cobra* é uma planta pequena, um pouco semelhante ao feto na folheatura: a flor é pequena, amarela, com cinco pétalas; e seu fruto uma vagenzinha. O nome, pelo qual é conhecida, vem-lhe da grande virtude que tem para curar picadas de cobras, pondo-se as folhas machucadas em cima da ferida, e dando-se o suco a beber ao paciente.

O *Alecrim brasílico* é um arbusto unicamente semelhante ao do seu nome na cor da flor, na casca, e no lenho: a folha é muito semelhante à da hortelã; mas miúda, com o cheiro de segurelha. Há outra casta de *Alecrim* que só se diferença daquela na flor, que é branca com a forma da de segurelha. Ambos gostam de terreno arenoso e seco.

O *Mangue* é uma árvore pequena, de casca lisa, folhas grossas e envernizadas; dos seus ramos descem muitos rebentões nus, que se arreigam na terra, e rebrotam; de sorte que um forma uma balsa. Só prospera nas praias do mar, e margens de rios salubres. Entre as multiplicadas espécies de palmeiras, nota-se com particularidade a denominada *Tucum,* ou *Ticum,* cujo tronco é delgado, espinhoso, e de altura proporcionada: as folhas diferem um pouco da comum parecença, que se nota entre quase todas as outras palmeiras; e de suas fibras se faz linho, um pouco áspero, mas lustroso como seda, sem sinal de arestas; e

que pela sua rijeza todo se consome em instrumentos de pescaria. A experiência há mostrado quanto ele é apropriado para certas rendas.

Os viandantes observam freqüentemente diversidades de árvores, ou plantas parasíticas arreigadas na casca doutras, e nutridas só da sua substância: em outras partes, plantas trepadoras de diversas espécies, que se elevam ao topo das mais altas árvores, umas vezes desacompanhadas, outras vezes enroscadas espiralmente com outra da mesma, ou de diversa espécie: muitas vezes se encontram estas compridíssimas cordas de quatro, seis, e mais pernas.

Entre as árvores resinentas, notam-se o *Angico,* a que produz a goma copai, a da almécega, a do beijoim, a do estoraque: e entre as que destilam bálsamo, nomeiam-se em primeiro lugar a do *Cabureigba,* mais conhecido pelo nome de *bálsamo-do-Espírito Santo,* a do *Cupaíba,* a do *Cumaru.*

Entre as plantas medicinais conta-se a salsaparrilha, a ipecacuanha, a jalapa, a butua, a canafístula, a quássia, a aristolóquia, a cainana, a quina da terra gengibre, *capeba,* por contração de caá-peba, à qual o vulgo denomina *erva-de-santa-luzia,* pela grande virtude que se lhe tem achado quando é aplicada a certas moléstias dos olhos. O Paladium Português relata a maravilhosa cura, e o método com que um cirurgião no Rio de Janeiro, em 1784, no decurso de três meses, usando só do suco desta planta, restituiu ao seu antigo estado o olho dum soldado, que da picada duma baioneta tinha vasado "todo o humor áqueo, cristalino e vítreo, ficando as túnicas, que compõem o globo do olho, tão recolhidas para o centro da órbita, que formava uma profunda cavidade em figura crônica". Maravilhosos efeitos se contam deste vegetal, que dizem ser regenerativo da vista; porque muitos de propósito picaram os olhos dos gaios com instrumentos perfurantes, afim de os vasar, e lançando-lhes o suco, ou ainda o leite desta erva, adquiriram em breves horas estes animais a regeneração do olho, e a restituição da vista.

O *Carwru,* cujo suco bebido com água é um remédio eficacíssimo para estancar o sangue, que se lança pela boca; *Beiônica; Carqueja,* muito diversa da européia, com folha muito semelhante à do nosso alecrim; a flor branca. miúda, em alcachofra; *Erva-ferro:* fedegoso; filipódio; erva de *surucucu;* caioba; malva; *orelha-de-onça,* de ordinário com dois pés de altura, folha em forma de coração, chata, felpuda por ambas as faces, cor de pérola, e tão flexível enquanto verde como seca: enrola-se como papel, e soltando-se torna ao seu natural, sem lesão das nervuras; erva chumbo.

Além das frutas, que acima mencionamos, há ainda outras muitas, das quais se devem notar a *Pinha,* ou *Ata,* da grandeza do marmelo, com a polpa mole, alvíssima, e saborosa; *fruta-do-Conde* com a grandeza da precedente, polpa igualmente mole, e menos alva; *Mamão* ainda verde de casca lisa, amarela, e polpa da mesma cor; *Pitomba; Mocugê;* a *Banana,* cujo comprimento excede muitas vezes o diâmetro da grossura; há três castas, todas em grandes cachos de muitas pencas: as plantas, que as produzem, são de bom crescimento, sem ramos, nem lenho no tronco; as folhas compridíssimas, delgadas, lisas com largura proporcionada, e a nervura dorsal grossíssima; saem todas da raiz enroladas, encapando umas às outras, e formando uma espécie de tronco direito, roliço e inflexível; o *Ananás,* com forma de pinha, e várias folhas no olho, saboroso, e de cheiro aromático: a planta, de cujo centro ele sai, assemelha-se muito à Babosa.

Das frutas do país a mais louvada Ê o
régio ananás, fruta tão boa, Que a
mesma Natureza namorada Quis como a
Rei cingi-la de Coroa.

Caramuru, C. VII, 43.

O *Maracujá* é da grandeza de laranja, oblongo, regular, de casca grossa, dura, verde por fora, e branca por dentro, cheio dum líquido crasso, agridoce, semeado de pevides semelhantes às do melão. A sua planta é trepadora, com muitos sarmentos compridíssimos, gavinhosos, quadrangulares; folhas alternas, um pouco grandes, oblongas, grossas, lisas, redondeadas na base. Eis aqui a descrição da sua flor:

> *Ê na forma redonda, qual Diadema De pontas, como espinhos, rodeada; A coluna no meio, e um claro emblema Das Chagas Santas, e da Cruz Sagrada: Vêem-se os três Cravos, e na parte extrema Com arte a cruel lança figurada: A cor é branca; mas dum roxo exangue Salpicada, recorda o pio Sangue.*
>
> *Caramuru, C.* VII, 39.

As canas-de-açúcar, a mandioca, a planta do tabaco, e a do *Mate,* ou *Congonha,* todas indígenas, e originárias do país, e hoje multiplicadíssimas com o benefício da cultura, subministram outros tantos, e lucrosíssimos ramos do comércio.[30]

A planta do Anil, e a Opúncia encontram-se quase por toda a parte: a primeira, que só prospera em terrenos fortes, é cultivada ainda em poucas províncias; da derradeira, que ama terrenos secos, é ainda desprezada a sua riquíssima produção. Há diversidades de pimenta: a do Malabar, que só prospera em terrenos fortes e frescos, começou a ser cultivada há poucos anos.

A planta, a que o vulgo denomina *malícia-de-mulher,* é rasteira, sarmen-tosa, espinhosa, de folha miudíssima, apinulada, cujos foliolos procuram os seus opostos, e se lhe encostam imediatamente que o sarmento foi tocado, con-servando-se neste estado por bom espaço de tempo.

A *Pindaíba* é árvore formosa, e de grandeza proporcionada, e segundo a qualidade do terreno que a cria: sua madeira leve; as folhas lanceoladas com uma polegada de largura, e três até quatro de comprimento: frutifica em pequeninos racimos, cujos poucos bagos fazem as vezes da pimenta do Malabar.

Tarumã, é um arbusto com folhas lanceoladas de desigual grandeza, e presa em número de quatro ou cinco a um pecíolo comum de comprimento assaz grande. O chá destas folhas dilui as pedras na bexiga.

O *Jequitibá* é árvore corpulenta, e dá um coco com tampa.

O *atobá,* que não tem este nome em todas as províncias, frutifica em vagens como o tamarinheiro.

O *Piquiá* é árvore mediana, e dá frutos como marmelos com casca grossa e dura, e cheios dum licor pardo, mui doce, e refrigerante, com algumas pevides como de maçã.

Mucuri é árvore grande, e de boa madeira: o seu fruto é do tamanho dum abrunho, amarelo, odorífero, mui saboroso, e tem um grande caroço.

Oiti é árvore mediana, e de boa madeira: seu fruto grande, saboroso, de cor e figura de pera parda, com um caroço, que moído ou raspado, e tomado em bebida ou cristel, é um eficaz remédio para curar diarréias de sangue.

30 É verdade que as primeiras plantações das canas-de-açúcar se fizeram com as transportadas da Ilha de S. Tome, ou da Madeira; mas elas foram achadas pelos primeiros; sertanlstas no centro do pais mais de duzentas léguas longe das povoações. Seja como quiserem: elas sao multo parecidas com as outTas no exterior; mas com os nós multo mais aproximados, e o Interior cheio da mesma substância que a da planta do milho, e multo sucosa. Do seu suco ee faz tombem aguardente.

O *Vinhático* é alto e direito, e frutifica em vagens, com favas dentro.

As palmeiras das *tâmaras,* tão multiplicadas e úteis em diversos distritos da Ásia, e África, onde melhor prosperam, e naturalizadas no Brasil pelos primeiros povoadores, não acharam ao depois a estimação, de que gozam naqueloutros países. Parece-me que só, e apenas são conhecidas na Província do Rio de Janeiro. Sabemos que frutifica.

Há variedades de raízes comestíveis: batatas de várias castas, inhames, mangarás, mangaritos, carás, cujo caule sobe por um espeque; a mencionada *mandioca,* da qual se faz o pão usual do país: a sua planta, que admite várias castas, é um arbústulo duma ou mais hásteas, com folhas dedáleas de grandes e grossos pecíolos, e que vão caindo à proporção que outras crescem: a raiz, depois de raspada e ralada, é espremida até ficar exaurida do seu abundante suco, que de ordinário é venenoso: e por fim torra-se num alguidar grande de barro ou de cobre, assentado sobre uma fornalha, até ficar seca. Este vegetal só prospera em terrenos fortes, e enquanto não estão cansados. Planta-se cavando a terra em pequenos montes, e metendo em cada um a metade dum toro da hástea da mesma planta, que tenha um palmo de comprimento. O *Aipim é* uma casta de mandioca, cuja raiz se come cozida ou assada. O *amendoim* é uma planta de pouco crescimento com folha de feijoeiro; e cria nas raízes umas como bolotas de casca parda, que encerram uma até três sementes do tamanho e forma dos grãos-de-bico, e comem-se cozidas ou (e principalmente) torradas.

A *batata-do-ar* é uma planta trepadeira, que, sem preceder flor, dá um fruto de forma irregular, sem caroço, nem pevides, coberto duma película (verde) como a da batata da qual tem o sabor.

PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO SUL, OU DE SÃO PEDRO

As terras desta província, que abrange a maior parte do terreno, que ficou ao sul da Capitania de Santo Amaro, ou não tiveram donatários, quando El-Rei D. João III repartiu a costa, ou eles por alguma causa não efetuaram a colonização, assim como não a efetuou o Visconde d'Asseca, nem seu irmão João Correia, nas grandes sesmarias, que D. Pedro II lhes dera nas terras de S. Gabriel, que são as adjacentes ao golfão do Rio Prata.[1]

O nome de *Capitania d'El-Rei,* com que raras vezes tem sido designada, talvez lhe fosse dado por ter ficado logo de princípio anexa à Coroa.

Nos princípios do século XVII, ou fins do precedente, mudaram alguns vicentistas seus estabelecimentos para as vizinhanças da Lagoa dos Patos; e seus descendentes foram-se estendendo para o sul, e poente, à proporção que os indígenas lhes largavam o terreno.

Não devendo, nem podendo as capitanias dos irmãos Sousas alargar-se para fora dos limites prescritos, como as terras estavam devolutas, estes povoadores foram sempre considerados como povos daquelas capitanias, e designados ora com o nome de *vicentistas,* ora de *paulistas,* até que com a criação da província tomaram o de *continentistas.*

É a mais meridional, e uma das mais extensas e importantes. Jaz entre os 28 e os 35 graus de latitude austral, confinando ao norte com as de Sta. Catarina, da qual é separada pelo Rio Mampituba, e S. Paulo, de que é dividida pelo Rio Pelotas; ao poente com o Rio Uruguai, e província deste nome; ao sul com o golfo chamado Rio da Prata; e ao oriente com o oceano. Tem perto de 130 léguas de nordeste a sudoeste, e 100 de largura média.

O clima é temperado, participando quase igualmente do calor e do frio: o ar puro e sadio: o inverno começa em maio e acaba em outubro: o vento reina nesta estação do sudoeste e oeste, e é frígido. O maior dia do ano na parte mais meridional, enquanto o sol anda próximo ao Trópico de Capricórnio, tem pouco menos de 14 horas e meia, como se disse. A geada vê-se de julho até setembro.

É país na maior parte baixo e plano, regado de numerosas torrentes, e semeado de lagoas. Em nenhuma outra província há tão abundantes pastos como na sua parte meridional. O terreno é apropriado para diversidade de produções. Cultiva-se com grande proveito trigo, centeio, cevada, milho, arroz, alpiste, legumes; melancias, melões, cebolas, com quase todas as hortaliças da Espanha; e ainda algum algodão, mandioca, e canas de açúcar. O cânhamo e o outro linho tomam grande crescimento. As árvores frutíferas da Europa meridional prosperam aqui melhor, que as comuns dentre os trópicos: nenhumas são tão fecundas e tão prodigiosamente multiplicadas como os pessegueiros. A videira frutifica com abundância, e perfeição; mas o vinho não merece ainda o nome de passageiro; também ainda não se 'fizeram as diligências para o melhorar.

D. Pedro de Mendonça, enviado por Carlos V com 800 homens para estabelecer uma colônia no Rio da Prata, em 1535, assentou-a no lugar onde existe a cidade de Buenos Aires, nas terras dos *Maracotos,* em cujas mãos perdeu a vida, e a maior parte da sua gente em 1539. O resto foi unir-se a um destacamento,

1 "No felicíssimo governo do Sereníssimo Senhor Príncipe D. Pedro com as doações de que íez mercê ao Visconde d'Asseca, e a seu irmão João Correia de Sâ, de quantidade de léguas no continente de S. Gabriel". Noticia da Justificação do titulo, e boa fé com que se obrou a nova colônia do Sacramento nas terras da Capitania de S. Vicente no sitio chamado de S. Gabriel, nas margens do Rio da Prata. Lisboa, em 1681.

que no ano precedente havia subido pelo Paraguai, e dado princípio à cidade de Assunção. D. Pedro Ortiz de Zarate, governador desta cidade, restabeleceu a colônia do Mendonça, e fez nela sua residência em 1580; porque os *vicentistas* não consentiam estabelecimentos castelhanos na margem setentrional do golfo denominado Rio da Prata, do Cabo de Santa Maria até à embocadura do Uruguai, donde foram repelidos cada vez que intentaram fazer ali assento,[2] para servir de porto à cidade de Assunção, onde não podiam chegar embarcações de porte considerável, enquanto não se deu novo princípio a Buenos Aires, razão por que ali se estabeleceram.

Nos sessenta anos que Portugal esteve sujeito à Castela se estabeleceram vários colonos castelhanos nas vizinhanças do Rio Uruguai. Com o intuito de impedir a continuação destes estabelecimentos para o oriente, foi D. Manuel Lobo, Governador do Rio de Janeiro, fundar a colônia do *Sacramento* por ordem do Infante D. Pedro em 1680.

Passados sete meses, a surpreendeu D. José Garro, Governador de Buenos Aires, com a barbaridade dum *muçulmano.* Sendo restituída depois de três anos, e renovada por Duarte Teixeira Chaves,[3] tornou para o domínio de Buenos Aires por abandono que dela fez o Governador Sebastião da Veiga em 1703, depois de larga e valorosa resistência, retirando-se com toda a população, e precioso em navios para o Rio de Janeiro, não tendo forças para resistir por mais tempo ao sítio, que lhe pusera D. Alonso Valdez.

Pelo Tratado de Utreck em 1713 tornou a colônia para a coroa de Portugal; e sendo de novo atacada em 1735 por D. Miguel de Salcedo, Governador de Buenos Aires, defendeu-a valorosamente Antônio Pedro até receber auxílio, apesar da diuturnidade do assédio ter reduzido a sua brava guarnição a comer cães, gatos e ratos. Com a chegada do socorro levantou Salcedo o sítio, tendo-lhe sido inútil um auxílio de muitos mil Tapes, que o jesuíta Tomaz Berlei lhe trouxera.

Em 1750, com a subida do senhor D. José ao trono, celebraram as duas coroas um tratado de limites, que especificava circunstanciadamente a linha divisória, que devia servir de raia entre as respectivas possessões; cedendo uma da Colônia, outra das sete Missões, que ficavam ao oriente do Uruguai.

A linha divisória começava na boca do riacho ou arroio mais vizinho a Castilhos-Grandes; continuava pelo mais alto do terreno, donde saem os diversos rios, que deságuam nas lagoas Mirim e Patos, até à origem do Rio Ibicui, e pelo seu álveo até entrar no Uruguai; águas deste acima até à boca do Piquiri,[4] que se lhe une pela margem direita acima do Salto Grande, e pelo seu leito até à origem: e dali pelo cume da serra mais vizinha a procurar a nascença do rio mais próximo, que desaguasse no Rio Iguaçu; por este abaixo até à sua embocadura no Paraná, que devia continuá-la até à boca do Gatimim ou Igatimi; águas deste acima até o seu nascimento, onde devia procurar a origem do rio mais vizinho, que fosse para o Paraguai, em cuja confluência devia este continuá-la até à foz do Juru: e daqui por uma linha à margem esquerda do Guaporé: águas deste abaixo até à paragem, que fica em igual distância entre a sua embocadura no Maranhão, e a confluência do Mamoré: e daquela paragem por uma linha L. O. a encontrar o Rio I-Barí, cujo leito devia servir de raia até o mencionado Maranhão.

Os comissários enviados por uma, e outra coroa para demarcar a raia em 1752, chegando à nascença do Rio Negro, foram obrigados a voltar; porque os

2"Os moradores de S. Paulo nos anos de 1536, 38 e 40, expulsaram os Padres da Companhia das casas de S. Cosmo e S. Damião. SanfAna e outras, que tinham fundado nas terras de 8. Gabriel, por cima do Rio da Prata para a parte oriental; e com efeito os desalojaram, e fizeram retirar para a Província do Paraguai". O mesmo A,, pag. 29.

3Assim o mais que tenho à vista: Rocha P. diz que D. Francisco Napor de Lancastro fora o reedlflcador da colônia.

4A melhor divisão era uma Unha reta da margem do Uruguai à do Paraná no lugar onde eles mais se avizinham.

índios das mencionadas Missões, não consentindo na troca por sugestão dos jesuítas, se lhes opuseram armados, e impediram a continuação da marcha. À vista do que determinaram os dois soberanos obrigar os índios à obediência por meio das armas. Com este fim marchou Gomes Freire de Andrade, Governador do Rio de Janeiro, com mil e tantos homens de tropa, e D. José Andonaighi, Conde de Valdelírios, Governador de Buenos Aires, com tropas dobradas.

Quando o exército combinado marchava pelo terreno, que medeia entre a origem do Caziqui e a do Vacaí-guaçu, se lhe opôs outro de 12.000 Tapes determinados a frustrar-lhe o projeto. A 10 de fevereiro de 1756, se deu ali uma batalha, em que foram derrotados os índios com perda de 1.500, deixando no campo algumas peças de artilharia, e grande número doutras armas. Os mais retiraram-se às Missões, onde pouco depois chegaram os vencedores. Apesar da resistência, todas finalmente se sujeitaram.

Os índios, segundo o tratado, passaram à outra banda do Uruguai; e Gomes Freire de Andrade, tendo tomado posse do terreno, antes de ir fazer entrega da colônia, teve aviso de que sua presença era indispensável no Rio de Janeiro, para onde imediatamente marchou. O exército demorou-se ali muitos meses, desfrutando os trabalhos dos índios, donde finalmente se retirou; e aqueles tornaram para seus lares.[6]

Os comissários, que em 1759 foram completar a demarcação, acharam no campo da batalha, na latitude de 30° 13' e 11", uma cruz de pau arvorada com a seguinte inscrição em língua guarani:

No braço direito da face virada para o norte se lia:

Omnium S . to rum no

esquerdo:

O Ch.'° Jesús.^{to} Pa.^{0} tie cr.^{0} Pela

hástea abaixo:

Ano de 1756.

A 7

de Febrero pipe
omanó C.^{r} J. b.
Tiarayu Guarani
pipe sábado ramo.

A 10

de Febrero p.^{e} oiço Gua rini
guaçú Martes p.^{e} 9 Taba
Uruguai rebe gua 1500
soldados rebe hae beiaere
Mburubichare ta omanô
ônga ape.

A 4 de

Marzo p.° oya pou ca
ângaco Cruz mtu D. n
Miguel Moyri sold.^{0}
repa upe.

Um pouco ao sul, nos campos de *Iapó-Guassu,* tinham os mesmos comissários encontrado um curral de madeira com capacidade para recolher 40.000 bois.

5 Bougainvllle. em desplque de nao ter sido tratado no Rio de Janeiro pelo Conde da Cunha como desejava, conta esta expedição mui diversa da realidade.

Chegando a Buenos Aires a certeza do rompimento da guerra em 1762, de improviso mandou o Governador D. Pedro Cevalhos atacar furiosamente a colônia. Vicente da Fonseca, seu governador, depois duma vigorosa resistência de vinte e cinco dias, à vista do horrível estrago, que lhe haviam causado quinze mil balas, e grande número de bombas, foi obrigado a capitular, e saiu com a sua guarnição a 29 de outubro. Duas naus, com outras embarcações menores, enviadas do Rio de Janeiro para reforçar a Praça, achando-a rendida, pretenderam restaurá-la; mas sem efeito, por se incendiar uma das naus no ardor do combate. Cevalhos fez marchar as suas tropas contra os fortes de S. Miguel, Santa Tereza, e Rio Grande de S. Pedro. Todos se lhes renderam, por não haver suficiência de paisanos, que suprissem a falta de tropa regular; tão pouco se cuidava na povoação deste abençoado país. E tendo reduzido também a fortificação da parte meridional da península, fez marchar 1.600 homens pelo poente da Lagoa dos Patos contra o forte do Rio Pardo. Este corpo foi fortificar-se com sete peças num campo próximo a um bosque nas vizinhanças do passo de Jacui, à espera de mais forças. Chegando disto notícia ao forte do Rio Pardo, saiu uma companhia de dragões com os paulistas, que puderam juntar-se, fazendo todo o número de 230 homens, para lhes cortar a marcha. Vendo que só podiam tirar partido atacando-os pelo lado do bosque, e que este não dava trânsito à cavalaria, gastaram alguns dias em abrir uma vereda através dele sem jamais acender fogo, com receio de que o fumo frustrasse o seu projeto. Aberta a passagem, de noite favorecidos do luar, caíram de improviso sobre o acampamento com uma descarga de espingardas, que o pôs em desordem e retirada, deixando muitas armas, mortos e prisioneiros.

A paz de 1763 pôs fim à campanha. Cevalhos, por ordem que teve, foi entregar a colônia a Pedro de Sarmento, nomeado para ficar seu governador. Ficando o Rio Grande e outros presídios injustamente debaixo do domínio da coroa católica até o ano 1776, em que foram restaurados pelo General Boemi.

Neste intervalo de tempo se estenderam os castelhanos pelo continente: então construíram o Forte de Santa Tecla, demolido na restauração do Rio Grande. Em 1774, D. João José Vertiz, com capcioso pretexto aquartelando-se com 800 homens de tropas na vargem próxima ao passo de Taguatinguaí, foi desalojado por duas companhias de paulistas, comandada pelos capitães Rafael Pinto Bandeira, e José Carneiro.

Na tranqüilidade da paz, uma armada ao comando de Cevalhos, havendo-se apoderado da Ilha de Santa Catarina, foi ancorar defronte da colônia, que se achava desprovida de víveres, por não terem chegado navios de comércio, e estar o povo sustentando-se dos armazéns reais, que por uma averiguação exata se viu chegavam só para cinco dias. O governador, prevendo a impossibilidade de socorro, diligenciou salvar esta porção de vassalos a seu soberano por uma capitulação, a qual, sendo-lhe grosseiramente rejeitada, entregou-se à discrição. À exceção dos oficiais com suas famílias, e alguns paisanos, que com dinheiro conseguiram a liberdade de transportar-se ao Rio de Janeiro, os mais foram conduzidos à sua própria custa aos contornos de Mendonça e Cordova, para aumentar a população e agricultura. Cevalhos portou-se com impiedade, não dispensando destas marchas as mulheres, cujos maridos se achavam gravemente enfermos no hospital de Buenos Aires, outras carregando nos braços os moribundos filhinhos cobertos de bexigas: tão mau é o homem!

A perda da Ilha de Santa Catarina, então mais considerável pelas conseqüências, que pelo seu valor, fez celebrar um tratado de paz entre as duas coroas no mesmo ano de 1777, e estabelecer nova linha divisória na parte meridional somente, cedendo uma da ilha mencionada, outra da colônia já demolida, e da Província do Uruguai, deixando mais para neutral o terreno, que medeia do Arroio Chuí, limite antigo, até Taim. A tanto obriga a fraqueza!

A linha divisória endireitava pela origem do Rio Aricá ao setentrião, procurando a boca do Peperi-guaçu, ou Piquiri, tomado já na precedente demarcação; mas passada a correnteza das Sete Quedas, devia subir pelo Rio Igurei, da mesma sorte que até então pelo Igatimi, até ao Paraguai.

Chegando à Vila de S. Pedro, em junho de 1801, a certeza de ter S. M. Católica declarado guerra a Portugal, incontinente mandou o governador afixar no corpo da guarda um edital, para que se reconhecesse a nação castelhana por inimiga; apesar de não lhe ter vindo ordem da capital, para fazer a declaração segundo a formalidade do estilo: perdoando por outro em nome de S. A. R. o Príncipe Regente a todos os desertores, que se apresentassem para pegar em armas. Neste comenos lhe chegou a Carta de ofício do Exmo. Vice-Rei.

A campanha principiou com a marcha da tropa em dois corpos comandados pelos coronéis Patrício Correia da Câmara para a fronteira do Rio Pardo, e Manuel Marques de Sousa para a do Rio Grande. Pelo estreito entre a Lagoa Mirim e o oceano marcharam Simão Soares, capitão de milícias, e José Antunes, tenente de dragões, com 150 homens, contra o acampamento de Chuí, que foi surpreendido, saqueado, e abandonado s,em perda nem ferimento dum só homem de parte a parte. O corpo, que passou à outra banda do Rio de S. Gonçalo, fez alto no Posto do Herval, defronte duns avançados, que os castelhanos tinham ao norte do Jaguaron, e abandonaram logo que viram aproximar os nossos, os quais avançando lhes demoliram. O mesmo aconteceu em todos os outros destacamentos, que se estendiam até à vizinhança do Jacuí, sem excetuar o de Santa Tecla, que igualmente foi desmantelado.

Na retirada das guardas inimigas para o posto do Cerro Largo, que fica 12 léguas ao sul do Jaguaron, se encontrou a do Batuvi com uma partida nossa, que a pôs em fugida, tomando-lhe seis carretas de munições, armas, ferramentas, víveres, e alguns instrumentos matemáticos.

Os nossos postaram-se sobre o lado setentrional do Jaguaron, e os castelhanos no meridional, observando-se de parte a parte, até que dois capitães de milícias com 200 homens, e um alferes com 20 legionários, atravessaram o rio em busca duma partida castelhana, que discorria pelo campo ao comando doutros dois capitães. Logo se encontraram, e bateram: os nossos voltaram com 50 prisioneiros, havendo perdido dois homens.

Pouco depois passou também à outra banda do rio um coronel com 1.200 homens; e um tenente com três peças de campanha, e marcharam para o Cerro Largo, onde o inimigo se tinha fortificado, e onde chegaram depois de três dias. Fazendo alto quase a tiro de canhão defronte dum fortim, logo a guarnição se pôs em defesa; e os nossos, antes de ter perdido muitos tiros, experimentaram o desastre de se lhes incendiarem alguns cartuchos de pólvora, ficando o oficial assaz maltratado, e uma desordem na cavalaria, por se espantar um cavalo, e fazer perder a forma aos outros.

O inimigo, presenciando o sucesso, e querendo utilisar-se dele, fez sair um esquadrão de cavalaria, o qual achando a nossa já ordenada, foi obrigado a retroceder. Este pequeno sucesso, e a pouca gente com que o comandante do fortim se achava para continuar a defensa, o obrigaram a capitular, ficando os nossos senhores da fortificação com quatro peças de pequeno calibre, e um bom provimento de barracas de campanhas. Porém receando a chegada de algum reforço de Montevidéu, com o qual não tivessem partido, desmantelando o fortim, vieram postar-se no lugar donde haviam partido.

Pouco depois chegou à margem oposta o grande reforço, que saíra de Montevidéu para socorrer o Passo de Cerro Largo. Os nossos mostraram-se-lhe resolutos a impedir-lhe a passagem. Neste estado estavam as coisas nesta paragem, quando chegou a certeza da paz.

Montes. — Nesta província não há serras, nem montes de altura consideravel: os maiores ficariam em silêncio em outras províncias, ainda que não fossem montanhosas. A única serra notável é a Cordilheira, que vem do norte sempre ;i vista do mar, e no paralelo de 29°% vira para o ocidente, e depois para o noroeste com algumas tortuosidades, quebrando em muitas partes para dar passagem a vários rios, como são entre outros menores o Taquari, o Jacuí, o Uruguai, o Iguaçu, e o Paraná, que nesta paragem forma a correnteza das Sete Quedas: *Serra Geral* é o seu nome.

O Monte de S. Martinho, aliás Monte Grande, é uma porção daquela serra quando divide a província da do Uruguai.

Monte Vídio, ou Vidéu, situado no lado ocidental da baía, a que dá o nome é vistoso, e o único alto nas vizinhanças do mar.

Castilhos Grande é um outeiro (junto à ponta do seu nome) coroado de penedos, que parecem torreões.

O Pão de Açúcar está sobre a praia, 4 léguas ao poente de Maldonado: e o Monte de Santa Luzia pouco a leste do rio deste nome.

A chamada *Serra dos Tapes,* não passando dum terreno pouco levantado, corre paralela com a Lagoa dos Patos em distância de 4 até 7 léguas, com 15 de comprimento norte-sul, e em partes 5 de largura: a do Herval fica mais ao setentrião por detrás daquela.

Chamam-se *Cochilhas* as cadeias de colinas de grande extensão com pastagens para os gados, e sem árvores.

O mencionado Pão de Açúcar é a extremidade meridional da chamada *Cochilha Grande,* que se estende para o norte até à origem do Rio Ariçá: é verdade que em muitas paragens a sua elevação é imperceptível, parecendo campo: dela partem outras muitas para um, e outro lado alternadamente com os rios, que também nela principiam. As do lado ocidental são-nos desconhecidas: as maiores das orientais são: a do Erval, a do Pixatinin nas proximidades dos rios destes nomes: Babiraqua nas vizinhanças do Camaquã.

Chamam-se *Cerros* as porções mais elevadas das serras, e cochilhas de forma circular, pontudas, e destituídas de vegetais, de cujas sumidades se descobre grande extensão de terreno; e por isto têm servido de atalaias muitos para fazer sinais nas ocasiões de guerra. Os principais, começando ao longo da Lagoa Mirim, são: Cerro Largo, entre os rios Chuí e Jaguarão; o Cerre da Vigia, nas vizinhanças do derradeiro rio; o Cerro Baú, na cochilha grande; o Irajassé próximo às cabeceiras do Rio Negro; Cerro Pelado, sobre a margem setentrional do Piratini; o Cerro Bativi, perto da origem do Vacai; Santa Maria, numa ponta da serra geral, próximo à nascença do Vacaí-mirim; Maria Pinto, em cima da Cochilha Babiraqua; Cerro Pelado da Encruzilhada, sito nas cabeceiras do Rio Iroí; Vigia da Encruzilhada, sito em cima da Cochilha Babiraqua, denominada naquele sítio a *Encruzilhada;* Cerro de Mateus Simões, à margem do Capivari; Butucaraí, na margem do rio assim chamado; Monte Alegre, na margem setentrional do Rio Pardo; Monte Negro, sobre o Rio Caí; Capocaia, em cima doutra ponta da serra geral, e junto da margem meridional do Rio do Sino; o Itacolomi, pouco distante daquele na mesma ponta da serra, e vertentes do Arroio dos Ferreiros. De alguns avistam-se outros em distância de 20 léguas.

Rios e Lagoas. — Quase todas as torrentes desta província saem dela por dois canais: o Rio Grande de S. Pedro, que deságua no meio da costa oriental, e o Rio Uruguai, que desemboca no Paraguai. A cochilha grande divide os confluentes dum e outro.

O Uruguai principia na falda da serra, que se prolonga com o oceano: corre dilatado espaço ao poente com o nome de *Pelotas,* quase sempre por entre ribanceiras de rocha a pique, recolhendo os rios Caveiras, Canoas, Cachorros, e Correntes, que saem ou da falda, ou da vizinhança da mesma cordilheira, e regam

a parte mais meridional da Província de S. Pedro, designada com o nome de *Campos da Vacaria,* que abrangem também a porção desta, que fica de serra acima. Aqui toma o nome com que acaba; e já caudaloso curva para o sudoeste, engrossando ainda com outros, que se lhe unem por um e outro lado, entre os quais se nota o mencionado Pepiri. Na latitude de 29°%, recolhe pela esquerda o considerável Ibicuí; depois o Mirinaí pela direita, quando já procura o sul; e ultimamente o Rio Negro pela margem oriental. Descreve muitas tortuosidades, forma grande número de ilhas, e dá navegação a grandes lanchas até o primeiro salto grande, que fica obra de 10 léguas abaixo da confluência do Ibicuí: as canoas sobem até o centro da Vacaria, não sem grande trabalho por causa das muitas cachoeiras e correntezas.

O Ibicuí nasce nos campos de Iapoguaçu;[0] depois de muitas léguas ao poente, volta ao setentrião por espaço de 25, aumentando consideravelmente com os que se lhe incorporam por um e outro lado, sendo um deles o Casiqueí: um pouco abaixo do qual se lhe une o Toropi, que é maior, e vem dos campos da Vacaria procurando o sudoeste, e traz consigo o Ibicuí-mirim, que se lhe junta pela esquerda um pouco acima. Nesta confluência, designada pelo nome de *Forqui-Iha,* onde fica mui largo, volta para o ocidente, alargando de cada vez mais, de sorte que muito acima da sua embocadura já tem 400 braças. Pouco abaixo da Forquilha se lhe junta pela direita o considerável Jaguari, que vem dos mencionados campos da Vacaria. Suas beiradas são cobertas de matos, seu álveo tortuoso, e semeado de ilhas, sua corrente quase sempre tranqüila, e navegável até perto das cabeceiras dos que o formam.

O Rio Negro tem a sua origem muito próxima à do Ibicuí: corre sempre ao sudoeste, engrossando com um vasto número de torrentes, e incorpora-se com o Uruguai 5 léguas antes dele sair no Rio Paraguai, ou da Prata, depois de ter regado um terreno de 80 léguas, povoado em grande parte de gado vacum.

O seu maior confluente é o Rio Ili, que se lhe une perto de 20 léguas acima da sua embocadura, depois de 36 léguas de curso leste-oeste por um terreno rico em criações de gado.

O Rio de Santa Luzia, ao qual dão perto de 40 léguas de curso através dum terreno fértil, abundante de pastagens, e povoado de gado vacum, e deságua 4 léguas ao poente de Montevidéu, havendo recolhido um pouco acima o Rio de S. José pela direita, com o qual fica largo e profundo: é navegável, e forma um porto na embocadura.

O Rio Jacuí (Rio dos Jacus) forma-se na parte ocidental dos Campos da Vacaria com a união de várias ribeiras, que a regam, e donde sai já considerável. Poucas léguas depois de ter atravessado a serra geral, vira para leste, descreve amiudadas reviravoltas por espaço de 30 léguas em linha reta; e de repente volta para o sul, e vai entrar mui caudaloso, depois de 15 milhas, no lado ocidental da Lagoa dos Patos, obra de 4 léguas abaixo da sua extremidade setentrional.

Entre outros menores, que o engrossam depois que sai da serra, nomeiam-se o Vacai, que nasce poucas léguas ao norte do Ibicuí-guaçu e traz consigo o Vacaí-mirim, cuja origem dista pouco da do Jacuí-mirim. Estes nomes foram-lhes postos depois que suas margens começaram a ser povoadas de gado vacum. Corre manso; não tem cachoeiras; sua navegação é fácil. O *Irapuã,* que traz consigo grande número de ribeiras quase todas de águas turvas, salobras, e mui frias. Nas suas margens em muitas partes acha-se uma casta de pedra mole, e negra com porções brancas como de prata; arde como cepa, e então exala cheiro de enxofre, ficando em carvão mui leve, que para nada mais presta. O *Butucaraí,* que vem do norte, e tem uma ponte. Perto da sua foz está o *Passo do Fandango.* O *Piquiri,* incorporado com o *Irai,* ou *Iroí,* que vem do morro partido. O *Tubatingaí,* que se

8 Iapoguaçu, que, segundo dizem, significa *pântano-grande,* ocupa um terreno de considerável área cortado pelo paralelo de trinta e um.

forma entre cerro partido, e a encruzilhada. O *Rio Pardo,* que vem de serra acima por entre matos, e não dá navegação por causa da muita penedia do seu leito: passa-se em ponte. O *Capivari,* que vem do mencionado morro partido. O Rio das *Antas,* formado de várias torrentes, que saem da falda, ou vizinhança da terra do mar, depois de grande espaço contra o poente, volta para o sul, recolhe o *Tibicoari,* ou *Taquari,* tomando-lhe o nome, e depois de 10 léguas entra no Jacuí, do qual é o maior tributário. Dá navegação a iates até à confluência, onde perde o primeiro nome. As terras adjacentes são fertilíssimas: criam formosos pinheiros, e outras árvores de boa madeira.

O Jacuí (12 léguas abaixo do Taquari), na paragem onde de repente vira para o sul, toma boa meia légua de largura, formando uma baía, onde recolhe o Rio Caí, que vem dos campos de cima da serra com mais de 25 léguas de curso quase ao sul, e dá navegação a iates por espaço de dez; o Rio do Sino, pouco menor, que nasce em cima da mesma serra mais ao sul, e corre ao sudoeste, navegável por largo espaço: o Rio Gravataí, que principia na mesma Serra mais ao sul do precedente, corre ao mesmo rumo, e dá navegação por espaço de 5 léguas. Também lhe chamam *Rio da Aldeia.*

Os rios Igarupaí, Daimar, e Gualeguaí são os principais, que entram no Uruguai pela esquerda entre a boca do Ibicuí, e a do Rio Negro.

O de Maldonado, os dois de Solis pequeno, e grande, desaguam no golfão do Rio da Prata.

Rio Grande de S. Pedro é o nome do desaguadouro da Lagoa dos Patos, e poderá ter 3 léguas de comprimento quase norte-sul, e uma de largura. Fica 60 léguas ao nordeste do Cabo de Santa Maria. As terras laterais são mui rasas, sem árvores, ou edifícios, que o indiquem aos navegantes, os quais só em distância de 2 léguas com tempo claro distinguem a sua abertura, onde o fluxo e refluxo raras vezes se move manso. O canal é variável: nenhum navio entra, sem que venha prático de terra para guiá-lo com uma embarcação de duas proas, em que vai diante até o porto.

A Lagoa dos Patos, que tomou o nome duma nação hoje desconhecida, como dissemos, é a maior do Estado, tendo 45 léguas de comprimento do nordeste ao sudoeste, paralelamente com a costa, e 10 na maior largura, com fundos para navios de mediano porte, e alguns baixos perigosos. Suas águas são salgadas na parte meridional; as margens geralmente rasas .É o receptáculo de quase todas as torrentes, que regam a parte setentrional e oriental da província, e cujos canais principais são a boca do Jacuí ao norte, e a do Rio de S. Gonçalo ao sui.

A Lagoa Mirim, que quer dizer pequena, comparativamente àqueloutra, sendo de 26 léguas de comprimento com 7 para 8 na maior largura, está também prolongada com a costa, e deságua para a dos Patos por um canal de 14 de comprido, largo, vistoso, e navegável, que é o mencionado Rio de S. Gonçalo.

O Rio Saboiati, depois de ter recolhido outros muitos, deságua caudaloso perto da extremidade meridional da Lagoa Mirim, e dá navegação por muitas léguas.

O Rio Ohuí, que não é considerável, desemboca quase no meio da mesma lagoa: e mais ao norte o Jaguaron, que principia perto da Lagoa Formosa, dão-lhe 25 léguas de curso, e 5 ou 6 de navegação.

O Rio Piratini, que tem sua origem na vizinhança da Lagoa Formosa, desemboca no meio do de S. Gonçalo depois de 30 léguas de curso, e dá navegação por espaço de 10 milhas.

O Rio de Pelotas nasce na Serra dos Tapes, une-se ao de S. Gonçalo junto à sua embocadura, e dá navegação a iates por 4 até 5 léguas. Dele toma 'nome a formosa enseada, onde desemboca o que o recolhe.

"Passando a boca do Rio de S. Gonçalo, o primeiro que se encontra é o Contagem, que poderá ter 14 léguas de extensão: o segundo é o Correntes: o

terceiro o *Canguçu,* navegável por algumas léguas: o quarto corre com o nome de 5. *Lourenço:* o quinto, denominado *Boqueirão,* menor que todos, vem como eles da Serra dos Tapes."

"Acima do *Boqueirão,* no meio da Lagoa dos Patos, deságua o Camapuã por cinco bocas formadas por quatro ilhas, das quais a maior tem meia légua de circuito. Vem da Cochilha grande com mais de 30 léguas de curso rápido por entre serrotes de penedia, e só dá navegação a iates por distância de 4 léguas, sendo para cima cheio de cachoeiras. Pelo lado meridional recolhe catorze torrentes, das quais algumas têm mais de 10 léguas de extensão e pelo setentrional 150 sem que nenhuma passe de cinco. As meridionais, começando na foz do que as recebe, são: a do Pereira, que principia nas Serras dos Tapes; a do Cardoso; a do Evaristo; a do Meireles; o Sapata, aliás Caraí, que vem da mesma serra; o Arroio das pedras, que principia perto do sítio chamado Igatimi; o do Almeida; o Arroio-grande, o Velhaco, que principia na Cochilha-grande, junto do Cerro Baí, e corre por sítios fragosos: o do Fagundes, que corre 5 léguas por entre rochedos com muitos saltos: o do Rodrigues, que foge despenhado, e espumoso por penedias; o Arroio da palma, que é considerável, sereno, piscoso, e navegado por embarcações menores: as capivaras andam pelas suas margens em rebanhos de 60, e 100: o *Camaeuã-Chico,* também vagoroso, e recolhe entre outros um ohamado *Tigre.* As terras adjacentes são campinas aprazíveis, e férteis em trigo".

Passando a foz do Camapuã para o norte, encontra-se a do *Daro,* ou *Duro,* que corre por campinas sem ribanceiras, nem mato nas suas margens, e forma algumas lagoas: depois o Velhaco, que corre apressado por entre matos: adiante o Passo-grande, vagaroso com matos pelas margens.

Subindo pelo Jacuí acima até Porto Alegre, encontram-se à esquerda o Araçá, que principia na ponta da Serra do Erval; o de *Antônio Alves,* que 3 léguas acima da sua foz recolhe o Doudarilho, e dá navegação a iates.

Na extremidade setentrional da Lagoa dos Patos deságua o Rio dos Palmares, que principia nos campos vizinhos ao Tramandali.

Três léguas ao poente corre o Capivari, que só é corrente no inverno, enquanto a Lagoa da Serra, aliás dos Barros, recolhe as águas de vários regatos, sendo dela o desaguadouro. Esta lagoa, que poderá ter 5 léguas de comprimento, e 1 até 2 de largura, fica paralela com a Cordilheira. As numerosas capivaras, que povoam suas margens, lhe deram o nome. O terreno atravessado por estes rios é plano, de areia fina, e em grande parte alagadiço; mas cria erva, mato, e plantações.

Ao longo da costa, que corre do Cabo de Santa Maria até Castilhos-pequeno, há várias lagoas na proximidade do mar .

A Lagoa da Mangueira, que tem 23 léguas de comprido, e quase sempre uma de largo, está prolongada no intervalo, que medeia entre a costa e a Lagoa Mirim, para onde deságua na extremidade setentrional por um esgotadouro chamado Arroio Taim. Ao norte dele está a Lagoa Cajuba, com 6 milhas de comprimento. Na península, que medeia entre a costa e a Lagoa dos Patos, e cuja largura é de 2 até 6 léguas, há grande número de lagoas ordinariamente pequenas, das quais umas deságuam para aqueloutra, as mais para o Oceano. Entre as que se escoam para o poente, nota-se (na parte meridional) a das capivaras, na qual deságua um arroio, de água pura e limpa, que rebenta com força admirável, e é a melhor fonte da península, que todavia não é falta de águas potáveis. No lado oriental nota-se a Lagoa de Mostardas, mais conhecida pelo nome de *Lagoa do Peixe,* com 9 léguas de comprimento, pouca largura, 5 até 8 palmos de fundo, prolongada com o mar, para onde deságua por um sangradouro, que a natureza abre, e entope anualmente, pelo qual entra imensidade de várias espécies de pescado sendo a mais numerosa a denominada Miragaia com figura de bacalhau. Com esta mesma se comunicam várias outras, que ficam ao norte encadeadas por seus

desaguadouros. Perto da derradeira, que termina não longe de Barros-vermelhos, começa outra cadeia semelhante, em pouca distância da praia, e com ela prolongada por espaço de 25 léguas ao menos. Em um dos Mss. que nos socorrem, acha-se: "de Barros-vermelhos a pouca distância para a banda do mar há uma lagoa pequena, que tem seu desaguadouro em outra maior que acaba nos capões do Retuvado, distante uma légua, e tem seu sangradouro em outra que acaba daí légua e meia. Adiante há duas lagoas emparelhadas; e mais adiante outra junto ao Capão do Xavier em distância de duas léguas, a qual deságua noutra maior chamada da Charqueada por terminar no sítio deste nome; e tem seu sangradouro em outra pequena, que deságua para outra igual, e esta em outra maior, que acaba no Capão das»Taquaras. A última deságua na do Quintão, que é grande, e sangra-se na da Cidreira, que é dividida em três sacos ou lagos comunicados por gargantas, ou sangradouros grandes, ocupando uma extensão de 4 léguas e meia. Esta da Cidreira tem um canal de duas milhas de comprimento para a dos campos do Ribeiro, que termina junto ao passo do arroio, o qual é o seu sangradouro para o Rio Tramandaí."

O Rio Tramandaí, ao qual Pimentel chama *Taramandabu,* e que se acha na latitude de 30°, tem poucas léguas de curso, não sendo mais que o desaguadouro dum grande número de lagoas, em que se esgotam os extensos campos, que medeiam entre a praia e a cordilheira. Nele deságua também o mais meridional doutra cadeia de lagos, que se estende ao longo da mesma cordilheira para o setentrião até bem perto do Rio Mambituba, em cuja foz há um destacamento para registrar os que entram ou saem da Província.[7]

A mencionada península, formada pela Lagoa dos Patos com o Oceano, é de terreno raso com um pequeno albardão[8] pelo meio; e sendo quase em linha reta pelo oriente, forma várias pontas, enseadas no lado contrário. Entre as primeiras notam-se (começando pelo sul) a Ponta do Mandanha, onde se hão achado vestígio duma povoação, e cemitério de indígenas: depois a ponta rasa. Entre elas deságua a mencionada Lagoa das Capivaras. A do estreito. Na enseada média chamada *Barranca,* e que é o melhor abrigo desta lagoa para todas as embarcações, deságuam alguns arroios, em um dos quais entram canoas, em outros lanchas. A de Bujuru, 6 léguas mais ao norte. Na enseada média, e do mesmo apelido, desemboca um arroio abundante, que forma uma ilhota na barra. A de Cristóvão Pereira, 6 léguas mais adiante. Na enseada, que lhe fica ao sul, há dois volumosos montes de casca de mariscos, os quais provam quanto cs indígenas usavam deste alimento. A ponta, e Enseada da Caeira istão mais ao norte, e são as derradeiras notáveis. É terreno geralmente muito arenoso; mas tem-se achado barro debaixo da areia em partes; o que prova que a península não é formada pelas areias do mar, mas sim que estas hão coberto o terreno antigo.

Por entre a Lagoa Mirim, e a da Mangueira desce com muitas léguas de curso o Arroio Chuí, que sai ao oceano defronte da extremidade meridional da primeira.

CABOS, PORTOS, E ILHAS — Cabo de Santa Maria é o único. Montevidéu, Santa Luzia, Maldonado são os melhores portos. A Ilha de Castilhos, próxima à ponta do seu nome: Maldonado, na entrada da enseada do seu apelido, ambas pequenas: a dos Lobos, com meia légua de circuito, água boa, quase toda de penedia, 4 léguas ao sueste da precedente, e outras tantas ao sudoeste do Cabo de Santa Maria: a das flores, com meia légua de comprimento, pouca largura, e rasa, 6 milhas a leste de Montevidéu: a de Martim Garcia, ao oes-noroeste da enseada da Colônia do Sacramento, defronte da boca do Rio de S. Francisco: a de S. Gabriel com 450 braças de comprido, largura proporcionada em frente

7No espaço de onze léguas, que medeia entre o Tramandaí e o Mombltuba, saem na praia catorze arroios de água cristalina.
8Com o nome de *albardão* designam aqui as pequenas *cochüha*s.

da colônia com a de Antônio Lopes, e a dos Ingleses, ambas pequenas; e a dos Fornos, com 240 braças, e mui próxima à praia.

A Ilha dos Marinheiros, com 3 ou 4 léguas de circuito, rasa, e povoada de mato, está perto da extremidade meridional da Lagoa dos Patos, e pouco ao norte da Vila de S. Pedro, para cujos habitantes é o recurso da água, e lenha.

MINERALOGIA — Terra-sombra, tabatinga, pedra calcárea, prata, ouro, minerais de enxofre.

FITOLOGIA — A madeira é mais notável pela boa qualidade, do que pela abundância. Do paralelo de 30 para o sul só nas beiradas dos rios principais há matos fortes. Fora destas paragens as árvores são raras e pouco altas. Na parte meridional em alguns sítios queimam-se os ossos, e excremento do gado por falta de lenha: na setentrional há formosos pinheiros, copados como os mansos da nossa península.

ZOOLOGIA — Cinco nações dominavam esta província: os Patos na península, e ao norte da lagoa, que lhes tomou o nome: os Charruas em torno da Lagoa Mirim até o golfão do Rio da Prata: os Minuanos, ao Poente dos derradeiros: os Tapes da Lagoa dos Patos até o Uruguai: os Guaicanãs, nos campos da Vacaria, onde ainda aparecem às vezes. Dos primeiros não há notícia, como se disse: os Gharruas retiraram-se para o centro do país: os Minuanos ocupam as terras ocidentais dos Tapes[9] do Ibicuí para o sul. Entre os Minuanos, e Charruas há sempre inimizade, e freqüentes assaltos: ambas usam de lança, flechas, e funda; e montam a cavalo. Grapuetã se chama o sítio, onde os Minuanos residem considerável espaço do ano.

Entre outras espécies de quadrúpedes selváticos há antas, veados, onças, macacos, pacas, coelhos, quatis, cutias, tatus, aliás armadilhos, jaritacacas, às quais os castelhanos (e à sua imitação também muitos portugueses) chamam zorrilhos; porcos, raposas com outras castas de cães como jaguatiricas, guarás, guaraxains, jaguanés. Os oriundos da Europa, sobremaneira multiplicados, vivem no campo, onde se sustentam com os restos das charqueadas, sem procurar povoação. Chamam-lhes cães chimarrões. Faltando-lhes o alimento, logo que cessa a matança do gado, ajuntam-se em numerosas matilhas, procuram o que pasta, e cercando uma rês, perseguem-na teimosamente até que o animal, caindo de fatigado é por eles devorado em poucas horas. Um cavaleiro corre risco no campo, quando eles andam famintos.

Em nenhuma província se cria tão prodigiosa quantidade de gado vacum, cavalar, e muar: as cabras são poucas, e as ovelhas dão boa lã. A primeira espécie é a mais multiplicada.

Nos princípios do século passado a maior parte da província era povoadíssima de gado vacum, apesar dos estragos que nele faziam os indígenas, e as onças. Os conquistadores, persuadidos que tanta gadaria jamais poderia ter fim, entraram a fazer nela destruições semelhantes às dos tigres, e lobos famintos em currais de ovelhas. Toda a guerra era contra as vitelas; e de ordinário uma não chegava para o jantar de dois camaradas; porque acontecendo quererem ambos a língua, tinham por mais acertado matar segunda, do que repartir a da primeira. Havia homem que matava uma rês pela manhã para lhe comer um rim assado: e para não ter o incômodo de carregar uma posta de carne para jantar, onde quer que pousava, fazia o mesmo àquela que melhor lhe enchia o olho. Não havia banquete, onde não aparecesse um prato de vitelinha recém-nascida.

D. Joaquim Viana, Governador de Montevidéu, ouvindo falar da considerável diminuição, que observava no gado, informado das causas, ordenou com penas graves, no meio do século, que não se matassem mais vitelas, nem vacas; e que em seu lugar se comessem os terneros: e que também não se matassem touros, nem bois, para as coiramas, senão de cinco anos para cima.

9 Os Tapes vivem de largos tempos crlstlanlzados nas Missões do Uruguai.

No vice-reinado do limo. Marquês de Lavradio deram-se algumas providências na parte setentrional; mas não todas as que eram precisas em razão da distância. Tiradas duas porções menores, uma consumida pela população do país, outra, que sobe pela Província de São Paulo para os açougues da Metrópole, o mais é charqueado (isto é, salgado, e seco sem ossos ao sol), e transportado aos principais portos do continente.

Em 1802, ainda não havia entre os vassalos de C. F. senão 539 proprietários de terrenos demarcados judicialmente, entre criadores de gados denominados *fazendeiros,* e *lavradores,* que só criam o necessário para o seu serviço e gasto. Uns e outros possuem ordinariamente duas léguas quadradas; mas os da primeira ordem têm oito, e dez, e alguns ainda mais. A maior parte do gado, como se diz, é vacum. Num terreno plano, ou campo de três léguas criam-se de quatro a cinco mil cabeças; e a proporção os maiores, e menores com atenção à qualidade do terreno, porque os pastos não são geralmente bons. Para costear uma fazenda de 5.000 cabeças, bastam seis homens com cem cavalos ao menos. Todos são castrados, e conservam-se no campo em magotes ou tropelhas de vinte cada uma com sua égua mansa, de cuja companhia nenhum se arreda; a qual sempre os acompanha nas ocasiões de marcha, aliás foge cada um para seu cabo, e só com grande trabalho se apanham; mas presa ela, nenhum se retira, quando os soltam. Nenhum gasto fazem aos donos em sustento, nem ferragem. Em cada fazenda há uma colina, ou terreno dos mais elevados determinado com o nome de *rodeio,* plano na sumidade, e com capacidade para receber todo o gado, onde se ajunta as vezes que se julga necessário. Para isto distribuídos os pastores a cavalo em torno do gado, começam a bradar-lhe *rodeio,* a cujas vozes o gado marcha a trote para o rodeio em fileira, e dividido em manadas de 50 até 100 cabeças, segundo o número em que pastam. Esta manobra é indispensável a fim de por o sinal, e marca do dono no animal, que ainda a não tem, para se castrarem, operação que se lhes faz em tendo dois anos, e pelo método praticado com os porcos, e para tirar o que passa de quatro anos; tanto para que o gado não excede o número das cabeças que a fazenda pode sustentar, faltando-lhe o pasto, como porque passando a viver mais tempo no campo, não quer obedecer ao rodeio, foge, e desordena o resto do gado. Numa fazenda de três léguas comumente marcarrirse anualmente mil novilhos entre machos, e fêmeas; por este se calcula o número dos que se tiram.

Os mesmos fazendeiros também criam gado manso. Comumente tem cem vacas de leite o fazendeiro que possui quatro mil cabeças de gado bravo. Pastam no campo como o outro gado. Quando uma vaca pare, sempre é em sítio azado para esconder a cria, onde a conserva por espaço de oito dias, visitando-a por vezes no dia para aleitá-la, e de noite dorme com ela. É difícil achá-la durante este tempo. Mas descoberta que seja, é logo conduzida ao curral, onde se conserva oito e nove meses, ou mais, sendo diariamente visitada pela mãe, à qual se tira o leite em todo este tempo para manteiga, queijos, ou qualquer mister, deixando ao prisioneiro o que a vaca não quer dar. A familiaridade das crias com a gente as conserva em mansidão: e crescidas, os machos puxam pelo carro, e arado; as fêmeas pastam no campo até serem mães, que continuem em dar ao fazendeiro o supérfluo à cria.

Posto que o gado manso não seja criado com tanta fartura como o bravo, que goza de todo o leite da mãe, e pasta todo o dia sem trabalho, contudo cresce tanto como este, e engorda mais: o que se atribui a que o gado bravo anda continuamente assustado fugindo a qualquer animal, que lhe aparece; e o manso, posto que come menos, e só de dia, vive sossegado, e sempre com o hábito de procurar o curral, e chegar-se para a gente: e assim como pisa menos o campo, esperdiça menos pasto; de maneira, que o alimento que sustenta quatro mil cabeças de

gado bravo, pode sustentar oito mil do manso, cuja carne é mais saborosa que a daquele.

Os mesmos fazendeiros criam também gado cavalar, e muar; e porque este é mais lucroso, valendo um macho ao menos o dobro dum cavalo, por isso é mais numerosa a sua espécie, ainda que os maiores não passam de criar duzentas cabeças por ano ordinariamente. As mulas de dois anos, ou se vendem, ou se separam da manada, a fim de evitar o dano, que causam à outra espécie; porque vendo uma mula a cria duma égua, chega-se para ela, e começa a caricíá-la como filha própria, de sorte que não consente que a mãe se lhe chegue para alimentá-la donde resulta perecer de fome. Os cavalos, e machos são castrados na idade de dois anos pelo método praticado com os touros. Nenhuma espécie sai da província inteira: a marca põe-se-lhes na idade de um ano.

A criação do gado lanígero, que excederia em dobro a do vacum, pela razão de serem raras as ovelhas, que não parem dois filhos de cada vez, não é numerosa: são poucos os fazendeiros que possuem mil cabeças; e a maior parte deles nenhuma; mas esta espécie deve crescer, quando as fábricas derem gasto à sua lã. Nada há tão fácil e barato como a multiplicação deste gado. Para pastorar uma manada de mil cabeças, bastam dois rafeiros criados pelo modo seguinte. Logo que nasce o cachorrinho, matam-se os cordeirinhos a uma ovelha, a qual é presa, e obrigada a alimentar o cachorro até se habituar a tratá-lo como filho. Este, em abrindo os olhos, não vendo outro benfeitor, afeiçoa-se-lhe, e brinca com os cordeiros, como se fossem da sua espécie: jamais se lhe dá de comer: conservam-no no curral das ovelhas fechado, e em certa idade castra-se. Em tendo forças, e vigor para acompanhar o rebanho, solta-se, e deixa-se ir com ele para o campo bem pensado. Em pouco tempo, e sem mais ensino se familiariza com o rebanho, de maneira que jamais se aparta dele. Quando sucede parir uma ovelha no campo, e esta não pode acompanhar as outras por causa de não ter o filho ainda o vigor de a seguir, um dos cães se conserva junto dela; e se o cordeirinho não pode andar, nem seguir a mãe para o curral, ou para o rebanho, o cão o toma na boca sem o molestar, e o leva para o lugar onde a ovelha deve estar. Nenhum outro animal, nem pessoa desconhecida pode chegar-se ao rebanho, de que eles são os guardas, sem risco de ser maltratado. Os outros cães domésticos, e os amontados, por outro nome cães *chimarrões,* são os maiores inimigos das ovelhas; contra eles é a vigilância dos pastores, e também contra os urubus, que são numerosíssimos, e tiram os olhos aos cordeirinhos recém-nascidos.

Entre outras espécies de pássaros conhecem-se Macucos, Papagaios, Carões, Anhumas, Socos, Taiuiu, Jaburus, Garças, Jacus, Arapongas, Mutuns, Tucanos, Codornizes. Nas lagoas navegam numerosas frotas de Marrecos, e Patos-Arminhos grandes, e brancos de todo como cisnes, outros com o pescoço negro, cuja pele depenada fica coberta duma lanugem comprida, basta e alvíssima, imitando a do arminho, e serve para os mesmos usos. Os patos-marinhos com bico de peru, asas mui pequenas e sem pena, e que andam o mais do tempo pelo fundo do mar, aparecem sobre a costa, como também os lobos marinhos. Conta-se aqui que as emas põem muitas num mesmo ninho, ao qual não tornam, acabada a postura; e que um macho choca os ovos, dos quais quebra dois, logo que nascem os pintos, para que estes se sustentem com as moscas, que se juntam nos quebrados, até poderem acompanhar o pai, que os guia por alguns dias, enquanto não se tresmalham.

O povo não é apaixonado pela caça, que por isso é multiplicada, nem pela pescaria; também o peixe não é bom.

Os camponeses são insignes no uso do laço, para prender o gado bravo. É uma corda de correias entrançadas presa por uma ponta à sela do cavalo, em que o laçador monta, com uma laçada corredia na outra; e que se lança sobre a dianteira do animal, que fica preso pelas pontas, ou pescoço. Há homens tão

habituados, que laçam onças. Não são menos destros no manejo das bolas, que são duas pedras redondas seguras nas extremidades duma corda curta, e também de correias, que sendo lançada às pernas do animal, o derruba de improviso, embaraçando-lhes sem que possa dar mais um passo. Destas armas se servem também os homens contra os seus semelhantes![10]

As vilas principais são: Porto Alegre, São Pedro e Montevidéu.

A medíocre, comerciante Vila de São Pedro, vantajosamente situada na extremidade duma língua de terra, que se prolonga entre o saco da Mangueira ao sul, e uma baía ao noroeste, tem uma igreja paroquial, dedicada ao Apóstolo, que lhe dá o nome, e duas ordens Terceiras, uma de S. Francisco, outra do Carmo. As casas são geralmente mesquinhas, e as ruas de areia finíssima, assim como o contorno, onde anda à vontade do vento, e chega a sepultar casas pequenas. Na estação das ventanias nada se come sem uma porção deste sal. Não é nem pode ser fortificada.

Esta vila, que teve princípio obra de uma légua ao sudoeste no sítio do Estreito, foi mudada por Gomes Freire de Andrade entre os anos de 1747 e 1750; e capital até 1763. O calor é aqui intenso. Os gatos fogem dos ratos que são multiplicadíssimos e grandes; mas têm um formidável inimigo nos cães.

Sobre a margem oriental do rio, em frente de São Pedro, está o considerável e florescente Arraial de São José, com uma ermida desta invocação. É o porto daquela vila. Em 1814 saíram dele 333 embarcações carregadas de trigo, coirama, carne seca, sebo, queijos, e outros objetos.

Obra de 6 léguas ao sul de Sao Pedro está o Arraial de Povo Novo, ornado com uma ermida de Nossa Senhora das Necessidades: seus moradores são açoritas e lavradores.

Porto Alegre, *Alacríporíus,* vila grande, populosa, comerciante, e florescente, com boa casaria, e ruas direitas, e calçadas as principais sobre a margem meridional duma enseada na oriental do Rio Jacuí, 7 léguas acima da sua embocadura, 43 ao norte de São Pedro. É a capital da província, e residência do Governador, do Ouvidor, e um Vigário geral. Tem uma igreja paroquial, dedicada a Nossa Senhora Madre de Deus, uma capela com a invocação das Dores, um hospital, uma junta da Fazenda Real, e cadeira regia de Latim. O senado é presidido por um juiz de fora, que também é o dos órfãos.

Com a perda da Vila de São Pedro (em 1602) passou a Aldeia de Nossa Senhora da Conceição a ser capital da província, e a ermida, que a ornava, a ser a paróquia por alguns anos, enquanto o Governador José Marcelino de Figueiredo não a mudou, delineando, começando, e fazendo crescer esta vila, querendo ainda que tivesse o nome, que ele tão apropriadamente acabava de dar ao seu bom porto. Em 1808 se lhe deu título de *vila.* Grande parte das mercancias, que saem do porto da Vila de São Pedro, são para ali exportadas do destoutra, onde chegam iates.[11]

Os seus contornos são de grande fertilidade, e regados pelos rios Caí, Caravataí e outros.

Obra de 4 léguas ao nordeste de Porto Alegre, e menos de milha afastada da margem direita do Rio Caravataí, em sítio levantado e vistoso, está a paróquia de Nossa Senhora dos Anjos, fundada pelo mesmo Governador José Marcelino de Figueiredo, para habitação de várias famílias Tapes, fugitivas das Missões do Uruguai; às quais estabeleceu uma grande fazenda de criar gado, para terem de que se sustentar mais comodamente. O que não obstante, sendo de mais a mais

10 Entre os castelhanos os filhos dos Índios com as negras chamam-se *Somboloros;* e os destes com mulatas denomlnam-se *Sacalágua. O* filho dum. mestiço com uma Indiana é *Chõlo. Curibocas* é *o* nome dos primeiros entre portugueses.

11 Porto dos Casais foi o primeiro nome, com que designaram a Enseada do Porto Alegre, o qual foi subtltuido pelo de *Viamão,* que se apropriou à mencionada capital Interina, hoje pouca coisa, em um sítio aprazível, com uma magnífica Igreja Matriz, 2 léguas a leste de Porto Alegre.

livres de capitação, isentos de chegar à palmatória, e disciplinas com que foram criados, a maior parte tem-se retirado pouco a pouco para vários sítios da província. O rio é mui tortuoso, e faz que a distância seja dobrada por água. Abunda de madeira, pedra, e bons barros para olarias.

Pouco mais de 10 léguas ao poente de Porto Alegre está o considerável, e aprazível Arraial da Freguesia Nova, com uma igreja paroquial do Senhor Bom Jesus do Triunfo, junto à embocadura do Taquari: seus habitantes recolhem trigo, e criam gado.

Obra de 5 léguas ao norte está a Freguesia de S. José, com uma grande praça, sobre a qual fica a matriz. É o berço da agricultura da província. Seus habitadores são geralmente naturais, e oriundos das Ilhas dos Açores, donde o Senhor D. José fez passar vários casais para este sítio, onde começaram a cultivar trigo, e milho segundo o método de sua pátria, e ainda hoje sua ocupação e riqueza.

Pouco mais de 3 léguas ao poente da Freguesia Nova está o aprazível Arraial de Santo Amaro, também sobre a margem setentrional do Jacuí, junto a uma ribeira, ornado com uma magnífica igreja paroquial.

8 léguas ao poente de Santo Amaro está a considerável e abastada Vila de Rio Pardo, sobre a embocadura do Rio que lhe empresta o nome, ornada com uma igreja paroquial de Nossa Senhora do Rosário, e duas capelas: ocupa quatro pequenas colinas contíguas. Teve princípio com um forte dedicado a Santo Lourenço, o título de *vila* em 1812, e o de *condado* em 1815.

Em distância de 2 milhas está a Aldeia de São Nicolau, com uma ermida desta invocação: o povo, que a habita, é de indígenas.

12 ou 14 léguas ao sul do Rio Pardo está o arraial, e capela de Santa Bárbara da Encruzilhada, em sítio levantado, vistoso, e plano, com excelentes águas.

10 léguas, ou 4 pelo rio, acima de Rio Pardo, sobre a margem setentrional do mesmo Jacuí, está o considerável Arraial da Cachoeira, com uma igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição; ruas direitas, largas e limpas, e vantagens para duplicar muitas vezes.

12 léguas ao sul da Cachoeira fica o considerável Arraial de Caçapava, sobre uma colina perto da nascença do Rio de Santa Bárbara, ornado com uma capela de Nossa Senhora d'Assunção.

Obra de 15 léguas ao nordeste de Porto Alegre está a pequena Vila de Santo Antônio da Patrulha, junto à estrada em um terreno levantado. Seus moradores cultivam mandioca e canas de açúcar, e recolhem bananas com outras frutas.

Ao norte da Patrulha, numa extensa planície sobre a Serra Geral, está a paroquia de Nossa Senhora da Oliveira. Gado vacum é a riqueza de seu povo.

Os habitadores da península formada pelo oceano e Lagoa dos Patos estão repartidos em três freguesias: a de Nossa Senhora da Conceição do Estreito, para os meridionais; a de S. Luiz de Mostardas, para os centrais; a de Nossja Senhora da Conceição do Arroio, para os norteiros.

Os que vivem ao poente da Lagoa dos Patos e da Mirim, formam a Freguesia do Espírito Santo, junto à margem do Jaguarão; a de Nossa Senhora da Con^ ceição de Piratini, pouco arredada deste rio; a de S. Francisco de Paula, perto do Rio de S. Gonçalo, e obra de 4 léguas acima da sua embocadura no sítio de Pelotas; a de Nossa Senhora da Conceição de Canguçu, na vizinhança do Rio Camapuã; e a de São Sebastião de Bagé, perto da origem do mesmo Camapuã.

Todas estas freguesias são do Bispado do Rio de Janeiro; as seguintes do de Buenos Aires.

Montevidéu, praça mediana com título de *cidade,* situada em plano aprazível, na extremidade duma península, que forma o lado oriental duma baía quase de duas léguas de comprido, e uma de largo na entrada, é fortificada com várias baterias para o mar, e uma cidadela no lado do continente. Tem uma igreja paroquial de três naves, dedicadas aos apóstolos São Felipe e São Tiago, um Convento

de Franciscanos, um hospital, boa casaria com tetos de terraços, e ruas direitas. Respira-se ar salutífero; padece-se falta de lenha; e só se bebe água de cisternas, que são numerosas, ou de cacimba conduzida em carros dum quarto de légua. Fica 38 léguas ao poente do Cabo de Santa Maria, e 35 a leste de Buenos Aires. O seu porto, em cuja extremidade há uma ilhota fortificada, não tem fundo bastante por toda a parte para os navios grandes. Os pampeiros, que são tormentas furiosas do sudoeste, causam às vezes grandes prejuízos. A maré depende aqui muito do vento. Foi tomada pelos ingleses em junho de 1807, e restituída depois de alguns meses.

Os seus subúrbios são mui povoados, e têm duas paróquias, ambas dedicadas a Nossa Senhora do Carmo: e mais ao largo outras duas: Pinherol, e Pedras são os nomes, que as designam; e seus párocos criadores de gado.

Maldonado, vila pequena, e que com facilidade pode vir a ser considerável pela sua situação sobre a enseada do seu nome, e fertilidade de seus arredores. A igreja paroquial, que a orna, é dedicada a S. Carlos; o povo, que a habita, descende de portugueses em grande parte. Fica 15 léguas ao poente do Cabo de Santa Maria.

Pueblo Novo, fundado para habitação de portugueses prisioneiros da Colônia do Sacramento, fica duas léguas ao norte de Maldonado, e tem uma igreja matriz da invocação de S. Carlos.

Perto de 25 léguas ao norte de Pueblo Novo está a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição de Minas.

São Domingos Suriano, vila pequena, e bem situada, junto à embocadura do Rio Negro, num terreno fértil em trigo e frutas, com abundantes pastos, em que se cria muito gado grosso. Tais são os objetivos de exportação com cal de pedra.

8 léguas arredadas de São Domingos Suriano fica a Freguesia de Nossa Senhora das Mercês, junto à margem do mesmo Rio Negro.

5 léguas distante de São Domingos Suriano, sobre o Rio de São Salvador, está a Paróquia de Espenilho; e 14 léguas longe de Espenilho fica a Freguesia de Víboras.

Obra de 9 léguas ao noroeste de Montevidéu, ou Vídio, está a Freguesia de Nossa Senhora de Guadalupe de Canelões. A. Paróquia de Perongos é central; a de Hí está sobre o rio, que lhe empresta o nome; a de São José, a de Santa Luzia estão junto aos rios dos seus nomes; e a do Santíssimo Sacramento existe onde os portugueses a fundaram; a Freguesia do Pintado fica longe do mar; Cerro-Largo, com título de *vila,* vistosamente situado perto do lugar do mesmo nome, é a mais próxima à nossa fronteira.

PROVÍNCIA DO PARANÁ

Tem esta província ao norte a de Mato Grosso; ao ocidente, e meio dia, o Rio' Paraguai; ao oriente o Uruguai e o Paraná, que lhe dá o nome, e a divide em duas partes pouco desiguais, Setentrional, e Meridional.

Está toda na zona temperada entre os 24°, e os 33 e *%,* com 190 léguas de comprimento norte-sul e para mais de 80 na maior largura leste-oeste.

O inverno, que começa em maio, e dura até outubro, é frígido: o vento reina nesta estação do sudoeste. O clima é temperado, e sadio, depois de excetuarmos os sítios pantanosos e alagadiços, onde as febres reinam periodicamente em certos meses.

É país quase geralmente plano, e baixo com poucos montes, e serras; e estas sem elevação considerável. O terreno, em grande porção substancioso, é apropriado para quase todas as produções da zona tórrida e da nossa península. Vêem-se searas de trigo e milho; plantações de canas de açúcar, de algodoeiros, de mandioca: as mais lucrosas são as do mate. Também nenhuma destas produções prospera geralmente em todos os distritos: o trigo quase só se dá na parte meridional; o mate na setentrional: os pessegueiros tão multiplicadíssimos nas derradeiras ilhas do Paraguai, e terrenos vizinhos, que se decotam freqüentemente, para aquentar os fornos com os seus ramalhos, não se encontram de Santa Fé para o norte.

Sebastião Caboto e Diogo Garcia foram os descobridores deste país, subindo o Paraguai em 1526, como dissemos. A Colônia de Assunção, primeiro estabelecimento da província, depois do Forte de SanfAna, padeceu muito com a má vizinhança das diversas nações bárbaras convizinhas, principalmente dos Guaicurus e Paiagoás, tão numerosas, como ferozes, e audazes; posto que por seu natural andejos lhe dessem tréguas de considerável espaço para se fortificar com o aumento dos novos colonos, que se lhe enviavam.

A falta das minas do ouro e da prata, que tanta gente atraíam ao Peru e México, fez que este belo país, e tão vantajosamente situado, estivesse largos anos sem adquirir fama.

A parte média, e oriental foram conquistadas pelos jesuítas com a cristianização dos povos guaranis, seus possuidores. Estes padres, conhecendo a relaxação dos costumes da Europa, e quanto ela havia refinado nas colônias americanas, resolveram que só Convinha catequisar os índios longe dos europeus, afim de que os catecumenos e prosélitos não lhes vissem praticar o contrário do que se lhes ensinava. A cautela em não deixar praticar uns com os outros, a perfeição com que falavam o idioma guaranítico, e ainda a docilidade dos indígenas concorreram igualmente para o desejado êxito da empresa.

Em poucos lustros reduziram os jesuítas as várias hordas da nação a uma vida sedentária em grandes aldeias, denominadas *Reduções,* cujo número pelos anos de 1630 subia a 20 com 70.000 habitantes. Os que tinham subido ao Alto Paraná com o intuito de estender a conquista espiritual, foram obrigados por 800 paulistas a recusar em 1631 para o sui da Serra Maracaju.[1] Então reduziram

1 O Inexato Jesuíta Montóla conta que ele, e seus colegas retiraram acima de 12.000 Índios para baixo das *Sete Quedas,* quando os paulistas Invadiram as províncias do Alto Paraná: e que estes continuaram a visitar hostilmente as Reduções do Baixo Paraná: e que em 1637, 140 paulistas com 1.500 Índios acometeram as Reduções de Jesus Maria, S. Cristóvão, e SanfAna, e se retiraram com 7.000 prisioneiros! "140 Castelhanos dei Brasil com 1.500 Tupis, todos muy ble armados con escopetas, vestidos de *escupiles,* que son ai modo de almatlcas, estofadas de algodon, com

os Tapes orientais; e continuaram em polir as duas nações (ensinando-lhes todas as artes úteis), de que formaram o denominado Império Guaranito, que os menos escrupulosos nunca elevam a mais de 200.000 habitantes, e que, dizem, podia por em campo um exército de 40.000 homens.[2]

Dizem que Guaranis (ou Guarinis, como alguns defendem) quer dizer guerreiros, e que este povo, em outros tempos vagabundo, levava assolação por toda a parte onde abrangia, e donde trazia muitos prisioneiros, com os quais se fez mais numeroso, e menos andejo. A sua linguagem, e nome passaram a ser comuns às diversas tribos, que os catequistas lhes agregaram, transplantando-se de diferentes partes, e com que duplicaram muitas vezes de número.

O erário da coroa católica fornecia anualmente de 40 a 50.000 ducados aos missionários empregados nesta conquista, enquanto os índios não chegaram ao estado de fazer as despesas do país com o produto da agricultura, e indústria; e de que aqueloutros eram os arrecadadores e administradores. Logo que as aldeias e os templos se completavam, cada homem de 18 anos até 50 pagava anualmente a capitação de dois Pesos Duros. Eram isentos deste tributo os caciques, os seus primogênitos, e 12 homens mais em cada Redução, destinados ao serviço da Igreja. Em 1634, quando já havia trinta Reduções com uns 125.000 índios cristãos, o número dos que pagavam tributo andava por 19.116.

Em 1649, afim de os ter mais sujeitos, e evitar qualquer deserção para as terras da coroa portuguesa, onde não havia capitação, foram os índios aliviados da metade deste tributo, e novamente reconhecidos por vassalos da coroa católica. Quatro anos antes se lhes havia concedido por um decreto a faculdade de poderem transportar francamente o *mate,* não sem algumas condições, afim de lhes ficar menos custosa a capitação. Esta liberdade foi uma porta, que se abriu à cobiça dos jesuítas por mediação dos curas das Reduções, servindo-lhes de capa os índios para fazerem um altíssimo negócio com esta mercancia, em prejuízo dos negociantes de Assunção, cujas queixas e representações fizeram emanar dois decretos: um advertindo o Provincial do Paraguai da exorbitante quantidade de mate, em que seus padres negociavam; outro proibindo aos índios levar àquela cidade mais de 12.000 arrobas cada ano.[3]

Cada uma das Reduções, por outro nome Missões, era uma considerável, ou grande vila; e todas por um mesmo risco com ruas direitas, e encruzadas em ângulos retos: as casas geralmente térreas, cobertas de telha, branqueadas, e com varandas pelos lados para preservarem do calor e da chuva; de sorte que vendo-se uma, se forma idéia verdadeira das outras. Em cada uma só havia a Igreja Matriz; todas geralmente de pedra, magníficas, elegantes, de naves, e ricamente ornadas; algumas inteiramente douradas. Um vigário, e um cura, ambos jesuítas, eram os únicos eclesiásticos, e suficientes para exercer todas as funções paro-

que vestido el soldado de pies á pelea com segurldad ede Ias saetas, a son de caxa, vendera tendida, y ordem mUltar entraron por el pueblo... El número de gente que levarem, non se sabe: algo se restreara por el dlezmo, que pagaron á Ia Iglesa: qulnlentas personas deron ai Religioso por su parte, ai modojjue el ganadero paga el dlezmo de ovejas, ó de vaecaís. Cupleron ai Clérigo duzlentas! ! " Conquista Espírlt. do Paraguai, Cap. 75 e seg.

2"Nos sertões dos rios Uruguai, e Paraguai se achou estabelecida uma poderosa República, a qual só nas margens, e territórios daquéles dois rios tinham fundado nao menos de trinta e uma grandes povoações, habitadas de quase 100.000 almas. Deduc. Cronol. Prov. Monumento LXI". Guthrle gratuitamente elevou a população destaB Missões a 340.000 lamlllas, devendo redundar em 1.360.000 habitantes. Edlc. XIV.

3E costando altresl per Decreto spedlto nel 1645 essere stata datta loro facoltá dl poter Ubera-mente negozlare, e transportere altrove 1'Erba sudetta, à condlzl ne peró dl non trafilcarra a favore, e vantagglo de'loro Padrl Mlsslonari. E che con altro Real Decreto fu avertlto 11 Provln-clale dei Paraguay deiresorbltanza, con che 1 Padrl negozlavano quiesfErba, con lamento delia Clttá deli'Assunzlone. Ia quale represento 11 pregludlzlo, che ricevera da 1 Padrl col trasportare cola dalle loro Popolazlonl tanta quantltá de detta Erba; per Ia quale abbondanza onn vendeva si quella delia clttá ai prezzo conveniente. Talché per rlmedlare a questo dlsordlne, con altro Reglo Decreto dello stesso anno mando, que non protessero grindlanl portarne ai detta Clttá plú dl dodeci mlla Arrobas per clascun anno, a llm dl pagar' 11 Tributo, que era 11 motivo addoto da Padrl per glustlflcare detto commércio; e a condlzlone che fossero rlconosclute, e reglstrate nella Clttá dl Santa Pé, e delle Corrente .E che non pertanto Ia Pede d'un tal registro, Ia medeslma si seqüestrasse, come si faceva con l'Erba d'Particular!". MtIRATORI.

quiais: sendo ainda os inspetores em toda a economia civil, debaixo de cuja direção havia corregedores eleitos anualmente, um cacique vitalício, e outros oficiais, cada um com sua inspecção e alçada. À exceção destes, todos os indivíduos de um e outro sexo usavam duma camisola talar, ou quase, de algodão branco, Cultivavam mate, algodoeiros, com os víveres que melhor prosperavam no território. Tudo era depositado em armazéns, donde se distribuía diariamente pela povoação. Cada família recebia uma onça de mate, quatro libras de carne, e uma certa medida de milho, e o mais que se lhe julgava necessário. Tudo passava à vista corregedores, ou doutros subalternos.

Os párocos viviam comodamente junto da igreja. Contíguas à sua morada ficavam duas espaçosas casas: uma destinada para as escolas de ler, pintura, arquitetura, música, e outras loges de diferentes ofícios; a outra servia de recolhimento a um grande número de raparigas ocupadas de diversas obras debaixo de inspeção de mulheres anciãs e instruídas. As mulheres recebiam na segunda feira uma certa porção de algodão, que deviam entregar fiado no sábado. O cura saía diariamente às 8 horas acompanhado de certos oficiais e mestres a visitar as aulas e loges. O sinal das derradeiras Ave Maria era também o do Rosário, ao qual só os impossibilitados não assistiam.

Todo o supérfluo era exportado com uma grande quantidade de sebo, couros e mate; e com o seu produto pagavam a capitação, e mandavam vir da Europa os objetos, que não podiam ser obrados no país, ou saíam por um preço exorbitante. Calculou-se que os índios possuíam perto de dois milhões de cabeças de gado.

Tal era o estado das Reduções, que formavam o pretendido reino guaranítico em 1768, quando os jesuítas foram expulsos, c os povos entregues à direção dos dominicanos, franciscanos, e mercenários.

O Marquês de Bucarelli, Governador de Buenos Aires, quis ir pessoalmente acompanhado da melhor tropa européia, que se achava naquela Capital, executar a ordem do soberano nas Missões, onde só se receava alguma repugnância da parte dos índios. Antes de partir escreveu a todos os vigários para que lhe mandassem o cacique, e um regedor de cada Missão, para lhes comunicar avisos de Sua Majestade; e não marchou enquanto eles não chegaram a Buenos Aires, onde ficaram como em reféns, para obviar qualquer renitência, que pudesse haver.

Em Iapegu, que é a primeira Missão, se lhe apresentou o célebre cacique Nicolau, que na Europa passava por soberano fantástico do reino guaranítico, e que não pudera ir na comitiva dos outros pelas suas moléstias agravadas com 70 anos de idade.

Os europeus e seus descendentes começaram a freqüentar as Reduções, e os índios a ter com eles correlações, e a aprender-lhes com muitos vocábulos dos mais familiares, também algumas liberdades, que os jesuítas não lhes deixavam praticar. As povoações começaram a diminuir, assim como o asseio das casas, e dos templos, e continuam.

MONTES — Na parte setentrional há a Serra de Maracaju, que é de pouca altura; o Monte Lambara, na vizinhança da Capital; também não é de notável elevação, ainda que excede a todos os que o rodeiam.

MINERALOGIA — Gesso, pedra de cal, pedreiras de granito, e mármore.

RIOS E LAGOS — Além dos três grandes rios, que a limitam, tem grande número doutros, que regam o interior; e alguns deles navegáveis por consideráveis distâncias.

O Gualegui, ao qual dão mais de 40 léguas de curso, deságua no Uruguai poucas léguas acima do Rio Negro, depois de ter regado um terreno plano, e rico em criações de gado, searas de trigo, e árvores frutíferas.

O Mirinaí, que deságua também no Uruguai coisa de 16 léguas abaixo do Ibicuí, como se disse, é abundante, e rega um terreno extenso, e povoado de gado grosso.

O Taquari, ao qual dão 20 léguas de extensão, deságua também no Uruguai coisa de 25 léguas abaixo do precedente.

O Jaguaré sai da Serra Maracaju, e cai no Paraná 12 léguas abaixo das Sete Quedas.[4]

O Tibiquari, que é considerável, desemboca no Paraguai 25 léguas acima da confluência do Paraná.

O Canabé, ao qual dão 30 léguas de curso, sai ao Paraguai 15 ao norte do Tibiquari.

O Lago Ibera, aliás Caracares, é assaz considerável, e fica muito próximo à margem esquerda do Paraná. Tem algumas ilhas, e seus contornos são pan[J] tanosos.[5]

O Lago Jagapé, que é grande, e rodeado de matos, fica próximo à margem setentrional do Paraná coisa de 10 léguas acima de Itati.

FITOLOGIA — Cedro, biraró, pitribi, lapacho, que é o chamado por outro nome *pau d'arco;* sassafrás, com outros muitos gêneros de boa madeira para construção; pinheiros, as árvores que dão a resina denominada *Sangue-do-dragão,* as do óleo de cupaíba; ipecacuanha, jalapa, ruibarbo, e outras plantas medicinais; a opúncia, ananases, laranjas, mamões, bananas.

O vegetal do mate é um arbusto grande com folha semelhante à da laranjeira, e gosto de malva; esta é a que se aproveita. Dizem que a melhor é a da Serra Maracaju. Não se espera que as folhas caiam: depois de colhidas são torradas por alguns dos métodos aprovados, comumente sobre couros entre duas fogueiras. Toma-se quase como chá; e por certo que tem utilidades. O uso desta bebida dominava de tempos imemoráveis entre os indígenas da parte sententrional desta província; foram eles os que o introduziram entre os primeiros habitantes de Assunção.[6]

ZOOLOGIA — É prodigiosa a quantidade de gado vacum, cavalar, e muar: as ovelhas são numerosas, as cabras poucas, os porcos os necessários para o consumo da povoação. Entre outras espécies de quadrúpedes selváticos, notam-se onças, veados, macacos, raposas, gatos, tamanduás, quatis, zorrilhos, tatus, aliás armadilhos, paca, cotias, porcos. Emas, siriemas, jaburus, cegonhas, garças, mutuns, jacus, colhereiras, urubus, tucanos, papagaios, rolas, pombos-trocazes, perdizes, codornizes, o beija-flor, a guiraponga, diversidade de maçaricos, marrecos, e patos.

Povoações principais: Assunção, Correntes, Coruguati, Vila Rica.

Assunção, cidade episcopal, medíocre, comerciante, e abastada, capital, e residência do governador da província, situada na margem do Rio Paraguai, que diariamente desfaz o terreno do seu assento, ornada com um hospital, um convento de dominicanos, outro de franciscanos, terceiro de mercenários, outro de recoletos, um seminário, que foi colégio jesuítico. Não tem regularidade, nem edifícios magníficos. O maior número das casas são térreas; e muitos dos seus habitantes, que estão repartidos em três paróquias, descendências portuguesas. Exporta-se daqui tabaco, imbé, madeira, e prodigiosa quantidade de mate, para Buenos Aires, donde, depois de ensacada em surrões de couro, é repartido por várias comarcas castelhanas.

Nos seus contornos cria-se numerosíssimo gado grosso; fazem-se plantações de algodoeiros e canas de açúcar, e recolhe-se mel e cera. Cultiva-se também, como em outras partes, muito aipim, ou pompim, como ali lhe chamam; cuja raiz

4 Segundo uma carta do paia, que nao parece desprezível, o *Acaraí* é o primeiro rio considerável, que entra no Paraná pela direita, 20 léguas abaixo das Sete Quedas.

5 As cartas nao concordam sobre a sua grandeza; algumas dáo-lhe 44 léguas de comprimento, e pouco menos de largura; outras só 25 de comprido com 6 de largo. Convém-se que comunica com o Uruguai pelo *Mirinai,* e com o Paraguai pelo Rio *Correntes,* que deságua perto de 10 léguas abaixo de Santa Luzia. Também dizem que comunica em duas partes com o Paraná.

6 Todas as classes de pessoas fazem grandíssimo uso do *mate* nesta Província, onde a carne, e o *chippá* sao o forte do alimento humano.

depois de raspada ou descascada, e rachada em quartos, e seca no forno, é cozinhada com a carne, servindo de pão.

O milho, depois de fervido, e socado em pilões, é passado por uma sorte de joeira, amassado com leite, e cozido no forno. Chipá é o nome que lhe fica.

O Bispo é sufragâneo de La Plata, aliás Chiquissaca. O Cabido, como nas outras catedrais ultramarinas dos estados da coroa católica, compõem-se de doze canonicatos, incluindo o suprimido da Inquisição, e as cinco dignidades de deão, arcediago, chantre, tesoureiro-mor, mestre-escola, com seis racioneros para cantar os Evangelhos, e outros tantos meios-racioneros para as Epístolas, cujas vestes dilfierem pouco das daqueloutros. Os canonicatos de teologal, dotoral, magistral, e penitenciário, só se dão a graduados, e por oposição.[7]

Hás dois tribunais, um com o nome de *Junta Decimal,* para arrematação dos dízimos, composta de dois cônegos, um fiscal-real, um ministro togado, um contador, e um escrivão; outro denominado *Mesa-Capitidar,* para arrecadação, e distribuição do produto dos mesmos dízimos, formada pelo provisor, um cónego, fazendo as vezes dum fiscal, o contador-mor da Real Fazenda, e outro contador para fazer os rateios.

N. B. Todo o produto dos dízimos é dedicado à Igreja.

Calculado este, é repartido pelo contador-mor da Real Fazenda em nove partes iguais: uma e meia, com o nome de *noveno* e *médio,* pertence à coroa destinadamente para a fábrica, e outras necessidades da Igreja, a que o soberano deve acudir como patrono.

Das outras sete e meia, a metade é para o Bispo, o qual deve socorrer as necessidades dos diocesanos, especialmente os pobres recolhidos na casa erigida para sua habitação; porque a ninguém é permitido nendigar pelas portas.

Do remanescente fazem-se três quinhões iguais, um para o Deão, os outros subdividem-se de novo em três: dois se repartem entre as outras dignidades, e os cônegos com proporção aritmética. A parte, que fica, é repartida igualmente entre os racioneros, e meios-racioneros, ou capelães, que fazem as suas vezes.

Os párocos das cidades denominam-se *reitores,* os das vilas *vigários:* só os dos índios têm côngrua tirada do cofre, onde o preço das terras dos índios vendidas, e os foros das emprazadas se guardam, e nada recebe dos paroquianos, senão o funeral. Os das igrejas dos brancos só têm o pé de altar, e os produtos dos patrimônios, com que foram fundadas.

As igrejas dão-se por oposição feita perante o Bispo: os pretendentes são convocados pelo mesmo, e vice-patrono (que é o governador), sem cujo consentimento aquele nada pode neste caso. Para por um serventuário, o Bispo propõe três, cuja escolha pertence ao vice-patrono, quando não rejeita todos, e pede nova proposta.

Correntes, cidade pequena, vantajosamente situada no ângulo meridional da confluência do Rio Paraná, ornada com um convento de dominicanos, outro de franciscanos, terceiro de mercenários; ruas direitas, muitas casas de sobrado. A casa jesuítica está em ruínas. Entre os seus habitantes há alguns portugueses, muitos índios, poucos negros. Nos seus contornos há pântanos, e grandes matos: gado vacum, e cavalar são a riqueza do país: amendoins, milho, legumes, melancias, e algodão, os objetos da agricultura: o terreno não é apropriado para trigo, nem *mate;* as formigas e os galfanhotos, extremamente multiplicados, não deixam fazer plantações de mandioca. As pitangueiras são em grande quantidade; os pessegueiros nenhuns: imbagaí, fruta semelhante à manga, porém menor, acha-se daqui para o norte. Os mosquitos incomodam muito a gente. Couros e madeiras são os principais objetos de exportação.

7 A renda da conezla *supresa* é destinada para as despesas do Tribunal de Santo Oficio.

A justiça é diariamente administrada por dois alcaides, assistidos doutros tantos assessores para os ensinar, todos quatro eleitos anualmente pelo Cabido judicial, composto de vinte e quatro regedores de perpetuidade, não delinquindo; dos quais há quatro principais, o alferes-real, o decano, o alguazil-maior, o alcaide provincial e de Mesta, ou dos campos; os outros ordinários, cada um com sua inspeção, presidido por um assessor geral do Vice-Rei, intitulado *tenente-assessor.* Há um advogado nomeado pela Audiência da província para defender *grátis* as causas dos pobres, ou que não possuem um patrimônio de certo valor, e dos presos, ainda que sejam ricos.

Dez léguas ao norte de Correntes está a paróquia de Neembucu, na margem do Paraguai, onde se fazem embarcações.

Trinta léguas ao sul de Correntes fica a aldeia e freguesia de Santa Luzia, também sobre a margem do Paraguai; no seu distrito há gesso, que faz um ramo de exportação.

Neste intervalo estão as freguesias de Algarrobas, Esquina, e Góia, abastadas de carne e pescado.

Bagada de Santa Fé, e vulgarmente *Paraná,* vilota situada sobre o Paraguai defronte de Santa Fé, às quais tira a vista uma ilha de considerável extensão. Exporta-se daqui muita cal de pedra.

Coruguati, vila medíocre, célebre e famosa pela grandíssima quantidade de *mate,* que se recolhe no seu distrito, e de que ela é o depósito, fica obra de 30 léguas ao nordeste da Assunção, e três milhas arredada da margem esquerda do rio, que lhe empresta o nome.

Obra de 5 léguas ao norte está o Presídio de São Miguel, para obstar às invasões dos guaicurus.

Vila Rica, onde também se ajunta muito *mate,* fica 20 léguas ao suleste de Assunção, e é ainda pequena. Há outra do mesmo nome na margem do Paraguai, ao norte da capital.

Arroio da China, vila medíocre, assentada na margem do Uruguai, mais de 30 léguas acima da sua embocadura. Seus habitantes, em grande parte brancos, criam gado, recolhem trigo e frutos .

Itati, vila pequena, mas regular e bem situada, sobre a margem meridional do Paraná, obra de 30 léguas acima de Correntes: seus habitantes são índios, e alguns brancos; uns ocupam-se em olarias, outros fazem plantações de algodão. O território é apropriado para as laranjeiras, e melancias, das quais há abundância.

No terreno das Missões notam-se:

Candelária, que tomou o nome do orago da sua magníiica matriz, como quase todas as *Reduções* do pretendido reino Guaranítico, ou missões do Paraná, das quais foi sempre considerada como a capital pela sua grandeza e povoação; está situada sobre a margem esquerda do Rio Paraná, no lugar onde ele inclina para o poente, junto à embocadura duma ribeira.

Corpus, também na margem esquerda do mesmo rio, obra de 15 léguas ao norte da Candelária, é a mais setentrional das situadas sobre o Paraná, e uma das mais formosas da província.

No intervalo das precedentes estão as de S. Cosme, de Sant'Ana, de S. Cosme Velho, de N. Senhora do Loreto, e de Santo Inácio Menor: esta fica 3 léguas acima da precedente, e quatro abaixo de Corpus.

O P. Xarque diz que as reduções de N. Senhora do Loreto, e Santo Inácio Menor, foram fundadas para estabelecimentos dos 12.000 índios, que os jesuítas tiraram do alto Paraná, quando os paulistas invadiram o país.

Itu na mesma margem do Paraná, obra de 15 léguas ao poente da Candelária.

Assunção fica 15 léguas com pouca diferença ao sueste de Corpus, junto à boca duma ribeira, que se perde no Uruguai.

Conceição está obra 16 léguas ao sul da precedente, e pouco mais de 3 arredadas do mesmo Rio Uruguai.

São Tome fica 15 léguas ao meio dia da Conceição.

Santa Maria Maior fica poucas léguas ao norte da Conceição, também sobre a margem do Uruguai.

Apóstolos está pouco mais de 6 léguas ao poente da Conceição, na estrada, que guia para Itu, e obra doutras tantas ao mesmo rumo, também na estrada fica São Carlos.

São Francisco Xavier fica poucas léguas ao norte de Santa Maria, e a leste da Candelária. Neste intervalo está a dos Mártires.

Itapuã está na margem direita do Paraná ao norte da Candelária.

Trindade fica obra de 8 léguas ao norte de Itapuã.

Santo Inácio Guaçu, ou Maior, está junto à cabeceira dum ramo do Tibiquari. É a mais antiga de todas.

Santa Fé fica obra de 5 léguas ao nordeste de Santo Inácio Maior.

A de Jesus está 4 léguas ao nornoroeste da Trinda.

A de Santa Rosa 6 léguas a leste de Santo Inácio Guassu.

A de São Cosme 4 léguas a sueste da de Santa Rosa.

A de São Tiago fica obra de 8 léguas ao norte de Itu.

Iapegu, que é a mais meridional, e uma das maiores, está situada junto ao Uruguai pouco abaixo da confluência do Ibicuí, e meia légua ao norte do Rio Guavirada. Os jesuítas tinham aqui um colégio ricamente ornado.

Nos princípios do século XVII passaram os jesuítas castelhanos para o terreno, que fica ao nascente do Rio Uruguai, e fundaram nele 7 grandes aldeias chamadas Reduções para habitações de várias hordas, ou tribos de Tapes, possuidores do país, afim de melhor os civilizar, e trazer ao cristianismo, como ao mesmo tempo praticavam com o do Paraná.

Já mostramos como pelo tratado de limites de 1750 convieram Suas Majestades Fidelíssima, e Católica, na troca destas reduções, ou Missões, pela Colônia do Sacramento, e como os jesuítas ifrustraram a sua execução na primeira vez, que ela foi empreendida, e a retirada de Gomes Freire de Andrade em 1756, ficando as coisas como dantes

Estas Reduções, que faziam parte do chamado *Reino Espiritual Jesuítico,* floresceram até à expulsão dos fundadores; com ela começaram a decair. Trinta e quatro anos de deterioridade, ainda que por degraus imperceptíveis, não podiam deixar de transformar o todo mui consideravelmente; e assim estavam com efeito no princípio deste século, quando a declaração da guerra entre as duas coroas na Europa armou os habitantes da Província de São Pedro, que desde a paz de 1737 viviam em sossego.

Quase ao mesmo tempo que as tropas da Vila de São Pedro passavam o Rio de São Gonçalo em 1801 contra os postos castelham vizinhos da margem ocidental da Lagoa dos Patos, se pôs em campanha na fronteira do Rio Pardo um corpo de milicianos, e desertores, atraídos pela anistia.

Entre os derradeiros apareceu José Borges do Canto, natural do país, que havia desertado do regimento de Dragões; e logo se ofereceu para ir fazer hostilidades nas terras do inimigo, dando-se-lhe alguns camaradas, e as armas necessárias; mas somente se lhe concedeu munição, e a liberdade de convocar os paisanos, que e lhe quisessem agregar.

Havendo formado um batalhão de 40 homens armados cada qual a sua custa, marchou com eles direito às Missões do Uruguai; e encontrando no caminho um índio conhecido, que se retirava mal contente dos castelhanos, segundo dizia, e o certificou que os índios, ouvindo falar na guerra, não hesitariam em sujeitar-se à coroa de Portugual, pois que quase todos os povos viviam queixosos dos que os dominavam, persuadiu o Canto que voltasse em sua companhia, e fosse expor aos seus compatriotas a oportuna ocasião, em que se achavam de sacudir o jugo castelhano, e passar num momento para debaixo da proteção Fidelíssima, que ele lhes daria todo o auxílio. Convindo nisto o índio, os acompanhou até à vista de São Miguel, onde estava um Tenente-Coronel comandando uma trincheira, que se tinha feito com receio dos portugueses.

Chegando àquela paragem sobre a madrugada, enviou Canto o índio por um atalho a tentar a empresa, com recomendação de trazer-lhe resposta a certo sítio, para onde continuava a marcha. Como o lugar ficava próximo à trincheira, foram pressentidos da sentinela, que bradou logo às armas. Nesta circunstância viu-se Canto obrigado a avançar sem ordem contra os entricheirados, que, ficando em maior desordem, apenas dispararam alguns tiros, e abandonaram a fortificação, retirando-se à vila, onde se achava o comandante, e deixando o intrépido esquadrão senhor da trincheira com 10 peças de artilharia.

Supondo o comandante ter sido atacado por maior número doutra classe de combatentes, ofereceu capitulação ao chefe dos vencedores, que não repugnou

conceder-lha com quase tudo o que ele pretendia, afim de o fazer sair do país, antes que lhe chegasse um reforço, de que se falava, ou se soubesse que o pé de exército constava unicamente de 40 aventureiros sem o corpo de reserva, que se lhes tinha fingido.

Ao formalizar os artigos da capitulação ficou perplexo o comandante, quando Canto, perguntado pela graduação da sua patente, lhe respondeu que era o menor soldado da tropa portuguesa. A este tempo já os índios da povoação se haviam unido aos portugueses, e era indispensável o ajuste.

Retirando-se os capitulados, experimentaram o infortúnio de cair nas mãos doutra partida semelhante, que os aprisionou com tudo o que se lhes concedera; por mais que o comandante protestasse pelo cumprimento da capitulação. Sendo tudo presentado a Canto, e reclamando o oficial castelhano o ajuste, respondeu-lhe aquele que nada podia resolver, porquanto aquela partida não lhe estava subordinada: que dava parte ao Governador do Rio Grande, e executaria tudo o que se ordenasse, ficando ele prisioneiro no enquanto.

Recebendo o Governador a parte, ordenou a Canto que cumprisse a capitulação, menos o artigo que concedia a artilharia, a qual devia pertencer à Sua Alteza Real, a quem dava conta do seu valor, e feitos, para ser premiado; e no enquanto o fazia capitão duma nova companhia de milícias, nomeando-lhe por tenente o que levava a parte, e os estandartes; e que lhe dava a faculdade para ele nomear para alferes a um dos seus bravos camaradas, ao qual já dava por aprovado.

Logo que os povos das outras missões viram o comportamento de Canto com o da primeira, que se lhe submeteu, correram quase todos a tributar vassalagem à Coroa Fidelíssima. O feliz conquistador aliviando-os de algumas pensões públicas, que lhes eram mais pesadas, e liberalizando-lhes os (frutos de seus trabalhos, tinha o nome de *libertador*.

Pouco depois enviou ao Governador o Major Joaquim Felix, para governar a conquista com ordem para conferir com o restaurador na ocorrência de ponderação.

Entregue a nova província ao comandante, e recebido um bom reforço de tropas regulares com alguns milicianos, e voluntários de serra acima, se impetrou daquele a permissão de passar à outra banda do Uruguai; para cujo efeito se fizeram algumas barcas de couro, invenção usual no país.

Na noite do primeiro de novembro passaram o rio 80 homens escolhidos na tropa, entre os quais figuravam alguns granadeiros do regimento de Estremoz; cujo chefe era um bravo alferes assaz conhecido pelo sobrenome de Padilha. Parte dele se emboscou, os outros subiram um pouco pelo rio cosidos com a ribanceira, para dar mais pronto socorro àqueles, logo que ouvissem os primeiros tiros do ataque, que começou pela manhã contra os primeiros, que saíram ao campo. Acudiram os da margem do rio aos que começaram a ação, e juntamente 30 castelhanos em auxílio dos seus, que foram postos em fugida; mas voltaram imediatamente em maior número com três peças na retaguarda; para as quais laborarem, se abriram era duas alas; porém os nossos não lhes dando tempo para segunda descarga, caíram intrepidamente sobre eles, prisionaram 9, tomaram-lhes as peças, e deixaram 15 mortos no campo sem a menor perda da sua parte.

A 23 do mesmo, quase à meia noite, se disparou um canhão no Passo dos Barros, que fica 3 léguas abaixo de Santo Borja, onde foi ouvido, e onde depois chegou um índio, morador naquela vizinhança, com aviso que os castelhanos se achavam emboscados no mato do mesmo passo. Ficou-se o resto da noite sobre as armas. Pela manhã se pôs em marcha para aquela parte o Capitão José Borges do Canto com a sua companhia, e alguns mais, que compuseram o número de 110 homens; e achando o inimigo entrincheirado no mato com as costas para o rio,

e não descobrindo modo vantajoso de o atacar, enviou o seu tenente com 30 homens vestidos de branco à moda dos índios, para que marchando em grande distância do inimigo, e tendo ganhado a sua retaguarda, lhe fizessem o maior fogo possível. Os primeiros tiros foram o sinal para o capitão investir contra a fortificação, que foi abandonada sem fazer a menor resistência, ficando 74 prisioneiros.

Tal foi o sucesso da campanha neste distrito, e o modo como a Coroa Fidelíssima se apoderou da Província das Sete Missões, que fez parte da de São Pedro, até que se lhe nomeou governador.

Confina pelo norte com a de São Paulo, ao poente com a do Paraná; pelo sul e oriente com a do Rio Grande de São Pedro.

MONTES — O Monte São Maninho, que é a porção mais elevada da serra, que lhe serve de limites orientais; o de São Luiz na proximidade da vila do seu nome são os mais notáveis.

Rios — Além do Uruguai e Ibicuí já descrevidos, nota-se o Ijuí, que principia nas abas da Serra de São Martinho, atravessa a província leste oeste, e deságua no Uruguai defronte da Assunção, e poucas léguas ao norte de São Nicolau, havendo passado junto de São Ângelo, pouco abaixo da qual recolhe pela esquerda o Ijuí-mirim.

O Toropi sai da mesma cordilheira, e cai no Ibicuí, como se disse.

O Jaguari rega uma porção considerável da província, e cai no Ibicuí 4 ou 5 léguas abaixo da Forquilha.

O Hibipita entra também no Ibicuí coisa de 20 léguas abaixo do precedente.

O Paratinim, ou Piratini, forma-se na vizinhança da serra mencionada; passa pouco arredado de São Miguel, e une-se ao Uruguai, pouco abaixo de São Nicolau.

FITOLOGIA — Os pinheiros brasílicos não são desconhecidos, nem numerosos, assim como os cedros: cultivam-se os algodoeiros, as árvores do mate, e mandioca: recolhe-se milho, trigo, batatas, com outras raízes comestíveis, abóboras, melancias, ananases, e diversas hortaliças. Entre outras árvores frutíferas há laranjeiras, pitangueiras, e pessegueiros.

ZOOLOGIA — Os animais tanto domésticos, como selváticos, são os mesmos das províncias limítrofes.

Se foram bem feitas as averiguações dos escritores, os *Tapes* são uma horda de *Guaranis,* que se lhes separou na antigüidade, e dominou por largos tempos as margens do alto Paraná, onde por vezes foi invadida por aqueles. Fosse como quer que fosse, contam por certo que eles ocupavam a parte meridional desta província, quando os jesuítas começaram a ter conhecimentos deles. E acrescentam que eles não só eram o povo menos vicioso de toda a América Meridional, mas o mais bem disposto para receber a lei do Evangelho, o mais constante depois de a ter abraçado, e o mais adaptado a honrar o cristianismo. Vivia este povo dividido em várias aldeias, das quais a mais populosa tinha o nome da nação. Não sabemos qual fosse o número destas aldeias, que os jesuítas reduziram a sete, por isso denominadas *Reduções,* cujos nomes são os seguintes, com os números de habitantes na época da conquista:

	Habitantes na época da conquista
São Miguel	1.900
São João	1.600
São Lourenço	960
Santo Ângelo	1.960
São Luís	2.350
São Nicolau	3.940
São Francisco de Borja	1.300

São Francisco de Borja, que é a mais meridional, fica obra de 2 milhas arredada do Uruguai, e 5 léguas da confluência do Ibicuí. Padeceu muito com uma invasão de minuanos, pouco antes de mudar de domínio; e tem muitos brancos.

São Miguel, situada 25 léguas longe do Uruguai, e 30 a leste nordeste de São Borja, é a mais oriental, e considerada como a capital da província. Uma grande porção dela consumiu-se com o fogo, que lhe puseram seus habitantes em 1756, quando viram chegar o exército combinado para entregar a província à Coroa Fidelíssima.

São João fica 3 léguas ao norte de São Miguel: sua matriz está no centro duma vasta praça. No tempo da sua florescência tinha quarenta ruas.

Santo Ângelo, que é a mais setentrional, está obra de 6 léguas ao norte de São João.

São Nicolau, noutro tempo capital de várias Reduções da margem direita do Uruguai, está perto deste rio, e duma ribeira que cai no Paratinim.

São Lourenço está 6 léguas ao poente de São Miguel.

São Luís, está na estrada, que vai de São Lourenço para São Nicolau, 9 léguas a leste da última, e 10 ao poente da primeira. Todas estas Reduções, aliás *Missões,* e que devemos chamar *vilas* por terem *senado,* tomaram o nome do padroeiro da sua matriz. Todas eram, e são ainda por um mesmo risco; de casas térreas com ruas direitas, cruzadas em ângulos retos, e varandas pelos lados, que preservam da chuva e do calor, como as do Paraná, com as quais andaram sempre a passos iguais no florescimento, e decadência.

Cada povo fala seu dialeto guaranítico, mui pouco diferente dos outros. Muitos entendem o castelhano, e também o português; e expressam-se sofrivelmente em qualquer das línguas. Exercem quase todos os ofícios necessários, e várias artes liberais com inteligência; e fabricam tecido de lã e de algodão. O mate é o único ramo de exportação.

Em cada redução (enquanto governadas pelos jesuítas) havia uma escola de ler, escrever, e falar a língua castelhana por ordem regia: e eram muitos os índios que sabiam ler desembaraçadamente os livros espanhóis; mas não os entendiam, porque os mestres ou curas jamais proferiram vocábulo, que não fosse guaranítico: o que deu motivo a encarregar-se-lhes o cumprimento da real determinação no decreto de 1743, que, segundo afirmam, não teve efeito.[1]

1 Essendo che In ognuna delle Populazione vi sla stabllita e aperta una scuola dl leggere, *e* dl scrlvere In llngoa Spagnuola, In vlrfú delia quale v'ha um gran numero d"Indlanl molto ablll In legere e scrlvere Spagnuolo, ed anche Latino, senza caplre cio, che leggono, o ecrlvono... Percló no stlmato bene lncarlcar In modo apezlale l Padrl delia Compagnla con mio Decreto, che oggl si spedlsoe, dl mantenere assolutamente in quelle Popolazlonl le suddette seuole, e dl procurar che quegl'Indlanl parllno In llngoa Castlgllana, coniormandusl alia legge 18. Tt. 1. Llb. 6. De recopl-lazzlon de Indias, etc. MUBATORI.

Esta província, que é um desmembramento da de São Paulo,[1] compreende a ilha que lhe dá o nome, e um terreno de 60 léguas norte-sul no continente vizinho contadas do Rio Saí, que a separa daqueloutra ao norte, até o Mampituba, onde confina pelo sul com a de São Pedro. Ao poente tem as mesmas províncias, servindo-lhes de limites os Cabeços da cordilheira, que corre ao longo do mar. Sua maior largura não excede a 20 léguas. Ocupa o beira-mar da maior porção da Capitania de Santo Amaro, e jaz entre os 25°50' e os 29 e 20 de latitude austral.

Sendo passados 20 anos, sem que os donatários assentassem povoadores na Ilha de Santa Catarina (que por algum tempo teve o nome de *Ilha dos Patos),* El-Rei D. João IV a deu em 1654 a Francisco Dias Velho, que foi assassinado por um corsário inglês a tempo que começava o estabelecimento. Com este desastre ficou a ilha no seu primitivo estado por largo tempo. À custa da Coroa foram nela estabelecidas várias colônias açoritas em diversos tempos.

O clima é temperado; o ar sadio, à exceção de certos sítios pantanosos; a face do país montuosa, regada de numerosos rios, e coberta de matos; o terreno fecundo, e apropriado para a cultura da mandioca, milho, arroz, canas-de-açúcar, café, linho, legumes; e ainda trigo, e cevada em alguns distritos. Todas as hortaliças de Portugal aqui prosperam, principalmente as cebolas.

MONTES — Camberela, que fica sobre a entrada meridional do porto da Capital, é a mais alta montanha, que se avista desde Santos até as Torres: a Monte Baul é uma baliza dos navegantes.

MINERALOGIA — Pedra calcária, granito, pedras de amolar; indícios de ouro, e outros metais, segundo dizem.

FITOLOGIA — Carvalho mui diverso do de Portugal, e excelente para construção; sassafrás, cedro, loiro, pau d'arco: guarabu, e grapecique são árvores de preciosa madeira veiada para marcenaria; como também o denominado aqui *pau ãóleo,* que é ondeado, e compacto. Os pinheiros brasílicos são multiplica-díssimos em vários distritos: há diversidade de plantas medicinais, também a que nutre a cochonilha.[2]

1Desmembramento da de Sao Paulo: considerada depois da união da de Sao Vicente com a de Santo Amaro.

2"A *Cochonilha* é um Inseto, que se cria, nutre, e propaga sempre pegado à folha da *opúncía.* que o vulgo ordinariamente denomina *Figueira-do-lnterno,* ou Figuelra-da-índla. Quando na é tão pequeno, que mal se percebe com a vista; mas logo começa a andar, e a procurar lugar oa planta para se fixar, e chupar dela o seu alimento, depois de se pegar: nem se separa Jamais daquele lugar: começando logo a cobrlr-se dum pelo branco, com que nasce, mui fino e raro; de sorte que nao se lhe vê mais o corpo, que é vermelho. No fim de três meses chega à sua última grandeza, que nao excede a de uma pequena ervilha. Então pare os filhos, e morre. Os filhos seguem a mesma série sucessivamente. O estlo é o tempo da sua produção. Nos países quentes da zona tórrlda tem-se observado que a *cochonilha* produz em todo o tempo, ao menos em partes; mas sempre em menor quantidade nos meses do frio.

"O melhor modo de a separar da folha é com um plncellnho de cerdas de porco, ou de boi, ou de coisa semelhante, afim de nao a esmagar, nem se molestar nos espinhos a mão, que a derruba.

"Depois de apanhada, se deve logo matar, e secar. O melhor método é metê-la em tabuleiros. ou folhas de Flandres dentro dum forno, cujo calor exceda pouco o do sol. por espaço de 24 horas; mexendo-a para que o calor a apanhe por igual. Acaba-se de secar ao sol, e na falta deste no forno; ou pondo a vasilha em que ele está sobre brasas mortas, afim de não apanhar calor de mais, que a torre, e lhe faça perder a beleza de sua cor.

"Outro modo de matar a cochonilha é metendo-a, ou afogá-la em água fria, ou quente; e depois secá-la ao sol, ou pelo método insinuado: mas este não é bom; porque perde parte da tinta, especialmente, sendo afogada em água quente. Convém que depois de seca se ponha sobre o calor do fogo em uma bacia de cobre, ou vaso de barro vidrado, no qual receba um grau de calor sufi-

ZOOLOGIA — O gado grosso e miúdo é ainda em pouca quantidade, e jamais será numeroso em razão de ser montuoso o terreno. Entre outros quadrúpedes selváticos são bem conhecidos os veados, os tamanduás, os macacos, os porcos, onças, antas, pacas, quatis. Entre numerosas espécies de pássaros, notam-se papagaios, macucos, rolas, guarás; várias castas do colibri ou beija-flor. As lagoas são povoadas de marrecos, e patos. Vêem-se multiplicadas espécies de lindíssimas borboletas.

Rios, LAGOS E PORTOS — Os primeiros ordinariamente são de curta extensão.

Obra de três milhas nor-nordeste das Torres[3] está a boca do Mampituba com 100 braças de largura. Não tem mais de 7 léguas de extensão, sendo formado de vários córregos, que descem da cordilheira. Sua corrente é violenta; porém as sumacas sobem com a maré 12 milhas até o Porto das Forquilhas.[4]

Na sua margem setentrional deságua uma lagoa de 5 léguas de comprimento, e uma de largura, estendida paralelamente com a praia do Oceano até os Campos das lagoinhas; dela sai ao mar outro desaguadouro com o nome de *Arroio Grande.*

Segue-se a paragem denominada os *Conventos:* é um serro de penedia, e moderada altura, terminado em plataforma, junto à praia, obra de 6 léguas e meia adiante do Mampituba.

Seis milhas mais adiante sai o Rio Araranguá, navegável por espaço de 5 léguas até o Sítio dos Três Portos, onde tem 100 braças de largo, e maior fundo do que na barra: a sua corrente é rápida desde junho até setembro.

Três léguas mais adiante desemboca o Rio Urussanga, mais extenso que os precedentes, e mui rápido enquanto cheio. Nenhuma embarcação pode entrar na sua embocadura de 40 braças de largo, por causa da grande rebentação do mar sobre um banco, que o cruza. No interior da terra tem maior largura, e 4 braças de fundo em partes. Este rio comunica com uma grande, e profunda lagoa, onde se vêem botos, e outros peixes grandes, que sobem do Oceano. Fica-lhe ela da banda do norte.

Cinco léguas adiante está o Morro de Santa Marta, onde a costa muda de direção para o norte.

Três léguas ao norte do Morro de Santa Marta está a espaçosa Barra da Laguna, noutro tempo Rio da Lagoa, que é a foz do Rio Tubarão, e juntamente o desaguadouro de várias lagoas prolongadas em cadeia com o Oceano, e dele pouco afastadas. Este rio principia na serra, que limita a província: a sua corrente é rápida de abril até setembro. As canoas sobem por ele 8 ou 9 léguas até o

ciente a tirar-lhe o pelo, que facilmente se mói, e que se deve assoprar, para ela ficar formosa. Esta última operação deve (;er mexida com a mão, afim de se conhecer o grau do calor.

"Sabe-se que a cochonilha é uma das mais preciosas produções da natureza para o comércio, e que a sua cultura é a mais lucrosa para os agricultores. A planta, em que se cria este Inseto, multiplica-se instantaneamente, assim como também o mesmo vivente; mas para a colheita ser abundante, e de melhor qualidade, é preciso um pouco de cuidado, e trabalho destinado a este particular. Sem este ramo de agricultura os castelhanas da América não recolheriam a mesma quantidade, que anualmente repartem por todo o mundo. Nao nos devemos contentar com a que se pode colher da *opúncia* silvestre: deve-se multiplicar a quantidade desta planta, para que a quantidade da mercancla seja também abundante. A planta cultivada produz maior quantidade de *cochonilha,* e esta é sempre superior à silvestre.

"Pode multlpllcar-se a quantidade da *opúncia,* ou plantando as folhas, ou semeando as sementes dos seus figos maduros; mas de sorte que fiquem em linhas retas, com ruas nos Intervalos de capacidade bastante para por elas se andar, nao só na ocasião da colheita, mas quando for preciso allmpar a erva, e tirar as telas das aranhas, e estlngulr outros insetos que destroem a cochonilha. É também de advertir, que a *cochonilha,* quando se cultiva a opúncia nao se há de por nesta, enquanto for nova: porque ou a destrói consideravelmente, ou aniquila de todo: o que acontece especialmente à *opúncia* menor.

"De mais, quando na *opúncia* robusta se vê que alguma, ou algumas folhas começam a contrair nódoas amafelas, ou que principia a amarelecer, ou a murchar, deve-se tirar logo, aproveitando ao mesmo tempo toda a *cochonilha,* que nelas houver pequena, e grande.

"Deve-se sempre deixar em cada folha alguns destes Insetos, para lrtem propagando a espécie: o que naturalmente nao acontecerá, tlrando-se-lhe todos absolutamente; e deve ser a mais pequena, para que acabe de crescer ao mesmo tempo.

"Nos terrenos frios costumam os lavradores desta colheita recolher, durante o inverno, algumas plantas, em casa com coc/ionií/io, para nao se perder no campo; a qual, chegando a primavera, tornam a por sobre a planta.

3Torres, sao dois morros próximos à praia na latitude de 29° e um terço.

4O Mampituba chamou-se por algum tempo Rio de *Martim Afonso.*

Porto da Guarda; as sumacas não passam da boca do Capivari, que se lhe une pelo lado esquerdo, e é navegável por espaço de 8 léguas até Pouso Alto.

Na margem setentrional do Tubarão está o desaguadouro do grande lago denominado *Laguna,* que tem 5 léguas de norte-sul, e perto de duas na maior largura, e fundo bastante para sumacas até à extremidade setentrional.

Na margem meridional do Tubarão, defronte do desaguadouro da Laguna, está o da Lagoa de Santa Marta, que terá um quarto de légua em quadro. No seu lado meridional deságua a Lagoa Garopava, que lhe fica uma légua arredada. e poderá ter a mesma grandeza. Nesta desemboca o sangradouro da Lagoa Jaguaruna, que lhe fica obra de duas léguas ao sul, e é pouco maior. Todas três dão passagem a grandes canoas para o Rio das Congonhas, que não é considerável, e deságua no lado ocidental da derradeira, e são compreendidas debaixo do nome de *Lagoas de Camacho.* Todas são piscosas.

No lado ocidental da Laguna, e perto da sua extremidade setentrional, desemboca o Rio Una, que dá navegação a canoas por algumas léguas até o Morro de São João. Este rio estende um braço para o norte de légua e meia de comprimento, e profundo, que termina nuns pântanos.

Defronte da embocadura da Laguna está a Ilhota dos Lobos.

Quatro léguas ao norte está a ponta, e Porto da Embituba; e duas mais adiante a boca do Rio Piraquera, que é o desaguadouro da lagoa do mesmo nome, chamada também *Lagoa Encantada* com uma légua de comprido, e um quarto de largo. Este rio só é corrente durante o inverno; e tem defronte a pequena ilha do seu nome.

Pouco mais de três milhas ao norte está o Rio Garopava, que é o desaguadouro da lagoa deste nome, aliás da Forquilha, (formada na confluência de duas ribeiras, e terá uma milha em quadro.

Depois de três léguas, encontra-se o Rio Embaú; que não tendo na boca mais de 8 braças de largo, no interior chega a ter mais de 80. As canoas sobem por ele um dia de viagem.

Pouco menos de meia légua ao norte fica a ponta da Pinheira, à qual se segue o saco do mesmo nome, que é a entrada meridional do canal da Ilha de Santa Catarina, cuja extremidade austral fica uma légua ao norte da mencionada ponta.

Perto de seis milhas ao setentrião da mesma sai o Rio Massambu, com 30 braças de largo, e bastante fundo; mas de curta extensão.[5] Segue-se-lhe um pequeno saco com o nome de Enseada de *Brito,* e um pouco adiante a entrada do Rio Cubatão, com 60 braças de largo, pelo qual sobem canoas grandes dois dias de viagem. Na proximidade deste rio há várias fontes abundantes de águas termais de diferentes graus de calor. O da mais distante, que ficará 5 léguas pelo rio acima, é de 102 graus. Depois de várias ribeiras encontra-se o Rio Maruí, tão largo como o precedente, e navegável até o lugar da Guarda. Junto a este rio está a Enseada de São José. Um pouco ao norte fica o Estreito, que reparte o Canal em duas porções quase iguais; e mais adiante a embocadura do Rio Biguassu, com 50 braças de largo: por ele sobem canoas muitas léguas. Rio dos Patos lhe chamaram os primeiros descobridores, porque servia de limite entre os índios deste nome, que se estendiam até o de São Pedro, e os Carijós para o norte até a Cananéia.

Segue-se a grande Enseada de São Miguel: depois a Ponta da Armação, e mais adiante a dos Gaúchos, que fica leste-oeste com a extremidade da ilha, que dá nome à província, e é a meridional da espaçosa enseada das Tijucas, em cujo fundo deságua o rio do seu nome, que tem acima de 50 braças de largo, e dá navegação por dois dias.[6]

5Rio de *Dom Rodrigo* foi o nome, com que a principio designavam o Massambu.
6O terreno adjacente à Enseada das Tijucas é uma planície pantanosa no Inverno por onde ae nao transita sem grande trabalho, e incômodo.

Ao norte está a Enseada das Garoupas, aberta ao nordeste, de menor largura, mais abrigada, com capacidade para recolher uma esquadra: nela deságuam o Rio Bupeba, e os dois Pirequés, grande, e pequeno. A terra, que medeia entre estas enseadas, é uma península, que se estende ao mar, e termina fazendo três pontas, cuja central fica entre outras duas pequenas enseadas.

Andando para o setentrião, encontra-se o Rio Camboríguaçu, que é rápido no baixamar, e terá 20 braças de largo.

Perto de 3 léguas adiante está a embocadura do grande Tajaí, que tem pouco menos de 60 braças no lugar da passagem um pouco arredada da praia. É o único rio, que na estrada de Porto Alegre para São Paulo se encontra fazendo caminho para o nascente. Passa-se ainda a vau neste lugar. As sumacas sobem por ele 3 milhas; as lanchas, e canoas grandes navegam livremente largo espaço até o primeiro salto. Obra de 60 braças acima torna a ser navegável por espaço de três dias a sirga, e outros tantos a remo até outra cachoeira, donde se não passa.[7] Os principais confluentes, que o engrossam, são o Rio de Luís Alves, que vem do noroeste, e é navegável por canoas pequenas; e o Tajaímirim, que vem do sudoeste, e dá navegação a canoas por espaço de 10 léguas. Todos ^egam terrenos de grande fertilidade.[8]

Cinco milhas ao norte sai o Rio Gravata, aliás Iririguaçu, com 30 braças de largo, e navegável por canoas. Segue-se-lhe a espaçosa Enseada de Itapacoróia, onde há uma armação de baleias. Passando adiante, encontra-se também o Iririmirim, e o Camboriu, pelos quais sobem também canoas com o socorro da maré; e logo o Tajubá, que é da mesma ordem.

Três léguas ao norte da mencionada Itapacoróia deságua o Rio Itapicu, ao qual dão 50 braças de largo com muito fundo. Vem de muito longe, e dá navegação a pequenas canoas por espaço de muitas léguas, sem encontrar mais que uma cachoeira, que fica 10 milhas acima da sua embocadura.

A ressaca do mar não deixa entrar gênero algum de embarcação para este rio, que logo dentro da barra forma um lago denominado *Lagoa da Cruz,* com duas léguas de comprido norte-sul, paralela com a praia, e muito estreita. Entre os rios que o engrossam, nota-se o Piranga, que se lhe une pelo lado esquerdo, e dá navegação a canoas por espaço de 5 léguas; o Upitanga, que se lhe ajunta pela direita, e é navegável por espaço de 6 milhas; o Itapicu-mirim, que vem do noroeste, e pode ser navegado por distância de 15 milhas; o Jaraguá, que vem do sudoeste, e mostra poder levar embarcações até um sítio, que fica 4 léguas acima da sua foz; o denominado *Braço,* que desce do noroeste, e pode levar canoas por espaço de 6 milhas. Todos correm tortuosamente por entre montes, e grandes matos, que mostram bem qual seja a substância do terreno.*

Obra de 5 milhas ao norte do Itapicu, está a Ilha de São Srancisco, com 6 léguas de comprido norte-sul e forma de arco, cuja corda fica em linha reta com a costa. O canal, que a separa do continente, é impropriamente chamado Rio de São Francisco.

A entrada meridional, denominada *Aracari,* tem 200 braças de largo, fundo só para lanchas, e um pouco fora as 3 Ilhas dos Remédios à direita, e as duas dos Tamboretes à esquerda. A barra do norte, denominada *Babitonga,* tem 1.500 braças de largo, e fundo para grandes sumacas.[10] O canal ou pretendido Rio de São Francisco, cuja forma é semi-circular, alarga consideravelmente de ambas as

7O *Tajai* nasce entre o Rio Negro, e o Correntes, que vao para o poente, nas suas adjacências há multas serrarias.

8O Rio de Luís Alves corre junto da Serra do Baul, que se avista do mar em grande distancia .

9O Itapicu parece ser o Rio dos Dragos, que os primeiros descobridores puseram ao Sul do S&o Francisco.

10 Nos fins do século XVI ainda nao se sabia (segundo parece) que o terreno dentre a barra Aracari, e Babitonga era uma Ilha: pensava-se ainda que elas eram dois rios caudalosos: à meri dional chamavam Rio de Sao Francisco, à setentrional Rio Alagado.

bocas até o meio, onde tem mais de 3 milhas de largura, e é um arquipélago de ilhotas, cujo número sobe a mais de 20. Maior número de rios vêm aqui desaguar. O mais próximo à Barra Aracari é o Rio Piraqué, ao qual dão 5 léguas de curso, 5 braças de largo na foz, e 3 milhas de navegação de canoas. Segue-se o Rio dos Pinheiros, ainda menor que o precedente. Depois o Rio Parati, ao qual dão 30 braças de largura na barra, duas e meia de fundo no baixamar, e 3 quartos cie légua de navegação. O Rio das Areias pequeno, que é estreito, profundo, e navegável por espaço de meia légua. O das Areias grande, pelo qual sobem canoas com a maré por pouca distância. O Rio Paranaguá, cuja origem fica próxima à do Piranga, ramo do Itapicu, como se disse: sumacas sobem por ele pequena distância, lanchas meia légua, canoas 3 milhas. O Rio Saguaçu, com um quarto de légua de largura na barra, e 4 braças de fundo: as canoas sobem por ele obra de 10 milhas. Os dois Eriris, pequeno e grande, cada um com 5 braças de largo, duas de fundo na barra, e navegáveis por espaço de duas léguas. O Cubatão grande, que tem 20 braças de largo, 3 de fundo, e é navegável por espaço de 10 léguas até o alto Morro da Tromba. O Rio de Antônio Felix, que é estreito, com pouco fundo, e só navegável por distância de meia légua. O Ribeirão com 5 braças de largo, uma e meia de fundo, e navegado por canoas. O Biguçu com 5 braças de largo, mais de uma de fundo, e navegado até onde a maré leva as canoas. O Pirabireba, que tem considerável largura com 3 braças de fundo, e dá navegação a canoas até um morro, que fica pouco distante do lugar, onde a maré acaba. O Rio dos Cavalinhos, pelo qual sobem canoas por espaço de 10 milhas. O Rio das Três Barras, assim chamado por ser a embocadura comum doutros tantos, que se unem junto ao canal, que recolhe suas águas: Furta-enchente, S. João e Três Barras são os seus nomes: o segundo é o único considerável: dão-lhe 50 braças de largo, 4 de fundo: sua origem fica próxima a dum ramo do Guaratuba: as canoas sobem por ele obra de 3 léguas. Os seus principais confluentes são o Rio Maria Bachaara, e o das Farinhas, que vem da Serra da Curitiba, e dá navegação a canoas. Seguem-se o Barrancos, o Bacuí, o Lamem, o Batubi, o Rio dos Fornos, o dos Fernandes, o do Barbosa, os dois Jaguarunas, grande, e pequeno, que é o mais vizinho ao pontal do norte da Barra Babitonga. Os nove derradeiros são pequenos, e só aparatosos durante o preamar. Todos geralmente correm mansos por entre margens baixas, e alagadiças, onde se cria, e pasta grande quantidade de purpúreos guarás, que recreiam a vista dos navegantes. Em alguns destes rios acham-se aljôfares de várias cores, e grandezas, mas imperfeitos, semeados no lodo.

A Ilha de São Francisco é baixa, regada de várias ribeiras, e povoada. Na parte oriental há uma lagoa estreita com 3 léguas de comprido norte-sul, denominada Rio Acaraí: e pouco ao norte dela outra de meia légua de comprimento, e 50 braças de largura com pouco fundo.

Duas léguas e meia ao norte da Barra Babitonga deságua o Rio Saí-mirim, que não passa duma ribeira; e outra tanta distância adiante está o Saí-grande, que também não é considerável. Pouco acima de suas embocaduras unem-se, porque são duas fozes dum mesmo rio.

A maior parte da população desta província é oriunda das Ilhas dos Açores: os negros não são numerosos, e os mestiços ainda menos. Dos aborígines os Patos entranharam-se pelo continente; os carijós, por serem afáveis, foram os primeiros apreendidos pelos vicentistas: e daqui procedeu fazerem-lhes o nome comum a todos os domesticados, de qualquer nação que fossem.

Presentemente há nesta província três vilas: Nosso Senhora do Desterro, na Ilha de Santa Catarina; Laguna, no continente; São Francisco, na ilha do mesmo nome.

Sete Freguesias: São José, São Miguel, Nossa Senhora do Rosário, Santa Ana, no continente; Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Lapa, Nossa Senhora das Necessidades, na Ilha de Santa Catarina.

O número das ermidas iguala com o das paróquias.
Em 1796, havia:

Fogos, ou vizinhos	4.216
Habitantes adultos, excluindo a tropa paga	23.865
Engenhos de açúcar	3
Engenhocas de moer canas para alambiques[11]	192
Engenhos de pilar arroz	4
Moinhos e atafonas	297
Bolandeira de mandioca	884
Curtumes de couros	32
A população em 1812 subia a	31.530

ILHAS — As únicas consideráveis são a que dá nome à província, e a de São Francisco.

A Ilha de Santa Catarina, que tem perto de 9 léguas de comprido norte-sul, com uma até duas e meia de largura, é montuosa, abundante de água, ainda coberta de matos em parte. Não é falta de pedra, nem de barro. Entre seus montes há várzeas de maior e menor largura, e ainda sítios pantanosos. As praias formam muitas enseadas, e abundam de conchas. Na parte oriental há uma lagoa de duas léguas de comprimento norte-sul, e mais de 1.000 braças na maior largura, e profunda em partes: a qual estreita muito em certa paragem, de sorte que parecem duas assaz desiguais, unidas por uma garganta de 50 braças de largo com uma grande ponte. Quando no inverno começa a inundar as adjacências mais baixas, os moradores da vizinhança abrem-lhe um desaguadouro para uma enseada que lhe fica pouco arredada para o nordeste, o qual é logo entupido pela ressaca do mar, em cessando a corrente, durante a qual lhe entra do oceano grande quantidade de tainhas, robalos, carapebas, acarás, linguados, com outras castas de pescado, que a fazem piscosa em todo o tempo. Na extremidade setentrional deságua uma ribeira denominada Rio Vermelho, em cujas adjacências se criam as melhores melancias de toda a província.

Mais para o sul há ainda três: a Lagoinha Grande, com 1.600 braças de comprido, e 500 até 600 de largo, 6 de fundo, e em partes 10, segundo dizem; a do Pântano, com 400 de comprimento, e 200 de largura; a Lagoinha de Leste, que tem 350 de comprido, e 100 de largo: em todas há os mesmos pescados daquela outra.

Mandioca, e linho são os principais objetos da agricultura, quase geralmente exercitada por homens brancos, que também cultivam milho, arroz, café, legumes, canas-de-açúcar, e algum algodão, que não é de boa qualidade. Tem-se naturalizado algumas árvores frutíferas de Portugal. As melancias, os ananases e as bananas são em grande quantidade; as laranjas as mais abundantes.

As principais torrentes desta ilha são o Rio Vermelho, já mencionado; o dos Ratones, que deságua pouco mais de duas léguas ao norte da capital; e o do Tavares, que sai obra de 3 milhas ao sueste da mesma capital. O terreno regado pelo derradeiro cria os melhores melões da província.

O canal, que a separa do continente, longe de ter sempre uma mesma largura, forma dois grandes portos, quase iguais no comprimento, e separados por um

11 A carestla do vinho (em razão da sua falta), a abundância e barateza da aguardente fazem que todo o mundo use dela tao apaixonadamente, que muitos experimentam cedo os seus funestos efeitos. Os homens sisudos desejam que o Senado se apropriasse a venda deste objeto, e lhe taxasse um preço tal, que os bebedores se vissem obrigados a usar dele com a parcimônia de remédio medicinal.

estreito de 200 braças de largura entre duas pontas. O do norte, que tem 3 léguas de largo, e fundo para as maiores naus, é um dos melhores da América Meridional, e a chave do oceano do sul.

O vento reina do sul, durante o inverno, que principia ordinariamente em maio, e acaba em outubro. As trovoadas são freqüentes no estio; mas todas as tardes desta estação são refrescadas com virações do mar ordinariamente fortes.

Junto à ponta meridional da Ilha de Santa Catarina estão 6 ilhotas; as três ocidentais denominam-se *Ilhas dos Papagaios,* e as orientais os Três Irmãos. A dos Moleques, a do Campeche, a do Xavier, das Aranhas, a do Badejo, ficam sobre a costa oriental em distâncias compassadas. Perto da ponta setentrional estão 3, com o apelido de Moleques. Légua e meia ao norte da mesma ponta está a Ilha do Arvoredo, com meia légua de diâmetro, e ao noroeste dela a da Galé. Dentro do porto principal estão entre outras a Ilha Tomarim, encostada ao continente e a dos Ratones, quase defronte do rio do mesmo nome, ambas fortificadas. No meridional estão a Ilha dos Carlos, e a de Maruí.

A capital da província é a considerável, populosa, e abastada vila de Nossa Senhora do Desterro, situada no lado ocidental da Ilha de Santa Catarina sobre uma enseada um pouco à les-sueste do Estreito, em terreno desigual entre dois morros, atravessada por três ribeiros, que passam por baixo de várias pontes de pedra. As ruas são quase geralmente tortuosas, as casas ou de pedra ou de madeira. Além da igreja matriz tem as capelas do Menino Deus, e de N. Senhora do Rosário, uma ordem terceira de S. Francisco de Assis, um hospital da caridade. Os quartéis da tropa são bons; o senado é presidido por um Juiz de Fora; a mocidade instruída por mestres régios de primeiras letras, e Latim, para cujos honorários há um tributo na aguardente. As olarias fazem aqui um ramo de indústria e comércio. Fabricam-se tecidos de linho e de algodão e ainda dum com outro.

Légua e meia ao norte da capital está a Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades, mais conhecida pelo nome de Santo Antônio. É ainda povoação pequena com arredores vistosos e aprazíveis. O povo, que a habita, cultiva canas-de-açúcar, mandioca, milho, algum linho, e diversidade de hortaliças.

Pouco mais de 3 milhas para o norte, na Enseada das Canavieiras, desembarcaram os castelhanos em 1777, e assenhorearam-se da ilha sem a menor resistência: tão valeroso era o seu governador!

A Paróquia de N. Senhora da Conceição, que fica obra duma légua ao oriente da capital, sobre um teso pouco arredado da lagoa grande com vista duma considerável extensão do oceano, é abastada de pescado. Os seus paroquianos cultivam linho, canas-de-açúcar, mandioca com outros víveres do país. No seu distrito há uma armação de baleias.

Obra de duas léguas ao sul da capital está a Paróquia de Nossa Senhora da Lapa, situada junto à embocadura duma ribeira, no fundo duma pequena enseada semi-circular, em frente duma ilhota. Freguesia do Ribeirão é o nome, com que vulgarmente a designam. É abastada de pescado, e dos mantimentos do país.

Laguna, vila medíocre, e vantajosamente situada sobre a margem oriental da lagoa, que lhe empresta o nome, menos de meia légua distante da barra, junto a uma colina, donde descem águas excelentes. A sua forma é a dum quadrilátero com três ruas paralelas encruzadas por outras, e uma praça a um lado sobre a qual está a casa da Câmara. Só tem a igreja matriz dedicada a Santo Antônio dos Anjos. Grande parte das casas são de pedra, algumas de sobrado, e alveadas com cal de marisco. Seus habitantes cultivam mandioca, milho, arroz, feijão, favas, algum trigo, e linho. A lagoa é piscosa. Nos meses de novembro, e dezembro entra nela prodigiosa quantidade de bagres cuja pesca faz um lucroso ramo de comércio. Fica 18 léguas ao sul da capital. Do seu porto, onde entram sumacas, sai farinha, arroz, milho, madeira, e peixe salgado.

Obra de 4 léguas ao norte da Laguna, e 14 ao sul da capital, está a Freguesia de Santa Ana, vulgarmente só conhecida pelo nome de *Vilanova,* povoação ainda pequena, vistosamente situada sobre um teso, perto da extremidade setentrional da mesma lagoa, junto ao Morro de Tapiruva, que lhe fica ao meio-dia, e pouco distante da Lagoa Panema, que lhe demora ao norte, com dois portos, um em frente, outro por detrás no oceano, chamado *Porto da Embituba,* abrigado do sul, e levante pela ponta do mesmo nome, onde há uma meia armação de baleia sujeita à administração da de Garopava. As casas são geralmente de madeira, havendo abundância de pedra. Seus habitantes, entre os quais há muitos maci-lentos, recolhem as mesmas produções que os da Laguna, e cultivam maior quantidade de linho, o que faz haver aqui maior número de tecedeiras do que em nenhuma outra povoação. As cebolas são de grandeza extraordinária, e as outras hortaliças de boa qualidade.[12]

A Freguesia de Nossa Senhora do Rosário, que está sobre a Enseada de Brito entre dois regatos, 10 léguas ao norte de Vilanova, três e meia ao sul da Capital, é ainda pequena, e seus paroquianos cultivadores de mandioca, milho e canas-de-açúcar, e também são pescadores. No seu distrito há caldas.

Quatro milhas ao sudoeste da capital, e menos de meia légua arredada da esquerda do Rio Maruí, está a Paroquia de São José, sobre a enseada do mesmo nome, com uma olaria de louça vidrada. Seus habitantes cultivam arroz, milho, canas-de-açúcar, mandioca, e pescam.

Duas léguas e meia ao noroeste da capital está a aprazível Freguesia de São Miguel, sobre a enseada do mesmo nome, que lhe forma um bom surgidouro. Os seus habitantes recolhem, e exportam grande quantidade de arroz e farinha com algum açúcar. Perto dela fica a principal armação das baldeias.

A Vila de São Francisco que é mediana, abastada de pescado, e dos víveres do país, com casaria geralmente chã, e uma bela matriz de pedra, dedicada a N. Senhora da Graça, está sobre a praia ocidental da ilha do mesmo nome, perto de 3 léguas dentro da Barra Babitonga, em terreno plano, e paragem vantajosa para o comércio. Só duas ruas são calçadas. Seus habitantes, geralmente brancos, são descorados, e quase todos lavradores de mandioca, para a qual o terreno é mui apropriado. A colheita do milho, arroz, açúcar, café, e tabaco, que pode ser considerável, é ainda de pouca monta. Não há quem não possua ao menos uma canoa. Fazem-se aqui embarcações de bom porte. Madeira, e cordas de imbé são os objetos mais importantes, que saem do seu porto depois da farinha.

Esta província, que faz parte do Bispado do Rio de Janeiro, é da correição do Ouvidor de Porto Alegre.

12 A Lagoa *Panema* tem 1.000 braças de comprimento com pouca largura, e só deságua para o Oceano guando chove multo.

PROVÍNCIA DE SAO PAULO

Esta província, formada com a união da Capitania de Santo Amaro, e metade da de São Vicente, tomou o nome, que a designa, em 1710, quando El-Rei D. João V, incorporando-as com os bens da Coroa, por compra, lhe nomeou Governador, com o título de Capitão General, na pessoa de Antônio de Albuquerque Coelho, e a este a cidade de S. Paulo para sua residência. Confina ao norte com a de Minas Gerais, de que é separada pela Serra da Mantiqueira, e com a de Goiás de que é dividida pelo Rio Grande; ao sul com a de São Pedro, da qual é separada pelo Rio Pelotas; ao ocidente com o Rio Paraná, que a divide das províncias de Goiás e Mato Grosso; ao oriente tem o mar oceano, e as províncias do Rio de Janeiro na parte setentrional, e a de Santa Catarina na meridional. Jaz quase toda na zona temperada entre os 20 e 30 minutos, e os 28° de latitude meridional, com 135 léguas de comprimento norte-sul, 100 de largura média leste-oeste, admitindo variedade tanto a respeito do ar, como da qualidade e aspecto do terreno.

Sabe-se que determinando El-Rei D. João III repartir a Costa Brasílica em capitanias, a tempo que Martim Afonso de Sousa se achava nela, lhe dera uma de 100 léguas, e a seu irmão Pedro Lopes de Sousa, que andava com ele, outra de 50; do que os avisou por uma carta datada a 28 de setembro de 1532, na qual dizia se lhes remetiam as doações; mas, como estas não aparecem, e só outras, que se lhes passaram em 1534 e 1535, depois que voltaram ao reino, não sabemos se as capitanias, que então se lhes deram, são as mesmas, que primeiro se lhes ofereceram; parecendo evidente, que no caso de serem as mesmas, não foram repartidas a princípio, como efetivamente foram ao depois, ficando em parte encravadas uma na outra.

Fosse como fosse, o certo é, que a carta de doação a Martim Afonso foi passada, ao menos assinada, na cidade de Évora, a 20 de janeiro de 1535 tempo em que ele já tinha partido para a índia; e especifica que esta capitania (a qual ao depois teve o nome de São Vicente) se estendia do Rio Macaé até 12 léguas ao sul da Ilha Cananéia (onde está a Barra de Paranaguá), excetuando um pedaço de 10 léguas, contadas do Rio Curupacé, hoje Jiquiriqueré, até o de São Vicente.[1]

A Capitania de Pedro Lopes de Sousa, que era a de Santo Amaro, compreendia as 10 léguas mencionadas, 40 ao sul imediatamente àquela outra.

A de São Vicente não tinha ainda 40 anos, quando se lhe tirou quase metade para criação da do Rio de Janeiro. Com a mudança de possuidor desapareceram os limites mediterrâneos de ambas as capitanias, e a jurisdição dos governadores começou a ampliar-se pouco a pouco sobre os territórios, onde ao depois se criaram as províncias de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Santa Catarina, e Rio Grande do Sul, à medida que os paulistas iam nela plantando colônias.

A autoridade de Herrera, como se disse noutra parte, parece suficiente para não duvidarmos que em São Vicente havia feitoria para resgate dos indígenas em 1527; mas a licença, que Martim Afonso concedeu a Pedro Góis, em 3 de março de 1533, "para poder mandar dezessete escravos forros de todos os direitos, e fretes, que costumavam pagar", prova exuberantemente que ela existia, ao menos

1 É de notar que, posto que a Capitania de Martim Afonso de Sousa tivesse 100 léguas de costa, e as dos outros donatários só 50, sucedeu ficar a deste com menor área, ou número de léguas quadradas pelo multo que a costa tem recolhido para oeste e por esta nao correr norte-sul, como nas daqueles outros.

para este trato. Uma vez que havia feitoria, devia haver navegação para ela, e os índios não podiam espantar-se dos navios da armada de Martim Afonso, como coisa nova, e nunca vista, como pretende o autor das Memórias para a história desta província; mas não sabemos em que ano, nem por quem fora estabelecida esta feitoria. O mesmo escritor atesta-nos que Martim Afonso achara aqui dois europeus, Antônio Rodrigues, e João Ramalho, os quais ele imagina terem escapado de algum naufrágio na costa; quando parece tão provável que eles, ou fossem agentes da feitoria, ou vivessem à sombra dela, como incrível que fossem os únicos europeus aqui estabelecidos; porque os estabelecimentos deste gênero entre bárbaros sempre tiveram muita gente.

MONTES — Este país não é montuoso, se excetuarmos a parte oriental, onde em todo o seu comprimento, ao longo do mar, tem a cordilheira geral, a que às vezes dão o nome de *Cubatão.* Esta serra não é em toda a parte de uma mesma altura, nem corre sempre em igual distância da praia. Tem muitas quebradas, por algumas das quais descem torrentes para o oceano, e curvidades para o interior, deixando alguns pedaços de terreno médio; e é em toda parte coberta de mato. Sendo quase geralmente alta para a banda do mar, tem pouco declívio para o poente: e é o terreno mais alto da província, depois de excetuarmos alguns montes dispersos no interior; pois que os mais caudalosos rios que a regam, têm nela suas origens, e correm para o poente.

As Serras Araassoiava, por corrupção Guarassoiava, que significa *cobertura do sol,* aludindo à grande extensão de terreno, que fica debaixo da sua sombra muito tempo antes que o planeta se aproxime ao horizonte. Esta montanha, que tem 3 léguas de comprimento, e largura proporcionada, toda é um puro mineral de ferro; e está no distrito da Vila de Sorocaba.

O Monte Araquara, do qual se elevam freqüentes exalações, e onde se diz haver ouro, fica sobre a margem direita do Rio Tietê, 8 léguas abaixo da embocadura do Piracicaba. Não se deve confundir este monte com a serra do mesmo nome, que fica mais central.

Junto à cabeceira do Jaguariquatu, está o alto monte Pirapirapuã, que se avista de muito longe, e tem ouro. O Monte Taó, sobranceiro ao Rio Tajaí, também é alto, e tem o mesmo metal. A Serra Dourada fica no campo de Guarapuava, ao poente do Tibagi.

A Serra da Apucarana, também no campo de Guarapuava, é nomeada nos roteiros de alguns sertanistas.

Na vizinhança do mar nota-se o Monte Cardoso, à esquerda da entrada para a Baía da Cananéia; o Monte Juréia por corrupção de Judéia, ao qual deram este nome por parecer judiar com os caminhantes, que nunca o transitam sem trabalho e cansaço grande, passando a estrada pela sua sumidade; porque o mar sempre bate furioso na sua base; é alto e vistoso: dele descem várias torrentes, entre as quais se nomeia o Rio Verde, que forma algumas cascatas: fica poucas léguas ao norte do Rio de Iguape. O Monte Jaguari, que fica entre os rios Itanhaen e Una sobre a praia, é em grande parte de penedia com árvores corpulentas, cujas raízes incomodam os viandantes; porque o caminho passa por cima dele.

MINERALOGIA — Há minas de ouro, prata, cobre, ferro, enxofre, pedra hume, magnete, pederneiras, pedra calcárea, granitos, pedras de amolar, e afiar: tabatinga, rubis, diamantes, e diversidades de outras pedras preciosas.

RIOS E PORTOS — Nenhuma das províncias marítimas, à exceção da do Pará, tem tão grande número de rios navegáveis, posto que os maiores sejam geralmente incapazes para conduzir as produções do centro do país até os portos do mar, do qual todos fogem para o ocidente a perder-se no Paraná. Mas como as da parte ocidental (quando nela florescer a agricultura) não podem descer por este em razão das Sete Quedas, elas poderão ser conduzidas por aqueles acima até onde eles começam a ser navegáveis, e dali aos portos pelo método

praticado com as daqueles distritos. Os principais são o Paraná, o Iguaçu, o Paranapanema, e o Tietê.

O Paraná toma este nome na confluência do Paranaíba, que vem do centro de Goiás, e do Rio Grande, que sai do interior de Minas Gerais, ambos caudalosos.

Depois de muitas léguas, e de ter recolhido vários outros por um e outro lado, forma a grande cachoeira de Urubu-Pungá, que impedindo a subida a toda a casta de peixe, faz que ele ande ali em cardumes; e será um ramo lucroso de comércio aos futuros moradores da sua vizinhança: a sua zoada ouve-se de muitas léguas. Imediato a ela deságua o Rio Cururuí, que vem do interior de Goiás atravessando as terras dos Caiapós: e coisa de 3 léguas e meia ao sul do primeiro entra também pela direita o pequeno Rio Iguareí, imediato às Sete Quedas.

Na mencionada extremidade da Ilha Grande já é mui despedida a corrente do Paraná, e vai em aumento à proporção que suas margens se aproximam; e de uma légua de largura, que ainda tem defronte do Iguareí, se reduz a 50 braças com grandíssima zoada, dividido em 7 canais, formados por 6 ilhotes de rochedo com furiosa corrente através da Serra Maracaju.

Além das ilhas mencionadas há neste rio ainda um vasto número de outras menores no grande espaço, que medeia entre Sete Quedas e Urubu-Pungá. Suas águas são turvas, e ruins para beber: a margem ocidental é baixa, e em partes de areia branca e grossa, com variedade de pedras estimáveis por espaço de muitas léguas sem interrupção; a oriental geralmente um pouco levantada: ao longo duma e outra há grandes matas: seu álveo nunca estreito, e sem tortuosidades consideráveis é entre o sul e sudoeste: sua corrente pouco apressada é majestosa; mas, quando o vento é forte, levanta ondas, como o oceano. É abundantíssimo de pescado de várias espécies; algumas são excelentes, e de grandeza pasmosa.

Doze léguas abaixo das Sete Quedas entra no Paraná pela margem esquerda o Rio Jaguaré, e 18 mais adiante o caudaloso Iguaçu. Depois de grande espaço muda de rumo para o poente a unir-se com o Paraguai, na latitude de 27° e 1/3. Da missão de Corpus para cima, só nações de gentio sáfaro dominam o vastíssimo terreno, que este majestoso rio e seus confluentes regam.

O Rio Iguaçu, que na língua brasílica significa *água grande,* e cuja principal cabeceira é a Ribeira de São José, quando atravessa a estrada real das Lages para Sorocaba, já é de canoa, e corre com o nome de *Curitiba.* Seu curso é sempre ao poente, descrevendo poucas tortuosidades, formando muitas cachoeiras, que interrompem a navegação, engrossando sensivelmente com os que se lhe juntam por um e outro lado, principalmente pelo meridional; e limitando pelo sul os vastos campos de Guarapuava, habitados de gentio. Suas margens são povoadas de grandes matas. A primeira cachoeira grande, denominada *Caiacanga,* fica 4 ou 5 léguas abaixo da mencionada estrada, e a maior 10 milhas acima da sua embocadura, onde tem 113 braças de largo. Esta catadupa tem 200 pés de altura perpendicular. As margens do rio neste lugar são de rocha a prumo, e a corrente furiosa.

Um sertanista, que desceu por este rio, diz que ele é navegável sem embaraço desde Ciacanga até o salto da Vitória; mas não declara a extensão deste intervalo, nem os nomes e situações de sete grandes caohoeiras, que encontrou até a sua confluência com o Paraná.

No ângulo da sua confluência existiu por alguns anos a Aldeia de Santa Maria de Iguaçu. Uma fome a fez desaparecer.

O que neste rio se encontra de mais notável, além da derradeira catadupa, é o chamado *Funil,* no centro do país, onde corre rapidamente apertado por entre ribanceiras de rocha talhada a pique com forma de uma rua de mediana largura. Na sua vizinhança vive uma horda de índios purís,-e outra de guaianhás, com alguns homens alvos e espadaúdos.

Os principais confluentes do Iguaçu, que se lhe juntam pela esquerda, são o Rio Negro, o da Varge, o Bananal, e o de S. Antônio, sai pouco mais de 20 léguas acima da última catadupa.

Quinze léguas acima do Rio de Sto. Antônio, deságua o Jordão, e outras tantas acima deste sai o de S. João, ambos pela direita.[2]

O Rio Paranapanema tem princípio na cordilheira do mar, ao poente de Itanhaen; e quando atravessa a estrada real de Sorocaba, já não dá vau. Seus primeiros tributários consideráveis são o Itapetininga, que se lhe une pela direita, e o Apiaí pela esquerda, com cujas águas fica caudaloso e largo. Suas margens são ordinariamente baixas, e povoadas de arvoredo corpulento; em partes de campinas, onde se encontram, entre outros viventes bravios, emas e veados; e sua corrente em grande porção apressada por causa das muitas cachoeiras. índios mal-fazejos ocupam as terras adjacentes. Junto da margem meridional, na vizinhança da foz de Tibagi, se achou há anos uma ruma de telha; prova de que os antigos castelhanos da Província de Guaíra estenderam suas povoações até este rio.

Obra de 8 ou 10 léguas acima da embocadura do Paranapanema se lhe junta pela margem austral o pequeno Rio Pirapó, junto de cuja foz existiu por alguns anos a Redução de Nossa Senhora do Loreto, uma das trezes que formavam as chamadas províncias de *Taooba* e *Taati,* tão ineptamente descrita pelo jesuíta Montóia, um dos seus fundadores, que só nos dá lugar a suspeitar, que existiam no vastíssimo território, que se estende do mesmo Paranapanema para o norte.

O Rio Tiête, em outro tempo Anhembi, nome que lhe deu uma tribo indiana, tem sua nascença obra de 20 léguas a leste da cidade de São Paulo, da qual passa não muito arredado; e obra de 4 milhas abaixo recolhe pela margem esquerda o Rio dos Pinheiros, que vem do sueste com 6 léguas de curso. Depois de treze recebe pela direita o Jundiaí, que passa pela vila do seu nome. Junto desta confluência forma o Tietê uma grande catadupa, que impede a subida aos peixes: e 15 léguas adiante se lhe junta o Capivari por uma boca de 6 braças de largura, depois de ter atravessado um extenso bosque de majestoso arvoredo. Duas léguas abaixo deságua na margem esquerda, com 8 ou 9 braças de largura, o Rio Sorocaba, que nasce na Serra do Cubatão ao poente de São Vicente, e passa pela vila, que lhe toma o nome.

Obra de 15 léguas adiante do precedente sai na margem direita, e por uma boca de 14 braças, o considerável Piracicaba, que é formado pelo Tibaia e Jaguari, cujas cabeceiras ficam no nordeste de São Paulo, e atravessa uma vastíssima mata de corpulentas árvores, de cujos troncos, assim como das que se criam nas beiradas do mencionado Capivari, se fazem ali mesmo as grandes canoas de oitenta palmos de comprimento, sete e meio de largura, e cinco de alto, em que se navega para o Cuiabá, e carregam 400 arrobas, afora o mantimento necessário para 8 homens de tripulação, e às vezes passageiros.

Pouco abaixo desta confluência, onde quase duplica de volume, se lhe une pela esquerda o Rio Lençóis, no qual dão 4 braças de largura: e depois de quatro ou cinco dias de viagem se encontra à direita a embocadura do Rio Jacaré-pipira, com 5 braças de largo; e pouco mais adiante, pelo mesmo lado, a de outro com o segundo nome, quase tão volumoso, como que o recolhe, segundo diz um navegante.[8]

Este rio é formado pelas águas de Moji, que principia na falda da Mantiqueira, com as do Jaguari-mirim, que. sai de Minas Gerais, e atravessando a estrada

2 O Rio Negro, e o do Vargem nascem perto da Serra do Mar ao poente da Ilha de Sao Francisco, e atravessam a estrada real obra de 6 léguas afastados um do outro. O derradeiro recolhe pela direita o Rio dos Três Irmãos, e desemboca poucas léguas abaixo do outro.

O Rio de Santo Antônio tem sua origem perto da do Peperl, que deságua no Uruguai: é navegável por espaço de 10 léguas até uma cachoeira; e obra de 7 milhas acima da sua foz recojhe outro do mesmo nome, quase igual, e cognominado Mimlm.

3 Entre os rios Piracicaba e o Plplrá está a grande Serra de Araquara, e os extensos campos do mesmo nome, onde já se acham fazendas de criar gado grosso.

de São Paulo para Goiás, 8 léguas afastados um do outro, depois de dilatado espaço contra o poente, se unem no centro de um extenso bosque, através do qual continua, recolhendo outros menores por ambos os lados, que o fazem tão considerável.[4]

Poucas léguas abaixo da passagem para Goiás, há no Moji uma catadupa, que impede a subida aos peixes; razão por que, anualmente em certo tempo, concorre ali grande número de pescadores com cargas de sal a fazer copiosas pescarias, de que fornecem as povoações mais distantes.

Os navegantes contam 70 léguas de Porto Feliz até à foz do Pipira, e outras tantas desta paragem até à confluência do Tietê com o Paraná, viagem em que gastam 25 ou 26 dias. Seu álveo é tortuosíssimo: 7 léguas que se contam de Porto Feliz em linha reta à foz do Capivari, sendo por água, passam 16; e 14 que se contam da boca do Jacoaquatu até à do Piracicaba, fazem 6 em linha reta. Seu leito pela maior parte é de pedra com grande número de ilhas e cachoeiras. Destas as principais são: Avaré-Manduava, Itaguassava, Pirapora, Bauru, Bariri-mirim, Bariri-Guaçu, Escaramuça, Utupanema, Funil-Grande, Guacuritu-vuçu, Aracanga-mirim, Aracangavuçu, Utupeva, Utupiru; em todas são as canoas aliviadas de meia carga, e passadas com tripulação dobrada: Avanhandavuçu, que tem mais de 30 pés de alto: Itapura, que não é inferior, porém mais íngreme; em ambas são as canoas transportadas por terra: a derradeira fica 7 léguas acima da embocadura do rio. O número das outras perigosas, mas que se passam sem aliviar as canoas, chega a 32; e as de menor consideração duplicam as somas de todas as outras. Suas beiradas ordinariamente são povoadas de soberbo arvoredo. Entre outras-frutas acham-se jabuticabas, marmeladas, cipotás, jataís, nhandipapos, uvacuparis. Da casca de algumas árvores fazem os aborígines e os sertanistas canoas para navegar; e da resina, que se cria em sua raiz, se utilizam aqueles para as suas luzes, e adornos das orelhas e beiços. Entre outras espécies de pescado há dourados, saupés, pacus, piracanjuvas, surubins, piracambucus, jaus, e piraquaxiaras. Alguns pesam duas arrobas.

Não obstante o grande número de obstáculos, que tanto demoram a navegação deste rio, ela seria muito menos prolongada, se a névoa não impedisse diariamente sair do pouso antes das oito horas, que é quando levanta.

O Rio Tibagi, que nasce ao poente da Cananéia, corre sempre ao noroeste, atravessando os campos de Guarapuava, onde se faz caudaloso com o tributo de outros muitos, que se lhe unem, principalmente pela direita, quais são entre outros, o Pitangui, o Iapó, o Jaguariiba, aliás Jocuriaí, o Jaguariquatu. O Cairussu é o maior entre os poucos que se lhe juntam pela esquerda, e passa junto da Serra Dourada. É navegável até perto de suas cabeceiras, e une-se ao Paranapanema, quando este ainda vai no meio do seu curso.

No intervalo, que medeia do Rio Jaguariquatu, até o mencionado Apiaí, encontram os viandantes da Vila do Príncipe para Sorocaba entre outros menores o Tereré, o Verde, e o Taquari, correndo também para o poente a engrossar o Tibagi, ou o Paranapanema. O primeiro e meridional, quando cruza a estrada, passa escondido por baixo de uma ponte alta de rochedo, obra da natureza, e umas das raridades da província.

O Piquiri, cujas cabeceiras estão no centro dos campos de Guarapuava, corre para onde dá navegação por espaço assaz considerável, corre ao poente, e deságua no Paraná 10 milhas acima das Sete Quedas. No ângulo setentrional da sua embocadura, sítio aprazível e vantajoso para uma povoação, esteve Ciudad Real, aliás Guairá, demolida pelos paulistas em 1631. O destacamento do Forte Iguatimim pretendeu reedificá-la em 1773; empresa, que foi abandonada depois de três

4 Ha quem afirme, e talvez com razão, que os rios Mogl, e Jaguarl-mlrlm depois de unidos, vão diretamente entrar no Paraná poucas léguas acima de Urubu-Pungá.

meses; porque toda a gente, que se lhe mandava, perecia em poucos dias de febres pestilentes, que reinam aqui em janeiro, fevereiro e março.

O Ivaí, originalmente Ubaí, que também principia nos campos de Guarapuava, e perto do Tibagi, donde uns sertanistas passaram as canoas para ele, é caudaloso, navegável até perto de sua origem, e tão piscoso, que também se lhe deu o nome de Rio do Peixe. Corre entre o poente e o noroeste, atravessando um terreno extenso, e povoado de índios selvagens, e entra no Paraná por uma boca de 60 braças. O Rio Tinto, o Bom, o Soberbo, o Capivari, e o Tua são os principais ramos, que a formam. O primeiro é o setentrional, o derradeiro meridional. Oito dias de viagem acima da sua embocadura estão as ruínas de Vila Rica, com o nome de Bananal, desmantelada pelos paulistas na mesma ocasião, em que demoliram Ciudad Real, que se comunicava com ele por um caminho, do qual hoje apenas há indícios.[8]

O Rio Pardo sai da Colônia de São João Del-Rei, onde rega o arraial do seu nome, e depois de ter atravessado um extenso terreno desta província, fazendo caminho do poente, e recolhido entre outros o Rio Araquara, vai cair no Rio Grande muito abaixo da confluência do Sapucaí, rio considerável, que os viandantes de Goiás encontham, depois que entram nesta Província de São Paulo.

O Paraíba, depois de descrever um vasto rodeio, regando muitas povoações na parte setentrional desta província, torna para a de Rio de Janeiro, onde tem sua origem, e a embocadura.

Falemos agora dos rios, que correm para o Oceano, e dos principais portos, que são o de Santos, o de Cananéia, e o de Paranaguá.

Cinco léguas ao norte do Rio Saí-grande, limite da província, está a boca do caudaloso e rápido Guaratuba, encostada ao lado meridional do Morro Caioaba. Este rio, formado de vários outros, que descem da serra geral, tomou o nome da grande quantidade de guarás, que povoam as suas margens, e criam seus filhos em uma ilha rasa e coberta de mangues, que fica duas léguas distante do mar, onde por uma ordenação ninguém os pode matar, aliás estaria extinta a casta destas lindas e inocentes aves. Lanchas sobem até à vila do mesmo nome. O seu maior tributário é o Rio de São João, que vem de longe, atravessando grandes pinheirais, e une-se-lhe pela margem meridional.

Seis léguas ao norte estão as três entradas para a Baía Paranaguá, formadas por duas ilhas de mui desigual grandeza. Ibupetuba, ou Barra Falsa, é o nome da meridional, e Superagui o da setentrional; a central, e maior, tem 500 braças de largura. Ilha do Mel se chama a do sul, e Ilha das Peças a do norte, que é a maior. Esta baía tem 6 léguas de comprimento leste-oeste, para mais de 3 na maior largura, forma mui irregular, e vários recantos. A porção mais setentrional chama-se Baía dos Pinheiros, à qual a Ilha das Peças abre duas entradas. A Ilha da Catinga, que tem 6 milhas de comprido leste-oeste, e pouca largura, é a maior das que estão dentro desta baía, onde só entram sumacas, e onde desemboca grande número de ribeiras e rios. O mais considerável é o Rio Cubatão, que deságua na extremidade ocidental: o Guaraquissava, o maior, que deságua no lado setentrional, onde também saem o Rio Serra Negra, o da Cachoeira, e junto dele o Nhundiaquara. A Ribeira Gurguçu, e a dos Almeidas são as maiores entre as que desembocam na margem austral.

5 "Foi negligência fatal nao estabelecer aqui ao menos cinqüenta casais para desfrutar os trabalhos dos expulsos, e continuar a agricultura, vista a fecundidade do territorio, e salubridade do clima. *É* natural que a população, crescendo como em outros lugares da província, se teria espalhado ao redor, e fundado arraiais, que formassem hoje uma comarca importante ao Estado".

Icacth, citando a Mortim dei Barco, diz que os castelhanos possuíam uma Cidade (que não nomeia) perto de 40 léguas acima de Gualrá na maTgem do Paraná: mas nao há noticia dos seus vestígios; talvez houvesse engano a respeito do lugar, e fosse Vila Rica a cidade, que ele Indicara. Quadraglnta clrcifer leucas supra Guayram ad ejusdem Paranse ripas opidum alterum ab Hispanls habltari, canlt Martinus de Barco: neque tamem illlus nomem prodlt, quod neque álibi me leglsse memlni.

Sete léguas mais adiante deságua o Rio Ararapira, que apenas tem fundo para canoas.

Depois de 12 milhas ao nordeste, que é a direção da costa, encontra-se a Barra da Cananéia; junto de cuja ponta setentrional está a ilha do mesmo nome, que é a alta, e tem uma légua de comprimento. Defronte dela da banda do sul está a da Figueira, que é redonda; e mais fora ao mesmo lado a de Castilhos, que é um pouco alta com menos de milha de comprido.

Doze léguas ao mesmo rumo de nordeste está a Barra de Icapara, que é a boca setentrional de um braço de mar, que faz ilha a terra deste intervalo, e cuja boca meridional é a mencionada Barra da Cananéia. Esta ilha (ainda anônima) é baixa, e de largura menos de proporcionada ao seu grande comprimento, e tem povoadores. O canal, que a separa do continente, tem a largura de um formoso rio com muito fundo. A este canal, que é mais largo na parte meridional, dá-se às vezes o nome de baía, e outras o de lagoa. Pela Barra da Cananéia entram sumacas; a de Icapara, tendo o mesmo fundo, é inútil pelas suas perigosas tortuosidades.

Obra de 4 léguas adiante está a larga embocadura do caudaloso Rio de Iguape, formado de um grande número de ribeiras consideráveis, de curso geralmente assaz tortuoso, e que regam um terreno vasto e montuoso, onde há ouro. Nenhuma destas ribeiras atravessa a estrada da Curitiba para Sorocaba. Este rio dá navegação a sumacas por muitas léguas; e nas vizinhanças do mar, descrevendo amiudadas e grandes reviravoltas, forma muitas penínsulas, de cujos ístmos alguns têm sido cortados para encurtar a navegação. Passa meia légua arredado da Vila de Iguape.

Coisa de 10 léguas adiante se encontram as duas bocas do Rio Una, pelo qual sobem canoas mais de 15 até o sítio do Prelado, que fica pouco arredado da foz do Rio de Iguape. E coisa de 12 ao nordeste está a entrada da Baía Itanhaen, que é vistosa, e toma o nome de uma ribeira que deságua na sua extremidade.

Segue-se depois de 10 léguas a Baía de Santos, à qual a Ilha de S. Vicente, e a de S. Amaro, originalmente Guaíbe, cada uma com 4 ou 5 léguas de comprimento abrem três entradas: a meridional chamada Barra de São Vicente, a central denominada Barra Larga, ou de Santos, e a setentrional Bertioga, por corrupção de Buriquioca, que significa *casa* ou caverna de buriquis, casta de macacos. É o único porto da província com capacidade para recolher armadas, como já se disse. Várias ribeiras, só navegáveis com a maré, vêm aqui desaguar por entre vistosos mangues.[6]

ILHAS — As duas mencionadas são as principais: ambas altas, abundantes de água, madeira, e de boas pedreiras. A de Santo Amaro apenas tem alguns moradores, e está ainda quase inteiramente inculta: o que não sucederia, se tivesse sido repartida a princípio em muitos pedaços entregues a outros tantos agricultores.

Oito léguas a leste-nordeste da de Santo Amaro fica a de São Sebastião, com 4 de comprimento, largura proporcionada, também alta, mais povoada, com surgidouros, e separada do continente pelo profundo canal de Toque-Toque, que tem uma légua de largo.

Coisa de 4 léguas ao nordeste está a pequena Ilha dos Porcos, que é de forma triangular, com bons surgidouros, e povoada: e outras tantas ao mesmo rumo fica a das Couves, com água, lenha, e um cômodo surgidouro da banda do continente, do qual dista uma légua.

6 Estas três barras foram no princípio consideradas como outras tantas horas dum mesmo rio, ao qual Martlm Afonso denominou Rio de Sao Vicente; e sem dúvida é o Rio dos Inocentes, onde João Dias de Solls aportara em 1515. Sao ociosos todos os esforços, com que o Coletor das alegadas Memórias pretende perssuadlr-nos que o nome de Rio de S. Vicente fora exclusivamente particular ao canal setentrional; pois que ele mesmo em outra parte convém "que o nome de Rio de Sao Vicente fora comum a todos os 3 canais". Págs. 18, 26, e 199.

As Ilhas Queimadas são três ilhotas, que ficam coisa de 3 léguas e meia a leste da entrada para a Baía de Itanhaém.

FITOLOGIA — Tem bosques extensos, onde se acham diversidades de árvores de boa madeira para construção, e carpintaria: algumas dão excelente cinza para lixívias, outras casca para calafeto, ou cordas, ou curtumes. O cedro é comum em vários sítios. Os pinheiros brasílicos são as árvores mais multiplicadas em muitos e extensos distritos: há duas castas: vermelhos, que são os mais altos e direitos; e brancos, cujo lenho é menos pesado: a folha é curta e grossa; as pinhas são de uma grandeza extraordinária, e os pinhões do tamanho de bolotas, quase triangulares, com casca coriácea, delicada, da cor e consistência da das castanhas; mas sua madeira só é perdurável no enxuto. Entre outras plantas medicinais nota-se a *iarrinha,* que tem sido reconhecida por um remédio eficacíssimo contra a picada de qualquer cobra, sendo aplicada sobre a ferida: é uma planta rasteira.

As flores da nossa península degeneram aqui pouco ou nada. Os craveiros prosperam melhor que nenhum outro vegetal; com as suas flores se juncam as igrejas, e ainda as casas em dias de função. Diversas árvores frutíferas da Europa prosperam igualmente com grande parte das que são comuns às províncias centrais. Algumas há que lhe são particulares. As amoreiras, para as quais o terreno é apropriado, segundo a experiência, sendo ainda poucas, e inúteis por falta de indústrias, podem subministrar no futuro um lucrosíssimo ramo de comércio, sendo animada a sua cultura. A produção do algodoeiro não é abundante, nem de melhor qualidade, bem que os tecidos, que com ele aqui se fabricam, fazem um considerável ramo de comércio. Este arbusto prospera melhor na parte ocidental.

As produções da agricultura são trigo, milho, centeio, arroz, mandioca, legumes, café, batatas, açúcar, aguardente, tabaco: tais são os objetos mercantis, que aqui se exportam com grande quantidade de coirama, carne de porco, tecidos de algodão, e ainda gado vacum, cavalar e muar, galinhas, cera, pedraria e drogas.

ZOOLOGIA — Entre outras espécies de quadrúpedes selváticos há capivaras, onças, antas, tamanduás, guarás, preguiças, porcos, veados, pacas, macacos, coelhos, cães silvestres, ariranhas: a irará é o papa-mel de outras províncias. Os oriundos da Europa são assaz multiplicados, à exceção das cabras, que em parte nenhuma passam de poucas. A todas as espécies, e quase em toda a parte, se dá de vez em quando uma porção de sal.[7]

A parte oriental desta província era possuída por duas nações aborígines: Carijós e Guainás eram os seus nomes; estes ficavam ao norte daqueles. Toda

7 Seria Importante que se estabelecessem salinas de sorte, que o sal pela sua abundância ficasse barato, para que os criadores pudessem dá-lo o mais a miúdo ao gado. As espécies se multiplicariam ainda mais consideravelmente; os Indivíduos seriam corpulentos, e mais gordos; e por conseguinte até maior o Interesse geral.

Ainda mesmo se poderia criar um lucroso ramo de comércio com a grande quantidade de presuntos, que então se podiam fazer. Como este objeto exlga niulto sal, mercadoria sempre cara, ninguém os faz. Sendo de notar que nenhuma outra Província cria tao prodigiosa quantidade de porcos, que sao volumosos, e a carne deliciosa, por serem mantidos ordinariamente com milho, e pinhão.

O Coletor das Memórias mencionadas, guiado por Vasconcelos, pretende que M. Afonso, no curto espaço de pouco mais de um ano, que se demorou em Sao Vicente, e em Ir ao Rio da Prata, Introduzira todas as espécie de animais domésticos, e mandara vir da Ilha da Madeira as canas-de-açúcar: e que, da Capitania de Sao Vicente saíram as ditas canas para as outras Capitanias, assim como também as éguas, vacas, e ovelhas. Item: que a primeira *mulher Portuguesa,* que passara ao Brasil, fora a mulher do melrlnho João Gonçalves em 1536. *"A* primeira mulher branca que passou à Nova Lusitânia foi a de João Gonçalves". Em 1533. alegou o Melrlnho na sua petição por estas formais palavras: "Visto como era casado, com mulher, e filhos em a dita terra, passa de um ano. Quem diz: passo de um ano, quer Indicar menos de dois". Págs. 62, e 63.

É para notar, que Martlm Afonso fosse t&o cuidadoso em povoar a província de gado, e nao mandasse Ir um só *casal de gente;* pois que, segundo este autor nos atesta, a primeira mulher que passou *a* S. Vicente, foi em 1536, quando o Donatário Já estava na índia... Duarte Coelho Pereira passou com sua consorte D. Brites de Albuquerque, e vários casais, para povoar a sua Capitania de Pernambuco em 1535; e é natural que levasse também animais, como os levava Aires da Cunha para o Maranhão no mesmo ano. Este autor conjectura bem que Martlm Afonso se recolhera ao reino com a monção, que começa em março: e nao achou documento que atestasse a sua estada em Sao Vicente em abril.

a ocidental ainda está em poder de gentio bárbaro. Os paulistas dão o nome de Bugres aos que dominam o terreno, que se estende do Rio Tietê até o Uruguai. A setentrional é ainda às vezes visitada pelos Caiapós, cujos alojamentos estão da outra banda do Paraná.

Os Bugres, entre os quais há alguns brancos, e com barba, como os europeus, são divididos em quatro nações: uma das quais fura o beiço inferior; outra rapa a cabeça em forma de coroa; outra risca as faces com certa tinta. Os homens andam nus de todo, e só têm o arco, e flecha por armas: as mulheres escondem do umbigo até junto aos joelhos com uma cinta larga de acroá tecido. Posto que têm alojamentos, e /fazem roças, onde cultivam batatas, amendoim, feijões, abóboras, três castas de milho, branco, roxo, e outro, a que os paulistas chamam *peruruca;* andam grande parte do ano atrás da caça, e das frutas silvestres, principalmente no tempo dos pinhões, dos quais fazem grandes celeiros. Eles podem durar anos, sendo deitados de infusão por espaço de cinco ou seis dias antes de os secar, segundo dizem. Guardam-nos em giraus, que são como os caniços de secar as castanhas. Suas casas são compridas, formadas de duas ordens de igual número de varapaus, dobrados para o centro, e amarrados cada um ao que lhe corresponde, encruzados com ripas de varas delgadas, cobertas de *guaricanga,* que é uma casta de palmeira anã, com uma pequena entrada em uma das extremidades. Fazem muitas fogueiras no meio em fileira, e dormem no chão com os pés para elas. Em cada casa vivem muitas famílias. Dizem que não aproveitam as peles dos animais que matam, as quais lhes podiam servir de colchão, de cobertor, e de ponche; visto não terem maça, nem tecido para diminuir o frio, que é rigoroso no inverno. Os instrumentos da agricultura são de pau: e os fabris, com que os fazem, de pedra. Fazem panelas para cozinhar o que não querem assado; pratos para comer; algumas sortes de talhas para fermentar certas bebidas embriagantes, e guardar comestíveis. Domesticam alguns animais indígenas, como quatis e cotias. Dos europeus só criam cães para caça: diz-se que preferem a carne de cavalo, e gado muar à do vacum. De quanto os paulistas possuem, parece que nada entre estes bárbaros tem valor, e estimação, senão o ferro. Sua ferocidade tem impedido aqueles de se estenderem para o poente.

Entre outras numerosas espécies de aves notáveis pela sua grandeza, ou sabor, ou plumagem, ou raridade, nomeiam-se as emas, colhereiras, carões, tabuiaias, taiuiús, jacus, mutuns, macucos, tucanos, papagaios, arapongas, guraputepocas, pombos trocazes, rolas, garças, nhumas, urubus brancos, socos, patos, maçaricos.

Os paulistas de hoje passam por uma boa gente; mas seus avoengos não o foram certamente. Também nada há tão oposto à verdade, como o que os escritores estrangeiros dizem da fundação da sua capital, e origem dos seus povoadores. Vosgien, o mais moderado de todos, diz que a cidade de São Paulo era uma espécie de república independente dos portugueses, composta de bandoleiros de diferentes nações, todos destemidos, e grandes ladrões, que pagavam um tributo de ouro a El-Rei de Portugal, enquanto este os não subjugou. Tanto sofre a verdade!

Todo mundo sabe com que justiça Felipe II de Castela se apoderou de Portugal; e quanto este, e suas colônias padeceram até o dia da aclamação de El-Rei D. João IV. Os paulistas, que não tinham motivo particular para serem afeiçoados aos tiranos, vendo-os desprezar as fecundas terras, que ficam ao meio-dia e ao poente do Rio Paraguai, e virem aproximando-se à sua capital pelo centro do continente, fundando uma colônia além de outra colônia, de comum e particular acordo dispuseram uma secreta campanha em 1631, para transtornar-lhes o progresso. Havendo atravessado os sertões, e rios Paranapanema, e Tibagi, de improviso caíram sobre Vila Rica, e Ciudad Real, já mencionada, e a

sua sorte. O mesmo fado experimentaram a Vila de Xerês, situada perto das cabeceiras do Rio Mondego, e trinta e duas aldeias, que formavam três pequenas províncias.[8]

Os paulistas, posto que não davam aos índios domesticados o nome de cativos, ou escravos, mas só o de administrados, contudo dispunham deles como tais, dando-os em dotes de casamentos, e a seus credores em pagamentos de dívidas. Os jesuítas, que possuíam um grande número de índios acareados por outros meios, e em cujo poder só lhes quadrava o nome de administrados, declamavam contra o abuso daqueles outros, mostrando-lhes, que não podiam dispor da liberdade dos indígenas. Os paulistas, que eram opulentos, e deviam toda a sua fortuna aos braços de seus numerosos administrados, julgaram por mais acertado expulsar os jesuítas para não ouvir-lhes pregar verdades amargosas, do que anuir aos seus documentos, escorados com as leis dos soberanos.

A recíproca oposição de duas famílias, querendo cada uma ocupar exclusivamente todos os cargos da República, pô-las em campo de batalha, cada uma na frente de seu exército de estúpidos partidistas, prontos, e determinados a debelarem-se, se a prudência de alguns eclesiásticos de senso os não desarmasse, persuadindo os chefes ao comprometimento de entrarem na governança dali em diante sempre em igual número de cada família contendora. Este concerto, feito em 1654, durou até meado do século seguinte, quando sendo eleito para Juiz Vereador um cavalheiro não aparentado das famílias pretendidamente privilegiadas, estas lhe embargaram a posse para um Juízo do Rio de Janeiro, onde com efeito se sentenciou a favor dos embargantes; mas a tempo que o embargado tinha findado o termo da sua jurisdição. O seu bom governo fez entrar todos os paulistas no conhecimento de que o merecimento pessoal deve ser preferido aos dos antepassados em semelhantes empregos.

A antipatia, que reinou largos tempos entre os taubateanos, e piratininganos, e causou tantos duelos, e desastres; a fatal campanha de 1631, as revoluções causadas pela oposição das duas famílias contrárias; a guerra civil, que se ateou entre os mesmos paulistas, e europeus no princípio da mineração em Minas Gerais, com outras animosidades estrondosas, foram os motivos, que assistiram aos escritores para qualificarem de Republicanos aos paulistas, que desde a fundação da sua capitania sempre obedeceram fielmente à coroa de Portugal. É verdade que não havia povo de tão má fama, nem porventura tão infatuada de nobreza. "Por vezes suplicaram a Sua Majestade que não lhes mandasse Governadores, senão da primeira grandeza do Reino"!!.[9]

A sua altivez provinha-lhes da sua opulência, de ordinário pouco honestamente adquirida, e da falta de melhores governadores desde princípio.

Tem um traje provinciano, que os caracteriza nos outros países, onde quer que aparecem com ele. É um capote, a que eles denominam *ponche,* ou redondo, ou desfalcado mais ou menos pelos lados, com uma abertura no centro por onde metem o pescoço.

O Monte Jaguari no beira-mar, e o Rio Tereré de serra acima dividem esta província em duas partes, setentrional e meridional; fazendo cada uma sua Comarca ou Ouvidoria, designada pelo nome da cabeça, que era até agora Paranaguá na meridional, e S. Paulo na setentrional. Aquela acaba de tomar o nome de Curitiba: e estoutra de ser repartida em duas, ficando a nova com o nome de Itu.

Na setentrional, que é a mais povoada, há muita gente com papo, posto que em muito menor número do que em outro tempo: ignoram-se ambas as causas.

8É falso o testemunho de Boynal, e de quem quer que o guiou, em que os paulistas nao excediam o número de duzentos e setenta e cinco, e se recolheram, com novecentos prisioneiros. Segundo dois msa. que vi, eram oitocentos, e só trouxeram um sino por troléu de suas vitórias.
9Memor. para a Hlst. da Caplt. de S. Vicente, pag. 62.

O maior dia do ano, que é em dezembro, tem perto de 14 horas na parte mais meridional; tempo em que os habitantes da margem do Rio Grande, raia setentrional, não têm 13 horas e meia.

Na Comarca de Paranaguá ou Curitiba há as vilas[10] Guaratuba, Paranaguá, Antonina, Cananéia, Iguape, S. José, Curitiba, Lages, Castro, Vila do Príncipe.

Guaratuba, cujo verdadeiro nome é Vila Nova de São Luís, situada junto a um morro, sobre a margem direita do braço meridional do Rio Guaratuba, em frente da Ilha dos Guarazes, e duas léguas distante do mar, é ainda pequena, mas com circunstâncias vantajosas para ser considerável. Embarcações menores exportam daqui vários comestíveis.

Paranaguá, vila considerável, e até 1811 cabeça da comarca, ornada com três ermidas, e uma Igreja Matriz da invocação de N. S. do Rosário, está situada em terreno doentio, e pouco vistoso, 3 léguas longe do mar, sobre a margem meridional da baía, que lhe deu o nome, e defronte da ponta ocidental da Ilha da Cotinga. Quase todos os edifícios são de pedra. Tem casa da fundição do ouro, Juiz de Fora, Professor da Gramática Latina. Os jesuítas tinham aqui um colégio, que se conserva, havendo sido reparado à custa da Real Fazenda. Exporta-se daqui em sumacas farinha, arroz, café, e outras mercancias com trigo, que desce da Curitiba.

Três léguas com pouca diferença ao poente da Vila de Paranaguá, na extremidade da baía, numa península, e defronte das embocaduras dos rios da Cachoeira, e do Nhundiaquara, em terreno aprazível e sadio, está Vila Antonina, criada em 1800. A Matriz, que a orna, é da invocação de Nossa Senhora do Pilar. Seus habitantes fazem grandes plantações de mandioca: do seu porto, que tem 3 braças de fundo, exporta-se farinha, cordoaria de imbés, e madeira.

No seu distrito está a Aldeia do Morrete junto a um rio, pelo qual sobem canoas a tomar os mantimentos, que descem da Curitiba em bestas, e os que se cultivam no seu terreno.

Cananéia, vila pequena, e vistosamente situada em uma pequena ilha, que fica 3 léguas dentro da barra do seu nome, encostada ao continente, e dele separada por um canal estreito: tem uma igreja paroquial dedicada a S. João Batista. Seus habitantes são macilentos, agricultores, e pescadores: arroz faz a sua riqueza.[11]

Obra de 6 léguas para o sudoeste fica a Aldeia Ararapira, em outro tempo vilota de índios cristãos, com sua Matriz dedicada a S. José da Marinha, situada sobre um braço da lagoa ou Baía Cananéia, que se prolonga por entre a cordilheira geral, e outra, que faz frente ao oceano. Duas léguas, ou pouco mais adiante, está o lugar denominado *Varadouro* (onde finaliza a navegação), o qual é uma estiva de troncos atravessados sobre um terreno alagadiço com pouco menos de uma légua de comprimento, e termina na margem de um rio, que vai desaguar na Baía Paranaguá, havendo formado pouco antes um lago de grande diâmetro, onde se pesca diversidade de peixes. Dizem ser facílima a abertura de um canal no Varadouro, que comunique às mencionadas baías.

Oito léguas (ou 12, seguindo as tortuosidades da lagoa) ao nordeste da Vila Cananéia está a considerável Vila de Iguape, situada na extremidade da lagoa

10 O Alvará de Fevereiro de 1812, que nomeou a Vila da Curitiba para residência do Ouvidor, e cabeça da comarca determina que esta se ficassem denominada Comarca de Paranaguá e Curitiba.

1 Na entrada da Barra da Cananéia da banda do Continente, sobre umas pedras, está um padrão de mármore europeu, com quatro palmos de comprimento, dois de largo, um de grossura, e as Armas Reais de Portugal sem castelos; posto que mais deteriorado do que muitos pensariam, bem se conhece que foi colocado em 1503.

Este MONUMENTO prova com toda a evidência que a armada, que neste ano saiu do Tejo para examinar a Terra Vera Cruz, n&o retrocedeu do paralelo de 18° de latitude austral, como quer o fabuloso Américo Vespúcio: e mostra também n&o ter sido colocado em 1531, como quer o modernísslmo beneditino Pr. Gaspar, que nao duvidou asseverar por conjectura que fora posto por Martlm Afonso; depondo finalmente a nosso favor contra A. Vespúcio que a armada de 1501 ou nao tomou à costa oriental, ou nao chegou a estas paragens; porque ela devia levar padrões para autenticar a posse, que da terra se tomava.

em sítio vistoso, e pouco afastada da margem direita do Rio Assungui, que comumente toma o nome da vila. Teve em outro tempo casa de fundir ouro. Na Igreja Matriz dedicada a N. S. das Neves, venera-se uma devota imagem do Redentor no Passo de Ecce Homo, diariamente visitada por romeiros de toda a província. Exporta-se daqui grande quantidade de arroz. As sumacas chegam ao cais depois de terem navegado todo o comprimento da lagoa; porque a Barra de Icapara, que lhe fica em frente, é perigosíssima, como dissemos.

Castro é vila ainda pequena, e bem situada no lugar, onde o Rio Iapó (do qual teve a princípio o nome) atravessa a estrada real; e ornada com uma Igreja Matriz da invocação de Santo Amaro. Nos arredores acham-se pedras das mais preciosas, e cultivam-se mantimentos. Ao depois de subjugados os selvagens de Guarapuava, ela deve crescer; e seus extensos contornos passarão a ser semeados de grande número de aldeias, cujos moradores, livres deste flagelo, poderão criar muito gado, e fazer florescer a agricultura.

Curitiba, vila considerável e famosa, cabeça da comarca, e residência ordinária do Ouvidor, bem situada na margem esquerda duma ribeira, que tem uma ponte para comodidade do povo, ornada com uma magnífica Igreja Matriz da Invocação de N. S. da Luz, e as ermidas de N. S. do Terço, do Rosário, de S. Francisco de Paula, e uma Ordem Terceira de S. Francisco de Assiz. Todos os edifícios são de pedra, ou de tijolo alveados com cal de pedra, e as ruas calçadas.

Três léguas ao sueste da Curitiba está a Freguesia de São José, vistosa e aprazivelmente situada em um terreno pouco superior à. campina, que a rodeia, e um quarto de légua arredada da margem esquerda da ribeira do seu nome, que depois de duas léguas se incorpora com a da Curitiba. Cada uma delas faz moer muitos moinhos.

Onze léguas ao poente destas vilas há um registro na margem do Rio Curitiba, onde alguns anos passam 30.000 bestas muares para Sorocaba.

A Vila das Lages, aliás de Nossa Senhora dos Prazeres, padroeira da sua Matriz, a mais meridional da província, não tendo jamais passado de pequena, em razão da má vizinhança dos selvagens, acha-se hoje reduzida a pouca coisa com as assoladoras invasões dos mesmos bárbaros. Está situada na estrada real coisa de meia légua ao norte do Rio das Caveiras, e um quarto afastada da Ribeira Caraá, que toma o nome de uma casta de cana ou bambu, que cresce em abundância nas beiradas, e são as melhores da província: alguns têm o verniz atartarugado, que parece obra de hábil artífice. Na mesma torrente há boas pedras de amolar.

Seus contornos são de grande fertilidade, e regados por muitos rios; e o clima temperado e sadio. Cultivam-se legumes, linho, trigo, e milho: cria-se gado grosso e miúdo; quase todas as árvores frutíferas aqui prosperam; mas o povo além de diminuto é pobre por falta de extração às suas produções.

A abertura de uma boa estrada, pela qual os lavradores possam com facilidade transportar as suas produções ao Porto de Santa Catarina, e dar-lhes pronta saída, ou talvez melhormente para a Vila da Laguna, terminando a estrada no Porto da Guarda, ou em pouso alto, donde há navegação pelo Rio Tubarão, como se disse para esta vila, fará ir um grande número de colonos estabelecer-se neste abençoado território: os malfazejos indígenas tornar-se-ão menos atrevidos; e talvez se sujeitem ou retirem; o número dos criadores e lavradores devem consideravelmente multiplicar-se em numerosas aldeias, e estâncias derramadas pelos largos campos da Vacaria: a Vila das Lages tomando o crescimento sucetível virá, logo que as coisas cheguem à sua ordem com o tempo, a ser cabeça de uma comarca extensa, populosa, e rica.

Vila do Príncipe, anteriormente Santo Antônio da Lapa, fica 3 léguas ao meio-dia do mencionado registro de Curitiba junto à estrada real: seus moradores criam gado grosso e miúdo; e recolhem trigo, centeio, milho, linha, e diversidade de frutas.

Légua e meia ao norte do mesmo registro, e também na borda da estrada, perto duma ribeira, que vai engrossar o Rio Iguaçu, está o alegre arraial de Tauá, e Freguesia de Tamanduá, ornado com Igreja Matriz de N. S. do Carmo, e duma ermida de N. Senhora da Conceição. O povo, que a habita, cria gado, e cultiva vários mantimentos do país.

Deste sertão é a Freguesia de N. Senhora da Esperança, situada junto ao Morro Capivaruçu. Ele já não existe.

N. B. O nome *Curitiba,* em língua brasílica *Curutiba,* formado de *Curu,* pinhão, e tiba, muito, compreende quase toda a comarca ou parte meridional da província da serra geral, para o poente. O inverno começa neste país em maio, e dura até setembro com vento austral; o sudoeste é o mais frio. As árvores mais comuns são pinheiros brasílicos: estes majestosos vegetais formam extensas matas povoadas de porcos monteses, que andam em varas numerosas, às vezes de 100, e muito mais. As frutíferas da Europa prosperam aqui melhor que as indígenas do continente. Há figos, peras, maçãs, ameixas, pêssegos, marmelos, ginjas, nozes, castanhas. As oliveiras carregam de flor, e apenas frutificam. A mandioca, a bananeira, o cafezeiro, o algodoeiro, e as canas-de-açúcar só prosperam em alguns sítios. As árovres do *mate* criam-se esponanea-mente, e são mui comuns. O grande uso, que desta bebida se faz na província, e nas de Santa Catarina e Rio Grande, e já adotado por muita gente na metrópole, augura ao país outro ramo de comércio. Tem-se visto cachos de uva ferrai com 6, 7, e mais libras: ainda não se fez vinho, que preste. No ano de 1812 chegou da Europa uma grandíssima quantidade de bacelos de diversas plantas no melhor estado, que se podia desejar, destinadamente para este país. Espera-se que muitas frutifiquem, quando não melhor, ao menos como no país natal; e que ao depois de reiteradas experiências se consiga fazer vinho bom.

Os curitibanos passam pelos mais apessoados, e robustos entre os paulistas: recolhem abundância de trigo e milho, com algum arroz: criam gados cavalar e muar, com grande quantidade do vacum, de cujo leite fazem alguma manteiga, e bons queijos; e coalham-no ordinariamente com coalho de veado, cujo efeito é mais pronto, do que o de bezerrinho. As vacas são grandes, e dão maior quantidade de leite no verão; porém o do inverno é muito melhor: a porção, que no estio dá quatro queijos, no inverno dá oito.

A maior parte dos criadores de gado dão-lhe sal: o animal, que está magro, recebe maior ração para engordar; o que anda gordo, tem a menor, para que não desmedre. Ninguém cria cabras, cujas peles fariam um ramo de comércio. Tem-se observado que as ovelhas começam a morrer depois de 10 anos em qualquer sítio, onde pastem. Logo que se nota a moléstia, que começa com a retirada dos animais para a porta do dono, como pedindo-lhe remédio, é necessário mudá-las para outra parte, ainda que não seja mais que uma légua distante, e cessa o contágio.

Fabricam-se cochonilhos, que são uma sorte de pelúcia grosseiríssima, com todo o comprimento da lã, a qual deve ser churra; e servem de colchão e de cobertura no inverno, e comumente para cavalgaduras: e vendem-se caros; há-os de cores.

Há neste distrito minas de ouro, pedras preciosas, minerais de enxofre, de pedra ume, pedra calcárea, e de amolar.

Na parte setentrional há as vilas de São Paulo, Santos, São Sebastião, Vila da Princesa, Ubatuba, São Vicente, Itanhaém, Cunha, Paraitinga, Jundiaí, Tibaia, Bragança, Lorena, Guaratinguetá, Moji-mirim, Moji das Cruzes, Jacareí, São José, Pindamonhangaba, Taubaté e Paranaíba na Comarca de São Paulo: as de Itu, Sorocaba, São Carlos, Itapeva, Itapetininga, Apiaí e Porto Feliz na Comarca de Itu.

São Paulo, *Paulopolis,* cidade medíocre, vistosamente assentada em terreno pouco levantado, no ângulo da confluência do Rio Tamanduateí com o Ribeiro Anhangabaú, que a banham, este pelo lado ocidental, aquele pelo oriental, meia légua arredada do Rio Tietê, que lhe passa ao norte; 12 léguas ao noroeste de Santos, que é o seu porto, 2 ao sul do trópico, e 350 braças acima do nível do oceano, é ornada com Casa de Misericórdia, várias ermidas, três hospitais, um convento de beneditinos, outro de franciscanos, outro de carmelitas calçados, dois recolhimentos de mulheres, casa de fundir o ouro; várias praças, três magníficas pontes de pedra com outras de madeira, e diversas fontes; porém a melhor água é a do rio. Muitas ruas são bem calçadas, os edifícios quase geralmente de taipa isto é de terra, como greda acalcada entre duas pranchas, e branqueadas com tabatinga.

É a residência dos Governadores da província, e do Ouvidor da Comarca, que é provedor dos defuntos, capelas, resíduos, e juiz da coroa. Tem Juiz de Fora, que também o é dos órfãos, e Procurador da Coroa, auditor da gente de guerra, e deputados da Junta da Arrecadação da Real Fazenda; professores régios das primeiras letras, de Gramática Latina, Retórica, Filosofia, Teologia, Dogmática, e outro de moral pago pela mitra. O povo está repartido em duas paróquias, sendo uma delas a catedral, cujo cabido consta de catorze canonicatos, incluídas as quatro dignidades de Arcedíago, Arcipreste, Chantre, e Tesoureiro-mor. A outra é da invocação de Santa Bfigênia.

Os jesuítas deram princípio a esta cidade no ano de 1552, com a fundação de um colégio, hoje palácio dos governadores, onde celebraram a primeira missa no dia da Conversão do Apóstolo, que lhe deu o nome em 1554. Ao depois de seis anos, se lhe deu o foral de vila. Seus primeiros povoadores foram uma horda de guaianás com o seu cacique Tibiriçá, que vivia na Aldeia de Piratinim, junto à ribeira do mesmo nome, pouco distante da nova colônia, que por esta causa tomou o apelido de São Paulo de Piratininga, e o conservou até o ano de 1712, em que foi enobrecida com o título de cidade, ficando somente com o nome do padroeiro. Em 1746 teve a preeminência de episcopal.

Aos índios se agregou logo grande número de europeus, aos quais aqueles denominaram Emboabas, por trazerem as pernas cobertas à semelhança de certas aves, que têm pena até os dedos, às quais eles davam aquele nome. Das alianças dos hóspedes com as indianas acresceu logo terceira classe de gente, a que deram o nome de Mamelucos, com os quais a povoação tomou considerável aumento. Consta hoje de uns 4.020 vizinhos com 23.760 habitantes, dos quais metade é gente branca.[12]

A salubridade, e temperamento do clima, a abundância, e barateza dos víveres fazem julgar que se lhe dará preferência para a premeditada fundação da Universidade, que lhe dará crescimento, lustre, comércio, e celebridade. Os corpos têm aqui mais vigor para a aplicação; e os insetos danificam menos as bibliotecas.

Nos seus alegres subúrbios há grande número de quintas ou chácaras, entre cujas árvores frutíferas não são desprezadas, nem raras as jabuticabeiras, cujo fruto é formoso, e excelente. As laranjas não são boas, e as árvores, que as produzem, queimam-se nos anos de muita geada: o mesmo acontece aos cafezeiros,

12 Ê Incompreensível o medo, que os paulistas têm das bexigas; ela é que mata a maior parte dos que morrem, quando delas são atacados. Em se dizendo a um doente que o seu mal sao bexigas, el-lo já abatido, e sobremaneira descorçoado: muitos nem querem sujeltar-se a remédios, nem tomar alimentos, persuadidos que nao podem vencer a molèstia. Em 1752, teve ílm uma postura do Senado, de largo tempo observada, pela qual ,eram obrigados a salf da cidade todoa os Infectos da mencionada moléstia com grandes penas dos domésticos, que nao o executavam à risca. Nas mesmas ou semelhantes incorriam as visitas, se voltavam para a cidade .Com o caso seguinte findou o abuso: nao querendo um pai de família obedecer à Lei, e implorando o Senado a autoridade do Ouvidor, deferiu este: "Como os doentes carecem de remédios espirituais, e corporais, com os quais se lhes não pode acudir tão prontamente, como na cidade, Julgo mais acertado que os que ainda não tiveram bexiga, se retirem para fora da capital, quando nela grassar esta moléstia".

as bananeiras, às mandiocas e cana-de-açúcar. As limas são gabadas: as maçãs, ginjas, pêssegos, marmelos, e ameixas não são de boa qualidade.[13]

Santos, vila considerável, populosa, e comerciante, vantajosamente situada no lado setentrional da Ilha de São Vicente, erecta em 1545, ornada com Casa de Misericórdia, que é a mais antiga do Brasil, um convento de franciscanos, um hospício de Bentos, outro de carmelitas calçados, várias capelas, e boa casaria.

O colégio ex-jesuítico de São Miguel, depois de derruído, foi renovado para hospital da tropa. Um Juiz de Fora preside ao seu Senado. Todos os edifícios são de pedra, e sólidos; seus naturais engenhosos; as mulheres fazem excelentes rendas. É pátria de Alexandre de Gusmão, que seria mais conhecido, se o prelo tivesse vulgarizado as suas cartas. Foi saqueada pelos holandeses, e em outra ocasião pelos ingleses. O seu porto, cuja entrada é defendida por vários fortes, tem capacidade para recolher grandes naus. É o entreposto de grande quantidade de açúcar, aguardente, tecidos de algodão, café, coirama, toucinho, que se exporta. Os navios carregam por pranchões para os cais. Os invernos sempre são mui chuvosos, e só as colheitas do arroz, e café abundantes.

Pouco mais de duas léguas ao sudoeste na costa meridional da mesma ilha, sobre a entrada da barra do seu nome, está a Vila de São Vicente, a mais antiga da província, em outro tempo florente, e famosa, hoje pouca coisa por causa da de Santos, mais bem situada para o comércio, que lhe roubou. Seus moradores são infatuados de fidalguia, demandistas, e freqüentam a pescaria.

Quatro léguas ao poente de Santos está o pequeno Arraial de Cubatão na margem setentrional do rio, que lhe dá o nome, e danifica com suas grandes cheias. Aqui embora tudo o que desce de serra acima destinadamente para a vila.

Projeta-se comunicar a ilha com a terra firme por meio de uma calçada através do Canal de São Vicente; a qual ao depois de completa será uma obra magnífica, e evitadora de muitos naufrágios. Na Barra da Bertioga há uma armação de baleias.

Itanhaen, vila pequena erecta em 1561, ornada com um convento de franciscanos, situada junto a um monte sobre a margem setentrional da baía, que lhe deu o nome, o qual muitas vezes troca pelo de Nossa Senhora da Conceição, padroeira da Matriz. Exporta-se daqui farinha, arroz e madeira.

A Vila de São Sebastião, assim chamada do padroeiro da sua Matriz, é ainda pequena, de casaria mesquinha, e ruas de areia. Está sobre o estreito de Toquetoque em frente da ilha do seu nome, junto à embocadura dum rio, inconsiderável, no princípio duma planície fértil, onde pode florescer uma agricultura assaz variada, e que esteve largos anos quase abandonada por causa de não se permitir aos fazendeiros a liberdade de exportar as suas produções para onde melhor interesse lhes fizessem.

Perto de uma légua a leste em um sítio vistoso há um convento de franciscanos, e junto dele um arraial denominado o Bairro: as mulheres ocupam-se em olarias; os homens, uns na pescaria, outros na cultura de vários comestíveis.

A Vila da Princesa, criada em 1809, está a crescer sobre a costa setentrional da Ilha de São Sebastião, junto à Capela de Nossa Senhora da Luz, por ora sua Matriz, e que compreende todos os habitantes da ilha, cuja território é apropriadíssimo para a cultura das canas-de-açúcar, e tabaco, que são as melhores da província, e considerável já a sua exportação. Na parte oriental há uma armação de baleias.

Ubatuba, vila pequena com uma igreja matriz e uma Capela de N. S. da Conceição, situada junto à foz duma ribeira, no princípio de uma planície fértil, e regada de várias torrentes: seus habitantes são pescadores, e cultivadores de mandioca, arroz, e café. Fica pouco menos de 8 léguas no nordeste da de São Sebastião, e perto da raia da província.

13 Os moradores do seu termo formam doze Freguesias.

Entre esta vila, e o mencionado Arraial do Bairro está a Enseada dos Flamengos, e a de Junqueriquerê, em ambas as quais podem surgir muitos navios abrigados. Na derradeira, que é a ocidental, deságua o rio do mesmo nome, que dá navegação desembaraçada por espaço de uma légua.

Parnaíba, vila pequena, situada na margem esquerda do Rio Tietê, em distância de 6 léguas ao poente de São Paulo, ornada com uma igreja matriz, e um hospício de Frades Bentos. Os seus moradores, e os dos seus arredores cultivam diversidade de víveres, e criam gado grosso. As recrutas atenuam-na.

Moji das Cruzes, vila considerável, abastada, e bem situada obra de meia légua distante do Rio Tietê, 10 a les-nordeste de São Paulo, e 12 ao norte de Santos, ornada com uma igreja matriz dedicada a SanfAna, um convento de Carmelitas calçados, e uma Ermida do Bom Jesus, uma ordem terceira do Carmo. Tem professor régio de Latim. As casas são de taipa, e seus moradores cultivam víveres, criam gado, e fazem grandes plantações de algodoeiros, cuja produção faz a sua riqueza. Também daqui sai alguma aguardente.

Oito léguas ao nordeste de Moji das Cruzes está a pequena Vila de Jacareí, situada na margem direita do Rio Paraíba, ornada com uma Igreja Matriz. O povo, que a habita, cultiva diversidade de mantimentos. A passagem do rio é frequentadíssima.

Três léguas ao norte de Jacareí fica a pequena Vila de São José, que toma o nome do padroeiro da sua Matriz, situada junto ao Paraíba em um terreno, que fez parte de uma fazenda de jesuítas, seus fundadores. O povo, que a habita, é lavrador de víveres.

Taubaté, é uma das vilas mais consideráveis, e a mais bem situada da província: está 30 légua ao nordeste de São Paulo, 20 de Moji das Cruzes, e 12 de Jacareí uma arredada da margem direita do Rio Paraíba junto a uma ribeira. Além da Matriz dedicada a São Francisco, e as capelas de Nossa Senhora do Pilar, e do Rosário. Quase todas as casas são de taipa, e poucas de sobrados. Seus habitantes, cujos antepassados foram antagonistas dos piratininganos ou paulistas, cultivam víveres, e tabacos; criam porcos e galinhas em grande quantidade; e fazem pequenas plantações de canas-de-açúcar: e conservam um ramo de indústria com lindas esteiras, e açafates, que se transportam para diversas partes.

Perto da embocadura da ribeira, que a lava, e junto à margem do Paraíba, que a recolhe, está o pequeno Arraial de Tremembé, ornado com uma capela dedicada ao Senhor Bom Jesus anualmente festejado.

Em distância de 3 para 4 léguas está a Freguesia de Caçapava, novo desmembramento da vila precedente.

Pindamonhangaba, vila medíocre, abastada, principalmente de peixe, e bem situada em uma planura sobre a margem direita do Paraíba, ornada com uma igreja paroquial, cujo orago é N. Senhora de Bom Sucesso, e uma Ermida de S. José; fica pouco mais de 3 léguas ao nordeste de Taubaté. Seus habitantes, que têm fama de homens prudentes e comedidos, cultivam os comestíveis do país, e criam gado grosso.

Guaratinguetá, vila considerável, situada perto da margem direita do Paraíba, que a abastece de peixe, pouco menos de 8 léguas ao nascente de Pindamonhangaba, ornada com uma grande Igreja Matriz dedicada a Sto. Antônio, uma Capela de N. Senhora do Rosário, outra a São Gonçalo. As casas são de taipa; e seus habitadores cultivam mantimentos com muito tabaco; criam porcos, e gado grosso: tecidos de algodão, e bom açúcar (para cujos vegetais o território é apropriado) são os principais ramos de comércio do país.

Pouco mais de meia légua arredada fica a famosa e visitada Capela de N. Senhora Aparecida.

Lorena, vila medíocre, e bem situada na margem direita do Rio Paraíba, 3 léguas ao nascente de Guaratinguetá, e 2 acima das fozes do Rio Imbauí, que vem

da Mantiqueira, e do Bocaina que vem do sul, (e tem a nascença vizinha à do que o obsorve), na passagem para Minas Gerais denominada Porto do Meira, e ornada com a igreja matriz, cujo orago é N. Senhora da Piedade. Guaipacaré foi o seu primeiro nome.

No Distrito de Lorena, onde se recolhem legumes com muito milho, e criam em grande quantidade porcos, e galinhas, está a Paróquia de SanfAna das Areias, da qual acaba de ser desmembrada a do Bananal.

Uma légua abaixo de Lorena está a outra passagem chamada Porto da Cachoeira. Em ambas há barcas, que no fim do sécuIo passado andavam arrendadas por 12.000 cruzados.

Cunha, em outro tempo Facão, vila ainda pequena, e que com facilidade pode ser considerável, situada na vizinhança do Rio Jacuí sobre a serra, 8 léguas ao norte de Parati, ornada com a igreja matriz, de que é padroeira N. S. da Conceição. O clima é sadio, as noites de junho e julho frias. É o lugar da zona tórrida, onde até agora têm prosperado melhor as flores, e árvores frutíferas oriundas da Europa. Nos seus contornos há extensos pinheirais; e seus habitantes cultivam mantimentos do país, recolhem abundância de milho, e criam em grande quantidade galinhas e porcos, sua riqueza.

O caminho, que comunica esta vila com a do Parati, é péssimo. Quando os recoveiros transitarem por ele com a mesma facilidade, e segurança, que os do Cubatão entre São Paulo e Santos, então uma terá florescimento, outra maior comércio.

Paraitinga, vila medíocre, e bem situada sobre a margem esquerda do rio, que lhe dá o nome, 2 léguas acima da embocadura do Paraíbuna, e 12 ao norte de Ubatuba. São Luís é o padroeiro da sua matriz; e uma extensa ponte sobre o rio, que a banha, a coisa mais notável, que nela se encontra. Seus habitantes recolhem suficiência de víveres, e criam em grande quantidade porcos, seu principal ramo de comércio.

Jundiaí, vila medíocre e florente, uma milha distante da margem esquerda do rio, que lhe deu o nome, 10 léguas ao nornoroeste de São Paulo, e outras tantas a leste-nordeste de Itu, ornada com uma boa matriz, de que é padroeira N. Senhora do Desterro, um hospício de Beneditinos, uma ponte sobre o rio, que cria entre outros peixes os chamados jundiás, que se lhe derivou o nome. Seus moradores criam gado vacum, muar, e cavalar; fazem grandes plantações de cana-de-açúcar, para cuja fatura há vários engenhhos; e recolhem abundância de legumes, e milho, com que fornecem as tropas de Goiás, que se preparam aqui.

Tibaia, ou Atibaia, situada perto do rio deste nome, ornada com uma igreja paroquial, que tem S. João por padroeiro, é ainda pequena, e fica a 10 léguas a nor-nordeste de São Paulo, igual distância a leste de Jundiaí, e outro tanto ao poente de São José. Os seus habitantes recolhem feijão, milho e trigo; e criam porcos.

Bragança, que fica 3 léguas ao nordeste de Tibaia, é ainda pequena; mas seus moradores vivem abastados; criam em grande quantidade porcos; e recolhem abundância de trigo, milho, e legumes.

Moji-mirim, situada na estrada de Goiás sobre a margem esquerda do rio deste nome, que pouco abaixo se une ao Moji-guaçu que lhe passa obra de uma légua ao norte, é vila medíocre e abastada de víveres, peixe e carne: tem engenhos de açúcar, e criações de gado; e só a igreja matriz, onde São José é o padroeiro.

Na margem setentrional do Moji-guaçu, onde este rio atravessa a estrada para a vila de Moji-mirim, está o arraial, e paróquia, que lhe toma o nome, com uma igreja paroquial dedicada a N. Senhora da Conceição. Seus habitantes recolhem farinha, feijão e milho; criam gado vacum e porcos, e são regalados de pescado.

A Freguesia da Franca é a mais setentrional da província; seus habitantes estendem-se até à margem do Rio Grande; criam gado vacum, e cultivam os comestíveis, que melhor se dão no território. A sua matriz é dedicada a N. Senhora da Conceição.

Sorocaba, situada na paragem onde o rio do seu nome atravessa a estrada real da Curitiba para a Capital, da qual dista 18 léguas para o poente, é vila considerável florescente, ornada com uma igreja paroquial da invocação de N. Senhora da Ponte, um recolhimento de mulheres, um hospício de Bentos, uma ermida de Santo Antônio: os pretos continuam na fatura de outra para colocar N. Senhora do Rosário. A sua atual população compõe-se de 1.777 vizinhos, dos quais dois terços são brancos: uns criam gado vacum, e cavalar; outros cultivam algodoeiros, canas-de-açúcar, milho com os mais víveres comuns do país; mas as suas riquezas provêm-lhes das negociações do gado, que vem do sul, e cujos direitos aqui se cobram.

Nos seus contornos há pedra calcárea, e boas pederneiras. O que há de fazer esta vila mui grande, célebre e famosa, é a Real Fábrica de Ipanema, que em distância de duas léguas, ou pouco mais, se está levantando junto à ribeira deste nome, para aproveitar as riquíssimas minas de ferro da Serra Guarassoiava.

No distrito de Birassoiava descobriu-se há largo tempo uma mina de prata, que foi abandonada em razão da sua pobreza, e difícil extração.

Itapetininga, vila ainda pequena, e bem situada em uma planura vasta e aprazível, junto à estrada real, meia légua arredada da margem direita do rio, que lhe deu o nome, ornada com uma igreja paroquial da invocação de N. Senhora das Mercês, e bem provida de água, com casas de taipa. Fica 12 léguas ao sul de Sorocaba. O povo, que a habita, recolhe legumes, e trigo com abundância de milho: os pessegueiros são assaz multiplicados, e as uvas boas. Tem criações de gado.

Itapeva, situada junto à estrada real na vizinhança do Rio Verde, é ainda vila pequena: a sua matriz dedicada a Sant'Ana: gado, e mantimentos a riqueza do povo, que a habita.

Apiaí, que é a da mesma ordem com a precedente, fica mui longe da estrada, perto da nascença do rio, que lhe dá o nome, junto a um morro, donde no seu princípio se tirou muito ouro. Só tem a igreja matriz.

Itu, vila grande, abastada e florescente; cabeça da comarca do seu nome, ornada com uma igreja paroquial da invocação de N. Senhora da Candelária, um Convento de Franciscanos, um Hospício de Carmelitas calçados, um Hospital de Lázaros com sua ermida, outra do Senhor Bom Jesus, outra de N. Senhora do Patrocínio, outra de Santa Rita. Todos os edifícios são de taipa: algumas ruas calçadas; as casas quase geralmente térreas com quintais. Tem professor régio de Gramática Latina, e fica 7 léguas ao nor-nordeste de Sorocaba, 18 a oesnoro-este de São Paulo, e obra de 2 milhas arredada da margem esquerda do Tietê, o qual forma naquela paragem a grande catadupa, que dá nome à vila. No verão experimenta-se mui grande calor. Em nenhuma outra parte as romeiras frutificam com tanta formosura: as cebolas são mui grandes; as laranjas passageiras: os cajueiros, pequenos, mas frutificam com a beleza dos das províncias setentrionais. O território dos seus contornos é muito apropriado para a cultura das canas-de-açúcar, de que há grandes plantações, e fazem a riqueza de seus habitantes, que também criam gado, e recolhem diversidade de víveres.

Porto Feliz, anteriormente Araritaguaba, vila mediana com casa de madeira, situada sobre a margem esquerda do Tietê, tem uma igreja paroquial da invocação de N. Senhora Mãe dos Homens, e fica perto de 5 léguas ao poente de Itu, e 7 ao nornoroeste de Sorocaba. É o porto dos que navegam para Cuiabá. Seus' habitantes criam gado, e cultivam canas-de-açúcar, feijão e milho.

A Vila de São Carlos, à qual deu o nome o padroeiro da sua matriz, original mente Campinas, situada junto a uma ribeira pouco mais de légua arredada do Rio Tibaia, e 6 ao norte de Itu, não passa ainda de medíocre, mas abastada, e com conveniência para tomar crescimento considerável. O seu território, abundante de águas e matas, é mui apropriado para a cultura das canas-de-açúcar, de que há ricas plantações, como também para trigo, feijão e milho. Está na estrada de Jundiaí para Moji-mirim, da qual ficará afastada 8 léguas, quando ela se fizer em linha reta. Com o seu termo, ao poente, confina o da nova Freguesia de Percicaba, cuja matriz está em uma amena planura, em que termina uma colina sobre a margem meridional do rio, que lhe dá o nome; e junto a uma vistosa cascata de muitos degraus, que ele ali forma, onde finda a navegação. O seu território, onde há formosas matas, é de grande fertilidade, apropriado para muitos ramos da agricultura, particularmente para canas-de-açúcar, do que há plantações, e engenhos.

Tendo os vicentistas reduzido as nações Guanhaná e Carijó, começaram logo a passar à outra banda do Rio Paraná em busca doutras igualmente pusilânimes, e pouco numerosas.

Aleixo Garcia, e um irmão ou filho, que acompanhados duma numerosa escolta de índios domésticos, havendo passado além do Paraguai, penetraram até à proximidade dos Andes no meado do século XVI, foram os primeiros descobridores conhecidos da parte meridional desta vasta província; e Manuel Correia, paulista como aqueloutros,[1] passando além do Araguaia, ou da parte setentrional muito tempo depois. Ignoramos os nomes dos outros sertanistas ou comandantes de Bandeiras,[2] que visitaram o país à busca dos indígenas até o ano de 1718 quando Antônio Pires de Campos, também paulista, subiu pelo Rio Cuiabá em procura dos índios Cuchipós, que tinham uma aldeia no sítio onde hoje está a Ermida de S. Gonçalo.

No ano seguinte Pascoal Moreira Cabral, seguindo-lhes os passos, subiu pelo Rio Cuchipó-mirim, e a pouca distância viu granetes de ouro; e deixando ali parte da comitiva para os aproveitar, continuou rio acima com os mais até o sítio chamado hoje Forquilha, onde apanhou alguns índios pequenos enfeitados com folhetas de ouro, à vista das quais se certificou que o terreno era abundante deste metal; e procurando-o com cuidado, ajuntou uma porção considerável.

Tornando aos companheiros, desceu com eles rio abaixo até à aldeia, que Antônio Pires havia visitado no ano antecedente; onde cada qual mostrou o que tinha juntado. Uns acharam-se com 100 oitavas, outros com meia libra, outros com muito menor porção, mas geralmente contentes: sendo os mais aproveitados os que tinham acompanhado ao Capitão Moreira, que trazia à sua conta libra e meia de ouro. Todos lamentavam a falta de instrumentos mineratórios, porque todo havia sido cavado a mão na areia. Começaram logo a edificar cabanas, e fazer sementeiras de mantimentos nas margens dos rios, resolvidos a persistir ali enquanto durasse o lucro.

Passadas algumas semanas, chegou ao novo arraial outra bandeira, que tinha ficado nas margens do Rio de São Lourenço; e com a notícia do descobrimento determinou aumentar a povoação. Fazendo todos consulta sobre a atual circunstância, determinaram enviar José Gabriel Antunes à cidade de São Paulo com as amostras do ouro a noticiar o descoberto, e trazer do governador as ordens necessárias para o bem comum, e serviço de sua Majestade: do que se lavrou um termo, em que se assinaram 22 homens, que tantos eram os que figuravam em a nascente povoação.

No mesmo dia da resolução, que foi a 8 de abril de 1719, elegeu o povo unanimemente ao Capitão Pascoal Moreira Cabral por seu Guarda-mor regente até à chegada da ordem do Governador de S. Paulo, revestindo-o de muita

1Se Aleixo Garcia empreendeu a Jornada por ordem de Martlm Afonso de Sousa, como escreve Charlevolx, necessariamente devia ser em 1532, ou 1533, enquanto ele esteve no Brasil, e nao em 1516, ou 1525, como cuida aquele escritor; e então devia o viajante ser europeu, e não paulista, como pretende o moderno autor do ms. Intitulado: Noticias dos Títulos e Limites do Estado do Brasil.

2Dá-se no Brasil este nome *Bandeira* a um Indeterminado número de muitos homens, que providos de armas, munições, e mantimentos necessários para sua subsistência, e defesa, entram nas terras possuídas pelos Indígenas com algum Intuito, v. *g.* de descobrir minas, reconhecer o pais, ou castigar as hostilidades dos bárbaros. Os Indivíduos, que formam estas campanhas, ape-Udam-se *bandeirantes,* e os chefes *sertanistas.*

autoridade, e prometendo-lhe obediência;[3] do que se exarou outro termo, que servisse como de ordenação até à vinda de José Gabriel, que gastou muitos meses em chegar à capital, onde divulgada a riqueza do descobrimento, começou logo no ano seguinte a partir para ele grande número de gente em vários comboios, dos quais nenhum chegou a Cuiabá sem maior ou menor perda: havendo morrido muita gente no caminho, uns de febres, outros de diferentes desastres: desgraças que continuaram a experimentar-se anualmente, e tanto mais lastimosas, quanto mais importantes, e numerosos eram os comboios: tudo por falta de bons práticos, de não se guardar a ordem devida na marcha, por desmazelo em não se acondicionar bem o mantimento, por não levarem instrumentos de pescar, e armas de fogo para a caça, e defesa das feras e dos selvagens.

No mesmo ano se mudou o arraial para o lugar da Forquilha, onde Moreira tinha achado melhor pinta de ouro: e no seguinte, achando-se um Miguel Sutil, sorocabano, em uma roça, que estava principiando na margem do Cuiabá, dois carijós ou índios domésticos, que tinha mandado ao mato em procura de mel, lhe trouxeram à noite 23 folhetas de ouro, que pesaram 120 oitavas, dizendo que lhes parecia haver ainda mais no mato, onde tinham ido procurar colméias. Na manhã seguinte se pôs a caminho o contente Sutil com um seu camarada europeu, chamado João Francisco, e por alcunha o Barbado, e toda a sua comitiva doméstica, guiados pelos dois carijós para o sítio, onde tinham achado as folhetas, que era onde hoje está a Vila de Cuiabá. O lugar onde se acha a Ermida de N. Senhora do Rosário, é onde os carijós tinham apanhado as que levaram. Ali gastaram a maior parte do dia, apanhando com as mãos o que estava à vista ou mal coberto: e recolhendo-se à tarde a seus ranchos, Sutil achou-se com meia arroba de ouro, e Barbado com 400 e tantas oitavas.

Esta aventura, noticiada ao outro dia no Arraial da Forquilha, fez mudá-lo de improviso para o lugar, onde os dois camaradas Sutil e Barbado haviam achado a mancha, e onde se calculou, que se tirara acima de 400 arrobas daquele metal dentro num mês, sem que os socavões excedessem a 4 braças de profundidade.

Neste mesmo ano chegou a São Paulo o Governador Rodrigo César de Menezes, cujos primeiros cuidados foram a exata arrecadação dos Quintos Reais destas minerações. Com este intuito nomeou dois paulistas irmãos, de distinto nascimento e abastados, Lourenço Leme, com o cargo de Procurador dos Quintos, e João Leme, com o posto de Mestre de Campo das mesmas minas: os quais em razão da liberdade com que sempre triunfaram das leis à sombra de seus cabedais, julgando-se agora mais autorizados para impunemente só consultarem seus caprichos, chegando ao arraial, começaram com violências absurdas, até querendo expulsar das minerações tudo o que não fosse paulista: e porque o Capelão declarou contra a injustiça, mandaram dar-lhe um tiro, que errando o alvo, matou um seu familiar: e por ciúme que tinham dum Pedro Leite, mandaram insultá-lo desumanamente a tempo que estava ouvindo missa! Estas, e outras atrocidades fizeram reviver certos crimes, que estavam como sepultados, e obrigaram o General a expedir ordem para serem remetidos presos; do que sendo avisado por um seu parente, se puseram a salvo, de sorte que quando chegou o Mestre de Campo, Baltasar Ribeiro, para executar a ordem do Governador, já os insolentes se achavam fortificados num lugar remoto com seus familiares, onde frustradamente foram atacados; porque rompendo o cerco, depois de algumas mortes de parte a parte, fugiram para o sertão com grande número dos seus: mas foram perseguidos até que Lourenço Leme foi morto com um tiro como uma fera, e o irmão preso, e remetido com o sumário dos seus crimes à cidade da Bahia, cuja relação o fez degolar em 1724.[4]

3Rocha Pita. escritor coevo. diz que o Capitão Fernando Dias Falcão fora o eleito pelos culabanos para regente (enquanto nao chegava o nomeado pelo governador) por termo de 6 de Janeiro de 1721.
4Bocha P.

A exorbitante quantidade dos Quintos, que em 1723 chegou a São Paulo juntamente com o preso João Leme, e certeza da morte do outro regulo irmão, deu um grande brado. Todos queriam ser mineiros do Cuiabá, ainda, a troco das calamidades anexas à laboriosa e prolongadíssima viagem. De mais de 300 pessoas, que em 1725 saíram de São Paulo com 20 e tantas canoas, só 2 homens brancos, e 3 negros escaparam: todos os mais foram mortos, ou prisioneiros num encontro, que tiveram com uma armada indiana (e que se cuidou por ntuito tempo ser de paiagoás) no Rio Paraguai, defronte da embocadura do Harês.

Os paulistas, posto que conheciam os paiagoás pelos maiores marinheiros, não tinham ainda notícia de que esta nação possuísse tão numerosa armada.

N. B. Duas célebres nações encontram os primeiros paulistas, que arrostaram com o Rio Paraguai. Paiagoá e guaicuru são os seus nomes: ambas numerosas, e qual delas mais formidável, e fatal, aquela pelas suas grandes armadas, esta pela sua cavaleria, donde se derivou a denominação de cavaleiros. Os paiagoás de tempos imemoriais foram sempre senhores da navegação do Rio Paraguai, e dos seus confluentes até onde eles a oferecem desembaraçada. Os guaicurus possuíram, ao que parece, desde a mais remota antigüidade, as adjacências do mesmo rio por espaço de 100 léguas ao menos.

Sendo certo que na América só começou a haver cavalos, depois que nela se estabeleceram as duas nações conquistadoras, não é dificultoso adivinhar pouco mais ou menos a época em que os guaicurus começaram a possuir estes animais, de que há tempo geralmente usam, mesmo nas suas menores jornadas ou digressões; e com que se hão feito tão formidáveis a todas as nações circundantes, sem excetuar as conquistadoras da região. Parece mais verossímil, que começassem a havê-los dos colonistas de Assunção primeiro do que dos do Peru. Se noutro tempo tiveram grande marinha, desprezaram-na depois que conheceram que a cavaleria lhes era mais útil, e vantajosa para ir fazer guerra ou depredações aos povos mais longínquos. Só tinham as canoas suficientes para passar dum a outro lado do rio nas precisões.

Tal era o estado destas nações pelos anos de 1720, quando depondo sua recíproca aversão, se aliaram, passando os guaicurus a ser igualmente poderosos sobre ambos os elementos com uma marinha pouco inferior à dos paiagoás, para flagelo da nascente província, desde o ano 1725 até o de 1768, em que se desuniram, descendo os paiagoás ao baixo Paraguai, e aliando-se, ou para melhor dizer sujeitando-se aos castelhanos da Província do Paraná, onde se aldearam, e vivem desde 1704 pouco abaixo de Assunção.[5]

Os guaicurus continuaram as mesmas hostilidades, posto que mais raras, e menos ruidosas (como se verá), até o ano 1791, quando os dois principais capitães da nação, a saber: *Emavidi Channé,* que quis chamar-se Paulo Joaquim Ferreira, e *Queyma,* que tomou o nome de João Queima de Albuquerque, acompanhados de 17 soldados seus com uma negra crioula brasílica, sua cativa ou prisioneira, por intérprete, espontaneamente foram oferecer e pedir a paz à Vila Bela de Mato Grosso, onde no Palácio do Governador, e presença do senado, fizeram um tratado de perpétua amizade, e aliança com termo de vassalagem à coroa Fidelíssima: passando-se-lhes uma carta patente, que guardam com o maior recato, e cujo teor transcreveremos mais adiante, quando acabarmos de falar desta nação.

No ano de 1727, chegou ao novo arraial o Governador Rodrigo César, e deu-lhe o título com o nome de Vila Real de Cuiabá. Retirou-se no seguinte, subindo pelo Taquari, para o qual mudaram em 1729 a navegação do Embotatiú com o intuito de evitar, ao menos em parte, os encontros dos inimigos; no que

5 Duas causas motivaram a separação dos paiagoás: a notável diminuição, a que os havia reduzido a sua temerária ousadia nos repetidos conflitos com os conquistadores, e o clume dos guaicurus, nfio menos poderosos Jâ sobre as águas, do que em campo.

nada melhoraram, em razão da pouca distância, que medeia entre as fozes destes rios.

A primeira divisão, que saiu de Cuiabá no ano de 1730, em que iam para mais de 60 arrobas de ouro, e o Doutor Antônio Alves Peixoto, que acabara de ser ouvidor, foi acometida nos pantanais por uma armada de 80 canoas guarnecidas por mais de 800 índios, segundo se avaliou. A peleja durou muito tempo; e, segundo dizem, só escaparam 17 cristãos a nado para terra. Calculou-se que os inimigos perderam mais de 400 combatentes. Algum ouro, que quiseram levar com muitos prisioneiros, o deram os paiagoás na cidade de Assunção por tão baixo preço, que com uma dona Quitéria de Banhos trocou um índio 6 libras por um prato de estanho.[8]

Em 1730 mandou o Brigadeiro Antônio de Almeida vários familiares seus em duas canoas de guerra procurar canas-de-açúcar, que uns sertanistas haviam encontrado dois anos antes nas beiradas do Rio de São Lourenço: os quais voltaram, passados dois meses, com as que puderam conduzir; e com elas fez uma plantação, que prosperou à medida do seu desejo e da necessidade pública. No ano seguinte foram muitos os plantadores deste abençoado vegetal, cujo suco era geralmente destilado em aguardente, da qual se vendia o frasco por dez oitavas de ouro a princípio. Com o uso deste licor começaram os homens a ter boas cores, sendo até então pálidos; e as febres a ir em diminuição, como também a mortandade da escravatura.

Neste mesmo ano saiu uma armada de 30 canoas de guerra, 50 de transporte, perto de 600 homens, duas peças, grande número de espingardas, no alcance duma esquadra inimiga, que tinha subido até à foz do Cuiabá, onde aprisionara alguns dos pescadores, que ali andavam pescando. Chegando à embocadura do Embotatiú, avistaram uma divisão inimiga, que fazendo-lhe algazarras de longe desapareceu num momento. Depois de muitos dias de viagem, tendo já passado o estreito, onde o Paraguai se comprime por entre dois morros, um dia ao amanhecer encontraram repentinamente com uma armada inimiga. Os índios dando sinal de acometer com o alarido do costume, foram obrigados a retroceder de improviso com o trovão da fuzilaria e peças, que se lhes descarregaram no mesmo tempo. A nossa armada acossou a inimiga até à Aldeia Tavatim, donde voltou, depois de ter despedaçado grande número de canoas, que estavam no porto.

Em 1732 todas as canoas passaram a salvamento; mas no ano seguinte foi destroçada a frota, que constava de 50 canoas, escapando pouca gente, com cuja chegada a Cuiabá se aprestou outra armada de 30 canoas de guerra, e 70 de transporte, duas balsas ou barracas armadas sobre duas canoas, bom armamento ao comando do Tenente-general Manuel Rodrigues de Carvalho. Pelo meado de agosto de 1734, caiu esta vistosa armada no Paraguai; e tendo navegado quase um mês sem encontrar os inimigos, em uma madrugada avistaram várias fogueiras mal acesas no fundo duma baía, para onde se encaminharam com grande silêncio. Conseguiram os nossos chegar quase a tiro de mosquete em boa ordem antes de serem pressentidos dos índios, os quais conhecendo-se bloqueados, levantaram um horrível grito, ao qual corresponderam os nossos com uma descarga de 400 e tantos mosquetes, que lhes causaram grande estrago. Ficaram prisioneiros (entre feridos e pequenos, que não puderam seguir os fugitivos para o mato) 292. Todos foram batisados.

6 Por estes tempos florescia? aqui um novo ramo de comércio, melhor dissera ridículo modo de ganhar dinheiro ou de ajuntar ouro, nao menos notável pelo seu objeto que eram os *gaitos,* como pela ganância, que dava tanto ao vendedor, como ao comprador. O primeiro casal destes animais, que aqui apareceu, comprou-se por uma libra de ouro: a sua descendência vendeu-se a 30 oitavas do mesmo metal, depois a 20: donde foi diminuindo em preço proporcionadamente com o aumento da sua multiplicação até chegar ao ccmum das lugares, onde abundam. As casas, as colheitas do milho e doutros alimentos fizeram multiplicar tao extraordinariamente os ratos, que davam que fazer à gente para obviar os estragos deste flagelo doméstico e rural. Foram eles os que davam tao grande valor aos seus Inimigos.

Em 1735, depois da chegada da armada do Paraguai, e da frota de São Paulo, que constava de 112 canoas, foram repartidas as minas, que Fernando Barros, sorocabano, havia descoberto três anos antes, em pouca distância do lugar onde hoje está Vila Bela de Mato Grosso, e onde dos novos colonos morreram muitíssimos de febres malignas causadas pela corrupção duns charcos vizinhos.

No ano seguinte foi a numerosa frota de S. Paulo acometida por outra inimiga consideravelmente superior, no sítio de Carandá, em dia de S. José. O conflito durou algumas horas: nele morreram entre outros o seu bravo Comandante Pedro de Morais, e um Frei Antônio Nascentes, frade franciscano, a quem suas extraordinárias forças e intrepidez haviam dado a alcunha de *tigre*. Outros muitos se distinguiram mais felizmente nesta fatal refrega, donde saíram vencedores, havendo causado horrível estrago nos bárbaros: porém ninguém tanto como um mulato pindamonhagabano, chamado Manuel Rodrigues, e vulgarmente *Mandu Açu* (ManuelGrande), em razão da sua grande estatura e corpulência, donde tirava forças extraordinárias, e dotado duma resolução digna de ser cobiçada. Este gigantesco homem, que governava uma canoa própria, em que levava sua mulher da mesma cor e magnanimidade, com vários escravos, sendo atacado por duas inimigas, defendeu-se com tanto valor e destreza, que nenhuma pôde dar-lhe abordagem; ora disparando uma espingarda, que a mulher lhe carregava, ora manejando uma vara, cujos golpes eram fatais, quando o inimigo lhe caía debaixo do alcance. Chegando a Cuiabá foi premiado com patente de capitão.

No mesmo ano se abriu a estrada para Goiás, donde passaram acima de 1.500 pessoas com cavalarias, e numerosas boiadas, afora os que desceram embarcados pelo Rio de São Lourenço, convidas pela fama do ouro, que se tirava em Mato Grosso; donde com efeito saíram naquele ano 80 arrobas deste metal para S. Paulo em 8 canoas de guerra, guarnecidas por 16 homens escolhidos cada uma, e comandadas pelo Tenente-General Manuel Rodrigues de Carvalho, que as levou a salvamento, e pôs em fuga uma divisão inimiga, que ousou atacá-lo na entrada dos pântanos. Com esta notícia quase se despovoou a Vila de Cuiabá. Os negros pagavam-se a 500 oitavas; e eram baratos para o lucro que davam.

Em 1740, foram os inimigos rechaçados na embocadura do Taquari pela frota de São Paulo, comandada pelo esforçado Jerônimo Gonçalves, ituano, que chegou a Mato Grosso com grandíssima quantidade de lanças dos que tinham perecido no combate, havendo perdido 4 canoas carregadas de fazendas com alguns escravos.

Depois da sua chegada vieram uns índios bororós domésticos noticiar, que os jesuítas castelhanos se achavam estabelecidos nas cabeceiras do Paraguai, aldeando os índios guaraparez. Conhecendo-se que não era por falta de pagãos nas vizinhanças das suas Missões, mandou-se-lhes aconselhar uma retirada política e honesta, ao que não anuíram, segundo dizem apesar de ir o recado com alguma cominação. Porém a inconstância dos catecúmenos obrigou os catequistas a voltar para as aldeias da Província de Santa Cruz de Ia Sierra, donde tinham vindo, antes que se tomassem as medidas para os fazer retirar .

Em 1742, desceu Manuel de Lima com cinco índios, três mulatos e um negro, em uma canoa pelos rios Guaporé, Madeira e Maranhão, até à cidade do Pará.

No começo que Manuel de Lima desceu pelo Madeira, subiu um Joaquim Ferreira, com outros negociantes, pelo Mamoré até à Missão da Exaltação. Tornando os mesmos, ou outros com o mesmo intuito no ano seguinte, acharam já a Missão de Santa Rosa, novamente erecta na margem oriental do Guaporé, quase defronte do sangradouro, por onde tinham entrado para São Miguel no ano precedente, e o Cura jesuíta determinado a impedir-lhes a navegação do rio. Conjecturou-se que para melhor efetuar o projeto, é que mudaram pouco depois também a de São Miguel para o mesmo lado, e foram fundar a de São Simão mais

ao norte: o que não obstante, jamais os de Mato Grosso deixaram d enavegar por este rio.[7]

Em 1743, observando o inimigo nas bocas do Taquari sinais certos de que a frota tinha passado adiante, subiu em seu alcance até o reduto do Sapé nas vizinhanças da Vila de Cuiabá, onde matou alguns pescadores.

À vista de tamanha ousadia, e das calamidades atrasadas, resolveu o Ouvidor João Gonçalves, numa junta com o senado e melhores da vida, obviar às hostilidades por meio duma boa amizade com os índios guaicurus reputados inocentes a nosso respeito, e amigos dos paiagoás, sobre os quais caíam todas as maldições, por se lhes imputarem unicamente todas as maleficências recebidas.

Com este intuito saiu uma esquadra de 6 canoas de guerra, e outras tantas de transporte, comandada pelo Capitão Antônio de Medeiros, com boa quantidade daqueles objetos que os índios mais estimam; tanto para presenteár-los, como para negociar com eles a troco de cavalaria. Aportando numa ilha fronteira a um alojamento dos guaicurus, expediu o Comandante a um índio versado no idioma com dois soldados brancos ao Capitão do alojamento, pedindo-lhe que viesse falar-lhe, porque queria presenteá-lo, e fazer negócio.

No dia seguinte apresentou-se o Capitão índio com uma numerosa comitiva de homens, e mulheres, na praia mais próxima à ilha, e com os três da embaixada mandou dois dos seus ao Medeiros, e recado que fosse falar-lhe em terra, ficando os dois em reféns na ilha. Saltou Medeiros à outra banda com grande parte da sua comitiva, e um bom sortimento de vários objetos, com que obsequiou o Capitão, e a vários parentes seus. Depois propôs o negócio projetado, que era fazer cessar as hostilidades dos paiagoás, e trocar cavalos por mercancias européias. A tudo o índio prontamente anuiu.

Saindo no dia seguinte grande parte dos nossos a negociar com os índios, sem gênero algum de armas, imprudentemente fiados nas aparentes demonstrações de sinceridade, que notaram nos bárbaros, quando eram 9 horas, viram os que tinham ficado com Medeiros na esquadra um reboliço, que não os deixou duvidar um momento, de que os camaradas estavam perdidos. Disparou-se uma peça que estava pronta, com cujo trovão íugiram de repente os traidores, ficando mortos no campo 50 cristãos. Neste desastre parou toda a negociação da amizade e do interesse.

Em 1744, foram derrotados os inimigos pela frota paulista, sem que dos cristãos perecesse mais do que um negro duma lançada. Não obstante esta perda, ainda aquele insolente flagelo se atreveu a subir no mesmo ano pelo Paraguai até à passagem de Cuiabá para Mato Grosso; e desembarcando à hora da ma-dorna junto ao sítio dum João de Oliveira, pôs-lhe fogo à casa, e matou parte da gente.

A 24 de setembro ao meio-dia, o tempo claro, se ouviu um trovão subterrâneo, e imediatamente tremeu a terra, dando vários balanços compassados, que causaram grande susto em todos os lugares de Mato Grosso e Cuiabá. Já neste tempo dominava a seca, que durou até 1749. Todos os matos arderam: na atmosfera só se viam nuvens de fumo: todos os viventes padeceram fome e outras calamidades, de que morreu uma grande parte. O terremoto, que em outubro de 1746 abalou o reino do Peru, e arrasou a cidade de Lima, sua capital, foi aqui bem sensível; e só causou algum susto aos viventes.

Antes de findar este mesmo ano, desceu o Capitão João de Sousa pelo Rio Tapajós, e Maranhão até o Pará, e voltou no seguinte pelo Madeira com canoas

7 Pelo tratado de limites se dava a estes índios a liberdade de ficar no pais, ou passar à outra banda do Guaporé. o que escolheram por persuassões dos curas. A de Santa Rosa, que constava de 400 índios, e se mudou em 1754, esteve Junto a uma cachoeira, onde D. Antônio Rollm mandou construir um forte: a de São Miguel, que estava num campo afastado do rio. e tinha 600 índios, mudou-se em 1753: e a de São Slmão, que constava de mais de 2.000 habitantes, e se mudou em 1752, existia por um rio dentro pouco abaixo do sítio das *Pedras*. História das Jornadas do Um., e Exc. I. General da M. G., ms.

carregadas de fazendas européias: e depois da sua chegada partiram outros negociantes pelo mesmo caminho, que tem sido freqüentado até hoje apesar dos grandes incômodos, que se sofrem nesta prolongadíssima viagem.

Havia já quase dois anos que as chuvas tinham feito reverdecer a face do país, renovado várias fontes, atalhado as moléstias, e facilitado as viagens de terra, quando nos princípios de janeiro de 1751, chegou a Cuiabá uma numerosa frota, em que ia D. Antônio Rolim de Moura por Governador da nova província, um Juiz de Fora, Teotônio da Silva Gusmão, dois jesuítas, e uma companhia de dragões.

No fim deste ano passou o Governador às minas de Mato Grosso. Com o intuito de melhor se freqüentar a navegação descoberta por Manuel de Lima para o Grã Pará, e fazer retroceder os jesuítas estabelecidos, como dissemos, na margem direita do Guaporé, levava D. Antônio Rolim ordem para fundar uma vila na paragem mais azada para efetuar aqueles projetos. Escolhido para seu assento o sítio chamado Pouso Alegre, se lhe deu princípio, e nome com a inauguração do pelourinho a 19 de março de 1752: e a 25 de novembro, por ordem do Bispo do Rio de Janeiro, se mudou para ela a matriz, que até então era a Ermida de SanfAna.

Com a abertura das estradas para a Baía e Rio de Janeiro, e com a nova navegação do Grã Pará, começou a ser menos freqüentada a de Camapuã. Os mineiros, que tinham interesse de ir a S. Paulo por este fatal caminho, nunca deixaram de executá-lo: mas sempre com bom número de canoas esquipadas de gente escolhida, e armada dos melhores instrumentos de defesa, e às vezes acompanhados de canoas de guerra até certa paragem do Rio Taquari, onde esperavam a frota paulista, para protegê-la na passagem dos pantanais.

Depois da separação das duas nações, uma das mais danosas hostilidades, que se receberam dos Guaicurus, foi em maio de 1775, quando subiram pelo Paraguai em 20 canoas até junto de Vila Maria, onde assassinaram 16 pessoas, e levaram outras prisioneiras.[8]

A fundação do presídio da Nova Coimbra, no mesmo ano, além de tardio, sobre a margem ocidental do Paraguai, devendo ser na oriental, e 40 léguas mais ao sul na paragem chamada o *Fecho dos Morros,* segundo a ordem do inteligente General Luís de Albuquerque, não deixou de contribuir para o salvamento dos navegantes de São Paulo.[9]

8No arquivo do Senado de Cuiabá existe um ms. onde extensamente se referem os acontecimentos históricos da conquista, e colonização da província: porém a parcialidade, e paixão do escritor, que omite sucessos estrondosos, e publicos, circunstanciando outros, que nao presenciou, nem deles podia ter cabais Informações, tao mludamente como se fosse o comandante de ambos os partidos, nos Impedem extrair mais das cópias.

9O autor da *História dos Guaicurus* (escrita neste mesmo presidio por um seu governador) diz que ele pouco pôde embaraçar a passagem dos Inimigos, e nado a fuga dos nossos desertores. Podia acrescentar, que o fundador cometera um erro, donde resultou entrarem os castelhanos nos domínios da Coroa Fldellsslma, onde fundaram VUa Real, S&o Carlos, e Sao José.

O presidio da Nova Coimbra foi expugnado no primeiro setembro deste século pelos catelanos, que subiram da cidade de Assunç&o com quatro escunas, e vinte canoas. Foi a primeira vez que no centro da América Meridional se ouviu trovejar bravamente a Artilharia, e que os guerreiros guaicurus e palagoás formaram Idéia clara de como os europeus se atacam, e defendem. Eis aqui os cumprimentos prévios à ação.

"Ontem à tarde tive a honra de contestar o fogo, que V. S. fez desse forte; e havendo recor-nhecldo que as forças, com que Imediatamente vou atacá-lo sao multo superiores às de V. S., n&o posso deixar de vatlclnár-lhe o último Infortúnio: mas como OB vassalos de S. M. Católica sabem respeitar as leis da humanidade, ainda no meio da mesma guerra, portanto requelro a V. S. se renda às armas de El-Rei meu Amo.; pois do contrário a canhão, e a espiada decidirei da sorte de Coimbra, sofrendo sua desgraçada guarnição todas as extremidades da guerra; de cujos estragos se verá livre, se V. S. convier com a minha proposta; contestando-me esta categoricamente no termo duma hora. A bordo da Escuna N. Senhora do Carmo, 17 de setembro de 1801.

"D. Lázaro da Ribeira".

"Tenho a honra de responder a V. Excia, categoricamente, que a desigualdade de força foi sempre um estimulo, que animou muito os portugueses a nao desamparar os seus postos, e a defendê-los até às duas extremidades, ou de repelir o inimigo, ou de se sepultarem debaixo das ruínas dos fortes, que se lhes confiaram. Nesta resolução estão todos os Indivíduos deste presídio,

A derradeira hostilidade, que os nossos receberam dos guaicurus, foi o assassínio de 50 soldados atraiçoadamente num campo defronte de Coimbra, em janeiro de 1781, a tempo que estavam permutando alguns objetos com os bárbaros, que tinham vindo já duas vezes com demonstrações de amizade.

Esta província, que jaz entre o paralelo de 7º de latitude austral, onde divide com a do Pará, e o de 24 e *Vz,* onde confina com a do Paraná, ocupa um terreno de 315 léguas portuguesas de norte-sul com 230 na maior largura; vindo a ser muito maior que a antiga Germânia, tomada na sua mais lata acepção. Ao ocidente tem as possessões católicas, das quais é separada pelos rios Guaporé, Jauru e Paraguai, e ao oriente o Paraná, que a separa da Província de São Paulo, e o Araguaia, que lhe serve de limites com a de Goiás. Abrange perto de quatro climas, entrando perto de 20 léguas pela zona temperada. Um país tão extenso necessariamente deve admitir variedades consideráveis em todos os sentidos. A natureza nô-lo presenta repartido em três grandes distritos ou comarcas, dos quais dois estão subdivididos em seis outros menores, cujos limites, também naturais, serão talvez algum dia os preferidos pela política, quando a povoação, com a ordem das coisas, chegar ao ponto de se criarem outras tantas ouvidorias.

Distritos	Setentrional,	Juruena	ocidental
		Arinos	médio
		Tapiraquia	oriental
	Meridional, ou Camapuânia		
	Médio,	Mato Grosso	ocidental
		Cuiabá	médio
		Bororônia	oriental

Os rios Taquari, Cochim, Camapuã, e Pardo, cujas origens são vizinhas, e as correntes opostas, separam o distrito meridional, ou Camapuânia, do médio, cujo limite setentrional é uma cadeia de montes, que na latitude de 13°, ou com alguma diferença, se estende leste-oeste, e donde emanam o Paraguai e seus primeiros ramos para o sul, e os que formam os Tapajós e o Xingu para o setentrião.

CAMAPUÂNIA

Esta província, que deriva o nome do Rio Camapuã, tem ao poente o Rio Paraguai; ao sul o Chichuí e o Igureí; ao nascente o Paraná; e obra de 100 léguas em quadro. É país quase geralmente baixo: e comumente só tem matas nas vizinhanças dos rios, sendo quase tudo o mais ou catingas, ou campinas; e regado por grande número de rios, dos quais os mais consideráveis têm princípio na chamada Serra Amambuí, que não passa ordinariamente dum terreno pouco levantado de norte a sul, dividindo o cantão em oriental e ocidental. Uma vasta porção da parte ocidental é anualmente submergida com as inundações do Paraguai, que em partes cobrem mais de 20 léguas de campina.

MINERALOGIA — Ouro, pedra calcárea, granito, variedade de argilas, diamantes, com outras pedras preciosas.

FITOLOGIA — O vegetal em que se cria a cochonilha, e o arbusto do *mate* são mui comuns em várias paragens: diversidade de palmeiras; cajueiros rasteiros; quatro castas de excelentes guabirobas, três de uvapiriticas, roxas, amarelas, e

que têm a distinta honra de ver em frente a excelsa Pessoa de V. Excia., a quem Deus guarde. Coimbra, 17 de setembro de 1801.

"Ricardo Franco de *Almeida".*

Os sltladores retiraram-se com alguma perda depDls de nove dias de diligências frustradas

rajadas, com semelhança de bago de uva, criadas numa planta semelhante à dos morangos, das quais os paraguaianos fazem várias bebidas; jacaratiás, espécie de mamão.

Rios — O Taquari, o Pardo, o Mondego, o Igatimi, o Correntes, o Ipané-guaçu, o Miamaia, o Ivinheima, o Rio Negro são os principais.

O Rio Pardo, assim chamado da cor de suas águas, é formado pelos Sanguexuga e Vermelho. Este, cuja água é avermelhada, e da cor do terreno por onde cavou o seu álveo, não passa dum ribeiro com pouco mais duma braça de largura, e pouco fundo, e vem do norte. O Sanguexuga, assim chamado por passar junto duma lagoa, onde as há excelentes, principia poucas milhas ao sudoeste do varadouro de Camapuã, e dá navegação por espaço de 4 ou 5 léguas. Suas águas são sumamente cristalinas, e excelentes até à confluência daquele outro, onde toma o nome, com que entra no Paraná, por uma boca de dois tiros de espingarda de largura. É caudaloso, e tão despedido, que só se sobe às varas com muito custo: sendo de mais a mais cheio de cachoeiras, e correntezas do meio para cima, que fazem a navegação mais laboriosa, do que em nenhum outro, por onde navegam os cuiabanos, que gastam quase dois meses em subir por ele até à paragem, onde finda a navegação de quase 80 léguas contadas por água. Seu curso é tortuoso, procurando o sueste com curtas voltas, por campinas aprazíveis a princípio, onde passeiam veados brancos, antas, tamanduás, porcos, lobos, raposas, emas, seriemas, perdizes, codornizes, quero-queros, que convidam os viajantes a irem divertir-se à caça.

Estas planícies continuam até às cachoeiras de Caiuru-guaçu, e Coiuru-mirim, que estão no meio da extensão deste rio, e 3 milhas de intervalo uma da outra. Desta paragem para baixo por ambos os lados há bosques mais abundantes de mel, que de frutas: e também só se encontra uma pequena cachoeira ou correnteza com o nome de *Capoeiras,* 5 léguas abaixo de Caiuru-mirim.

As principais cachoeiras deste rio são: a mencionada Caiuru-guaçu, Tijuco, Taquaral, Tamanduá, Curão, que é a maior de todas, com 40 a 50 palmos de altura, Balo, Lage Grande, Lage Pequena, Banco Grande, Banco Pequeno: em todas são as canoas varadas por terra: Caiuru-mirim, Banquinho, Cirga Comprida, Embiruçu, Mangaval, Cirga-do-campo, Manuel-Rodrigues, Sucurií, Embiruçu-mirim, outra Embiruçu, Paredão, Furado, Formigueiro, Pedras d'Amolar, Vermelho, Taquarapaia: em todas estas são as canoas puxadas à sirga com meia carga, e gente dobrada. Há outras, em que sobem com toda carga puxadas por maior ou menor número de homens, ou aliviadas de todo.

Há nas margens do Rio Pardo duas castas de palmeiras, que, segundo dizem, não se encontram nas dos outros rios da mencionada navegação cuiabana; uma chamada *guacumã,* delgada com 6 ou 7 pés de altura, da qual se fabrica uma boa isca; outra denominada *bruiiz,* que é alta, e grossa, com folhas de mais de 7 pés de comprido: do seu fruto fazem os índios, e ainda os antigos sertanistas, um vinho, que se assemelha ao da videira na cor e gosto.

Os principais rios, que engrossam o Pardo, são o Anhanduí-guaçu, Anhan-duí-mirim, o Sucurií. Todos três se lhe unem pela margem direita. O derradeiro, que é o menor, desemboca 15 léguas abaixo do Rio Vermelho. O primeiro, cuja origem fica no centro da província, deságua 20 léguas acima da embocadura do que o recolhe. O Anhanduí-mirim sai 12 léguas abaixo do Sucurií.

N. B. Doze ou 15 milhas, como se disse, acima da embocadura do mencionado Rio Vermelho, está o porto da Sanguexuga, na margem esquerda do rio deste nome, onde as canoas, que subiram o Rio Pardo, são descarregadas, e conduzidas em carretas de quatro rodas, puxadas por seis ou sete juntas de bois através dum istmo de 2 léguas e meia de largura por campos ou matos, até o porto

de Camapuã na margem esquerda do pequeno rio deste nome, cuja origem fica próxima à do primeiro na fralda do Serro do Saco.[10]

Aqui são postas em nado com meia carga somente, e levadas com trabalho insano (por causa dos baixos, e penedia de que este rio é cheio) até o profundo e piscoso Rio Cochim, onde a depõem em ranchos acondicionadas, com bons guardadores, e voltam a buscar o resto. Contam 12 léguas do porto até à embocadura deste rio, que corre por entre matos faltos de frutas, e de caça.

O Rio Cochim, cuja origem fica vizinha à do Sangue-xuga, corre violento por entre altíssimos muros de rochedos alcantilados, e medonhos reduzidos a 4 ou 5 braças de largura em partes; noutras atravessa bosques faltos de frutas, mas abundantes de caça; onde se encontram em grandíssima quantidade duas castas de palmeiras, chamadas umas *guacuris,* outras *bocaiúvas.*

As principais das vinte e duas cachoeiras que formam este rio, são: Mangaval, que fica 5 léguas abaixo da boca do Camapuã; Pedra-branca, oito léguas abaixo da precedente; ambas requerem tripulação dobrada: Vare, onde se faz a mesma manobra: Culapada, onde as canoas são aliviadas de meia carga: Furnas, onde são aliviadas de todo: Canelas de André Alves, que é descarregadora de meia carga, e exige gente dobrada: Avanhandavuçu, Avanhandavumirim, meia légua distantes uma da outra, ambas descarregadoras de toda carga: a do P. Luís Antônio, que é mui perigosa; Jiquitaia, descarregadora de meia carga: cachoeira da Ilha, descarregadora de toda a carga, e fica uma légua acima da sua confluência com o Taquari.

As principais torrentes, que engrossam o Cochim, cuja maior largura anda por 12 a 15 braças, são o Ribeirão do Inferno, o da Selada, o Jauru, que se lhe unem pela direita: o do Furado, o da Orelha d'Anta, o de João Bicudo, e o Taquari-mirim, que se lhe juntam pela esquerda. O derradeiro deságua junto à embocadura do que o recolhe.

O Taquari tem suas cabeceiras na raia da Caiapônia muito ao norte de Camapuã. Quando recebe o Cochim, já é caudaloso e largo. Logo junto desta confluência tem a grande cachoeira do seu nome, onde as canoas são aliviadas de meia carga, para a passar sem perigo; e pouco mais abaixo outra pequena, denominada *Beliago,* última deste rio (cuja largura ordinária é já de 60 braças), e também a derradeira das cento e treze, que os navegantes encontram de Porto Felix até Cuiabá. A maior parte do seu curso é por campinas de pouco mato, ou

10 Desde que há navegaç&o por Camapuã, exige esta paragem uma vila populosa. N&o há sitio tão azado e vantajoso para ela. Seus habitantes possuindo naturalmente maior número de .bestas de carga, de carretas, e de canoas pequenas, do que se pode esperar dum só colono, os negociantes. que comumente gastam 20 dias no transporte de suas canoas e fazendas do porto Sanguezuga para o de Camapuft, veriam neste tudo a salvo em um dia: e gastando igual tempo em se acharem prontos no Cochim, em razão das canoas n&o poderem nadar no Camapuã senão com mela carga, e que os obriga a fazer três viagens, em poucos dias se achariam navegando por ele, havendo evitado duas, adiantado a derrota, utilizado a multas famílias, e com dlspêndlos multo inferiores aos que experimentam. Consistindo a principal conveniência do proprietário na demora dos passageiros, há particular cuidado em prolongar-lha com a falta dos carros, e bestas de carga necessárias; a fim de que, gastando largo tempo em desembaraçar-se, lhe dêem maior gasto aos mantimentos, sempre vendidos pelas horas da morte. As enormes despesas nesta paragem, a barateza do gado muar, com que se podem transportar as mercancias dos portos para qualquer das Capitais, os grandes trabalhos, com que se faz esta extensiva navegaç&o, concorrem para o seu esquecimento.

Tendo sido a primeira navegação pelos rios Anhandui-guaçu e Bmbotatiu aliás Aranha! nao encontramos derrota ou diário, que nos dissesse o número das suas cachoeiras, e a largura do varadouro, Intermédio. Parece verossímil, visto darem-lhe os primeiros navegantes preferência sobre a de Camapuã, que ela tenha alguma vantagem sobre estoutra. Há quem diga, que se tornará a primeira, quando no seu varadouro. houver algum estabelecimento, que facilite os transportes, como naquele outro. E parece ser um melo de dar importância ao Presidio de *Miranda,* de diminuir as despesas, que a Coroa faz com ele, e ainda de facilitar a colonização da província, e estabelecer um ramo de comércio com o *mate.* As extensas campinas facilitam a marcha dos gados para a margem do Paraná, que em multas partes corre repartido em vários canais de pouca largura; e os rios dáo navegaç&o para do centro descerem as produções, que a experiência mostra podem chegar aos portos com lucro.

No diário dum navegante acha-se calculada em 85 léguas por água a dlst&ncia da boca do Camapuft até à do Cochim a rumo do noroeste, que é o mesmo a que corre o primeiro, e também o que procura o Taquari por largo espaço, antes que Incline para o sudoeste, segundo a carta da viagem do Uust. D. 'A .R, de Moura.

planícies, descrevendo continuadas e pequenas voltas, ou que faz parecer aos navegantes, que estão sempre em lagos fechados: em nenhum outro a navegação é tão deleitável. Abunda de pescado; mas suas águas são impregnadas de areia finíssima. Entre outras ilhas que forma, nota-se a dos Pássaros, assim chamada por causa dos infinitos, que nela se criam, e de que as árvores, que a povoam, estão sempre carregadas. Deságua no Paraguai por muitos canais, que formam grande número de ilhas apauladas, geralmente submergidas, enquanto duram as cheias dum e outro rio, que são em um mesmo tempo Pantanais é o nome com que designam estas ilhas, onde se encontram, entre outros pássaros raros, os chamados anhupocas, que são do tamanho das anhumas; porém lindos, tendo também na cabeça um chifre, e esporões nas asas como aquelas outras. Seu canto é da meia noite para o dia. Os patos são aqui infinitos: para seu sustento exclusivamente cria a natureza aqui mesmo prodigiosa quantidade de arroz bravo com um tão grande bico, que nenhum outro pássaro o pode engolir.

Entre outras árvores notáveis das margens deste rio tem preferência uma casta de palmeira própria de certa paragem: a grossura do seu tronco enche a braçada de um homem, o qual deve ser robusto para poder carregar o cacho dos seus cocos, que são do tamanho de ovos de ema, e servem de alimento aos índios.

O Rio Mondego, aliás Embotatiú, originalmente Aranhaí, ou Aranianhí, é caudaloso, e navegável até perto da sua origem, pouco distante da do Anhanduíguaçu, e deságua no Paraguai 5 léguas abaixo do Taquari. O maior dos que se lhe unem pela margem direita é o chamado hoje Rio Verde.

O derradeiro confluente do Mondego pela margem meridional é uma ribeira denominada Rio Zereré, que principia junto da pequena Serra de Santa Bárbara.

O Rio Ivinheima, que entra no Paraná por três bocas igualmente abundantes, vem do interior da província, para onde dá navegação; e recolhe pela esquerda o Jaguari que lhe é pouco inferior.

O Rio Negro, que é considerável, e parece ser o Sambambaia dos primeiros sertanistas, desemboca no Paraná 6 léguas acima da boca setentrional do Ivinheima.

O Miamaia, ou Miamaí, que parece ser o que aliás denominam Amambi, também considerável, sai 12 léguas abaixo do braço meridional do mencionado Ivinheima.

O Rio Igatemi, ao qual dão 45 léguas de extensão, é navegável até perto da sua origem na chamada Serra Amambuí, que às vezes toma o nome de Mara-caju, em razão da sua vizinhança com a deste apelido, donde sai: 26 léguas em linha reta acima da sua embocadura está a chamada *Passagem dos Guaicurus,* onde o rio lhe faz bom vau.

Perto de 6 léguas abaixo, recolhe pelo lado esquerdo o pequeno Rio das Bogas;[11] e pouco mais de 10 adiante se lhe une pelo mesmo lado o Rio Escopil, que lhe é mui pouco inferior, e vem da mesma serra. Forquilha é o nome com que designam esta vistosa confluência: lugar azado, e vantajoso para uma povoação. Contam-se 11 léguas desta paragem até o Paraná, e só duas cachoeiras: 13 léguas e meia acima está a primeira das vinte e uma que se encontram no espaço de 10 milhas; e não há mais até um pouco acima no mencionado vau dos Guaicurus. Seu álveo é tortuoso: as terras laterais baixas, e cobertas de bosques.

11 Quase mela légua acima da foz do mencionado Rio das Bogas esteve a pequena Praça dos Prazeres alias do Igatlml num teão sobre a margem setentrional do rio. que lhe deu o nome, demolida pelos castelhanos em 1777, 10 anos depois da sua fundação. No abrtmento dos seus alicerces, que tinham 12 pés de altura, se acharam panelas, carvões, e tiçfies. Defronte tiveram os castelhanos um Porte, que abandonaram na mesma ocasião. As febres malignas reinavam aqui a principio deste fevereiro até abril, e levavam anualmente grande número de pessoas; mas notou-se que alguns colonos estabelecidos em maior distância do rio nunca fjram atacados deste flagelo. O território é íertllissimo; o arroz produzia acima de 200 por um: o milho a 150: experimentou-se ser de boa qualidade a produção dos algodoeiros.

O Rio Correntes, que parece ser o mesmo a que os castelhanos chamam Rio Branco, é considerável, e sai ao Paraguai 14 léguas abaixo do Fecho dos morros.

O Rio Ipané-guaçu, depois de ter regado um terreno agreste cai no Paraguai, 30 léguas abaixo do Correntes.

Nas contra-vertentes do Igatimi, pouca distância para o poente, se encontram as cabeceiras de dois pequenos rios, chamados, o setentrional, Iguaraí-açu, o meridional, Iguaraí-mirim, os quais já unidos vão engrossar o Chichuí, que sai do Paraguai por 24° e 12'.[12]

Perto de 4 léguas ao sul do Igatimi sai o Rio Igureí, limite entre as duas Coroas desde 1777.

ZOOLOGIA — Antas de todas as cores, lobos, veados brancos, coelhos com todas as outras espécies de quadrúpedes conhecidos nas outras províncias.

O centro da parte setentrional desta província é designado nos roteiros dos sertanistas, e cartas com o nome de *Vacaria,* por causa do gado vacum que ali ficou disperso, quando os paulistas fizeram desalojar os moradores da cidade de Xerês, e das cinco aldeiotas convizinhas, que formavam a pequena província, de que aquela era cabeça. O resto daqueles animais, quase extintos pelas feras e caçadores, foi aumentado em 1797 com os que fugiram aos guaicurus, quando foram roubar as estâncias castelhanas da Vila de Coruguati, e também com os que escaparam aos coruguatinos, que em número de quinhentos e tantos perseguiram os roubadores, até lhes tomar o furto.

Várias nações bárbaras dominam este país: a dos guaicurus é a mais nomeada e famosa. Estão hoje repartidos em três corpos: uns, sem aliança alguma com outra nação, vivem ao longo das margens ocidentais do Paraguai, subdivididos em várias hordas: os mais meridionais são chamados *Linguás* pelos castelhanos convizinhos; e quando vão infestar as aldeias e estâncias da Província de Santa Cruz de Ia Sierra, são ali conhecidos por *Xiriquanos:* outros são designados pelo nome de *Cambás.*

Os que possuem as adjacências orientais do mesmo rio, fazem os outros dois corpos: o meridional aliado dos castelhanos, o setentrional dos portugueses. O Fecho dos morros, ou uma paragem vizinha, é a raia. Não se nota diferença de origem, idioma e usanças entre estas três divisões, aliás inimigas declaradas cada uma das outras.

Os nossos aliados, que ficam do Rio Mondego para o sul, estão repartidos em sete hordas, ou aldeias grandes, geralmente amigas umas das outras, sem a menor diferença em coisa alguma. Chagotéu, Pacachodéu, Adioéu, Atiadéu, Oléu, Laudéu, Cadioéu são os nomes, que as designam.

Em nenhuma destas aldeias (a cada uma das quais melhor quadra o nome de vila vasta) há superior, a quem se tribute vassalagem. Cada horda compõe-se de três classes de gente: a primeira é de nobres, ou de homens muito enfatuados de nobreza, intitulados *capitães,* e cujas mulheres, e filhas têm o tratamento de *donas:* a segunda é de soldados, ou homens que obedecem de pais a filhos: a terceira de cativos; assim são chamados os prisioneiros de guerra, e seus descendentes. Os primeiros não são muitos em cada povoação; os segundos são mui numerosos; os terceiros excedem muitas vezes o número daqueles outros tomados juntamente.

12 É verdade que nem o Tratado de Limites de 1751, nem o de 1777. menciona este Mo para linha divisória: mas como do artigo IX do derradeiro se colhe que o Intento dos dois Contratantes é que a rala comum tirada pelo Rio Iguareí até a sua origem principal, continue por "uma linha reta pelo mais alto do terreno até achar a cabeceira, e vertente principal do rio mais vizinho à dita Unha, que desague no Paraguai" e o Chlchul, segundo o ms. que nos guia, é o que mais se ajusta com os reais intentos de SS. MM.; por isso o nomeamos.

Segundo outro documento, este rio, que entra no Paraguai em 24', chama-se Jejuí, e é formado com o grande, e pequeno do mesmo nome (sendo quase iguais), aos quais Já unidos se Junta pela esquerda o Coruguati.

Os capitães, e soldados têm uma mesmíssima origem; e seu nome gentílico é *Joage.* Os cativos são de várias nações, geralmente adquiridos na guerra, nunca empreendida com outro intuito, que não seja o de fazer prisioneiros para aumentar-lhes o número, no qual consiste o grau de nobreza dos capitães. Estas irrupções são exterminadoras, não deixando adultos com vida, nem pequenos com liberdade de quantos poderão assenhorear-se. Estes esquecem-se logo dos seus idiomas e costumes, adotando sem custo os guaicurus; e jamais fogem, porque os senhores não os ocupam em cousa alguma. Reputa-se por baixeza casar um senhor com sua escrava: o filho despreza a mãe, que o houve de escravo.

São os guaicurus de mediana estatura, bem feitos, sadios, nutridos, e ao parecer adaptados a qualquer trabalho penível, mas poltrões. Comem muitas vezes no dia, e muito devagar: seus manjares são muito cozinhados, e sem asseio. Jamais padecem indigestões. É notável a dieta de que usam nas suas raras moléstias. Jamais apareceu um escorbutado entre eles, nem memória de mortes repentinas. São raros os defeituosos de membros: vêem-se cegos, mas nenhum calvo. Quase todos têm os dentes mal postos, por falta de tirarem os primeiros aos filhos, quando os mudam, pelo demasiado mimo com que os tratam; mas conservam-nos até à morte; posto que assaz denegridos, por causa do demasiado cachimbo, de que usam. As mulheres sempre trazem masca entre o beiço inferior e a gengiva.

Pintam o corpo com tinta de urucu e genipapo, no que guardam assás dissimetria. No cabelo os moços não têm uso certo: os velhos trazem a cabeça rapada em roda, à semelhança dos leigos franciscanos. As mulheres também rapam a cabeça em redondo, e despontam o cabelo, deixando-lhe três polegadas de comprimento no coruto. Têm a fisionomia larga, e nada agradável, em razão das tintas que introduzem com espinho na epiderme, formando linhas, que principiam na raiz do cabelo, e acabam nas pálpebras, ou nas faces, ou ainda na barba, onde fazem um xadrez, com o que ficam de cor cinzenta por toda a vida. Andam embrulhadas dos pés até o pescoço num grande pano de algodão listado de várias cores: as mais vaidosas ornam-nos com rodinhas de conchas seguras com linhas, ficando a madrepérola para fora: algumas trazem nele a marca do seu cavalo bem debuxada. Por baixo deste pano trazem uma cinta mui larga, a que dão o nome de *aiulate;* sem a qual jamais se verá uma menina desde seu nascimento. Os adornos são canudos de prata enfiados em cordões ao pescoço; contas nos braços e nas pernas; e uma chapa do mesmo metal ao peito: para cuja fatura lhes serve uma pedra de safra, outra de martelo. Na antigüidade eram de pau estes ornatos, como ainda se vê em algumas pobres. Perdem mui cedo as carnes: e tanto elas como os homens ficam na idade avançada com a pele mui enrugada. Os homens não têm mais vestuário que uma cinta de algodão tinto, de largura de um palmo com que ocultam o meio do corpo: e depois que tiveram comunicação com os europeus, cobrem-nos de contas de diversas cores, com as quais fazem diferentes lavores. Ornam a cabeça, braços, e pernas com penachos de várias cores. Têm o beiço inferior furado, e neje metido um cilindro de pau quase da grossura duma pena de escrever, e três polegadas de comprimento: os mais ricos trazem-nos de prata; e nas orelhas meias luas do mesmo metal.

Os homens cuidam na caça, pesca, em tirar mel, frutas silvestres, palmitos; nos cavalos, faturas das armas, e canoas, a que chamam *noatek;* as mulheres fiam, tecem panos e cintas de algodão; fazem cordas, louças e esteiras. Ambos os sexos se ocupam igualmente no mister da cozinha.

Criam todas as espécies de aves e quadrúpedes domésticos oriundos da Europa, e alguns do continente, com excessivo cuidado; razão por que todos são muito mansos. Como desprezam absolutamente a agricultura, e o forte do seu alimento é carne, nenhuma espécie é assaz numerosa, à exceção dos cavalos,

porque não os comem. Os porcos são os menos, e muito poucos por não terem com que os manter. Todos os animais são castrados. Mudam a cor dum papagaio verde em amarelo, depenando-o por vezes aos pedaços, e esfregando-lhe a porção depenada com tinta de urucu.

Posto que todo o mundo anda a cavalo, com o qual costume todos têm as pernas tortas, são maus cavaleiros: só sabem correr. Não usam de sela, nem estribos, nem de coisa que os valha: as rédeas são dois cordéis de linho de acroatá presos na boca do cavalo como barbicacho. Amansam os cavalos dentro da água, que lhes chegue à barriga, ou perto, afim de não poderem expulsar o cavaleiro, ou de lhe ser menos sensível a queda. O cavalo da guerra não serve para outra jornada, nem se vende. As mulheres montam entre dois feixes de feno, sobre um pano, que serve ao mesmo tempo de chairel.

São tão soberbos, que a todas as nações de gentios confiantes tratam com desprezo; a todos fazem crua guerra; sendo delas de alguma sorte respeitados, e temidos pela vantagem, que têm na cavalaria, e armas de que usam, a saber: maça, que é um bordão de quatro até cinco palmos de comprimento, e uma polegada de diâmetro; a lança, que tem pouco maior grossura, e doze pés de comprido, incluída a choupa; o trassado, ou facão: as duas últimas são havidas dos conquistadores a título de furto ou de compra; o arco e as flechas. De todas estas armas se servem, quando andam a cavalo pela maneira seguinte: cingem-se com uma corda, com que se vão apertando cada vez mais à proporção que lhes falta o alimento; e entre ela e o corpo metem a maça no lado direito, o trassado ou facão no esquerdo: com a mão esquerda governam o cavalo, e com a direita maneiam a lança, da qual não fazem uso, quando levam o arco e flechas. Também usam de laços nas caçadas.

Todos os anos fazem campanhas, uns contra esta, outros contra aquela nação: donde vem terem cativos guatós, caiapós, bororós, xiquitos, chamacocos (estas duas são da Província de Santa Cruz de Ia Sierra), guaxis, que vivem nas cabeceiras do Araninhi, coroas, caiavabas, guanás e outros: os derradeiros são os mais numerosos, e os únicos, que cultivam algumas hortaliças e algodoeiros.

Contentam-se com uma mulher; mas fica o alvedrio livre a ambos os consortes para se separar e contrair nova aliança, quando um se desgosta do outro; porém são raras estas separações. A cerimônia do casamento consiste num lauto banquete acompanhado de folias. Têm um cemitério geral, que é uma grande alpendrada, coberta de esteiras, onde cada família tem dividida com estacas a parte, que serve de jazigo aos seus. Aos homens deitam-lhes em cima da sepultura o arco, as flechas, com as mais armas e trastes, de que usavam: e se foi bom guerreiro, enfeitam-lhas. As moças ricas vão enfeitadas, como se ornariam para o próprio noivado.

Como não têm religião, também não têm sacerdotes, e em lugar de médicos e cirurgiões há entre eles uns denominados *unigênitos,* que não passam de pretendidos adivinhadores, e supersticiosos charlatães, absolutamente destituídos daqueles escassos conhecimentos de curativo, que se notam em outros selvagens menos famigerados. Curam os doentes chupando a parte dolorida, e lançando a saliva numa cova. Diz-se que não fazem uso de beberagens.

Crêem que há um Ente criador de tudo, ao qual não tributam gênero algum de culto ou homenagem, nem recorrem ainda nas ocasiões dos maiores apertos da vida, ou calamidades públicas; e um Espírito inferior dotado de inteligência suma, ainda, do futuro, ao qual denominam *nanigogigo:* admitem a imortalidade da alma; mas, ao que parece, não têm idéias de recompensas futuras proporcionadas à conduta da vida; cuidando que as almas dos capitães e dos *unigênitos* se divertem depois da morte, e que as do povo vagueiam em torno do cemitério.

O que mais acredita os *unigênitos,* é a pretendida familiaridade com o *nanigogigo,* de que o povo os considera privilegiados, e por cujo ministério cuidam alcançar o que pretendem saber. O macauã é um pássaro tão agoureiro entre os guaicurus, quanto seus gritos lhes são ininteligíveis. Em ele gritando, a noite seguinte é de grande incômodo e trabalho ao *unigênito,* que a passa inteira, ora cantando desabridamente, ou imitando o canto de diversos pássaros, sacudindo ao mesmo tempo uma cabaça com bastante seixinhos dentro, ora chamando o *nanigogigo,* para que lhe interprete o anúncio do pássaro. O mesmo praticam, quando pretendem saber se um doente há de morrer, ou escapar; e se hão de ser bem ou mal sucedidos na guerra, que determinam empreender.

Costumando divertir-se por diferentes maneiras, quando bem lhes parece, só têm uma festividade periódica no aparecimento do sete-estrelo, como precursor do tempo de sazonarem os cocos das *bocaiúvas,* que lhe servem de alimento; e duram muitos dias estes brinquedos. Nos duelos batem-se a punho seco, ainda mais jeitosamente que os albiões.

É beleza entre estes povos não ter cabelos nas sobrancelhas, nem nas pestanas; tendo particular cuidado em arrancar os que nascem. Seu idioma, segundo dizem, é abundante de vocábulos, e ainda de frases, doce, de fácil pronúncia. As mulheres explicam-se às vezes diferentemente dos homens: estes quando querem despedir-se, e dizer: *adeus, vou-me embora,* dizem: *sara gigo oipüo;* as mulheres: *sara gigo ioy.* Além das palavras, expressam-se também por assobios.

Nada há entre os guaicurus tão notável como a desumanidade, que as mães praticam com o feto logo que se sentem grávidas, não o deixando vir ao mundo, enquanto não passam de trinta anos de idade. As que concebem depois desta idade, e têm feliz parto, criam os filhos. A razão desta atrocidade é unicamente para se livrarem dos incômodos anexos à criação!

As ruas das povoações são direitas e largas; as casas cobertas de esteiras de junco postas horizontalmente, ou com mui pouco declívio, enquanto não chove: chovendo, dão-lhes a forma dos nossos telhados; se a chuva é abundante, e a esteira começa a vasar, esfregam-na por dentro com penachos, ou vassouras, e assim vedam a água. Muitas têm duas e três esteiras, umas por cima das outras, com mais ou menos intervalo; tanto para vedar melhor a água, quando chove, como para diminuir o calor. Dormem no chão sobre couros, e cobrem-se com os panos das mulheres, servindo-lhes de travesseiros os pequenos feixes de feno entre os quais eles andam a cavalo. Não têm adotado o uso das maças para dormir.

Nenhuma das suas povoações é permanente: a sua existência é sempre junta de algum rio, ou grande lago, e dura enquanto naquela paragem há caça, peixe, frutas, e pastagem para os gados. Em se experimentando míngua, num momento desaparece a cidade, e as campinas povoadas de milhares de animais se tornam ermas. São vistosas as marchas destas caravanas. Em outro momento aparece outra cidade, onde não havia uma palhoça; e os campos em circuito, onde apenas pastavam alguns veados, de repente se cobrem de numerosas manadas de cavalos e bois, e rebanhos de ovelhas.

Fazem uma bebida embriagante, chamada *chicha,* com mel e água. À nossa aguardente chamam *nodak.*

Alguns exprimem-se sofrivelmente na língua portuguesa, e transitam pelas povoações das províncias, depois que procuraram a proteção, e vassalagem da Coroa Fidelíssima; em virtude de cujo termo se lhes passou a seguinte patente: "João de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, do conselho de S. M., Cavaleiro da Ordem do S. João de Malta, Governador e Capitão-general das capitanias de Mato Grosso e Cuiabá, etc. Faço saber aos que esta minha Carta Patente virem, que tendo a nação dos índios guaicurus ou cavaleiros solenemente contra-

tado perpétua paz e amizade com os portugueses por um termo judicialmente feito, no qual os dois chefes, João Queima Albuquerque e Paulo Joaquim José Ferreira, em nome da sua nação, se sujeitaram, e protestaram uma cega obediência às leis de S. M., para serem de hoje em diante reconhecidos como vassalos da mesma Senhora. Mando, e ordeno a todos os magistrados de justiça, e guerra, comandantes, e mais pessoas de todos os domínios de S. M. F., os reconheçam, tratem e auxiliem com todas as demonstrações de amigos. E para firmeza do referido, lhes mandei passar a presente Carta Patente por mim assinada, e selada com o sinete de minhas armas. Nesta Capital de Vila Bela, aos 30 de julho de 1791".

Dos seguintes vocábulos se vê quanto o idioma guaicuru difere da língua geral.

Vocábulos da língua geral		*Guaicurus*
Sol	Tinga	Àliga. fPannay.[13]
Muitos Muitas	Una	Epannay.[14]
Não	Guará.....	Lapáca.
	Pajé	Nabidré.
	Cetá	Elôdo.
	Erima	Nixo.
	.....	**Juki.**
		Niôxe.
		Apolicano.
		Apolicano-yuá.
		Nigdá.
		Niknik.
		Tiglicon.
		jPerixene.
		Hulegre.
		Apacanigo.
		Unigênito.
		Nanigogigo.
		Ouhy. Oleó.
		Aanireá.
		Aamiri.[15] Aycá.

As terras para onde correm o Igatimi, Escopil e Miamaia, são habitadas pelos índios Cahans, que quer dizer *gente do mato,* por morarem somente dentro dos bosques com medo dos guaicurus, que só andam por campinas, onde se lhes facilita a marcha dos cavalos, segundo o seu costume, depois que os possuem. Vivem em aldeias de maior, ou menor número de casas e famílias:[16] pintam-se de urucu; furam o beiço inferior, e metem-lhe um cilindro de certa resina transparente como cristal, seguro com uma cavilhinha na extremidade superior. Arco

13-14 Do primeiro vocábulo usam somente os homens, do segundo as mulheres.
15Dos dois vocábulos primeiros usam Indiferentemente ambos os sexos: o terceiro é particular aos homens, o derradeiro privativo dos mulheres.
16Os *Cohans,* que parecem ser os mesmos, a quem os guaicurus chamam *Gaybàvas,* tinham, há pouco mais de 30 anos, 15 aldeias.

e flechas são as suas armas feitas com instrumentos de pederneira, e dentes de porco afiados. Cultivam entre outros mantimentos uma excelente casta de amendoim assaz graúdo. Fazem plantações de algodeiros, cuja lã sabem fiar e tecer por um método particular. Seu vestuário consiste numa sorte de *ponche* quase talar, com forma de saco, feito duma peça de algodão de boa largura, dobrada igualmente, com as ourelas cosidas em parte, um grande buraco no fundo, por onde metem o pescoço, e duas aberturas por onde enfiam os braços, terminando em duas abas ou aventais, que levantam, e seguram com um cordão à roda da cintura, quando lhes convém. Cortam o cabelo à donata. Pela manhã cantam hinos ao Criador com extravagantes movimentos: sendo um deles girar com as mãos fechadas uma à roda da outra por bom espaço de tempo com o corpo curvado. Há entre eles homens, que são, ou pretendem ser a um mesmo tempo cirurgiões, médicos, adivinhadores, e ainda sacerdotes, e como tais trazem na mão uma cruz; costume que sem dúvida adotaram dos primeiros missionários jesuítas, que entraram no país, os quais usavam dum bordão em forma de cruz.

Nas suas terras há bosques de laranjeiras bravas, e prodigiosa quantidade de abelhas, cujo mel nada tem de bom; mas a cera é melhor do que a das províncias setentrionais.

No meio do século passado, quando os plenipotenciários foram colocar o marco do Jaurú, vivia nas vizinhanças do Fecho dos Morros, uma nação de índios chamados *Bayâs,* dos quais não há hoje notícia. Usavam duma maça curta chamada *macânna.*

POVOAÇÕES —A fazenda de Camapuã com uma ermida em 19° e 36' de latitude austral.

Miranda, presídio fundado em 1797, obra de meio quarto de légua arredado da margem direita do Rio Aranhaí, perto duma serra, em terreno abundante de caça. No caminho para Camapuã há uma grande lagoa.

Com a fundação da Nova Coimbra resultou fundarem os castelhanos nesta província Vila Real, indigna deste nome, junto ao trópico; o Presídio de S. Carlos na margem do Rio Apa, e o de São José, que foi demolido pelos portugueses no primeiro ano deste século.

Não muito longe das cabeceiras do Aranhaí ainda aparecem vestígios da mencionada Ciudad Xerês.

MATO GROSSO

Esta província, à qual dão 60 léguas de norte-sul, e 80 de leste-oeste na parte setentrional, tem ao norte a Juruena, ao poente o Rio Guaporé, ao sul as possessões da Coroa Católica, ao oriente o Rio Paraguai. Jaz entre os 13°, e os 16 e um terço de latitude austral. A face do país é variada de colinas, de serras sem altura, que atrai a vista por muito tempo, de planuras mais ou menos extensas, bosques e charnecas, segundo a boa ou má qualidade do terreno; e regada por grande número de rios tributários dos dois maiores da América meridional.

MONTES — Os maiores estão na parte setentrional, e são ramos da Serra dos Paricis.

MINERALOGIA — Ouro, diamantes, cristais, granito, minerais de ferro, tabatinga, pedra calcárea.

FITOLOGIA — A opúncia é comum em várias paragens; em outras cria-se a ipecacuanha: o anil nasce espontaneamente nos terrenos úmidos: a jalapa é bem conhecida, como também a baunilha: as árvores do cupaíba, da almécega, do maná, do sangue-de-drago, os barbatimões: diversidade de boas madeiras de construção. Há abundância de laranjas, goiabas, araçás, mangabas, ananases,

melancias, bananas, geralmente de boa qualidade, como também as uvas. Cultiva-se milho, mandioca com outras raízes comestíveis, arroz, legumes, tabacos, algodão, canas-de-açúcar, quanto basta para o consumo da população.

As mercancias européias e asiáticas, como vinho, azeite, ferragens, tecidos, e alguns comestíveis, chegam aqui por um preço exorbitante, e unicamente a troco de ouro, procurado por muita gente.

ZOOLOGIA — Todas as espécies de quadrúpedes selváticos, que se encontram nas províncias marítimas, são aqui comuns: das domésticas só a do gado vacum é numerosa; as cabras são raras: ainda não há criadores de gado muar. Não há quem não conheça as emas, seriemas, mutuns, jacus, tucanos, papagaios, perdizes, guirapongas, garças, jaburus.

A indústria reduz-se ainda por ora a tecidos de algodão para os trabalhadores, e a cortumes de couros, que excedem a precisão.

Rios — O Guaporé, que principia 28 léguas ao nordeste de Vila Bela, depois de 24 a rumo do sul, e quase outras tantas ao do poente, recurva para o noroeste, e depois para o oesnoroeste. Meia légua acima daquela capital recolhe pela esquerda o Rio Alegre, que vem de leste, da chamada Serra Aguapeí, e recebe o Rio dos Barbados 3 léguas arriba da sua foz, também pela esquerda.[17] Três léguas abaixo da mesma vila se lhe une pela direita o Rio Sareré, que nasce obra de 8 léguas ao poente do mesmo Guaporé; e 14 mais abaixo, e pelo mesmo lado, o Rio Galera, que se forma ao noroeste do Sareré. Vinte e quatro milhas adiante se lhe incorpora o considerável Rio Verde; e obra de 30 léguas abaixo o Rio Paragau, e depois de 60 o Baurus ou Bauré; e três para quatro mais adiante o Tunama, todos quatro pela margem esquerda, depois de terem regado uma grande porção da Província dos Mogos. Obra de 16 léguas abaixo se lhe une também pela esquerda o volumoso Rio Ubaí ou Ubahy, ao qual os castelhanos a princípio denominaram Rio dos Chiquitos, por atravessar as terras dos índios assim chamados; e posteriormente Rio da Madalena, aliás de São Miguel, depois que nas suas adjacências fundaram as paróquias destas invocações. A este rio dão os povos de Mato Grosso o nome de Mamoré, e (por ser mais caudaloso) conservam-lho até confluir com outro maior, a que chamam Rio Madeira, e os castelhanos Mamoré, cuja confluência fica 33 léguas mais abaixo, e 44 por água.

Os castelhanos comumente dão ao Guaporé o nome de *Itenez,* e conservavam-lho até à sua confluência com o verdadeiro Mamoré, onde ambos perdem o nome, e formam o majestoso Rio Madeira, que continua ao setentrião a incorporar-se com o Amazonas.

As margens do Guaporé ou Itenez, na maior parte, são pantanosas, e doentias para as constituições européias, como também as dos rios, que o engrossam. Os que se lhe unem pelo lado direito não excedem a 30 léguas de ourso os maiores, e saem da falda ocidental duma continuação da Serra dos Paricis, que se prolonga com o mesmo rio. O Cabixi, o do Piolho, o Corumbiara, o Mequem, o de S. Simão, o Cautário são os que seguem depois do mencionado Galera.

Cinco cachoeiras há no Itenez desde a foz do Ubaí até onde perde o nome: Guajuru-mirim, Guajuru-grande, Bananeira, Paugrande, e Lages, são os nomes com que as designam, descendo.

O Rio Jauru, que se forma nos Chamados campos dos Paricis, obra de 8 léguas a leste do Guaporé, depois de largo espaço ao sul recolhe pela direita o Baía, e o Aguapeí;[18] inclina para les-sueste, e une-se com o Paraguai na latitude

17O *Barreiro,* e o *Pindaíba* sao consideráveis ribeiras, que entram no Guaporé pela margem direita- multas léguas primeiro que o Rio Alegre.

18O Rio Aguapeí nasce poucos côvados arredados da fonte do mencionado Alegre na pequena serra do seu nome, e forma uma cachoeira obra de 10 léguas acima da sua foz. que fica 20 arriba da do que o recolhe. Estes dois rios correm espaço considerável emparelhados contra o nordeste, primeiro que tomem direções opostas. No governo de Luis Pinto passou uma canoa por eles do Guaporé para o Jauru. Contam 37 léguas em Unha reta da boca do Rio Alegre até à do Aguapeí.

de 16° e 24'. É navegável por distância considerável; e seu curso em grande parte por terrenos planos, e cobertos de bosques. Pouco arredado da sua margem há um lago salitroso, que fornece muito sal.

Na confluência do Jauru, que fica 50 léguas ao sueste de Vila Bela, se colocou, em 1754, um magnífico Padrão de mármore europeu com os escudos Fidelíssimo, e Católico, virados para as Possessões respectivas. Tem sido, e será sempre olhado pelos índios com admiração. Lêem-se nele as seguintes inscrições:

Sub Joanne Quinto Lusitanorum
Rege Fidelissimo

Sub Ferdinando Sexto Hispaniae
Rege Catholico

Justitia et Pax osculata; sunt. Ex
Pactis Finium Regundorum
Conventis. Madriti Idib. Januar.
M.DCC.L.

O Rio Sepetiva ou Sipotuba, que nasce obra de 15 léguas ao nordeste do Jauru, corre largo espaço ao longo da Serra Tapirapuã, e une-se ao Paraguai depois de ter recolhido pela direita os pequenos rios Juva e Jaraubaíba.

O Rio Cabaçal, mui inferior ao precedente, entra também no Paraguai poucas léguas abaixo do Sipotuba.

O Rio Preto, que é o primeiro considerável, que engrossa o Paraguai, é formado pelos rios de Sant'Ana, e São Francisco Xavier, que saem do lado oriental da Serra Taipirapuã, e unem-se na base dum monte, formando cada um sua grande catadupa, da parte debaixo das quais andam os peixes em cardume.

O Rio dos Barbados, que é extenso, sai da Serra Tapirapuã, e deságua também no Paraguai, em distância considerável abaixo do Rio Preto.

O Rio Pari, que tomou o nome duma nação já extinta, ou mudada, principia na mencionada Serra Tapirapuã, e sai ao Paraguai entre o dos Barbados, e Sipotuba.

Todos os rios desta comarca são de águas sumamente cristalinas e frias.

Vila Bela, medíocre, famosa e abastada de carne e peixe, e bem arruada em terreno plano junto à margem do Guaporé, cujas grandes cheias lhe danificam parte, ornada com uma Igreja paroquial da invocação da Santíssima Trindade, uma Ermida de N. Senhora do Carmo, outra de Sto. Antônio, e casa de fundição do ouro é a capital da província, e residência do Governador, e do Ouvidor, que é também Provedor dos Ausentes, e Juiz da Coroa com predicamento de primeiro banco, beca, e posse na relação da Baía. O senado é presidido por Juiz de Fora, que também é dos órfãos, Procurador da Coroa, Inspetor da Fundição, e deputado das Juntas da Adminsitração da Fazenda Real e da Justiça.[21] Todas as casas são chãs, e alveadas com tabatinga.

Não tem outra fonte mais que o rio, cuja água é excelente. É a única paróquia da comarca. No seu vasto termo há as Capelas de Santa Ana, de S. Francisco Xavier, de N. Senhora do Pilar, de S. Vicente Ferreira, a do Ouro Fino, geralmente providas de capelães, considerados como curas.

Desta comarca é o Arraial Diamantino, vantajosamente situado no ângulo da confluência do rio deste nome com o do Ouro, 3 léguas acima da sua embocadura no Paraguai, ornado com uma ermida de N. Senhora da Conceição, filial da matriz do Cuiabá, da qual dista 30 léguas para o noroeste. O ouro, e os

19 A Junta da Justiça, composta do Governador, do Ouvidor, e do Juiz de Fora, é para expedição de alguns negócios pertencentes à Mesa do Desembargo do Paço a bem dos habitantes da Província.

diamantes deram-lhe princípio há poucos anos: seus habitantes são mineiros, criadores de gado vacum, e agricultores.

Em distância de 3 léguas está a Serra da Mangabeira, onde há vários lavradores de milho, mandioca, e legumes.

A porção mais setentrional desta comarca é ainda possuída por várias nações indígenas, tais como os Cabixis, os Cautaros, que deram nome a dois confluentes do Guaporé, os Ababás, os Lambis, e os Urucurunis, com outros encostados à Serra dos Paricis.

CUIABÁ

Esta província, à qual deu o nome o rio, que a atravessa de norte a sul, tem ao setentrião a dos Arinos, ao poente a de Mato Grosso, ao nascente a Bororônia, da qual é separada pelo Rio de São Lourenço, que também a limita pelo sul, onde termina em ângulo formado com a confluência do mesmo rio e do Paraguai. Tem para mais de 100 léguas norte-sul, e pouco menos de 70 na maior largura de leste-oeste. É país de aspecto agradável, variado com dilatadas planuras, bosques soberbos, charnecas extensas, colinas e montanhas; regado de muitos rios.

As trovoadas, que fazem o inverno, começam em setembro, e acabam em abril.

MINERALOGIA — Encontram-se os mesmos minerais, que se acham na Província de Mato Grosso.

FITOLOGIA — Diversidade de árvores de excelente madeira de carpintaria. Entre outras plantas medicinais acha-se a espigélia, a erva-de-cobra, a jarrinha, e várias qualidades da verdadeira quina. Entre as árvores frutíferas dos matos são bem conhecidas as marmeladeiras, as jabuticabeiras, os umbuzeiros, os araticunzeiros, as guabirobeiras, as goiabeiras. Algodão, açúcar, milho, mandioca, arroz, legumes, são os objetos da agricultura proporcionada à povoação. Para nenhuma parte se pode exportar o supérfluo (que podia haver) com lucro por causa das grandes longitudes.

ZOOLOGIA — Cria-se gado vacum, cavalar, e algum muar; porcos, ovelhas, e mui poucas cabras, na verdade ainda absolutamente inúteis.

Rios — O mais celebrado é o Paraguai. Nasce numa grande chapada sobre a Serra do Pari, aliás da Lage, porção da dos Paricis, no sítio chamado as Sete Lagoas, por haver ali outras tantas, geralmente pequenas, em pouca distância uma das outras, e comunicadas por desaguadouros. Pouco abaixo da derradeira corre por terreno pantanoso, procurando o setentrião por curto espaço, e volta pelo poente para o sul. O primeiro, que se lhe une, é o Rio Diamantino, que vem de mais longe, e traz consigo o Córrego Rico, aliás Rio do Ouro. O primeiro rio caudaloso, que se lhe incorpora, é o mencionado Jauru. Ao longo da margem oriental, em quase toda esta grande extensão, corre uma serrania, que continua ainda por espaço de 7 léguas, a terminar na ponta Escalvada, onde ambas as margens começam a ier rasas e alagadiças.

Vinte léguas abaixo da Ponta Escalvada começa a margem ocidental a ser bordada por uma serra de outras tantas, ou mais léguas de comprido, mas estreita, e cortada em várias paragens para dar saída às águas de 3 lagos, que ficam por detrás dela: e cujos desaguadouros parecem rios caudalosos, quando o Paraguai nas suas enchentes vai fazer deles parte do seu larguíssimo álveo. A porção setentrional desta serra é designada com o nome de Insua, a meridional com o de Chainez, e a central com o de Serra dos Dourados. Uberaba, Guaíba, e Mandioré são os nomes dos mencionados lagos. O primeiro, que é o setentrional, tem 3 léguas de diâmetro, e o seu desaguadouro fica contíguo à extremidade da Serra Insua, por detrás da qual se comunica com o Guaíba, que é um pouco maior, e

arredado 3 léguas para o sul; e o seu desaguadouro, outras tantas abaixo daqueloutro, divide a Serra de Insua da dos Dourados. O Mandioré tem 15 milhas de comprimento, e mais dum sangradouro; o setentrional separa a Serra dos Dourados da do Chainez, e fica 6 léguas ao meio dia do Guaíba, em frente do qual deságua, no lado oriental, o Rio de São Lourenço, na latitude de 18° e 45'. À Serra de Chainez, habitada às vezes de índios guanãs, se segue a de Albuquerque, que é um quadrado com 10 para 11 léguas por lado. No meridional está o Presídio, que lhe deu o nome. Defronte desta serra desemboca, na margem oriental, o braço principal do Rio Taquari, em 19° e um quarto.

Cinco léguas ao meio dia estão as bocas do Rio Mondego. O Paraguai corre nestas paragens dividido em dois canais, formados por uma ilha estreita, apaulada, e perto de 20 léguas de comprimento: o oriental denomina-se Paraguai-mirim.

Onze léguas ao sul do Mondego estão dois montes altos, um defronte do outro, nas margens do Paraguai, que é aqui assaz largo. Na falda meridional do ocidental está o mencionado Forte de Coimbra.

Onze léguas abaixo de Coimbra, na mesma margem, está a boca do desaguadouro da Baía Negra, que fica 6 por terra dentro, e tem 5 de comprido norte-sul; sendo o receptáculo das águas dos lagos, e campinas alagadiças, que ficam ao poente e sul das Serras de Albuquerque.

Dezessete léguas adiante sai no lado oriental o Rio Queima, que parece ser o Tereri dos primeiros sertanistas.

Oito milhas adiante na latitude de 21°, sobre a margem ocidental, está o morro, ao qual os antigos paulistas chamaram Monte de Miguel José, em cuja falda se acha o Forte Bourbon.

Oito léguas ao sul do Monte de Miguel José, na latitude de 21° e um terço, cruza com o Paraguai uma cadeia de pequenos montes, onde se estreita, e passa dividido em dois canais por uma ilha de rochedo de bom comprimento.

Nesta paragem, denominada o Fecho dos Morros, e que é o limite entre o alto e baixo Paraguai terminam as alagadiças e pantanosas margens deste majestoso rio, que principiam na mencionada Ponta Escalvada, como se disse, perto de cem léguas ao norte. A largura do rio neste espaço, durante as cheias, que são de abril até setembro, é de 20 a 40 léguas, e forma um mar, ao qual os antigos vicentistas denominaram Lago Xarays, duma nação, que tinha este nome, e já não existe. Neste tempo, grande parte do álveo do Rio de São Lourenço, do Taquari, do Mondego, e doutros do lado oriental, como também os mencionados lagos do ocidental, e pauis adjacentes, ficam sendo porções deste *Cáspio periódico,* onde os terrenos levantados em tempo de seca ficam sendo ilhas povoadas de aves, e animais bravos.

No mencionado Fecho começam ambas as margens do Paraguai a ser de terreno firme, principalmente a oriental .Nela deságua o pequeno Tipoti, o Correntes, o Rio Branco, que parece ser o mesmo Correntes; o Apa, que talvez seja o Piraí dos antigos paulistas; o Guidava, os Ipanés-guaçu, e mirim; e o Chichui, onde começa a escabrosa margem Uruguguita, que se prolonga por espaço de 10 léguas até à foz do pequeno Suobogo, onde principia a Costa de Pataque de curta extensão, e termina na embocadura do Taxibu, que sai como aquele também, na margem esquerda.

Na latitude de 25° e 22' está a cidade de Assunção; e 18 milhas ao sul desemboca o primeiro braço do caudaloso Pilcomaio, que principia na Cordilheira dos Andes, no Distrito do Potosi, para onde dá navegação: 12 léguas abaixo está a boca do segundo; e depois de 4 encontra-se a mais meridional. Dão a este rio 200 léguas de curso.

Na margem oriental entram o Piraju, o Canabé, e o Tibiquari.

Na latitude de 26° e 50' sai o Rio Verde, ou Parsa, aliás Colorado, que vem das vizinhanças dos Andes com mais de 200 léguas de curso.

Obra de 12 léguas ao sul está a majestosa confluência do Paraná pouco inferior ao Paraguai; e obra de 30 abaixo está o braço setentrional do Rio Salado, e mais de 50 ao sul o meridional, mais conhecido pelo nome de *Xalupoy*. No ângulo meridional desta confluência está a cidade de Santa Fé, na latitude de 31° e 35'.

Poucas léguas adiante recolhe também pela direita o Rio Terceiro ou Carcapal, que traz mais de 100 léguas de curso.

O Paraguai, que do paralelo de 20° vem inclinando um pouco para o susudoeste, muda aqui de rumo para les-sueste por espaço de 40 léguas, recolhendo por uma e outra margem vários rios, geralmente pouco consideráveis, até à latitude de 34°, onde se lhe une pela esquerda o Rio Uruguai, seu derradeiro tributário caudaloso.

Este rio, ao qual os castelhanos comumente chamam Rio da Plata, depois que recolhe o Pilcomaio, fica de muitas léguas de largura; e é um arquipélago de ilhas de todas as grandezas, e geralmente rasas, denominadas os *Paranás*. A margem esquerda corre agora a leste até o Cabo de Santa Maria; e a direita ao sueste por mais de 30 léguas até à Ponta das Carretas, onde tem perto de 15 de largura.[22]

O Paraguai não tem mais cachoeiras depois que recolhe o Sipotuba, e sempre conserva muito fundo.

O Rio Cuiabá tem sua origem na mesma latitude que o Paraguai. A primeira torrente, que se lhe une pela margem ocidental, é o Cuiabá-mirim, e pela oriental o Rio da Casca: a estes se seguem outros muitos, pequenos, que o fazem navegável por mais de 20 léguas para cima da capital; posto que com muito trabalho por causa das cachoeiras, que não aparecem mais dali para baixo, onde é largo. sua corrente apressada, quase sempre por planuras, que ficam submergidas durante as cheias. É piscoso, e de boas águas; e une-se com o de São Lourenço na latitude de 17° e um terço. Nas proximidades de suas margens criam-se muitas daquelas árvores, a cujo lenho chamam pau-d'alho. Enquanto duram as cheias, navega-se por cima dos campos, onde a corrente é menos rápida, atravessando vastíssimas searas de arroz, anualmente reproduzido pela natureza sem ajutório algum alheio, e sem que as cheias lhe façam dano; porque tanto sobem as águas, como cresce o vegetal; conservando sempre 5 ou 6 palmos fora da água. Recolhe-se, metendo-lhe as canoas pelo meio, e sacudindo-o com um pau, depois de dobrada a espiga para dentro delas. As piranhas, chamadas comumente tesouras, e ainda lancetas, e as arraias são igualmente terríveis; as primeiras em razão dos dentes, as outras por causa dum ferrão que têm na cauda.

Do porto da capital para baixo as mais notáveis torrentes, que se lhe juntam, são o Tutez pela direita, o Carandá, o grande e pequeno Guaxu pela esquerda.

Vila Real de Cuiabá, capital da comarca, considerável, populosa, florescente, e abastada de carne, peixe e frutas; ornada com uma igreja paroquial da invocação do Senhor Bom Jesus, três capelas dedicadas, duas ao mesmo Redentor com os títulos do Bom Despacho, e dos Passos, uma a N. Senhora do Rosário. É residência do Prelado, Bispo *in partibus:* tem Juiz de Fora, e professores régios de Filosofia e Latim. Está situada junta dum ribeiro, obra duma milha arredada da margem oriental do rio, que lhe dá o nome. Todos os edifícios são de taipa, como em São Paulo: as casas chãs, e as ruas principais calçadas.[23]

20Falando com propriedade, devemos dizer, que o Rio Paraguai termina na confluência do Uruguai com 6 léguas de boca.

21Os negociantes de Cuiabá váo trocar as *barras* na Bahia pela estrada de Goiás, ou na Metrópole pelo mesmo caminho, ou por Camapuá. Está averiguado que podem comerciar pelo Rio Tapajós com os do Grão-Pará. Várias estradas lhes restam ainda por abrir: duas para o último Porto, uma pelo Xingu, outra pelos rios das Mortas e Araguaia; e outras tantas para Sao Paulo e Metrópole: primeira pelos rios de Sao Lourenço, Piqulri, Sucuriú e Tietê; segunda sempre por terra através da Bororônia e Calapônla a passar o Paraná entre a confluência do Paranaíba e a

As laranjeiras são aqui multiplicadíssimas, e frutificam excelentemente todo o ano: as melancias, os melões, e os ananases são bons. Cultiva-se mandioca, milho, feijão, algum algodão, e canas-de-açúcar, de cujo suco a maior parte é destilada em aguardente, por ter mais pronto gasto.

Obra de 10 léguas a leste de Cuiabá fica o pequeno Arraial e Freguesia de Santa Ana, numa chapada sobre a Serra de S. Jerônimo, prometendo crescimento. Por qualquer parte que se queira ir a ele, é preciso subir uma ladeira assaz comprida. Seus habitantes criam gado, cultivam mandioca, milho, legumes, canas-de-açúcar, algum algodão, cujo arbusto é às vezes queimado pelo írio, que se faz muito sensível nas noites de julho. Tem-se experimentado que o terreno é apropriado para a cultura do trigo.

Quinze léguas ao sudoeste da capital está o pequeno, e alegre Arraial de São Pedro d'El-Rei, noutro tempo Poconé, assentado sobre uma vastíssima laje, ornado com uma ermida, uma légua arredado do extenso pântano Piranema, que seca no verão, e fica sendo pasto de gado. Todas as casas são de taipa, ou de adobe,[24] alveadas com tabatinga ou cal de pedra. O terreno de seus arredores é vermelho e aurífero. O povo, o habita, e forma um Julgado, bebe de cacimba, por falta de fonte; minera, cultiva víveres, e cria muito gado. Também faz sal, filtrando água por uma porção de terra em bangüês (que são cochos de couros), e fervida depois.

Vila Maria, situada sobre a margem oriental do Paraguai, 7 léguas arriba da confluência do Jauru, em terreno plano e fértil, é ornada com uma igreja paroquial da invocação de São Luís, e abastada de carne e peixe. Muitas circunstâncias lhe prometem para o futuro um crescimento, e esplendor talvez não igualado por alguma outra povoação mediterrânea da América meridional. Seus habitantes, na maior parte índios de várias nações, cultivam milho, mandioca, legumes, arroz, algodão, e criam gado. Já há um engenho de açúcar. Todos se alumiam com azeite de mamona e de piquira, espécie de peixe miúdo, que é multiplicadíssimo e facílimo de apanhar. Paraputanga e Pacu são os melhores pescados do Paraguai, e seus primeiros confluentes.

Defronte está a Real Fazenda da Caiçara, onde se cria numeroso gado vacum, e também cavalar, e onde se tem morto grande número de tigres.

As ermidas de N. Senhora do Livramento, na estrada de Mato Grosso; a de N. Senhora dos Prazeres, perto das cabeceiras do Cuiabá; a de Sto. Antônio, abaixo da capital junto ao mesmo rio, e outras, são como paróquias dos povos que habitam aqueles distritos. Junto ao porto da capital, na margem oriental do Cuiabá, está uma Ermida de S. Gonçalo de Amarante.

Junto à margem esquerda do Rio Jatobá, ramo do de S. Lourenço na estrada de Goiás, está a Aldeia da Boa Vista, assim chamada da sua vistosa situação sobre um alto, e cujos habitantes cultivam víveres, e bebem do rio, que se passa numa ponte.

Ainda existem várias hordas de indígenas (todas da nação Bororó, segundo dizem) dispersas dentro dos limites desta comarca e da precedente: uma é designada pelo nome de Coroados; outra de Barbados, por fingirem bigodes com certa tinta.

Das nações indígenas, que os conquistadores acharam, a única digna de memória foi a dos Paricis que eram alvos, bem figurados, afáveis, e ainda mesmo afeiçoados aos mesmos cristãos. Deles com os brancos e africanos descende boa parte dos mamelucos e curibocas, que fazem o grosso da povoação: sendo rarís-simos, e esses bem anosos, os que ainda se encontram sem mescla: todos de bons costumes, e mui respeitados.

Catadupa de Urubu Pungá. A derradeira terá seguramente 80 léguas de menos que a atualmente praticada por Vllaboa.

22 Adobe é um tijolo mui grande, cozido ao sol.

BORORÔNIA

Esta comarca, à qual deram o nome os índios bororós, que ainda a dominam na maior parte, tem ao norte a Tapiraquia, ao poente a do Cuiabá, ao sul a Camapuânia e ao nascente a Província de Goiás, de que é saparada pelo Rio Araguaia, como se disse. Tem 120 léguas de comprimento norte-sul e largura proporcionada, ainda que muito irregular.

Os povos que lhe deram o nome, os guatós e os bacairis, são os seus atuais possuidores. Os primeiros, que são os mais numerosos, posto que assaz diminutos em comparação do que eram no princípio da conquista, estão repartidos em várias hordas ou tribos designadas entre si com diversos apelidos.

Os guatós, que possuem a parte meridional, são nossos amigos, grandes nadadores, pescam a flecha, e têm grande número de canoas, em que sobem até às nossas povoações. Arco, flecha, e um chuço ou grande lança, são as suas armas: uma cinta larga dum tecido de tucum é o vestuário comum a ambos os sexos: as mulheres prendem-lhe um avental, que lhes cobre meia coxa: uma pele, comumente de onça, é a sua cama. È gente mui preguiçosa: mel e caça fazem parte da sua subsistência.

Os bacairis, que ocupam as terras vizinhas ao Rio das Mortes, fazem uma continuada guerra a todo o gênero de quadrúpede e de ave, seu principal alimento. Até hoje não tem este povo feito hostilidades aos cristãos. Diz-se que são alvos e afáveis: razão por que os supõem ser uma horda de Paricis.

Rios e Lagos — O Rio de São Lourenço, que principia na latitude de 15º, ou com alguma diferença, é já considerável, quando atravessa a estrada de Goiás. Depois recolhe pela esquerda o Paranaíba, que traz consigo o Sucuri, cujas origens ficam também muito ao norte da mesma estrada. Pouco abaixo desta confluência, onde fica caudaloso, forma uma cachoeira, que é a última, e continua ao sudoeste por terrenos rasos, aumentando consideravelmente até se incorporar por duas bocas com o Paraguai, que não lhe é superior. O canal oriental é designado com o nome de Rio Chaynez.

Obra de 10 para 12 léguas acima da foz do Cuiabá se lhe une pela esquerda o Rio Piquiri, que é maior, e tem suas cabeceiras na raia da Caiapona, perto das do Sucuriú; o Piquiri recolhe pela direita o Rio Piaugui ou Hipiaugui, que principia nas mesmas paragens; e pela esquerda recebe o Itiquira, aliás Itaguira, cuja origem fica próxima à do Jauri-guaçu, que é um ramo do Taquari, já mencionado.[28]

O derradeiro tributário notável do Rio de S. Lourenço é o Rio Claro, que se lhe junta pela esquerda 4 léguas abaixo do Cuiabá. O Paranapetinga, Tiquinitó são ainda ramos do mesmo, e unem-se-lhe entre as embocaduras do Paranaíba e Quiquiri.

O Rio das Mortes, que tomou este nome por causa da muita gente da primeira bandeira, que na sua margem morreu de febres, tem suas numerosas cabeceiras ao sul da estrada cuiabana. Corre ao nordeste a desaguar caudaloso no braço ocidental do Araguaia, quando forma a Ilha de Santa Ana. Dá navegação extensa para o interior da província. O Roncador, os dois Sangradores, grande e pequeno, são as mais remotas origens deste rio. O primeiro, que é o mais ocidental, dista pouco dum ramo do mencionado Sucuri. Entre os Sangradores há um lago espaçoso, designado com o nome de Lagoa grande.

O Rio do Peixe, formado pelo Raizama e Taquaral, que também atravessam a estrada cuiabana, ainda pequenos, corre ao setentrião, e vai engrossar o

23 Ha poucos anos navegou um explorador pelo Plqulrl acima 7 dias, e nao encontrou cachoeira alguma. Sertanlstas antigos disseram qiue pode fazer-se pelo Sucuriú e Plqulrl a navegação de Porto Feliz para Cuiabá. O certo é que a viagem da íoz do Tietê a do Cuiabá é mais dum terço menos extensa, que a de Camapuânia.

mencionado Rio das Mortes, se é que não desemboca no Araguaia, segundo algumas cartas.

Sete léguas arredada do Araguaia, junto duma ribeira e da mencionada estrada, está a Aldeia da Insua, com um registro. Na sua vizinhança há Caldas.

Na margem esquerda do Rio das Mortes existiu uma aldeia com o nome de Amaro Leite, seu fundador: desapareceu depois que se endireitou a estrada mais pelo sul.

JURUENA

Tem esta comarca ao norte a Mundrucânia; ao ocidente os Rios Guaporé e Madeira; ao sul a de Mato Grosso; ao oriente o rio que lhe dá o nome; 110 léguas com pouca diferença de norte-sul, e muito mais de leste-oeste.[26] É país muito pouco conhecido dos cristãos, e dominado por várias nações de índios bárbaros. Os pamas, que possuem uma considerável porção sobre o Madeira, são brancos: os Tamarés dominam as adjacências do Rio Juina, primeiro ramo notável dos que engrossam o Juruena pela margem ocidental; os Pacaás vivem ao norte dos derradeiros; os Sarumás mais ao setentrião, encostados ao mesmo Juruena, e mais abaixo os Uaiás.

O Rio Juruena (que dizem tomara o nome duma nação) tem sua origem pouco ao norte da do Jauru; dirige-se ao setentrião, e incorpora-se por duas bocas com o Arinos, entre os paralelos de 9º e 10° austrais. O seu grande volume, maior que o daquele, mostra ser grande o número dos que se lhe juntam. Ainda não navegaram por ele distãos. Os que o observaram na sua embocadura, dizem ser de águas mais claras, e formar várias ilhas no álveo da porção que avistaram. Sai por entre dois *serrotes* de pouca elevação. A ilha, que medeia entre as suas duas embocaduras, é de mediana grandeza, e altura razoável.

O Rio Jamari e o Giparaná são os maiores, que saem desta comarca para o Madeira. O primeiro principia nas faldas setentrionais da Serra dos Paricis, no território dos índios guariterés, onde tem o nome de Rio das Candeias: rega as terras dos Camararés, que dão nome a um dos seus principais ramos, e deságua obra de 14 léguas abaixo da Cachoeira de Santo Antônio. Dizem ter uma catadupa dois dias de viagem acima da sua foz, e passar por terrenos auríferos.

O Giparaná, por outro nome Rio do Machado, principia a leste do Jamari, segundo dizem, também na falda dum ramo da mesma serra, e começa logo a engrossar com várias ribeiras, que regam os territórios de diversas nações selváticas, e sai também ao Madeira obra de 8 léguas abaixo daqueloutro. Nas suas adjacências há salsaparrilha e cacauzeiros.

Duas léguas abaixo da foz do Jamari está o desaguadouro do Lago Tucunaré, pouco arredado da margem do Madeira.

O Rio Sotério e o Pacanova saem do lado austral da mencionada Serra dos Paricis, e deságuam no Itenez, o primeiro 11 léguas abaixo do Ubaí, o outu 21 mais adiante.

Ao longo do Madeira, e do Itenez, onde só é bem conhecido, abunda de todo o gênero de caça.

Entre outras árvores notáveis, que se encontram nos grandes matos adjacentes aos últimos rios, há uma espécie de palmeira, chamada Ubuçu, de cuja flor se tira um casulo fibroso, elástico, e entretecido de sorte que parece obra de trama, e serve de carapuça aos índios: o *curagiru* dá uma boa tinta encarnada: os cedros são comuns, corpulentos, e inúteis como as outras muitas e excelentes madeiras, por falta de povoação.

24 Entre a Cachoeira das Pederneiras e a das Araras, na latitude de 9" e 3 quartos, onde o Rio Madeira curva pelo poente, há uma ponta na margem oriental defronte da boca do Rio ABunã, do qual toma o nome, e é a terra mais ocidental do Brasil.

Nesta comarca está o Forte do Príncipe da Beira, revestido de cantaria com quatro baluartes, principiado no ano de 1776, sobre a margem direita do Itenez, ou Guaporé, uma légua abaixo da foz do Tunama, em 12° e 1/3 de latitude austral, e uma milha acima do sítio, onde o primeiro governador da província edificara o da Conceição. O terreno jamais é inundado pelo rio, apesar de suas grandes cheias subirem aqui a trinta pés, e alagarem grande porção do terreno fronteiro, o que faz que a sua guarnição experimente febres. Contam 110 léguas deste forte até à capital, e pelo rio 190; tão consideráveis são as suas tortuosidades.

Junto deste forte há uma populosa aldeia de índios cristãos: e em pouca distância para cima outra chamada *Leonil,* com os mesmos habitadores, que fabricam excelente louça de cozinha. Todos cultivam diversidade de víveres, pescam, e caçam.

Obra de 5 milhas abaixo da confluência do Guaporé com o Mamoré, sobre a margem do Rio Madeira, junto à Cachoeira do Ribeirão, está a nova Paróquia de São José. O povo, que a habita, compõe-se de índios de várias nações, com alguns brancos; e vive abastado de peixe, caça, e víveres do país. Podem-se ajuntar aqui algumas produções das que giram no comércio.

ARINOS

Esta comarca, à qual deu nome o rio que a rega, e divide em duas partes mui desiguais, confina ao norte com a Tapajônia, ao poente com a Juruena, ao meio-dia com a do Cuiabá, e ao oriente com a Tapiráquia. O seu comprimento de norte-sul é igual ao da Juruena; a largura de leste-oeste anda de 80 a 90 léguas. O vulgo designa uma porção da parte mais meridional com o nome de Varges ou Vargeria, onde, há largos anos, se estabeleceu uma colônia de aventureiros, que pouco depois abandonaram seus lares, obrigados da má vizinhança dos indígenas, e pouco produto das minerações.

É país mui pouco conhecido; porém sabe-se que é aurífero; regado de grande número de rios, segundo observaram os que têm navegado pelo Arinos, e Tapajós, que os recolhe quase todos: sabe-se também que tem montes, e soberbas matas.

Das nações, que o dominam, são bem conhecidas a dos Bacuris, que possuem o primeiro território regado pelo Rio Arinos; e a dos Mambarés, que vagueiam peias terras atravessadas pelo Rio Taburuina, primeiro confluente notável do Juruena pela margem oriental. Os Apiacás ocupam o centro da comarca, e têm uma aldeia com casas altas sobre a margem direita do Rio Arinos. É gente bravia; vive da caça, e da pescaria. Com machados de pedra preparam a madeira para fatura das casas, e das canoas que também possuem. Ao norte dos derradeiros vivem os Cabaíbas, que falam o mesmo idioma. Espera-se, que estes povos, em começando a experimentar as vantagens dos instrumentos de ferro, e do vestuário, e que só os podem haver dos navegantes deste rio, aquietando-se, e comunicando de boa fé com eles, não só lhes facilitem a nova navegação; mas concorram para o seu florescimento; até mesmo abrindo comércio com algumas produções do país em câmbio daqueloutros objetos.

O Rio dos Arinos, que tomou o nome duma nação hoje desconhecida, principia perto das origens do Paraguai, e deságua no Amazonas com o nome de Tapajós. Em 1805 fez por ele João Viegas quase a mesma viagem do descobridor o Capitão João de Sousa e Azevedo; e em 1812 desceu também por ele Antônio Tome de França, o qual subiu no ano seguinte pelo mesmo rio com a sua frota carregada na cidade do Pará; sendo o primeiro, que fez esta viagem, sem dúvida menos laboriosa, e muito mais curta, e breve que pelo Rio Madeira.

O primeiro rio considerável, que se une ao Arinos pela margem direita, é o Rio Preto, que nasce entre o Paraguai e o Cuiabá; e pela esquerda o chamado

Sumidor, cuja nascença fica pouco ao norte da do Sipotuba. Deram-lhe este nome, porque depois de muitas léguas esconde-se por baixo dum rochedo e torna a aparecer a pouco espaço. Uma canoa, que se soltou da banda de cima, saiu ilesa na outra. O Capitão João de Sousa desceu pelo Sumidor, e os outros pelo Rio Preto; embarcando nele em uma paragem, que fica obra de 3 léguas distante do Arraial Diamantino. Não sabemos a causa por que nenhum destes navegantes desceu pelo Arinos, que, quando recolhe o Rio Preto, é maior que este. Todas as canoas, em que navegaram, foram feitas de troncos de árvores criadas nas margens destes mesmos rios; por onde se pode julgar quanto o terreno é substancioso, e apropriado para a agricultura. Em 28 horas de navegação, feita em 4 dias, da barra do Rio Preto até à do Sumidor, encontrou o Viegas, 19 torrentes ainda anônimas, e quase todas à direita; a maior das quais tem 10 braças de largura, e fica poucas léguas acima da embocadura do Sumidor, que é pouco inferior ao Arinos.

Depois de largo espaço, perde o nome incorporando-se com o Juruena, e formando ambos o Tapajós, verdadeiramente Tapaió, uma nação deste nome, que habitava suas margens mais para o norte.

O primeiro rio considerável, que se lhe une pela direita, depois que tomou o nome de Tapajós, é o Rio Azevedo, assim denominado do seu descobridor, e tem 16 braças de largura.

Em distância considerável abaixo, encontra-se, também à direita, a embocadura doutro com 30 braças de largo. A pouco espaço dois morros fronteiros, e pouco distantes, o estreitam; e uma ilha alta o reparte em dois canais de 8 a 10 braças de largura, e igualmente rápidos. Com 3 horas de viagem encontra-se uma cachoeira de considerável altura, cuja zoada e evaporação a anunciam a quem dela está ainda longe. Segue-se a embocadura doutro, ao menos aparentemente, igual ao mesmo Tapajós, que fica mui largo; porém imediatamente é reduzido por dois morros laterais, a pouco mais de 100 braças de largura, que também logo perde, alargando para mais do ordinário; e recolhe também pela direita outro com 30 braças de largo, profundo, apressado, e de águas anegradas. É navegação de 3 horas de barra a barra. Nas praias destas paragens acham-se em grande quantidade de ovos de cagados bracajás.[27]

Na margem do Rio Preto, no lugar onde as canoas aportam, está principiando uma povoação para comodidade dos navegantes do Tapajós.

TAPIRÁQUIA

Esta comarca, à qual se derivou o nome duma das nações, que a ocupam, tem ao norte a Xingutânia; ao poente o Rio Xingu, que a separa da dos Arinos; ao sul a Bororônia; e ao oriente o Rio Araguaia, que a divide da Nova Beira. Tem o mesmo comprimento que a dos Arinos de norte a sul, e 60 a 70 léguas de leste-oeste.

À exceção da raia oriental, ao longo do Araguaia, o resto do país é incógnito, por falta das relações dos que nele entraram em outro tempo. Entre outras nações, que o dominam, nomeiam-se os Guapindaias, os Tapiraqués ou Tapirapés, que lhe deram o nome, os Ximbiuás, os Aracis ou Araés.

A parte meridional é regada por vários rios: os mais nomeados são o dos Bois, o Baraú, o das Traíras, e o Xanaci; todos ramos do grande Xingu; mas

25 Um dos primeiros sertanlstas, que andaram por este país em busca de ouro, entre outros muitos rios encontrou um que denominou Rio Preto, o qual parece ser diverso do em que Viegas e França embarcaram; e outro, ao qual por desaguar por três bocas chamou Rio das Três Barras. Querem alguns que estes três derradeiros confluentes do Tapajós sejam os braços do das Três Barras: mas o Viegas nota que o setentrional é de águas pretas; o que parece provar não ser ele o membro dos outros.

não se sabe qual seja a sua principal cabeceira. Os que principiam mais a leste, formam o Rio de São João, que deságua no Araguaia, obra de 16 léguas ao norte do Rio das Mortes. Ao sul da sua embocadura há uma grande lagoa que comunica com ele, e com o que o recolhe enquanto cheios. Não longe das suas cabeceiras, segundo contam, está o célebre, e encantado descoberto dos Martírios, atribuído ao famoso Bartolomeu Bueno, quando pela primeira vez entrou nas terras dos índios aracis; e que, segundo dizem, tomou o nome de alguns instrumentos, que tiveram uso na Paixão do Redentor, toscamente figurados num rochedo tantas vezes procurado depois, e sempre debalde.[28]

Pouco mais de 20 léguas abaixo do Rio de São João sai o das Vertentes, que vem de longe, e passa junto dum monte em grande parte escalvado.

Um pouco ao norte da reunião dos dois braços do Araguaia, que formam a grande Ilha de Santa Ana, está a embocadura do Rio da Ponta, que dizem não ser considerável: e pouco mais abaixo a do Rio dos Tapiraqués, assim chamado por se formar no território dos índios do seu nome.

Ao norte do Rio dos Tapiraqués, sobre a margem do Araguaia, no espaço de 24 léguas, se fundaram as 3 aldeias Lapa, Almeida, e Semancelhe, para habitação de várias famílias do Gentio Ximbiuá, reduzidas à paz no ano de 1775: as quais, passado pouco tempo, tornaram ao seu natural modo de viver. É gente apaixonada pela caça e pescaria, donde tiram o forte da sua subsistência.

Os primeiros sertanistas, que entraram nestes territórios, matando algumas perdizes, acharam-lhes granetes de ouro nos papos; prova de que o há em mais, ou menos conta; e encontraram veados brancos, e abundância de caça, de outras diferentes espécies.

À primeira vista parece que só copiosas minas de ouro, ou prata, das quais ainda não há certeza, poderão fixar colônias nesta, e nas duas derradeiras comarcas, que aliás pelas suas longitudes deverão continuar séculos no mesmo estado em que se acham. Porém a fertilidade dos territórios, a facilidade do transporte das produções pelos grandes rios, que as fertilizam; a quina há poucos anos descoberta nas cabeceiras do Rio Cuiabá, e que não pode deixar de aparecer nas dos que correm contra o setentrião; o cacauzeiros, as pucheiris, ou árvores do cravo, as do pechurim, que fazem a riqueza das províncias limítrofes do norte, e devem prosperar ao menos nas partes setentrionais destoutras, não falando da prodigiosa colheita, que se pode fazer do algodão, são conveniências para atrair colonos e fazer um povo abastado.

26 E quem nos certifica a nós, que este celebrado sertanejo nao quis Iludir os seus patrícios, assim como fizeram com os Ignorantes índios, capacltando-os que tinha artes para secar ainda os maiores rios, incendiando à vista deles uma porção de aguardente num prato, por cuja causa o denominavam dali por diante *anhanguerra,* isto é *diabo velho?*

PROVÍNCIA DE GOIÁS

Teve princípio esta província no ano de 1749, sendo até esse tempo uma comarca ou ouvidoria de São Paulo, criada em 1737, e colonizada por mineiros.

A primeira notícia de haver ouro neste território foi dada por Manuel Correia, natural da Vila de São Paulo de Piratininga; o qual entranhando-se pelos sertões na diligência, que o abuso então sugeria, além da presa, trouxe 10 oitavas deste metal, que deu para adjutório dum diadema, com que a devoção dos fiéis coroou a sagrada imagem de Nossa S. da Penha da Vila de Sorocaba: constando dum roteiro, que se lhe achou por sua morte, que aquele ouro havia sido tirado com um prato de estanho no Rio dos Aracis; e que para chegar a ele, passara outro assaz caudaloso. Ignoramos a época deste sucesso.

Sucedeu-lhe, pelos anos de 1607, na mesma diligência, Bartolomeu Bueno, que levou em sua companhia um filho do mesmo nome, com 12 anos de idade; e demorando-se algum tempo na vizinhança do sítio, onde hoje está a capital, observou que as mulheres do gentio Goiá, senhor daquele distrito, se ornavam com folhetas do mencionado metal, tais quais apareciam nas torrentes.

O descobrimento das minas do Cuiabá em 1719 fez recordar a Bartolomeu Bueno Filho (porque o pai era já falecido) o ouro das terras do gentio Goiá: e dando disto parte ao Governador Rodrigo César de Menezes, este o enviou no ano de 1722, com uma numerosa comitiva, e 100 espingardas.

Bueno, perdendo a memória dos sinais, que deviam guiá-lo ao Distrito de Goiás, marchou mais ao sul, e foi ter a um rio, em cuja margem se demorou com a comitiva por alguns dias: e porque ali fizeram uns pilões para preparar algum mantimento, lhe deram o nome de Rio dos Pilões. E averiguando se ali havia ouro, o acharam em boa quantidade. Com este acontecimento houve uma grande desavença entre os companheiros; porque considerando-se extraviados, eram alguns de parecer, que, visto haver ouro no sítio, se demorassem mais tempo, para aproveitá-lo. Instou porém Bueno em procurar o distrito do gentio Goiá; e cuidando-lhe ficasse ainda ao poente, marchou por alguns dias a este rumo até encontrar um rio, ao qual denominaram Rio da Perdição, por se considerarem já de todo fora do rumo de Goiás. Continuando, sem embargo disto, a mesma marcha, encontraram outro maior; e depois deste ainda terceiro, ao qual puseram o nome de Rio das Areias, em razão de correr por um álveo de areia, naquela paragem; e adiantando mais a jornada contra o poente, acharam outro, que denominaram Rio Rico, por causa do ouro que também nele descobriram.[1]

Perdidas de todo as esperanças de encontrar o desejado Distrito de Goiás, retrocedeu Bueno; e depois duma prolongada, e enfadonha jornada, foi ter ao Rio Paraná, onde se considerou ainda mais perdido, por encontrar naquele sertão

1 Assim a ms. História Goiana.
Homens antigos, que pelos an06 de 1770 conversaram alguns companheiros de Bueno, negam que o rio, que de largos tempos tem o nome de Pilões, e é um ramo do Fartura, seja o mesmo a que aquele sertanlsta dera esta denominação, mas sim outro mui diverso, e que é um dos primeiros ramos do Rio Claro, o qual fica grande distância ao sueste destoutro; afirmando que Bueno, quando se perdeu, passara ao sul da Serra Escalvada, no longo de cuja falda setentrional marcharam outros sertanlstas no ano de 1731; os quais, por observarem que este rio corria por um terreno aurifero, se persuadiram ser ele o mesmo a que Bueno chamara Rio dos Pilões: querendo ainda que o Rio da Perdição fique ao nascente daquele, e nao ao poente, como ensina o mencionado ms. O certo é que tanto a carta topográfica da província, como a das digressões de Urbano do Couto, e Francisco de Bulhões, põem o Rio da Perdição multo a leste das cabeceiras do Rio Claro, procurando o sueste; e nenhuma das outras, que eu vi, o põe ao ocidente do atual Rio de Pilões, ramo do Fartura.

sinais certos de gado vacum, que ao depois se conheceu ter vindo da margem do Rio de S. Francisco, buscando melhores pastos.

Depois de 3 anos de diligências frustradas em busca do encantado arranchamento do defunto Bueno pai, chegou o nosso sertanista a S. Paulo com uma parte da sua comitiva, havendo sepultado a outra, mortos uns de doenças, outros de desastres.

A pouca idade de Bueno quando acompanhara seu pai ao mencionado distrito, e 50 anos de intervalo, desculparam-lhe o mau sucesso; e como era homem de probidade conhecida, o mesmo Governador o tornou a enviar ao mesmo descobrimento com todo o socorro necessário, no que foi mais bem sucedido; porque depois de alguns meses de marcha por sertões sem caminhos, encontrando a cada passo torrentes (quando não eram outros obstáculos piores), que lha demoravam, chegou a uma bocaina, duas léguas e meia distante do lugar onde hoje está a capital; e achando indícios de que naquele sítio já haviam estado portugueses em outro tempo, fez ali rancharia.

Apanhados dois índios anciões (que logo se conheceu serem da nação Goiá), e inquiridos se sabiam do lugar, onde noutro tempo estiveram homens brancos arranchados, responderam que não estava longe: e levantando o alojamento guiados pelos dois indígenas, foram ter ao lugar, onde hoje está o Arraial do Ferreiro, que Bueno logo conheceu ser o sítio, onde estivera com seu pai; ainda que eram passados tantos anos; e logo nele se estabeleceram para fazer as averiguações respectivas ao projeto da jornada.

Tornou o afortunado Bueno à pátria com a notícia de ter achado o lugar, que procurava, e nele 5 torrentes, todas com bastante ouro, do qual apresentou uma porção assaz considerável: em conseqüência do que voltou logo à sua colônia com o emprego de Capitão-mór regente no ano de 1726.

Chegado ao seu novo arraial, cuidou logo no modo de viver em paz e boa harmonia com o mencionado Gentio, único naquele distrito, e do qual vem o nome à província. Porém temendo este que se lhes armasse alguma traição, como haviam praticado os outros, que ali apareceram largos anos antes, foi postar-se armado no lugar, onde hoje se vê o Arraial da Barra. Porém usando Bueno da máxima de lhe prender algumas mulheres, logo pediram paz, oferecendo-se-lhe para irem mostrar os sítios onde havia maior quantidade de ouro, que eram onde agora chamam Ponte do Meio. E com efeito, logo nas primeiras bateadas se tirou uma, que apurada deu meia libra de ouro. Todos trabalhavam contentes sem inveja aos de Cuiabá.

Esta notícia, e a dos perigos, a que se expunham os que passavam ao Cuiabá, fez acudir tanta gente no decurso de dois anos, que os mantimentos, com que diariamente chegavam carregados numerosos comboios de S. Paulo, para onde só havia estrada, não eram bastantes para sua subsistência. Tudo se vendia por um preço exorbitantíssimo. Um alqueire de milho custava seis e sete oitavas de ouro; o de farinha de mandioca dez: uma vaca de leite, que ali apareceu, comprou-se por duas libras do mesmo metal: e um porco por vinte oito. Quem não queria dar duas oitavas de ouro por uma libra de açúcar, ficava sem ela, e tudo o mais à proporção. Os recoveiros enriqueceram: para tanto, e muito mais rendiam as minerações.

Muitos fizeram bouças e lavouras para suprir com as produções a falta, que padeciam, de víveres; e para não se desaperceberem tão sensivelmente do rendimento do seu insano e continuado trabalho. Os que se resolveram a este nobre sólido, e inocente modo de vida, ajuntavam com menos dispêndio tanta quantidade de ouro (então única moeda corrente no país), como os próprios mineiros.

Esta província, que é a central, e uma das maiores do Estado, confina ao norte com as do Pará e Maranhão, ao poente com a de Cuiabá, da qual é separada

pelo Rio Araguaia; ao meio-dia com a Camapuânia, e com a Província de S. Paulo; ao nascente com a de Minas Gerais e Pernambuco, das quais é separada por uma cordilheira lançada norte-sul, pedregosa, escalvada, e que só dá passagem nas maiores quebradas, denominadas boqueirões: tomando cada porção seu nome particular; sendo as setentrionais as mais elevadas. Seu comprimento é 200 léguas, com pouca diferença, contadas da confluência do Araguaia com o Tocantins, até à do Rio Pardo com o Paraná, e a largura proporcionada. Jaz entre os 6º e 21° de latitude austral. Só chove enquanto duram as trovoadas, que principiam em outubro, e findam em abril.

A face do país quase geralmente desigual, e em poucas partes montanhosas, é quase por toda a parte coberta de mato carrasquento, a que chamam catingas. O terreno só é fecundo onde há bosques, dos quais não é abundante; se excetuarmos os distritos da capital Meia Ponte, Pilar, e Santa Luzia, pelas margens do Rio Corumbá, admira-se o chamado Mato-Grosso, de 9 léguas de largura na estrada de Meia Ponte para a capital no centro deste intervalo, e cujo comprimento estende-se do Rio das Almas até o centro da Caiapônia.

MINERALOGIA — Ouro, diamantes, cristais, granito, pedra calcárea, minerais de ferro, lousas, sal-gema, diversidade de argilas.[2]

ZOOLOGIA — Abunda de gado vacum: as cabras são poucas, e quase inúteis; as ovelhas pouco mais numerosas e úteis, porque ainda não se lhes aproveita bem a lã, com a qual podia já haver alguns ramos de indústrias: dos porcos pouco mais se criam do que os necessários para o consumo do país: criam-se também cavalos, entre os quais os do Paraná são os melhores. Os veados, por toda a parte numerosos, fornecem com suas peles um ramo de comércio. As onças, antas, porcos do mato, lobos, ou guarás, macacos, tamanduás, raposas, cotias, quatis, pacas, com outras muitas espécies de quadrúpedes comuns às províncias convizinhas, são aqui mui conhecidas, e geralmente perseguidas: dumas apro-veita-se-lhes a carne, doutras a pele, e de algumas uma e outra. As perdizes, e emas encontram-se freqüentemente nos descampados: os mutuns habitam nos bosques, e com seu lúgubre canto chamam o caçador, que não lhes perdoa: conhecem-se bem os tucanos, os pombos trocazes, as aracuãs, as arapongas, os jacus. Grande parte destes viventes morrem freichados pelos selvagens, que os comem sem sal, nem algum outro tempero.

FITOLOGIA — Há variedades de plantas medicinais; diversidade de palmeiras; árvores que dão casca para cortumes, boa cinza para decoadas: conhecem-se os grandes jatobás, que suam a goma copai; os angicos que dão outra alambreada: o pau-brasil, e o estimado sebastião-de-arruda, são quase inúteis por causa da grande distância, em que ficam dos portos. A planta do tabaco recompensa bem o trabalho, quando cultivada em terreno substancioso, ou bem estercado. Do fruto das mamoneiras se extrai azeite para luzes. O algodoeiro prospera em muitas partes, e a sua lã fomenta um ramo de indústria, que começa a variar a benefício do povo. As canas-de-açúcar são cultivadas em vários distritos, e entretém muitos engenhos; do seu suco a maior parte é reduzida à aguardente e rapaduras. Farinha de mandioca, milho, e legumes são as mais abundantes produções da agricultura. Por toda a parte é conhecido o fruto do araçazeiro, e ananaseiro; da mangabeira, goiabeira e bananeira: as jabuticabas são graúdas, e os ambus de várias qualidades; as laranjas e melancias são boas: as marmeladeiras multiplicadas em alguns sítios meridionais, seu fruto do tamanho e forma de laranja, e até com

2 O maior Quinto foi de 169.800 oitavas de ouro em 1753; e o menor de 11.899 em 1807. Alguns mineiros pretendem que este metal está quase exaurido; e por certo que a diminuição é visível: porém homens Inteligentes assentam que aqueles até agora nao têm feito mais que arranhar a terra, e que as verdadeiras minas estão ainda intactas no centro dos montes, que sao as verdadeiras mães dos metais: e que o ouro, que se tem achado nos rios, e campos, foi o que na antigüidade estava à superfície dos montes donde desceu com as águas das chuvas, que diariamente os diminuem.

casca grossa, mas anegrada quando maduro, tem uma polpa agridoce e desenfastienta, que faz lembrar a marmelada, com cujo nome é conhecido. As maçãs não lisonjeam a vista, nem o paladar: os marmelos são pequenos, e mui insfpidos; porém faz-se deles boa quantidade de doce. As videiras tomam um crescimento e grossura notáveis em muitos distritos, e frutificam abundantemente duas vezes no ano: com as uvas da estação seca se faz vinho, que ainda não é passageiro: as do inverno só servem para vinagre, que supre bem o europeu. A planta da cochonilha é conhecida, e inútil por toda a parte; e o terreno mui apropriado para o anil em vários sítios; mas ainda não começou a sua cultura. As produções destes dois vegetais, em razão da sua preciosidade, são as únicas, que os agricultores podiam conduzir aos portos marítimos com interesse considerável e seguro. Dizem haver também as árvores do incenso, sene e maná, campeche, e uma espécie de ruibarbo.[8]

Ouro e gado são os únicos objetos de exportação, que introduzem no país que o luxo e as necessidades da vida requerem de fora. Se um pouco de algodão em lã, ou tecido com alguma courama se conduz aos portos orientais, é unicamente por não levar devolutos os animais, que vão buscar as indispensáveis fazendas secas, molhadas, sal e ferro; aliás não pagariam metade das despesas da condução.

Os criadores de gado, e os senhores de engenhos são presentemente os únicos, que podem viver independentes, querendo proporcionar as despesas com os lucros; o mesmo se pode dizer dos mineiros e negociantes, quando são favorecidos da fortuna. Ninguém aqui experimenta fome. A agricultura é proporcinada à população: só a indústria pode fazer crescer uma e outra.

Rios — O Tocantins, o Araguaia, o Corumbá, o Paraná, o Paranaíba, são os principais, e os que recolhem todos os outros, que em grande número regam a província.

A principal cabeceira do Tocantins é o Rio Uruu, que principia na falda meridional da Serra Dourada, pouco distante da capital para o sul; e depois de 20 léguas, ou pouco mais de curso contra o nordeste, perde o nome, confundindo-se com o Rio das Almas, que não lhe é inferior, e desde sua origem na falda dos Montes Pirineus vem procurando o noroeste com igual número de léguas. Este, depois de 25, ou com pouca diferença, contra o nordeste, perde também o nome, unindo-se ao Rio Maranhão, que lhe é pouco inferior no volume e extensão, e cuja cabeceira principal está na Lagoa Formosa, à qual dão 4 léguas de comprimento, e meia de largura. Seu curso é ao noroeste, e coisa de 3 milhas antes de se juntar com aquele, na passagem para o Arraial de Água-quente; tem 160 braças de largura; e um pouco acima corre por um álveo de rocha tão apertado, que só tem 50 pés de largo. Nesta confluência onde fica assaz caudaloso, endireita para o norte, descrevendo pequenas tortuosidades, e engrossando sensivelmente com os muitos, que se lhe unem especialmente pelo lado oriental.[4]

Quarenta léguas abaixo daquela confluência se lhe junta pela margem direita o grande Paranatinga, que toma este nome 8 léguas acima da sua embocadura na confluência do Rio Paranã com o da Palma, que vem da raia; o derradeiro procurando o poente, o outro, que é muito maior, o noroeste, desde sua origem na

3Em setembro de 1812, aprovou S. A. o príncipe Regente N. 8. o plano para o estabelecimento duma sociedade de comércio entre esta província e a do Pará. O fundo nao deve ser menor de cem mil cruzados. O estabelecimento de armazéns, e presídios nos sítios mais apropriados com outras providências, que váo tomar-se para facilitar a navegação do Maranhão e Tocantins desde Arroios até Porto-Real, onde quase terminam os obstáculos, que a dificultavam dali para cima, não podem deixar de efetuar os vantajosos projetos. Aos sócios, que entraram com dez mil cruzados, concede-se, além de outras graças, uma sesmarla de meia légua de terreno em frente, e mela de fundo, na margem do Maranhão, Tocantins, e Araguaia: e aos que forem estabelecer-se quer nas margens, quer nos sertões daqueles rios, concede-se a Isenção dos dízimos de suas culturas, e doe direitos de entrada nos gêneros de comércio navegados pelos mesmos rios.
4Pouco abaixo da confluência do Rio das Almas com o Maranhão, quando este atravessa uma cadela de colina, está a grande catadupa do Facão, que nem deixa descer as canoas.

Serra do General, atravessando um terreno doentio, e abundante de pastos, onde se cria grande quantidade de gado vacum e cavalar.

Na confluência do Paranatinga, que se crê estar na latitude de 12° e um terço, toma o Maranhão o nome de Tocantins, e o conserva até se perder no Oceano abaixo da cidade do Pará. Perto de 20 léguas ao norte daquela confluência deságua na margem esquerda o considerável Canabrava; e um pouco abaixo pela direita o considerável Rio de Manuel Alves, que sai da Serra do Duro, porção da cordilheira que limita a província, e traz consigo as águas de muitas ribeiras, que se lhe unem por um e outro lado no espaço de 40 léguas, que lhe dão de curso. Um pouco ao norte sai na esquerda o abundante Rio das Tabocas, que tem suas cabeceiras junto da Serra do Estrondo.

Obra de 40 léguas ao norte do mencionado Manuel Alves, entra também na margem oriental o Rio do Sono, assaz volumoso; e depois de pouco mlaior distância sai outro de Manuel Alves, maior que o primeiro do mesmo nome, e serviu até agora de limite setentrional à parte oriental da província.[6] Ambos estes rios vêm da raia atravessando terrenos povoados de gentio malfazejo. Pelo penúltimo subiu no princípio uma companhia de curiosos com o intuito de explorar, em tão má hora, que nunca mais houve notícia deles; o que fez dar ao rio o nome que o designa.

Poucas milhas abaixo da confluência do Rio de Manuel Alves (o setentrional) descreve o Tocantins uma considerável reviravolta quase circular pelo oriente. tornando mui perto do lugar onde de repente mudou de rumo, e imediatamente descreve outra em contrário pelo poente, formando duas penínsulas, a primeira de figura circular, a outra em forma de adarga ou oval.

Perto de 30 léguas abaixo na latitude de 6º, se lhe incorpora pela esquerda o Araguaia, ainda mais volumoso, com o qual fica assaz largo e aprazível, e continua ao setentrião, descrevendo menores tortuosidades, e alargando. Quando passa pela Vila de Cametá, tem já 3 léguas de largura. A maré sobe mais de 60 léguas até não mui longe da paragem denominada Itaboca, que quer dizer pedra furada, onde o rio forma, em curto espaço, três cachoeiras, que obrigam a descarregar as canoas, tanto na subida como na descida. O roteiro de Manuel de Oliveira Bastos conta 29 léguas da confluência do Araguaia até Itaboca, e desta paragem até Cametá 34. O Paratinga, que chega a 8 pés de comfprirrtento com grossura proporcionada, e o Jaú são os maiores pescados do alto Tocantins, que, segundo dizem, não é piscoso.

O Araguai, ou Araguaia, é quase tão extenso como a mesma província, à qual serve de limite ocidental, como se disse, desde a embocadura até à origem da sua principal cabeceira, que fica nas vizinhanças da do Hipiaugui, e diz-se ser o Rio Bonito, o qual, depois de recolher pelo lado ocidental o Rio dos Barreiros, e pelo oriental o Caiapó, toma o nome de Rio Grande, com que é designado quando atravessa a estrada do Cuiabá.

O primeiro rio considerável, que se lhe junta pela direita depois de ter atravessado a mecionada estrada, é o Rio Claro, que vem do sueste, e traz consigo o Rio da Fartura, cuja origem fica próxima à do Uruu.

5 Motivos plausíveis têm ultimamente feito estender a província para o norte do Rio de Manuel Alves, a fim de se efetuar a empresa dos estabelecimentos para o melhoramento da agricultura, e povoação nas adjacências orientais do Tocantins, debaixo dos auspícios dos Governadores da mesma província. Se a empresa prosperar, segundo se deseja, e agoura, os habitantes do acrescentamento, passados tempos, naturalmente hao de esquecer-se da capital, querendo fazer corpo com o povo, que lhes consome as suas produções, e os fornece do necessário, que n&o lhes pode vir de Vila Boa: hao de querer ser diocesanos do Bispo, a cuja presença podem fazer chegar seus requerimentos em poucos dias; h&o de preferir para decisão de seus litígios a Relação do Maranhão, onde podem apresentá-los em poucas semanas, e com pouco dispêndio. O povo deste novo cantão há de fazer ver para o futuro ao Soberano as vantagens, que lhe resultam de pertencer à Província do Grão Pará, a qual, tornando ao antigo e natura.l limite, terá a largura proporcionada ao seu comprimento.

Obra de 40 léguas ao norte recolhe pela mesma margem o Rio Vermelho, que atravessa a capital, ainda pequeno; e poucas léguas abaixo recebe o das Tesouras, de pouco menor volume e extensão que o precedente; e obra de 8 adiante se lhe une o Rio Crixá, pouco maior que os outros. Todos três vêm do sueste, e nenhum com menos de 60 léguas de curso. Pelo central é que se tem navegado até hoje da capital para a cidade do Pará.

Oito ou dez léguas ao norte da foz do Crixá, que também é navegável, e tem salinas na sua vizinhança, se divide o Araguaia, na latitude de 12° e meio, em dois braços pouco desiguais, que se reúnem no paralelo de 9º e meio, havendo formado a Ilha de Santa Ana, aliás do Bananal, de 60 léguas de comprimento, e boa largura: na qual contam haver uma lagoa vasta com desaguadouro, mas não nos declaram para qual dos braços. O ocidental, conserva o nome de Araguaia, o oriental toma o de Furo, e por ele se faz comumente a mencionada navegação. Em ^mbos se encontram cachoeiras, e grande número de ilhas, geralmente pequenas, baixas, e pela maior parte inundadas durante as grandes cheias. As margens do Furo são mais baixas que as do outro braço, por cujo lado ocidental deságua vários rios, que o engrossam consideravelmente: o principal é o Rio das Mortes, que vem do centro da Bororônia com 80 léguas de curso, e deságua 10 ou 12 ao norte da ponta meridional da Ilha de Sant'Ana, em cuja extremidade setentrional as margens do Araguaia se elevam um pouco até à confluência com o Tocantins, onde perde o nome.[8]

O Rio Corumbá tem sua origem próxima à do Rio das Almas, na vizinhança dos Montes Pirineus, corre vasto espaço descrevendo um grande semicírculo pelo oriente (onde recolhe entre outros o Rio de S. Bartolomeu), até chegar ao meridiano, da sua própria nascença, onde recolhe pela direita o Rio do Peixe. Obra de 8 léguas abaixo se lhe une pela esquerda o Rio do Veríssimo, que vem de longe, e traz as águas de outro chamado Braço do Veríssimo. Depois de largo espaço perde o nome incorporando-se com o caudaloso Parnaíba, que serve de raia à Província de Minas Gerais por algumas ilhas até à foz do Rio de S. Marcos, sua cabeceira setentrional, que vem fazendo a mesma divisão em contrário.

Abaixo da embocadura do Corumbá se une com o Paranaíba o considerável Rio das Velhas, cuja principal cabeceira é vizinha da do Andaiá na raia de Minas Gerais.

Muitas léguas abaixo da confluência do Rio das Velhas está a do mesmo Paranaíba com o Rio Grande, limite da província, como se disse.

Nas vizinhanças da confluência do Rio das Velhas recolhe o Paranaíba pela direita o Rio dos Anicuns, que é o mais considerável entre os que se lhe unem por este lado, e tem sua origem no mencionado bosque de Mato Grosso.

Quase todas as povoações desta província existiam já quando ela foi criada, e entregue ao governo do ilustríssimo Conde d'Arcos, D. Marcos de Noronha; e nenhuma (exceto as do meio-dia) deve sua fundação senão ao ouro. A jurisdição do Ouvidor abrangia toda a província até que S. A. R., com o decreto de 18 de março de 1809, a dividiu em duas comarcas, tomando a nova o nome de São João das duas Barras, a outra conservando o da capital. Cada uma delas compreende oito Julgados, incluindo o distrito da capital, única povoação com título de vila até agora.

Na comarca de Vila Boa: Vila Boa, Crixá, Pilar, Meia-ponte, Santa Luzia, Santa Cruz, Desemboque, e Araxá.

6 Nao set se a latitude desta confluência tem sido astronomlcamente observada. Os geógrafos do Pará põem-se (cuido que por Informação dos canoelros) em 5º: As primeiras cartas desta província, às quais me encosto, sem contudo afiançar a sua certeza, trazem-na em 6°: a modernlsslma do curso do Tocantins trá-la em 3» e melo, Isto é, 17 léguas portuguesas ao sul da Vila de Cameté, que, segundo as observações de hábeis pUotos, está em 2° e 34'!

Na de São João das duas Barras: Porto Real, Natividade, Conceição, Arraias, S. Feliz, Cavalcanti, Flores, e Traíras.

Como esta divisão, unicamente dirigida a indicar os limites da jurisdição de cada um, não ajuda nem medianamente a formar idéia do país, sendo extrema a desigualdade,[7] que entre eles se nota, em razão da sua maior ou menor população, pareceu-me acertado seguir a Natureza, que o repartiu em seis Cantões, ou Distritos, sem maior desigualdade, e separados por limites visíveis.

Uma linha tirada da foz do Paranaíba pelo seu álveo até à confluência do Rio Anicuns, águas deste acima subindo pelo Rio dos Bois até à sua nascença, cortando a do Rio das Pedras, e por ele abaixo até o Rio das Almas, que '.a continua com o Maranhão e Tocantins, divide a província em duas partes, oriental e ocidental, que é a maior. Cada uma das quais é subdividida em três grandes distritos, ou províncias menores.

Caiapônia, Goiás, e Nova Beira na parte ocidental. Rio das Velhas, Paranã, e Tocantins na parte oriental.

CAIAPÔNIA

A Caiapônia deriva o nome da nação Caiapó, que de tempos imemoráveis ainda a ocupa. Tem ao norte o Distrito de Goiás; ao poente a Bororônia, da qual é separada pelo Rio Araguaia; ao meio-dia a Camapuânia, de que é dividida pelo Rio Pardo; ao nascente os Rios Paraná, Paranaíba, e Anicuns, que a separam, o primeiro da Província de S. Paulo, os outros do distrito do Rio das Velhas. A raia setentrional corre pelos montes, que se acham no mesmo paralelo da Lagoa dos Pasmados, situada junto ao rio do seu nome, na latitude de 17° e um terço, segundo as informações de Urbano do Couto e Francisco de Bulhões. Dão-lhe para mais de 80 léguas norte-sul, e 50 de largura média.

É a menos conhecida, não havendo ainda nela estabelecimento algum de cristãos. Os caiapós, que a dominam (repartidos ainda, segundo dizem, em várias tribos), têm sido fatais por vezes aos comboios cuiabanos, e invadido a parte setentrional da Província de São Paulo, onde causaram a deserção de muitos estabelecimentos. Andam nus, cobrindo só o que o pejo ensina a ocultar. Além do arco e flecha, armas comuns a todas as outras nações indígenas, usam também de maça com um côvado de comprimento, de pau escolhido, roliça na parte por onde se maneja, e espalmada com forma de remo na outra, toda bem vestida com cascas de arbusto de várias cores, e tecidas à imitação de esteira, e cujo golpe é fatal. Mel, peixes, frutas silvestres e caça são o seu alimento. Os seus alojamentos principais estão nas vizinhanças do Rio Cururu, e pouco arredados da cachoeira de Urubu-Pungá, onde, vão fazer abundantes pescarias.[8]

Os antigos sertanistas encontraram no interior deste cantão vários rios procurando o meio-dia. Seus roteiros falam-nos dum Rio da Perdição, que é o mais vizinho ao dos Anicuns; mas não se sabe se se lhe junta; falam do Rio Turvo, do Rio dos Dourados, do Rio da Galera, do Rio dos Pasmados, que é o mais ocidental, e recolhe alguns dos mencionados, e sai ao Paraná junto à Cachoeira de Urubu-Pungá com o nome de *Cururu:* falam também do Rio Apari, que deságua no mesmo Paraná muitas léguas acima daquela cachoeira; e de dois Caiapós tri-

7O Julgado da capital ficou com 160 léguas de comprimento norte-sul. e largura proporcionada: o da *Conceição* estende-se a leste-oeste duma a outra rala: o do Pilar nao tem 30 de comprimento; o do Desemboque, e do Araxá sao multo menores.

8Ha tempos que os cristãos nao têm recebido hostilidades destes Índios: é de presumir que eles nao compreendido as vantagens de amizade, como os Qualcurus. Indo o R. Dr. João Ferreira, Tesourelro-mor da catedral de Sao Paulo, em 1810, por curiosidade própria do empreendedor gênio paulista, observar aquela famosa catadupa, chegou lá em ocasláo que também eles ali apareceram; e portaram-se como conhecidos ou aliados antigos: receberam agradecldamente as dádivas, com que a liberalidade do generoso viajante os brindou, e deixaram Ir em sua companhia várias pessoas de ambos os sexos, e diferentes Idades.

butários como o precedente, e dele pouco distante, um ao sul, outro ao norte, segundo as cartas levantadas à vista das relações.

O considerável Rio Sucuriú, que desemboca pouco abaixo do Tietê, como se disse, é navegável até perto da sua nascença, que fica ao norte de Camapuã, na raia da Bororônia. Dele rolaram uns sertanistas as suas canoas para o Piqueri, que as levou ao Rio de São Lourenço.

O Rio Verde, que também é considerável, e de águas mui cristalinas e excelentes, dá navegação para o interior duma península formada pelo precedente, e pelo Rio Pardo (limite meridional da província, como dissemos), com o Paraná que os recolhe. A água deste rio, antes de tirada do seu leito, parece tinta verde. Nas suas margens há matos mui formosos, e de boa madeira.

GOIÁS

Este distrito, ainda maior que o precedente, como o qual confina pelo meio-dia, tem ao poente o mesmo limite da província; ao nascente os distritos do Rio das Velhas, e o do Paraná; ao setentrião a Nova Beira, da qual é separada em parte pela Serra do Estrondo, e Rio das Tabocas. A nação, de que se derivou o nome à província, não era a única, que o dominava: ao norte dela vivia o gentio Orixá, do qual os conquistadores deram o nome ao rio, que atravessava o seai território.

Entre outras serras, geralmente de mediana elevação, nomeia-se a Serra Dourada, na vizinhança da capital para o sul, estendendo-se muito para o poente: a Serra Escalvada, que fica mais ao sul com a mesma direção, e grande comprimento; a de Santa Marta, ao sudoeste da precedente; a da Sentinela, que se prolonga em boa distância com o Rio Claro. Este rio, o Vermelho, o das Tesouras, e o Crixá, já mencionados são os principais deste distrito. O segundo. que já dissemos ser ainda pequeno quando atravessa a capital, começa logo a engrossar, e fazer-se navegável com as águas de muitos outros menores, que se lhe juntam por um, e outro lado; como são entre outros o Ribeirão dos Índios, o Taquaral, o dos Tigres, e o Rio da Cachoeira, que saem da Serra Dourada, e se lhe unem pela esquerda. O Rio dos Bugres é a primeira torrente abundante, que se lhe junta pela direita; e o do Ferreiro a segunda.

O Rio do Peixe é um ramo do das Tesouras, e navegável. Na parte setentrional nota-se o Rio das Caldas, que é de curta extensão: sai da lagoa do mesmo nome, e deságua no Maranhão obra de 15 léguas acima do Paratininga.

O Rio de Santa Teresa, e o Cana-Brava, que saem ao Tocantins por uma mesma embocadura comumente com o nome do primeiro, que é o mais volumoso.

Povoações principais: Vila Boa, Pilar, Crixá.

Vila Boa, a princípio Arraial de Sant'Ana, erecta no ano de 1739, grande, populosa, e florescente, é a residência do Governador, do Prelado, que é Bispo in partibus, e também do Ouvidor da comarca, que serve de Provedor das capelas, resíduos, e ausentes, e de Juiz da Coroa. O senado é presidido por um Juiz de Fora, que também serve dos órfãos, e de Procurador da Coroa. Está situada em lugar baixo sobre as margens do Rio Vermelho, que a divide em dois bairros pouco desiguais, e comunicados por 3 pontes. Fica no centro do Estado. Seus edifícios nem são grandes, nem elegantes, nem muito sólidos. Os notáveis são a Igreja Matriz, dedicada a Santa Ana, cinco capelas de Nossa Senhora com as invocações de Boa Morte, Rosário, Carmo, Abadia, e Lapa; outra de S. Francisco; o palácio dos governadores, a casa da câmara, a da contadoria, e a da fundição do ouro. Tem um fortim com duas peças para salvar

nas solenidades, um chafariz, e um passeio público. O calor é intenso durante a seca; porém há virações de noite. Há nela um tribunal denominado Junta da Real Fazenda, com 5 deputados, incluindo o Governador, que é o presidente; os outros são o Juiz, o Procurador da Coroa, um tesoureiro, e um escrivão. Está em 16° e 20' de latitude austral.

A câmara desta vila, cujo rendimento anda por 1.000 oitavas de ouro, tem por sesmaria um círculo em roda da mesma vila com 5 léguas de diâmetro, segundo dizem.

Em distância de meio quarto de légua há uma Ermida de Santa Bárbara.

Cinco léguas ao noroeste está o pequeno Arraial da Barra, com uma Ermida de Nossa Senhora do Rosário, na embocadura do Rio dos Bugres; o seu território é aurífero.

Oito léguas ao mesmo rumo do precedente está o Arraial da Anta, e Freguesia do Bom Jesus com duas capelas de Nossa Senhora do Rosário, e da Boa Morte, situado entre duas ribeiras, que se unem para entrar no Rio Vermelho, e fundado no ano de 1729. O ouro, que lhe deu princípio, ainda não está exaurido; mas ninguém se ocupa na sua extração.

Três léguas ao norte do precedente, junto ao Rio do Peixe, numa planura, está o Arraial de Santa Rita, ornado com uma ermida desta invocação. É atualmente o porto da navegação da capital para a cidade do Pará. O rio deságua na margem esquerda do das Tesouras, e só é navegável durante as cheias.[9]

Vinte e oito léguas ao norte da capital está o considerável arraial, e Freguesia de Crixá, cabeça de Julgado, (fundado no ano de 1734, junto a uma ribeira, e perto de 10 milhas afastado da margem esquerda do rio, que lhe deu o nome, ornado com uma igreja matriz, que tem por orago Nossa Senhora da Conceição, uma Capela de Santa Ifigênia, duas de Nossa Senhora com os títulos do Rosário, e Abadia. A sua população forma quatro companhias, sendo uma de cavalaria, outra de pretos forros.

Dez léguas a les-nordeste de Crixá, perto de uma ribeira, que vai desaguar no Rio das Almas, fica o grande, florescente, e bem situado arraial, e Freguesia do Pilar, cabeça de Julgado, fundado em 1741 com o nome de Papua[10] ornado com a igreja paroquial, cujo orago dá nome à povoação, uma Capela de S. Gonçalo, duas de N. Senhora com as invocações do Rosário, e Mercês, um chafariz e boas ruas. Seus arredores são montuosos.[11]

Defronte está um morro, que se calcula ter dado mais de 100 arrobas de ouro, e de onde se teria extraído muito mais, se se lhe introduzisse água.

Na sua vizinhança, junto à estrada do Carretão, encontra-se uma sorte de hieroglíficos, que representam caras humanas, obra da Natureza, e digna de reparo.

Três léguas ao sudoeste de Pilar, junto ao Rio Moquém, ramo do Crixá, fica o atenuadíssimo Arraial dos Gorinos, com uma ermida, onde concorria numeroso povo enquanto as suas minerações pagavam o trabalho.

Uma légua leste de Vila Boa fica o Arraial do Ferreiro, com uma Capela de S. João Batista. É a mais antiga povoação da província. Deu-lhe nome um ferreiro, que ali ficou exercendo o seu ofício depois que os mineiros o desertaram, para ir minerar em outros sítios.

9 Dez léguas ao norte do Arraial de Santa Rita, perto do Rio das Tesouras, foi fundado em 1755 o arraial do mesmo nome, que foi paróquia de S. Miguel, e floresceu enquanto as lavras renderam: com a falência do ouro decaiu: a esterilidade do terreno, e falta de água anlqulla-ram-no. Hoje cria-se gado por ali. Uma casta de pássaro, a que os descobridores do país chamaram tesouras por terem a cauda com a forma destes Instrumentos abertos, fez que se lhe desse o nome.

10Papua é uma erva abundante no sltlo.

11Seis léguas a leste de Pilar fica a Aldeia de Lavrlnhas, Junto á origem duma ribeira, que depois de três léguas entra no Rio das Almas.

Perto de 2 léguas a leste do precedente, junto a uma ribeira, ramo do rio Uruu, está o pequeno Arraial de Ouro Fino, que tomou nome da superior qualidade do metal da sua faisqueira. Há nele uma capela dedicada a N. Senhora do Pilar.

Cinco léguas ao sudoeste da capital está o arraial e paróquia de São José de Mossamedes, fundado no ano de 1774 para habitação duma numerosa colônia de índios de três nações diversas: Carajás, Javaés, tirados da Província da Nova Beira, e Acroás, que viviam ao nascente da Serra do Paranã, no território onde o Rio Correntes tem suas cabeceiras.

Obra de 8 léguas ao sudoeste de São José, e 13 da capital está Aldeia Maria, junto à margem do Rio Fartura, num terreno plano e lavado dos ventos, fundada em 1781, para estabelecimento de quase 300 índios caiapós, aos quais se agregaram no ano seguinte mais 200 da mesma nação, convidados pela fama do bom tratamento e estimação, de que gozavam os primeiros. Depois chegaram ainda várias malocas, ou ranchadas. Entre eles vinham alguns caciques, um dos quais tinha o cabelo encarapinhado como de mulato. Um coxo e alguns cegos, que vinham entre os mais, provam que esta nação não é tirana com os desfavorecidos da Natureza. No princípio mostraram-se agradecidos aos benefícios, fiéis às suas promessas, e sem notável inclinação ao furto. Alguns aprenderam os ofícios, de que mais se carecia na colônia: as mulheres dentro de pouco tempo fiavam, teciam e cosiam. Esta povoação, que parece devia ser hoje considerável e florescente, acha-se assaz deteriorada em razão da repugnância, que os brancos têm em aliar-se com os indígenas.

Deste distrito é o novo Arraial dos Anicuns, situado junto à margem direita do Rio dos Bois, que ainda não passa de ribeirão. Fica obra de 12 léguas ao sueste da capital; e tem uma igreja dedicada a S. Francisco de Assiz. Seus habitantes são mineiros, e agricultores: os primeiros têm formado uma sociedade para a mineração. O terreno é apropriado para diferentes produções.

NOVA BEIRA

A província ou distrito da Nova Beira fica ao norte da de Goiás, e estende-se para o setentrião por entre os Rios Araguaia e Tocantins a terminar no ângulo da sua confluência, com 130 léguas de comprimento norte-sul, e 40 de largura. A Ilha de Sant'Ana pertence-lhe. Quase toda está ainda no domínio de várias nações selvagens. A do gentio Chavante, que parece ser a mais numerosa possui a maior parte para o norte. Os seus convizinhos são os Pochetis, os Noroguages, os Apinagés, os Carajás, os Cortis, e os Xerentes.[12]

O Rio Crixá (o setentrional), o de Santo Antônio, e o da Taboca são os mais consideráveis entre os que desaguam no Tocantins: o considerável Rio Chavante, formado de grande número de outros, que regam o terreno do gentio, que dá o nome, entra no Araguaia pouco acima da reunião dos dois braços, que formam a Ilha de SanfAna.

Povoações: Pontal, e Matança.

Cento e vinte léguas ao norte de Vila Boa, e perto de 4 arredado da margem do Tocantinns, está o arraial e freguesia do Pontal, assim chamado em razão duma ponta ou cotovelo, que o rio faz na sua vizinhança, fundado em 1738, e ornado com uma igreja paroquial dedicada ao Senhor Bom Jesus da Boa Morte. Seus habitantes criam gado vacum, e cultivam mandioca, milho, legumes, e algum algodão. Todas as frutas são aqui conhecidas.

12 Os índios Chavantes, depois de estabelecidos (e batizados muitos) na aldeia de Pedro Terceiro (no **sítio do** Carrerão, Distrito do Pilar) para eles edifiçada, em conseqüência da vassa-lagem que **haviam Ido** oferecer, desertaram por uma vez, tornando ao seu natural modo de vida; e sao hoje **os mais** formidáveis Inimigos dos cristãos.

A largura do Tocantins, na passagem deste arraial para o do Carmo, que dista 10 léguas para o nascente, é de 374 braças no tempo da sua maior diminuição, e mais de 500 quando cheio. Porto Real é o nome desta passagem.

Três léguas ao norte do Pontal está a Aldeia da Matança, junto à nascença duma ribeira, que depois de 12 milhas entra no Tocantins. É ainda insignificante por causa das invasões dos índios, mas abastada de peixe, caça e frutas.

A salubridade do clima, a fertilidade do terreno, a abundância de água, as grandes matas convizinhas, o ouro, que se sabe haver no distrito, darão persistência a estas povoações, às quais teriam dado crescimento considerável se aquele metal tivesse aparecido em maior quantidade. Esta é também a causa de não haver já no distrito grande número de outras, cujos habitantes teriam reduzido, ou afugentado os malfazejos indígenas, e começado a comerciar grossamente com os negociantes do Grão Pará. Nenhum cantão da província é de tão vantajosa situação para o comércio.

No ângulo da confluência do Araguaia com o Tocantins há um destacamento para registrar as canoas, que por um e outro rio navegam para a cidade do Pará. Neste lugar é onde o mencionado decreto de 1809 manda fundar a Vila de São João das duas Barras, para cabeça da comarca deste nome. Dizem porém, que não se efetuará este projeto bem concebido por causa dos recifes, de que a paragem é rodeada, e que impedem o acesso das canoas: o que provavelmente dará lugar a fundarem-se duas, uma em cada rio mais acima.

No ano de 1775 foram reduzidas a paz as duas nações selvagens Carajá e Javaé, que possuíam a Ilha de Santa Ana, ou Bananal, e estabelecidas a primeira em seis aldeias, e outra em três, quase todas com nomes de povoações de Portugal, a saber: Angeja, Seabra, ambas de Carajás, perto da extremidade meridional da ilha, a primeira vizinha ao braço oriental, a outra perto do ocidental; Cunha, de Javaés, 10 léguas ao norte de Angeja e longe do rio; Anadia, de Carajás, 8 léguas ao norte de Seabra e perto do rio; São Pedro, dos mesmos, e 5 léguas ao nordeste de Cunha, próxima à margem do rio; Ponte de Lima, de Javaés, no centro da ilha; Lavradio, 15 léguas ao norte de Anadia; Lamaçais, 13 para o setentrião, ambas de Carajás, na vizinhança do rio; e Melo, de Javaés, longe do braço oriental.

Por este mesmo tempo se deu ao país vizinho o nome de Nova Beira.

DISTRITO DO TOCANTINS

É o mais setentrional dos orientais, e toma o nome do rio que o limita pelo ocidente, separando-o da Nova Beira. Ao nascente tem a cordilheira, que serve de divisão entre a província, e a de Pernambuco; os dois rios de Manuel Alves o limitavam um ao norte, outro ao sul: como cresceu contra o setentrião, o limite deste lado é invisível. Dão-lhe para cima de 80 léguas de comprimento norte-sul, e 40 de largura média.

Os dois rios de Manuel Alves, e o do Sono, já mencionados, são os principais entre os que regam o distrito: o derradeiro, segundo dizem, nasce na Serra das Figuras, continuação da mencionada cordilheira, de cujas faldas saem outros, que o engrossam logo a princípio. Ignoramos os seus primitivos nomes. Todos três são navegáveis, e criam os mesmos pescados do Tocantins.

É país montuoso em grande parte, e dominado ainda na setentrional por várias nações bárbaras, que perseguem a caça, danificam as fazendas dos criadores de gado, e sobem às vezes em esquadras de canoas pelos rios próximos às povoações dos cristãos. Nomeiam-se os Xerentes, os Chavantes, e os Tapacoás.

Quase só nas beiradas dos rios há matas: a maior parte é de *catinga,* e charnecas em parte apropriadas para criar gados.

Em partes abunda de pedra calcárea: o ouro deu princípio a quase todas as suas povoações, e fez que muita gente fosse rica por algum tempo.

Povoações principais: Natividade, Carmo e Chapada.

Seis milhas arredado da margem direita do Rio de Manuel Alves o meridional, e pouço menos de 10 léguas longe do Tocantins, na proximidade do morro dos olhos d'Água (assim chamado por emanarem dele vários regatos), onde há ouro, junto ao pequeno Rio de Santo Antônio está o Arraial da Natividade, cabeça de Julgado, e interinamente Vila, e residência ordinária do Ouvidor da comarca, enquanto não se funda a que deve ser dela a cabeça. Foi fundado em 1739, e tem uma igreja paroquial, onde se festeja com muita solenidade a Natividade de N. Senhora, e duas capelas dedicadas à mesma com as invocações do Rosário e Terço, e outra de S. Benedito. A cultura das canas-de-açúcar, dos algodoeiros, do tabaco, milho, mandioca e legumes, ocupa a maior parte do povo: os mineiros são poucos, porque o produto da mineração não os anima. Também se cria gado. As laranjas e limas são excelentes.

Perto de 2 léguas ao norte da Natividade fica o pequeno e aprazível Arraial da Chapada, ornado com uma capela de Santa Ana. O povo, que o habita, cultiva as mesmas produções, que o daqueloutro, e minera.

Quinze léguas ao nornoroeste do precedente, e 6 longe do Tocantins, no ângulo da confluência do Ribeirão Sucuriú com o da Matança, está o vistoso Arraial do Carmo, fundado em 1741 na proximidade duma serra, ornado com uma igreja matriz dedicada a S. Manuel, e uma Capela de N. Senhora do Rosário. As casas são de adobe. Seus habitantes todos bebem do Sucuriú, cuja água é excelente: alguns são mineiros, outros agricultores, e recolhem milho, tabaco, algodão, açúcar, farinha, e legumes, com várias hortaliças e frutas.

Vinte léguas a leste do Arraial da Natividade fica o das Almas, um pouco arredado do Rio de Manuel Alves, e junto à estrada do Duro: seus habitantes criam gados, e cultivam variedade de mantimentos e algodão.

Doze léguas a leste do precedente está a Aldeia do Duro, na raia da província, com um registro para impedir o extravio do ouro. A maior parte de seus moradores são índios cristãos, pobres, e contentes com a sua sorte, cultivando e recolhendo somente o que lhes basta para conservar a vida.

Poucas léguas ao norte da Aldeia do Duro está a da Formiga, também povoação de índios cristianizados, igualmente indolentes, caçadores, e mais amigos de desfrutar as árvores silvestres, que de plantar outras mais úteis na proximidade da habitação.

Entre a foz do Rio de Manuel Alves o setentrional, e a primeira península, está o novo Arraial de São Pedro de Alcântara, sobre a margem do Tocantins.

DISTRITO DO PARANÁ

Este cantão, ao qual deu o nome o rio, que o atravessa diagonalmente, tem ao setentrião o do Tocantins; ao poente o de Goiás; ao meio-dia o do Rio das Velhas, e ao nascente os limites da província.

É regado por grande número de rios, semeado de montes, e o mais povoado; posto que ainda infestado pelos bárbaros, que sobem pelos rios principais. Em alguns distritos há muita gente achacada de papo desde sua infância.

Além do Paranã e do Maranhão, seu limite ocidental e meridional, notam-se o Rio Traíras do sul, o Rio Preto, ambos com pontes; o Bagagem, o Tocantins pequeno, o Rio da Palma, todos de canoa; o Rio de S. Feliz com uma grande ponte; o Traíras do norte, o Ribeirão do Custódio, ambos de dificultosa passagem, ainda no tempo da seca: o Gameleira, junto de cuja foz há um morro de notável forma e altura; o Bacalhau, assaz espraiado: todos deságuam de per si no Mara-

nhão, menos o derradeiro, que se une ao Bagagem pela margem esquerda, e o da Palma, que se junta ao Paranã, como se disse.

O Rio da Palma é formado pelo Palmeira, Mosquito e Sobrado. O derradeiro, que é o mais setentrional, nasce numa chapada em cima da larga Serra da Mangabeira, e mui poucas braças (segundo dizem) distante da origem do Rio das Ondas, qiue corre para o de São Francisco; e obra de duas léguas abaixo da sua nascença, recolhe pela direita uma caudalosa ribeira, denominada o Torno, que sai por entre as raízes duma gameleira, e não tem uma milha de curso, nem dá vau em parte alguma sendo tão volumosa no nascimento, como na embo-cadura.

O Rio Correntes, que é um dos primeiros ramos do Paranã, sai da Serra de São Domingos, e depois de algumas léguas esconde-se por espaço de 3 milhas através de um monte, onde suas águas perdem a cor e a bondade.

O Rio Galheiro, que vem da Serra de São Domingos para o Paraná, recolhe uma ribeira, chamada Rio de São Domingos, que corre largo espaço por baixo do chão, sem se deixar ver senão em algumas paragens por buracos.

Entre outras serras nota-se a dos Veadeiros, paralela com o Rio Paranã, em distância de 5 léguas: é escalvada, e a mais elevada das centrais; dela sai o Rio Tocantins, e o Preto.

Povoações principais: São José, São Feliz, Traíras, Cavalcanti, Conceição, Aguaquente, Arraias, São Domingos e Flores.

Meia légua arredado da confluência do Rio das Almas com o Maranhão, 20 ao nordeste do Pilar, está o medíocre Arraial de Aguaquente, situado junto a um grande lago, profundo, de água salobre, fétida e quente, de onde se lhe derivou o nome; ornado com uma igreja matriz de S. Sebastião, e uma capela de Nossa Senhora das Mercês.

Teve princípio pelos anos de 1732 no sítio fronteiro, onde existem vestígios. Uma epidemia causada pela putrefação dos charcos, ocasionados pelas cheias do Maranhão, fez retirar para o lugar, onde está, aos que queriam escapar com vida. Houve dia de cinqüenta mortes. Uma numerosa boiada, vinda de São Paulo para o açougue deste arraial, onde se recolhia de noite, e em cujos arredores pastava de dia, fez cessar para logo o contágio. O ouro era tão abundante no princípio, que fez acudir ali doze mil pessoas. Entre outras folhetas de grande peso achou-se uma de 43 arráteis, que foi remetida para a corte, com a mesma forma, que lhe dera a Natureza. Esta raridade existia no Museu Real, presa dos rapinantes gaviões franceses.

Nas margens deste lago, cujo desaguadouro é uma ribeira perene sem diminuição no tempo da seca, há cavernas medonhas.

Quatro léguas a lés-nordeste de Aguaquente fica o Arraial do Cocai (assim chamado dos numerosos coqueiros que ali havia), situado junto a uma ribeira que vai perder-se no Maranhão. Tendo florescido enquanto as minerações produziam muito ouro, hoje é pouca coisa. Tem uma ermida, onde S. Joaquim era mui festejado.

Seis léguas ao nordeste de Aguaquente está o grande e florescente Arraial de Traíras, cabeça de Julgado, fundado em 1735, à esquerda, e obra de 6 léguas acima da foz do rio, que lhe empresta o nome, ornado com uma igreja paroquial de N. Senhora da Conceição, uma ermida do Senhor Bom Jesus, e outra de N. Senhora do Rosário. É abastado de carne, peixe, e das produções de agricultura do país. Seus habitantes formam 4 Companhias.

Légua e meia ao nordeste de Traíras está o medíocre e abastado Arraial de São José de Tocantins, posto que mais de 8 léguas arredado deste rio, fundado em 1735, perto da margem esquerda do Rio Bacalhau, ornado com duas ermidas de N. Senhora da Boa Morte, e do Rosário, outra de Santa Ifigênia. Na matriz,

que é o mais magnífico templo da província, há uma Irmandade do Senhor dos Passos, privilegiada pelo Papa Clemente XIII.

Três para 4 léguas a leste do precedente está o pequeno Arraial da Cachoeira, ao qual deu nome uma catadupa, que ali forma o rio, em cuja proximidade foi fundado em 1736.

Perto de 10 milhas ao norte da Cachoeira está o pequeno Arraial de Santa Rita, fundado no mesmo ano que o precedente, e ornado com uma capela da Santa, que lhe dá o nome.

Oito léguas a leste de Santa Rita fica o pequeno Arraial do Moquém, perto do Rio do Peixe, que é um ramo do Bagagem, ornado com uma Ermida de N. Senhora da Abadia, festejada solenemente a 15 de agosto com tríduo.

Obra de 20 léguas ao norte de São José está o medíocre e abastado Arraial de S. Feliz, junto à margem direita da ribeira do mesmo nome, e menos de 3 milhas arredado do Maranhão, fundado no ano de 1736, e ornado com uma igreja paroquial da invocação do Santo, que lhe dá o nome, uma ermida de N. Senhora do Rosário, outra de Sant'Ana. É cabeça de Julgado, e teve por largo tempo casa de fundição do ouro. O seu povo minera, cria gado grosso, e recolhe diversidade de mantimentos.

Dez léguas ao sul e 3 afastadas da estrada para o nascente estão as Caldas de São Feliz, por outro nome de Frei Reinaldo, que são quatro olhos-d'água gradualmente tépida, e outro dela mui quente, onde se tomam banhos profícuos.

Duas léguas ao norte do Arraial de São Feliz, junto à estrada, há uma tromba de penedia negra com uma caverna, cuja profundidade ainda o vapor não deixou averiguar.

Três milhas mais para o setentrião há uma aldeia com uma Ermida de N. Senhora do Carmo, que lhe dá o nome.

Cavalcante, arraial medíocre, abastado e florescente, fundado em 1740, e ornado com uma igreja matriz dedicada a Santa Ana, e duas ermidas de N. Senhora com as invocações do Rosário e Boa Morte. Fica obra de 20 léguas a leste de São Feliz, perto duma ribeira, que corre para o Paraná, com o nome de Rio das Almas. É cabeça de Julgado, bem provido de águas, e tem casa de fundição, transferida de São Feliz. Seus habitadores formam 5 Companhias. A sua pedreira é rica, mas profunda, e de um trabalho insano: está destinada para o braço real, ou de alguma sociedade opulenta e dirigida por homem inteligente. No seu termo cria-se gado vacum, cultiva-se mandioca, milho, algum trigo, e algodão.

Vinte léguas ao setentrião de São Feliz, e pouco distante da foz do Rio da Palma, está o Arraial da Conceição, ao qual deu nome o orago da matriz, que o orna. É cabeça de Julgado; e o povo, que o habita, mineiro, criador de gado vacum, lavrador dos víveres que melhor prosperam no país, e forma 4 Companhias milicianas; mas experimenta a falta de boas águas potáveis.

No seu termo há o pequeno Arraial do Príncipe com uma ermida.

Arraias é um arraial medíocre, e abastado, cabeça de Julgado, e ornado com uma igreja paroquial de N. Senhora dos Remédios. Foi fundado em 1740; e fica obra de 15 léguas ao nordeste de Cavalcante, vizinho à nascença do rio, que lhe empresta o nome, e o toma do pescado de que abunda. Nos seus contornos, em grande parte montuosos, cria-se muito gado vacum, riqueza de seus moradores, que formam 4 Companhias.

Sete léguas ao sueste das Arraias, junto a uma ribeira que deságua no Paranã, está o pequeno Arraial do Morro do Chapéu, ornado com uma capela, e fundado em 1769. Um monte vizinho, que tem a forma dum chapéu desabado, e de onde se tirou ouro, lhe deu o nome. Gado vacum é a riqueza de seus habitadores.

Doze léguas ao nascente do Morro do Chapéu, perto do rio, e na falda da serra do seu nome, está o arraial e freguesia de São Domingos, em cuja vizinhança

há um morro de notável aspecto, e altura. Seus habitadores criam gados, e cultivam variedade de mantimentos.

Pouco a leste, na raia da província, há um destacamento para impedir o extravio do ouro.

Flores, arraial medíocre e abastado, cabeça de Julgado, e ornado com uma igreja paroquial de N. Senhora da Conceição, e uma ermida do Rosário, com Confraria de Pretos; fica obra de 20 léguas ao sueste de Cavalcante, perto da margem direita do Rio Paranã, em terreno fértil, mas sezonático. Gado vacum, e cavalar faz a principal riqueza do povo, que o habita.

No seu vasto termo há a Aldeia de Mato Grosso, com uma ermida de N. Senhora da Piedade, e o pequeno Arraial de Santa Rosa, com outra ermida desta Santa, em cujo distrito se nota uma grande caverna com muitos estalactites, ou cristalizações de diferentes formas.

Vinte e seis léguas, ou com alguma diferença, ao meio-dia das Flores, e obra de duas milhas arredado de um lago, a que chamam Lagoa Feia, fica o Arraial dos Couros, noutro tempo cabeça de Julgado, preeminência que em 1774, se transferiu para Cavalcante. Tem uma igreja paroquial dedicada a Santa Luzia, e uma ermida, onde os pretos festejam N. Senhora do Rosário. No seu extenso termo cria-se muito gado grosso.

A 25 de fevereiro de 1814 emanou um alvará para a fundação de uma vila, chamada São João da Palma, do sítio que se determina para o seu assento sobre a embocadura do rio deste nome, para ser cabeça da Comarca de São João das Duas Barras. E para dar-se-lhe logo princípio, e acelerar o seu crescimento, se concede isenção de dízimos e décima, por 10 anos, aos que nela edificarem casa para sua habitação, ou dentro do círculo, que se lhe determinar por termo. Pelo mesmo alvará há de ficar a futura Vila de São João das Barras súdita destoutra, com o título de Condado.

A maior parte da gadaria deste distrito vai consumir-se no recôncavo da Bahia, e na Comarca dos Ilhéus.

DISTRITO DO RIO DAS VELHAS

Este distrito, ao qual empresta o nome um dos rios que o atravessam, tem ao Norte o do Paraná; ao sul a Província de São Paulo; ao nascente a de Minas Gerais; ao poente os distritos de Goiás e Caiapônia; 100 léguas, ou com pouca diferença, de norte-sul, e 50 de largura média.

Além do rio, que lhe dá o nome, e dos que lhe servem de limites ao poente e sul, tem ainda grande número doutros. Na estrada da Meia Ponte para São Paulo encontram-se, entre outros menores, o Capivari, que custa a vadear, ainda em tempo de seca: o Piracanjuba, o do Peixe, ambos com pontes; e todos três deságuam na margem direita do Corumbá, que é de canoa: o braço do Veríssimo; o Veríssimo, que recolhe aquele pela direita, como se disse, e é de canoa, como também o Paranaíba, que se segue: o Ribeirão das Furnas, que correndo por planura, de repente se precipita de 20 braças à pique, e cai num profundo pego, pouco acima da passagem. Variedade de pássaros fazem seu ninho nas cavidades do rochedo ao enxuto, e criam os filhos à vista, e na zoada desta vistosa catadupa: esta grande ribeira deságua pouco abaixo no Rio das Velhas, que se lhe segue, e é de canoa: os dois Uberabas, verdadeiro que deságua no precedente, e falso que entra no Rio Grande. O Ribeirão do Inferno, que sai da Serra da Canastra, e deságua no Rio das Velhas pela esquerda. O Rio Quebra-anzóis, que principia na raia de Minas Gerais, e também se une ao Rio das Velhas pela margem direita; mas nenhum deles chega à estrada, junto da qual principia o Rio da Prata, e o do

Tijuco, que depois de unidos vão engrossar o Rio Paranaíba largo espaço abaixo da confluência do Rio das Velhas.

No caminho de Paracatu encontram-se (além do mencionado Corumbá) o Rio Areias, o de Montes Claros, o Ponte Alta, todos com pontes, e o de São Bartolomeu, que é de canoa. Todos criam diversidades de pescado, e procuram o meio-dia.

Na parte mais setentrional nota-se o Rio das Almas, outro do peixe, que se lhe une pela margem direita; e o dos Patos, que corre ao longo e a leste da Serra Negra, e vai unir-se com o Maranhão, poucas léguas acima do Arraial de Aguaquente. Estes rios criam os pescados do Tocantins.

O terreno médio entre os dois Uberabas é uma planície de 10 léguas de largura, sem a menor elevação acima do horizonte, e absolutamente destituída de mato, onde andam veados e emas.

No meio do século passado vivia, entre o Paranaíba e Rio Grande, uma horda de Bororós, cujo cacique era então um paulista chamado Antônio Pires de Campos, moço de muita esperteza, habilidade, e gênio para fazer deste povo quanto dele se pretendesse por sua intermediação. Este homem, a quem seus crimes fizeram procurar tal sociedade, morreu entre os anos de 1550 e 1560 duma flechada num braço, em um encontro com os Caiapós. Seus camaradas lha medicaram por muitos dias com toucinho assado quente, até o porem numa povoação de cristãos em Minas Gerais, para ver se o curavam. Choraram-no por espaço dum mês como a pai comum.

Entre outras serras nota-se, na parte setentrional, a das Caldas, quadrada com 4 léguas por lado, e plana na sumidade, onde há alguns lagos, e se encontram veados.

Povoações principais: Meia Ponte, Santa Luzia, Santa Cruz, São Domingos, e Desemboque.

Meia Ponte, a maior, a mais florescente e comerciante povoação da província, depois da capital, da qual dista 26 léguas para leste, está junto ao Rio das Almas, que ainda é pequeno. Tem uma igreja paroquial da invocação de N. Senhora do Rosário, quatro ermidas, três dedicadas também a N. Senhora com os títulos do Carmo, Lapa, e Rosário dos Pretos, outra do Senhor do Bonfim; um Hospício de Esmoleres da Terra Santa. Foi fundada em 1731. È cabeça de Julgado, abastada de carne e peixe, e tem professor régio de gramática latina. Seus habitantes, e os de seus arredores, recolhem milho, trigo, farinha de mandioca, tabaco, algodão, açúcar, algum café; criam gado vacum, e muitos porcos: fabricam tecidos de lã e de algodão; o que a faz considerar como o berço e centro da agricultura e indústria na província.

Os comboios da capital e do Cuiabá, que vão para a metrópole, ou São Paulo, ou Bahia, aportam aqui, onde cada qual toma o caminho do seu destino.

Nas suas vizinhanças há lousas lisas e elásticas, que curvam e tornam ao seu natural sem defeito.

Em distância de 5 léguas para les-nordeste estão os Montes Pirineus, de cujas faldas emanam torrentes para os quatro pontos cardiais. Treze léguas a leste de Meia Ponte, na vizinhança duns vistosos outeiros denominados Montes-Claros, há uma ermida dedicada a Santa Luzia, que ornou largo tempo o arruinado Arraial de Santo Antônio.

O medíocre e abastado Arraial de Santa Luzia, ao qual deu nome a padroeira da matriz, que o orna, 2 léguas arredado da estrada de Paracatu, quase em igual distância do Rio de Ponte Alta, e São Bartolomeu, 5 léguas ou com pouca diferença de cada um, numa paragem amena, sadia e abundante de águas; é cabeça de Julgado, e tem uma Ermida de N. Senhora do Rosário. Fazem-se nele bons queijos e marmelada. Nos seus contornos cria-se muito gado vacum, riqueza de seus habitantes. Fica obra de 20 léguas a les-sueste de Meia Ponte.

O pequeno e abastado Arraial de Santa Cruz, com uma igreja paroquial de N. Senhora da Conceição, é dos mais antigos da província, e cabeça de Julgado: fica obra de 30 léguas ao su-sueste de Meia Ponte, na estrada de São Paulo, pouco afastado da margem esquerda do Rio Pari, donde todo o povo bebe, e obra duma milha do Morro do Clemente, abundante de ouro, em cuja extração ainda não se principiou por falta de água; porque, segundo o axioma dos mineiros, "um monte de ouro não vale nada, se ele não tem água". Seus habitantes são agricultores, e criadores de gado.

No seu distrito estão as Caldas do mesmo nome: são diversas fontes de diferentes graus de calor, em pouca distância umas das outras. Muitas pessoas têm experimentado melhoras com os seus banhos. Suas águas juntas formam a Ribeira das Caldas.

Quase no meio do intervalo de Santa Cruz para Meia Ponte, e também na estrada, fica o pequeno Arraial do Bonfim com uma ermida desta invocação. O povo que o habita, tira ouro, cria gado, e recolhe os mantimentos, que melhor se dão no território.

Quarenta léguas ao meio-dia de Santa Cruz está o Arraial de Sant'Ana, obra de duas milhas arredado da margem setentrional do Rio das Velhas, num sítio aprazível. É paróquia de todos os índios cristãos, que vivem na vizinhança da estrada de São Paulo nestas paragens. Foi fundado em 1741 para habitação de 500 índios Bororós, vindos de Cuiabá em socorro dos cristãos contra os Caiapós, que devastavam os novos estabelecimentos, e onde viveram até o ano de 1775, em que foram mudados para o Arraial de Lanhoso, ficando em seus lares uma horda de índios Chacriabás, trazidos das margens do Rio Preto, onde habitavam (em terras de Pernambuco), e são hoje os seus moradores com alguns de outras nações. Cultivam mandioca, milho e legumes, proporcionadamente à necessidade da povoação.

Seis léguas ao norte da Freguesia de SanfAna, e também junto da mesma estrada sobre a margem setentrional do pequeno Rio das Pedras, está a aldeia deste nome, também povoação de Bororós; mas quase despovoada, havendo seus habitadores sido mudados em 1811 para os novos presídios da Nova Beira.

O mencionado Lanhoso, fundado perto do Uberaba falso, já não existe: o seu povo tinha-se unido com o do Rio das Pedras.

O medíocre e abastado Arraial de São Domingos do Araxá, modernamente erecto cabeça de Julgado, situado numa planura, atravessado por um regato, fica obra de 9 léguas longe da raia, e 6 do Rio Quebra-anzóis. Os poços de água salobre, que poupam aos criadores o dispêndio do sal para os animais, e os grandes pedaços de terreno fértil, onde podem florescer vários ramos de agricultura, hão convidado muitas centenas de famílias geralistas a mudar para ali seus estabelecimentos; o que vai a fazer desta freguesia em poucos anos uma das mais populosas da província. Fabricam-se já bons tecidos de algodão, e começam-se os de lã. Cria-se grande quantidade de porcos, e gado vacum.

O Arraial do Desemboque, cabeça de Julgado, tem uma igreja paroquial de N. Senhora do Desterro, e fica sobre a margem esquerda do Rio das Velhas, obra de 10 léguas arredado da raia de Minas Gerais. O povo do seu distrito cria gado vacum, e recolhe abundância dos víveres do país.

Em 1812, teve princípio o Arraial de Santo Antônio e São Sebastião, com uma ermida dedicada a estes Santos, junto ao córrego da Lage, fonte de seus habitadores, meia légua arredado da estrada de São Paulo para leste, e 1 milha da margem esquerda do Uberaba falso. O povo, que o habita, recolhe feijão, milho, arroz, e algodão, com as frutas e hortaliças do país, e cria gado.

Esta província, criada no ano de 1720, sendo até esse tempo uma porção da de São Paulo, confina ao norte com a da Bahia, da qual é separada pelo Rio Verde, e com a de Pernambuco, de que é dividida pelo Rio Carinhanha: ao sul tem a Serra da Mantiqueira, que a separa de São Paulo, e os rios Preto, Paraibuna e Paraíba, que a dividem da do Rio de Janeiro: ao poente tem a de Goiás, e ao nascente as do Espírito Santo e Porto Seguro, com uma parte da Bahia. Dão-lhe 112 léguas de comprimento norte-sul, e 80 de largura média leste-oeste. Jaz entre os 15 e 30°, e os 21 e 40°.

O clima passa por temperado respectivamente aos das outras províncias da zona tórrida, e saudável; se bem que por toda a parte se encontra muita gente contaminada de morféia, ou mal de S. Lázaro. O inverno começa em outubro, e sempre com trovoadas. Na parte meridional sabe-se bem o que é frio, e geada nos meses de junho e julho: a água congela-se nos vasos, que ficam de noite ao sereno; mas não acontece isto todos os anos.

O ouro, que em todos os distritos desta província se achou em mais ou menos quantidade, fez dar-lhe o nome que a designa, o qual lhe quadra melhor depois que nela se descobriram todos os outros metais.

O descobrimento deste país é devido à intrepidez de Sebastião Fernandes Tourinho, vizinho de Porto Seguro, que subindo pelo Rio Doce no ano de 1573 atravessou até o Jequitinhonha, por onde desceu.

Poucos anos depois Antônio Dias Adorno, com o intuito de retificar as minas das esmeraldas, que aquele descobrira subiu (depois de ter aportado em Caravelas) com 150 brancos, e 400 índios pelo Rio Cricaré, e voltou por onde o seu precursor. Com o mesmo projeto entrou Marcos de Azevedo neste país largos anos depois, e penetrou até à Lagoa Vupabuçu.

Em 1693 entrou o taubateano Antônio Rodrigues no sertão de Cüiaté, acompanhado de 50 homens: discorda-se sobre o projeto; sabe-se que fora sair na Capitania do Espírito Santo, onde apresentara três oitavas de ouro, para prova de ter andado por terras auríferas. Dali passou ao Rio de Janeiro, e de lá a Taubaté, onde faleceu pouco depois atenuado dos incômodos passados, recomendando a seu cunhado Bartolomeu Bueno quisesse continuar a empresa.

Impelido do desejo de remediar a pobreza, a que o haviam reduzido as suas tafularias, se pôs em marcha o ilustre, necessitado, e magnânimo Bueno, de companhia com o Capitão Miguel de Almeida, e outros, que se lhes agregaram, governando-se pelos Cabeços das serras indicadas no roteiro do defunto Rodrigues em 1694.

O Capitão Manuel Garcia (acompanhado do Coronel Salvador Fernandes, e outros aventureiros) empreendeu a mesma digressão no ano seguinte: encontrou-se com Bueno na Serra de Itaberava, que fica 8 léguas ao sul de Vila Rica, e chegou primeiro à pátria com 12 oitavas de ouro: o que foi causa de se estabelecer Casa de Fundição na Vila de Taubaté; e animou grande número de paulistas a empreender várias outras viagens, desprezando fadigas, dispêndios e perigos; não em busca de selvagens como dantes, mas só do ouro, que lhes prometia uma rápida fortuna: sendo muitos os que com este intuito se estabeleceram no país. Então se declarou de todo a emulação entre taubateanos e piratininganos, não consentindo uns associar-se com os outros nas minerações.

Com o mesmo projeto de achar ouro, se entranhou Fernando Dias Pais nos sertões do Serro Frio; e chegando ao sítio de Anhonhecanhuva, que no idioma dos indígenas significa *água que se esconde,* hoje Sumidouro, se demorou aqui mais de três anos, fazendo neste intervalo várias entradas a Sabará-Buçu, onde na Serra Negra achou variedade de pedras preciosas; as quais não satisfazendo seu desejo, retrocedeu até à Serra de Tucambira, que dizem significar *papo de tucano,* e daqui ao Rio Itamarindiba, que quer dizer *pedra pequenina e buliçosa,* onde, por ser piscoso, se demorou algum tempo. Posto que sua comitiva se achava diminuta pela deserção, que a maior parte fizera na Serra Negra, impaciente da prolongada demora naquela paragem, ele determina visitar o Lago Vupabuçu;[1] o qual finalmente encontrou depois duma grande viagem, e muitas indagações: chegando também a observar os socavões, donde se haviam tirado as esmeraldas, por insinuação de um índio, que ali apanharam.[2]

Na volta para São Paulo morreu o nosso sertanista, junto ao Rio' das Velhas, onde felizmente encontrara, entre outros patrícios, a Manuel de Borba Gato, seu genro, ao qual deixou toda a equipagem da sua laboriação.

Entrou neste comenos no país D. Rodrigo de Castelo Branco com o emprego de superintendente das minerações, e querendo também participar da glória do descobrimento das esmeraldas, quando se achava junto ao Rio das Velhas, mandou pedir a Manuel de Borba Gato parte do provimento, que lhe deixara o falecido Pais, o qual recusando consentir na repartição, com o pretexto de querer também empreender a mesma viagem, deu motivo a escapar desgraçadamente àquele uma palavra ameaçadora, o que foi bastante para ser assassinado por um familiar do Borba, ao qual o General Artur de Sá, em nome de S. M., ofereceu perdão, com a condição de mostrar as copiosas minas do Sabará, por ele descobertas: e porquanto as mostrou, foi ainda condecorado com patente de Tenente-general!

A- abundância do ouro, que aparecia, fez concorrer grandíssimo número de paulistas e europeus a este país, onde a gratuita etiqueta criou discórdias renhidas, e uma prolongada guerra civil.

Manuel Nunes Viana, natural da vila que lhe deu o sobrenome, chefe do partido europeu, que o nomeara Governador das Novas Minas, mostrou que a Natureza o dotara de muitas daquelas qualidades, que formam os grandes generais. Antônio de Albuquerque Coelho, primeiro General da Província de São Paulo, terminou as sanguinosas desavenças dos desarrazoados partidistas com as armas da prudência em 1710.

Esta província, enquanto comarca da de São Paulo, e antes dela ter generais por governadores, foi várias vezes visitada pelos do Rio de Janeiro; não só no tempo das desordens entre paulistas e europeus, mas anteriormente, a apaziguar as contendas dos piratininganos e taubateanos.

D. Lourenço de Almeida foi o primeiro General desta província, cuja posse lhe foi esplêndida e solenemente dada na matriz de N. Senhora do Pilar de Vila Rica, a 18 de agosto de 1720. Achou-a já mui povoada, e repartida em quatro comarcas.

MONTES E SERRAS — É o país mais montanhoso do Brasil. A Serra da Mantiqueira, que é a mais celebrada da província, tem princípio na parte setentrional da de São Paulo donde vem correndo quase ao nordeste, não sem muitas tortuosidades até à vizinhança da Vila de Barbacena, onde inclina para o setentrião até à extremidade da província, variando de rumo, de altura, e de nome, e estendendo

1 *Vupabussú* (vocábulo brasíllco que significa *lago grande)* é de3ignado de tempos a esta parte pelo nome de Lagoa Dourada, aliás *encantada,* por nao aparecer aos que em nossos dias a têm procurado. Crê-se estar na parte ocidental de Porto Seguro.

2 Se as aventuras de Fernando Dias Pais, e de Manuel de Borba Gato sao verídicas em todas as circunstâncias, e se é verdade, que Artur de Sá foi quem perdoou ao derradeiro, e seu governo principiou em 1697, a digressão do primeiro deve ser adiantada doze anos, devendo ter começado em 1684, ou 1685: e por conseguinte devem ser mais anteriores as viagens de Arzão, e Antônio Soares, descobridores do Serro do Frio, que na linguagem dos Indígenas se denominava *Ivitujabi.*

vários ramos para ambos os lados, de mais ou menos comprimento e altura. Todas as comarcas a têm por limite em maior ou menor espaço, como se verá.

Rios — Nenhuma outra província é tão abundante de água. Grande parte dos rios, que a regam, têm origem na Serra da Mantiqueira e quase geralmente saem da província por quatro canais; dois para o nascente, a saber o Rio Doce e o Jequitinhonha: um para o norte, que é o Rio de São Francisco; outro para o poente, qual é o Rio Grande. O primeiro rega a Comarca de Vila Rica; o segundo a do Serro Frio; o terceiro a do Sabará; o derradeiro a de São João del-Rei. De cada um deles falaremos na comarca por onde correm.

Mineralogia — Ouro, platina, prata, e cobre, ferro, estanho, chumbo, mercúrio, antimônio, bismuto, amianto, talco, pedra calcárea, granito de que se cortam protados e mós; jaspe preto veiado de branco; pedras de amolar, lousas com que cobrem as casas em partes; carvão de pedra, salitre, argilas brancas, vermelhas mais ou menos coloridas, amarelas, roxas, e negras que tingem de preto: diamantes, rubis, esmeraldas, crisólitas, topázios, safiras, águas-marinhas, ágatas, ametistas, pingos-dágua, cristais, pederneiras, pedra-sabão de cor de pérola, alguma veiada de escuro, compacta, pesadíssima, facílima de trabalhar. cedendo à unha: fazem-se dela imagens, castiçais, escrivaninhas, e ainda panelas ao torno; dá excelentes gizes: o seu finíssimo pó é procurado pelos viandantes.

Por toda a parte se observam profundas cavernas e socavões, donde se há tirado imensidade de ouro, mãe do luxo, que enfraqueceu o Estado, enriquecendo as nações estrangeiras. Vêem-se morros furados de um a outro lado: houveram outros, que desapareceram de todo, para se aproveitar a riqueza, que encerravam no seu todo. Muitas montanhas retumbam freqüentemente, anunciando conter minerais. Vasto número de torrentes hão sido tiradas em maior ou menor espaço do seu álveo nativo para facilitar a extração do ouro e diamantes.

Zoologia — Criam-se todas as espécies de animais domésticos da Espanha: os bois e porcos são os mais multiplicados: as ovelhas não perdem a lã, que fomenta alguns ramos de indústria no país, como sejam chapéus, baetas, panos. Todos os quadrúpedes selváticos, e aves que se encontram nas províncias limítrofes, são nesta comuns.

Os negros são numerosíssimos: grande parte dos brancos europeus: os naturais habilidosos. Os indígenas só existem na raia oriental.

Fitologia — As terras produzem com abundância no primeiro ano; no segundo comumente pouco; no terceiro de ordinário quase nada. É preciso deixá-las descansar alguns anos até se cobrirem de mato forte, que se derruba e queima, como se fez para lançar-lhes a primeira semente, que viram. Cultiva-se mandioca, tabaco, canas-de-açúcar, de cujo suco grande parte é destilada em aguardente; algodão, de que se fabricam diversos tecidos: trigo, centeio, muito milho branco, cuja farinha seca é o pão ordinário: o mesmo grão cozido, depois de tirada a película, e adoçado com açúcar, é um manjar, que entra em todos os banquetes com o nome de canjica; batatas, inhames, legumes suficientes à população; diversidade de hortaliças: café, anil. Entre outras muitas plantas medicinais, a ipecacuanha, calumba, alcaçus, jalapa, uma espécie de nardo, na Serra do Caraça; a baunilha, o urucu. Conhecem-se entre as árvores resinosas as da goma copai, das almécega, do benjoim, do angico. Em alguns sítios criam-se as do estoraque; as que dão o óleo de cupaíba em outros são multiplicadíssimos os barbatimões, em cujas folhas se criam cantáridas em quantidade de fazerem um lucroso ramo de ganância. Algumas dão boa casca para cortumes; outras cinza para saboarias. Também as há venenosas, que matam os peixes; e uma, cuja casca supre a verdadeira quina. Há variedades de árvores de boa madeira para construção; diversidade de palmeiras. O cedro é comum em alguns sítios: os pinheiros brasílicos crescem na parte meridional, principalmente junto às faldas das serras. Há um arbusto diferente da *mírica ceríjera,* cujo tronco e ramos estão sempre

cobertos duma espécie de cera; é a árvore do verniz, com que os indígenas tingem suas cuias. Têm-se naturalizado quase todas as árvores frutíferas de Portugal; mas nenhuma melhorou, e só frutificam com abundância os pessegueiros, e os marmeleiros, de cujo fruto se faz grandíssima quantidade de doce. Os cajus, as jabuticabas, os araticuns, as mangabas, são conhecidos por toda a parte, como também as laranjas, limões, bananas, ananases e melancias.

Exporta-se desta província sola, couros de veado, e de outros animais selváticos; algodão tecido e em lã; tabaco, café, frutas, açúcar, queijos, carne de porco, rapaduras, pedra sabão, pedraria, salitre, marmelada. Quase tudo é conduzido à metrópole em bestas, das quais se encontram comboios de cem, e maior número, repartidas em recuas de sete cada uma, e governada por um homem: levando de retorno sal, fazendas secas, e molhados.

A Fazenda Real, além dos diamantes, quintos do ouro, dízimos, direitos dos negros, e fazendas, que sobem dos portos, de gado cavalar e muar, que entra de São Paulo, percebe ainda um considerável rendimento nas passagens das pontes, e barcas, que são numerosas.

De todas as compleições se vê muita gente centenária. No ano de 1714 foi esta província repartida nas quatro comarcas seguintes:

Comarcas

Vila Rica .....

Rio das Mortes . ..

Serro do Frio ....

Sabará .....

Vilas

Vila Rica Mariana

São João del-Rei
São José
Queluz

No ano de 1808 se proibiu a circulação do ouro em pó como moeda, em cujo lugar correm desde então moedas dos três metais.

VILA RICA

A Comarca de Vila Rica, aliás do Ouro Preto, que é a menos extensa, e cuja maior parte está ainda inculta, confina ao norte com a do Serro do Frio, da qual é separada pelo Rio Doce; ao poente com a do Rio das Mortes; ao sul

3 As vilas da Lousa, dos Corvos, e da Conceição, mencionadas pelo viajante Mawe, nao existem nem dentro, nem fora dos limites desta província.

com a Província do Rio de Janeiro; e ao nascente com a do Espírito Santo. Dão-lhe 35 léguas de norte-sul, e pouco mais de 40 leste-oeste.

SERRAS — A Serra do Ouro Preto, que é uma porção da Mantiqueira: o seu cabeço mais elevado, chamado Itacolomi, que quer dizer *menino de pedra,* passa pelo mais alto da província. A Serra do Ouro Branco ao meio-dia da precedente: a Serra Negra com minas de ferro; a da Lapa, ambas ao norte da capital.

Oito léguas ao norte de Mariana está a célebre Serra do Caraça, assim chamada por ter um lugar, que visto de certa paragem arremeda uma enorme fisionomia. É um desmembramento da cordilheira grande com 12 ou mais léguas de circuito na sua base, e escarpada em redondo. Numa planície de pouco menos de légua em quadro, em uma quebrada da sua sumidade, há uma espécie de mosteiro, onde vivem vários ermitões conduzidos uns pela devoção, outros pelas perseguições: seu hábito é uma sotaina negra. Sustentam-se de esmolas, e das produções do terreno adjacente, onde criam gado, e cultivam centeio. O edifício é de pedra; a igreja de elegante arquitetura, e dedicada a Nossa Senhora Mãe dos Homens. No jardim, há várias árvores frutíferas da Europa, como macieiras, pereiras, ameixeiras, cerejeiras, marmeleiros, castanheiros, oliveiras, nogueiras, carvalhos, até giesta amarela, e tojo. O terreno é regado por vários regatos, que depois de unidos vão engrossar o Percicaba.

Na sua vizinhança fica a Serra da Itabira, que termina em dois penhascos piramidais.

Por entre o Rio Doce e o Paraíba corre um extenso braço da Mantiqueira, do qual emanam muitas torrentes, que os engrossam; Serra da Frecheira é o nome duma porção.

Rios — O Rio Doce, que é o maior da comarca, tem sua origem na Serra da Mantiqueira: depois de largo espaço contra o nor-nordeste com o nome de Chopotó, recolhe o Piranga, que vem da Serra do Ouro Branco, depois o Gualacho, formado de dois do mesmo nome, e distinguidos pelos nomes do norte e do sul, que saem da Serra do Ouro Preto. Nesta confluência inclina para o nascente, e recebe o Bombaça e o Percicaba, que vêm do poente, como os outros, e têm suas origens na Serra da Lapa. Aqui toma o nome com que entra no Oceano.

Um pouco abaixo se lhe une também pela esquerda considerável Rio Santo Antônio, que vem do noroeste atravessando um terreno extenso, povoado em grande parte de gado vacum. Dos diversos ramos, que o formam, uns saem da Serra da Lapa, outros da do Serro Frio.

Três léguas adiante se lhe junta pelo mesmo lado o Rio Corrente, que vem do mencionado Serro Frio, com mais de 30 de extensão.

Obra de 8 léguas abaixo desemboca o considerável Sassuí, cujas cabeceiras estão umas na mesma Serra do Serro Frio, outras na das Esmeraldas: suas adjacências estão ainda mal povoadas. Segue-se o Ribeirão das Laranjeiras, que traz a mesma direção por entre matas povoadas de feras, e gentio bárbaro.

O Rio Cuiaté, que vem procurando o nordeste, é o maior entre os que se lhe incorporam pela margem direita. Sua embocadura fica pouco abaixo do precedente. Dá nome a um sertão povoado de selvagens.[4]

O Rio Manhuassu, depois de atravessar grandes bosques, procurando também o nordeste, e limitando o sertão de Cuiaté, perde-se no Doce, pouco acima das Escadinhas.

Quatro cachoeiras notáveis, entre outras menores, tem o Rio Doce: a Escura, que fica pouco abaixo da foz do Percicaba; a dos Magoaris, pouco abaixo da do Corrente; a dos Ibiturunas, pouco acima da do Sassuí; e a do Inferno, que fica

4 Entre a Cachoeira dos Magoaris. e a dos Ibiturunas sal o Rio Sassuí pequeno, que corre paralelamente com o do mesmo nome.

entre as confluências do Cuiaté e do Manhuassu. O território adjacente é de notável fertilidade, ao menos em grandes extensões: em alguns sítios a mandioca cria raiz de prodigiosa grandeza. Apesar dos mencionados obstáculos, este rio dá navegação extensa e útil. Suas águas, para não causarem febres, devem ser guardadas por mais de vinte e quatro horas até clarificar, depondo o lodo que trazem das lavras dos mineiros.[5]

O Rio Maquipóo é um dos primeiros, que engrossam o Doce, pela margem direita: sua embocadura fica pouco acima da do Bombaça.

O Rio Preto tem princípio na Serra Itatiaia, ramo da Mantiqueira, que se estende até à vizinhança do Paraíba, um pouco ao poente da Vila de Rezende, e corre ao nascente atravessando as terras dos Araris, e limitando a província até se unir ao Paraíbuna, que nasce perto do Chopotó, e vai engrossar o mencionado Paraíba.

O Rio da Pomba, que já se disse ser tributário do Paraíba, rega um extenso terreno da parte meridional desta comarca, e passa junto da Paróquia de São Manuel, cujos fregueses são índios Coroados, e Crapós, com alguns brancos, todos cultivadores de milho, legumes, e alguma cana-de-açúcar, e criam muitos porcos. A fertilidade do terreno, e a navegação do rio, prometem-lhe aumento.[8]

Vila Rica, anteriormente Ouro Preto, criada em 1711, grande, populosa, abastada, e florescente, é a capital, e residência dos Governadores da Província, e do Ouvidor da Comarca, que é também Provedor dos defuntos, ausentes, capelas, resíduos; servindo ainda de Juiz da Coroa com jurisdição em toda a província. Tem Juiz de Fora do Civel, crime, e órfãos; servindo também de Procurador da Coroa: Vigário forâneo, Professores régios de primeiras letras, Latim e Filosofia; porém é mal situada nas abas meridionais da Serra do Ouro Preto, entre morros tristonhos, em terreno mui desigual, e freqüentemente coberta de névoa, causa de continuada defluxões. Há nela Casa de Misericórdia, fundada por Gomes Freire de Andrade, em virtude do alvará de 16 de abril de 1738, e confirmada em 1740; casa de fundição do ouro; uma junta da administração da Fazenda Real, composta de quatro deputados, que são o Ouvidor da comarca, o Procurador da Coroa, o Tesoureiro-geral e o Escrivão-contador, e presidida pelo Governador. Ornam-na dez capelas: a do Senhor do Bonfim, a das Almas, a de Sant'Ana, a de S. João, a de S. José, a de Santo Antônio, a de S. Sebastião; três dedicadas à N. Senhora com as invocações do Rosário, Piedade, e Dores; afora as três das ordens Terceiras de S. Francisco de Assiz, Carmo, e S. Francisco de Paula, que é dos Pardos; quase todas de pedra: quatro pontes de pedra. A casa da Câmara é grandiosa, e comumente com 15.000 cruzados de rendimento anual; o palácio dos governadores magnífico, os quartéis da tropa asseados. Tem um fortim com algumas peças para salvar nos dias de solenidade; e catorze fontes de cristalinas e boas águas; e um hospital. Seus habitantes, pela maior parte mineiros e negociantes, estão repartidos em duas paróquias: N. Senhora é a padroeira de ambas, numa com o título do Pilar, noutra com o da Conceição. Fica 66 léguas ao nor-noroeste do Rio de Janeiro.

Há nesta capital vinte e cinco ofícios judiciais: três tabeliães, um escrivão da ouvidoria; outro dos feitos da Fazenda Real; outro das execuções; outro da pro-vedoria dos defuntos e ausentes, e outro da Câmara; outro dos órfãos; dois partidores dos órfãos; um inquiridor da Ouvidoria; um tesoureiro dos ausentes; um inquiridor, contador e distribuidor do juízo; um meirinho-geral do Ouvidor; um escrivão da vara do mesmo meirinho; um meirinho das execuções, um escrivão do mesmo; um meirinho do campo, um escrivão do mesmo, um meirinho dos ausentes, um escrivão do mesmo; um alcaide, um escrivão da vara do mesmo; e um porteiro dos auditórios.

5 Alguns sertanistas dizem que o Manhuassu é maior que **o** Cuiaté.

6 Contam 12 léguas da matriz até à embocadura do **rio.**

Na casa da fundição há dezesseis ofícios: quatro fiscais, que servem por turno cada um três meses; um tesoureiro; um abridor dos cunhos; três fundidores; um ensaiador, um ajudante do mesmo; um escrivão da receita e despesa; outro da conferência; outro das forjas e entrada do ouro na fundição; um meirinho, um escrivão do mesmo.[7]

Na Junta da Fazenda Real, além dos deputados ditos, há seis escriturários; dois ajudantes da contadoria; um fiel ajudante do tesoureiro-geral; um tesoureiro das despesas miúdas, e almoxarife dos armazéns; um escrivão deste tesoureiro; um solicitador da Fazenda Real; um meirinho da mesma Fazenda Real; um escrivão deste meirinho; um porteiro da junta; um contínuo da mesma.[8]

Os habitantes desta capital, e de seis paróquias do seu termo, formavam dois regimentos de cavalaria auxiliar; catorze companhias de ordenança de brancos, sete de pardos, e quatro de pretos livres há vinte anos.

Em distância de 2 léguas e meia, ou com pouca diferença, ao poente de Vila Rica, está o Arraial e Freguesia de São Bartolomeu, famoso pela grande quantidade de marmelada, que dele se exporta.

Três léguas ao noroeste de Vila Rica está a Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré da Cachoeira, onde os governadores têm uma casa de recreio, e onde vão passar alguns dias no exercício, e recreio da caça dos veados e perdizes.

Seis léguas ao sueste de Vila Rica está o considerável Arraial e Paróquia da Piranga, situado junto ao rio do mesmo nome, ornado com uma igreja matriz, de que é padroeira N. Senhora da Conceição, e uma capela com o título do Rosário. Seus habitadores cultivam víveres, e grande quantidade de tabaco, para o qual é mui apropriado o território.

Na vizinhança do Rio Piranga, no termo da Paróquia de Santo Antônio de Itaberava, ao sul de Vila Rica, está o considerável Arraial de Catas-Altas da Noruega, ornado com uma capela de S. Gonçalo.

Mariana, Marianópolis, originalmnte Arraial do Carmo até o ano de 1711, quando El-Rei D. João V lhe deu foral, e o nome de Vila Leal do Carmo, criada cidade episcopal em 1745 pelo mesmo monarca, que lhe deu o nome de sua amada consorte, é pequena e abastada, situada num terreno, que nem é plano, nem mui declivioso, junto à margem direita do Ribeirão do Carmo, ornada com as capelas de Nossa Senhora do Rosário, de São Pedro, Santa Ana, São Gonçalo, S. Francisco, que é dos Pardos; N. Senhora das Mercês dos pretos crioulos; duas ordens Terceiras do Carmo e São Francisco, cuja capela é elegante; duas praças, sete chafarizes de boas águas. As ruas são calçadas, as casas modernas de pedra.[9] A Casa da Câmara é um dos melhores edifícios, e tem água dentro: a catedral, dedicada a N. Senhora da Assunção, é mais elegante que sólida, por ser de adobe; o Palácio Episcopal magnífico; o Seminário espaçoso: o Cabido compõe-se de cartoze canonicatos, inclusas as dignidades de Arcediago, Arcipreste, Chantre, Tesoureiro-mor: com eles oficiam doze capelães: quatro moços do Coro os servem. O Senado, que tem 11.000 cruzados de rendimento anual, é presidido por um Juiz de Fora, que também o é dos órfãos, e serve de provedor dos defuntos, ausentes, capelas e resíduos, com vinte oficiais abaixo de sua inspeção: dois tabeliães; um escrivão das execuções; outro dos órfãos; outro da provedoria dos ausentes; outro da Câmara; um inquiridor, contador, e distribuidor; dois

7O emprego de Intendente, que rendia anualmente 5.250 cruzados, além das propinas, acaba de ser extinto, assim como em todas as outras casas de Fundição do Eòtado, por se conhecer que só serviam de aumentar a despesa da Coroa.

8Destes ofícios o mais pingue é o de escrivão contador, que rende 3.000 cruzados; e o mais tênue o de continuo, que nao passa de 150.000 réis.

Em Vila Rica há um tribunal intitulado: Junta da Conquista, e Civilização dos Índios, e Navegação do Rio Doce, estabelecida em 1308. cujo Intuito principal é animar a agricultura nas adjacências daquele **rio.**

9 O Ribeirão do Carmo, formado de várias ribeiras, que lavam Vila Rica, corre manso por espaço de cinco léguas até o Arraial do Forqulm, onde se despenha por uma escada de rocha de mais de uma milha de comprimento, e vai cair no Gualacho do Sul.

partidores dos órfãos; um tesoureiro dos ausentes; um escrivão de Catas-Altas; um alcaide, um escrivão do mesmo; um meirinho do campo, um escrivão do mesmo; um meirinho das execuções, um escrivão do mesmo; um meirinho dos ausentes, um escrivão do mesmo; um porteiro dos auditórios.

Todos os habitantes de Mariana são fregueses da catedral; e com os de doze paróquias, que há trinta e dois anos havia no seu termo, formavam dois regimentos de cavalaria auxiliar; vinte companhias de ordenança, todos brancos; dez companhias de pardos, e cinco de pretos livres.

Esta cidade fica 2 léguas, com pouca diferença, a les-nordeste de Vila Rica. A estrada do intervalo é espaçosa, aprazível, calçada em partes, e bordada de grande número de casas. Contam-se nele 2 arraiais, e três pontes de pedra. Em distância de 2 léguas ao nordeste de Mariana, junto ao Arraial de Antônio Pereira (seu fundador), num morro, que fica no fim dum vale ameno, está uma gruta, obra da natureza, convertida pela devoção em uma capelinha dedicada a N. Senhora da Lapa, onde todos os sábados há missa cantada, e uma festividade a 15 de agosto. No teto, que é de pedra calcárea, há vários estalactites, ou como pedaços de cristal formados pela filtração da água que se congela.

Quatro léguas ao norte da mesma cidade está o Arraial e Freguesia do Inficionado, ao qual deu este nome a quebra do seu ouro, que sendo a princípio mui subido, era ao depois inferior; de sorte que ficou chamando-se ouro inficionado. É pátria do poeta, que compôs o poema do Caramuru. A sua matriz é dedicada a N. Senhora de Nazaré: e seus habitantes cultivam os víveres do país, criam gado, e mineram.

Catas-Altas de Mato Dentro, noutro tempo arraial grande e florescente, ornado com uma igreja matriz dedicada a N. Senhora da Conceição, tem decaído com a falta do ouro. Os profundos socavões, que se fizeram para o tirar do centro da terra, deram-lhe o nome. Seus habitantes são agricultores, mineiros e criadores de gado. Fica 2 léguas arredado do precedente.

Pouco mais de 2 léguas afastado de Cata-Altas fica o grande, comerciante e florescente Arraial de Santa Bárbara, junto à ribeira do mesmo nome, ornado com vários templos, e prometendo considerável aumento. Seus moradores criam gado, cultivam mantimentos, e tiram ouro.

Três léguas distante de Santa Bárbara está o Arraial dos Cocais, com ricas minas de ouro no distrito da Paróquia de São João do Morro-Grande.

RIO DAS MORTES

A Comarca do Rio das Mortes, assim chamada do rio que a rega, conhecida igualmente pelo nome da sua cabeça, que é a Vila de São João del-Rei, tem ao oriente a de Vila Rica; ao norte a do Sabará, da qual é separada pela Serra Negra, e pelos rios Lambari e Andaiá; ao ocidente as províncias de Goiás e São Paulo, que também a limita pelo meio-dia, onde ainda confina com a do Rio de Janeiro. Dão-lhe 50 léguas em quadro médio. Tem muitos e extensos pedaços de terreno apropriado para a cultura da mandioca, milho e legumes, como também para a plantação das canas-de-açúcar, e tabaco, que são dois lucrosos objetos de exportação; outros onde os algodoeiros prosperam. Em alguns distritos da parte meridional recolhe-se considerável quantidade de centeio e trigo. Por toda parte se cria muito gado vacum, e também lanígero e porcos, cuja carne, e os queijos do primeiro fazem dois consideráveis ramos de comércio exportativo. Também tem terrenos auríferos, onde se ocupa muita gente.

Montes e Serras — A Serra do Lenheiro, na vizinhança da Vila de São João del-Rei; a de São José, na proximidade da vila do mesmo nome; a do Lopo, pouco arredada de Cabo Verde; a da Assunção, que fica na parte ocidental, entre o Rio

Grande e o Pardo; a da Parida, que lhe serve de limite, na mesma parte ocidental do Rio Grande para o setentrião.

Na parte meridional tem a extensa Mantiqueira, em partes escalvada e de penedia, noutras povoada de matas. Nela vivem os índios Cachineses, que são poucos, de corpo acanhado, e tímidos, reduzindo toda a maleficência ao roubo de algumas cabeças de gado nas freguesias convizinhas.

A Serra da Juruoca, que é um ramo da precedente, e toma o nome dum penedo assentado sobre ela, chamado Pedra-do-papagaio, de *aiurú,* papagaio, e *oca,* penedo, segundo dizem; e onde há uma cascata com 100 côvados de queda.

A Serra das Carrancas, entre o Rio Grande e o Verde.

A Serra das Letras, que é um ramo da precedente: o nome que a designa vem-lhe duma sorte de hieroglifos, obra da Natureza, que se observam no interior duma vasta e curiosa gruta, formada de diversas camadas de pedra arenosa; algumas de considerável elasticidade, com várias paisagens formadas de plantas, que ali apodreceram. As pretendidas letras, que não passam de toscos e ilegíveis hieroglifos, e que a ignorância do povo atribui à mão do apóstolo São Tome, devem seu princípio a partículas ferruginosas, segundo parece. Junto dela há uma ermida dedicada ao santo apóstolo nomeado.

A Serra da Vigia, assim chamada por ter servido largo tempo de atalaia às sentinelas dum quilombo de negros, que se tinha formado naquele distrito, fica 6 léguas arredada de São João del-Rei. A Serra do Caxambu entre o Rio Jacaré e Rio Grande.

Rios — O Rio Grande, que é o maior da comarca e a divide em duas partes, meridional e setentrional, tem sua origem sobre a Serra Juruoca, ou do Papagaio, como também lhe chamam, perto, da nascente dum ramo do Rio Preto. Depois de ter recolhido muitas ribeiras por um e outro lado, fazendo caminho de norte a princípio, depois ao noroeste por largo espaço, se lhe incorpora o considerável Rio das Mortes, que tem sua nascença na Serra do Ouro Branco, muito vizinho à do Piranga, donde vem procurando o poente, e engrossando com os que se lhe unem por uma e outra margem. Desta confluência, que fica 20 léguas, ou com pouca diferença, ao poente da Vila de São João del-Rei, o Rio Grande continua ao ocidente, engrossando consideravelmente até à raia da província, onde começa a servir de limite entre a de Goiás e a de São Paulo, como se disse. Cria diversidade de pescado.

O Rio Sapucaí sai da Serra Mantiqueira, descrevendo numerosas tortuosidades, e engrossando com outros muitos, que se lhe juntam; sendo o maior deles o Rio Verde, cuja origem fica próxima à do Rio Grande. Depois de ter regado um extenso terreno, onde pasta numerosa gadaria, fazendo caminho de noroeste, atravessa outro ainda maior da Província de São Paulo, onde se une ao precedente como se disse.

Junto à margem, e pouco longe da origem do Rio Mozambo, ramo do Sapucaí, há vários poços de águas sulfúreas, umas mais quentes que outras, cujos banhos têm sido profícuos a certos doentes: e entre campanha do Rio Verde e Baependi, junto a um ribeiro que cai no Rio Verde, há água mineral, vitriólica, gasosa.

Nesta comarca têm princípio os rios Pardo e Jaguari, que regam a parte setentrional da Província de São Paulo, como dissemos: como também o Paraopeba, o Pará, o Lambari, o Bambu, e o de São Francisco, que os recolhe: estes são os principais da parte setentrional. O Camanducaia é ramo do Sapucaí. O Jacuí, o Jacaré, o Capivari deságuam no Rio Grande, abaixo da confluência do das Mortes. O Rio do Peixe, e o das Mortes pequeno, entram no das Mortes grande, o derradeiro 6 léguas abaixo de São João del-Rei, o outro ainda mais longe. Os dourados, os mandis, e os piracanjubas são os melhores peixes destes rios.

A Vila de São João del-Rei, anteriormente Rio das Mortes, cabeça da comarca, e residência ordinária do seu Ouvidor, que serve de provedor dos defuntos, ausentes, capelas, resíduos, e também de Juiz da Coroa, é uma das maiores, e a mais alegre e abastada da província; assentada num terreno plano, e meia légua distante da margem esquerda do rio, que lhe deu o nome primitivo até o ano de 1712, quando El-Rei D. João V lhe deu título: ornada com uma igreja matriz, cujo Orago é N. Senhora do Pilar; duas capelas também dedicadas a N. Senhora com os títulos das Dores e das Mercês; uma a S. Pedro, outra a S. Antônio, outra a S. Caetano, outra a S. Francisco, administrada pelos pretos: duas ordens terceiras, uma de N. Senhora do Carmo, outra de S. Francisco, cuja capela é a mais majestosa de toda a província, sobre uma grande praça: um hospital, duas formosas pontes de cantaria sobre o pequeno Córrego do Tijuco, que a parte em dois bairros. Tem Juiz de Fora, que também o é dos órfãos, e Procurador da Coroa; professor régio de Latim, Vigário forâneo, Casa de Fundição do ouro com os mesmos oficiais da de Vila Rica, menos o abridor dos cunhos: os judiciais são também os mesmos. Tem boa casaria e ruas calçadas. Todos os víveres do país são baratos. Entre as frutas notam-se laranjas tangerinas brancas, o que não se acha em alguma outra parte.

A estrada, que vai para o Rio das Mortes, sobre o qual tem outra grandiosa ponte de madeira, é bordada de quintas, e casas de campo. No centro deste intervalo está o alegre Arraial de Matozinhos, ornado com uma Capela do Espírito Santo.

Nos seus subúrbios cultivam-se canas-de-açúcar, muito milho, algum centeio, pouca mandioca, e algodão; e ao largo cria-se gado. Por toda parte se minera.

Doze capelas há no seu extenso termo geralmente providas de capelães, que são como outros tantos coadjutores do vigário, do qual têm faculdade para administrar os sacramentos da sua jurisdição. Esta vila fica 22 léguas ao sudoeste de Vila Rica, e outras tantas ao su-sudoeste de Sabará, e 62 ao noroeste do Rio de Janeiro.

Duas léguas ao nor-noroeste de São João del-Rei, e um pouco arredada da margem direita do Rio das Mortes, está a medíocre Vila de São José, ornada com a mais magnífica matriz de toda a província, dedicada a Santo Antônio, uma capela de N. Senhora do Rosário, outra de S. João Evangelista; abundante de víveres, e bem provida de boas águas. Seus habitantes, e os do seu extenso termo, onde há grande número de capelas com capelães, para lhes facilitar o cumprimento com os preceitos eclesiásticos, recolhem muito milho, algum centeio, diversidade de frutas; e criam gado vacum, com grandíssima quantidade de porcos, sua principal riqueza. Alguns mineram.

Barbacena, vila medíocre e da mais bela vista, bem situada na proximidade da Serra Mantiqueira, 3 milhas distante do Rio das Mortes, ornada com uma igreja matriz, cuja padroeira é N. Senhora da Piedade, uma capela de S. Francisco de Paula, duas de N. Senhora com as invocações do Rosário e Boa Morte. Igreja Nova foi o seu primeiro nome. Nos seus contornos há pinheiros brasílicos; e as oliveiras frutificam ao menos em parte. Os seus habitantes criam gado, e ajudam os terrenos mais substanciosos a produzir-lhes o que no país se reputa mais útil à vida. Há quem procure ouro, e se ocupe em vários ramos de indústria com vantagem do povo. Fica 10 léguas a les-sudeste de São João del-Rei, e 15 ao su-sudoeste de Vila Rica.

Obra de 8 léguas ao su-sudoeste de Vila Rica, 14 ao nordeste de São João del-Rei, 1 afastada do Rio das Congonhas, junto à falda da Serra do Ouro Branco, está a Vila de Queluz, em sítio ameno, ornada com uma igreja matriz, de que é padroeira N. Senhora da Conceição, uma Ermida de Santo Antônio, outra com a invocação do Carmo: Carijós foi o seu primeiro nome. Gado grosso é a riqueza do povo que a habita.

Quatro léguas ao noroeste de Queluz está a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição das Congonhas do Campo, situada junto ao rio do mesmo nome, da outra banda do qual fica a magnífica Capela do Senhor de Bom Jesus de Matozinhos, sobre um monte, em cuja subida há vários passos da paixão do Salvador em figuras de pedra sabão, com assentos para diminuir a fadiga, e fonte para recrear a vista, e refrigerar a sede dos romeiros.

Tamanduá, vila medíocre entre duas pequenas ribeiras, que são ramos do Lambari, abastada de víveres, ornada com uma igreja matriz, de que é orago S. Bento, duas capelas de N. Senhora com as invocações das Mercês e Rosário, outra de S. Francisco de Paula, com uma arquiconfraria, cujos confrades gozam de privilégios singulares. Fica 25 léguas ao poente de Vila Rica, 15 ao noroeste de São João del-Rei, 20 ao sui de Pitangui, e 20 a oes-noroeste do Sabará. Seus habitantes, e os do seu termo, são criadores, lavradores, e mineiros.

Campanha, propriamente Vila da Princesa da Beira, medíocre, situada em planície, 3 léguas e meia distante do Rio Verde, ornada com igreja matriz, de que é padroeiro Santo Antônio do Vale de Piedade, duas capelas de N. Senhora, com os títulos do Rosário e Dores, uma de S. Sebatistão, outra de S. Francisco de Paula, com uma arquiconfraria sujeita à da Vila de Tamanduá. Tem Juiz de Fora, que serve também de órfãos; professor régio de Latim, e Vigário forâneo. Fica 22 léguas ao sudoeste de São João del-Rei, e 43 ao sul de Pitangui. Seus habitantes, e de seus contornos, são mineiros, lavradores de centeio, trigo, milho, tabaco, alguma mandioca, algodão, e cana-de-açúcar, e criam muito gado vacum, e porcos. Em alguns sítios cultiva-se linho: e por toda a parte se fabricam tecidos de lã e algodão.[10]

A Vila de Santa Maria de Baependi é ainda pequena; a matriz, que a orna, dedicada a N. Senhora da Conceição; a riqueza de seus habitadores tabaco, para o qual o território é mui apropriado. Fica 14 léguas a leste da Vila da Campanha, e foi criada por um alvará de 19 de julho de 1814, devendo assistir ao seu governo civil dois juízes ordinários, um dos órfãos, três vereadores, dois almotacés, dois tabeliães do público, judicial e notas; ficando anexos ao primeiro os ofícios de escrivão da Câmara, cizas e almotacerias; e ao segundo o ofício de escrivão dos órfãos; um alcaide, e um escrivão do seu cargo.

A Vila de São Carlos de Jacuí, situada sobre o rio, que lhe dá o nome, e muito perto da sua origem, tem uma igreja paroquial de N. Senhora da Conceição, e foi criada pelo mesmo alvará da de Baependi, com os mesmos oficiais de justiça, à qual ficam sujeitos os paroquianos da Freguesia de Cabo Verde. Fica perto da raia da Província de São Paulo: gado é a riqueza de seus habitantes.

' Desta comarca são ainda as paróquias de SanfAna de Sapucaí, que fica 7 léguas arredada do rio do mesmo nome: seus habitantes cultivam legumes, procuram ouro: Nossa Senhora da Conceição de Camanducaia, 4 léguas à direita do Rio Jaguari, cujos moradores exportam couros: Nossa Senhora do Carmo de Cabo Verde, perto do rio de que toma o nome: os seus fregueses cultivam algodão, algum trigo, tiram ouro, exportam sola: Sant'Ana de Itajubá, onde se recolhe trigo, centeio e milho: Pouso Alegre, cujos habitantes são agricultores: São Pedro de Alcântara: Ouro Fino, onde há caldas, 8 ou 10 léguas arredada da Vila de Bragança: gado e trigo são as riquezas de seus habitantes: Nossa Senhora da Conceição das Lavras do Funil, 18 léguas afastada de São João dei Rei: os seus habitantes são agricultores e criadores de gado: Nossa Senhora da Conceição de Pouso Alto, 14 léguas afastada da Vila da Campanha, onde se recolhe algodão e trigo: Nossa Senhora da Conceição da Juruosa; São Gonçalo, noutro tempo arraial grande e florescente, perto de 5 léguas arredado da Vila da Campanha; seus habitantes são mineiros e agricultores.

10 Nao podemos ver a continuação do ms. que nos Instruiu sobre o rendimento anual das Câmaras, o número da gente de guerra alistada nas vilas **das** outras três comarcas da província.

A Comarca do Sabará tem ao norte a Província de Pernambuco, ao poente a de Goiás, ao sul a Comarca do Rio das Mortes, e ao nascente a do Serro Frio. Dão-lhe 100 léguas de norte-sul, e mais de 60 leste-oeste. É regada de muitos rios, todos tributários do de São Francisco, que atravessa a sua parte meridional, e separa a setentrional da Comarca do Serro-Frio, abunda em pastagens, que criam muito gado vacum. Tem minas de várias metais, e pedras preciosas. Cultiva-se milho, mandioca, arroz, canas-de-açúcar, tabaco, legumes, algodão, e diversidade de frutas. A caça é abundante em muitos sítios.

Montes e Serras — Serra da Marcela, a dos Cristais, a da Tabatinga, que são as porções mais elevadas da cordilheira, que limita a comarca pelo ocidente: a do Jenipapo, na vizinhança da confluência do Rio das Velhas: a dos Quatis, a das Araras, ambas no centro da parte ocidental: a Serra Negra, que a separa da Comarca do Rio das Mortes, por largo espaço, quase todo de penedia, e com minerais de bom ouro: a Serra da Lapa, que se segue à do Ouro Preto para o setentrião: a da Saudade: a da Itucambira, que corre norte-sul com dilatadíssima extensão, e em distância considerável do Rio das Velhas, servindo de limites à comarca com a do Serro Frio.

Rios e Lagos — O Rio de São Francisco, que é o maior da província, e recolhe uma grande parte dos que a regam, tem sua origem na vizinhança da Serra da Canastra. Depois de largo espaço contra o nordeste, em que recolhe vários ribeiros por um e outro lado, recebe pelo esquerdo o Rio Bambuí, que vem da raia, e traz consigo o Rio da Perdição, que principia na Serra da Marcela: é este o primeiro abundante que o engrossa.

Obra de 8 léguas abaixo se lhe junta pela margem direita o Rio Lambari, que rega o extenso termo da Vila de Tamanduá: e coisa de outras tantas ao norte recolhe pela esquerda o Rio Marmelada, que vem da Serra dos Quatis.

Cinco léguas abaixo se lhe incorpora o considerável Rio Pará, que vem do sueste com mais de 40 léguas de curso, e passa pela vida de Pitangui; segue-se o Paraopeba, que não tem menos de 60, e a sua origem mui perto da Vila de Queluz: suas adjacências são povoadas de gado grosso.

Sete léguas abaixo da confluência do Paraopeba, fica a do Andaiá, que vem da raia correndo ao longo duma extensa, e pouco alta cordilheira, cuja porção meridional tem o nome de Serra da Saudade, e a setentrional o de Serra dos Quatis, e traz consigo o Rio Funchal. Este rio, ao qual dão para mais de 30 léguas de extensão, é abundante de pedras preciosas, entre as quais há muitos diamantes.

Pouco abaixo deságua, também pela esquerda, o Rio Borrachudo, pouco inferior ao precedente, e corre também ao longo do lado ocidental duma cordilheira denominada Serra das Araras, que fica paralela com aqueloutra.

Cinco léguas adiante sai pelo mesmo lado o Rio Abaité, que é considerável, e formado por dois do mesmo nome, que se unem muito acima da sua embocadura, e cujas origens distam mais de 30 léguas uma da outra: um vem do sudoeste, outro do noroeste, e traz o Ribeirão do Chumbo, que rega a base de um morro, onde há uma rica mina do metal, que lhe dá o nome. O terreno médio dentre as origens dos Abaités há um bosque denominado Mata da Corda, que exige braços agricultores, com vários intervalos de campinas, onde pastam numerosas manadas de gado vacum, cujos donos vivem longe.

Obra de 16 léguas mais adiante se encontra a grande Cachoeira de Pirapora; e depois de 4 a confluência do considerável Rio das Velhas, originalmente Guaicuí, que na língua dos aborígines significa o mesmo, e cuja origem está na vizinhança de São Bartolomeu, 6 milhas ao poente de Vila Rica. Tem grande número de cachoeiras, tortuosidades, e mais de 60 léguas de curso. O Paraúna, o Pardo,

o Curmataí, que se lhe unem pela direita, e o Bicudo pela esquerda, são os seus maiores tributários.[11]

Pouco abaixo saem o Jequetaí e o Pacuí, ambos pela direita: suas adjacências são povoadas de gado grosso.

Mais adiante sai o grande Paracatu, cujas principais cabeceiras são o Rio Escuro, e o da Prata, incorporado com o dos Arrependidos, que limita por algum espaço as duas províncias. Estes rios unem-se poucas léguas acima do Córrego-Rico, que passa junto da Vila de Paracatu: aqui toma ele este nome. O seu maior tributário é o Rio Preto, que sai da Lagoa Feia, vizinha ao Arraial dos Couros na Província de Goiás, e depois de ter recolhido grande número de ribeiras, junta-se-lhe pela margem esquerda, quase em igual distância das confluências onde toma e perde o nome.

Pouco abaixo do Rio Preto entra no que o recolhe, pela margem direita, o Rio do Sono, rico em pedras preciosas, e incorporado com o Rio das Almas, que se lhe une pela direita. O Paracatu é navegável até um pouco abaixo do mencionado Córrego-Rico, e sua água cristalina é tão leve, que nada largo espaço sobre o que o recolhe. As terras dum e outro lado são povoadas de gado.

Obra de 6 léguas ao norte deságua, pelo mesmo lado, o considerável Urucuia, navegável por largo espaço, cristalino, estreito, profundo e tão rápido, que em todo o tempo atravessa o de São Francisco, e vai roer o terreno da sua margem oriental. Tem princípio na raia de Goiás. O Rio de Santa Rita, que se lhe une pela direita.e o Claro pela esquerda, são os seus principais tributários; e ambos atravessam terrenos agrestes, povoados de gado vacum.

Segue-se o Rio Acari, o Pardo, o Pandeiro, o Salgado, o Pindaíba, o Itacarambi, e o Japoré: todos deságuam na margem ocidental. O Pandeiro vem de mui longe, atravessando grandes matas de boa madeira com muitos cedros, onde se podem estabelecer numerosas colônias para cultivar o seu fertilíssimo terreno. Suas águas são excelentes.

Poucas léguas abaixo do Japoré deságua na margem oriental o considerável Rio Verde: e poucas também mais adiante sai o Carinhanha, que é volumoso e navegável por grande espaço. Tem princípio nas chapadas de Santa Maria, perto da raia de Goiás: sua corrente é rápida, suas águas cristalinas, e conservam-se por grande espaço sem se confundir com as do de São Francisco depois de ter entrado nele. Acabaremos a descrição deste magnífico rio quando tratarmos da Província de Pernambuco, limitada por ele desta paragem até o Oceano. Tanto ele, como todos os mencionados, que o engrossam, são abundantes de pescado: os dourados, os surubins, os mandis, e as piranhas, são os melhores.

Junto à margem direita do Rio de São Francisco, e obra de 5 léguas abaixo da confluência do Bambuí, está a Lagoa Feia, com forma circular, e perto de 300 pessoas de diâmetro, de água verde-negra, que é um viveiro de sucuris, sucuriús e jacarés. Nenhum réptil, nem ave se atreve a beber nela. Menos de meia légua para o norte há outra, com o nome de Lagoa Verde, estreita, com mais de 6 milhas de comprimento, e habitada dos mesmos viventes: ambas deságuam para o mencionado rio.[12]

Vila Real do Sabará, cabeça da comarca, e residência ordinária do seu Ouvidor, que também serve de Provedor dos defuntos, ausentes, capelas e resíduos, situada junto à margem direita do Rio das Velhas, no lugar onde este recolhe a ribeira, que lhe deu nome, em terreno baixo, rodeado de montes, é grande, flores-

11O Parauna principia no Berro do Frio ao sul do Tijuco: corre contra o poente a atravessar a Serra da Itucamblra, onde se precipita, formando uma vistosa catadupa.

12Sucuriú, e Sucuri só na cor se diferenciam: o primeiro é anegrado, o outro pardo: ambos têm duas grandes unhas J-unto à extremidade da cauda, com as quais se seguram nas raizes. ou pontes de pedras debaixo dágua, quando querem prender algum animal; e os dentes pontudos, e Inclinados para as fauces, de sorte que a presa nao pode escapar-lhe, ainda que o monstro queira largá-la. Tem-se morto Sucuriús de oitenta palmos de comprimento. É provável que estas cobras sejam uma mesma casta com as sucurlubas de outras províncias.

cente, abastada de carne, peixe, e víveres do país; ornada com uma igreja matriz, que tem por padroeira N. Senhora da Conceição, uma capela de N. Senhora do Ó, outra do Rosário com uma numerosa irmandade de pretos, duas ordens terceiras do Carmo e S. Francisco. Tem Juiz de Fora, que também serve de órfãos; Vigário forâneo; professores de primeira letras e Latim; casa de fundição do ouro, cuja despesa sobe a 40.000 cruzados, e tem os mesmos oficiais, que a de Vila Rica, exceto o abridor dos cunhos, e terceiro fundidor; um bom chafariz de excelente água na Rua do Caquende, quatro entradas para os pontos cardinais: só a do norte não tem ponte: a oriental e meridional, ambas sobre a Ribeira Sabará, hão-de perder os nomes, que as designam, quando se fizerem de cantaria. Os oficiais judiciais são também os mesmos em número e empregos, que na capital:[18] o rendimento anual da Câmara anda de 8 a 9.000 cruzados. O calor é aqui intenso nos meses do estio, como em nenhuma outra povoação da província. Teve (foral em 1712, e fica 10 léguas ao nor-noroeste de Mariana, 21 ao nordeste de Tamanduá, 28 ao sudoeste da Vila do Príncipe, 22 ao nor-nordeste de São João del-Rei. Seus habitantes, e os de cinco paróquias, que há no seu termo, são mineiros, e lavradores de diversos víveres, e formam dois regimentos de cavalaria auxiliar, um com onze, outro com oito companhias de homens brancos, vinte companhias de ordenanças, um terço de onze companhias de pardos, outro de sete de pretos forros.[14]

"Em distância de 3 léguas há uma lagoa com 3 milhas de circuito, cuja água tem sido útil a certos achaques, o que lhe mereceu o nome de Lagoa Santa".[15]

Cinco léguas ao norte de Sabará, e 1 milha arredado do Rio das Velhas, junto ao Corgo da Calçada, está o grande e florescente Arraial de Santa Luzia, ornado com cinco templos, e cujos habitantes vivem abastados com as produções da agricultura, mineração e criação de gado.

Vila Nova da Rainha, criada em 1714, mais conhecida pelo seu primitivo nome Caité, que na língua brasílica significa bosque fechado, é medíocre, alegre, bem arruada num terreno plano e agradável junto a uma ribeira, ornada com uma magnífica matriz dedicada ao Senhor do Bom Sucesso, uma capela de N. Senhora do Rosário, outra de S. Francisco. Há nela quinze ofícios judiciais: o rendimento da Câmara anda por 8.000 cruzados. Seus habitantes são mineiros, criadores de gados, e lavradores; respiram ares salutíferos, recolhem variedade de frutas européias, e formam, com os de três freguesias do seu termo, dezessete companhias de ordenanças de brancos, sete de pardos, e algumas esquadras de pretos forros. Fica 3 léguas a les-sueste do Sabará. Nos seus subúrbios há boas argilas e olarias.

Pitangui, vila medíocre sobre a margem direita do Rio Pará, 3 milhas abaixo da confluência do de São João, abastada de peixe, carne, e de todas as produções da agricultura do país; erecta em 1715, ornada com duas ermidas e uma matriz dedicada a N. Senhora do Pilar. Tem Juiz de Fora, e um escrivão das guias do ouro. A Câmara tem 3.000 cruzados de rendimento. Fica 30 léguas ao norte de São João del-Rei, e 21 a oés-noroeste de Sabará. Seus habitantes e os do seu extenso termo criam grande quantidade de gado vacum e também cavalos, porcos e ovelhas: fazem grandes plantações de algodoeiros e canas-de-açúcar: a aguardente, que delas se extrai, passa pela melhor de toda a província. "Uma afluente mina de ouro ocasionou numerosos pleitos, e mortes entre seus primeiros povoadores,

13Haverá 25 anos andava o ofício de escrivão da ouvidoria arrendado trlenalmente por mais de 12.000 cruzados.
14Em 1788 havia Jíi nesta vila 850 fogos com 7.656 pessoas.
15Este lago é sem dúvida o que em outro documento se acha descrito da maneira seguinte: "Cinco léguas ao norte de Sabará há uma lagoa com mela légua de comprido, um quarto de largura, trinta e cinco palmos na maior altura, e vários olhos d'água no centro. Cria quatro castas de pescado. As águas, que sao cristalinas, e sempre tépldas, quando estáo sem movimento, mostram na superfície uma como película ou teagem cor de aço, que se desfaz com o assopro, e deixa os beiços como prateados aos que nela bebem. Deságua pela extremidade setentrional para o Rio das Velhas, no qual dista légua e mela".

que foram mineiros paulistas, entre os quais figurava um Domingos Rodrigues do Prado, que tinha por devoção mandar assassinar ainda aqueles, que não o ofendiam."!! É o que acontece quando não se executam as Leis.

Paracatu do Príncipe, vila medíocre e famosa, bem assentada em terreno levantado, plano e vistoso, com ruas direitas e calçadas; uma igreja matriz dedicada a Santo Antônio da Manga; três ermidas de N. Senhora com as invocações de Abadia, Amparo e Rosário, outra de Sant'Ana, e duas boas fontes. Tem aula regia de Latim. As casas são térreas, e feitas de madeira. Fica coisa ide 400 braças arredada da ribeira denominada Corgo-Rico, e que depois de 12 léguas entra no Paracatu, pela margem esquerda, junto ao Porto do Bezerra, e 40 longe do de São Francisco. Tem decaído muito do seu primeiro esplendor: o povo é pacato, mas indolente: os europeus, por toda parte ativos, são já poucos: gado e minerações fazem sua riqueza: à exceção da carne, e frutas, os mais mantimentos são de carreto. As videiras frutificam com perfeição duas vezes no ano; os ananases e as laranjas são abundantes e excelentes; os marmelos poucos, e nada bons: nos contornos há muitas perdizes, veados, e outras caças. O ouro é vistoso, mas de baixo toque, e difícil extração por falta de água: também não é permitido procurá-lo longe. Os diamantes, que têm aparecido em diversas partes, fizeram restringir as minerações a um certo distrito de poucas léguas à roda da vila, em torno do qual há vários destacamentos para impedir-lhes a extração.[18]

Os habitantes desta vila e os da freguesia do seu vasto termo, formam um regimento de cavalaria auxiliar com sete companhias de homens brancos, três de pardos, e duas de pretos forros.

Na margem esquerda do Rio de São Francisco, entre as fozes do Urucuia e Paracatu, quase em igual distância, está o considerável populoso Arraial e Freguesia de São Romão, ornado com uma igreja matriz dedicada a Santo Antônio da Manga, duas capelas, uma de N. Senhora do Rosário, outra de S. Francisco. É cabeça de Julgado, e de muito comércio, sendo o depósito de várias mercadorias do país, e de grande quantidade de sal, que as barcas e canoas trazem das salinas de Pilão Arcado, e suas vizinhanças. O rio, com as suas grandes cheias, entra pelas ruas, e causa sezões aos seus habitantes, cuja paixão dominante, ainda das mulheres é o jogo. Os melões e melancias são abundantes.

As outras freguesias do termo de Paracatu são: a de SanfAna dos Alegres, junto à embocadura do Rio Catinga, que fica pouco acima do Rio do Sono; a de Nossa Senhora da Penha, junto ao Urucuia, um dia de viagem longe do Rio de São Francisco; a do Carinhanha; a do Andaiá, e a de Nossa Senhora do Amparo do Salgado, com uma capela de Nossa Senhora do Rosário, arraial florescente, e que promete grande crescimento. Fica légua e meia arredada do Rio de São Francisco. Seus habitantes são criadores de gado, Lavradores de canas-de-açúcar, e algodão, e os mais abastados do distrito.[17]

Desta comarca é ainda o Arraial e Julgado de Santo Antônio do Curvelo, aliás do Papagaio, bem situado numa planura lavada de ares salutíferos, junto a uma ribeira, que cai no Rio das Velhas pela margem esquerda; fica mais de 20 léguas ao nor-noroeste do Sabará. Seus habitantes são agricultores, e criadores de gado.

Por alvará de 17 de junho de 1815 foi a Comarca do Sabará repartida em duas, servindo-lhes de limite médio o Rio de São Francisco. Os limites setentrional,

16 O termo desta vila abrange a maior parte da comarca, quero dizer todo o terreno, que fica ao poente do Rio de Sao Francisco, desde o Carinhanha até o Abai té, perto de cuja confluência está a passagem de Vila Rica para a de Golas chamada Porto Real.

Em 1744, quando ao poente do Rio de Sao Francisco nao havia outra colônia mais que a de Sfto Romão, foram descobertas estas minas e manifestadas a Gomes Freire de Andrade, que mandou repartir o terreno segundo o costume praticado: sendo muitos os que principiaram a mlnerar, a afluência do ouro que se tirava fez concorrer numerosldades de gente, que afugentou por uma vez o gentlo deste extenso distrito.

17 O Distrito de Paracatu faz parte do Bispado de Pernambuco.

ocidental, e meridional da nova, são os mesmos, que até então limitavam o termo da Vila de Paracatu, cabeça, e única da nova comarca, que toma dela o nome. Pelo mesmo alvará foi extinto o lugar de Juiz de Fora, que nela havia desde a sua criação em 1798, ficando o Ouvidor também Intendente do ouro. Por outro alvará de 4 de abril de 1816 se separaram da Ouvidoria de Goiás os Julgados do Desemboque e Araxá, ficando pertencendo à Ouvidoria de Paracatu.

COMARCA DO SERRO-FRIO

A Comarca do Serro-Frio, que tomou o nome duma montanha entre todas as outras a mais celebrada pelas riquezas, que encerra, confina ao norte com a Província da Bahia, que também a limita ao nascente com a de Porto Seguro; ao sul com a Comarca de Vila Rica, e ao poente com a do Sabará. Dão-lhe mais de 80 léguas de norte-sul, e 50 de leste-oeste. É país montuoso em grande parte, regado de muitos rios, com extensas charnecas na parte setentrional, que só servem para criar gado vacum; sem que por toda parte deixe de ter pedaços de terreno mais ou menos consideráveis, apropriados para a cultura do algodão, milho, arroz, mandioca, legumes, tabaco, e ainda centeio e canas-de-açúcar. É a mais rica em pedraria, e tem minas de todos os metais.

Montes — Uma cordilheira (continuação da Mantiqueira), que não conserva sempre o nome, nem a altura, nem a direção, quebrando em muitas partes, e lançando vários ramos a diversos rumos, a atravessa quase norte-sul. Nota-se a Serra das Esmeraldas na parte oriental; a Serra Branca, que separa a comarca da do Sabará por largo espaço, e depois inclina contra o nordeste até à raia da província; a Serra do Grão Mogol; a do Peixe Brabo; a da Gurutuba; a da Conceição, e a das Almas.

Rios — Os principais são o Jequitinhonha, o Verde, o Pardo, o Mucuri, o Arassuaí, o Sassuí, o Corrente, e o de Santo Antônio.

O Jequitinhonha, tão célebre pela prodigiosa quantidade de diamantes, que se tiram do seu leito, principia na Serra do Serro-Frio. Depois de ter descrevido muitas voltas, e atravessado um extenso terreno, recolhe pela esquerda o Itucambiruçu, que vem do poente, e atravessa a Serra do Grão Mogol. Depois de largo espaço, fazendo caminho de leste, se lhe une, pelo mesmo lado, o Rio Vacaria, que é considerável, e vem da mencionada Serra do Grão Mogol, atravessando sertões povoados de gado. Poucas léguas abaixo se lhe junta pela margem direita o Rio Arassuaí, que lhe é superior, e principal também na Serra do Serro pouco a leste, e traz consigo o Rio de Santo Antônio, o Itamarandiba, o Setúbal com outros menores, cujas cabeceiras estão no lado setentrional da Serra das Esmeraldas. Poucas léguas abaixo da confluência do Arassuaí sai o Rio Piauí, que vem do sudoeste, atravessando matas povoadas de caça perseguida pelos selvagens. Este rio e os seus confluentes abundam de crisólitas, safiras, cristais, pingos d'água, com outras pedras preciosas. O Jequitinhonha recolhe ainda pela esquerda o Rio Utinga, pela direita o de São João: sai da província procurando o nordeste, e começa a fazer a divisão entre as de Porto Seguro e Baía, até o Oceano, onde sai com o nome de Rio de Belmonte. Em todos estes rios há dourados, piamparas, piaus, piabanhas, traíras, surubins, mandis, por outro nome roncadores.

O Rio Verde, que é caudaloso, e atravessa sertões extensos povoados de gado vacum, riqueza de muitos fazendeiros ou criadores, que vivem dispersos, principia na vizinhança da porção meridional da Serra do Grão Mogol, depois de largo espaço contra o norte recolhe pela margem direita o Rio Guaratuba, que principia na proximidade da porção setentrional da mesma Serra do Mogol, e traz consigo o Pacuí, que sai da Serra Branca, e une-se-lhe pelo lado oriental. Cousa de 3 léguas abaixo da foz do Guaratuba, sai o Rio Verde pequeno, que vem do Morro

do Chapéu, porção da Serra das Almas, procurando o poente, e fazendo a divisão setentrional da província. Nesta paragem já o Rio Verde grande corre ao ocidente, ou com pouca diferença, e continua o mesmo rumo até se incorporar com o de São Francisco, cujos pescados lhe são comuns, e aos que o engrossam. Todos correm por terrenos agrestes, que jamais serão bem povoados.

O Rio Pardo forma-se na vizinhança da Serra das Almas; corre ao sueste, recolhe o Rio Preto, que vem da Serra Branca, inclina para leste, e entra na Comarca dos Ilhéus, onde sai ao mar com o nome de Patipe.

O Rio Mucuri, cuja cabeceira principal sai do lado meridional da Serra das Esmeraldas, depois de recolher pela margem esquerda o Rio Preto grande e o Preto pequeno, e mais abaixo o de Todos os Santos pela direita, entra na Província de Porto Seguro, onde engrossa e sai ao Oceano. O terreno, que este rio rega antes de sair da comarca, e os mencionados tributários, era noutro tempo possuído pelos índios Macunis, Panhames, Capochós, Machacaris: hoje erram por ele os ferozes Aimborés.[18]

O Rio Sassuí, o Corrente, e o de Santo Antônio, tributários do Rio Doce, como se disse, regam a parte mais meridional da comarca.

Vila do Príncipe, cabeça da comarca, e residência ordinária do seu Ouvidor, que serve também de Provedor dos defuntos, ausentes, capelas e resíduos; considerável, abundante, e ornada com uma igreja matriz, de que é padroeira N. Senhora da Conceição, uma capela do Senhor Jesus de Matozinhos, outra de Santa Rita, três dedicadas a N. Senhora com as invocações da Purificação, Carmo e Rosário; porém mal situada: só uma rua é vistosa. Foi erecta em 1714. Tem Juiz de Fora, Professor régio de Latim, casa de fundir o ouro, com os mesmos oficiais da do Sabará. Fica na vizinhança da Serra da Lapa, meia légua afastada do Rio do Peixe, ramo do de Santo Antônio, 28 ao nordeste de Sabará, e 32 ao nor-nordeste de Mariana, 106 ao norte quarta de noroeste do Rio de Janeiro. Seus habitantes são mineiros, e lavradores de milho, legumes, algodão, canas-de-açúcar, e formam vinte duas companhias de ordenança de brancos, treze de pardos, e seis de pretos forros. O rendimento da vigaria subia há poucos anos a 12.000 cruzados, e o da Câmara a sete.[19]

No seu termo em distância de 12 léguas, está o considerável Arraial e Freguesia de N. Senhora da Conceição, em cujo distrito fica a Serra de Gaspar Soares, abundante de minerais de ferro, para cujo aproveitamento se está estabelecendo uma fábrica real.

A Vila do Bom Sucesso, vulgarmente mais conhecida pelo nome de Fanado, criada no ano de 1715 é medíocre, e bem situada num terreno levantado, e lavado de ares salutíferos entre as ribeiras, que lhe deram os nomes, e unindo-se entram no Rio Arassuaí, que passa 6 milhas arredado pelo norte, ornada com uma igreja matriz dedicada ao príncipe dos Apóstolos, as capelas do Senhor de Bonfim, de N. Senhora do Amparo dos pardos, de N. Senhora do Rosário dos pretos, de Santa Ana, de S. José, de S. Gonçalo, e uma ordem terceira de S. Francisco.

18 O primeiro Rio Preto, obra de 3 léguas acima da sua foz, recolhe pela esquerda o Ribeirão das Americanas, formado de três ribeiras, que saem da mesma serra. Junto da central se achou em janeiro de 1811 uma Umpisslma água-marlnha, com mais de quinze libras: e em outubro do mesmo ano outra de quatro.

Entre estes dois rios Pretos deságua pelo mesmo lado o pequeno Rio Mlmanachl.

Nas matas regadas pelos primeiros ramos do Rio Mucuri, ha cedros com trinta palmos de circunferência; Jlqultlbás de grossura prodigiosa; uma casta de aratlcunzelro, cujo fruto é do tamanho de um ovo de perua, e o mais saboroso de quantos se têm achado; um cipó, que ou cozido, ou assado, é como aipim.

O Rio de Todos os Santos nasce no lado setentrional da Serra das Saflras, de cuja sumidade se avistam em grande distância para o sul trinta e três montes altos de forma plramldal, que parecem nao distar multo uns dos outros; e se crê serem alguns dos picos mais elevados da Serra dos órgãos, e os corutos de algumas montanhas, que estão ao norte do Paraíba.

Do lado meridional da mesma Serra das Saflras saem varias ribeiras, que formam o Rio de S&o Mateus.

19 Em toda a comarca há dois regimentos de cavalaria auxiliar, um de oito, outro de nove companhias.

Tem Juiz de Fora, e Professor régio de Latim. Nenhuma casa é de pedra. Seus habitantes são mineiros, criadores de gado vacum, e lavradores de víveres, algodão e canas-de-açúcar: alguns procuram pedras preciosas: os negociantes são os mais abastados e independentes. Fica 63 léguas ao nordeste de Mariana, 60 ao mesmo rumo de Sabará, 36 ao nor-nordeste de Vila do Príncipe, 135 ao norte do Rio de Janeiro.

No seu extenso termo há várias ermidas: a de Nossa Senhora da Piedade, a das Mercês, a da Penha, a de S. João, a da Prata, a das Barreiras, cujo número deve multiplicar-se para leste e sul até o Rio Doce, logo que se abram e freqüentem as estradas projetadas para os melhores portos de Porto Seguro. A maior parte delas serão paróquias antes de muitos lustros. A fertilidade do território, e facilidade de transportar as produções aos portos, devem atrair numerosos colonos a este distrito, sem dúvida o melhor da província depois de subjugados os aimborés.

Três léguas ao norte do Fanado está o Arraial e Freguesia de Santa Cruz da Chapada, junto ao Rio Capivari: Seus habitantes, que apenas recolhem alguns víveres ocupam-se em minerações.

Quatro léguas ao nordeste do precedente, e 7 do Fanado, está o considerável Arraial e Paróquia de Água Suja, junto à confluência da ribeira do seu nome com o Arassuaí, ornado com uma igreja matriz dedicada a N. Senhora da Conceição. Seus habitantes cultivam milho, legumes, algodão, tabaco, e tiram ouro. No seu distrito há as freguesias de São Domingos, e a de Nossa Senhora da Conceição, junto ao Rio Sucuriú, cujos paroquianos cultivam as mesmas produções, e ajuntam ouro e pedraria.

Perto de 30 léguas ao norte do Fanado está o considerável Arraial e Freguesia do Rio Pardo, sobre a confluência do rio que lhe dá o nome, com o Preto, sobre os quais tem pontes. As casas são em grande parte de adobe, a matriz de taipa, e dedicada a N. Senhora da Conceição. O povo, que o habita, cria gado vacum, e cultiva mandioca, milho, arroz, e algodão, com variedade de frutas.

Sessenta léguas ao norte de Sabará, 39 ao oes-noroeste do Fanado, 43 ao nor-noroeste da Vila do Príncipe, está o famoso Arraial, Paróquia, e Julgado da Barra o Rio das Velhas, situado numa planície sobre a confluência do rio, que lhe dá o nome, e o danifica com suas grandes cheias; ornado com uma igreja matriz dedicada a Nossa Senhora do Bom Sucesso, e uma capela do Senhor Jesus de Matozinho. É de muito comércio, abastado de carne, peixe e frutas; e o entreposto de grande quantidade de sal, que sobe das salinas do Rio de São Francisco. Seria hoje uma das maiores povoações da província, se as febres, **que** reinam na estação das chuvas, e fazem retirar grande parte do povo, lho não tivessem impedido.

Meia légua arredado fica o Arraial da Porteira, ornado com uma Capela de N. Senhora do Bom Sucesso, e outra do Rosário: nele reside o Vigário e a Justiça, por ser lugar sadio.[20]

Coisa de 6 léguas ao norte sobre a margem do Rio de São Francisco está o pequeno e vistoso Arraial da Estrema com uma Ermida de N. Senhora da Conceição. É abastada de peixe, carne e frutas, principalmente de laranjas.

Dentro desta comarca está o montuoso distrito Diamantino, que poderá ter 14 léguas de diâmetro. As pedras denominadas diamantes, descobertas por Bernardo da Fonseca Lobo em 1729, ou 1730, lhe deram o nome, e correram livres até o ano de 1734, em que se proibiu a sua extração.[21]

Em janeiro de 1741 arrematataram este contrato João Fernandes de Oliveira, e Francisco Ferreira da Silva, por tempo de três anos, e pelo donativo de 900.000

20A Paróquia da Barra do Rio das Velhas, a da Vila do Panado, com outras da comarca, pertencem ao Arceblspado da Bahia.
21Um Ouvidor da província, que tinha estado em Goa, onde adquirira conhecimento deste gênero de pedras vindas de Golconda, foi quem as deu ao manifesto.

cruzados. Pela Carta Regia de 3 de abril de 1743 mandou S. M. à Provedoria da Fazenda Real de Vila Rica assistisse ao contrato dos diamantes com quantia que não excedesse a 200.000 cruzados por ano, e se lhe ficou assistindo com 150.000 ditos.

Passados alguns tempos foi arrematado o contrato por uns N. N. Caldeiras, que nos serviços que fizeram, encontraram as maiores riquezas. A opulência animou-os (diz-se) a perpetrar crimes, que os levaram ao Limoeiro, um Confisco Real.

Foi novamente arrematado este contrato a João Fernandes de Oliveira, por cuja conta esteve até os fins de 1771, continuando-se-lhe a mesma assistência por conta da Real Fazenda, e por empréstimo a quantia de 500.000 cruzados por ano.

No 1.° de janeiro de 1772 ficou correndo a administração desta extração por conta da Coroa.

Pela lei de 11 de agosto de 1753, já era contrato real estabelecido.

Não são somente os diamantes, que fazem este distrito rico e célebre; outras castas de pedras preciosas concorrem a dar-lhe fama, como safiras, esmeraldas, águas-marinhas, crisólitas, topázios, etc. Todas estas pedras se criam nas serras, donde descem com as águas das trovoadas para o rios. Além das pedras há neste cantão minas de todos os metais, cuja extração é rigorosamente vedada, afim de não se extraviar os diamantes.

Em torno do distrito Diamantino há vários destacamentos para evitar os roubos que se poderiam fazer nos extravios do ouro e diamantes, e ainda dos direitos das entradas. Tais são entre outros: 1. o de Milho Verde, 2. o de Pirauna, 3. o de Gouveia, 4. o do Rio Pardo, 5. o da Chapada, 6. o do Arraial, 7. o de Hinhaní, 8. o do Rio Manso.[22]

No centro do distrito Diamantino, 38 léguas ao nor-nordeste de Mariana, 32 do Sabará, 30 ao sudoeste do Fanado, 8 ao nor-noroeste da Vila do Príncipe, numa quebrada do Serro do Frio, ao poente e não longe da origem do Rio Jequitinhonha, está o grande, famoso e florescente Arraial de Santo Antônio do Tijuco, situado em anfiteatro, ornado como uma igreja de Santo Antônio, que tem as irmandades do S. Sacramento, dos Passos, e da Senhora do Terço: uma Capela do Senhor de Bonfim, com irmandade de pretos crioulos: quatro dedicadas a N. Senhora com as invocações do Amparo, que tem irmandade de pardos: Carmo com Ordem Terceira; Rosário com irmandade de pretos da África; e Mercês: outra de S. Francisco, magnífica, e com Ordem Terceira: um Recolhimento de donzelas com sua capelinha de N. Senhora da Luz: três hospitais; casa de Miseri-

22 "A demarcação diamantina de longe mostra uma perspectiva negra, arrepiada, e crespa com mil picos de serras desiguais; por um lado montes elevadíssimos duma só pedra, e perpendicularmente talhados se elevam às nuvens; por outra parte correm serras continuadas, compostas de penedlas soltas, e acumuladas em ruínas umas sobre as outras, coberta dum musgo pardo, e mato rasteiro, que mal vestem, e compõem. Mil regatos de puras, e cristalinas águas de continuo atravessam seus caminhos; uns caem a pique, e em fio, de altíssimas montanhas, outros se vêm quebrando, e dividindo sobre rochas até o sopé das serras, donde com voltas, e revoltas váo demandar os rios maiores. Estes umas vezes correm mansos, e serenos sobre espaçosas praias, outras se estreitam entre apertadas, e alcantlladas serras com fragor, e ruídos: aqui desaparece à vista, e n&o se vê mais rio; ali ressuscita, e foge espumando com fúria. Tais sáo os maravilhosos fenômenos, que a faustosa Natureza expõe em um ponto majestoso e grande ao viajante, que observa a demarcaçáo diamantina.

Esta pedra é toda cristalizada na superfície da terra, e nunca em veeiros, que sé entranhem pelos montes. Jamais se lhe achou base, ou crosta, que lhe servisse de assento, como matriz, para a mesma cristalização ;e a forma das mesmas pedras em pl&o, pontudos, por uma e outra parte, triangulares, arredondadas, e por todas as partes faceadas e Usas. tudo isto é prova que a sua crlstallzaç&o é dispersa, solitária, e não continuada. Por esta razão é que criando-se esta pedra na superfície da terra, e não se achando presa em uma base, ou veeiro, nem entranhada pelos montes, o tempo, os aluvlões das águas, as revoluções da terra, estes grandes agentes da natureza os têm conduzido Já quase todos aos rios, às suas baixas e leitos antigos. Estes são os lugares mais ordinários, em que se acham os diamantes. Nesta terra também os temos visto (ainda que raras vezes) nos picos das serras, e em algumas planícies elevadas, e mui retiradas dos rios, e que nunca foram seus leitos. Nestas paragens se pode dizer que eles estão ainda no lugar natural das suas cristalizações, e por Isso Bempre à flor da terra".

Memória dum sábio mineralogista do pais, e que por ordem regia fez nele as averiguações respectivas.

córdia, cuja capela é dedicada a Santa Isabel; um quartel da tropa: abundante de águas cristalinas, e lavado de ares salutíferos. Os edifícios são de taipa e pau a pique pela maior parte, e poucos de pedra.

Há nele um tribunal, denominado Junta Diamantina, composto de cinco deputados, a saber:

Um desembargador intendente, que é o presidente, com jurisdição privativa na demarcação diamantina, e um ordenado de 8.000 cruzados, afora os emolumentos da sua vara.

Um corregedor fiscal, com	5.000 cruzados
Um primeiro caixa, com.....	8.000 "
Um segundo caixa, com	6.000
Um inspetor-geral com	4.000

Há um escrivão dos diamantes, e um meirinho.

No contencioso há um escrivão, que escreve perante o desembargador intendente nos feitos cíveis e crimes, que se processam naquele Juízo: um meirinho com seu escrivão.

Há mais de 6.000 negros trabalhadores, e 200 inspetores brancos, subalternos da Junta.

Tem havido anos de quatro e cinco mil oitavas de diamantes; e entre eles algumas pedras de uma até cinco oitavas.

A ninguém é permitido entrar no distrito sem licença expressa.

FIM DA PRIMEIRA PARTE

COROGRAFIA BRAZILICA,
ou RELAÇÃO
HISTORICO-GEOGRAFICA
DO
REINO DO BRAZIL

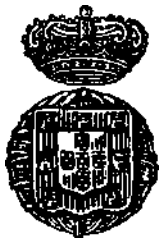
COMPOSTA E DEDICADA

A

SUA MAGESTADE
FIDELISSIMA

POR HUM PRESBITERO SECULAR DO
GRAM PRIORADO DO CRATO.

TOM. II.



RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
M. DCCC. XVII.

Com Licença e Privilegio Real.

FAC-SIMILE DA CAPA DO 2.» VOLUME DA 1.» EDIÇÃO

Com o desígnio de propagar o Calvinismo no Novo Mundo entrou o Huguenote Francês Villegagnon com seus camaradas na Baía Niterói, ainda despovoada, em novembro de mil quinhentos e cinqüenta e cinco; e no ilhéu, que lhe tomou o nome, construíram o Forte Coligni em obséquio do façanhoso Almirante Gaspar de Coligni, acérrimo protetor da colônia, à qual no seguinte ano mandou três navios de guerra, e perto de trezentas pessoas.[1]

Tendo disto notícia El-Rei D. João o Terceiro, ordenou a Duarte da Costa, Governador da Bahia, que individualmente, o informasse do atual estado dos Protestantes. Seguiu-se a morte do Monarca. Constando depois na Corte que os intrusos cresciam, determinou a Senhora D. Catarina a Mem de Sá, sucessor de Duarte da Costa, que fosse expulsá-los, enviando-lhe logo dois navios de guerra com algumas caravelas. Aumentando o Governador esta esquadra com alguns navios da Coroa e dois caravelões, que se achavam no porto, e metendo-lhe a gente que pôde ajuntar, pessoalmente se embarcou nela, e foi visitando as Capitanias da Costa, e recebendo a gente que quis acompanhá-lo.

Os intrusos defenderam-se vigorosamente a princípio; porém, não podendo remediar os estragos, que os navios mais possantes lhes faziam, retiraram-se de noite para o continente, unindo-se aos tamoios, já seus amigos. Recolheu Mem de Sá a artilharia, demoliu o Forte, e retirou-se para a sua residência com um navio inimigo, que achara no porto.

Como não ficou gente para impedir o novo estabelecimento, no caso que os inimigos tentassem fazê-lo, logo que chegaram os primeiros navios com mais gente, fortificaram-se em terra firme, ainda mais vantajosamente do que a princípio.

Correndo de novo a certeza que os Protestantes continuavam a freqüentar o Rio de Janeiro, e se achavam de cada vez mais fortificados; e conhecendo-se quanto Convinha à Coroa fortificar-se, e povoar-se este bom porto, visto não ter o donatário meios para o povoar, nem forças para impedir o estabelecimento a qualquer inimigo, que nele pretendesse situar-se, foi enviado Estácio de Sá com dois galeões ao Governador Mem de Sá, seu tio, para que este o auxiliasse na repulsa dos intrusos. Havendo Estácio de Sá engrossado a esquadra, segundo as circunstâncias o permitiam, chegou ao Rio de Janeiro em quinhentos e sessenta e cinco, e aquartelou-se junto ao Pão de Açúcar, onde hoje chamam Vila Velha. Em vários ataques, com que acometeu o inimigo, nunca a fortuna lhe foi completamente propícia: o que deu motivo a aprestar Mem de Sá na Bahia uma armada de três galeões vindos de Lisboa comandados por Cristóvão de Barros, dois navios da Coroa, que cruzavam na costa, e seis caravelões, e ir nela em auxílio do sobrinho, levando consigo muitos casais com os aprestos necessários para executar a Real disposição; visitando como dantes as capitanias do intervalo, oferecendo transporte gratuito a todas as famílias, que quisessem ir povoar a colônia futura; sendo com efeito muitas as que o acompanharam.

Eram passados quase dois anos em disputas quase inúteis, quando ali aportou Mem de Sá, que em dois dias decidiu a contenda, apoderando-se dos Fortes *Urussumiri* e *Paranapucuí.*

1 Lery.

Nestes conflitos, que aconteceram no dia vinte de janeiro de quinhentos e sessenta e sete, recebeu Estácio de Sá uma ferida, de que morreu depois de algumas semanas.

Passados alguns dias, mudou Mem de Sá a primeira povoação para o sítio denominado hoje Bairro da Misericórdia, em que se ocupou perto de ano e meio; e determinando o necessário para a continuação, e segurança da nova cidade, voltou para a Capital do Estado no princípio de junho do ano seguinte, deixando por Governador seu sobrinho Salvador Correia de Sá. Seu governo foi curto, como também o de Cristóvão de Barros, que lhe sucedeu com Patente Regia, e cuja jurisdição terminou em quinhentos e setenta e dois, quando El-Rei D. Sebastião repartiu o Estado em dois, ficando a Cidade de São Sebastião capital do Meridional, e este entregue ao Doutor Antônio Salema com jurisdição sobre as outras capitanias do Rio-Belmonte para o sul.

Reconhecendo o mesmo Soberano o inconveniente, que desta divisão resultava à Coroa, ordenou que tornassem as coisas ao estado anterior; e dando o tempo por acabado ao Doutor Salema, nomeou-lhe por sucessor o mesmo Salvador Correia de Sá, com Patente de Capitão General passada a dez de janeiro de mil quinhentos e setenta e seis, o qual governou até o ano de quinhentos e noventa e oito. Nenhum de quantos se seguiram, governou tanto tempo, à exceção do saudoso Gomes Freire de Andrade, que governou desde setecentos e trinta e três até sessenta e três; e mais tempo governara, se a morte lhe não cortasse ainda a vida.

Esta é a época da criação desta Província, e da fundação da sua Capital; a qual, em razão da importância do seu porto, e considerada da Coroa, foi sempre governada por homens de qualidade, com inspeção sobre os governadores da Capitania de São Vicente, cuja capital, mais antiga trinta e cinco anos, ficou em pouco tempo a não poder competir com estoutra, cujos Governadores iam àquela nas precisões, que não eram raras, pela negligência dos Capitães-mores, Loco-Tenentes dos Donatários; como também porque entre os vicentistas (mais conhecidos já pelo nome de *paulistas)* havia grande número de homens opulentos, que se julgavam árbitros de seus caprichos, e dispensados ou isentos da sujeição às ordens do Capitão-mór, que muitas vezes não podia competir com eles em cabedais, qualidade e esperteza.

Esta província, à qual deu nome o magnífico porto da sua Capital, compreende a Capitania de São Tome, metade da de São Vicente, e ainda uma porção da do Espírito Santo. Confina ao setentrião com a derradeira, da qual é separada pelo Rio Cabapuana; e com a de Minas Gerais, de que é dividida pelos rios Preto, e Paraíba, e em parte pela Serra da Mantiqueira; ao Meio-dia com o mar Oceano, que também a banha pelo oriente: ao ocidente tem a Província de São Paulo. Dão-lhe sessenta léguas de comprimento L. O. na parte setentrional, vinte três de largura média, contadas da Fortaleza de Santa Cruz até o Rio Paraibuna, e cinqüenta de costa meridional de Cabo-Frio até Cabo da Trindade, que fica perto de três léguas ao poente da Ponta Joatinga. É dividida pela Serra dos órgãos em duas partes: Setentrional ou Serra-acima, e Meridional ou Beira-mar; subdivididas esta em quatro, aquela em dois Distritos ou Territórios.

{ No Beira-mar

Em Serra-acima {

Uma linha tirada norte-sul do Forte da Lage pelo meio da baía, Rio Inhumirim acima a encontrar a nascença do Piabanha, e por ele abaixo até o Paraíba a divide também em Oriental e Ocidental.

SERRAS E MONTANHAS — À exceção do Distrito de Goitacás, todos os outros são montuosos. A mencionada Serra dos Órgãos, assim chamada da semelhança, que os Cabeços de certa porção vistos de várias paragens, têm com a frente dum órgão, é a principal. Na porção, onde se assemelha ao objeto, de que tomou o nome, é uma aproximação de montanhas piramidais, separadas por vales profundos, tortuosos e estreitos, pelos quais se passa do Beira-mar para o Distrito de

Cantagalo sem subida considerável.

A de Macacu aliás Serra Grande, a de Sant'Ana, a do Sambe, a de Tapacorá, a Urussanga, todas na extrema entre os distritos do Rio de Janeiro, e Cabo-Frio. O Monte de S. João uma légua acima da embocadura do rio do mesmo nome.

A Serra Jarixinó que fica vinte milhas a oes-noroeste da Capital; a da Bocaina no Distrito da Paraíba Nova.

Rios e Lagos — O Rio Paraíba, único caudaloso da província, tem princípio numa pequena lagoa sobre a porção meridional da Serra da Bocaina, continuação da dos órgãos, obra de cinco léguas ao norte de Parati. Corre primeiramente com o nome de Paratinga, aliás Piratinga ao longo da Serra que se prolonga com o Oceano, a rumo de sudoeste. Entra na Província de São Paulo, recolhe a Ribeira de Jacuí pelo lado esquerdo, um pouco acima da Vila de São Luís, e pouco abaixo dela pelo mesmo lado o Rio Paraíbuna, que sai da Serra de Ubatuba. Nesta confluência toma o nome de Paraíba: Aproxima-se ao mar um pouco ao poente do meridiano de São Sebastião: Volta para o nor-nordeste correndo ao longo da Serra Itapeva, e da Vila de Jacareí. Depois de vinte léguas ou com pouca diferença inclina para leste e lessueste: rega, como dissemos, as vilas de Taubaté, Pindamonhangaba, Guaratinguetá e Lorena: Torna a entrar na província, que lhe dá o nascimento, ao qual se aproxima obra de cinco léguas: banha a Vila de Rezende: inclina para o nordeste, recolhe o Rio Piraí, que vem fazendo caminho do norte desde a sua origem na Serra da Ilha Grande, e muitas léguas abaixo, correndo já a leste, recebe pela margem esquerda o Rio Paraíbuna, que é o seu maior confluente, e pela direita o mencionado Piabanha. Designa-se esta paragem com o nome de Três-Rios. Dez léguas abaixo recolhe pela margem setentrional o Rio da Pomba, que corre ao poente da Serra da Frecheira, quase sempre a sueste por um leito de penedia, que dificulta a navegação ainda às canoas. Pouco abaixo recolhe pela direita o Rio das Bengalas, que traz consigo vários outros. Segue-se a Cachoeira de São Fidelis, onde chegam barcas. Obra de oito léguas abaixo entra-lhe pela margem setentrional o Rio Muriaé. Contam seis léguas desta confluência à embocadura do Paraíba; e desta até à mencionada cachoeira, que é a primeira, subindo, numeram-se setenta e duas ilhas; e dali para cima muito maior quantidade: e muito maior é o número das cachoeiras, por correr sempre por um álveo de penedia. Deságua na costa oriental da Província.

Este rio não leva ao oceano tão grande volume de água, como se poderia julgar de sua vasta extensão; porque como corre quase sempre por entre duas cordilheiras, (a dos Órgãos, e a Mantiqueira com seus ramos) cujo maior intervalo não excede a vinte léguas, quase todos os seus tributários são pobres, oü pouco consideráveis. Oito léguas abaixo de Lorena, onde já é caudaloso, e largo, passa ao longo duma muralha de rocha de mais de sessenta pés de altura, e trezentas braças de comprimento reduzido a um canal de cinco de largura. Cria variedade de pescados. Todo o terreno dum, e outro lado deste rio desde a sua origem até à embocadura é apropriado para canas-de-açúcar.

O Rio Macaé, ao qual dão quinze léguas de curso, e dez de navegação até uma cachoeira, principia na Serra dos Órgãos, e corre tortuosamente por entre

montes, e bosques contra o nordeste até encontrar o Rio de São Pedro formado de várias ribeiras na vizinhança da Serra do Frade, seu primeiro nome, e também navegável. Contam três léguas desta confluência até à embocadura, que fica defronte das ilhas de SanfAna, e trinta milhas ao norte de Cabo-Frio, fazendo a divisão deste distrito com o dos Goitacás.[2]

O Rio de São João, que principia na falda do Morro dos Canudos com o nome de Rio de Águas Claras, mais caudaloso, e navegável por maior espaço que o Macaé, corre como ele por entre matas, e montes, e desemboca sete léguas ao sudoeste do mesmo, banhando a falda meridional da montanha do seu nome. Exporta-se por ele grande quantidade de madeira. O Rio das Curubichas, e o do Bananal engrossam-no pela esquerda. O Bacaxá, que principia na Serra de SanfAna, com o nome de Rio do Ouro, une-se-lhe na margem direita por duas bocas, havendo formado pouco acima um grande lago, onde deságua o Capivari, que vem da mesma serra por entre eles. Abaixo desta confluência, que fica pouco mais de três léguas em linha reta longe do mar, desemboca o Rio Ipuca, que principia perto do Macaé, e forma uma considerável ilha; depois o Rio da Lontra, e ultimamente o Doirado, junto do qual há um jequitibá, cujo tronco tem cinqüenta e seis palmos de circunferência. Todos três são navegáveis, e se lhe incorporam pelo lado setentrional.

O Rio Guandu toma este nome na confluência do Rio de Sant'Ana com o das Lages, que o formam, e cujas correntes são opostas até aquele lugar. O primeiro tem sua nascença na Serra dos Órgãos perto das cabeceiras do Piabanha: Seu curso é ao sudoeste até encontrar o outro, que vem procurando o nordeste desde sua origem na serra fronteira à Ilha Grande, e pouco distante da do Piraí. Atravessa a Real Fazenda ex-Jesuítica de Santa Cruz, e deságua por duas bocas na Baía de Marambaia. Os primeiros possuidores, para evitar os danos, que as inundações deste rio lhes causavam, submergindo as extensas, e amenas campinas da parte meridional, abriram-lhe uma vala de duas milhas de comprimento para o Taguaí, que é pequeno, e corre paralelamente com ele, afim de passar para este o excesso das águas, que não cabe no álveo do Guandu nas ocasiões das cheias. A boca ocidental, ou do Taguai fica pouco mais duma légua arredada da do próprio Guandu. Por ambas sobem barcos.

O Rio Mambucaba, que é aparatoso ainda para cima do lugar, onde chega a maré, sai da Serra da Bocaina, e deságua em frente da barra do Cairussu.

A Lagoa Jacarepaguá ou Jaracapauá, e verdadeiramente *Camorim* salgada, e piscosa com pouca largura, e quatro léguas de comprimento, paralela com a praia, e dela mui próxima, recolhe algumas ribeiras, e deságua pela extremidade oriental, banhando pelo poente a base da pintoresca montanha denominada a Gávea, que fica pouco mais de duas léguas ao poente do Pão de Açúcar. Admira-se neste sítio a vistosa cascata da Tijuca.

A Lagoa de Rodrigo de Freitas com forma quase circular, e meia légua de diâmetro, dista outro tanto da Enseada de Botafogo. Junto dela está a Matriz da Freguesia de S. João Batista, a Real Fábrica da Pólvora, e um Jardim de árvores, e plantas exóticas.

A Lagoa de Maricá, que tem légua e meia de comprimento de nordeste a sudoeste, e pouco menos de largura, comunica com a de Cururupina, que tem o mesmo comprimento leste-oeste, e também igual largura norte-sul. Ambas se aproximam à figura triangular. Rio Bambuí se chama o canal que as une; e forma outra muito menor no centro. A Cururupina é a oriental; e a sua extremidade fica junto à Ponta Negra, que está em igual distância entre Cabo-Frio, e o Pão de Açúcar, A Ribeira do Bananal, e principalmente a que lhe dá o nome, são as maiores que nela entram.

2 O Macaé corre ao sueste desde a foz do Rio de Sao Pedro, que se lhe Junta pela P erda.

A de Maricá, debaixo de cujo nome se compreende também a outra, recolhe pela extremidade do sudoeste o Rio Bacaí, que meia légua acima da sua foz atravessa a Lagoa Braba, que tem uma milha de comprido. A Ribeira Itapituú deságua-lhe na extremidade setentrional. Fica prolongada, e em pouca distância do mar, para onde se lhe abre um desaguadouro no inverno. É piscosíssima; e seu pescado excelente, que por isso íaz um ramo dos dízimos da Província.

A Lagoa Piratininga, com três quartos de légua leste-oeste, e largura proporcionada, fica pouco menos duma milha afastada do saco de São João de Caraí. É piscosa, e separada do mar por um cômoro de areia formado pela ressaca, o qual se rompe todos os invernos, para não se alagarem as terras adjacentes.

Perto de meia légua a leste da Lagoa Piratininga, fica a de ltaipu com milha e meia de comprido, e largura proporcionada. Entre ela, e a costa do oceano está a Paróquia do mesmo nome, cuja matriz é dedicada a S. Sebastião, e seus habitantes lavradores de farinha, e açúcar, e pescadores.

As principais lagoas desta província estão nos distritos de Cabo-Frio, e Goitacás, onde trataremos delas.

PORTOS — O que dá nome à Província, e fica perto de dezoito léguas ao poente de Cabo-Frio, é entre todos os da América Meridional aquele a quem mais propriamente quadra o nome de baía. A sua pintoresca entrada aberta ao sul com oitocentas e cinqüenta braças de largura,[3] e quatorze de menor fundo, é repartida em duas pouco desiguais pelo Ilhéu da Lage, ocupado com o Forte deste nome. Um penhasco nu com forma de Pão de Açúcar, e assim denominado, e noventa e sete braças de altura perpendicular lhe fica ao poente; e ao oriente a Real Fortaleza de Santa Cruz na falda de um alto morro, denominado Pico, por terminar agudo, donde se fazem para a Capital os sinais dos navios, que aparecem sobre o horizonte. Tem seis léguas de comprimento quase N. S., quatro na maior largura, trinta e duas de circuito pelas praias, ou quinze desprezados os recantos e salientes; grande número de ilhas, e fundo para recolher muitas, e numerosas Armadas.

As duas principais enseadas desta baía são a de Botafogo por detrás das Baterias de São José, e São Teodósio; e a do Saco, que fica pouco ao norte da Fortaleza de Santa Cruz, e sobre cuja praia está a Paróquia de São João de Caraí.

Só aparecendo o precioso diário da primeira Armada, que passou para o sul, ou o roteiro de Diogo de Castro, é que pode saber-se o nome, que o seu comandante pôs a esta baía, onde não podia deixar de entrar, assim como entraram depois (afora os que a História deixou em silêncio) João de Soliz em quinhentos e quinze, Fernando de Magalhães, e Rui Faleiro, insigne matemático português, que o acompanhava, a treze de dezembro, quatro anos depois, denominando-a Baía de Santa Luzia; e Martim Afonso de Sousa, que também aqui entrou no primeiro dia do ano de mil quinhentos e trinta dois, e lhe pôs o impróprio nome que conserva.[4]

Os nossos escritores concordam que o nome primitivo desta baía era *Nitherhoy;* e Lery, que esteve aqui algum tempo em companhia de Villegagnon,

3Esta largura é da Fortaleza de Santa Cruz às Baterias de São José e S&o Teodósio, que estão um pouco mais dentro do Pão de Açúcar bem a oeste daqueloutra.

4O coletor das Memórias para a História da Capitania de São Paulo, pretende que M. Afonso aportara nesta bala em quinhentos e trinta e um. Ora, sendo o Alvará, que o acompanhava, passado a vinte de novembro na Vila de Castro Verde, trinta léguas distante de Lisboa, íica claro que a Armada devia estar ainda alguns dias no Tejo até a chegada dele, vindo a partir quando multo no fim daquele mês; e por conseguinte não poder achar-se no Rio de Janeiro no dia pretendido: Sendo Impossível que uma armada, que nunca vence tanto, como um navio só, e mormente n>um tempo em que se navegava pouco de noite, por não haver ainda perfeito conhecimento dos mares, fizesse num mês a viagem, que em nossos dias não faz um navio só. veleiro e governado por um piloto prático na carreira, e destemido; tendo-se de mais a mais feito & vela no Inverno, combatido, e aprisionado Inimigos, circunstâncias que deviam prolongar a viagem.

diz que os Aborígines lhe chamavam *GanabariaJ'* O certo é que o primeiro quadra-lhe bem, significando *água escondida; hy* água, *nitheró* oculta.

Recolhe esta baía grande número de rios quase geralmente inconsideráveis; mas porque não são inúteis aos transportes, mencionaremos os principais.

Duas léguas e meia em linha reta, ou quatro pela estrada ao noroeste da Capital (que fica uma ao mesmo rumo distante da Barra) está a embocadura do Rio Irajá, que sai duns pequenos lagos, e dá curta navegação com a maré até o porto do seu nome.

Um quarto de légua ao norte do precedente sai o Rio Miriti formado pelo Inhamuaí, que vem da Serra do Bangu, e Pavuna que se lhe une pela esquerda duas léguas e meia longe do mar. Atravessa um terreno em grande parte alagadiço, e só é navegável por espaço de três milhas em linha reta até o porto do seu nome, onde se carregam caixas de açúcar, e víveres, produções das freguesias de São João e Nossa Senhora da Apresentação.

Pouco mais de légua ao norte do precedente sai o Sarapuí, que nasce na Serra da Cachoeira. Seu álveo é tortuosíssimo, e só navegável por espaço de três milhas em linha reta. Por ele exportam suas produções os habitantes da Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga.

Uma milha ao nordeste do Sarapuí desemboca o Rio Iguassu, que principia na Serra do Tinguá, e é navegável por espaço de quatro léguas e meia. Traz consigo o Iguaré, que sai duns lagos, e dá navegação por espaço duma milha até o porto do seu nome; e o Marabi que vem da Serra da Boa Vista, e dá navegação até o Porto do Couto, que fica três léguas e meia acima da sua foz: Neste deságua o dos Ramos, que é navegável por distância de oito milhas até à falda da Serra da Mantiqueira, (ramo da dos Órgãos) onde tem princípio.

Pouco mais de meia légua adiante do Iguassu está a embocadura do Inhumirim navegável por espaço de duas léguas e meia em linha reta. Nela deságuam o Jaguamirim, que sai duns pantanais, e dá navegação por distância de seis milhas; o Saracuruna, que desce da Serra do seu nome, e oferece navegação por uma légua; o da Figueira que principia na Serra do Frade, e é navegável até mui perto da sua nascença, onde tem o nome de Caioaba.

Pelo Inhumirim (cuja origem dista pouco da do mencionado Piabanha) sobem os mineiros embarcados até o Porto da Estrela, aldeia florescente com algum comércio, e uma Capela de Nossa Senhora no ângulo da confluência do mencionado Saracuruna, quatro milhas longe do mar.

Do Inhumirim há um canal para o Rio do Pilar, derradeiro confluente do mencionado Iguaçu.

Pouco mais de duas léguas a lesnordeste do Inhumirim, e defronte da pequena Ilha Guaiana sai o Rio Suruí, que vem da Serra dos Órgãos, e dá navegação por distância de sete milhas. Nele deságua o Rio Góia, que sai duns pantanais. Todas as produções das suas adjacências são excelentes: Talvez não haja terreno tão apropriado para as bananeiras, que são cuidadosamente cultivadas.

Meia légua adiante está a boca do Iriri, que principia num terreno alagadiço, e só é navegável por espaço de duas milhas.

Pouco mais de meia légua a leste do Iriri está a embocadura do Magé-Açu, que sai da Serra dos Órgãos, banha a vila do seu nome, e dá navegação por espaço de oito milhas.

Meia légua ao sueste do derradeiro deságua o Guapimirim, que vem da mesma serra com seis léguas de curso.

5 Ano M. D. L. V. Nlcolaus Durantlus, eques Melltensis, cul cognomem additum est Vlllagagno... cüm suos In terram lmpossulsset; de munienda rupe, quae ad ostlum slnus, qul ao Amerlcanls *Ganabara* dlcitur, cogitavit.

Duas milhas ao sul se encontra a principal das duas bocas, por onde o Rio Macacu entra na Baía. Este rio, que é o maior de todos os que nela deságuam, e navegável por espaço de quinze léguas, principia na Serra dos Órgãos perto do Morro dos Canudos: corre tortuosamente ao sudoeste, e junta à vila do seu nome recolhe pela margem direita o Rio Guapiaçu, que lhe é pouco inferior; e pouco abaixo dela recebe pela esquerda o Cacerebu, que principia na Serra de SanfAna, e traz o Rio Iguá, que vem do sul unir-se-lhe pela esquerda.

Pouco abaixo da confluência do Cacerebu incorpora-se-lhe também pela margem esquerda o Rio da Aldeia, que corre quase do sul para o norte, e recolhe pela direita o Cabuçu, que vem de leste, e duas léguas abaixo o Rio da Varge, por outro nome Itaboraí, que se lhe une também pela direita.

O mencionado Guapiaçu principia perto de três léguas ao poente da mais remota origem do Macacu, com o qual comunica por um canal, chamado Rio dos Morros pouco antes de se incorporarem.

Perto de suas cabeceiras há uma pedreira de pedra sabão, donde se tiram grandes pedaços, que se serram para fazer as bocas das fornalhas dos engenhos, por serem de duração eterna. O seu maior confluente é o denominado Piracinunga, cujo principal ramo, chamado Enconha, nasce entre os altos picos da Serra dos Órgãos, poucos côvados arredados da origem do Paquequera, ramo do considerável Rio-Preto, que se une ao Piabanha obra de légua e meia antes de ele se incorporar com o Paraíba.

Entre os rios Macacu, e Guapiaçu há um terreno de duas léguas, o mais fértil do distrito, legado que deixou um André da Costa em mil setecentos e dezoito a certos pobres com sucessão inalienável, e uma pensão anual de duas missas por casal. Andam hoje por bem perto de mil pessoas, abastadas, e contentes.

Meia légua ao sul do Rio Macacu deságua o Guaxindiba, que vem da Serra do Taipu, descrevendo amiudadas voltas; e dá navegação por considerável espaço; mas reduzido a uma linha reta não excede a quatro milhas.

Obra de quatro milhas ao sul desemboca o Emboaçu, que principia na Serra de São Gonçalo e é navegável com a maré por curto espaço.

As ilhas, de que esta baía é semeada, são numerosas, e pequenas: a maior é a do Governador, que tem pouco mais de duas léguas de comprimento leste-oeste, largura proporcionada, forma irregular, muitas pontas, e seios; e uma Freguesia de Nossa Senhora d'Ajuda, cujos paroquianos são agricultores geralmente foreiros. Fica quase no meio da baía.

A do Bom Jesus, por outro nome dos Frades tem pouco mais de meia légua de comprimento leste-oeste, pouca largura, um convento de Franciscanos. e fica ao sul da precedente.

A do Paquetá, que tem meia légua de comprimento norte-sul largura proporcionada, e a paróquia do Bom Jesus do Monte, fica quase na extremidade da baía. Exporta-se dela lenha de mangues.

Angra dos Reis é outra baía muito maior, e menos regular que a precedente; semeada de maior número de ilhas, três vezes mais larga que comprida, com três entradas abertas ao sul, e formadas por duas ilhas, cujos comprimentos ficam em linha reta com as pontas laterais do continente. Ilha-Grande, e Maram-baia são os nomes destas ilhas. À entrada ocidental, denominada Cairussu, que fica entre a Ilha-Grande, e a ponta de Joatinga,[6] no continente, tem oito milhas de largura com trinta braças de fundo. A central, entre a mesma ilha, e a de Marambaia, que lhe empresta o nome, tem cinco milhas de largo, e pouco menor

6 Ponta do Bom-abrlgo íol o nome que os primeiros descobridores deram à de Joatinga. Gomara.

fundo que aqueloutra. A oriental, denominada Barra da Guaratiba, é estreita, e de pouco fundo.

Os rios Guandu, e Mambucaba são os principais entre os muitos que deságuam nesta baía, onde há muitos e excelentes surgidoiros.

A mencionada Ilha-Grande tem quatro léguas de comprimento, largura proporcionada, montes altos, cobertos de mato, muitas fontes de água cristalina, duas ribeiras abundantes, terreno fecundo, e vários recantos, que são outros tantos ancoradouros seguros. O seio de Abraão, Estrela, e Palmas são os melhores. Esta ilha, que empresta seu nome ao território do continente fronteiro, é cultivada, e povoada em parte. Em mil oitocentos e onze, quando a sua população andava por três mil almas, foi nela criada a Freguesia de Sant'Ana, à qual serve ainda de Matriz uma Capela central da mesma Invocação. No seio de Abraão, há uma aldeia, que com o tempo há de ser a capital da ilha.

A Ilha de Marambaia é um morro alto, coberto de mato, com cinco milhas de comprido, e pouca largura; povoado e cultivado em parte com dois engenhos de açúcar, e uma ermida de Nossa Senhora das Dores. Desta ilha corre uma restinga de areia, estreita, com seis léguas de comprimento para leste até a Barra da Guaratiba, e coberta de vegetais na maior porção.

Entre outras ilhas da Baía da Angra dos Reis nomeiam-se: a Tacoativa, e a Jacaraí, cada uma com meia légua de circuito; a do Paixão, com duzentas braças: a de Francisco Nunes, e a do Barro, cada uma com cem; a do Pedreiro, a Baiacica, e a da Cana, com cento e cinqüenta: a dos Porcos e a do Sapê, com cento e vinte cinco: a do Boqueirão e a Redonda, com duzentas: a dos Búzios e da Casca, com pouco mais de cem: a do Brandão, a do Coco, e a do Algodão com trezentas.

A da Gipóia, com pouco menos de duas léguas de comprimento, muitas engenhocas, várias fábricas de anil, e pescarias.

A do Bonfim, com trinta e cinco braças, e uma ermida da mesma Invocação: a da Ferreira, com cento e setenta; a do Cavaco, com quatrocentos de comprido, e duzentas de largura; a do Pimenta, com pouco menos de novecentos de comprido, e duzentas de largo; a da Barra, com oitocentas de comprido e setecentas de largura; a Caeira, com oitocentas de comprido e quatrocentas de largura; outra Ilha Redonda, e a do Rafael, cada uma com quatrocentas braças de diâmetro; a do Jorge, com quinhentas.

A Supituba tem seiscentas braças de comprimento e cento e cinqüenta de largura; a do Japão, tem pouco mais de cem de comprido, e cinqüenta de largo; a dos Papagaios, tem cento e quarenta de circuito; a das Cobras, com igual circunferência; a do Sandre, com mil e quinhentas; a de São João, com setenta; a Cunhambiba-grande, com mil de longo, e quinhentas de largo; outra do Boqueirão, com cento e cinqüenta de comprimento e pouco mais de cinqüenta em largura. Outra do Jorge, que tem novecentas de longo; a Tanhenga, com doze centas; a da Palmeira com onze centas; a do Pinto com cento e setenta; a de Itapoca com cinqüenta; outra do Algodão com quinhentas; a de Samambaia com duzentas; a das Palmas com quatrocentas; a dos Morcegos com duzentas; a de Abraão com trezentas. Quase todas são cultivadas em parte; e muitas povoadas.[7]

Cabos e Pontas — Cabo-Frio é o único notável; o de São Tome fica vinte léguas ao nor-nordeste daquele: Ponta Negra nove léguas ao poente do primeiro como se disse: Ponta dos Búzios quatro léguas e meia ao nor-nordeste de Cabo-Frio: Ponta da Guaratiba junto à barra do seu nome.[8]

7O documento, que nos forneceu este catálogo, nao nomeava as que estão na parte oriental da baía, nem nenhuma das doze que dizia haver no distrito da Vila do Parati.

8*Guaratiba* no Idioma brasileiro significa mutros *guarás:* hoje nao aparece um só destes pássaros no distrito, em grande parte pantanoso, e próprio para habitação deles.

ILHAS — As Ilhas são numerosas; mas quase todas pequenas, e dentro das duas baías já descrevidas. Fora da barra do Rio de Janeiro estão as três Ilhas das Palmas, a Redonda, a Comprida, a Rasa, a Cagada, a Lage, a Catunduba, a dos Paios, a do Toucinho, todas pequenas, estéreis, e despovoadas.

MINERALOGIA — Há minas de ouro, de excelente ferro; morros duma só peça de granito, donde se poderiam cortar obeliscos inteiriços de muitos centos côvados; águas-marinhas; variedade de argilas, algumas preciosíssimas, como sejam o verdadeiro caulim, e o hoatchi com que os chins fabricam a sua excelente porcelana tão conhecida, e estimada; e ainda o Pe-Tun-Tse, que é uma pedra vitrificável. "Algumas delas resistem ao fogo mais do que é preciso para se cozerem ao ponto de fazer fogo, sendo feridas com um fuzil: outras têm um natural verniz, com que aparecem vidradas depois de bem cozidas: umas, sendo brancas, se fazem vermelhas; outras, sendo negras, se fazem brancas ao fogo: e posto que a maior parte delas fiquem opacas, algumas há que ficam transparentes."

ZOOLOGIA — Criam-se todos os animais domésticos, e selváticos das províncias circunvizinhas com uma casta de sauim felpudo e cor de ouro. Entre as aves notam-se várias castas de sais, que não se encontram para o norte.

FITOLOGIA — Variedade de madeiras para construção, tinturaria. Anduaçu é árvore de mais de quinze pés de alto, dois de diâmetro, e copa pequena: cresce rapidamente, e só na vizinhança do mar; e floresce em panículos amarelos. Do seu fruto fazem os índios uma purga com que curam as hidropisias; os brancos azeite para luzes, e um óleo ótimo para a composição de tinta azul. A Tatagiba, que é o *Morus tinctória* de Lineu, dá uma excelente tinta amarela, extraída por cozimento do seu lenho em água comum, juntando-se-lhe uma porção de pedra ume. Nas quintas ou chácaras dos subúrbios da Capital cultivam-se muitos cajueiros, que são> grandes; algumas jabuticabeiras com o *Mirtus lúcida* a que denominam *grumixameira,* cujo fruto é semelhante, até no sabor, à cereja: uma pequena árvore, já descrevida, cujo fruto supre bem o cravo das molucas também naturalizado ultimamente com a noscadeira, a árvore da cânfora, o arbusto do chá, as canas sacarinas de Madagascar, algumas gramas africanas, a mimosa especiosa do Indostão.

Nas margens do Rio Suruí criam-se canas tão grossas, e altas, que se fazem delas escadas para armar os templos de maior altura. Vários pauis são cobertos de extensas e vistosas searas de junça de seis até oito pés de alto, e da grossura dum dedo, direita, igual e tão basta, que nenhum vivente pode romper por elas; mas absolutamente inútil por ser mui quebradiça. Encontram-se pedaços de terreno, onde apenas há outras árvores mais que pitangueiras. Em vários sítios encontram-se fetos sem a menor diferença dos de Portugal, se não é o extraordinário crescimento em alguns terrenos incultos: no bosque vizinho ao Ribeiro de Andraí se observou um, que tinha subido perpendicularmente por entre outros vegetais com dezoito pés de comprimento. Em alguns bosques cresce uma casta de amendoeira, cujo fruto quase esférico é do tamanho dum ovo de galinha, cuja polpa cobre um pequeno ouriço como de castanheiro, que encerra uma amêndoa solta, e bem semelhatne às do nosso continente. Os coqueiros são poucos; porque um inseto lhes rói o grelo depois de grandes, e impede que haja deles a numerosidade, que poderia haver.

As hortaliças oriundas da nossa Península são aqui melhores que nas províncias setentrionais. As mangueiras, só numerosas nos subúrbios da Capital, raras vezes frutificam com abundância, e perfeição. As laranjeiras são multiplicadíssimas,

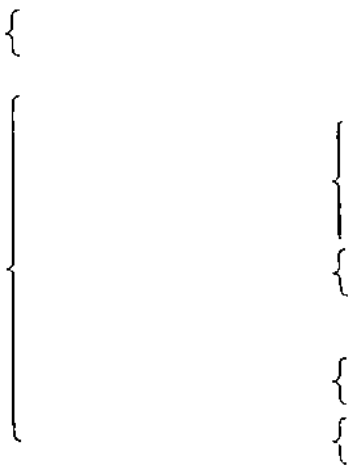
Defronte da Barra da Guaratlba está a matriz da Freguesia de São Salvador, vistosamente situada sobre uma colina com um termo de seis léguas de comprido, cinco de largo, quatro mil trezentos e quarenta habitantes (em oitocentos e quatro) espalhados pelas raças, sendo o vigário quase o único vizinho da Igreja, que passa de pequena.

e de várias castas: as laranjas seletas que são grandes, e as tangerinas mui pequenas disputam-se a primazia. O cafezeiro, naturalizado no governo do Conde de Bobadela por diligência dum magistrado, tem-se multiplicado prodigiosamente, e enriquecido muita gente.

As jaqueiras são poucas, e seu fruto só procurado porque é raro. O algodoeiro não prospera em toda a parte, nem o cacaueiro. As macieiras não tomam o crescimento, nem seus pomos a formosura e sabor dos das nossas províncias, provavelmente por não serem enxertadas: em uma mesma árvore observam-se às vezes ramos com pomos em todo o seu crescimento, começando a mudar de cor como no outono; outros floridos como na primavera; outros desfolhados, indicando estar no inverno. As pereiras, as cerejeiras, e os damasqueiros não prosperam. As figueiras crescem rapidamente, e (frutificam com perfeição; mas têm um inimigo (é um pequeno inseto) que se lhes introduz no âmago mui cedo, e as faz secar.

Há jalapa, bardana, epicuenha chamada aqui vulgarmente poaia; as árvores da goma eleme, as da copai, as do sangue-de-Drago; as do óleo Copaíba, as do bálsamo Peruviano com uma casta de noscadeira, cujo fruto é oblongo, maior que o de Banda.

Há nesta Província



Cabo-Frio São Sebastião

Cantagalo Maricá Macacu
João Marcos

2 cidades

12 vilas

O distrito da Ilha Grande é montanhoso, sadio, e fértil. Tem ao poente a Província de São Paulo; ao norte a continuação da Serra dos Órgãos que o separa do distrito da Paraíba Nova; ao oriente o Rio Taguaí, limite com o do Rio de Janeiro, à exceção do qual nenhum o excede na pronta exportação das produções, que são farinha, milho, arroz, feijão, café, açúcar, aguardente, anil, algum cacau, e madeira. De todas as espécies há pouco gado; criam-se porém muitas galinhas.

Parati, vila considerável com título de Condado, florescente, e famosa pelas suas águas ardentes reputadas por as melhores do Estado, criada em mil seiscentos e sessenta, situada num terreno plano ao lado ocidental da Baía da Ilha^ Grande entre o Rio Patetiba, e o que lhe empresta o nome, com ruas direitas encruzadas retamente, bons edifícios de pedra, ornada com uma igreja paroquial da Invocação de Nossa Senhora dos Remédios, e as capelas da Lapa, e das Dores. Tem Juiz de Fora, e professores régios de primeiras Letras, e Latim, e

muito comércio. Fica vinte três léguas ao poente da Metrópole.

194

Angra dos Reis, vila marítima, medíocre, entre montes, fronteira à Ilha-Grande, da qual às vezes toma o nome, defendido por dois redutos, ornada com uma igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, as capelas da Lapa, e Santa Luzia, um convento de Carmelitas calçados, outro de Franciscanos, cuja extensa cerca não a deixa crescer. Seus moradores respiram ar salutífero; e no seu porto surgem navios grandes. Tem Juiz de Fora (que é o mesmo de Parati, da qual dista oito léguas para o nordeste) e professores de primeiras Letras, e Latim. O seu comércio é considerável: as figueiras, e as videiras prosperam no seu terreno. É a vila mais antiga da Província.

O seu termo estende-se do Rio Taguaí até ao Mambucaba, limite comum com o de Parati. Neste intervalo de doze léguas, desembocam dez ribeiras aparatosamente grandes, enquanto a maré sobe por elas. Nenhum outro o iguala no número dos alambiques.

Nas adjacências do Mambucaba o arroz comumente rende cento por um; o feijão vinte; o milho de quarenta a cinqüenta. Esta fertilidade convidou numerosas ifamílias a mudarem para aqui seus estabelecimentos; as quais formam, desde mil oitocentos e onze, uma Freguesia da Invocação de Nossa Senhora do Rosário, cuja matriz fica junto à embocadura do rio da banda de leste. Poucas . léguas ao norte, e perto da mesma margem oriental está a vistosa Montanha Taipicu com forma de pão de açúcar; e em distância moderada da origem do mesmo Mambucaba está o célebre pináculo denominado o Frade, por se assemelhar a um franciscano com o capelo na cabeça.

O distrito da Paraíba Nova confina ao sul com o da Ilha-Grande; ao poente com a Província de São Paulo; ao norte com a de Minas Gerais, da qual é separada pela Serra da Mantiqueira. Seu território geralmente montuoso abunda de águas, e matas; e produz arroz, milho, mandioca, feijão, tabaco; o café, e o açúcar são a riqueza do país. A geada é um obstáculo à lavoura do trigo, e cultura do algodão, que em poucas partes prospera. A experiência há mostrado que o terreno é apropriado para a do linho, o qual por não se contentar com menos trabalho que na Europa, tem sido, e será desprezado.

As laranjas, ananases, bananas, e algumas das outras frutas brasílicas não são geralmente abundantes. O gado vacum, cavalar, e lanígero é ainda pouco multiplicado: os porcos, e galinhas numerosos.

O Rio Paraíba atravessa este distrito, e lhe empresta o nome, descrevendo muitas reviravoltas, e recolhendo grande número de ribeiras, entre as quais se nota o Ribeirão da Barra Mansa, o do Bananal, e o dos Barreiros. O mencionado Piraí é navegável por espaço de sete léguas até à matriz de Sant'Ana erecta em oitocentos e doze.

Rezende, criada no governo do Conde do seu nome, situada em terreno levantado sobre a margem direita do Paraíba que a regala de pescado, tem uma igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição. Seu primeiro nome era Campo-Alegre: café, e açúcar as exportações de seus abastados moradores. Fica obra de dezesseis léguas ao norte de Angra dos Reis.

São João Marcos, erecta em oitocentos e treze, está sobre a margem direita da Ribeira das Araras, ramo ocidental do Rio das Lages, sete léguas ao norte de Angra, e dezenove ao poente da Metrópole. A matriz, que a orna, é dedicada ao Santo, que lhe dá o nome. Seus habitantes recolhem prodigiosa quantidade de café, e algum açúcar.

Entre estas vilas há serras de considerável altura, que impedem haver caminho sem grandes rodeios.

Pouco acima da passagem do Paraíbuna entre o Paraíba, e o Rio-Preto, está a considerável aldeia de Valença com uma ermida de Nossa Senhora da Glória, que serve de matriz ao povo, que a habita, composto de quatro hordas de indígenas cristianizados: Puris, que são pequenos como nas outras partes; Araris

brancos, e bem feitos; Pitas, e Xumetós. Todos fazem uma coroa oblonga, e deixam cair os cabelos sobre os ombros. Com eles vivem alguns pagãos.

Sobre a margem setentrional do Paraíba, na passagem para o Paraibuna, está o considerável e freqüentado Arraial e Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, povoado de gente branca.

O Distrito do Rio de Janeiro, situado entre o de Cabo-Frio ao nascente, e o da Ilha-Grande ao poente, tem vinte léguas de leste-oeste; e no centro a baía do seu nome, receptáculo de todos os rios que o fertilizam, exceto, o Guandu. As produções não diferem das dos outros; e a sua condução para a Capital é facílima.

São Sebastião, Sebastianópolis, mais conhecida pelo nome de Rio de Janeiro, é uma das mais consideráveis, populosas, ricas, e comerciantes cidades da América, criada Episcopal no ano de mil seiscentos e setenta e seis, e Metrópole do Brasil em setecentos e sessenta e três.[9] Está situada numa planície, cuja maior parte foi antigamente mar, ao longo dum agregado de colinas, e montes de todas as alturas, que lhe ficam da banda do sul, com mais de três quartos de légua de comprimento leste-oeste; e pelo norte murada por um cordão de cinco colinas todas oblongas,[10] as quais só deixam espaço para uma rua ao nível da praia, que forma vários recantos. As casas são de pedra, e com pouca frente; as ruas direitas, e sem escoamento suficiente.

Um quase quadrado oblongo com duzentas e oitenta e seis braças de comprimento norte-sul, e cento e cinqüenta e cinco de largura, denominado Campo de Sant'Ana da Matriz desta Invocação, que está no lado setentrional, a divide em dois bairros, dos quais o ocidental está a crescer com o nome de Cidade Nova, ruas mais largas e igualmente retas.

De oito ruas, que desembocam no lado oriental do Campo de SanfAna, a de São Pedro, e a do Sabão continuam com os mesmos nomes retamente todo o comprimento da Cidade Nova a terminar na Ponte de São Diogo, que a comunica com o outro Bairro de Mataporcos.

A sua povoação está repartida em sete freguesias: a Real Família, e gente empregada no serviço do paço a da Capela Real, dedicada a S. Sebastião, privativa para com um cura do número dos cônegos, a da Sé, por ora em uma Capela, também com um cura cónego; a de S. José, a de Santa Rita, a de SanfAna, a de S. Francisco Xavier, e a de Nossa Senhora da Candelária, de cuja matriz ainda incompleta o frontespício é soberbo; e também a única paroquial do Reino, onde capelães (por ora quinze) oficiam diariamente em forma de colegiado.

Tem casa de misericórdia com um hospital de doentes, outro de expostos, um recolhimento de órfãs, brancas, e filhas de matrimônio, donde saem casadas, e dotadas; e onze capelães para rezar as Horas Canônicas no coro da mesma Igreja.

9 Sete Vice-reis teve esta cidade: I. O limo. e Exmo. Conde da Cunha D. Antônio Alves; n. O limo. e Exmo. Conde de Azambuja D. Antônio Rollm de Moura; III. O limo. e Exmo. Marquês do Lavradio D. Luis de Almeida; IV. O limo. e Exmo. Luis de Vasconcelos e Sousa; V. O limo. e Exmo. Conde de Rezende D. José de Castro; VI. O rimo. e Exmo. D. Fernando José de Portugal, hoje primeiro Marquês de Aguiar; VII. O Hmo. Conde de Arcos D. Marcos de Noronha, cujo governo terminou com a feliz chegada da Fidelíssima Rainha D. Maria Primeira N. Senhora, do Príncipe Regente N. Soberano, e mais Real Família no dia sete de março de mil oitocentos e oito.

10 Destas cinco colinas a central é a mais alta, e também a mais extensa; e as das extremidades as mais baixas. Por entre elas há ruas, ou estradas para a da praia do norte, onde cada morador tem a comodldde de embarcar à sua parte em toda a ocasião. Na oriental, e mais baixa está o Mosteiro de São Bento; a Imediata é coroada pelo Forte da Conceição, e Palácio Episcopal; na ocidental há uma capela de S. Diogo, e na encosta da central de Nossa Senhora do Livramento. Defronte do Morro de São Bento para leste está a Ilha das Cobras com cento e sessenta e cinco braças de comprido leste-oeste, largura proporcionada, pouca altura, e fortificada. Há nela dois trapiches ou grandes armazéns sobre o canal, que no mais estreito tem sessenta braças de largo, e por toda a parte fundo para os maiores navios. Quase ao N. O. do Morro de São Diogo em distância de 450 braças há um teso também sobre a praia, e de mui p:>uca altura coroado com um Hospital de Lázaros, noutro tempo casa de recreio dcs jesuítas. Por entre eles entra um braço de mar, que separa parte da Cidade Nova do Bairro de Mataporcos. A ponte, que os comunica é ainda de madeira. Menos de mela légua distante do derradeiro bairro está a Real Casa de Campo na Quinta da Boa Vista, no sítio de São Cristóvão.

Um convento de freiras Teresias, outro de Francicanas, que seria majestoso, se se completasse: um de Beneditinos, outro de Franciscanos. O dos Carmelitas Calçados faz hoje parte do Palácio Real, e a igreja é a Capela Real, e juntamente Catedral.

O Bispo é o capelão-mor. O Cabido compõe-se ao presente de vinte oito cônegos; dos quais oito usam das vestes, e têm o tratamento dos monsenhores da Patriarcal de Lisboa; os outros têm senhoria por um alvará de dezembro de mil oitocentos e oito, e vestem roquete, e capa. Todos usam de meias encarnadas.

Há mais um Hospício de Esmoleres da Terra Santa; dois seminários distinguidos pelas Invocações de S. José, e S. Joaquim;[11] três Ordens Terceiras, a de S. Francisco de Assis, a de Nossa Senhora do Carmo com uma formosa capela, e a de S. Francisco de Paula, que excede sumamente a todas; cada uma com seu hospital ou completo ou principiado para os irmãos pobres.

O Colégio Jesuítico está convertido em Hospital Real Militar com Aulas de Cirurgia.[12]

Entre outras capelas nota-se a de S. Pedro com forma circular, e zimbório de abóbada, onde dez capelães rezam o Ofício Divino;[13] a de Santa Cruz, com um elegante frontespício, onde os militares fazem as suas festividades; a do hospício, que é de naves, e de abóbada com seu zimbório; a de Nossa Senhora da Glória em sítio iminente ao mar quase redonda, e também de abóbada em teto de terraço.

A Corporação Carmelita foi mudada para o suprimido Seminário de N. Senhora da Lapa.

O chafariz da Praça do Palácio, com forma de torre, o das Marrecas, o da Praça de Moura, e o da Carioca com doze bicas estão no Bairro Oriental. Para todos é a água conduzida dos montes vizinhos por um aqueduto de duas arcadas, uma sobre outra, das quais a superior tem quarenta e dois arcos.

Trabalha-se em outro aqueduto, quase todo o nível da terra, para fornecer água à Cidade Nova, onde já se nota o novo Chafariz do Lagarto, e continua-se em completar outro no Campo de SanfAna.

As praças mais regulares, que ornam esta Cidade, são a do Palácio com setenta e quatro braças de comprimento, quarenta de largura, um belo cais no lado oriental, e junto dele o mencionado chafariz; a do Rocio com noventa e cinco de comprido, e cinqüenta e uma de largo; a do Capim, que vai a denominar-se Praça do Pelourinho, por se ter já determinado mudá-lo para ela; na Cidade Nova há uma, que ocupa o intermédio dos encruzamentos de quatro ruas, e ainda não tem nome.

O Palácio Real compõe-se do dos Vice-reis com o Convento dos Carmelitas, e casa do Senado unidos por passadiços; fazendo primeiro o lado meridional da Praça do seu nome, o segundo o lado ocidental. A primeira porção é um quadrado oblongo com vinte e quatro janelas por lado, e nove em frente para o mar. O lado setentrional da mesma Praça é formado por uma propriedade particular também de dois andares como os outros.

A Casa da Moeda, a das Armas, o Arsenal da Marinha, o do Exército quase só conhecido pelo nome de Trem, a Alfândega são edifícios magníficos. Notam-se ainda vários trapiches para entreposto das mercadorias de exporte; e um Passeio

11No Seminário de Sao José há aulas de Latim. Francês, Inglês. Geografia, Matemática, Filosofia, História Eclesiástica, Escritura, Teologia Dogmática, e Moral. No de Sao Joaquim só se aprende Latim, e Cantochão.
12Segundo o plano dos estatutos respectivos s&o precisos cinco anos para formar um hábil clrurgláo. No 1.» est/uda-se Anatomia, Química, e Farmacêutica. No 2." o mesmo estudo com Fisiologia. No 3° Higiene, Etlologla, Patologia, Terapêutica .No 4." Instruções Cirúrgicas de manha; e de tarde Uções, e prática da Arte Obstetrícia .No 5." Prática de Medicina de manha; e de tarde assistência às lições do quaTto ano, e à Obstetrícia. Aos que, tendo sido aprovados plenamente em todos os anos, quiserem de novo freqüentar o quarto, e quinto, concede-se-lhes a graduacão de Formados em Cirurgia.
13Nenhum pretendente é admitido a Ordem sem mostrar que é da Irmandade de S. Pedro.

Público, que termina em uma magnífica varanda sobre o mar com assentos, e vasos de mármore no parapeito, um pavilhão quadrangular em cada extremidade com duas portas de vidraças em cada lado, ornados com painéis, que representam todas as oficinas do Estado, e os tetos forrados de penas de várias cores. Notam-se nele dois jacarés de bronze, fundidos duma só vez lançando água pela boca.

Para administração da justiça há os mesmos tribunais que em Lisboa. Com supressão da mesa da inspeção foi criado em oitocentos e oito o Tribunal da Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas, e Navegação, composto de dez deputados, um presidente, um secretário, e um oficial-maior.

Para a instrução há várias aulas de Primeiras Letras, três de Latim, uma de Grego, de Retórica, de Filosofia, de Comércio, de Desenho, algumas de línguas vivas, uma Academia da Marinha.

S. Alteza Real há franqueado a sua Real Biblioteca, que sobe a sessenta mil volumes: e ocupa o que era Hospital dos Terceiros do Carmo.[14]

A indústria está a principiar com algumas fábricas: tem já uma de galões, outra de meias de seda, outra de chitas, outra de lonas.

Já faz uma porção considerável desta cidade o Bairro do Catete, assim chamado dum regato, que o atravessa, o qual está a crescer com bons edifícios, e tem uma ponte de cantaria na rua principal sobre o mencionado regato da qual até o Mosteiro de S. Bento há já mais de três quartos de léguas norte-sul sem interrupção.[18]

Macacu, vila considerável, criada por El-Rei D. Pedro Segundo em mil seiscentos e noventa e sete, em terreno levantado sobre a margem esquerda do rio que lhe empresta o nome, pouco acima da embocadura do Guapiaçu, perto de três léguas em linha reta distante da praia, e quase dez pelo álveo do rio, que a lava, e é a sua melhor fonte. Tem uma igreja paroquial dedicada a Sto. Antônio, um Convento de Franciscanos, Juiz de Fora, desde oitocentos e oito, cuja jurisdição abrange também a Vila de Magé; e professores régios de primeiras Letras, e Latim. Fica sete léguas e meia ao nordeste da Capital. Em oitocentos e quatro constava a sua povoação de oitocentos e dez vizinhos, incluindo os do subúrbio.

Vila Nova de São José d'El-Rei, criada em mil setecentos setenta e dois, fica perto de duas léguas ao su-sudoeste de Macau, uma milha arredada da margem esquerda do rio, que refresca aqueloutra, e três longe do mar. Aldeia de São Barnabé foi o seu primeiro nome; e seus primeiros habitadores índios, com cujas descendências vivem hoje muitos brancos. Nas eleições dos camaristas sempre se emparelham para juízes um de cada jerarquia. Os primeiros são bons estei-reiros, e têm o domínio, mas não todo o proveito sobre um terreno contíguo de muitas centas braças.

Pouco menos de cinco milhas ao sussueste de Macacu, e pouco mais de quatro a leste de São José del-Rei está a freguesia de São João de Itaboraí, povoação considerável em sítio pouco levantado, com aspecto aprazível, e pouco arredada da margem direita do Rio da Varge, que toma aqui o nome da povoação, cujo distrito lhe é comumente designado com o nome de Tapacorá. Farinha, feijão, açúcar fazem a riqueza de seus habitantes, que também recolhem algum arroz, milho e café.

14O recolhimento de N. Senhora do Parto passou a Hospital dos Terceiros do Carmo em oitocentos e doze, dando-se às recolhidas, aue o habitavam, acomodação no da Misericórdia.

15Esta Cidade em cujo horizonte a Natureza obrou assaz variada, e pintorescamente, (a) foi tomada por Mr. Duguay-Truln em setecentos e onze, e resgatada pelo povo. No ano precedente havia entrado nela em ma hora o temerário Mr. Du Clere, guiado por dois negros fugitivos da Ilha-Grande.

(a) La vue de cette Bale donnerá tcujours le plalslr le plus vlí aux Voyageurs... Blen n'est plus riche que le coup d'oell des paysages, que s'ofirent de toutes parts." Bougalnvllle.

Seis léguas a leste de Macacu está a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, junto à margem esquerda do pequeno Rio Bonito um dos primeiros ramos do Cacerebu, e fonte de seus habitantes geralmente lavradores de farinha, feijão, milho, açúcar, e algum arroz.

Pouco mais de duas léguas ao nordeste de Macacu, entre os pequenos rios do Pinto, e do Entulho está a Freguesia da Santíssima Trindade em terreno fértil, e cultivado por lavradores de diversos comestíveis.

Uma légua ao nordeste da Vila de São José del-Rei, e duas milhas e meia quase ao sul da de Macacu fica a Freguesia de Tambi, em sítio desabafado, obra de trezentas braças arredada da margem esquerda do Rio da Aldeia. A Matriz, que a orna, é da Invocação de Nossa Senhora do Desterro. Seus habitantes cultivam mandioca, legumes, e milho.

Um terço de légua a leste da paróquia de Tambi, e ainda no seu distrito está o arraial denominado Porto das Caixas, com uma Ermida de N. Senhora da Conceição, sobre a direita do Rio da Aldeia, pouco abaixo da foz do da Varge, e um pouco mais doutro terço acima da sua confluência com o Macacu, que fica meia légua abaixo da do Cacerebu. É o entreposto das produções do distrito de Tapacorá, e das freguesias limítrofes; e onde se embarca mais açúcar do que em todos os outros portos do recôncavo.

Pouco menos de duas léguas e meia ao sudoeste de Vilanova, e meio afastada do mar está a Freguesia de São Gonçalo de Amarante na margem direita da ribeira deste nome. Seus habitantes recolhem grande quantidade de farinha, feijão, e milho, cujos supérfluos com o café, açúcar, e aguardente introduzem no país muito dinheiro.

Magé, vila medíocre com título de Condado, e algum comércio num sítio aprazível, sobre a margem esquerda do rio, que lhe empresta o nome, ornada com uma magnífica igreja paroquial de Nossa Senhora da Piedade, fica perto de três léguas ao poente de Macacu, e uma longe do mar. É abastada de pescado, e tem uma ponte de madeira sobre o rio, que a banha, e lhe serve de fonte. Barcos de considerável carga chegam ao seu cais e exportam grande quantidade de farinha, milho, feijão, algum açúcar, arroz, e pouco café. Foi erecta no ano de mil setecentos e oitenta e nove.

Légua e quarto ao nordeste de Magé, e uma oes-noroeste de Macacu está a Paróquia de Nossa Senhora da Ajuda pouco arredada da margem direita do Rio Guapimirim. Seu território é de notável fertilidade, e seus habitantes preferem a cultura da mandioca, arroz, e café à das canas do açúcar, e exportam também lenha.

Perto de duas léguas ao poente da Vila de Magé, e pouco menos de quatro milhas arredada do mar está a Paróquia de São Nicolau sobre a margem direita do Rio Saruí com um termo de três léguas norte-sul, e uma de largo, terreno montuoso, e bem cultivado. Seus habitantes são lavradores de farinha, arroz, e café; porém a sua principal riqueza provém-lhes da cultura das bananas, que introduzem anualmente no país acima de setenta mil cruzados. A independência deste abastado povo é devida aos laboriosos braços dos brancos, que excedem, ainda que pouco, aos dos negros.

Três léguas a oes-sudoeste de Magé, e pouco mais duma ao sueste do Porto da Estrela fica a Freguesia de Nossa Senhora da Guia sobre a praia do mar, junto à foz da pequena ribeira Pacobaíba, onde se embarca diversidade de víveres, riqueza de seus habitantes geralmente agricultores. Légua e meia ao nor-nordeste do Porto da Estrela fica a Paróquia de Nossa Senhora da Piedade de Inhumirim, situada no ângulo da confluência do rio deste nome com o pequeno Rio da Cruz. Seus paroquianos são lavradores de milho, e mandioca, que prosperam com especialidade no seu território. Dentro do seu distrito começa a extensa calçada, com que principia a estrada de Minas Gerais.

Uma légua ao sudoeste do Porto da Estrela fica a paróquia de Nossa Senhora do Pilar sobre a margem esquerda do Rio, que tem o mesmo nome, e princípio do canal, que o comunica com o Inhumirim. Seus habitadores ocupam-se na lavoura da mandioca, milho, arroz, e legumes, por lhes ser apropriado o terreno.

A vila de Santa Maria de Maricá foi criada por um alvará de vinte e seis de maio de mil oitocentos e catorze, assistindo ao seu governo civil dois juízes ordinários, um dos órfãos, três vereadores, dois almotacéis, um procurador do conselho, dois tabeliães do público, judicial, e notas, ficando anexos ao primeiro os ofícios de escrivão da câmara, cizas, e almotacerias; e ao segundo o de escrivão de órfãos; um alcaide, e um escrivão do seu cargo. É ainda pequena, mas bem situada junto à foz da Ribeira Itapitiú sobre a margem da lagoa, que lhe empresta o nome, e regala de pescado, e ornada com uma igreja matriz de Invocação de Nossa Senhora do Amparo, que é o melhor templo da província, depois de excetuarmos alguns da Metrópole, da qual dista perto de oito léguas para leste, perto de seis para o sussueste de Macacu, e onze para o poente de Cabo-Frio. Seus habitantes recolhem açúcar, farinha, feijão, milho, e algum café.

O distrito de Cabo-Frio, que toma o nome do ângulo, onde a costa muda de direção, limitado ao norte pelo Rio Macaé, que o separa do de Goitacás, banhado ao nascente, e sul pelo Oceano, tem doze léguas de comprimento norte-sul, e dez na maior largura leste-oeste. A face do terreno é geralmente desigual. Nos vales, e planícies, que ficam entre seus montes mais ou menos levantados, há falta de boas águas potáveis.

Produz mandioca, milho, arroz, legumes, canas-de-açúcar; e cria gado vacum, e miúdo em pouca quantidade. As bananeiras, e laranjeiras tão comuns em vários territórios da província, são aqui raras, quase por toda a parte, pela incúria de seus habitadores. Todas as lavouras são açoitadas pelos nordestes.

A colheita do anil, por algum tempo assaz considerável, e que enriqueceu muitos lavradores, é hoje módica. Como o território é apropriado para este ramo da agricultura, parece natural que em a mercancia chegando ao preço antigo com o gasto das fábricas européias, até agora paradas, torne a florescer a *sua.* cultura. A cochonilha principiou a ser um ramo de comércio, mas a avareza de alguns cultivadores logo começou a falsificá-la com granitos de farinha. A Fazenda Real, que lha pagava por alto preço, conhecida a fraude, não quis mais; o mesmo fizeram os negociantes da Capital; e o objeto foi abandonado, podendo ir em aumento com grande lucro da Nação, se se aplicassem as leis a quatro ou cinco maus vassalos.

Das produções do distrito se colige, quais sejam os objetos mercantis, que dele se exportam, ou podem exportar-se. A estes se deve ajuntar o da madeira, que é considerável, em razão da grande diversidade de árvores de bom pau para construção principalmente; como angelim amargoso, dito de roda; araribá vermelho, amarelo, e preto; bicuíba; bicuíbuçu; caixeta amarela, e branca: canela branca, dita preta, dita parda, dita tapinhuã, dita do brejo: cedro vermelho, dito batata: cerejeira preta, branca e amarela; sipipira preta, dita amarela: guarapiapunha; gurumarim amarelo, e branco: guarabu pardo, e roxo: jacarandá; jacuá: jequitibá preto, amarelo, branco: ipê, que é o pau-santo, preto, e amarelo: oiti; jundiaíba: loiro preto, dito branco, dito amarelo: massaranduba; merendiba; mussutuaíba; óleo pardo, dito vermelho, dito cupaíba, dito caboraí; peroba vermelha, a que chamam sobro, dita amarela; pau-d'arco; pau-ferro; tinguaciba; tapinhoã; vinhático amarelo, dito vermelho, dito preto, dito cacunda: inhaíba; oiticica; piquiá; sapucaia vermelha, dita mirim; guratã; baraúna; iriarana; camará, e outras, entre as quais se acham três qualidades de pau-brasil, dos quais o denominado mirim é o melhor. A maior parte destas madeiras desce pelo Rio de São João, e pelo Macaé.

Depois do Rio de São João, e do Macaé, que são os principais deste distrito, e já descrevidos, nota-se o Rio de Una, que sai ao Oceano duas léguas e meia ao sul do primeiro. Defronte da sua embocadura está a pequena Ilha-Branca, que abriga os navios surtos em um recanto do lado ocidental duma península de légua e meia de comprimento contra o nordeste, onde se nota a Ponta dos Búzios No lado oriental desta península está o pequeno Porto da Ferradura, assim chamado pela semelhança, que tem com este objeto. Na enseada ocidental está a boa fonte do Cabrestante.

As principais lagoas deste distrito são a de Araruama, e a de Saquarema. A primeira tem seis léguas com mil trezentas e cinqüenta braças de comprimento leste-oeste, e obra de oito milhas na maior largura. É separada do mar por uma restinga quase sempre rasa, e deságua pela extremidade oriental por um canal de vinte e seis braças de largo na embocadura, que fica légua e meia ao norte de Cabo-Frio. Posto que nela desemboquem várias ribeiras, suas águas são salgadas pela comunicação que têm com as do Oceano. A maré faz-se sensível até Ponta Grossa, que fica perto do meio. Daqui para o poente andam as águas com os ventos. É abundante de pescado de várias castas. Bm partes tem muitas braças de fundo, em outra dá vau duma margem para a outra. Na meridional há vários sacos entre pontas mais ou menos avançadas, onde a Natureza produz grande quantidade de sal, quase sem benefício do braço humano. Contam-se nove lugares destinados pela Providência para a produção deste indispensável objeto. Nem todo o sal é formado d'água salgada; em algumas partes faz-se com a da chuva, a qual o salitre, de que o terreno é impregnado, põe em consistência de água marinha, deixando ao sol a sua cristalização.

As maiores ribeiras, que entram na Lagoa Araruama, são a denominada Rio de Francisco Leite, que deságua na extremidade ocidental; e a Matartuna, que tem uma ponte, e desemboca duas mil oitocentas e oitenta braças, em linha reta, a leste daqueloutra. Entre estas ribeiras, e em pouca distância da lagoa a Paróquia de São Sebastião, cujos habitantes recolhem farinha, arroz, feijão, algum açúcar; e tiram grande lucro da pescaria.

A Lagoa Saquarema, que fica na vizinhança da Ponta Negra, tem seis milhas de comprimento leste-oeste, e três quartos de légua na maior largura. É salgada, piscosa, e separada do mar por uma restinga de pouca largura. Ouando começa a cobrir os campos adjacentes com as cheias das ribeiras, que nela deságuam, os moradores da vizinhança abrem-lhe um desaguadouro para o Oceano na extremidade oriental, que fica sendo um rio invadiável, durante o Inverno; no fim do qual a ressaca do mar o entope. O Rio Tingui, que deságua na eriseada mais setentrional, é a principal entre as ribeiras, que ela recolhe.

Na língua de terra, que medeia entre esta lagoa, e o Oceano, está a Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré, cujos paroquianos cultivam milho, feijão, mandioca, e freqüentam a pescaria, que faz um ramo de negócio.

Entre a Lagoa Saquarema, e a Cururupina está a de Jacuné, que tem perto de três quartos de légua em comprimento com largura proporcionada.

A Lagoa Jacarepuá tem pouco menos de meia légua de comprido leste-oeste com largura proporcionada, e fica entre a de Saquarema, e a Araruama.

A Lagoa Vermelha tem meia légua de comprimento leste-oeste prolongada com a de Araruama na sua extremidade ocidental, e pouca largura. Posto que não tenha comunicação com o mar, suas águas são salgadas.

A Lagoa Boacica, que fica duas léguas ao sul do Rio Macaé, e mui próxima ao Oceano, tem duas mil e quatrocentas braças de comprimento, seiscentas na maior largura, e pouco fundo. É salgada, e abundante de peixe, que sobe do mar, depois que se lhe abre um esgotadouro; e recolhe as águas do córrego, que lhe dá o nome, do Serraria, do Mutum, do Riacho da Alagoa, e do Riachinho.

A Lagoa Juturnuaíba tem meia légua de diâmetro, e duma até sete braças de fundo: recolhe os rios Macaxá, e Capibari, e vaza na margem direita do Rio de São João. A boca do seu desaguadouro, que é profundo, navegável, e conserva o nome do primeiro rio, fica obra de sete léguas longe do Oceano, não distando a lagoa mais de três em linha reta.

Em várias paragens da costa meridional estavam oito canhões destinados para noticiar à Capital o número das embarcações, que a sentinela de Cabo-Frio avistava; os quais acabam de ser substituídos por telégrafos para o mesmo fim.

A chamada cidade de Cabo-Frio, que não passa ainda duma vila considerável, repartida em dois bairros, ambos sem regularidade, e de casas quase geralmente chãs, e de taipa, ou madeira, e separados por um intervalo de quatrocentas braças, está situada sobre a margem meridional, na extremidade oriental da Lagoa Araruama. O principal, e mais arredado do Oceano tem uma igreja paroquial dedicada a Nossa Senhora da Assunção, uma Ermida de S. Bento, e um convento de Franciscanos, no recinto de cuja cerca há um morro coroado com uma Capela de Nossa Senhora da Cuia, donde se descobre grande extensão de mar, e terreno. O menor, denominado a Passagem, e mui próximo à barra, que é defendida pelo Forte de S. Mateus, tem outra Ermida de S. Benedito. Há nela professores régios de Primeiras Letras e Latim. Seus habitantes freqüentam apaixonadamente a pescaria, sua principal, e mais lucrosa ocupação. O peixe é o seu comum alimento; e dele exportam grandíssima quantidade. Também daqui sai alguma cal de **pedra.**

Foi tomada no ano.de mil seiscentos e quinze, quando Portugal estava debaixo do domínio de Felipe Segundo, em cujo tempo muitas povoações tomavam de princípio o título de cidade; e na ocasião da repulsa duns piratas de Roterdam, que pretendiam estabelecer-se para a exportação da tinta. As febres são a moléstia dominante no país. Tem Juiz de Fora, cuja jurisdição abrange a Vila de Macaé.

A Vila de São João de Macaé situada sobre uma e outra margem do rio, que lhe dá o nome, criada em oitocentos e catorze tem uma igreja paroquial dedicada a Sant'Ana. Seus habitantes recolhem milho, arroz, feijão, farinha, algum açúcar; tiram madeira, sua principal riqueza; e pescam. Agouram-lhe considerável aumento.

Nota-se ainda neste distrito a Freguesia de São João sobre a embocadura do rio do mesmo nome, com muitas conveniências para com o tempo ser uma vila considerável. Afora a madeira, por ora a riqueza principal de seus habitadores, exporta-se variedade de comestíveis.

O distrito dos Goitacás, que tem por limites o Rio Macaé ao sul, e o Cabapuana ao norte com vinte e uma léguas de costa, ou vinte e oito pela praia, formou por largo tempo a Capitania de São Tome, assim chamada do cabo deste nome, que está dentro dos seus limites.

Constando que Pedro de Góis fora o seu primeiro donatário, não encontramos documento seguro acerca do ano em que lhe foi dada, e de quando ele a colonizou; nem também do tempo da sua devolução à Coroa para novamente ser doada ao Visconde d'Asseca, Salvador Correia de Sá, de cujos herdeiros tornou para a Coroa em mil setecentos e cinqüenta e dois, por comutação que El-Rei o Senhor D. José fez com eles, afim de apaziguar as sublevações do povo, que só queria depender imediatamente do seu Soberano.

O autor da Descrição Geográfica da América Portuguesa (com cujo Ms. à vista escrevia o P. Jaboatão) diz que Pedro de Góis se estabelecera na margem do Rio Paraíba, onde vivera dois anos em paz com os indígenas, e cinco em guerra; vendo-se obrigado a retirar-se para a Capitania do Espírito Santo, donde passou a Lisboa: e que voltara com Tome de Sousa para a Bahia em quinhentos

e quarenta e nove.[10] À vista disto podemos inferir que foi povoá-la antes de quinhentos e quarenta, ou ao menos neste ano.

O território deste Distrito era possuído por três diversas nações: Puri, Cuaru, e Goitacá. A derradeira, que deu nome ao país, era a mais numerosa, e dividida em três hordas, Goitacá-Guaçu, Goitacá-Mopi, e Goitacá-Jacoritó: cada uma inimiga entranhável das outras.

16 "Pedro de Góis foi fidalgo mui honrado, e experimentado cavaleiro, que andou correndo a costa do Brasil com Pedro Lopes de Sousa, e ambos se perderam no Rio da Prata. Pelo afeto com que ficou a este continente pediu El-Rel D. João o Terceiro, quando o repartiu em capitanias, lhe fizesse mercê duma. Despachou-lhe S. A. a suplica, dando-lhe trinta léguas de terra ao longo da costa, que principiariam onde acabasse a Capitania de Vasco Fernandes Coutlnho: e que nao havendo nesta distância as ditas trinta léguas entre o dito V. F. C. e Martim Afonso de Sousa, lhe fazia somente mercê das que entre ambos mediassem, que nao passaria do Baixo dos Pargos.*

* Baixo dos Pregos traz o Ms. que tenho à mão, por lnadvertêncla dalgum copista: porque o seu verdadeiro nome é Baixo dos Pargos. A cláusula de nao passar a Capitania do B. dos Pargos parece nao dever ter lugar; porque desejando El-Rel doar trinta léguas, se tantas houvessem entre as capitanias de M Afonso, e V. Fernandes, e nao havendo senão vinte e uma neste intervalo, em cujo centro está o referido baixo, com quantas ficava então P. de Góis, a não passar daquela paragem?

Também não parece seguro, que o estabelecimento deste donatário fosse sobre o Rio Paraíba; porque Junto á extremidade duma baía no lado meridional do Cabapuana, mui perto da praia do mar, existem duas mós de pedra européia com alguns resquícios de povoação; e entre os moradores da vizinhança há tradição, que fora ali a morada de Pedro Góis.

Foi tomar posse desta capitania em uma frota, que para esse fim preparou; levando muitos casais, armas, e mais prevenções, que Julgou necessárias ao bom sucesso do seu intento. Saiu de Lisboa com bom sucesso, e feliz viagem; foi desembarcar no Rio Paraíba situado nesta capitania. Aqui se fortificou, e fundou povoação, em que se conservou pacifico os primeiros dois anos com o gentio Gualtacá, seu vizinho. Depois por espaço de cinco teve com ele continuada guerra; defendendo-se com multo trabalho, e grande risco de sua pessoa. E suposto com ele por vezes ajustou pazes ,eram instantâneas, e repetiam os Insultos contra os povoadores."

"De tal sorte se viram estes consternados, qur entraram a instar com Pedro de Góis, para que os pusesse em salvo, mudando de sitio. Conhecendo ele a Justiça das súplicas, visto faltarem-lhe socorros do Reino, passou-se com eles para a Capitania do Espírito Santo, onde neste tempo se achava Vasco Fernandes Coutlnho, que para o transporte lhes mandou algumas embarcações. Daqui passou a Portugal mui desbaratado; e tornou a voltar por Capitão-mór do mar de São Tome em companhia de Tome de Sousa, que neste Estado foi o primeiro Governador Geral."

"Na povoação, que Pedro de Góis intentou fazer na sua capitania, gastou não só quanto tinha de seu, mas também quanto para ela concorreu Martim Ferreira; e parecendo exteriormente voluntário, e sincero adjutório, era realmente uma sociedade secreta. Interessando ambos nos lucros prognosticados, e Jamais percebidos."

O coletor das memórias para a História da P. de São Paulo supõe que o donatário começara a povoá-la em quinhentos e cinqüenta e três, quando foi a Santos buscar seu irmão Luís de Góis, e sua família, que ali vivia. Esta conjectura é fútil ã vista do que acabamos de transcrever; parece porém verossímil que o donatário fizera então nova tentativa- para se estabelecer.

Este mesmo escritor com melhor fundamento avança mais que o domínio e propriedade da capitania se conservara muitos anos nos sucessores do Pedro de Góis: Irem, que doando-a El-Rel D. Pedro ao Visconde d'Asseca em seiscentos e setenta e quatro com extensão de vinte léguas de costa, declarara na Carta de doação, que Gll de Góis. morto fora do Reino, fizera delxação dela à Coroa, por lhe faltarem cabedais para a povoar.

Este Gll de Góis, que sem dúvida era o terceiro donatário, achava-ee pelos anos de seiscentos e vinte e três associado com João Gomes Leitão na empresa de vencer as dificuldades, que tinham frustrado as diligências de seus antecessores no sólido estabelecimento da capitania, o que nem assim conseguiu.

Nenhum dos sócios vivia então na capitania, que era governada pelo Capitão-mór Martim de Sá, ao qual como procurador da Sociedade, os três irmãos Correias Gonçalo, Manuel e Duarte, o Capitão Miguel Aires Maldonado, João Castilho, Antônio Pinto, e Miguel Riscado associados pediram por sesmaria, e obtiveram por uma escritura de dezenove de agosto (do dito ano) uma grande porção do terreno, que fica ao norte do Cabo de São Tome, ainda tudo Inculto no poder dos indígenas, para os afugentar, e estabelecerem nele fazendas de crlaT gado vacum. Antevendo porém a dificuldade da empresa à vista do que haviam experimentado os donatários, demoraram a conquista por largo tempo, até que se lhes agregaram Salvador Correia de Sá, o Provincial dos Lololls-tas, o Abade dos MM. Beneditinos, e alguns sujeitos mais de qualidade, e poderosos do Rio de Janeiro. E combinadas as forças, achando-se serem suficientes para efetuar o projeto, começaram a conquista em abril de seiscentos e vinte e nove. Afugentaram a maior parte dos indígenas, mataram os mais Intrépidos, e menos prudentes; sendo muitos os que espontaneamente se lhes entregaram, para cuja habitação se fundou a Aldeia de São Pedro na margem setentrional da Lagoa Aramiama em Cabo-Frio, onde hoje vivem seus descendentes.

Livres desse obstáculo, trataram os conquistadores de repartir o território em quinhões Iguais. cabendo a cada sesmeiro doze Currais de quinhentas braças de terra em quadro.

Salvador Correia mandou fundar no seu terreno, em seiscentos e cinqüenta e dois, uma ermida dedicada a S. Salvador, e entregou-a ao cuidado dos MM. Beneditinos, fazendo-os de mais a mais (e bem injustamente) Juízes eclesiásticos.

Era Já neste tempo numeroso o povo em razão do que concorrera de várias paTtes; e também muitos os criminosos, que acossados pelas Justiças haviam ido ali procurar asilo; e para melhor segurança sua persuadiram aquele a governar-se republicanamente. Um dos primeiros atos Jurídicos da nascente república foi a repulsa dum vigário secular, que no comenos apareceu enviado pelo Doutor Antônio de Marins, Vigário Geral do Rio de Janeiro, paro substituir o Religioso.

Depois de largas disputas, sendo empossado o novo pároco, soube este acarear parte do povo, para que se estabelecessem Junto da ermida Já matriz.

Reconhecendo o povo com o tempo que as leis municipais não eram suficientes, para conter as opressões dos administradores dos proprietários quase geralmente estabelecidos no Rio de Janeiro,

Pretendem alguns que o nome *Guaru* (os nossos dizem *Guarulho)* era genérico, e compreendia várias nações, das quais ainda existem os Sacarus na Serra dos Órgãos.

Do Rio Paraíba para o norte a cordilheira corre pouco afastada das praias; e o terreno médio, denominado Cacimbas, é montuoso, e em parte agreste, e pouco apropriado para a agricultura. Do Paraíba até o Macaé tudo são campinas, ou uma continuada planície com alguns pequenos bosques chamados capões, e regada de várias torrentes. O território é apropriado para cacau, café, anil, arroz, baunilha, que ninguém, ou apenas se cultiva. A experiência tem mostrado que a cultura do trigo é assaz lucrosa; e que as amoreiras prosperam excelentemente. A mandioca dárse melhor na parte mais meridional; e as canas-de-açúcar (que quase todos cultivam) na proximidade do Rio Paraíba, e adjacências do Muriaé, onde está a maior parte dos engenhos; dos quais em oitocentos e um se contavam neste distrito duzentos e oitenta, entre eles noventa e oito grandes, e rendo-síssimos.

Recolhe-se milho, feijão, farinha, tabaco, e algodão quanto basta para gasto do país.

Criam-se todas as espécies de animais domésticos; porém nota-se que nenhuma é notavelmente fecunda. O gado vacum não chega para o consumo dos açougues, e serviços dos engenhos: o muar é menos volumoso que o do Rio Grande, e Curitiba; mas de forças superiores, e mais manteúdo: as cabras, e

nem coibir as atrocidades de alguns poderosos, determinou meter-se debaixo da obediência de 8. Majestade por Instruções dos mais cordatos. E com esta deliberação criaram uma vila no lugar da matriz com o nome do seu Orago, levantado pelourinho, e elegendo camarlstas; do que deram conta ao Ouvidor do Rio de Janeiro em seiscentos e setentá e três.

Achava-se então o Visconde d'Asseca, Salvador Correia de Sá, na Corte diligenciando a doaçSo desta capitania Jâ anexa aos bens da Coroa em recompensa dos seus grandes serviços. E tendo dantes ouvido falar na grande precisão, que havia de duas vilas, uma na vizinhança do mar para proteger as embarcações que ali aportassem: outra mais central para obstar às Invasões dos bárbaros, obteve de El-Rel D. Pedro Segundo em setenta e quatro a faculdade para se crlaíem Juntamente com a doaç&o da capitania. A ordem foi remetida ao Ouvidor do B. de Janeiro o qual por Impossibilitado deu comissão, e Insinuações ao Juiz Ordinário da cidade de Cabo-Prlo, Geraldo Figueira, para Ir executá-la; como fez no ano de setenta e seis acompanhado do Capitão-mór, procurador do donatário, confirmando a que Já tinha título de Vila, e crlando-lhe novo senado: e vinte dias depois foi erigir a de Sao Joáo Batista, que tomou o nome do padroeiro da matriz.

Passado algum tempo, começou o povo a descontentar-se do sítio da primeira vila, por ficar distante do Rio Paraíba; e obtido o consentimento do procurador do donatário, ordenou a câmara em seiscentos e setenta e oito fosse mudada para certo lugar da margem do rio; mas como os religiosos, que se tinham alargado até ali, impediam a fundação da nova Vila, convencionou o procurador do donatário com o deles de lhes dar noutra parte Igual porçáo de terreno; em virtude de oujo contrato se meteram marcos em ambos os sítios, e se deu princípio à nova vila em seiscentos e setenta e oito.

Doze anos depois começaram as ruidosas, e prolongadas alterações, que tiveram origem no arrependimento da troca, e fim com uma excomunhão intimada aos oficiais da câmara em ato dela, para largarem o mencionado terreno! Tanto sofre, e a tanto se atreve a Ignorância!

Pelos anos de mil setecentos e vinte achava-se o povo desta vila revoltado com um Bartolomeu Bueno à testa, o qíual se tinha feito um regulo. O Governador do Rio de Janeiro, Aires de Saldanha, expediu ordem ao Capitão-mór, Agostinho dt Azevedo, para o fazer prender; o que nao se efetuou, por causa da vigorosa resistência, que o regulo fez auxiliado pelos da sua facção, matando, e ferindo até que se pôs a salvo; e só lhe foram seqüestrados os bens por ordem do Ouvidor Paulo de Torres.

A fugida do revoltoso Bueno nao pôs termo às sublevações; váriоa indivíduos do mesmo gênio as atlçaram sucessivamente por mais de trinta anos, apesar do trágico fim, que de ordinário experimentavam uns após outros: chegando o povo umas vezes a atacar, ou prendeT o procurador do donatário; outros a cercar a casa da câmara, quando nela se achavam os senadores ocupados em negócios, que lhe nao eram favoráveis; Já prendendo-os, e remètendo-os ou para o Rio de Janeiro, ou para a Bahia; e procedendo a novas eleições, nomeando sempre gente do seu partido: nao sendo bastantes as ameaças, e ordens repetidas de vários governadores da Capital para terminar os diBtúrbios. Luis Vaia mandou uma Companhia de Tropa de linha, que nada conseguiu do que se pretendia. Gomes Freire de Andrade expediu ao mesmo fim três Companhias, sendo uma de granadelros com mais algum sucesso: porque agregando-se-lhe o Ouvidor da Província do Espirito Santo, Mateus Nunes de Macedo, com os seus oficiais, foram presos alguns dos mais culpados, fugindo os outros, à custa de cujos bens foi mantida a Tropa, durante a sua demora.

O procurador do donatário tomou pacificamente a posse, que se lhe negava, havia largo tempo; apesar de terem ido presos para a Capital, por ordem do Governador Matlas Coelho, vários que no seu governo impugnaram cumprir a carta de crença a outro.

Encorporando o Senhor D. José esta capitania aos bens da Coroa, passou o Ouvidor da do Espirito Santo, Francisco Sales a tomar posse dela em nome do mesmo soberano no ano de cinqüenta e dois com geral satisfação do povo: levando Juntamente o perdão aos cabeças, que o amotinaram.

ovelhas degeneraram, e são por ora quase inúteis; os porcos não são numerosos, nem sua carne gostosa.

O norte, e o sudoeste são aqui os ventos reinantes: não há dia, em que não sopre forte de algum destes rumos.

Parte da madeira, que se exporta pelo Rio Macaé, é cortada em matas deste distrito, onde há variedade de plantas medicinais.

A taiuiá é uma espécie de aboboreira útil para compor tinta amarela, curar hidropisias. Seu fruto é redondo com uma polegada de diâmetro.

Rios e Lagos — Já descrevemos o Paraíba, que é o mais considerável, e atravessa o Distrito do poente para o nascente.

O Rio Muriaé, ao qual dão doze léguas de curso em linha reta, nasce na Serra do Pico, em terras dos Puris, e corre tortuosamente ao sueste até se incorporar com o Paraíba. É navegável por espaço de sete léguas, e tem uma cachoeira, onde as canoas são arrastadas por terra. Suas águas, quando se começaram a cultivar as suas fertilíssimas adjacências, hoje povoadas de engenhos de açúcar, eram tão pestilentas, que quantos as bebiam, padeciam febres malignas, que ou lhe acabavam os dias, ou os deixavam pálidos e esverdeados por toda a vida. Os mesmos mantimentos produzidos nas terras inundadas pelas suas cheias eram pestíferos. O seu maior confluente é o denominado Rio Morto por ser de corrente tranqüila: suas águas são escuras desde sua origem, que está nuns pantanais. Nas suas margens cria-se um cipó venenoso, chamado timbó, ou tingui, e uma árvore denominada guaratimbó, (cuja raiz não é menos nociva), aos quais se atribui a malignidade de suas águas .

O Rio Macabú principia na falda da Serra do Salvador pouco arredado da origem do mencionado[1] Rio de São Pedro, confluente do Macaé. Seu álveo é tortuosíssimo; sua corrente tranqüila quase sempre por entre pântanos, procurando o nordeste, e deságua na Lagoa Feia. É navegável sem cachoeiras até perto de sua nascença.

O Rio Imbé, que tem seu nascimento na falda da mesma Serra, obra de duas léguas afastado da origem do Macabu, corre bom espaço emparelhado com ele: recolhe a princípio pela esquerda os chamados os Três Rios do Norte, distinguidos pelas denominações de Primeiro, Segundo, Terceiro (que tem princípio no sítio dos Três-Picos, onde há ouro) e atravessa a Lagoa-de-Cima, donde sai para a Feia com o nome de Ururaí. Seu leito é assaz tortuoso, e sua corrente vagarosa. Grandes canoas sobem sem obstáculo até à vizinhança de suas cabeceiras.

O mencionado Ururaí, ou Desaguadouro da Lagoa-de-Cima, cujas margens são povoadas de plantações de canas-de-açúcar, e mandiocas, descreve um semicírculo pelo norte, avizinhando-se ao Paraíba, com o qual se pode comunicar por um canal através duma planura, que não excede uma légua de largo.

A Lagoa Feia formada de duas desiguais, e unidas por uma garganta estreita, uma ao norte com pouco menos de seis léguas de comprimento leste-oeste, e pouco mais de quatro de largura; outra ao sul com quase cinco de comprido, e meia de largo, é piscosa, e aprazível; e só feia quando agitada do vento, em razão do seu pouco fundo, tendo só canais para as canoas. Suas águas sempre doces são saudáveis, ainda que turvas pela contínua agitação dos ventos. Cria piabanhas, piaus .crumatãs, corvinas com outros pescados de água doce. Também se pescam nela várias outras castas, que sobem do mar. Tem dentro uma considerável península, em cujo istmo está a matriz da Freguezia de Nossa Senhora dos Remédios com um aspecto deleitável. Suas margens são apauladas em grande parte. Deságua por vários canais, que com amiúdados rodeios formam grande número de ilhas, sem que nenhum deles tenha saída para o Oceano, por causa dum extensíssimo e alto cômoro de areia grossa e firme, formado pelo mar. Todos estes sangradouros se reúnem em diversos pontos, e formam outra

lagoa com muitas léguas de comprido, e largura dum espaçoso rio prolongada com o mencionado cômoro, através do qual se abre anualmente à enxada em certa paragem um desaguadouro, que se torna em um rio considerável com o nome de Furado, enquanto os receptáculos interiores não chegam ao nível natural, o qual é imediatamente entupido pelo mesmo mar. Iguaçu ou Rio Castanheta se chama o meridional e principal dos mencionados canais.

Com algumas máquinas hidráulicas das de que usam os mineiros, movidas pelo vento como as dos diques da Holanda, se podem conservar sempre enxutas as terras alagadiças, e em estado de servir de pasto, e ainda de serem cultivadas em todo o tempo.

Obra de três léguas ao norte do Rio Macaé está a Lagoa Carapebus com uma légua de comprimento leste-oeste, pouca largura, e desigual; separada do oceano por um cômoro de areia, que se rompe em alguns invernos para dar escoamento às águas, com que vários córregos a fazem transbordar. Cria variedade de pescado. Junto da margem direita do Paraíba, entre as vilas de São Salvador, e São João notam-se as duas Tais, grande com mais de três milhas de comprido, e quinhentas braças de largo; e pequena com igual comprimento, e mil braças de largura: a de Saquarema com duas mil e trezentas de extensão e mais de mil em largura: a do Campeio com uma grande légua de comprido e oitocentas braças de largo na banda do norte do Paraíba quase defronte da Vila de São João; como também a das Pedras, que é profunda com duzentas braças de comprimento, e quinhentas de largura, cujo desaguadouro, denominado Córrego do Jacaré, está entre a Vila de São Salvador, e a foz do Rio Macaé.

A Lagoa-de-Cima tem légua e meia de comprido, e mais de dezesseiscentas braças na maior largura, compreendendo o saco da Pernambuca.

Estes dilatados campos seriam os Elíseos do Brasil se o seu abençoado terreno estivesse repartido como o de Entre Douro e Minho, e entrgeue a um povo tão agricultor. Circunstâncias diversificadas concorreram infelizmente para que a maior parte viesse a estar repartida entre três proprietários; scilicet: o Mosteiro Beneditino da Metrópole, o comprador das possessões ex-jesuíticas, e um titular.

São Salvador, vila grande, populosa e florescente, situada em terreno plano sobre a margem direita do Paraíba cinco léguas longe do oceano, e uma abaixo da foz do Muriaé, além da igreja matriz tem Casa de Misericórdia, três ermidas dedicadas a Nossa Senhora com as Invocações do Rosário, Boa-Morte e Lapa:[17] e duas Ordens Terceiras: uma de S. Francisco, outra do Carmo, e um hospital. A mocidade é instruída por Mestres de Primeiras Letras e Latim com honorários régios. O muito dinheiro introduzido pelo açúcar, riqueza do país, introduziu um demasiado luxo, que o consome. Muita gente gosta de repartir em vida seus bens com a Justiça, que é administrada por um Juiz de Fora. Mil cento e trinta e nove vizinhos faziam a sua população em um dos últimos arrolamentos.

A Vila de São João da Paraíba, que tomou os nomes do padroeiro da matriz que a orna, e do rio em cuja margem meridional está situada num terreno arenoso, meia légua arredada do mar, defronte da extremidade duma ilha, que tem três milhas de comprimento, é pequena; e açúcar a riqueza de seus habitantes, cujo número por ora não pode crescer muito.

Obra de duas léguas acima de Macaé sobre a margem setentrional do mesmo rio está a Freguezia de Nossa Senhora das Neves, que principiou com o estabelecimento duma tribo de índios guarulhos, hoje quase extintos, substituídos por brancos tiradores de madeira, e lavradores dos mesmos víveres, que os da precedente.

17 A Capela da Lapa foi a principio a dum seminário, que, apesar do seu suficiente patrimônio, esteve largo tempo sem exercício. Continua-se na sua restauração para Humanidades, e Filosofia debaixo dos auspícios do Excelentíssimo Prelado depois da visita de oitocentos e doze.

Sobre a margem esquerda do Paraíba, entre a Vila de São Salvador e a foz do Muriaé está a vistosa Freguesia de Santo Antônio, fundada para habitação duma horda de índios guarulhos, que insensivelmente desapareceram com o tempo. O seu termo é extenso, e semeado de grande número de engenhos de açúcar.

Nove léguas acima da Vila de São Salvador e meia abaixo da última cachoeira do Paraíba está a considerável Aldeia de São Fidélis, paróquia de índios, junto à margem esquerda do mesmo rio, em terreno levantado, aprazível e sadio. A fertilidade do território tem convidado grande número de brancos a estabelecerem-se nos seus arredores.

São Gonçalo e São Sebastião são ainda paróquias deste distrito; ambas à direita do Paraíba, e poucas léguas afastadas da vila principal.

O distrito de Cantagalo, cujo território é de grande fertilidade, e regado de muitos rios, e ribeiras, que saem da Serra dos Órgãos, seu limite meridional, e deságuam no Paraíba, que o separa de Minas Gerais ao norte, tem ao oriente a continuação da mesma serra, que o divide do dos Goitacás, e ao ocidente o Rio Piabanha, que o separa da Paraíba Nova.

Tem minas de ouro, para cujo aproveitamento se estabeleceu a primeira colônia no ano de mil setecentos e oitenta e cinco. O *quinto* rendeu à Coroa, nos quatro anos seguintes, um pouco mais de dez mil cruzados; e a lavra da mesma pouco mais de oito mil ditos.

Entre os rios, que o atravessam, nota-se o Pequequera piscoso, e navegável por espaço de seis léguas; o Rio-Negro, pouco menos volumoso, navegável por espaço igual, e abundante de peixe: o das Bengalas, e o chamado Grande.

A maior parte do território, até à época da sua colonização, era dominada pelos índios Coroados, resto dos antigos Goitacás, hoje pouco numerosos, covardes, e aliados dos conquistadores. Suas casas são grandes, feitas de madeira, e barro, mui compridas, cobertas de feno, ou de casca de árvores, com uma só porta, sem janela, sustentadas sobre grande número de esteios, a que prendem as suas maças. Acomodam-se às cinqüenta, e ainda oitenta ou cem famílias em cada uma. Ordinariamente cada casa é uma aldeia: e raras vezes se encontram duas juntas. Diariamente logo que ao romper do dia ouvem o canto do macuco, imediatamente se levantam, e, ainda que chova, vão lavar-se na torrente ou lagoa mais vizinha, para o que se faz sinal com uma buzina de cana, e tomam para a maça.

Os casamentos consistem num lauto banquete, em que se ajunta toda a aldeia, e onde ordinariamente todos ficam bêbedos. As mulheres logo que sentem as dores do parto, retiram-se para o mato, onde ficam mães sem assistência alguma; e voltam com os filhos já esfregados com certas ervas para os afazerem ao frio.

Enterram os mortos assentados. Antigamente sepultavam os caciques encolhidos dentro de grandes vasos de barro cilíndricos, denominados *campeis,* dos quais se têm desenterrados alguns ainda com ossos.

Só têm arco: a frecha é dum gênero de cana com uma ponteira de pau mui rijo, tostado no fogo para adquirir maior rijeza: umas em forma de ponta de espada para os animais grandes, outras triangulares, outras quadrangulares, outras finalmente arpoadas. Um homem, que chega a casa depois duma digressão de muitos dias, não diz uma só palavra de cumprimento aos seus domésticos, nem estes o recebem doutra maneira, do que se ele tivesse ido buscar água à fonte, ou lenha ao mato.

Por um alvará de nove de março de mil oitocentos e catorze foi a Freguezia do Santíssimo Sacramento criada vila com o nome de São Pedro de Cantagalo, assistindo ao seu governo civil dois juízes ordinários, um dos órfãos, três vereadores, dois almotacéis, um procurador, um tesoureiro do Conselho, dois tabeliães do público, judicial, e notas, ficando anexos ao primeiro os ofícios de escrivão

da câmara, cizas, e almotacerias, um alcaide com escrivão do seu cargo. É vila mediana, atravessada por um córrego de boas águas, que corre para o Rio Macuco. Seus habitantes, e os do seu extenso termo preferem a agricultura à mineração; e recolhem farinha, milho, arroz, feijão, e açúcar; e criam gado vacum, e porcos.

Deste distrito é a Freguezia de São José de Leonissa situada sobre a margem direita do Paraíba em frente da embocadura do Rio da Pomba, criada em oitocentos e doze. É povoação abastada de peixe, e dos víveres do país. Seus moradores são ainda quase todos índios.

Entre o Rio da Pomba e o Paraíba, obra de légua e meia distante do ângulo da sua confluência, se erigiu em oitocentos e doze a Freguezia de Santo Antônio de Pádua, em terreno apropriado para a cultura de diversos comestíveis.[18]

18 Os moradores da margem setentrional do Paraíba sao diocesanos do Rio de Janeiro.

PROVÍNCIA DO ESPIRITO SANTO

Esta província compreende três quartos da capitania do mesmo nome dada no ano de mil quinhentos e trinta e quatro a Vasco Fernandes Coutinho em remuneração dos serviços, que na Ásia fizera à Coroa. Trinta e oito léguas contadas do Rio Cabapuana até o Rio Doce, seu limite setentrional, são a sua extensão N. S. A largura L. O. ainda não está de todo determinada, por estar o terreno em poder de selvagens. Confina ao norte com a de Porto Seguro; ao poente com a de Minas Gerais; ao meio-dia com a do Rio de Janeiro; ao oriente é banhada pelo oceano.

Não encontramos documentos verídicos sobre a precisa época da sua colonização: Consta porém que começara com a fundação da Vila do Espírito Santo. que lhe deu o nome, e foi dela a Capital enquanto a da Vitória não lhe tomou a preeminência.

Se houvermos de acreditar o autor da Descrição Geográfica da América Portuguesa, Coutinho levou somente sessenta pessoas para povoá-la, entrando neste número um D. Jorge de Menezes, um D. Simão de Castelo Branco, fidalgos que iam cumprir seu degredo. Com esta gente bateu, e afugentou os indígenas, e edificou a primeira capital, construiu um forte, e fez engenho. Ansioso porém de lhe dar um rápido florescimento, voltou ao Reino em busca do que lhe parecia necessário para conseguir o fim desejado; deixando em seu lugar D. Jorge de Menezes, que morreu combatendo com os índios: Sucedeu-lhe o Castelo Branco no governo, e na sorte; porque confederando-se os Goitacás com os Tupiniquins, fizeram uma invasão tão assoladora, que reduziram a colônia ao seu antigo estado, destruindo as lavouras, queimando os edifícios, sem dar quartel a pessoa alguma; de sorte que um resto para escapar da sua tirania, retirou-se para as margens do Rio Cricaré.

Chegando Coutinho do reino com as prevenções que pôde conseguir, e achando a capitania deserta, pediu socorro ao Governador do Estado Mem de Sá, que prontamente lho mandou ao comando de seu filho Fernando de Sá, o qual unindo-se aos refugiados no Rio Cricaré deu um assalto sobre os bárbaros com grande vantagem; porém antes de embarcar foram sobressaltados por um corpo de selvagens, que não lhes deram tempo a salvarem-se todos para as embarcações, sendo o Comandante Fernando de Sá um dos que ali pereceram.

Sessenta e oito homens europeus, resto de tanta gente, que no decurso de trinta e tantos anos tinha ido ali estabelecer-se, acometeram os indígenas com uma braveza de desesperados, e ganharam uma vitória completa. Este acontecimento, e a cristianização com que os jesuítas desarmaram boa parte dos índios, que reforçaram o pequeno número de brancos, habilitaram o donatário para restituir a capitania ao estado, em que a deixara.

O P. Afonso Brás, que deu princípio ao colégio da Vila Vitória, em quinhentos e cinqüenta e um, foi o primeiro missionário, que aqui apareceu.

Os índios não supriam a falta dos europeus, a quem a notícia das desgraças passadas alongava do país. Reveses da fortuna reduziram Coutinho ao estado de não tirar interesse algum da capitania, a qual um de seus descendentes, igualmente infeliz, vendeu por quarenta mil cruzados a Francisco Gil de Araújo, o qual foi estabelecer-se no país cheio de projetos, que lhe saíram errados. Um dos seus herdeiros, não vendo melhor êxito às suas diligências, e esforços, vendeu-a à Coroa no reinado do Senhor D. João o Quinto, pelo mesmo preço

que custara: sem que jamais nenhum destes vendedores se arrependesse do contrato; cuja causa primária é ainda a do atrasamento, em que se acha: consiste ela na falta de numerosos colonos, que se íaçam respeitáveis aos bárbaros, cuja redução, apesar do seu pequeno número, é difícil em razão das muitas serras, e grandes matas, que cobrem este abençoado país, ao qual a fertilidade do território, susceptível de numerosos ramos da agricultura, a salubridade do clima, a proximidade da Metrópole, os seus bons portos agouram florescimento grande no futuro.

MONTES — Os mais notáveis na vizinhança, e proximidade do mar são a Serra Guarapari sobre o rio deste nome; a de Pero-cão ao norte daquela; Monte-Moreno junto à entrada da Baía do Espírito Santo; o monte de Mestre Álvaro, que é uma montanha quase circular, vistosa, e a mais alta da costa, perto de três léguas afastada da praia, em partes escalvada, e de rochedos, noutras povoada de matas com grandes pedaços cultivados, cujos agricultores são geralmente paroquianos da Freguezia de N. Senhora da Conceição da Serra, por estar dentro do recinto da sua circunferência. É onde se criam as árvores do melhor bálsamo, que sai da província: Fica entre os Rios Caraípe, e o dos Reis-Magos: e teve um vulcão na antigüidade.

Cinco milhas ao sul do Rio Pluma está o Monte Agá, donde emanam excelentes águas; e é baliza dos navegantes.

MINERALOGIA — Ouro, magneto, cristais, ametistas, tabatinga e outros barros: as montanhas são em grande parte rochedos de granito.

ZOOLOGIA — O gentio Puri, que domina a parte ocidental, e central da província, desce ainda ao beiramar, e nunca sem prejuízo dos cristãos, que só ocupam a proximidade da praia. São de corpo apouquentado; mas valorosos, velhacos, e pérfidos. Algumas hordas estão já aldeadas, e de paz com os conquistadores na vizinhança do Rio Paraíba; porém o maior número vive errante. Diz-se que se acham assaz diminutos, a respeito do que eram: Tão fatais lhes hão sido os encontros com os *Aimborés*. Não sabemos que exerçam ramo algum de agricultura: como o terreno, posto que fecundo, não pode produzir-lhes gratuitamente a suficiente mantença, vivem em contínua guerra com todo o gênero de irracionais, de que fazem seu principal sustento. São inimigos formidáveis dos Coroados: usam de arco, e flecha arpoada: estimam muito qualquer instrumento de ferro; e sobre todos o machado. As peles dos animais nem lhes servem de vestuário, nem de colchão, nem de cobertor.[1]

Entre outros quadrúpedes selváticos são bem conhecidos os veados, os porcos, os macacos, as onças, as antas apesar da contínua guerra, que lhes fazem duma parte as espingardas, da outra os arcos. Encontra-se uma casta de sauim cinzento com a fisionomia branca: as colhereiras, os mutuns, jacutingas, papagaios, araras, anhumas, tucanos, macucos, e outras aves formosas encontram-se freqüentemente, em saindo das terras cultivadas. Os animais domésticos não são ainda assaz multiplicados; porque também o terreno ocupado pelos criadores não passa duma tira ao longo do mar, como se disse.

FITOLOGIA — Nas matas que cobrem a maior parte da face do território, há grande diversidade de árvores de boa madeira para construção, e variedade de misteres: o pau-brasil, o sassafraz, o cedro, são bem conhecidos: entre outras árvores resinosas, ou gomosas notam-se as que suam a almécega ou goma elemi, as da copai, os cajueiros: as que criam o óleo Copaíba, são comuns: em nenhuma outra província são tão multiplicadas as que dão o bálsamo peruviano. Nota-se o cipó cravo, cujas folhas exalam um aroma idêntico com o da especiaria do seu nome. O piquiá dá um fruto do tamanho de laranja cheio duma calda gostosa

1 Como vivem incomunicáveis com os conquistadores, ignoram-se as moléstias, a que sao mais sujeitos; e o método de seus curativos.

com grande número de pevides soltas: o goiti é um fruto da grandeza de limão, oblongo, de pouca polpa, amarela, saborosa, e cheia de fibras pegadas a um grande caroço: há duas castas idênticas no gosto, e designadas com os nomes de mirim, que é liso, e coróia sarabulhento: a pitomba é melhor que a mangaba, oblonga, com casca lisa, polpa saborosa, e caroço. Entre as diversas espécies de árvores frutíferas que os conquistadores naturalizaram, as mais úteis são as laranjeiras, e os coqueiros: entre outras muitas ainda entregues unicamente ao cuidado da natureza notam-se as jabuticabeiras, as ubaieiras, cujo fruto é semelhante ao daquelas, e de excelente sabor, também criado no tronco, e ainda, nas raízes descobertas: a arassanhuna também é fruto semelhante à jabuticaba, pouco saborosa, e cria-se nas pontas dos ramos. As videiras frutificam com perfeição.

O terreno é com especialidade apropriado para a cultura das canas-de-açúcar, de que há muitos engenhos; legumes, café, cacau: bananeiras, melancias, mandioca da qual não se recolhe a farinha necessária para o consumo da população, havendo-se-lhe preferido a cultura dos algodoeiros, dos quais se fazem grandes plantações; e cujo produto faz o principal ramo de comércio, e riqueza do país, exportando-se grande quantidade tanto em lã, como em tecidos. Fabrica-se já com ele uma sorte de lona estreita chamada *traçado?* à qual dão preferência sobre a do cânhamo para velame de embarcações costeiras. As colheitas do arroz, e milho são abundantes.[3]

Rio e Portos — O Rio Camapuã, vulgarmente Cabapuana, ao qual os indígenas denominavam *Reritigbá,* nasce na Serra do Pico não muito longe da origem do Muriaé: corre por entre montes, engrossando com vários outros, que se lhe unem, e entra no oceano coisa de cinco léguas ao norte do Paraíba. É navegável por grandes canoas largo espaço até certa paragem, onde sua corrente começa a ser mais violenta, e seu álveo menos desembaraçado.

Três léguas com pouca diferença ao norte do Cabapuana sai o Itapemirim, que vem de longe; e quando atravessa a cordilheira já é considerável: dizem que um dos ramos, que o formam, tem princípio nas minas do Castelo, que foram abandonadas por causa das invasões dos puris, e aimborés. Sumacas sobem por ele algumas milhas, e as canoas grande espaço.

O Rio Piuma, que dizem ter princípio num terreno aurífero ao poente da cordilheira, desemboca perto de quatro léguas ao norte de Itapemirim, e dá navegação a canoas por considerável espaço.

Seis léguas ao norte de Piuma sai o Rio de Benevente, que só é aparatoso enquanto a maré sobe por ele: suspeita-se que sai da cordilheira.

O Rio Guarapari é estreito e profundo na proximidade do mar, onde atravessa a cordilheira: dela para trás é incógnito com o terreno onde cavou seu leito; sai coisa de dez milhas ao norte de Benevente.

O Rio Jecú desemboca no oceano, como aqueloutros, três léguas ao norte de Guarapari, e uma ao sul da entrada para a Baía do Espírito Santo. Os jesuítas, que possuiam as terras adjacentes, comunicaram este rio com a baía da Capital por uma vala extensa, e navegável, afim de não exporem as suas produções ao capricho do mar, rodeando Monte Moreno para entrar no porto. Conserva-se com a mesma vantagem para os atuais agricultores do terreno.

A Baía do Espírito Santo é espaçosa com surgidouros seguros, e abrigados. Entre as várias torrentes que nela vêm perder-se, só é considerável o Rio de Santa Maria, navegável por espaço de doze léguas até à primeira cachoeira. A maré sobe três para quatro até à foz do Rio da Serra, que se lhe une pelo lado esquerdo: Pelo mesmo lado se lhe junta outro, que dá navegação para o centro dum terreno, que indica ser fecundo. Pela margem meridional recebe o Ribeiro

2Este ramo de indústria deve ser melhorado; e carece de inspetores patrióticos.

3A maior parte do azeite, que se gasta com as luzes, é de mamona.

Crubixá, nas pedras de cujo álveo se cria um gênero ou sorte de coral azevichado, e quebradiço com que as índias se ornam. Nas adjacências deste rio, que não é piscoso, cultiva-se mandioca, arroz, bananeiras, e canas, cujo açúcar é o melhor da província. Duas léguas ao norte da barra setentrional do Espírito Santo sai o pequeno Rio Caraípe, que só é corrente enquanto as chuvas fazem transbordar a Lagoa Jacunen, piscosa com uma légua de comprimento, e pouco afastada do mar.

Pouco ao norte do Monte de Mestre Álvaro sai o Rio dos Reis-Magos, originalmente *Apiapuíang,* com um pequeno porto na embocadura, o qual será mui freqüentado para o futuro.

O Rio Mandu vem do interior do país procurando o nor-nordeste por entre matos, e deságua no Rio Doce meia légua abaixo das Escadinhas, e é navegável por canoas.

Vila da Vitória.
Vila Velha.
...Benevente.
Vllas Almeida.
Guarapari.
Itapemirim.

A Capital é a Vila de Nossa Senhora da Vitória, grande, abastada, bem provida de águas, com bons edifícios, ruas calçadas, ornada com uma igreja matriz, que será magnífica depois de completa; Casa de Misericórdia, um Convento de Franciscanos, outro de Carmelitas calçados, duas Ordens Terceiras relativas àquelas corporações; uma Capela de Sta. Luzia, três de N. Senhora com as Invocações da Boa Morte, Conceição, e Rosário. O colégio ex-jesuítico é magnífico, e serve de palácio aos governadores. É onde o Ouvidor da comarca faz sua residência ordinária: e tem professor régio de Latim, e uma Junta da Real Fazenda.

Está situada em anfiteatro no lado ocidental duma ilha de quatro para cinco léguas de circuito, sobre a espaçosa Baía do Espírito Santo, onde entram fragatas; e cuja entrada é defendida por cinco fortins. A ilha é alta, e cultivada em grande parte; e o lado oriental fica em linha reta com a costa do continente.

Na entrada da barra, junto ao mencionado Monte Moreno, está outro, também baliza dos navegantes, com forma do pão de açúcar, em cuja sumidade há um Convento de Franciscanos, dedicado a N. Senhora da Penha, da qual toma o nome, e freqüentemente danificado pelos ventos. Uma vasta extensão do oceano, montanhas de todas as grandezas, penhascos com diferentes aspectos, vales de maior ou menor largura, e profundidade proporcionada à altura dos montes laterais é o quadro, que se apresenta aos habitadores deste santuário.

Na falda deste monte sobre a entrada da baía está a Vila Velha, originalmente Vila do Espírito Santo, por algum tempo Capital da capitania, a qual posto que jamais fosse considerável, é hoje pouca coisa: Nossa Senhora do Rosário é a padroeira da matriz, cujos paroquianos freqüentam a pescaria, com que a fazem abastada.[4]

Benevente é ainda vila pequena, mas que pode ser considerável em razão da sua vantajosa situação na foz do rio, que dela toma o nome, e lhe forma um cômodo surgidouro, e fertilidade do território.

Grande parte de seus moradores são índios, para cujos avós teve princípio. Os jesuítas, seus Ifundadores, tinham aqui um hospício, que hoje está repartido em três porções: uma é a residência do Vigário, outra serve de Casa da

4 O mar desta costa é piscoso; o que faz ser abundante, e barato o pescado em toda a parte.

Câmara, outra de aposentadoria do Ouvidor, quando anda em correição; e cuja igreja é a matriz dedicada a N. Senhora da Assunção. Nas adjacências do rio cultiva-se algodão, canas-de-açúcar, arroz, milho, e outros mantimentos: as canoas, que os conduzem ao porto, sobem com a maré grande espaço.

Guarapari é uma vilota situada num teso junto à embocadura do rio, que lhe deu o nome, sobre uma pequena baía, ornada com uma igreja matriz, que tem por padroeira N. Senhora da Conceição. Seus habitantes, em grande parte índios, cultivam algodão, e diversidade de comestíveis. É onde se recolhe a maior porção do bálsamo, que toma o nome da província, e que é o que aliás chamam peruviano.

Almeida, situada num terreno levantado junto à embocadura do Rio dos Reis-Magos, descobrindo grande extensão do oceano, é fundação dos jesuítas, que tinham aqui um hospício, onde vinham do colégio da capital aprender a língua tupiniquim.

Este edifício é de largo tempo a residência dos vigários, e a sua magnífica capela, dedicada aos Reis Magos, tem servido sempre de matriz. Tem um grande terreiro com forma de praça. Em nenhuma paróquia do bispado há tão crescido número de aborígines. Com eles vivem alguns brancos, e mestiços. Todos são pescadores, e lavradores de vários comestíveis. Exportam-se daqui olarias, e madeiras.

Légua e meia ao norte de Almeida fica a Aldeia Velha, povoação de fndios cristãos com um cômodo surgidouro para sumacas na boca dum rio pequeno: E mais adiante outra aldeia de índios goitacás também cristãos: Todos cultivam mantimentos, freqüentam a pescaria; e muitos exercem a olaria. As laranjeiras são multiplicadas, e seus frutos excelentes. Exporta-se daqui grande quantidade de gamelas.

Itapemirim, situada na margem meridional, e meia légua acima da foz do rio, que lhe dá o nome, criada por alvará de vinte e sete de junho de oitocentos e quinze, tem uma igreja paroquial da Invocação de Nossa Senhora do Amparo. Augura-se-lhe crescimento considerável. Seus habitantes bebem do rio; fazem plantações de canas-de-açúcar, e de algodoeiros; recolhem milho, e arroz com outros mantimentos, e tiram madeira: Tais são os objetos da exportação.

Na margem do Rio Piuma há uma aldeia com o mesmo nome, cujos habitadores cultivam os víveres do país, e tiram madeiras dos bosques vizinhos. A experiência mostra que se podem aqui fazer embarcações menores.

Na margem do Rio Doce, meia légua abaixo da foz do Mandu, há um presídio com o nome de Sousa para impedir o extravio do ouro de Minas Gerais, e deve ser com o tempo povoação considerável: o território é de prodigiosa fertilidade: uma quarta de feijão de semeadura produziu oitenta alqueires: e mais abaixo em uma ilha do mesmo rio igual semente rendeu cem alqueires; que são 320, e 400 por um. Uma quarta de milho comumente rende cem alqueires. Cresce aqui um arbusto, cujas folhas machucadas, e deitadas de infusão tingem de roxo fixo.

Junto do Rio Jecu, em grande distância acima da sua embocadura, num terreno fértil está começando a florescer o arraial do mesmo nome, povoado de brancos agricultores. O seu distrito é abundante de caça.

Na latitude de vinte graus, e obra de cento e oitenta léguas longe da costa desta província está a pequena e escabrosa Ilha da Ascenção, por outro nome da Trindade. Tem boa água, mau surgidouro, e pouco terreno capaz de ser cultivado; por isso deshabitada.

Esta província, que ocupa o terreno da capitania do mesmo nome com uma porção da dos Ilhéus, e outra da do Espírito Santo, tem ao norte a da Bahia, da qual é separada pelo Rio de Belmonte; ao poente a de Minas Gerais; ao sul a do Espírito Santo; ao oriente o mar Oceano. Jaz entre os quinze graus e cinqüenta e quatro min. e os dezenove e trinta e um de latitude austral. Sessenta te cinco léguas de norte-sul é o seu comprimento; a largura não está ,ainda determinada.

É sem contradição o país do Novo Mundo, onde primeiro se estabeleceram portugueses. Já mostramos que Pedro Álvares Cabral deixara aqui dois homens em mil e quinhentos; e Cristóvão Jaques um grande número de outros com dois missionários ifranciscanos em mil quinhentos e quatro.[1]

A boa qualidade do pau-brasil que os primeiros exploradores acharam com abundância, fez que este objeto fosse logo posto por contrato: e a boa inteligência, em que a colônia estava com os indígenas, fez que ela fosse anualmente visitada. Quando el-Rei D. João o Terceiro repartiu a região em capitanias, já a colônia de Porto Seguro florescia; e já nela refrescavam naus da índia, segundo dizem. Os três índios, que Jorge Lopes Bixorda presenteou a el-Rei D. Emanuel em mil quinhentos e treze, eram tupiniquins aliados, e amigos dos colonos, e o intérprete, que os acompanhava, um dos dois degradados, que Pedro Álvares ali deixara.[2]

O nome de Porto Seguro dado à enseada, onde surgira a armada desco^ bridora, passou logo a ser particular ao surgidouro do Rio Buranhen com o estabelecimento da colônia, que Cristóvão Jaques plantara sobre a sua margem, (no lugar onde hoje é o principal bairro ou parte alta da Capital), e que começou pouco depois a ser também feitoria para o trato do pau-brasil.

Pedro do Campo Tourinho, seu primeiro donatário, depois de ter vendido quanto possuía para transportar-se com sua mulher Inez Fernandes Pinta, um filho por nome Fernão do Campo Tourinho, e várias famílias, que acareou, foi surgir no porto da feitoria. Nenhum dos outros donatários teve tão próspero desembarque. A sua colônia mais pareceu um aumento à de Cristóvão Jaques, ou à feitoria, onde achou muitos portugueses, e alguns deles com mais de trinta anos no país com vários mamelucos em boa paz, e harmonia com os indígenas. Dentro de poucos anos se viu ali uma vila considerável, e florescente.[8]

1 "Para a conquista das almas, achamos, mandara logo depois daquele descobrimento por Pedro Alvares Cabral, e em companhia dos segundos lndagadores destas costas do Brasil, a dois religiosos menores da S, Província de Portugal observante. Seus nomes, que só estarão escrltoâ no Livro da Vida, deixou no do esquecimento e descuido dos nossos, nesta parte sempre fatal: só nos dão alguma noticia de que no ano de mil quinhentos e três passaram do reino para o Brasil estes semeadores do Santo Evangelho... No lugar de Porto Seguro, em que três anos antes haviam aportado o P. Frei Henrique, e os mais de quem já falamos, primeiros descobridores da nova, e espiritual conquista, tomaram terra estes segundos." Crônica de Sto. Antônio do Brasil Liv. antep. O. 3 e 6.

N.B. Pelo que a experiência nos mostrou num Jo&o Ramalho em Sao Paulo, num Dlogo Alves Correia na Bahia, e num Pedro de tal ao Maranhão, se pode conjecturar na repugnância, que a Colônia a principio geralmente masculina, teria em aliar-se com as Indígenas; e por estas alianças adivinhar o aumento da população logo nos primeiros tempos.

2"No ano de mil quinhentos e treze, estando el-Bel dom Emanuel em Santos o Velho, tendo despachado em uma casa de madeira, que ali então estava, na ponta do cais, posta sobela água, George Lopes Bixorda que naquele tempo tinha o trato do pau-brasil, que trazem desta Terra de Santa Cruz. velo falar a el-Rel, e com ele três homens desta província, assaz bem dispostos, que então vieram em uma nau que de lá viera: os quais vinham vestidos de penas, com os beiços, narizes e orelhas cheios de grossos pendentes... Cada um deles trazia seu arco, e flechas. Vinha com eles um homem português, que sabia a língua, por quem lhes el-Rei fez perguntar algumas coisas." Damião de Góis Crôn. P. I. Cap. **LVI.**

3A carta de doaç&o a P. do C. Tourinho foi passada a vinte e sete de maio de quinhentos e trinta e quatro sem declaração dos limites, dizendo somente que: "As suas cinqüenta léguas come-

A Vila de Santo Antônio, cujos vestígios apenas se divisam hoje perto do morro coroado com a Ermida de N. Senhora da Ajuda, obra de três milhas ao sul de Porto Seguro, demolida pelos ferozes abatirás em quinhentos e sessenta e quatro: e a de Santa Cruz, que teve princípio na Baía Cabrália, mudada pelos seus mesmos moradores para junto do Rio de João de Tiba, foram fundações do primeiro donatário, cuja vida não foi dilatada no país. Sucedeu-lhe o mencionado filho, em tudo avesso ao pai: Também pouco tempo se gozou da capitania; falecendo antes de tomar estado.

A Fernão de C. Tourinho sucedeu sua irmã Leonor do C. Tourinho, viúva de Gregório de Pesqueira, à qual el-Rei confirmou a capitania por carta de trinta de maio de quinhentos e cinqüenta e seis. Dois meses depois a vendeu a nova donatária, por beneplácito do mesmo soberano, ao Duque de Aveiro D. João de Lancastre, ao qual el-Rei no mesmo alvará deu permissão para por sua morte a nomear em seu filho D. Pedro Diniz de Lancastre, de cujos sucessores passou à Coroa no reinado de Senhor D. José I. em muito mau estado, só com duas vilas, Cem mil réis de juro, a razão de doze mil e quinhentos réis o milheiro, seiscentos mil réis em dinheiro, e dois moios de trigo cada ano enquanto ela vendedora vivesse, foi o preço na escritura de venda.[4]

çar&o na parte onde acabarem as cinqüenta de Jorge Figueiredo Correia, e correção para a banda do sui quanto couber nas ditas cinqüenta léguas de terra."

Donde se manifesta que nem àquela foram nomeados os limites meridionais, nem os setentrionais à de Vasco Fernandes Coutinho.

Porém nada é tão fácil como o sabê-los com uma boa carta da costa diante dos olhos, depois de sabermos que a do Figueiredo começava no Morro do Sao Paulo em 13° 30'.

"Ele (P. do C. T.) foi quem fundou as vilas de Santa Cruz. de Santo Amaro, e outras aldeias, que domou, e ajuntou: crescendo multo o seu estabelecimento na vida deste primeiro povoado. Faleceu; sucedeu-lhe seu filho, que logo a principio começou a desbaratá-la." O Ms. Descr. Georg. da Amér. Portag.

"Despovoou-se esta Vila de Santa Cruz, e foram seus habltadores para o Rio de Slmao de Tiba, por ser terreno mais sadio, e melhor para cultura." Idem.

4 "E outrossim hei por bem, e me praz, que comprando o dito duque a dita capitania, ele a possa deixar por seu falecimento a D. Pedro Diniz, seu filho segundo, o qual a herdará, e sucederá da maneira, que a dita Leonor do C. T. a tem pela doaçfto, que feita a P. do C. seu pai, e a Fernão do C. seu lrmáo, de quem ela a houve. Hlstór. Genealóg. Tom. XI. Prov. Tom. VI.

A Vila de Insuacome aliás Juasema, situada na margem da ribeira, que lhe deu o nome, em distância de sete léguas ao sul da de Santo Amaro, arruinada na mesma ocasião: a de Santo André no sitio deste nome (ao norte de Santa Cruz) desmantelada pelo mesmo gentlo, se é que os *guerens* nao foram os seus assoladores algum tempo depois, segundo parece, foram fundações do duque. Este lhe mandou capitão que a governasse, e gente que a restabelecesse com multas mercadorias para aumento do negócio: Fez-lhe vários engenhos; e foi causa de que outros fizessem mais: o que tudo concorria paTa o seu florescimento." O mesmo Ms.

"Depois que os aimorés baixaram a esta capitania, a foram destruindo de forma que hoje (em 1587) apenas tem um engenho e mui poucos moradores." Idem.

"A Ponta Corumbabo está na boca do Rio Insuacome, sobre eu] a margem houve uma vila, que se despovoou em mil quinhentos e sessenta e quatro pela opress&o que a seus habitantes faziam os gentios aimorés." Idem.

Preferimos a tradição constante do povo à autoridade do citado Ms. Pode ser que os abatirás fossem alguma horda de aimorés, ou talvez o nome com que os tupiniquins os designavam em geral: o certo é que esta gente é desconhecida de largos tempos.

Se houvermos de acreditar os primeiros lndagadores. os aimorés sao uma, tribo de tapuias setentrionais, que na antigüidade, por causa de guerras, procurando o sul, se situaram ao poente da serra, que ao depois lhes tomou o nome. As outras nações convlzlnhas, ao menos algumas chamam-lhe *aimboré,* e os conquistadores por corrupção *aimorés;* mas de muitos tempos para cá quase não tem outro nome entre os cristãos senão o de botocudos, pelo extravagante, e ridículo costume de Curarem as orelhas, e os beiços, e dilatarem-nos notavelmente com rodelas de pau, parecendo-lhes que ficam assim mais gentis e alrosos. "Andam sempre de corso em busca de caça, e das frutas silvestres, seu alimento ordinário, repartidos em malocas de quarenta e sessenta famílias. Algumas tingem o corpo ora de vermelho ora de amarela, parecendo carregados de lctlricla: e para se livrarem das ferretoadas dos mosquitos nas estações, ou lugares em que eles mais os Incomodam, invernlzam a pele com o leite de certas árvores. Suas armas consistem no arco e flecha arpoada por ambos os lados. Não se sabe que tenham alojamentos permanentes; nem que pratiquem ramo algum da agricultura. Não possuem outras embarcações mais que umas toscas almadlas ou Jangadas de troncos amarrados com multo pouca Indústria em que passam os rios largos. Seus combates são como os dos outros indígenas de emboscada; e comumente de assalto, fora de horas, e só quando ajuizam que não podem ser pressentidos. Algumas tribos, quando determinam Ir bater o seu inimigo, deixam as mulheres, os meninos e os velhos em lugar seguro no centro do distrito." A sua barbaridade ferina os fez sempre parecer mais numerosos do que a experiência acaba de mostrar. Os presídios, e destacamentos novamente estabelecidos na rala oriental da Província de M. G. e os do centro destoutra os hão obrigado a pedir pag, que tantas vezes se lhes havia oferecido poT diversos modos, e eles sempre rejeitaram, fiados noB bosques sem fim, onde não havia uma colônia de cristãos.

Os jesuítas, que fundaram uma casa na Capital em quinhentos e cinqüenta e três com o intuito de melhor reduzir os indígenas ao cristianismo, somente deixaram duas aldeias ou freguesias de índios estremes, e de que eles eram os curas. Na verdade bem pequena tarefa para tão numerosos, e hábeis operários no decurso de duzentos e cinco anos! Porque, dentre os mais hábeis, e que poderiam vir a ser párocos nestas missões, iam alguns ser nelas catequistas, antes de estudar Teologia no Colégio da Bahia, e comumente ainda menoristas; afim de melhor apreender o idioma dos índios, que eram dispensados de saber o português, por quanto só tratavam com os curas, que sabiam perfeitamente o do país.

De todas as províncias é esta a que se acha mais atrasada; sendo ela quase toda um bosque de formoso arvoredo, que mostra a fecundidade do terreno. A falta de bons portos com capacidade para recolher os maiores navios é a principal causa do seu atrasamento.

Os cristãos só possuem as adjacências do mar, e cujas praias, há poucos dias, desciam ainda os selvagens em certos meses do ano em busca dos ovos das tartaruga. Destes selvagens conhecem-se os canarins, que são os mais vizinhos de Caravelas, e Vila Viçosa: diz-se que têm um alojamento, ou aldeia duma só, e vasta casa no centro do país, num vale entre dois montes: os machacaris, senhores do terreno regado pelo rio do Norte, e do Sul. Na parte ocidental são conhecidos os cumanachós, os monos, os frechas, os catatoís, os aimorés, e os patachós. Os derradeiros são mais numerosos que todas as outras nações juntas; e estendem-se repartidos em tribos duma até a outra extremidade da província. Os aimorés são antropófagos, e temidos de todas as outras nações, menos dos patachós.

Desde Rio Doce, seu limite meridional, até uma légua ao norte de Jacururu, as terras são tão rasas que apenas excedem o nível dos grandes preamares. Em toda esta distância ou extensão de mais de trinta léguas não se avista um monte, ou colina. Desta paragem até bem perto do Buranhen as praias são a prumo vermelhas, ou brandas com duas ou três braças de altura: no resto até o Rio de Belmonte ora são rasas, ora talhadas a pique como aqueloutras: E por toda a parte os bosques começam na praia, e formosos.

MONTES — São desconhecidos os centrais com os da parte ocidental: Na oriental só se vêem na setentrional, onde se levanta a Serra dos Aimorés, cuja porção mais alta é o monte de S. João de Leão, e mais fora o Monte Pascoal, que se avista de muitas léguas ao mar, sendo a principal conhecença destas paragens.

MINERALOGIA — Ouro, minas de ferro, rochedos de granito, pedra calcárea, tabatinga branca com outras argilas. Em algumas torrentes hão-se achado ametistas, topázios com outras pedras preciosas.

ZOOLOGIA — Os animais domésticos são em mui pouca quantidade por toda a parte, se excetuarmos os contornos da capital. Nas matas há veados, porcos, tamanduás, macacos, antas com várias outras espécies da região geralmente assaz multiplicadas: as onças são mais numerosas, e daninhas no beira-mar desde abril até agosto: julga-se que o frio as faz desertar das terras ocidentais, e procurar a vizinhança do oceano, onde é mais abrigada. Os caçadores encontram com facilidade mutuns, jurus, macucos, jacus, jacutingas, aracuãs, nhambus, capueiras, papagaios, e diversidade de rolas: as arapongas, os bicudos, os sabiás são bem conhecidos: o pavô é pouco maior que o tucano, negro com o peito amarelo, e encarnado, bico pequeno: o crijoá é pouco maior que o melro, e lindíssimo de furta-cores. As abelhas melificam nos troncos das árvores para alimento de muita gente.

FITOLOGIA — Entre outras muitas árvores de boa madeira nomeia-se o vinhático, aderno, arariba, anhuiba, aricurana, anhaiba de rego, angelim, dito vermelho dito coco: biriba, buranhen, camaçari, caixeta, cedro, cerejeira, conduru: farinheira, grapiapunha, guanandirana, oiticica, jatai, jacarandá, dito cabiuna,

dito mulato, dito branco; jucirana, dito branco, dito vermelho, dito prego; jequitibá, inhuibatã, dito cravo: ipê, dito tabaco, dito preto, dito peroba; piqui, dito preto, dito amarelo aliás mirindiba; potumuju, pau de arco, pau de óleo, pau-brasil, oanandi: sapucaia, sobro, sucupiraçu, sucupira-arcari tatagiba, tim-buiba branca, e vermelha. Conhecem-se bem as jabuticabeiras, os araçazeiros, as pindaíbas, as palmeiras do ticum. Os coqueiros asiáticos não são bem multiplicados. Há uma árvore, cujas folhas quebradas exalam o aromático cheiro do cravo. As árvores, que produzem o pexurim, impropriamente chamadas aqui amoreiras, são raras, e seu fruto não tem a formosura do do Pará. O terreno é apropriado para a cultura da mandioca, riqueza principal do país; o nrlho, arroz, e legumes dão-se em alguns distritos: os algodoeiros prosperam melhor à vista do mar, ao menos em muitas paragens.

Rios, Lagos e Portos — O Rio Doce, cujas cabeceiras, como se disse, estão no centro de Minas Gerais, donde sai já caudaloso, e com o nome, que o designa, depois que começa a dividir a província da do Espírito Santo, no espaço duma légua faz três cachoeiras denominadas as Escadinhas, e que só impedem a navegação durante a seca. As canoas sobem puxadas a sirga, enquanto duram as cheias. Desta paragem até o oceano é largo, tortuoso, e aprazível com muitas ilhas rasas: sua corrente é apressada; suas águas turvas no verão por causa das minerações de M. Gerais. Deságuam por entre duas pontas de areia rasas, e de considerável extensão; e leva água doce grande distância pelo mar dentro, o que lhe fez perder o nome primitivo, oculto às nossas indagações.

O Rio de São Mateus, originalmente Cricaré, tem sua nascença muito dentro de Minas Gerais, como dissemos: quando entra em estoutra, corre por espaço de muitas milhas com grande violência, formando várias cachoeiras: Pouco abaixo desta correnteza (que se julga estar no meridiano das Escadinhas) recolhe pela esquerda o considerável Cotaché, que atravessa extensas matas povoadas de índios, e feras. Rega um dos mais férteis territórios do Estado, e deságua no oceano dez léguas ao norte do Rio Doce. Seu álveo é largo, muito tortuoso, e ameno com muito fundo menos na barra, que é perigosa ainda a embarcações menores. Pouco acima da embocadura recebe pelo lado do norte o Rio de SanfAna, que é navegável com a maré.

O Rio Mucuri, que é considerável, e mui aparatoso enquanto a maré sobe por ele, principia dentro de Minas Gerais e sai ao ocaano oito léguas ao norte do de São Mateus. Sua corrente é rápida.

Nas vizinhanças do mar atravessa um terreno fertilíssimo, coberto de formosas matas de excelente madeira povoadas de quadrúpedes selváticos; mais longe passa por terras auríferas, e ricas em pedraria. Este rio comunica com o Peruípe.

O Rio Peruípe, cuja boca fica cinco léguas ao norte da do Mucuri, e a nascença no centro da província, é aparentemente caudaloso com a maré que sobe muitas léguas.

Três léguas ao norte do precedente está a embocadura do chamado Rio de Caravelas, não sendo senão um braço, que o mar estende obra de três léguas contra o poente mui largo, profundo, e vistosamente bordado de mangues; mas a entrada só é acessível a embarcações menores. No meio do seu comprimento há um canal espaçoso, e de muito fundo para o Peruípe.

O Rio Itanhen vem de longe, dá navegação a canoas por considerável distância, e deságua perto de quatro léguas ao norte de Caravelas.

O Rio Jucuruçu, que deságua quatro léguas ao norte do Itanhen, toma o nome, que o designa, na confluência do rio do Sul com o do Norte, que se unem obra de seis léguas longe do mar, e dão navegação a canoas por espaço considerável para o interior do país: as sumacas sobem até onde o rio se divide.

Nove léguas ao norte de Jucurucu está a Ponta Corumbau, por corrupção Carumbabo; e obra de três milhas adiante a foz do Rio Crimimuã no fundo duma grande enseada; e pouco mais adiante a Ribeira Juassema, junto de cuja boca ainda se divisam vestígios da vila do mesmo nome.

Obra de duas léguas e meia ao norte do Cramimuã sai o Rio do Frade, que tomou este nome com o naufrágio dum religioso franciscano. Ambos corítm por entre bosques; em ambos entram só canoas.

O Rio Buranhen de largos tempos a esta parte só designado com o nome de Rio da Cachoeira por causa duma, que forma no centro da província, sai cinco léguas ao norte do do Frade. A sua origem é ainda incógnita, não por vir de maior longitude, pois não é caudaloso. A porção conhecida é do sudoeste contra o nordeste com muitas voltas: cria piaus, traíras, robalos, acaris, pia-banhas, piabas, jundiás, pitus, e camarões que além de grandes são multipli-cadíssimos.

Segue-se em distância de cinco léguas o Rio de Santa Cruz menor que o precedente, e navegado por canoas grande distância. Tomou este nome depois que para a sua margem se mudou o povo da Vila de Santa Cruz. Ignora-se qual fosse o primitivo substituído pelo de Rio de João de Tiba, que foi o primeiro colono da sua vizinhança: Cria os mesmos pescados daqueloutro.

O Rio de Santo Antônio, cuja boca fica poucas léguas ao norte do precedente, não vem de longe, e suas águas são escuras.

A Lagoa Juparanã, profunda, piscosa, e semeada de ilhotas com mais de quatro léguas de circuito, rodeada de formosos matos, que se levantam dum terreno desigual, e fértil, fica obra de vinte milhas longe do mar, e deságua para o Rio Doce por um canal estreito e profundo com légua e meia de comprimento. Nela desemboca o Rio da Cachoeira, que dizem ser navegável.

Entre a foz do Rio Doce, e a do de São Mateus está a Lagoa Tapada de extenso comprimento L. O., mui estreita e piscosa.

A Lagoa do Medo, que é pequena, fica na proximidade de origem do Rio de Santo Antônio e comunica com o de Belmonte.

A Lagoa do Braço, comprida e estreita, prolonga-se com a praia entre o Rio de Belmonte, e o Mugiquissaba, que é pequeno, e sai obra de cinco léguas ao sul daquele.

O Rio de Belmonte, assim chamado depois que na sua embocadura se fundou a vila do mesmo nome, forma-se na Comarca do Serro do Frio em Minas Gerais, como dissemos, com as águas do Jequitinhonha, e Arassuaí. Quando atravessa a Cordilheira dos Aimorés estreita-se por entre dois montes de desigual altura, (sendo o da banda do norte chamado Monte de São Bruno, o mais alto), e de repente precipita-se num pego, formando uma bica com mais de vinte braças de altura, cuja evaporação conserva ali uma eterna nuvem; e a zoada ouve-se às vezes em distância de quatro léguas. Continua por espaço de quatro léguas a leste por entre ladeiras até o sítio da Cachoeirinha, donde as terras laterais são rasas até o mar; e o rio corre ao nordeste descrevendo amiudadas voltas por entre vistosas margens de areia com grande largura, pouco fundo, e apressado. Os tubarões deste rio são de enorme grandeza, e os cações os mais mimosos entre os seus pescados. Tem muitas ilhas rasas, e nenhum tributário considerável depois do salto.

O Rio Piauí, que se une ao de Belmonte pouco abaixo do Salto-grande, é o mais abundante de águas entre todos os que aquele recolhe depois que começa a servir de limite à província.[5]

5 8e é verdadeiro o testemunho dum sertanlsta, com quem conversei, o Piuaí principia perto da Lagoa Dolrada, e recolhe as suas águas transbordantes na estação das chuvas.

A Enseada Cabrália (onde fundeou a armada de Pedro Alvares Cabral) quatro léguas ao norte de Porto Seguro, e uma ao sul de Santa Cruz, é o único porto da província, onde podem surgir navios grandes.

A Concha no sítio de Mugiquissaba pode ser surgidouro de navios do maior porte. •

Porto Seguro. Vila Verde.
Belmonte. Trancoso.
Prado. VilasAlcobaça.
Caravelà | √ila
Viçosa. | to
Alegre. { São
Mateus. |

Porto Seguro, vila considerável, e capital da província situada na boca do Rio da Cachoeira ou Buranhen da banda do norte sobre um teso com uma bela vista, lavada de ares salutíferos, provida de boas águas, ornada com a igreja matriz da Invocação de N. Senhora da Penha, casa de misericórdia, e um hospício ex-jesuítico hoje residência dos ouvidores. As casas são de tijolo ou madeira, e as ruas descalçadas. A maior parte de seus habitantes freqüentam a pescaria das garoupas, que faz um bom ramo de comércio. Tem cadeira regia de Latim. O terreno de seus arredores é apropriado para diversas produções, de nenhuma das quais se recolhe super abundância, se excetuarmos as frutas."

As pequenas povoações da Pontinha, Marcos, e Pacata, todas sobre a margem setentrional do rio, apenas separadas com pequenos intervalos, são outros tantos bairros desta vila.

Vila Verde, a princípio Patatiba, ainda pequena, mas bem situada em quadro à roda dum rocio, onde está a matriz dedicada ao Espírito Santo, e a casa da câmara, fica cinco léguas acima da capital, sobre a margem meridional do mesmo rio, perto dum grande lago. É abastada de frutas, e abundante de águas de fontes. O território é de grande fertilidade; mas entregue à indolência de índios, entre os quais apenas se vê algum branco. Exportam alguma madeira com um pouco de algodão.

Os ipês, as ibicuibeiras, as sapucaias, e os piquiás são aqui assaz multiplicados: o fruto dos primeiros, chamado araticum verdadeiro, é excelente: os derradeiros pela sua grande altura só frutificam para papagaios, e macacos: é pena ver derrubar uma árvore magnífica, como esta é, só para se utilizar de algumas dúzias de frutos!

Cinco léguas ao norte da capital junto à foz do Rio de Santa Cruz está a freguesia deste nome, noutro tempo considerável, e cuja decadência começou com as invasões dos guerens. A sua matriz é dedicada a Nossa Senhora da Conceição. Nos seus arredores são mui comuns as árvores, a cujo fruto dão o nome de marmelada. A vizinhança da enseada Cabrália, e as estradas, que vão abrir-se para diversos pontos de Minas Gerais hão-de fazer desta povoação, ou da capital uma considerável, e florescente cidade para o futuro.

8 Porto Seguro, segundo contam, Já foi maior, e na ocasião da mencionada catástrofe consideravelmente desmantelada pelos abatiràs: e sendo reedifleada padeceu multo com as invasões dos *guerens,* que talvez a fariam desaparecer, se o célebre *Tateno,* cacique do Rio de Santo Antônio, grande flagelo dos outTos selvagens,e amigo dos cristãos os nao socorresse, e despleasse, apesar de suas moléstias nao lhe permitirem fazer marchas se nao em uma rede aos ombros dos seus mais robustos camaradas.

Trancoso é vila pequena, e bem situada junto à boca duma ribeira. A matriz é dedicada a S. João Batista; e seus habitantes quase geralmente índios cultivadores de algodão, e mandioca; e também pescadores. Fica quatro léguas ao sul de Porto Seguro.

Prado, situada na foz do Rio Jucurucu, do qual anteriormente teve o nome, fica doze léguas ao sul de Trancoso. Exporta-se dela muita farinha, por ora única riqueza de seus habitadores. Duas estradas tiradas de Minas até os sítios, onde o Rio do Sul, e o do Norte começam a ser navegáveis, concorrerão grandemente para o florescimento desta vila, cuja matriz é dedicada à Purificação de Nossa Senhora.

Alcobaça é outra vila pequena situada junto à foz do Rio Itanhen, do qual teve a princípio o nome, num terreno fértil, ornada com uma igreja matriz dedicada a S. Bernardo. A povoação quase geralmente de índios, e a agricultura começam agora a crescer com os estabelecimentos de vários lavradores de Caravelas, que para esta se vão mudando, em razão de lhes ficarem as matas perto da vila.

Caravelas, vila considerável, e bem situada sobre a margem setentrional do rio deste nome, pouco mais de légua longe do mar, e quase defronte do canal, que o comunica com o Peruípe. Consta de três ruas paralelas com o rio que lhe forma um bom porto, (ainda para navios grandes, se a barra lhes fosse acessível), e o mais freqüentado da província. Tem uma igreja matriz dedicada a Sto. Antônio, e mestres régios de Primeiras Letras, e Latim.

Quase todos os seus vizinhos cultivam mandioca, a qual está até três anos na terra: Quase não se fazem senão duas plantações; porque na segunda já as formigas são sobremaneira multiplicadas. As terras cobrem-se de sapé logo que as matas caem. Criam boas melancias, abóboras, bananas, jacas, e laranjas. Há sítios, onde quase todas as árvores são jabuticabeiras. Exporta-se prodigiosa quantidade de farinha.

Várias famílias, que puderam escapar-se da catástrofe, que aniquilou as vilas convizinhas da capital, deram princípio a esta sobre a margem direita do mesmo rio, e perto da barra, donde pouco depois foi mudada para o sítio, que ocupa:[7] Trabalha-se na abertura duma estrada a encontrar-se com a de Porto Alegre para Minas Gerais.

Vila Viçosa, a princípio Campinho, bem situada na margem meridional, e obra de quatro milhas acima da boca do Rio Peruípe com uma igreja matriz, de que é padroeira N. Senhora da Conceição, é ainda pequena. Os seus moradores lavram muita farinha: as embarcações, que exportam a supérflua, navegam comumente pelo Rio de Caravelas, e canal mencionado, por causa do pouco fundo que o Peruípe tem na barra.

Porto Alegre, situada na foz do Rio Mucuri, do qual teve a princípio o nome, é vila pequena, e sem notabilidades; mas a extensa navegação do rio, e a fecundidade do território adjacente prometem-lhe crescimento. A sua matriz é dedicada a S. José, e seus habitantes lavram com outros víveres farinha, da qual se exporta boa quantidade com algum linho de ticum, e madeira. No seu termo há minerais de ferro. Desta vila sai uma estrada para Vila do Príncipe em Minas Gerais.

A Vila de São Mateus, situada sem regularidade em terreno pouco alto sobre a margem direita obra de três a quatro léguas acima da barra do rio do mesmo nome, não passa ainda de medíocre, mas abastada de peixe com boas águas: Muitas circunstâncias concorrem para que seja grande, e florescente, depois de apaziguados os indígenas. Os seus moradores ainda respiram ares inficionados

7 Contam os homens mais anosos que noutro tempo eram aqui raríssimas as trovoadas; **ainda** boje **nao sao freqüentes.**

por uns pântanos vizinhos, que lhes causam febres, de que nem todos escapam. Cultivam feijão, arroz, milho, algodão, canas-de-açúcar, café, e sobretudo mandioca, de cuja farinha se exporta grandíssima quantidade. Outros muitos ramos de agricultura podem ainda florescer no seu abençoado distrito, cuja fertilidade é talvez sem igual; e onde as formigas são poucas. As melancias são excelentes; as laranjas, e limões em abundância.

Belmonte. Esta vila, situada no ângulo da boca do rio, que lhe tomou o nome, e a danifica com suas maiores cheias, começou sendo uma aldeia de índios cristãos, e consta de três ruas tiradas à linha com casas geralmente chãs. Falta-lhe um bom porto para poder ser grande, e florescente. A igreja matriz, que a orna, é da Invocação de Nossa Senhora do Carmo, e o povo, que a habita, composto de todas compleições.

Na margem do Rio Doce junto ao desaguadouro da Lagoa Juparanã está a crescer a Aldeia de Linhares, a cujos habitadores, por serem já numerosos, se deu um vigário no ano de oitocentos e quinze; apesar de não terem ainda uma ermida, que por ora sirva de matriz.

Tanto para obstar às invasões dos bárbaros, como para dar princípio a novas povoações, foram ultimamente estabelecidos o Destacamento de Arcos junto à margem do Rio de Belmonte da banda de cima do Salto Grande, o de Aveiro sobre o de Sta. Cruz, o de Aguiar no termo de Vila Verde, o de Linhares, no Rio do Frade, o de Cunha no Cramimuã; o de Vimieiro, no Jacurucu, o de Óbidos no termo de Alcobaça, o de Caparica no Rio Peruípe, o de Araújo, sobre o Mucuri, o das Itaúnas no Guaxindiba, que desemboca uma légua ao norte do de São Mateus; o das Galveas acima da Vila de São Mateus na margem do rio deste nome.

Todas as paróquias desta província são da jurisdição do Bispo do Rio de Janeiro.

Na vizinhança da Vila de Trancoso está a Ponta Comuxativa ou Corrumuxativa, única nomeada nesta costa.

Defronte da barra do Rio de Caravelas obra de doze léguas ao mar estão as ilhas de Santa Bárbara por outro nome dos Abrolhos, que são quatro por todas, em pouca distância umas das outras: a maior, e mais oriental poderá ter meia légua de comprimento, e é a que tem alguns vegetais. São porções dum baixo, que se estende obra de sessenta léguas L. O. Em nenhuma há água. Diariamente ao anoitecer se vêm voar muitos pássaros marinhos para elas.

Sobre este parcel é que se pescam as garoupas, que fazem o primeiro ramo de exportação depois da farinha. È pescado que quase não excede a dois palmos de comprimento, mui grosso, de cor vermelha, sem escama com pouca espinha, carne mui alva e saborosa enquanto fresca.

PROVÍNCIA DA BAHIA

Esta província, que compreende quase todo o terreno da antiga capitania do seu nome com a dos Ilhéus, confina ao norte com a de Seregipe d'Bl-Rei, e com a de Pernambuco; e ao meio-dia com as de Porto Seguro, e Minas Gerais; ao poente tem a mencionada de Pernambuco, da qual é separada pelo Rio de São Francisco; e ao oriente o rijar Oceano. Estende-se do paralelo de dez graus de latitude austral até o de quinze e quarenta minutos; vindo a ter pouco menos de cento e quinze léguas de comprimento norte-sul com largura proporcionada.[1]

A tradição, e a história mencionam quatro notáveis sucessos anteriores à fundação da capital, por onde começou a colonização da província: o naufrágio de Diogo Alves Correia, outro duma nau castelhana, o desembarque do único donatário Francisco Pereira Coutinho, e o seu desgraçado fim.

Nenhum dos nossos escritores datou as épocas destes sucessos; e a discordância, que no respectivo se nota entre eles, faz duvidosa uma grande parte do que nos referem. O jesuíta Vasconcelos, segundo o que eu pude ver, foi o primeiro, que divulgou (mais de cento e cinqüenta anos depois) as aventuras de Diogo Alves Correia o *Caramuru* quase em forma de novela; e os posteriores consideraram-se autorizados para enfeitá-la; o que faz encontrar nesta história incoerências, e paradoxos.

O mencionado cronista, que viu (segundo ele diz) documentos circunstanciados (e que jamais produz) não sabe se a nau do naufragado Correia ia para a índia, se para a Capitania de São Vicente: pretendendo que esta estava "já então povoada por Martim Afonso de Sousa."!!!

Francisco da Cunha, que passou ao Brasil poucos anos depois de Tome de Sousa, e se demorou dezessete no país, principalmente na Metrópole, onde não podia deixar de conhecer o mencionado Diogo Alves Correia,[2] ou ao menos a sua família, nada mais nos conta deste homem, senão que acompanhara o donatário na sua retirada para os Ilhéus; que escapara de ser devorado pelos índios da Ilha Itaparica por saber-lhes o idioma; que com cinco genros, e algumas pessoas mais que com eles escaparam da catástrofe, vivia perto do lugar, onde residira o donatário Coutinho, quando Tome de Sousa ali chegou; e que servira a este de intérprete cada vez que era necessário falar aos indígenas.

O P. Jaboatão, querendo assinalar a cada sucesso destes homens o tempo do seu acontecimento, e não encontrando guia, recorre a conjecturas, que nada provam. Pensa que o naufrágio de Correia acontecera pelos anos de quinhentos e dezesseis até quinhentos e dezoito; que o da nau castelhana fora em quinhentos e trinta; que o donatário Coutinho passara à Bahia em quinhentos e trinta e sete, e morrera em quinhentos e quarenta e sete: acrescentando ter achado escrito (sem dizer onde) que os capelães de Martim Afonso de Sousa batisaram filhos, e casaram filhas do mesmo Diogo A. Correia em quinhentos e trinta e quatro, quando ele ia para a índia.

O que as nossas investigações puderam descobrir de certo, ou verossímil a estes respeitos, é que o naufrágio de Caramuru fora em mil quinhentos e dez: que a nau perdida não ia para a índia; porque as catorze que naquele ano saíram para lá, todas passaram felizmente o Cabo da Boa Esperança para o Canal de

1A largura, que poderá andar de setenta a oitenta léguas, será Incógnita enquanto nao for retificada a longitude da Vila do Urubu, ou doutro lugar da margem do Rio de Sao Francisco.
2D. A. Correia morreu em 1557.

Moçambique; e que também não navegava para a Capitania de São Vicente, por ser esta criada vinte cinco anos depois, como em mais duma parte havemos mostrado. Esta nau ou pertencia ao Contrato do pau-brasil, ou andava por conta, e ordem da Coroa observando se havia novidade na costa.

Se alguns filhos de Diogo Alves Correia receberam o batismo, e algumas filhas contraíram matrimônio antes da chegada do donatário, deve a administração destes Sacramentos ser atribuída aos capelães da Armada com que Martim Afonso ali entrou em mil quinhentos e trinta e um, e não aos da em que três anos depois passou à Índia; porque nenhum dos escritores, que falaram desta Armada, faz menção de que arribasse no Brasil; sendo natural, que no caso de precisão, aportasse na sua colônia de São Vicente.

O naufrágio da nau castelhana foi em mil quinhentos e trinta e cinco. Era a capitania das duas com que o desgraçado Simão de Alcaçova saíra de São Lucar em setembro do ano precedente para a costa do Mar Pacífico; e retrocedendo de certa paragem do Estreito Magalhânico para Porto de Lobos, foi ali assassinado pela soldadesca amotinada, que veio encalhá-lha na Ilha de Boipeba quinze léguas ao sul da Baía de Todos os Santos.[3]

Constando da carta de El-Rei D. João o Terceiro a Martim Afonso de Sousa que os donatários se obrigavam a ir, ou mandar povoar as capitanias em tempo limitado, e sabendo-se que as colônias de João de Barros, e Duarte Coelho Pereira partiram do Reino em mil quinhentos e trinta e cinco, parece dever-se inferir que as dos outros (sem excetuar as de Francisco Pereira Coutinho, e Jorge de Figueiredo Correia) saíram no mesmo ano, visto não haver carta de doação datada antes de quinhentos e trinta e quatro; porém é certo que a dos derradeiros (Coutinho, e Figueiredo) ainda não tinham aportado nos princípios de agosto; porque se tivessem chegado, nem João de Mori acharia só nove homens na Baía de Todos os Santos, nem os naufragados em Boipeba se meteriam com os índios, havendo em menos de cinco léguas de distância a colônia de Figueiredo em estado de prestar-lhes pronto acolhimento.

Se a desgraça de Coutinho não foi em quinhentos e quarenta e oito, é provável que acontecesse no ano precedente, segundo discorre o P. Jaboatão. Francisco da Cunha tem sido o guia de todos os que mais verossimilmente escreveram do donatário: como temos a mesma oportunidade, compendiêmo-lo.

"Na ocasião, em que el-Rei Dom João o Terceiro repartiu o Brasil em capitanias, achava-se na Corte Francisco Pereira Coutinho, vindo da Índia, onde deixara acabadas grandes coisas com seu esforço, e feito notáveis serviços ao Reino; em remuneração dos quais lhe fez o mesmo Soberano mercê duma capitania de toda a terra, que há da Ponta do Padrão (hoje de Santo Antônio) até o Rio de São Francisco; dando-lhe ao depois todo o recôncavo em torno da Baía de Todos os Santos."

3 "Juan de Echearcaguana hlzo cortar Ias cabezas à los capltaneș... y con Ias dos Náos determino de ir Ia buelta dei San Juan de Puerto Rico, ò de Ia EspSnola, y avlendo camlnado dos dias de conserva desapareclò Ia Capltana… La gente de Ia Nao 8. Pedro dlò m.uestras de se amotinar, porque no comlan mas de dos onzas de vlscocho, e padeclan de otras cosas; aunque con prender algunos se sossego el motim. Visto que nò avia bastlmento para llegar à Ia Islã Espaüola. se encamlnaron ai Brasil... y despues de cinqüenta dias de navegacion, Uegaron a Ia Baya de Todos los Santos... onde hallaron um Portuguez, que dixo, que avia veynte y cinco anos, que estava entre los índios, y otros ocho que alii quedaron de un naufragio de armada Portugueza. y estes les dieron alguns yuca, batatas, y raízes, de todo poço: y algunos soldados que se desman-daron, los índios los qulsleron comer. Estando em este puerto pareciò Ia Chalupa de Ia Capltana com dlez y slete hombres, los mas dellos flechados, que dixeron que Ia Capltana era perdida, dia de Santiago veynte léguas de alii, en aquella mlsma costa y que de noche dlò bote à tierra, y que Ia gente escapo en los bateles y Ia Chalupa; y que los primeros ocho dias los índios los trataron blen; però que despues tomandolos descuidados, los mataron, salvo aquellos diez y siete. Juan de Mori embiò Ia Chalupa con el Portuguez, que sabia Ia lengua, a recoger algunos, se avia escondidos; y hallaron muertos noventa, e vivos quatro: los quais dixeron, que Ia Nao llevava bastlmento, y que nò se avia acercado con buen propósito à Ia Costa dei Brasil." Antônio Herrera.

Antônio Galvão nos Descobrimentos Antigos e Modernos também faz menção desta esquadra, e suas desgraças.

"Como este Capitão era de ânimo incansável, não receou ir em pessoa povoar a sua capitania, aprestando uma armada à sua custa com muitos soldados, e casais: E feita sua viagem, desembarcou da Ponta do Padrão para dentro, e fortificou-se no sítio, onde está a matriz de Nossa Senhora da Vitória. À sombra da paz, em que viveu nos primeiros anos com os indígenas, tiveram os povoadores lugar de fazer roças para suas lavouras; e alguns mais poderosos fizeram seus engenhos de açúcar um pouco retirados: Mas quando se supunham no maior sossego, lhes começaram os tupinambás a fazer cruel guerra, que continuaram por espaço de sete ou oito anos, destruindo-lhes por vezes as lavouras, e obrigando-os com suas hostilidades a experimentar grandes fomes."

"Vendo-se Coutinho já com pouca gente para dar remédio a tantos trabalhos, e compadecido do povo já farto de sofrimento, anuiu às suas instâncias, embarcando-se com todos em uns caravelões, que tinha no porto, e passou-se à Capitania dos Ilhéus, cujos povoadores viviam em boa paz com os tupiniquins."

"Experimentando os malfazejos tupinambás a perda que a ausênciada colônia lhes causara na permutação dos mantimentos, mandaram-lhe oferecer paz, e boa amizade. Capacitado o donatário, e os mais de que no convite não haveria perfídia, não perderam tempo em tornar a embarcar-se para a Baía de Todos os Santos; mas desgraçadamente ao embocar a barra foram sobressaltados dum temporal de vento, que os lançou sobre os baixos da Ilha Itaparica, onde todos os que puderam ganhar terra, foram devorados pelos indígenas também tupinambás, que somente respeitaram a Diogo Alves Correia, e aos seus, por saberem a língua."

"Ficando o terreno devoluto à Coroa, o mesmo monarca, que ainda reinava, pelas informações que tinha da capacidade do porto, e fertilidade do território, determinou mandar fundar ali uma cidade, que fosse capital de todas as colônias, para socorrê-las; visto que quase por toda a parte os indígenas lhes estorvavam o desejado progresso."

"Com este intuito foi expedida uma Armada de cinco navios com seiscentos voluntários, quatrocentos degradados, alguns casais de gente, um grande provimento dos instrumentos necessários para a fundação, e defensa da colônia, alguns padres jesuítas para catequisarem os índios, e outros muitos sacerdotes para administrarem os Sacramentos.[4] Ia nela por Comandante o ilustre, e honrado Tome de Sousa, que havia militado em África, e na Índia, nomeado Governador Geral do Estado Brasílico, ou Nova Lusitânia com grande alçada, e absolutos poderes no seu Regimento; pelo qual suspendia, e limitava o Soberano a jurisdição, que havia dado aos donatários das capitanias, quando delas lhes fizera doação: de cujo procedimento eles se mostraram queixosos ao mesmo Soberano, que não se dignou deferir-lhes; na inteligência do grande inconveniente que se seguia ao Estado, e povo de os conservar absolutos na jurisdição civil, e criminal."

"Iam na mesma comitiva o Doutor Pedro Borges com o emprego de Ouvidor Geral, para reger as Justiças de todas as capitanias; Antônio Cardoso de Barros por Procurador da Real Fazenda, e alguns criados de el-Rei para serem empregados nos ofícios públicos."

"A esquadra saiu de Lisboa a dois de fevereiro de mil quinhentos e quarenta e nove, e a vinte e nove de março aferrou no porto do estabelecimento do donatário, em pouca distância do qual vivia o mencionado Diogo Alves Correia, por alcunha o *Caramuru,* com cinco genros, e outras pessoas, ao quais os antropófagos de Itaparica perdoaram por sua intervenção, como dissemos.[6]

4*E outros* muitos *sacerdotes:* assim Francisco da Cunha, escritor coevo: Vasconcelos pretende que o P. Manuel de Nóbrega, seu colega, fora obrigado pelo Governador, e povo a fazer as funções de vigário, por nao ter Ido na Armada!!!

5"Quando (Tome de Sousa) desembarcou em Vila Velha, logo nela achou Diogo Alves, o Caramuru de alcunha, grande lingua do gentlo. com quem tinha feito pazes; e depois da morte de Francisco Pereira Coutinho velo doe Ilhéus povoar esta vila; e tinha algum espaço afastado

Não lhe parecendo azado o sítio dantes escolhido pelo donatário, foi Tome de Sousa dar princípio à cidade projetada no lugar, onde está a Capela de Nossa Senhora da Ajuda, um quarto de légua ao norte, contra os votos de alguns, que lhe preferiam o sítio de Monserrate.

No ano seguinte se lhe mandou um galeão carregado de víveres comandado por Simão da Gama: e no de quinhentos e cinqüenta e um se lhe repetiu o mesmo socorro em uma esquadra, de que era comandante Antônio de Oliveira; e levava algumas moças do Recolhimento das Órfãs, mui recomendadas pela Rainha a Senhora D. Catarina ao governador para que as fizesse casar com as principais pessoas do Estado; conferindo-lhes em dote Ofícios da Justiça, e Real Fazenda, para nobreza, e aumento do mesmo Estado. Semelhantes providências foram anualmente continuadas durante o quatrienal governo deste primeiro governador, e de seu sucessor Duarte da Costa, (que durou outro tanto tempo) porque como ainda não haviam mercadores, que remetessem efeitos por sua conta para este Estado, mandava el-Rei todos os anos uma Armada com gente voluntária, órfãos, degradados, materiais e todo o gênero de mercancias, para se venderem aos moradores pelo mesmo custo do Reino, e repartirem em pagamento pelos que tinham ordenado, ou soldo. Do sobejo se proviam as capitanias.

Em pouco tempo a colônia sobressaiu a todas as dos donatários.

A Duarte da Costa sucedeu em mil quinhentos e cinqüenta e oito Mem de Sá, que no dilatado governo de catorze anos aumentou consideravelmente a província, e socorreu todas as capitanias nos apertos em que os indígenas as punham.

Esta província está repartida em três comarcas: a dos Ilhéus, a da Bahia, e a da Jacobina.

COMARCA DOS ILHÉUS

Esta comarca, que se estende do Rio Jiquiriçá até o de Belmonte ou Jequitinhonha, ocupa o terreno da suprimida capitania do seu nome; a qual se estendia com cinqüenta léguas de costa a princípio da embocadura do Rio Jaguaripe fronteiro à ponta meridional da Ilha Itaparica; ao depois da Ilha Tinharé.[6] a encontrar a capitania de Pedro do C. Tourinho; e teve por seu primeiro donatário a Jorge de Figueiredo Correia, fidalgo de el-Rei, e escrivão da sua Real Fazenda, o qual em razão do seu ofício não podendo ir pessoalmente povoá-la, mandou em seu lugar um cavalheiro castelhano chamado Francisco Rameiro, entregando-lhe o comando da Armada, que aprestara com tudo o necessário.[7]

Saiu este de Lisboa, e com feliz viagem foi surgir no porto da Ilha Tinharé, onde desembarcando a sua comitiva, deu princípio à povoação sobre o Morro de São Paulo; donde, algum tempo depois, por se desgostar do sítio, passou para o Rio dos Ilhéus, e ali fundou a vila, a que deu o nome do santo do proprietário.

Nos primeiros anos teve guerra com os indígenas; mas como eram tupiniquins, povo de melhor condição que os outros, passados tempos, fez com eles pazes; e ao depois tão boa harmonia, e conveniência em aumento da capitania,

dela. fetlo umas casas; em que vivia com cinco genros, e mais alguns homens, qlue haviam escapado da desgraça acontecida a F. P. Coutlnho, e se conservavam vivos, em umas ocasiões com as armas na mão, e outras em boas razões." F .da Cunha.

"Quando se fundou a cidade, houveram pareceres, que se edlflcasse na ponta, que está norte-sul com a do Padrão; por ficar mais segura, e bem assentada em raz&o da sua multa fortaleza." Idem.

6"A capitania de Jorge de Figueiredo começa da ponta da Bahia do Salvador da parte do sul, que se entende ser a Ilha Tinharé, como está Julgado por sentença proferida sobre o caso por Mem de Sá Governador, e Brás Cardoso Ouvidor Geral, e Provedor-mór do Brasil." F. da Cunha. Querer que a Ilha Tinharé seja a ponta oposta à do Padrão, é um erro geográfico.

7Pedro de Magalhães Gandavo diz que o plantador da colônia de Jorge de Figueiredo se chamava Joáo de Almeida.

que muitos homens ricos de Lisboa mandaram nela fabricar engenhos de açúcar, crescendo por este modo a população, e o comércio.

A Jorge de Figueiredo Correia sucedeu na capitania seu filho Jerônimo Alarcão, que a vendeu, com beneplácito régio, a Lucas Giraldes, o qual consumiu nela grosso cabedal; chegando no seu tempo a ter oito engenhos de açúcar: Porém caindo sobre seus povoadores os desalmados aimborés, que mataram a muitos, e obrigaram outros a retirar-se para a Bahia, tudo andou para trás.

Mem de Sá foi pessoalmente socorrer os oprimidos, e fez estrago naquele malfazejo gentio pelos anos de mil quinhentos e sessenta.

Dum dos sucessores de Lucas Giraldes passou a capitania em pagamento duma dívida para o domínio de D. Helena de Castro, Condessa deste título, em cuja ilustre faniíira se conservou até o ano de mil setecentos e sessenta e um, em que o Senhor Dom José Primeiro a incorporou com os Bens da Coroa, dando a Dom Antônio de Castro, derradeiro donatário, o Condado de Rezende, e o Almirantado do Reino de juro, e herdade com cinco mil cruzados de renda.

É país montuoso, quase geralmente coberto de matas, onde se cria diversidade de madeiras para construção; e ainda algumas de marceneria, e tinturaria, o mais abundante de águas, (da província) e fertilíssimo, devendo ser riquíssimo depois de bem multiplicados os agricultores.

As chuvas são freqüentes, contribuindo muito a vegetação dos bosques que conservando o terreno sempre fresco, faz ser mais copiosa a evaporação de que se formam as nuvens, e a mesma água que lançam. "O terreno em partes é argiloso; as camadas inferiores vizinhas à costa são calcáreas, e formadas por um agregado de conchas, das quais as mais próximas ao *húmus* tendem a calcificar-se, e as mais interiores já estão no estado de pedra calcárea comum, ou mármore rude de Lineu. A superfície é coberta de *húmus* geralmente devido à resolução dos vegetais." Quase não há sítio, onde não prospere ou a mandioca, ou o cafezeiro, ou o arroz, ou o milho, ou a cana-de-açúcar, ou o algodoeiro: tais são os objetos da agricultura. A cultura do anil pode ser lucrosa, como também a do cacau, e pexurim; pois que o território os produz espontaneamente; bem que o derradeiro não é tão graúdo como o do Pará.

MONTES — A Serra dos Aimorés principia nesta comarca, onde comumente se lhe dá o nome de Itaraca; e às vezes o de *Goitaracas* ou *Baitaracas*. Quebra em muitas paragens; em umas avizinha-se ao mar, em outras arreda-se consideravelmente. Entre o Rio dos Ilhéus e o de Contas chega à praia. Todas as outras são ramificações desta quase por toda a parte povoada de mato.

MINERALOGIA — Granito, pedra de cal, tabatinga, cristais, e ouro em mais ou menos conta na parte ocidental.[8]

FITOLOGIA — Entre as plantas medicinais nota-se a ipecacuanha, alcaçuz, contra-erva, abutua, quinta da terra, jalapa, tamarindos, mil-homens, urucu, barbatimão, curcuma, betônica; as árvores da goma elemi, as da copai, as do sangue-de-drago, angelim, aroeira. Entre as árvores de boa madeira para construção acha-se a maçaranduba, tapinhuã, vinhático, loiro, jenipapo, itapicuru, cedro, pitiá, ibicuíba, sassafraz, angico, gonçalo-alves, pau d'arco, pau d'óleo, pau ferro, pau roxo, sucupira, sapucaia, caixeta, coração-de-negro, pau-brasil. As árvores do copaíba, as da suma-uma, os cajueiros, as jabuticabeiras, as mangabeiras, as goiabeiras, os araticunzeiros, e diversidades de palmeiras. Os coqueiros da Ásia são assaz multiplicados na proximidade da praia; os da piaçaba comuns nos bosques, e subministram um lucroso ramo de comércio com o seu linho para amarras: da sua noz se fazem vários objetos ao torno: os naias, tão

8 No reinado de el-Rei D. João o Quinto ofereceu-se um célebre *Soledade* a mostrar coplosas minas de prata no interior a troco duma sesmaria, que seguramente abrangia a terça parte da capitania, no que foi atendido: conhecida porém a traudulência do homem, que, sem mostrar ao menos sinais do prometido, se havia apossado duma vastíssima extensão do melhor terreno, e o ia repartindo com sefus parentes, deu o Soberano por nulo o contrato para felicidade do povo.

grandes como os primeiros, e que se criam no interior, sustentam diversidades de aves principalmente araras, e quadrúpedes com os seus cocos, que são pouco inferiores aos daqueloutros, e têm o entrecasco mui doce.

ZOOLOGIA — Afim de que os agricultores não padeçam danos nas suas lavouras, por toda a parte são poucos os animais domésticos: os porcos, que são os mais numerosos, tornam-se monteses em certas luas, e não aparecem senão depois de alguns dias. Nos bosques há veados, antas, porcos, e outras caças miúdas: o cão silvestre, segundo dizem, é conhecido neste país há poucos anos. Os mutuns, os jacus, os macucos, os tucanos são bem conhecidos, como as inocentes arapongas, e várias castas de rolas.

O cairuá é do tamanho dum melro, azul pelas costas com o peito roxo, asas, e cauda negras, o bico curto e largo. As penas do peito chegadas ao calor do fogo tomam a cor de ouro, segundo dizem. O Autor da Natureza não quis que este pássaro, tão estimado pela sua plumagem, lisonjeasse o ouvido do espectador.

Diversificadas espécies de abelhas melificam umas nas cavidades dos troncos, outras em pequenas colméias de cera, que fazem nos galhos dos ramos.

Os tupiniquins, possuidores do beira-mar, quando os conquistadores nele se estabeleceram, estão de largos anos geralmente cristianizados, e aparentados com os europeus; sendo numerosos os brancos naturais do país com casta tupiniquim.

No sertão conheciam-se de largo tempo duas nações pagas: patachós ou cotochós, e mongoiós. Os primeiros, segundo contam, já não existem.

Os mongoiós, reduzidos à paz no ano de mil oitocentos e seis, acharam-se repartidos em seis ou sete aldeias, pouco populosas, nas vizinhanças, e ao norte do Rio Patipe. Cada família vive em sua cabana. Todos fazem boiças, onde cultivam várias castas de batatas, abóboras, inhames, melancias, excelente mandioca; e fazem grande provimento de mel. Em nada se observa tão pouca economia, como no seu método de crestar: tiram toda a cera, e ainda as abelhas, que se acham em casa; coam tudo por uma sorte de joeira; a cera, e as abelhas são delidas em certa proporção dágua, que se deixa fermentar, e fica uma bebida embriagante, que os faz alegres, e também furiosos. Ainda fazem outra bebida mais espirituosa com batatas, e raiz de mandioca pisadas, e deitadas de infusão até o ponto de fermentação.

Os pais põem os nomes aos filhos recém-nascidos sem cerimônia alguma: choram os mortos, e enterram-nos nus, assentados, dansam, e cantam ao som dum instrumento tão simples, como pouco sonoroso, qual é um arco com um cordão delgado. As mulheres cobrem-se por diante com uma franja de algodão bem feita, que lhes chega até quase aos joelhos; os homens ocultam os genitais com um tecido de folhas de palmeira; e não trazem outras peças sobre seus corpos bem proporcionados.

Gastam grande parte do tempo errando pelos bosques à caça, e para aproveitar as frutas. A olaria é a única arte, que exercem. Aproveitam as peles dos veados para foles, e começam a esfolar o animal pelo pescoço.

O cão é o animal doméstico mais útil na sua conjectura, e o único que criam para a caça. Nada cobiçam aos cristãos como os instrumentos de ferro. A sua medicina consiste em emplastos de ervas machucadas, banhos, e beberagens doutras cozidas, tudo por experiência, ou tradição de seus antepassados. O arco e a flecha são as suas únicas, e suficientes armas tanto para a guerra, como para a caça. Os que têm sido catequizados, preferem a espingarda àquelas.

RIOS E LAGOS — O maior de todos é o caudaloso Rio de Contas, originalmente Jussiape, nome que se lhe devera conservar. Tem a origem, e seus primeiros confluentes na Comarca da Jacobina, onde deles falaremos. Os que se lhe juntam em estoutra pela margem setentrional, são: o Rio Preto, o das Pedras, o Manageru, o Ribeirão d'Areia, o Pires, o Água Branca, o Oricó-guaçu, que atravessam

grandes matas, onde podem estabelecer-se numerosas colônias. Pela margem austral incorpora-se-lhe o Rio Grugungi, que lhe é pouco inferior, e cujo principal ramo é o Rio Salina. Os índios Patachós dominaram as suas adjacências. Abaixo desta confluência está o sítio dos Funis, onde o rio corre com rapidez repartido, e quase escondido por entre penedia. Desemboca obra de dez léguas ao sul da Ponta Mutá, e outras tantas ao norte dos Ilhéus. As sumacas sobem por ele quatro léguas até à primeira cachoeira, onde há uma populosa aldeia com uma ermida.

O Rio Patipe nasce na comarca do Serro do Frio, onde tem o nome de Rio Pardo, como dissemos. Seu álveo é quase sempre de penedia com muitas cachoeiras, que o fazem inavegável: sua embocadura fica obra de dez milhas ao norte da do Rio de Belmonte, com o qual comunica em duas paragens; Jundiaí, e Rio de Salsa são os nomes destes canais. Pelo derradeiro, que fica obra de oito a nove léguas longe do mar, reparte o de Belmonte suas águas com o Patipe em todo o tempo; o outro, que fica no meio da mencionada distância, só é corrente, enquanto duram as cheias. Em grande distância acima do Rio da Salsa sai do Patipe um braço, que vai desaguar na Baía dos Ilhéus.

Pouco mais duma légua arriba do mencionado Rio da Salsa está a profunda, e piscosa Lagoa Antimucuí, de forma circular com mais de meia légua de diâmetro, e obra de três milhas arredada do Rio de Belmonte, para onde tem dois desaguadouros.

Perto de três léguas ao norte do Patipe sai o Rio Poxim, ao qual os primeiros descobridores denominavam Juizio; e outro tanto mais adiante o Comandatuba, a princípio Comandatibe, os quais só são aparatosos, e navegáveis com a maré: comunicam-se em pouca distância do mar.

Quatro léguas ao norte do Comandatuba sai o Rio Una, que principia na Serra Geral, e recolhe pela margem direita o chamndo Braço do Sul, que Vem da mesma Serra. As sumacas sobem ainda perto de três léguas para cima desta confluência, que fica obra de uma arredada do mar.

O Rio dos Ilhéus é a entrada duma formosa baía, onde deságuam vários outros navegáveis com a maré por maior, ou menor espaço. O único considerável é o chamado Rio da Cachoeira, (que já dissemos ser um braço do Patipe) ao longo do qual há uma boa estrada sempre plana até o centro da sua extensão. O Rio do Engenho é navegável por espaço de duas léguas e meia até uma vistosa cachoeira. Os outros são pequenos.

A Barra dos Ilhéus é conhecida por quatro ilhéus, que lhe ficam fronteiros uma légua ao mar; três são de rochedo, o outro povoado de mato, e todos de boa altura.

Uma légua ao norte da Barra dos Ilhéus está a do Rio Itaípe, que é estreito, e profundo; e não tem mais de sete léguas de extensão, sendo o desaguadouro da profunda, e piscosa lagoa do mesmo nome, a qual tem duas léguas de comprido, uma de largo, e uma pequena ilha. Seus contornos são povoados de matas, por entre as quais saem várias ribeiras para este formoso receptáculo, onde a maré se faz sensível na estação seca.

Com muita facilidade se pode abrir um canal (ao qual já noutro tempo se deu princípio) deste rio para o do Fundão, que deságua na Baía dos Ilhéus; obra de suma vantagem para conduzir àquele porto com brevidade, e sem risco as madeiras, e produções das adjacências do mencionado lago.

Na parte setentrional notam-se os rios Maraú, e Acaraí, que deságuam na Baía de Camamu; o Serenheem que desemboca defronte da Ilha Boipeba; o Jiquié, que entra por duas bocas, assaz desiguais, no canal que separa a Ilha Tinharé do continente; o Una, que principia na Serra da Pedra-Branca, e deságua poucas léguas ao norte do Jiquié; o Jiquiriçá, que nasce na Serra da Jibóia, e sai poucas milhas ao norte do Una; todos de curta navegação, não chegando os maiores (que são os derradeiros) ou excedendo apenas a vinte léguas de curso.

Em todos há muitas cachoeiras: todos atravessam formosas matas de boas madeiras criadas em terrenos montuosos, e fertilíssimos; em quase todos há serrarias dáguas para facilitar-lhes a exportação.

PORTOS E ILHAS — A Baía de Camamu, em cuja entrada da banda do sul, está a Ponta de Mutá com um fortim, é o único porto da comarca, que pode recolher grandes navios. Tem algumas ilhas, e recolhe grande número de rios navegáveis só até onde chega a maré.

Da Baía de Camamu até bem perto da embocadura do Rio Una a costa é bordada de ilhas, entre as quais há três de grandeza considerável, a Tinharé, a de Boipeba, e a de Tupiaçu.

A Ilha Tinharé, mais conhecida pelo nome de Ilha do Morro, aludindo a um monte, que nela há, denominado Morro de São Paulo, tem perto de cinco léguas de comprimento norte-sul, largura proporcionada, e um forte na extremidade setentrional; e junto dele uma povoação alegre com uma Ermida de Nossa Senhora da Luz.

A Ilha de Boipeba ao sul da de Tinharé, e dela separada por um canal apertado, tem perto de duas léguas em quadro, e uma vila no lado oriental.

A Ilha de Tupiaçu tem três léguas e meia de comprimento leste-oeste, e cinco milhas de largura. Fica entre a de Tinharé e o continente, entre os dois braços do Rio Jiquié, dos quais o meridional é mui estreito.

Pouco mais de meia légua ao norte da mencionada Ponta Mutá, e cinco ao sui de Boipeba, está a pequena Ilha Quiepe, em outro tempo fortificada, a qual abre duas barras assaz desiguais à Baía Camamu. Perto de duas léguas ao poente de Quiepe, quase no centro da baía está a Ilha Camamu, que é de figura circular, alta, provida dágua com meia légua de diâmetro, e tem alguns moradores. Esta ilha, que fica defronte da embocadura do Rio Acaraí, que vem do poente, e da do Maraú, que vem do sussudoeste, é hoje quase só conhecida pelo nome de Ilha das Pedras, aludindo às do seu primitivo nome, que só nela se encontram, e com abundância. Estas pedras são de cor ferruginosa, pesadas como chumbo, e fáceis de trabalhar: algumas têm veias de prata; mas em tão pouca quantidade, que não faz conta continuar na sua extração. Os pescadores da costa do sul fazem delas chumbadas das suas redes, e linhas.

Perto de três léguas ao nornoroeste de Quiepe está a Ilha dos Tubarões, maior que a de Camamu, baixa, provida dágua, com muitos coqueiros, e povoadores. Fica perto da embocadura do Rio Serinheem.

Ilhéus.
Rio de Contas. Oliveira.
Camamu. Cairu. VilasBoipeba.
Maraú. Barcelos.
Valença. Igrapiuna.
Serinheem.

Ilhéus, ou São Jorge, noutro tempo vila considerável e florescente, tem decaído. Está situada numa planura sobre o lado setentrional da baía do seu nome entre duas colinas, a de Santo Antônio, sobre a qual teve o segundo assento, e a de Nossa Senhora da Vitória, que fica mais afastada do mar. Além da igreja paroquial dedicada à Invocação da Vera Cruz tem a Ermida de S. Sebastião

junto à praia, e a de Nossa Senhora da Vitoria, sobre a colina a que da o nome. É abastada de pescado, e dos víveres do país, e tem um chafariz. Os jesuítas tinham aqui um colégio, que serve de casa da câmara, depois de arruinada a igreja. Os seus subúrbios são aprazíveis; seu porto capaz de grandes sumacas, e defendido por vários fortins. Exporta-se daqui farinha, arroz, café, aguardente, madeira, e algum cacau.

Desta vila saem duas estradas, uma já mencionada ao longo do Rio da Cachoeira para a Comarca do Serro do Frio em Minas Gerais, outra mais alta para Vila Nova do Príncipe no distrito meridional da Comarca da Jacobina.

Olivença, vila de índios, grande, populosa, e vistosamente situada sobre uma colina lavada de ares salutíferos com espaçosa vista de mar, entre as embocaduras de duas ribeiras de desigual grandeza. Todas as casas são cobertas de palha; e seus habitadores quase geralmente ocupados em obras de torno, com que introduzem ali quantiosa soma de mil cruzados anualmente. Tem uma magnífica igreja matriz de pedra da Invocação de Nossa Senhora da Escada, e uma ponte sobre a ribeira maior, que a banha pelo lado setentrional. Fica três léguas ao sul dos Ilhéus.

Rio de Contas, vila medíocre, e aprazível, situada pouco dentro da embocadura, na margem meridional do rio, que lhe empresta o nome, e forma um bom porto para sumacas, entre duas ribeiras de mui desigual volume, e cujas águas são excelentes para temperar ferramentas. Tem uma igreja paroquial dedicada a S. Miguel, e uma ponte de pedra na ribeira grande, que é a superior. O povo é obrigado pela câmara com certas penas a cultivar a quantidade de pés de mandioca, que se lhe prescreve à proporção dos escravos, que cada lavrador possui; o que faz sair daqui grande número de embarcações com farinha para a capital.

Camamu, vila medíocre, abastada, e florescente com bom comércio, vistosamente situada sobre a margem esquerda do Rio Acaraí três léguas acima da sua embocadura, em frente da foz do Rio da Cachoeira, que se lhe une pela direita. Tem uma igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, e uma ermida também dedicada a Nossa Senhora com a invocação do Desterro; muitas casas de sobrado e professores régios de Latim, e primeiras Letras. Do seu porto sai grande quantidade de café, farinha, aguardente, madeira, arroz, e algum cacau.

Nesta vila desemboca uma estrada, que principia no distrito da Vila de Rio de Contas a central, donde descem numerosas boiadas para estoutra, e para as da convizinhança.

Maraú, vila ainda pequena, e bem assentada sobre a margem, e obra de sete léguas arriba da embocadura do rio que lhe empresta o nome, e leva até lá embarcações menores. Tem uma igreja matriz dedicada a S. Sebastião. Seus habitantes recolhem muita farinha, e tiram alguma madeira.

No seu distrito há pedaços de terreno particularmente apropriado para melancias, e ananases, que são mui grandes, e excelentes; e exportam-se em grande quantidade para a capital.

Barcelos é uma vila pequena, e vantajosamente situada no ângulo da confluência do pequeno Rio Paratigi com o Maruú, quatro léguas por ele acima, e três abaixo da vila do mesmo nome. Seus habitantes são índios, que cultivam mandioca com os outros víveres do país; e aprontam linho de ticum. A matriz é dedicada a Nossa Senhora das Candeias.

Serinheem, por corrupção, e vulgarmente Santarém é uma vila ainda pequena sobre a embocadura do rio deste nome, e povoada de índios pescadores, agricultores, e tiradores de madeiras. Santo André é o padroeiro da matriz, que a orna.

Cairu, vila medíocre, e bem situada na pequena ilha do mesmo nome entre a de Tinharé, a de Tupiaçu, e o continente. Tem uma rua vistosa, calçada, e com

muitas casas de sobrado; e na extremidade um convento de franciscanos. A matriz é dedicada a N. Senhora do Rosário. Tem ainda uma Ermida de Nossa Senhora da Lapa, e aulas regias de Primeiras Letras, e Latim. Alguns ouvidores a escolheram para a sua residência ordinária: os de hoje são também juízes conservadores das matas; e presidem a uma Junta respectiva denominada Conservatória.

Igrapiuna é uma pequena vila marítima, situada na foz da ribeira do mesmo nome; e fica entre Santarém, e Cairu. O povo, que a habita, é composto de brancos cultivadores de arroz, e outros mantimentos. Só tem a igreja paroquial, que é dedicada a Nossa Senhora das Dores.

Boipeba, situada na ilha do mesmo nome, é antiga, e abastada de peixe: Seus habitantes são brancos, e lavradores dos comestíveis do país: a matriz, que a orna, é dedicada ao Espírito Santo: arroz, piaçaba, e casca de mangue para os cortumes são as principais exportações.

Valença está a crescer sobre a margem direita do Rio Una (o setentrional) pouco acima da sua embocadura. A sua matriz é dedicada ao Santíssimo Coração de Jesus. Seus habitadores são brancos, e índios: café, madeira fazem a sua riqueza.

Obra de meia légua arredada do Lago Itaípe em sítio vistoso, e aprazível, está a povoação de Almada com uma igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição. O povo, que a habita, compõe-se de brancos, e índios (para cujo estabelecimento foi fundada) lavradores de farinha, e outros víveres, e tiradores de madeira.

Em uma península formada pelo Rio Patipe junto à sua embocadura, num dos mais fecundos terrenos está a considerável Freguesia de S. Boaventura. Seus habitadores, que são brancos, e indígenas, recolhem abundância de arroz, farinha, feijão, e milho: tiram madeira, e possuem algum gado vacum; freqüentam a pescaria, e a caça. As melancias, e os ananases são mui grandes, e excelentes.

COMARCA DA BAHIA

A Comarca da Bahia tem quarenta léguas de costa, contadas do Rio Jiquiriçá, que deságua três léguas ao oes-sudoeste da Barra Falsa até Rio-Real, limite setentrional da província, e obra de trinta e cinco em largura a confinar com a da Jacobina pelo poente. A .face do país é variada de matas, colinas, serras poucas, e charnecas ou Catingas, que ocupam muito mais da metade, e assim chamadas por incapazes de gênero algum de agricultura, servindo só de criar gado vacum; mas não sem pedaços de terreno substancioso em algumas chapadas, principalmente das serras, e nos vales mais profundos, ou adjacências de rios, onde se criam árvores corpulentas, e onde (depois destas derrubadas) se fazem plantações de mandioca, e tabaco; algodoais, e milharadas.

O melhor terreno da comarca é o chamado Recôncavo com seis até d,ez léguas de largura em torno da grande enseada de Todos os Santos, onde há grandes extensões apropriadas para a cultura principalmente das canas-de-açúcar, e tabaco; mercancias que em nenhuma outra província do Estado se recolhem em tanta quantidade. O terreno chamado massapé, que é negro, e forte, é o melhor para a cultura das canas.

O inverno principia no fim de março, e dura até agosto com grandes intervalos de estio, e nunca chega à extremidade ocidental, onde só chove com as trovoadas que são gerais, e duram enquanto o sol anda ao sul da equinocial.

MONTANHAS — As serras principais ficam do Rio Paraguaçu para o sul: as mais notáveis são a da Jibóia, a da Itapera, a da Mangabeira, a das Bocetas, a do Gairu, a da Pedra-Branca, a da Cupioba; à esquerda do mesmo rio, e dele em

grande distância nota-se a do Camisão com grandes matas, onde se fazem algodoais, e outras lavouras.

MINERALOGIA — Granito, argilas de diferentes cores. Sabe-se que há ouro, e ferro; mas têm aparecido senão em mui pouca quantidade.

FITOLOGIA — Das árvores oriundas da Europa só as figueiras frutificam. As mangueiras são multiplicadas em alguns sítios, e frutificam com abundância, e formosura; as jaqueiras são mui comuns: quase todo o mundo conhece as mangabeiras: as jabuticabeiras só prosperam nas matas, os umbuzeiros nos agrestes ou Catingas. As melancias são geralmente compridas, e de ordinário boas: os melões não prestam. Há várias castas de laranjas; as melhores são as de embigo que não têm pevides, e as chamadas secas: diversidades de pimentas indígenas, e a do Malabar: gengibre, jalapa, urucu, angelim, a opúncia: este vegetal é de diversificadas espécies, e também com diferentes nomes; algumas são com alguma forma de árvores, e dão um ifruto como grande pero liso com uma película encarnada, polpa branca, assaz tenra, refrigerante, impregnada de sementes bem semelhantes às dos bredos. Variedades de boas madeiras, como jacarandá, vinhático, maçaranduba, piquiá, sucupira, sapucaia, peroba, itapicurú, sebastião-de-arruda, gonçalo-alves, pau-d'arco, pau-brasil, brauna, amoreira, cujo lenho tem gasto na tinturaria, e as folhas nutrem uma espécie de *bômbice* indígena, cuja criação pode ser lucrosa. Entre várias castas de palmeiras a mais formosa é a deste nome: seu tronco é muito alto, de boa grossura, mui liso, e direito com palmas de pasmosa grandeza: só se criam nos terrenos úmidos das matas. Notam-se ainda as árvores do copaíba, e da almécega, os cajueiros tão multiplicados. As canas-de-açúcar, a mandioca, a planta do tabaco, algodoeiros são os principais ramos da agricultura, que têm feito diminuir tão consideravelmente as melhores matas. A colheita do café já é considerável.

ZOOLOGIA — Conhecem-se todos os quadrúpedes selváticos nas províncias limítrofes. As cabras são mui poucas; as ovelhas ainda pouco numerosas; o gado vacum, do qual por toda a parte (em saindo do recôncavo) há criações, não chega para o serviço dos engenhos, gasto dos açougues, e fornecimento dos navios, ainda com o da comarca Jacobina; porque os pastos não são geralmente bons, e na maior parte há falta dágua. Supre-se-lhe a falta com o do Piauí, e de Goiás.

Aos antigos quinimuras, primeiros povoadores memoráveis do contorno da Enseada de Todos os Santos, sucederam os tapuias pouco depois expulsos pelos tupinás vindos do sertão, para onde se retiraram os segundos, que jamais cessaram de inquietar aos seus vencedores. Os tupinambás, senhores de ambas as adjacências do Rio de S. Francisco, fazendo guerra aos tupinás convizinhos, os dispersaram; e marchando adiante, foram expulsar os conquistadores do Recôncavo, obrigando-os a procurar também o sertão. Unidos os tapuias com os tupinás acometeram em má ocasião aos tupinambás, que os repeliram, fazendo-os tornar aos sertões. Eram os tupinambás os senhores do país na entrada dos portugueses. Estavam divididos em várias hordas independentes, e inimigas declaradas cada vez que alguma recebia dano de outra. Falavam um só idioma: Todas elegiam seu capitão para a guerra sempre o mais esforçado: Na paz nenhum tratamento tinham nem distinção: Eram antropófagos.

PORTOS — O único porto desta comarca é a famosa Baía de Todos os Santos, a qual, segundo as melhores plantas, que dela se tem tirado, tem seis léguas e meia de comprimento norte-sul da Ponta de Sto. Antônio à foz do Rio Pitanga, e mais de oito de largura leste-oeste. A Ilha Itaparica lhe forma duas entradas abertas ao sul: a oriental tem duas léguas e meia de largura, e a ocidental, chamada Barra Falsa, não chega a ter duas milhas no mais estreito. As margens são baixas, e

vistosas com coqueiros em grande parte: a porção mais elevada é a do assento da capital.[9]

ILHAS — Todas estão dentro da Enseada de Todos os Santos. A de Itaparica com seis léguas e meia de comprimento norte-sul, e três na maior largura, de figura irregular com uma enseada no lado ocidental, e uma grande bojadura no oriental, baixa, e de face desigual é a única grande. Seu terreno é em grande parte apropriado para diversos ramos de agricultura. Os coqueiros, as mangueiras, as jaqueiras e as laranjeiras são assaz multiplicadas: as videiras frutificam com perfeição em alguns sítios.

O povo, que a habita, está repartido em duas freguesias: a de Santo Amaro na parte meridional, e a do Santíssimo Sacramento na extremidade setentrional, povoação considerável, e única de toda a ilha, ainda sem título de vila, sem regularidade com uma formosa igreja matriz,.uma Ermida de S. Gonçalo, um forte, talvez inútil, um bom surgidouro para embarcações menores abrigado dos levantes, um chafariz de abundante e boa água, um pouco arredado, uma armação de baleias, cordoarias de piaçaba, e alguns alambiques. Para a instrução da mocidade há professores régios de Latim, e de Primeiras Letras.[10]

Obra de duas milhas arredada da povoação há uma capela da Invocação da Vera Cruz, que foi a matriz em outro tempo.

Ao norte de Itaparica, obra duma légua, está a Ilha dos Frades, que é montuosa com mais de três milhas de comprido: ao norte desta em pouca distância está a do Bom Jesus com uma capela desta Invocação, e outra de Nossa Senhora do Loreto: mais para o norte fica a das Vacas com mais de meia légua de comprimento: a leste desta está a do Menino Deus, que é pequena. Ao norte da das Vacas está a da Bimbarra, e ao setentrião dela a das Fontes.

A Ilha de Maré, cujo terreno é particularmente apropriado para a cultura das bananeiras, riqueza de seus habitadores, tem cinco milhas de comprimento com pouco menos de largura, e está mui perto da praia na extremidade do lado oriental.

A Ilha Cajaíba, que tem perto de légua de comprido, é baixa, e cultivada; e fica na extremidade do lado ocidental.

A Ilha do Medo, que é mui pequena, rasa, e povoada de coqueiros, fica quase ao poente da extremidade setentrional da de Itaparica.

Entre o lado ocidental de Itaparica, e o continente há muitas ilhas geralmente pequenas, rasas, e despovoadas na proximidade da barra; sendo a ilha da cal, e a das canas as maiores.

Rios — Uma légua com pouca diferença ao nordeste da ponta de Santo Antônio sai o chamado Rio-Vermelho, que não passa duma ribeira com poucas milhas de extensão; e tem uma ponte de pedra na estrada da capital para a Itapuã.

9 Nada há tão provável como ter sido esta enseada descoberta por Gaspar de Lemos, quando voltava de Porto Seguro com a noticia do Descobrimento; porém ainda nao apareceu documento, que nô-lo certifique. Sendo verdade que o primeiro português, de que há memória, que nela entrou, foi Cristóvão Jaques, como diz Francisco da Cunha, e todos os que escreveram depois dele, e constando pelo testemunho de Américo Vespúcio que nesta Baia entraram navios portugueses em mil quinhentos e três, como devemos crer segundo a Era do Padráo da Cananéia, segue-se que Cristóvão Jaques era o comandante da segunda esquadra (do dito ano) e nao Gonçalo Cuelho, como em outro lugar dissemos. Se Crlstóváo Jaques foi o plantador dos Padrões, sendo o da Cana néia colocado em mil quinhentos e três, segue-se que o da Ponta de Sto. Antônio foi também posto nesse ano. Sendo lndubitável que o mencionado Crlstóváo Jaques foi o que nMilto depois estabeleceu a feitoria de Itamaracá, segue-se que ele. comandante da segunda esquadra, nao desapareceu no melo do Oceano com três navios dela em hora de nunca mais haver noticia deles, como pretende o fabuloso Américo Vespúcio.

l0 Esta ilha, que pertence ao Marquês de Niza, e em cujas terras se começaram a fazer os primeiros contratos de emprezamento no Estado, foi dada de sesmaria por Tome de Snusa a Dom Antônio de Ataíde, Conde da Castanhelra; e depois fazia parte da capitania, que el-Rel lhe doara, (e que compreendia o terreno, que fica entre os rios Paraguaçu e Jaguaripe, com dez léguas de sertão) "com o título de Capltáo governador, graça, a que se opôs com embargos a câmara da cidade do Salvador, e lhe Impediu a posse, e jurisdição" M. S. de P. da Cunha.

Obra de duas léguas e meia ao nordeste de Rio-Vermelho está a enseada de Itapuã com uma armação de baleia.

Entre a enseada de Itapuã, e o mencionado Rio-Vermelho há armações, que fornecem de pescado a capital.

Três léguas mais ao nordeste, que é o rumo da costa, sai o Rio de Joanes, que principia no termo da Vila de São Francisco.

Depois de três léguas desemboca o Rio Jacuípe, que vem de mais longe, como também o Pojuca, que se lhe segue.

O Rio Itapicuru forma-se no distrito da Jacobina com três do mesmo nome, dos quais o meridional tem o epíteto de *guaçu* ou *grande,* e o setentrional o de *mirim* ou *pequeno.* Seu curso é sempre ao nascente: passa pelo Arraial de Santo Antônio das Queimadas, pela vila, e arraial do seu nome, e deságua quatro léguas ao sudoeste de Rio-Real.

A sua barra é perigosa; dentro dela há uma baía: a navegação é curta, e só para barcos: as terras adjacentes são quase sempre agrestes, servindo só para criação de gado vacum.

O Rio Jaguaripe, que principia na borda da estrada de Minas, obra de onze léguas ao poente da Vila da Cachoeira, no sítio do Curralinho, deságua na barra-falsa, e dá navegação a grandes barcos por espaço de sete léguas.

O Rio Paraguaçu principia na vizinhança da Serra da Chapada, termo da Vila de Rio de Contas, a central. A Ribeira Cocho, e.a Encantada, que sai da lagoa deste nome por causa duma ilha nadante, que nela há são os seus primeiros confluentes pela margem esquerda: o Paraguaçuzinho é o primeiro, que o engrossa pela direita. O maior dos que se lhe unem pelo lado esquerdo, é o Andraí, que vem das vizinhanças da Serra do Orobó. Não muito longe da foz deste rio entra no Paraguaçu uma ribeira, que pouco antes acaba de renascer, havendo-se escondido algumas milhas acima por baixo dum terreno sólido. Obra de doze léguas abaixo da grande cachoeira, que forma ao atravessar a Serra do Cincurá, se lhe encorpora pela direita o Rio Una, único abundante dos que se lhe juntam por este lado, e cujas águas anegradas fazem mudar de cor as destoutro, que sendo até aqui cristalinas, tornam-se um pouco alambreadas. O Rio Capibari, e o do Peixe unem-se-lhe pela esquerda; como também o Jacuípe, que principia no distrito da Jacobina. Três para quatro léguas acima da derradeira confluência fica a cachoeira da Timbora, menor que a do Cincurá. Passa pelas vilas da Cachoeira, e Maragogipe, e deságua mui largo no meio do lado ocidental da Baía de Todos os Santos. Suas águas são excelentes; mas não devem ser bebidas antes de vinte e quatro horas depois de tomadas. Os moradores das suas adjacências centrais são freqüentemente atacados de febres, a que nem sempre resistem.

O Rio Serigi ou Serzipe nasce nos campos da Cachoeira, recolhe pela esquerda o Subaé, que lhe é igual; e obra de quatro léguas depois deságua na extremidade da Baía de Todos os Santos defronte da Ilha Cajaíba. Poderá ter sete léguas de curso: a maré sobe por ele três léguas e meia: daqui para riba é uma ribeira vadeável.

Poucas milhas ao poente do Serigi deságua o Rio Sararaí, por outro nome Açu ou Acupe, que fica sendo um ribeiro em se acabando a maré.

Quase no meio do lado oriental (da mesma baía) deságua o Pirajá.

Perto da extremidade do mesmo lado oriental, defronte da Ilha de Maré sai o Matuin, que tem uma formosa baía dentro da barra.

O Pitanga, e o Paranámirim deságuam no fundo da baía, o primeiro defronte da mencionada Ilha de Maré, o derradeiro em frente da das Fontes. Posto que Rocha Pita lhes dê o epíteto de caudalosos, nenhum passa de pequena ribeira; e só parecem rios no curto espaço que a maré sobe por eles. Em todos entram barcos; de todos saem caixas de açúcar para a capital.

Vilas

- Abadia
- Abrantes
- Água Fria
- Santo Amaro
- São Francisco
- Jaguaripe
- Inhambupe
- João Amaro
- Itapicuru
- Maragogipe
- Cachoeira
- Mirandela
- Pedra Branca
- Pombal
- São Salvador
- Soire
- Vila do Conde

São Salvador, Soterópolis, mais conhecida pelo nome de Bahia, situada no lado oriental e perto da entrada da Baía de Todos os Santos é cidade arquiepiscopal e uma das maiores, das mais comerciantes e florescentes da América; foi por mais de dois séculos a residência dos governadores-gerais do Estado.[11] Tem uma légua de comprimento norte-sul, incluindo o subúrbio da Vitória na extremidade meridional, e o do Bonfim, na setentrional; e está repartida em duas partes mui desiguais, Alta e Baixa, ambas sem regularidade.

A Baixa e menor chamada Praia, por estar ao longo dela, não tem mais que uma rua em quase todo o seu comprimento, quase no meio do qual tem cinco, que não excedem a duzentos e cinqüenta passos de extensão. Aqui é onde estão as lojas dos mercadores, onde gira o comércio, para o qual há muitos armazéns de grande capacidade denominados Trapiches, 'onde se deposita o açúcar, tabaco, algodão, e outros objetos de exportação; e um depósito geral das farinhas, grãos, e legumes, denominado Tulhas, onde se distribuem ao povo. Os habitadores deste bairro estão repartidos em duas freguesias, cujas matrizes ambas são dedicadas a Nossa Senhora com os títulos do Pilar, e da Conceição: a derradeira é magnífica com ambas as faces de cantaria européia, e tem uma rica alfaia. Junto dela está o estaleiro, e o arsenal da Real Marinha.

A Cidade Alta ocupa um terreno levantado, que parece planura a quem olha do porto, para onde ambas mostram um aspecto aprazível; mas grande parte das ruas são esconsas; o que faz serem numerosíssimas as cadeirinhas; e tem vales, e vácuos com hortas ou quintais, e árvores, cuja eterna verdura recreia a vista. O povo, que a habita, forma seis freguesias. Além das igrejas paroquiais, quais são a de Nossa Senhora da Vitória, a de S. Pedro, a de Sant'Ana, a de **Sto.** Antônio, a do SS. Sacramento ou do Passo, e a de S. Salvador, que é a catedral, tem casa de misericórdia com seu hospital para curativo dos pobres, um recolhimento para órfãs brancas, e vários capelães que rezam diariamente as Horas-Canônicas no coro da igreja; e grande número de capelas, das quais algumas são magníficas: a de São Pedro tem vários capelães que rezam nela cotidianamente o Ofício Divino.

Há nesta cidade um convento de Carmelitas Descalços, outro de Calçados, outro de Beneditinos, outro de Franciscanos, que é o mais suntuoso; um hispício

.11 Todos os sucessores de Tome de Sousa tiveram o titulo de Governador-Geral do Estado até o ano de mil setecentos e sessenta e três quando o título de vice-rei, de que muitos gozavam desde o Marquês de Montalvao até o mencionado ano, foi transferido aos governadores do Rio de Janeiro, ficando extinto o primeiro titulo de Governador Geral do Estado.

de esmoleres da Terra Santa, outro de agostinhos descalços, outro de carmelitas calçados, outro de beneditinos, outro de franciscanos, outro de barbadinhos italianos: quatro conventos de freiras; dois recolhimentos mais: quatro ordens Terceiras, a de S. Domingos, a de S. Francisco, a do Carmo, e a da SS. Trindade. Os jesuítas tinham no melhor sítio um magnífico colégio (cuja igreja é de cantaria européia por ambas as faces) convertido hoje em hospital da tropa, com uma capela no interior ornada de muitos painéis, que representam a vida de S. Estanislau Kosca; e Aula de Cirurgia.

A casaria é sólida, e em grande parte nobre: o palácio dos governadores um edifício ilustre com um lado sobranceiro ao porto, e Cidade Baixa, e a frente para a Praça da Parada, cujo lado oriental é formado pela casa da câmara: o arquiepiscopal tem dois andares com um dos lados para o mar, e um passadiço para a catedral, onde nada há de notável mais que a capacidade da sua única nave. O cabido consta de dezoito canonicatos.

Tem casa de moeda; um intendente da marinha, outro do ouro, uma relação civil presidida pelo governador;[12] outra eclesiástica: um tribunal com o título de Junta da Fazenda Real, composto de cinco deputados, o chanceler da relação, o intendente da marinha, o procurador da Coroa, o tesoureiro, o escrivão, e presidido também pelo governador: outro chamado Mesa de Inspeção, respectivo ao comércio, e agricultura com igual número de deputados, dois negociantes, dois lavradores de tabaco, outro de açúcar, o secretário, e presidido pelo intendente do ouro: oito cadeiras regias; de Filosofia, Retórica, Matemática, Língua Grega com outras tantas de Latim: uma biblioteca pública na sala do colégio ex-jesuí-tico, que servia no mesmo mister no tempo dos fundadores; uma tipografia; uma fábrica de vidro: um seminário intitulado de Meninos Órfãos.

Vários fortes defendem esta cidade pelo lado do mar; entre os quais se nota o de S. Marcelo, de figura circular, com duas baterias, situado no centro do surgidouro: pela parte de terra tem uma lagoa extensa, e profunda, que por bom espaço lhe serve de fosso, chamada o Dique e onde há muitos jacarés.

Esta cidade, (na qual se nota falta de bons cais e de chafarizes ou fontes com elegância notável), foi tomada pelos holandeses em mil seiscentos e vinte e quatro, e canhoneada pelos mesmos em seiscentos e trinta e seis.

No seu subúrbio para o nascente está o Hospital dos Lazarentos, que fora casa de recreio dos jesuítas; e onde se observa a mais rica plantação das pimenteiras do Malabar, que há no Estado.

O mencionado subúrbio do Bonfim tomou o nome de uma capela desta invocação, assentada em sítio vistoso, e deleitável; e mui freqüentada nas sextas-feiras. Perto de meia légua para leste está a Freguesia de N. Senhora da Penha, na extremidade de uma península, onde os arcebispos têm uma casa de campo, e onde há estaleiros para construção de navios grandes. Tapagipe é o nome deste sítio, onde os coqueiros são assaz multiplicados.

No subúrbio da Vitória está o mencionado hospício dos beneditinos, em cuja igreja, dedicada a N. Senhora da Graça, há uma campa com este epitáfio: Sepultura de D. Catarina Álvares, Senhora desta capitania da Bahia, a qual ela, e seu marido Diogo Álvares Correia, natural de Viana, deram aos Senhores Reis de Portugal: Fez, e deu esta capela ao Patriarca S. Bento. Ano de 1582.[13]

12 A relação desta cidade foi criada por D. Filipe I em níSl seiscentos e nove': e tendo sido abolida por D. Filipe II, foi restabelecida por D. João IV em seiscentos e cinqüenta e dois.

13 Nao falta quem qualifique de ridículo este epitáfio; porque nao se tendo encontrado em todo o Brasil um *cacicato* hereditário, como podia D. Catarina Alvares, sendo mulher, herdar o terreno, ao qual nenhum de seus Irmãos, no caso de os ter, podia alegar direito? Mais: É cons tante, que nesta capitania havia grande número de *cacicatos* geralmente independentes, a nenhum de cujos territórios o pai de D. Catarina tinha Jus algum.

Na Cidade Alta nota-se o passeio público com um mlradouro em forma de varanda, donde se avista quase toda a enaeada; e Junto dele uma pirâmide de mármore europeu levantada em memória da entrada, que a Real Família Fldelísslma fez neste porto indo para o Rio de Janeiro em mil oitocentos e oito.

Àbrantes, que fica pouco mais duma milha arredada da margem esquerda do Rio de Joanes, obra duma légua longe do mar, e sete ao nordeste da capital, é ainda vila pequena; e tem uma igreja matriz da Invocação do Espírito Santo. Seus habitantes, ainda na maior parte índios, para cujos avós foi fundada, são cultivadores de mandioca, e doutros mantimentos; e freqüentam a pescaria, e a caça.

Água Fria fica vinte e seis léguas ao norte da capital: é vila pequena, e sem vantagens que a façam crescer: tem uma boa igreja paroquial dedicada a S. João Batista. No seu termo, onde há várias ermidas, cultiva-se tabaco, mandioca, e canas-de-açúcar; e cria-se gado vacum.

Itapicuru é vila pequena em distância de vinte duas léguas longe do mar, e pouco mais duma milha afastada da margem esquerda do rio que lhe empresta o nome. A sua matriz é da invocação de Nossa Senhora de Nazaré; gado a riqueza de seus habitadores: nada lhe promete aumento considerável, sendo o rio inavegável, e o terreno agreste.

Itapicuru-Grande é um arraial considerável, e florescente, ornado com uma igreja paroquial de Nossa Senhora do Rosário, situado na margem direita, e obra de dez léguas acima da foz do mesmo nome. Gado, e algodão fazem a riqueza do povo, que o habita.

Pombal, primeiramente Canabraba, fundada para habitação de índios cristianizados pelos jesuítas, fica cinco léguas arredada do Rio Itapicuru, num terreno apropriado para diversas produções. Santa Teresa é a padroeira da matriz que a orna.

Soire, anteriormente Natuba, fica duas léguas afastada da margem direita do Rio Itapicuru, e nove longe da vila do mesmo nome para o poente. A sua matriz é dedicada a Nossa Senhora da Conceição. O povo, que a habita, compõe-se de brancos, índios cultivadores de víveres, e algodão.

Puxando para o sertão está o considerável Arraial de Santo Antônio das Queimadas situado ao longo sobre a margem do Itapicuru com uma capela da mesma invocação: Seus habitantes são criadores de gado.

Tucano, paróquia, e julgado com uma igreja de SanfAna fica duas léguas arredado do Rio Itapicuru.

Mirandela, anteriormente Saco dos Morcegos, fica cinco léguas arredada de Pombal, e tem uma igreja paroquial dedicada à Ascenção do Senhor: o povo, que a habita, recolhe suficiência dos víveres do país.

Abadia, vila medíocre sobre a margem do Ariquitiba, derradeiro tributário do Rio-Real, cinco léguas longe do mar, tem um porto, onde chegam sumacas, que exportam açúcar, algodão, tabaco, e muita farinha, riquezas de seus habitadores que são brancos, e índios.

Inhambupe, situada obra de doze léguas acima da embocadura, e pouco arredada da margem direita do rio deste nome, tem uma igreja paroquial da invocação do Espírito Santo num teso com espaçosa vista; e no seu termo uma Capela de Santo Antônio, e duas de Nossa Senhora com os títulos da Conceição, e dos Prazeres. Seus habitadores são de diversificadas compleições, e cultivam muito, e bom tabaco, e mantimentos.

Vila do Conde, situada na embocadura do Rio Inhambupe, é das mais abastadas; a matriz, que -a orna, dedicada a Nossa Senhora do Monte; e seus habitantes de todas as cores; e recolhem farinha, e os outros víveres do território com algum açúcar, sendo o tabaco a sua riqueza; e freqüentam a pescaria.

A Vila de São Francisco, sendo uma das mais antigas da província, é ainda pequena com muitos edifícios de pedra. Tem uma igreja paroquial dedicada a S. Gonçalo d'Amarante, e um convento de franciscanos. Fica nove léguas ao noroeste da capital junto à embocadura do Rio Serzipe em sítio pouco levantado, e com grande vista de mar. Seus habitantes são incomodados dos mosquitos, e

seu vasto termo povoado dum grande número de engenhos de açúcar, de cujas canas dá extensas plantações, em razão de lhe ser mui apropriado o terreno.

Santo Amaro, vila grande, e florescente, situada ao longo da margem direita do Rio Serzipe, três léguas e meia acima da sua embocadura, obra de meia abaixo da do Subaé, e pouco mais de doze ao noroeste da capital, tem uma igreja paroquial de Nossa Senhora da Purificação, uma Ermida de S. Brás, outra de S. Gonçalo, e quatro de N. Senhora com os títulos do Amparo, Conceição, Rosário, e Humildes; bons edifícios, grande número de alambiques, as ruas principais calçadas, e uma ponte ainda de madeira sobre o rio, que a lava. É rodeada de colinas, e só se avista de perto. O Senado é presidido por um Juiz de Fora, que também preside ao da Vila de S. Francisco. Para instrução da mocidade há mestres de Primeiras Letras, e Latim com honorários régios. A maré não sobe daqui para cima. O seu porto está no princípio da vila. Exporta-se daqui grande quantidade de açúcar, tabaco, aguardente, e algum algodão. No seu termo há muitos engenhos de açúcar. A comunicação com a capital é fácil; de ordinário na mesma maré com que se solta duma se chega à outra.

Duas léguas ao nor-noroeste está a Freguesia de São Gonçalo dos Campos, cujos paroquianos são geralmente lavradores de tabaco.

Maragogipe, vila considerável, e vantajosamente situada junto à margem esquerda do Rio Guaí, uma milha acima da sua confluência com o Paraguaçu, ornada com uma igreja paroquial de S. Bartolomeu, e quatro capelas, todas dedicadas a Nossa Senhora com as invocações de Nazaré, dos Mares, da Lapa do Saboeiro, e da Lapa do Monte. Tem cadeiras regias de Primeiras Letras, e Latim, e Juiz de Fora; um chafariz de boa água, e boas casas. É rodeada de montes. Exporta-se daqui farinha, açúcar, e tabaco.

Na vizinhança desta vila há bolo-armênio, e antimônio. O Rio Guaí, que traz as águas do Capanema, é navegável por espaço de três léguas; e o Paraguaçu tem neste lugar mais de meia légua de largura, e mete um braço para o nordeste até o centro do célebre Vale de Iguape, que poderá ter légua e meia de comprido com largura nem sempre proporcionada em planície, coberto de plantações de canas-de-açúcar, para cuja cultura é sem contradição o terreno mais apropriado que se conhece, sendo de massapé ou terra negra e forte, que é a melhor para estes vegetais; o que faz haver neste curto espaço quinze engenhos, cujos proprietários são paroquianos da Freguesia de Santiago, cuja matriz fica pouco arredada da margem esquerda do Paraguaçu, sobre a qual, e em pouca distância há um convento, e casa de noviciado de franciscanos.

Cachoeira, vila grande, florescente, e comerciante, repartida pelo Rio Paraguaçu em duas partes assaz desiguais: A maior, que fica ao longo da margem esquerda, tem uma igreja paroquial dedicada a Nossa Senhora do Rosário, um convento de carmelitas calçados, uma ordem terceira subordinada aos mesmos, uma capela de Nossa Senhora da Conceição, outra de S. Pedro, um hospital de S. João de Deus, um chafariz, três pequenas pontes de pedra sobre duas ribeiras que a atravessam, a da Pitanga, e Caquende ou Faleira; cada uma das quais faz moer seu engenho de açúcar, e nenhuma tem uma légua de curso. Nela está também a casa da câmara.

A parte ocidental é atravessada por dois regatos a qual mais pobre, e tem duas igrejas dedicadas uma ao Menino Deus, outra a S. Felis, da qual o bairro toma o nome.[14]

Ambos os bairros crescem: em ambos os edifícios são de pedra, e de tijolo, e as ruas calçadas. Aqui se ajunta, e embarca a maior parte do tabaco, e algodão que se exporta da capital. Tem Juiz de Fora, e aulas regias de Primeiras Letras, e Latim. Grande parte de seus habitantes são incomodados com as maiores

14 Em mil oitocentos e quatro tinha esta vila mil e oitenta e oito fogos: oitocentos e noventa e quatro no bairro oriental, e cento e noventa e quatro no ocidental.

cheias. A maré sobe pouco mais de meia légua para cima da vila, em cuja extremidade o rio, que corre aqui nor-noroeste sus-sueste por entre grandes ladeiras, e tem obra de oitenta braças de largo, e uma ponte de madeira, começa a ter recifes que formam correntezas com pouco fundo, e impedem a navegação. Fica obra de quatro léguas acima de Maragogipe, e pouco mais a oes-sudoeste de Santo Amaro.[15]

Obra duma légua ao nor-nordeste, ou com pouca diferença, está a Aldeia de Belém, assim chamada da invocação duma capela, que nela há, resto dum seminário, que os jesuítas ali possuíram; e pouco mais de légua e meia ao norte fica a Serra da Conceição, monte menos alto do que parece, por estar assentado numa planície, e poderá ter sete ou oito milhas de circuito. Os estouros, que nele se ouvem às vezes, indicam conter minerais.

Perto duma légua ao sudoeste da cachoeira está o Arraial, e Freguesia da Muritiba em sítio plano, aprazível, e lavado de ares saudáveis com boas águas, e terreno fértil, e apropriado para a planta do tabaco, cafezeiros, laranjeiras, e jaqueiras que são assaz multiplicadas. Foi noutro tempo povoação considerável, e florescente. Além da igreja paroquial dedicada ao Príncipe dos Apóstolos tem outra de Nossa Senhora do Rosário, ambas feitas de pedra. As casas são chãs, e de adobe.

A jarrinha ou mil-homens é aqui mui comum; e o anil rico, aqui só conhecido pelo nome de língua de galinha, cresce espontaneamente por entre as outras plantas silvestres até dois pés de altura. Todos os paroquianos desta freguesia são lavradores de tabaco.

Cinco léguas ao poente da Muritiba está a Serra do Aporá, montanha de boa altura com mais de doze milhas de circuito junto à estrada do sertão; e na sua vizinhança uma Ermida de São José: e obra de quatro léguas mais para o poente está o pequeno, e alegre Arraial do Jenipapo com uma capela de pedra dedicada a S. José na borda da mesma estrada. Um lago serve de fonte a todos os viventes. Com o tempo há de ser uma freguesia.

Jaguaripe é vila medíocre, vistosamente situada sobre a direita, e perto de duas léguas arriba da embocadura do rio do mesmo nome, e pouco menos de duas milhas acima da confluência do Caipe, que lhe passa pouco arredado pela banda do sul. Tem uma igreja paroquial da invocação de Nossa Senhora da Ajuda, casas chãs, e ruas calçadas de tijolo; mestres régios de Primeiras Letras, e Latim; e Juiz de Fora, que é o mesmo de Maragogipe. Seus habitantes são quase todos oleiros.

Obra de quatro léguas acima de Jaguaripe, ao longo da margem esquerda do mesmo rio está a considerável, florescente, e abastada Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré, à qual um monte não deixa crescer mais senão pela sua encosta acima. Grandes barcos chegam aqui com a maré, e exportam muita farinha, e outros víveres para a capital.

As margens do Jaguaripe em todo este intervalo são povoadas de olarias, que fornecem um grosso ramo de comércio.

A chamada Vila de João Amaro não passa duma pequena aldeia com casas de madeira, e cobertas de feno; mas bem situada junto à margem do Rio Paraguaçu, e na estrada do sertão, obra de quarenta léguas ao poente da Muritiba. Tem uma capela de Santo Antônio, feita de pedra, e coberta de telha, que servia de matriz enquanto as febres não fizeram retirar seus primeiros habitantes. O Senhor Dom Pedro Segundo, (sendo ainda Regente) deu ao paulista João Amaro, licença para fundá-la, e juntamente o senhorio dela em prêmio de ter conquistado os índios da convizinhança, que naquele tempo desciam à praia do mar, e assolavam as lavouras dos moradores de Cairu.

15 Obra de duas milhas a leste desta vila se achou um pedaço de cobre nativo, que pesa cinqüenta e duas arrobas, e dois arratéls, e se conserva no Real Museu de Lisboa.

A Vila da Pedra Branca é uma aldeia de índios situada numa chapada sobre a serra do mesmo nome, obra de cinco léguas ao oes-sudoeste do Arraial do Jenipapo. As casas são de madeira, e cobertas de palmas; a igreja dedicada a Nossa Senhora de Nazaré, é feita de adobes, e coberta de telha. Teve princípio pelos anos de mil setecentos e quarenta para habitação de duas tribos indígenas, sendo uma de caririis. É rodeada de grandes matos: as formigas multiplicam-se sobremaneira onde quer que se faz algum roçado.

COMARCA DA JACOBINA

A Comarca da Jacobina, que toma o nome da sua cabeça, compreende toda a parte ocidental da província. A maior parte consta de Catingas, e charnecas áridas, e insusceptiveis de gênero algum de agricultura, servindo só para criar gado: as serras de elevação considerável são raras, e as matas só onde o terreno é gordo, e de substância; nelas se fazem as lavouras da mandioca, milho, canas-de-açúcar, legumes, hortaliças, e os algodoais.

É natural que pela sua extensão venha a ser repartida em duas, quando a multiplicação dos povoadores tiver multiplicado as povoações, ficando a Vila de Rio de Contas cabeça da comarca futura.

Para melhor percepção da topografia do país consideremo-lo como dividido em duas partes iguais; ou em dois distritos, o da Jacobina ao setentrião, e o de Rio de Contas ao meio-dia.

MINERALOGIA — Tem ouro, cobre, ferro, e também prata, segundo contam: salitre, sal-gema, tabatinga, cristais, pedra de cal, de amolar, e granito.

MONTES — A Serra das Almas, que por espaço considerável divide a província da de Minas Gerais; a de Vila Velha próxima à Vila de Rio de Cdntas; a do Pinga poucas léguas ao poente daquela, e cuja porção mais alta se denomina Morro das Almas, que se avista de muito longe, e está freqüentemente coberta de névoa: nela têm princípio várias torrentes, que tomam diferentes rumos.

A de Catulés, que principiando poucas léguas ao norte da do Pinga, se estende ao noroeste por espaço de treze ou catorze a terminar na distância de oito, e à vista da Vila do Urubu.

. A de Montes-Altos, que é abundante de salitre, prolongada norte-sul em distância de doze léguas do Rio de S. Francisco.

A Serra do Cincurá, que é um ramo da dos Aimorés, estende-se quase à extremidade setentrional da província, quebrando de todo em várias partes, e servindo de limites ao inverno do Beira-mar, quando este é chuvoso.

No distrito da Jacobina notam-se: o Morro do Chapéu, assim chamado em razão da semelhança que tem com o objeto, que lhe fez dar o nome.

A Serra da Tiuba, que tem ouro, e em cuja sumidade se sente frio; em partes de rochedos, noutras com matas, e habitada de muitos moradores. Há nela uma Ermida de S. Gonçalo de Amarante.

A Serra do Paulista; de cuja sumidade se descobre uma vastíssima planície para o nascente.

A Serra da Borracha, por outro nome Muribeca, onde se diz que há abundância de cobre, e também alguma prata; e fica nas vizinhanças da Cachoeira de Paulo Afonso.

A cSerra do Riachinho, que é uma porção da do Cincurá: quem vem do Rio São Francisco pela estrada do Joazeiro no verão, passando esta serra acha logo pastagens para os animais da banda do nascente.

Monte-Santo, ao qual uma ermida nele edifiçada fez dar este nome, tem pedra calcárea. Na sua proximidade achou-se um grande penedo quase todo ferro. Fica mais de vinte léguas ao noroeste de Vilanova. A Serra Branca com

um olho d'água no cimo; a do Godobrado tem ouro; e é povoada, por matas, e vários riachos: a do Orobó, e da Piedade, a da Mangabeira, com grandes matas, e plantações; a do Boqueirão na vizinhança do Rio Verde.

Rios — O Paramirim, que não é considerável, nem perene, sai do Morro das Almas, corre ao noroeste, e deságua no de São Francisco doze léguas abaixo do Arraial do Bom-Jardim junto a um morro, onde há pedras de amolar. Pouco abaixo da sua origem passa junto duma lagoa grande, e profunda, com a qual tem comunicação, e lhe deixa muito peixe no tempo das cheias.

O Rio das Rãs vem de Montes Altos, e entra no de São Francisco nove léguas acima da Capela do Bom Jesus da Lapa.

Rio de Contas nasce na Serra da Tromba, obra de oito léguas ao noroeste da vila do seu nome, e da qual passa afastado cinco fazendo caminho de leste ou com pouca diferença: depois de grande espaço recolhe pela direita o Bru-mado, por outro nome Rio de Contas Pequeno, que sai do Morro das Almas, corre junto da mesma vila, e meia légua abaixo dela forma uma vistosa cachoeira. Seis léguas abaixo desta confluência se lhe une pelo mesmo lado o Rio Gavião, que vem do Morro do Chapéu, porção da mencionada Serra das Almas, e traz consigo o Rio do Antônio. Outras seis léguas mais abaixo se lhe incorpora pela margem esquerda o considerável Rio Cincurá, que nasce na serra do mesmo nome. Já mencionamos os que se lhe juntam, quando atravessa a Comarca dos Ilhéus, onde sai ao Oceano.

O Paraguaçuzinho, o Una, e o Andraí confluentes do Paraguaçu são deste distrito, como dissemos.

No Distrito da Jacobina, além dos que formam o Itapicuru, que sai na costa da Bahia, como se disse, nota-se o Jacuípe, que principia junto ao Morro do Chapéu, e deságua no Paraguaçu obra de quatro léguas acima da Vila da Cachoeira. Nas suas adjacências cria-se gado, e mais para baixo, cultivam-se mantimentos, e tabaco.

O Rio Verde, que é de água salobre, corre contra o setentrião, e deságua no de São Francisco junto à passagem do Pilão-Arcado, depois de ter atravessado um extenso terreno, agreste, e povoado de gado vacum.

FITOLOGIA — Onde quer que há matas, encontra-se variedade de madeira de construção, da qual pouca se aproveita por falta de maior população. O pau chamado sebastião-de-arruda é comum em muitos sítios. Das írutas silvestres as jabuticabeiras, que só se encontram em matas, e os ambus que duram muito tempo, e só se acham nos agrestes ou catingas, são as mais estimadas.

ZOOLOGIA — Entre os animais selváticos as antas, as onças, os porcos, e os veados são as espécies mais multiplicadas, e perseguidas pelos caçadores.

Por toda a parte se cria gado vacum, que seria mais que suficiente parft o consumo de toda a província, se houvesse inverno, e as trovoadas fossem regulares no verão. Já dissemos que os invernos do Beira-mar não se estendem a mais de trinta léguas para o interior do continente, onde só chove havendo trovoadas, e proporcionadamente a elas; as quais de ordinário não são abundantes; e às vezes quase falham de todo em partes do norte. O sol duas vezes vertical sobre cada lugar deixa a terra como calcinada; chovendo, o chão cobre-se de erva em poucas semanas, e o gado engorda; mas logo que a seca aperta, a verdura desaparece, e os animais só pastam a rama dos arbustos que a conservam, e vão tenteando, tendo água: se os tanques, que as trovoadas encheram, e as torrentes secam, há mortandades. As ovelhas, e as cabras, que vão pastar, e procuram à noite, sem pastor, a casa de seu dono, são poucas por toda a parte, e quase consideradas como criaturas inúteis; porque ainda dominam preocupações nascidas no país, e que hão-de ser abolidas com o tempo, que também há de fazer multiplicar as mesmas espécies.

Em vários sítios do Distrito de Rio de Contas têm-se achado ossos daquela volumosíssima alimária, que já não vivia, quando os conquistadores entraram na

Vilas
- Jacobina
- Vilanova da Rainha
- Rio de Contas
- Vilanova do Príncipe
- Urubu

província.

Jacobina, vila considerável, e residência ordinária do Ouvidor da Comarca, situada junto à margem esquerda do Itapicuru meridional, três milhas abaixo duma lagoa, onde engrossa, foi criada em mil setecentos e vinte três, reinando el-Rei D. João Quinto; e consta duma grande, e vistosa rua, e outras pequenas, todas de casas chãs, quase geralmente de pedra, e alveadas com tabatinga, que há na sua vizinhança. É atravessada por uma ribeira, denominada Rio do Ouro, que se passa por uma ponte. Além da igreja paroquial, cujo padroeiro é Santo Antônio, tem duas ermidas dedicadas uma ao Bom-Jesus, outra a Nossa Senhora do Rosário. Tem mestre régio de Latim, e teve casa de fundição enquanto as minerações floresceram.

Nos seus contornos cria-se gado vacum, bons cavalos, porcos, ovelhas e cabras; cultivam-se canas-de-açúcar, algodão, excelente tabaco, trigo, milho, e legumes: há laranjas, uvas, e marmelos pequenos que são reduzidos a marmelada, de que se exportam caixotes. Muita gente ocupa-se em olaria.

Vilanova da Rainha, ainda pequena, e sem circunstâncias, que lhe prometem grande crescimento, fica pouco mais de vinte léguas ao norte da Jacobina, e uma arredada do Itapicuru-mirim. As casas são chãs, de pau a pique, e telhadas; a igreja ainda de adobe, e dedicada ao Senhor do Bonfim. Gado vacum, e algodão são as riquezas de seus habitantes, que recolhem também milho, arroz, feijão, farinha: ej:om as canas-de-açúcar conservam numerosas engenhocas para aguardente, e rapaduras. As laranjas, limas, jacas, mangas, bananas, e pinhas são bem conhecidas, como ainda as mangabas, e os ananases.

No seu termo há muitos cristais, e salitre.

Em distância de três léguas está o Arraial da Matriz-Velha, cuja igreja, dedicada a Santo Antônio, é a mais antiga da comarca: o vigário reside em Vilanova, e tem aqui um coadjutor.

Légua e meia arredada de Vilanova está a Paróquia da Missão do Saí, num sítio abundante dágua com grandes brejos, onde seus habitadores, geralmente índios, fazem diversificadas lavouras. Nossa Senhora das Neves é a sua padroeira.

Do Distrito da Jacobina são ainda o Arraial das Figuras, noutro tempo considerável, e florescente, hoje reduzido a pouca coisa; o da Saúde; o da Gameleira, com uma Ermida de Nossa Senhora da Graça junto ao Rio Jacuípe; o do Joazeiro, mais famoso, que considerável sobre a margem do Rio de S. Francisco, em uma das passagens mais freqüentadas da Bahia para o Piauí, ornado com uma Capela de Nossa Senhora das Grotas: Mais para cima, e também na margem do mesmo rio está a Freguesia de São João Batista, no sítio de Centocé, onde se faz muito sal: a de Santo Antônio de Pambú fica muito abaixo do mencionado Joazeiro: no seu distrito se nota a Cachoeira de Paulo Afonso no Rio de São Francisco, e o sítio chamado Primeiros Campos, onde há ricas minas de cobre; a do Bom-Jesus de Xiquexique, também na margem do Rio de São Francisco dezessete léguas acima da foz do Rio Verde.

Rio de Contas, vila considerável e famosa, na estrada da capital para Goiás, criada por el-Rei D. João Quinto no ano de mil setecentos e vinte e quatro em

razão do aumento, que tomava com as minerações do ouro, que uns paulistas ali tinham descoberto em setecentos e dezoito. Está numa planície lavada de ares salutíferos junto da margem esquerda do Rio Brumado. As casas são quase geralmente térreas, e de adobe, ou pau a pique sem regularidade, e branqueadas com tabatinga. A igreja paroquial é da invocação do Santíssimo Sacramento. Tem Juiz de Fora, e aula regia de Latim. Teve princípio duas léguas mais acima sobre a margem do mesmo rio, onde ainda existe a Capela de Nossa Senhora do Livramento. Seus habitantes, e os do seu vasto termo cultivam mandioca, milho, arroz, feijão, tabaco para consumo do país, e ainda canas-de-açúcar, que fazem haver alguns engenhos, e alambiques: Mas só são ricos os negociantes, os criadores de gado vacum, e os cultivadores do algodão, cuja cultura floresce pela

excelente qualidade da sua produção. Das frutas européias só aparecem os marmelos, pequenos, e insípidos, de que se faz boa quantidade de marmelada.[16]

No seu termo há várias capelas espalhadas, que pelo decurso do tempo serão paróquias: scilicet: a Ermida de Nossa Senhora Mãe dos Homens na Serra de Montes Altos; a de Nossa Senhora do Carmo no Arraial do Morro do Fogo; a do Senhor do Bonfim; a de S. Bernardo no Arraial da Furna; a de Nossa Senhora dos Remédios; a do Senhor Bom Jesus no arraial deste nome; a de Nossa Senhora do Bom-Sucesso no Arraial de Catulez; a de Santo Antônio de Mato Grosso, duas léguas afastada da Vila de Rio de Contas; é feita de pedra, e serviu de paróquia por alguns anos antes de fundar-se a mencionada de Nossa Senhora do Livramento.

Vilanova do Príncipe, anteriormente Caiteté, criada em mil oitocentos e dez, está num sítio lavado dos ventos junto à margem duma ribeira, que vai engrossar o Rio do Antônio, obra de dezesseis léguas ao oés-sudeste da de Rio de Contas. A sua igreja matriz é dedicada a Sant'Ana. Nos seus arredores cria-se muito gado vacum, e fazem-se grandes algodoais. No termo desta vila está a Capela de Nossa Senhora da Boa-Viagem.

Urubu, vila ainda pequena em uma vantajosa situação junto à margem do Rio de São Francisco, ornada com uma igreja matriz de pedra da invocação de Santo Antônio, e uma ermida começada de Nossa Senhora do Rosário. Seus habitadores bebem do rio, que os regala de pescado, criam gado vacum, e fazem plantações de canas-de-açúcar, e mantimentos nos fecundos brejais da sua vizinhança, onde não falta água. Fica vinte e oito léguas ao noroeste da de Rio de Contas.

Dez ou onze léguas ao norte, na margem do mesmo rio está o pequeno Arraial do Bom-Jardim, ornado com uma Ermida de Nossa Senhora do Bom-Sucesso. O povo, que a habita, cria gado, exerce a agricultura, e a pescaria.

Quatorze léguas arriba da Vila do Urubu está a famosa e célebre capela do Bom Jesus da Lapa, mas que não corresponde à idéia, que dela formam os leitores da sua descrição feita pela exageradora pena de Rocha Pita. É uma caverna vasta, obra da natureza com alguma forma de templo, em que foi convertida, na falda dum morro de penedia com uma milha de circuito sobre a margem do Rio de São Francisco. Tem seu capelão efetivo, e bom patrimônio. Junto dela há uma pequena povoação.

P. S. À vista da passagem de Antônio Herrera transcrita no princípio da descrição desta província, tinha eu dito na introdução, que em mil quinhentos e dez naufragara um navio português na entrada da Bahia de Todos os Santos; e que vinte e cinco anos depois ainda ali viviam com os índios nove marinheiros, resto dos que escaparam do infortúnio; bem que com alguma repugnância, em

16 O caminho mais curto da Vila de Rio de Contas para a Jacoblna é mui pouco freqüentado, e quase sempre por charnecas desabitadas à falta dágua, que nao se encontra em muitos dias de viagem, sendo preciso levá-la em borrachôes Os vlandantes querem que haja para cima de setenta- léguas; quiçá nao contariam quarenta, se tivesse caminho direto.

razão do Autor não dizer: onde hallaron noeve Portuguezes, que alii quedaron de un naufrágio, havia veynte y cinco anos: porque só assim se patenteava serem todos companheiros. O Autor diz que oito ficaram dum naufrágio, ao qual não data a época; mas não refere o motivo da ficada do mais versado na língua dos dos indígenas (que devemos crer era o Caramuru) enviado por João de Mori à Ilha Boipeba, contentando-se com dar-nos a entender, que ficara em mil quinhentos e dez.

Já o prelo trabalhava nesta Obra, quando um homem de Porto Seguro me asseverou haver em sua casa um MS. antigo, que conta, que Gaspar de Lemos, voltando dali, entrara no Rio dos Ilhéus, e na Bahia de Todos os Santos; e que saindo aqui em terra alguns marinheiros, foram sobressaltados pelos índios tão repentina e hostilmente, que Diogo Alves Correia, não tendo modo, ou tempo de embarcar-se com os companheiros, se escondera em parte, onde logo fora achado, e retido pelos bárbaros.

Sendo Diogo Alves Correia da equipagem de Gaspar de Lemos, engana-se Herrera a seu respeito em dez anos. Este escritor sem dúvida equivocou-se, atribuindo a Caramuru a época da ficada dos oito.

PROVÍNCIA DE SEREGIPE D'EL-REI

Esta província, cuja conquista e colonização foi começada no governo de Cristóvão de Barros, governador interino da Bahia, em mil quinhentos e noventa, por ordem que para isso tivera de el-Rei Filipe II, a requerimentos dos povos dentre Rio-Real, e Itapicuru, que viviam inquietados pelos indígenas deste país, e piratas franceses, que freqüentavam a costa em busca do pau-brasil, foi por largo tempo um distrito daqueloutro.

Passando pouco mais de um século, começou a ter ouvidores (pelos anos de mil seiscentos e noventa e seis) quando a sua diminuta povoação vivia como anarquicamente aterrada por certos magnates, que tendo aberto a porta da cadeia a uns facinorosos da sua facção, obrigavam o povo a não cumprir as ordens do Governador do Estado. Os régulos foram perseguidos até que obtiveram perdão do Soberano, com a condição de subjugarem os tupinambág do país, que não deixavam crescer a colônia; o que com efeito se conseguiu em parte. O resto foi reduzido ao depois por diligência dos missionários, e aldeado em diversos sítios, que se julgaram mais convenientes.

Tem vinte e seis léguas de costa, desde Rio-Real, que a divide da Província da Bahia, até o de São Francisco, que a separa da de Pernambuco; e perto de quarenta para o centro do continente, onde termina quase em ângulo no riacho do Xingo, que fica perto de duas léguas abaixo da Cachoeira de Paulo Afonso.

Podemos considerá-la como repartida em duas partes: oriental, e ocidental. O vulgo distingue a primeira, que tem dez ou doze léguas de largura, com o nome de matas, por causa dos seus grandes bosques; posto que já bem destroçados com as lavouras, principalmente das canas, e algodão; e a ocidental, que é muito maior, com a denominação de agrestes pela esterilidade do terreno, comumente pedregoso com poucas matas, ou territórios férteis, e mui falto dágua.

Os Agrestes, se excetuarmos alguns pedaços, principalmente na proximidade do Rio de São Francisco, onde quase que somente há povoações, não passando de poucas, e pequenas aldeias, depois de excetuarmos a Vila Propiá, e a Paróquia de São Pedro, são quase geralmente incultos, e só povoados de gado vacum, grande parte do qual padece fome, e sede, quando os invernos são escassos, e as trovoadas falham. No verão quase não se encontra um regato, ou fonte perene.

Na parte oriental, onde as chuvas são freqüentes, o terreno é em grande parte substancioso, e fecundo, e de um aspecto aprazível com os bosques, e lavouras.

MONTES — A face do país é quase geralmente baixa, e desigual. Em toda a província não há uma só serrania; nem também montanha de altura assaz considerável, ou que cause espectação: a da Itabaiana é a única notável: fica entre Rio-Real e Vaza-Barris, oito ou dez léguas distante da praia; e avista-se de muito longe de mar em fora. Na sua sumidade há uma lagoa, que nunca seca. Desta montanha, onde se sabe que há ouro, descem vários regatos dágua cristalina, parte dos quais se unem, e formam uma ribeira abundante, e vistosa.

Na parte ocidental nota-se a Serra Negra, pouco superior aos seus planos contornos; e a Serra da Tabanga, cuja base é banhada pelo Rio de São Francisco, com o qual se prolonga.

Rios, e Lagos — Rio-Real, ao qual dão quarenta léguas de curso, tem várias cachoeiras, e só é navegável até à primeira, que fica nove léguas distante do mar: deste lugar, onde chega a maré, para baixo é largo, profundo, e vistoso: para cima é pequeno, e seca nas suas cabeceiras. Deságua oito léguas ao nordeste do Itapicuru. Nas vizinhanças do mar recebe o Rio Saguim, o Guararema, e o Piauí todos pela esquerda.

O Rio Cotindiba ou Cotinguiba só é considerável por espaço de cinco, ou seis léguas que a maré sobe por ele, dando-lhe assaz de profundidade para sumacas, e muita largura: suas margens são cobertas de mangues, e na proximidade do mar de areia branca, e dum aspecto deleitável, ornadas com formosos coqueiros em partes. A maior parte do açúcar da província sai pela perigosíssima, e espantosa embocadura deste rio, que fica cinco léguas ao nordeste de Vaza-Barris.[1]

O Rio Seregipe, que deu nome à província, é mais caudaloso, e navegável por maior espaço que o Cotinguiba, com o qual corre quase paralelamente até se lhe unir pela margem esquerda duas léguas distantes do mar. No interior do país é pequeno.[2]

O Vaza-Barris, que vem de longe desaguar na famosa enseada do seu nome, sete léguas ao nordeste de Rio-Real, dá navegação a sumacas com o socorro da maré por espaço de vinte milhas. Irapiranga é o seu nome original.

O Japaratuba, menor que todos os precedentes, deságua por duas bocas sete léguas ao nordeste do Cotindiba, e outras tantas ao sudoeste do de São Francisco: Posto que a maré suba por ele muitas léguas, só dá navegação a canoas, em razão do pouco fundo que tem na entrada.

O Poxim, que nasce perto do Vaza-Barris, e deságua no Cotindiba junto ao mar, é navegável por canoas, que sobem com a maré muitas léguas.[3]

Na vizinhança do Rio de São Francisco há várias lagoas de grande extensão, em cujas margens se ajuntam numerosos bandos de aves paludais; como sejam colhereiras, jaburus, sabacus, carões, caraúnas, garças: no centro navegam grandes frotas de marrecas arerés, e paturés, que são menores. O mingua é uma espécie de mergulhão, que esconde o corpo debaixo da superfície dágua mostrando só a cabeça, e parte do seu extraordinário pescoço, parecendo uma cobra.

Mineralogia — Pederneiras, tabatinga, pedra de cal, de amolar, uma pedra negra ferruginosa, que depois de moída fica excelente areia; ouro, sal marinho, cristais, lousas, e pedra azul.

Zoologia — Criam-se todos os animais domésticos, e selváticos das províncias vizinhas: as antas são raras; as onças já quase não aparecem na parte oriental; os veados são numerosos; as guaribas vermelhas: por toda a parte há grande quantidade de abelhas de várias castas. Havendo muitos tatus-bolas sobre a margem esquerda do Rio de São Francisco, tem-se observado por várias vezes, que sendo trazidos para a direita, ou morrem logo, ou não multiplicam. O martim-pescador tem a grandeza do melro, cabeça negra, uma coleira branca, bico um pouco longo, barriga branca, costas azuis. No Rio de São Francisco há uma casta de gavião pescador, que mergulha para surpreender o peixe, que vê do alto; mas quando a presa é de peso superior às suas forças, ele morre

1Nao parece crivei que este rio fosse descoberto pela embocadura: defronte dela há um pracel vasto, quase todo submergido com muitos pedaços descobertos no balxamar; e sobre o qual floreia o mar com o horroroso estampido ainda na maior bonança: pelo melo desta furiosa arrebentação há um canal estreito, e tortuoso, e só com fundo para sumacas, só práticos podem acertar com ele vindo de mar em fora, para entrar no rio, que fica escondido por detrás deste medonho, e fatal balxio.

2*Serigp* é o seu original, e verdadeiro nome. o qual conservou até á praia do mar por largos anos depois de conquistada o pais.

3Na parte ocidental há o pequeno Rio Jacaré, que vem da Serra Negra com dez léguas de curso entrar no de S&o Francisco, obra de dez milhas abaixo da Aldeia do Canindé: só é corrente enquanto chove; depois de seco conserva poços dágua doce em certos sítios, em outros dela salobre que se converte em sal branco.

afogado, não sabendo desgarrar-se. O peru-do-mato é aqui muito comum, como também o pequeno pavão, que em outra parte descrevemos.[4]

FITOLOGIA — Entre outras árvores, que dão madeira para a construção, e marcenaria, nota-se a sucupira, pau-ferro, cedro, sapucaia, jequitibá, uruçuca, batinga branca, e vermelha, não passando da cor do buxo; conduru, garauno, quiri, itapicuru, pau-sangire, jucirana, vinhático, ejetai, gonçalo-alves, putumuju macho, e fêmea; arapiraca, pau-d'arco, jenipapeiro, aroeira, biriba, de cuja casca se faz estopa para calafetar. Entre as plantas medicinais há ipecacuanha, alcaçuz, peroba, quina da terra, laranjeira da terra, canafístula, e sanguinária.

O desmazelo Ifaz que por toda a parte as laranjeiras, e outras árvores frutíferas sejam ou poucas, ou nenhumas. A baunilha cria-se espontaneamente sem que ninguém ainda se anime a cultivar este utilíssimo vegetal, que podia manter muita gente. O cacauzeiro é aqui desconhecido, sendo o terreno, ao menos aparentemente, para ele apropriado: este arbusto prospera até o trópico. Os cafezeiros, que tanto lucro dão aos seus cultivadores nas províncias da Bahia, e Rio de Janeiro, em poucas partes desta são ainda conhecidos, e sempre em pequena quantidade.

Nas margens do Rio de São Francisco há uma árvore, a cujo nome primitivo, que eu não pude saber, substituíram injustamente os filhos dos conquistadores o de maçanzeira: as maiores não excedem a grandeza das laranjeiras; e geralmente têm muitos troncos juntos, e poucos altos: a folha é maior que a do limoeiro, grossa, e elíptica, lisa, e dum verde escuro. Em uma mesma árvore há frutos com forma de pera, limão, e de figo; mas pela maior parte, e principalmente os maiores têm a figura de tomates grandes: a casca sarabulhenta, e tenra; a polpa amarelada, de gosto insípido, amargo, e cheiro de marmelo. Os pequenos têm um caroço oval; os maiores até quatro e mais com forma de dente de alho, casca dura, e delicada; a amêndoa alva, e amargosa. Ninguém come esta fruta; mas faz-se dela excelente doce, como marmelada. Esta árvore, que em terreno seco nunca passa de arbusto, carrega sempre muito; e os pombos torquazes, como também os cagados do campo engordam com os caroços, depois que as frutas apodrecem no chão.

O terreno na parte oriental é apropriado em grande parte para mandioca, milho, feijão, algodão, tabaco, canas-de-açucar, do qual há acima (dizem) de trezentos engenhos; e tais são os objetos de exportação com coirama, pederneiras, pedras de amolar, gado vacum, cavalar, porcos, e ticum. Este objeto podia ser lucrosíssimo.

Há nesta mesma parte grandiosíssimas extensões de terreno coberto quase unicamente de canas, bastas, pouco grossas, de folha curta, e que não excede a largura do trigo, armadas de estrepes nos nós. Nenhum quadrúpede se atreve a entrar nestes canaviais. Todo o mundo se alumia com azeite de mamona, do qual podia haver abundância, e um ramo de exportação. As melancias em poucos distritos são grandes, e boas.

Seregipe
Santo Amaro
Santa LuziaNa parte oriental
VilasItabaiana
Vilanova
Lagarto
TomarNa parte ocidental
{ Própria |

4 Os homens sao prontos em abreviar os dias ao seu semelhante. Há pouco mais de trinta anos disse um Ouvidor em conversa (falando-se da perversidade do povo) que nao contando ainda dois anos de governo, havia tido noticia de duzentos e tantos homicídios: Nao ha muitos anos se fizeram doze mortos numa semana em uma freguesia.

Seregipe, ou *São Cristóvão, Cristoforópolis,* capital da proviria residência do seu governador, e do ouvidor com título de cidade, bem situada num terreno levantado junto ao Rio Paramopama, que é um ramo do Vaza-Barris, cinco léguas distante do mar, não passa ainda duma vila considerável, populosa, e ornada com dois conventos, um de S. Francisco, outro de carmelitas calçados, casa de misericórdia, duas ordens terceiras relativas aos mencionados conventos, uma capela de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, outra de Nossa Senhora do Amparo dos Pardos, boa casa da câmara, e uma grande ponte. Todos os edifícios públicos são de pedra. Tem professores régios de Latim, e de primeiras Letras; e abundância de boas águas. O seu terreno é apropriado para laranjeiras, mangueiras, e bananeiras. As sumacas sobem até aqui, e carregam açúcar com algum algodão.

Esta cidade, que foi queimada pelos holandeses a vinte cinco de dezembro de mil seiscentos e trinta e sete,[9] teve princípio sobre a margem esquerda, e coisa de meia légua acima da embocadura do Rio Cotindiba, onde ainda estão as ruinas da igreja com o nome de S. Cristóvão.[6]

Santo Amaro, assim chamada do padroeiro da sua matriz, é vila pequena, pouco populosa, e sem comércio; mas bem situada num teso lavado de ares saudáveis, um quarto de légua ao norte, e defronte da confluência dos rios Seregipe, e Cotindiba, donde sai uma vala navegável por barcos.

Pouco mais duma légua ao poente está a Aldeia de Moruim na extremidade dum braço do Rio Seregipe, entreposto de grandíssima quantidade de caixas de açúcar, com um pequeno mercado nos sábados, a qual com o tempo deve ser povoação considerável.

Vila Real de Santa Luzia, vistosamente assentada num alto junto ao Rio Guararema, que depois de duas léguas vai unir-se a Rio-Real, junto ao Lagamar, é pequena, ornada com uma igreja matriz dedicada à Santa, de que toma o nome, e uma Capela de Nossa Senhora do Rosário. Exportam-se daqui as produções do país.

Três léguas arredadas está a considerável povoação da Estância, a mais populosa, e comerciante de toda a província, sem excetuar a capital, situada numa planície sobre a margem esquerda do Rio Piauí, abundante de boas águas, ornada com uma Capela de Nossa Senhora de Guadalupe, outra do Rosário, e uma ponte sobre o mesmo rio. Fica cinco léguas longe do mar; e as sumacas, que entram pela barra do Rio-Real, ancoram defronte, e exportam vários objetos mercantis.

Itabaiana, situada na vizinhança da serra do mesmo nome, ornada com uma igreja matriz, que tem Santo Antônio por seu padroeiro, é vila medíocre, e famosa pela raça de pequenos cavalos, que se criam no seu extenso distrito, onde também há criações de gado vacum, e se cultivam diversos comestíveis do país.

Vilanova de Santo Antônio está situada vistosamente numa eminência lavada dos ventos, e sobranceira ao Rio de S. Francisco, meia légua abaixo e defronte da do Penedo, ornada com boa matriz. Tem cadeira regia de Latim, e na sua vizinhança abundantes pedreiras de pedra de amolar. No seu termo, que se estende até à praia do mar, cria-se gado vacum, e cultivam-se vários mantimentos. Há nele duas paróquias de índios, com o título de *Missões.*

Propiá, anteriormente *Urubu* de *Baixo,* criada em mil e oitocentos, fica sete léguas acima da precedente, sobre a margem do mesmo rio, entre duas lagoas de grande desigualdade; a menor de figura circular, e coisa de sessenta braças de diâmetro virá a ficar no centro da vila, quando ela tomar o crescimento, que lhe promete a sua vantajosa situação: e junto a uma vala, aberta pela natureza através

5A mesma fatalidade experimentaram oito engenhos de açúcar, que então havia na província.
6Ela teve ainda segundo assento entre o Rio Poxlm. e o Cotindiba. quase em Igual distancia do lugar da primeira fundação, e o da sua existência.

duma planície, parecendo mais obra humana, pela qual o rio em todo o tempo mete um braço até o centro duma campina de mais de duas léguas de comprido, e largura proporcionada, que fica sendo um lago vasto, e aprazível, e piscoso, enquanto duram as cheias. Tem um mercado cada semana, onde seus habitantes se provém do necessário, que a esterilidade dos seus contornos lhes nega. A matriz, que noutro tempo era uma Capela de Santo Antônio, além de ser a única igreja da vila, é muito pequena, e pobre. Os limites ocidentais do seu termo são os mesmos da província.

O principal rendimento da câmara é o produto da arrematação do peixe, que entra para o mencionado lago periódico porque se tapa a vala com caniços, ou esteiras de canas, e nenhum torna para o rio, donde veio.

Dentro do distrito desta vila está a Freguesia de São Pedro situada na margem do Rio de São Francisco, num terreno plano, que fica sendo ilha, logo que aquele começa a encher. Consta de oitenta vizinhos, ou com pouca diferença, quase geralmente índios, para os quais exclusivamente foi fundada. A colônia compõe-se de duas tribos: romarís, que são o resto dos indígenas, e ceococes, transplantados da vizinhança da Serra do Pão-de-Açúcar, que fica qquatro léguas distante na Província de Pernambuco. Ainda hoje repugnam aparentar-se uma com a outra. As mulheres trabalham diariamente em olaria, e cozem-na no sábado à noite em uma grande fogueira assoprada pelo vento num terreiro. Os maridos caçam, pescam, ou plantam alguma mandioca, quando bem lhes parece; vadiam a maior parte do tempo; e gastam em cachaça o melhor do produto do trabalho de suas cuidadosas mulheres.

Na vizinhança desta paróquia acharam-se há poucos anos, ossos daquela desmesurada alimária, que hoje não existe: e noutro ainda se vêem alguidares ou panelões toscos, que indicam ter ali havido alguma aldeia dos indígenas na antigüidade.

Lagarto, situada numa planície, coisa de vinte léguas ao poente da capital é vila medíocre, e famosa pela sua pedreira de pederneiras, ornada com igreja matriz dedicada a Nossa Senhora da Piedade. Nos contornos cria-se gado vacum; e cultiva-se algodão, mandioca, e outros comestíveis.

No seu distrito está o famoso *campo do creoilo* com duas léguas de extensão, onde pasta numeroso gado; e onde se vêem muitas emas, e seriemas com outras aves.

Tomar, noutro tempo *Gerú,* bem situada num terreno plano, lavado de ares salutíferos, com boas águas, e uma bela matriz dedicada a Nossa Senhora do Socorro, que fora de jesuítas, fica légua e meia arredada de Rio-Real. Seus habitantes, pela maior parte índios, cultivam algodão, legumes, e mandioca. Sempre se emparelha um homem branco com um índio para juízes.

Não devemos omitir o considerável, e famoso Arraial das Laranjeiras, vantajosamente situado sobre a margem esquerda do Rio Cotinguiba, duas léguas acima da sua confluência com o Seregipe. Não é ainda freguesia: mas com o tempo será uma das principais vilas da província. Grandes sumacas vão lá carregar açúcar, algodão, couros, e legumes.

No distrito da Vila de Santo Amaro, em distância de duas léguas para o norte, está o Arraial de Nossa Senhora do Rosário, ao qual deu nome uma capela desta invocação, aprazível, e bem situado junto ao pequeno Rio Ciriri, atravessado pela estrada, que guia ao Porto de Moruim, e é uma das mais trilhadas do país. Cresce, e passados alguns anos, atendendo à ordem das coisas, deve ser paróquia: e depois doutro período de tempo entrará no número das vilas.

N. B. Atualmente, além das paróquias das vilas mencionadas, só há as três freguesias de Nossa Senhora do Socorro, filial da capital; Nossa Senhora dos Campos de Rio-Real filial da Vila do Lagarto; e S. Gonçalo do Pé Branco.

Na costa desta província não há cabos, nem ilhas; nem também portos senão dentro dos rios, cujas barras, geralmente mais ou menos perigosas, só dão passagem a sumacas.

Os homens são de todas as compleições: os mestiços os mais vividouros: desta classe era Cristóvão de Mendonça, que no fim de mil oitocentos e seis, quando completava cento e vinte e oito anos de idade, (segundo dizia) ainda exercitava o ofício de oleiro na Aldeia do Aracaju junto à foz do Rio Cotinguiba. Dava relação da revolta mencionada: Morreu dois anos depois.

7 Ignoro qual fDsse no tempo de Rocha Pita a povoação denominada Vila Real de Plagul: hoje nenhuma tem este nome.

Duarte Coelho Pereira, em prêmio de ter expulsado os franceses do Rio de Santa Cruz, restabelecido a feitoria por eles ali demolida, e doutros serviços à Coroa, obteve a Capitania de Pernambuco, cuja carta de doação lhe foi exarada em mil quinhentos e trinta e quatro: e passou a povoá-la com sua mulher, e várias famílias no ano seguinte.[1]

A pequena aldeia de Higuaraçu, à qual dera princípio quatro anos antes, foi por algum tempo a sua residência, enquanto não começou a povoação de Olinda, da qual fez capital logo de seu princípio. Teve contínuas guerras com os caetés, senhores do país até o ano de mil quinhentos e cinqüenta e quatro, em que faleceu, deixando sua consorte D. Brites de Albuquerque encarregada do governo da capitania, até à chegada de seu ifilho herdeiro, Duarte Coelho de Albuquerque, que se achava no reino estudando; e donde partiu em mil quinhentos e sessenta por mandado da Sereníssima Rainha D. Catarina, para acudir ao perigo em que estava a colônia com o levantamento de algumas tribos dos indígenas, que seu pai havia reduzido à obediência.

O novo donatário, que levava consigo a seu irmão Jorge de Albuquerque Coelho, e vários amigos com gente assalariada, ou com promessa de estabelecimento, para aumentar a colônia, subjugou toda a nação caeté, que estava repartida em várias hordas: e depois de muitos anos tornou ao reino, para acompanhar o Senhor D. Sebastião na jornada da África, deixando sua mãe por administradora da capitania, que florescia progressivamente.

Na falta de filhos sucedeu-lhe o mencionado irmão, Jorge de Albuquerque Coelho, pai de Duarte de Albuquerque Coelho, que no segundo ano, em que os holandeses se apoderaram da capitania, passou a ela com o Conde Banholo; e demorando-se ali até o fim de seiscentos e trinta e oito, escrevendo um Diário dos primeiros oito anos da guerra, no mesmo ou no seguinte voltou ao reino.[2]

Não teve mais sucessão que uma filha, casada com o Conde de Vimiozo D. Miguel de Portugal; mas nem este, nem seus herdeiros tiveram mais o proveito da capitania, cujo domínio se lhes disputava; porque o Senhor D. João o Quarto, que dispendera somas quantiosas para a sua restauração, vendo que o donatário não tinha forças para impedir a invasão do inimigo, no caso de semelhante tentativa, anexou a capitania à Coroa no mesmo ano da sua restauração; ao que se opôs o donatário; e seus herdeiros sustentaram um renhido pleito por largos anos, obtendo várias sentenças a seu favor, e sempre embargadas, até que finalmente desistiram da causa, e qualquer direito à província, por convenção e ajuste do Conde de Vimiozo D. Francisco de Portugal com o procurador da Coroa, intervindo o beneplácito de el-Rei D. João o Quinto em mil setecentos e dezesseis, a troco do Marquesado de Valença para ele e seu filho, de passar o

1Querem alguns escritores, que Duarte Coelho Pereira mllltara na Índia, quando parece que ele nunca lá tinha Ido; porque o Duarte Coelho, de que falam Barros, e Faria, e que fez ações Ilustres naquela região, nao tinha o sobrenome de Pereira, e morreu nas mãos dos mouros da Ilha Samatra, depois de padecer naufrágio na boca do Rio Calapa, onde Ia construir uma fortaleza em quinhentos e vinte e eete.

2A armada holandesa, comandada pelo Almirante Henrique Lonk, constava de quarenta baixeis de guerra, vinte e quatro de transporte, com oito mil homens de desembarque; o qual fizeram a quinze de fevereiro de selcentos e trinta na praia do Pau-Amarelo, três léguas ao norte de Olinda, por lnstruç&o do Judeu Antônio Dias, por alcunha o *papa-robalos,* que havia residido alguns anos no pais, e lucrado grosso cabedal, com que fora estabelecer-se em Amster-dam. Em seiscentos e cinqüenta e quatro evacuaram os lntrusos a capitania.

mesmo Condado a seu filho, e neto, e oitenta mil cruzados pagos no rendimento da mesma província em dez anos, e pagamentos iguais.[8]

As novas colônias, que logo depois da restauração da província lhe foram enviadas, deram-lhe um rápido e considerável melhoramento. Os indígenas mediterrâneos, que na maior parte eram tupinambás, repartidos em numerosas tribos, foram pouco a pouco cedendo o terreno, aliando-se com os conquistadores, ou retirando-se para as terras ocidentais. Os derradeiros foram reduzidos no princípio deste século. Eram quatro nações, cada uma de poucas famílias, e distinguidas pelos apelidos de *pipipã, choco, uma,* e *vouvé:* cada uma com seu idioma particular; mas que mostram ter uma mesma origem: Inimigos irreconciliáveis umas das outras: Ainda hoje conservam a sua antiga antipatia. Ocupavam um território de trinta léguas em quadro, entre o Rio Moxotó, e o Pajeú, mais próximos à Serra do Araripe, do que ao Rio de São Francisco: país na maior parte agreste e falto dágua. Todas errantes, sem conhecimento de gênero algum de agricultura, mantendo-se de frutas silvestres, mel, e caça: um porco, um veado, um pássaro tudo era assado com cabelo, penas, e intestinos. Os homens, cujas armas eram o arco, e seta, andavam nus; as mulheres cobriam-se decentemente por diante com uma rede miúda e elástica, ou com uma franja larga de linha grossa e mui torcida de croata, tudo feito com arte. Sepultavam os mortos encolhidos por falta de instrumento, com que fizessem uma cova grande; e sempre debaixo da árvore mais frondosa, preferindo o umbuzeiro, havendo-o no lugar. Contentavam-se com uma mulher: o adultério era absolutamente ignorado entre eles; crime que abominam sobremaneira aos conquistadores. Todos receberam o batismo; e depois de aldeados começaram a cultivar os víveres mais necessários à vida, como mandioca, milho, abóboras, e algumas frutas: conservando uma grande paixão pela caça, e pretendendo ter o mesmo direito sobre os bois, e carneiros dos fazendeiros circunvizinhos: sem o qual sestro os cristãos da primitiva não teriam sido de costumes mais inocentes, segundo publicavam os catequistas.[4]

Esta província, que noutro tempo teve o título de Condado, confina ao norte com as da Paraíba, Ceará e Piauí; ao meio-dia tem o Rio de São Francisco, que a separa das de Seregipe e Bahia; e o Carinhanha, que a divide da de Minas Gerais: Ao poente tem a de Goiás; e ao nascente o Oceano com setenta léguas de costa, desde o Rio de São Francisco até o de Goiana.[5]

O Rio Pajeú, que sai da Serra dos Cariris, e deságua no de São Francisco, obra de trinta léguas acima da Cachoeira de Paulo Afonso, a divide em duas partes oriental e ocidental: A derradeira forma uma comarca ou ouvidoria, que compreende ainda uma grandíssima porção da oriental, cujo beira-mar é dividido em três: setentrional ou de Olinda, média ou do Recife, e meridional ou das Alagoas, cujos limites comuns estão na proximidade do Rio Una, que sai obra de doze léguas ao sul do Cabo de Santo Agostinho.

Jaz entre os sete, e os quinze graus de latitude meridional. O clima é cálido; o ar puro. As terras em toda a vizinhança do mar são baixas, com grandes extensões de terreno fecundo; e posto que regadas por muitos rios geralmente perenes, e abundantes, os povos padecem falta dágua em muitas partes. No interior do país a face do terreno é mui desigual; e em partes montuosa, e geralmente muito falta dágua: a que se encontra, além de rara, e pouca, nunca é pura; por ser de poços, onde todos os viventes vão beber, ou de cacimba cor de leite. Da Vila do Penedo até à da Barra do Rio-Grande, em cujo intervalo os

3Provas da Hlst. Genealog., Tom. V. pag. 701.
4Contam por certo que alguns destes índios eram descendências doutros, que há largos anos desertaram das aldeias, onde tinham sido estabelecidos depois de crlstlanlzados; e que também alguns ja têm feito o mesmo, o que nao é cie estranhar.
5Enquanto capitania (cujo limite setentrional aubla pelo Rio Iguaraçu) excedia grandemente a cada uma das outras em léguas quadradas, pela razão de ficar muito mais a leste a sua costa.

viandantes contam acima de duzentas léguas, não sai para o Rio de São Francisco um só regato no tempo da seca.

MONTES — A Serra de Borborema, que é a mais majestosa do Brasil, tem princípio perto do mar na Capitania do Rio-Grande; e depois de ter atravessado do nordeste ao sudoeste a da Paraíba, vira para o poente, separando a que descrevemos da parte ocidental da precedente, e da do Ceará por largo espaço. Depois inclina para o setentrião dividindo a última da do Piauí, variando sempre de altura, e de nome até findar com o de Ibiapaba, à vista da praia entre os rios Camocim, e Paranaíba. Em partes tem rochedos; em outras é escalvada; mas pela maior parte é coberta de formosos bosques nutridos em terrenos fortes, e fecundos. Em algumas paragens tem duas e três léguas de chapada viçosa no cimo. Da montanha do Araripe, que é uma sua porção, se avista o Rio de São Francisco em distância de mais de trinta léguas. Nela tem origem o Rio Jaguaribe, e Piranhas, que correm para o norte; o Paraíba, e Capibaribe, que procuram o nascente; o Moxotó, e o Pajeú, que se dirigem ao sul.

Obra de sete léguas arredada da Cachoeira de Paulo Afonso, na Freguesia de Tacaratu, está a Serra da Água-Branca com seus multiplicados ramos, em grande parte coberta de matas com uma capela dedicada a Nossa Senhora da Conceição, e muitas famílias de diversas cores, e pouco menos (se não mais) bárbaras que os antigos possuidores do país.

Nas vizinhanças do Rio Pajeú, coisa de quinze léguas afastada do que o absorve, fica a Serra Negra, que terá uma légua de comprimento, e largura proporcionada, coberta de matas espessas, freqüentemente açoitadas por um vento rijo. Perto dela está o sítio do Jacaré, onde viveram por algum tempo os índios chocos, depois de reduzidos com os seus vizinhos, há pouco mencionados.

A Serra de Garanhuns, pouco distante da origem do Rio Una, é coberta de matas, onde se fazem plantações de algodão, milho, mandioca, legumes, e frutas: dela descem muitos regatos dágua cristalina, que se some entrando nos arenosos campestres, que a rodeiam. Entre outros vegetais úteis nota-se o que produz o beijoim.

A Serra das Russas, com duas léguas de comprido, e pouca largura, fica dezesseis léguas arredada do Recife na estrada, que guia para o sertão do Rio de São Francisco.

A Serra Selada fica quatro léguas ao sudoeste do Cabo de Santo Agostinho, pouco mais de duas longe do mar; e posto que de pouca altura, é aos navegantes a melhor conhecença destas paragens.

Quatro léguas ao noroeste do Canindé (aldeia insignificante, e mal situada na margem esquerda do Rio de São Francisco) está a Serra do Olho d'água com duas léguas de circuito, e boa altura, de cuja sumidade se descobre uma extensão vasta, grande número de montanhas inferiores para todos os lados, e se vê a oés-noroeste em distância de seis léguas, a coluna da evaporação da Cachoeira de Paulo Afonso, semelhante à fumaça dum incêndio. Era noutro tempo uma povoação de numerosos tigres, por causa das muitas cavernas, que a natureza lhes oferecia debaixo dos rochedos, e penhascos, de que é formada. Hoje é um viveiro de morcegos, que danificam o gado.

A Serra da Priaca coisa de oito léguas ao noroeste de Vila do Penedo: a do Pão-de-Açúcar[0] à vista daquela, e junto ao Rio de São Francisco: a do Poço. quinze léguas arredada da última para o interior da província, coberta de matas. onde se acham árvores de boa madeira, outras que suam preciosas resinas, outras que com suas cavidades servem de cortiço a várias espécies de abelhas.

6 Na falda meridional da Serra do Pao de Açúcar há uma lagoa», onde se vêem ossos de desmarcada grandeza; e na banda do norte há uma caverna medonha.

Cumenati ou Comunati é uma das maiores serras do sertão, povoada de grandes matas em partes, onde os índios, e outros moradores da Freguesia de Aguas-Belas fazem grandes plantações de algodão, e mandioca.

A Serra do Barriga, sobre a qual se formam freqüentes trovoadas, fica obra de quatro léguas afastada da Vila de Anadia, e vinte do mar. Os estouros, com que assusta a gente da circunvizinhança, indicam haver nela minerais. Na sua falda oriental estava o fatal *Quilombo dos Palmares,* começado por quarenta negros de Guiné, na ocasião do desembarque dos holandeses em Pernambuco; aos quais se foram agregando outros muitos ainda das capitanias vizinhas, e fundaram uma povoação, que tomou o nome de Palmares, pelas muitas palmeiras que os negros lhe plantaram em torno. A povoação, que tinha mais duma légua de circuito, era murada com duas ordens de estacadas de troncos grossos, altos, dos mais rijos e duráveis, que se conheciam no país, e falcadbs em quatro faces; com três portas fortíssimas em distâncias iguais, cada uma com sua plataforma por cima, e defendida por duzentos homens em tempo de trégua: o todo flanqueado de vários baluartes da mesma fábrica dos muros.

A sua população subia a vinte mil habitantes, a metade deles capazes de pegar em armas. Tinham estabelecido forma de governo monárquico, eletivo. O chefe, intitulado *Zumbe,* tinha seu palácio mui distinto das casas dos vassalos, que eram pelo modelo das dos africanos. Sempre se elegia o mais valoroso, e sagaz. Além deste maioral tinham outros subalternos, para administração da justiça, que era pontualmente executada nos adúlteros, homicidas, e ladrões, que ofendiam os concidadãos.

Aos escravos, que se lhes agregavam, concediam imediatamente liberdade: os apanhados por força ficavam cativos: os primeiros tinham pena de morte, se fugiam, e eram agarrados, castigo que não experimentavam os trânsfugas, que haviam sido represados. Todos andavam nus, cobrindo as partes, que o pejo natural ensina a ocultar, à exceção dos grandes, que usavam de panos, que os vizinhos do Quilombo lhes vendiam juntamente com armas, e munições a troco de alguns víveres, com o intuito de não serem inquietados. Os que haviam recebido o batismo só tinham o nome de cristãos.

Havia dentro da praça um grande tanque de água doce, e piscoso; e um rochedo alto, que lhes servia de atalaia, donde descobriam em torno grande extensão de terreno; e podiam observar os aproxes do inimigo. Os subúrbios eram cheios de plantações de víveres, para cuja guarda havia várias aldeias chamadas *mocambos,* e governadas por soldados veteranos. Deu muito em que cuidar esta colônia fatal por espaço de sessenta e sete anos; e não custou pouco a um exército de quase oito mil homens, por muitas semanas, a sua extinção, no ano de mil seiscentos noventa e sete.

MINERALOGIA — Ouro, amianto, pedra de filtrar água, de cal, de amolar; terra de cores, mármore rude de Lineu, lousas, tabatinga.

ZOOLOGIA — Criam-se todos os animais domésticos das Espalmas: as cabras, e ovelhas, menos úteis do que no país donde são oriundas, vão pastar, e recolhem-se sem pastor. Os bosques são povoados de todas as espécies de quadrúpedes selváticos, de que havemos feito menção nas províncias precedentes, excetuando o cão silvestre, em cujo lugar há o furão. O ouriço cacheiro tem aqui o nome de quandu: as guaribas (espécie de macaco) geralmente avermelhadas do Rio de São Francisco para o sul, negras nesta província, e a sua pele por isso mais estimada. Os tatus-bolas, e os cagados do campo são numerosos; assim como os mocos nos rochedos, e terrenos pedregosos. Os coelhos são raríssimos.

Nas campinas há emas inocentes e tímidas, como nas outras províncias, e seriemas: nas lagoas colhereiras, jaburus, patos, garças pardas, e brancas, marrecos, socos, maçaricos, frangos d'água: nas matas, e campestres, jacus, mutuns,

zabelês, enapupês, racuãs, araras, papagaios: as urus, que são uma espécie de perdiz pequena, andam sempre em bandos, e no chão: o pássaro, denominado rouxinol, é mui diverso do europeu na cantilena, e plumagem. As arapongas fazem retinir seu simples, e mavioso canto da sumidade, das mais altas árvores dos bosques, como as das outras províncias. Os pombos de asa branca andam sempre de arribação, como outras várias espécies do seu gênero. Várias castas de milhafres, e gaviões fazem guerra aos outros pássaros, que não são de rapina. O jacurutu que é o de maior volume, tem dois grandes chifres de pena, e mata as maiores cobras com cautela, e destreza para não ser delas picado. Em quase todos os rios há lontras; e nenhuma lagoa sem jacarés.

FITOLOGIA — Cedro, pau-d'arco, vinhático de várias cores; o amarelo, e o escuro são os mais estimados: conduru, que é vermelho; barabu macho, e fêmea mais ou menos roxo; pau-santo, violete ondeado; sucupira, e brauna ambos anegrados; sapucaia, que dá bons mastros para baixeis menores, e da sua casca estopa aos calagates: camaçari avermelhado; pau-d'alho, maçaranduba, angico. coração-de-negro, cujo âmago é anegrado, e rijíssimo, e outras muitas madeiras de construção. O pau-brasil vem já de trinta léguas de terra dentro. Nota-se ainda a canafístula, a caraíba, cuja flor amarela, e um pouco grande, é delicioso pasto dos veados, que a procuram debaixo da árvore, onde os caçadores os esperam, e matam. Entre as árvores e arbustos frutíferos dos bosques nomeia-se o umbuzeiro, o cajueiro, o araçazeiro, a jabuticabeira, o mandupussá, cujo fruto é amarelo, e também à roda do tronco, como o da precedente: o murici; o cambuí, árvore grande, cujo fruto do tamanho de ginja é ou vermelho ou roxo. O *Pikiy* dá uma fruta, da amêndoa de cujo caroço se tira sebo alvíssimo, e duro, do qual se podem fazer velas bugias para o uso. Acha-se a icicariba, que produz a goma elemi ou almécega: a ipecacuanha, e algumas espécies de quina inferior, ou árvores a que dão este nome: a verdadeira deve ser procurada na Serra dos Cairiris. A árvore, à qual na província de Seregipe impropriamente chamam de maçãzeira, é comum em alguns distritos desta, onde tem o impróprio nome de murta.

Na Comarca das Alagoas é onde há as mais formosas árvores, de melhor madeira, e com maior abundância: ali se fazem as canoas, em que se navega no Rio de São Francisco. Os coqueiros são multiplicados na vizinhança do mar: as mamoneiras, cuidadosamente cultivadas em alguns distritos, dão no seu azeite um objeto de exportação. Se a gente quisesse ter um pouco de incômodo em ajuntar e aumentar a preciosa cochonilha, a natureza em muitas partes lhe produz a Opúncia ou palmatória, única planta, que a nutre. Os algodoeiros, e as canas-de-açúcar são os principais ramos da agricultura, e as suas produções os objetos mais lucrosos do comércio do país. A cobiça de ganhar muito dinheiro com estas mercancias, não deixa cultivar o mantimento da primeira necessidade, suficiente para a subsistência da população: falo da farinha, da qual ordinariamente há carestia; porque os terrenos das vizinhanças do mar, (únicos fecundos) tendo sido repartidos francamente, acham-se hoje no domínio de tão poucos, que se calcula haver entre duzentos vizinhos só oito ou dez proprietários, de ordinário senhores de engenho, que só permitem aos rendeiros plantar canas para ficarem com a meação. A jangada é árvore particular, e uma das mais úteis desta província: seu tronco de ordinário direito, e que apenas toma grossura, que um homem não abarque com os braços, é extremamente poroso, e levíssimo. Dois até seis, e às vezes mais, descascados, e de igual comprimento, agudos nas extremidades, e furados em três ou quatro partes, com varas de bom pau enfiadas pelos orifícios, são as únicas embarcações menores do país, seguras, e velocíssimas: a sua vela é triangular. Os pescadores vão nelas a perder vista de terra: e passageiros transportam-se com sua mobília dum para outro porto; mas é preciso

puxá-las para seco no fim de cada viagem, para não apodrecerem com tanta brevidade.

As árvores, que criam o óleo de Copaíba, encontram-se em todas as matas, onde são comuns as que produzem a goma copai, as que suam o beijoim, e as que destilam o estoraque. As derradeiras são altas e grossas, de casca delgada e alvadia; folha um pouco comprida, estreita, felpuda pela face interior; lenho branco com o cerne vermelho, e rijo. Por toda a parte lhes chamam árvores de bálsamo; e se lhes golpeia a casca para destilarem maior porção da mencionada resina, à qual o vulgo também denomina bálsamo, e costuma ajuntá-la ao incenso. O mel, que as abelhas fabricam com o rocio da sua flor, tem cheiro de canela.

Entre outras árvores exóticas, que Convinha terem sido naturalizadas no país, deviam entrar as do Sândalo. Estas árvores tão multiplicadas na Ilha de Timor, donde o seu precioso pau é todo transportado à China, onde sempre terá gasto, provavelmente prosperarão nesta província, que se acha no mesmo clima, e paralelo; e pouparão ao Estado muitas arrobas de ouro anualmente, enquanto durar o ruinoso comércio com aquele Império.

A gente do sertão apanha grande quantidade de rolas, e pombos troquazes com a maniçoba-brava, deitada de infusão em vasos meio enterrados na areia, nos lugares onde se conserva alguma água, e elas costumam ir beber, depois que as torrentes secam: se elas não vomitam imediatamente, não chegam a levantar-se; começam logo a tremer, e expiram em poucos instantes.

Rios — Os mais consideráveis estão na parte ocidental; e deles falaremos, quando acabarmos de descrever o Rio de São Francisco, que os absorve. Os principais da oriental são o Capibaribe, o Ipojuca, o Una, o Tracunhaen ou Goiana, o Serenhen.

O Capibaribe (rio das capivaras) tem a origem no distrito dos Cairis-Velhos, obra de cinqüenta léguas distante do mar: a princípio é salobre: seu álveo quase sempre pedregoso com muitas cachoeiras: só é navegável por espaço de seis milhas; e deságua por duas bocas, uma dentro da Praça do Recife, outra uma légua ao sul no Arraial dos Afogados, onde tem uma ponte de madeira com duzentos e sessenta passos. Tapacorá, e Goitá são os seus principais con-fluentes; ambos se lhe unem pela direita com intervalo de quatro ou cinco milhas. O derradeiro sai dum lago denominado Lagoa grande.

O Ipojuca principia em Cairiris-Velhos, não muito arredado do Capibaribe, e corre por terrenos apropriados para a cultura de algodoeiros, e canas-de-açucar, a cujos lavradores é de grande vantagem: Desemboca entre Cabo de Santo Agostinho e a Ilha de Santo Aleixo, formando um porto para embarcações menores de que é freqüentado. O Serenhen, que é considerável, e assaz vantajoso a grande número de agricultores, desemboca quase defronte da Ilha de Santo Aleixo. Um dos seus mais caudais confluentes é o Ceribó, que se lhe incorpora pela esquerda pouco longe do mar.

O Rio Una vem do distrito de Garanhuns, com pouco menos de quarenta léguas de curso; e na vizinhança do mar recolhe pela direita o Jacuípe, que é inferior, e sai de grandes matas. Por ambos desce madeira, que se carrega no porto da sua embocadura, que fica obra de sete léguas ao sudoeste da Ilha de Santo Aleixo.

O Rio Goiana, que sai com muita largura, e vistoso nove milhas ao norte de Itamaracá, entre a Ponta das Pedras, e a dos Coqueiros, toma este nome na confluência do Tracunhaen, que vem de mui longe com o Capibari-mirim, que lhe é muito inferior, três léguas longe do mar, onde chegam sumacas. A água do primeiro só é boa na nascença.

Notam-se ainda o Cururipe, que sai oito léguas ao nordeste do Rio de São Francisco; o de São Miguel obra de sete léguas mais adiante; o das Alagoas, assim

chamado por ser o desaguadouro de dois grandes lagos; o de Santo Antônio-mirim; o de Santo Antônio-grande; o Camaragibe, ou Camuriji; o Manguape, aliás Mamanguaba. Rio Grande, Rio Formoso; o Maracaípe que sai entre o Serenhen e o Ipojuca; o Rio Jaboatão, que recolhe junto à praia o Parapamba pela direita: a sua embocadura comum é designada com o nome de Barra da Jangada, e fica duas léguas ao norte do Cabo de Santo Agostinho. O Rio Iguaraçu, que sai com grande largura cinco para seis léguas ao norte de Olinda, forma-se com várias ribeiras, que se unem sete milhas longe do Oceano. Em todos estes rios entram embarcações de maior, ou menor porte.

O Moxotó, que vem de longe, e deságua obra de oito milhas acima da Cachoeira de Paulo Afonso, só é corrente durante as chuvas: os mimosos mandins, que sobem por ele enquanto cheio, logo que o rio deixa de correr, e a água começa a aquecer nos poços, definham, e morrem em pouco tempo.

O Pajeú só é corrente enquanto duram as trovoadas.

PROMONTÓRIOS — Cabo de Santo Agostinho, único desta costa, um dos mais famosos do Novo Mundo, e a terra mais oriental da América Meridional na latitude de oito graus e vinte minutos, é baixo com um hospício de Carmelitas Calçados, dedicado a Nossa Senhora de Nazaré, *à* qual muitos capitães noutro tempo saudavam com a sua artilharia. Tem dois fortes, que defendem cada um seu pequeno porto, onde podem surgir embarcações menores.[7]

ILHAS — Itamaracá, por muito tempo nomeada Ilha dos Cosmos, tem três léguas de comprimento N. S., uma na maior largura. É montuosa, e povoada. A sua principal povoação é a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, situada no lado meridional, obra de meia légua acima da foz do Rio Iguaraçu, noutro tempo Vila, regalia que foi transferida para Goiana, cujo senado vai, ou ia anualmente assistir à festividade da sua padroeira. São gabadas as mangas, e uvas desta ilha, onde há boas salinas. O canal, que a separa do continente, é estreito e profundo. Na entrada setentrional, chamada Catuama, há cômodo sur-gidouro para navios defronte da boca do Rio Maçaranduba.

A Ilha de Santo Aleixo, que poderá ter quatro milhas de circuito, com pedaços de terreno apropriado para a produção de vários mantimentos, fica cinco léguas ao sudoeste do Cabo de Santo Agostinho, obra de milha e meia arredada do continente.

PORTOS — Nenhuma província tem tão grande número de portos; ainda que pela maior parte só capazes de recolher sumacas. Os principais são o mencionado Catuama; o Recife, que descreveremos juntamente com a povoação do mesmo nome; Tamandaré, que é o melhor de todos, em forma de baía, dentro do rio do seu nome, seguro, defendido por um grande forte, com capacidade para recolher uma armada, quatro e cinco braças na entrada, e até seis dentro: Fica dez léguas ao sudoeste do Cabo de Santo Agostinho. Jaraguá, e Pajuçara separados por uma ponta, que dá o nome ao primeiro, onde fundeiam as embarcações no verão: o derradeiro só serve no inverno. Estão duas léguas ao nordeste do mencionado Rio das Alagoas. Neles se desembarca para ir à vila deste nome; porque o rio, que noutro tempo dava passagem a sumacas, hoje nem a canoas; mas é preciso andar uma légua por terra, e tornar a embarcar no lago. Cururipe é uma formosa enseada com capacidade para muitos, e grandes navios, abrigada pelo recife, onde o mar quebra toda a sua fúria, com duas entradas, uma ao norte, outra ao sul; mas a tença não é geralmente boa. No seu seio deságua o rio que lhe deu o nome, profundo, manso, dágua anegrada e navegável por canoas algumas léguas: o seu menor fundo é na boca: suas margens são cobertas de mangues, caniçais, e árvores.

7 Sem embargo de nao haver documento, que o ateste, ninguém pode duvidar que o Cabo de Santo Agostinho fosse descoberto par Gaspar de Lemos, quando voltava de Porto Seguro para Portugal com a notícia do descobrimento do país.

As lagoas consideráveis são a de Jiquibá, com obra de cinco léguas de comprido, uma de largo, salobre, piscosa; e cujo desaguadouro fica doze milhas ao nordeste de Cururipe: a de Manguaba com dez léguas de comprimento, e uma na maior largura, salgada, piscosa, e repartida por um estreito em duas porções designadas uma com o nome de Lagoa do Norte, outra com o de Lagoa do Sul, que é a maior. O seu desaguadouro é o mencionado Rio das Alagoas com um tiro de canhão de largura. Várias ribeiras inconsideráveis vêm ali desaguar. As suas margens são cultivadas em partes, noutras cobertas de mangues povoadas de diversidade de aves paludais. Nos seus contornos há vários engenhos de açúcar, que é transportado com algodão, e outras mercancias em grandes canoas a um porto da lagoa setentrional, donde são conduzidos em carros por espaço de três milhas, como se disse, aos portos de Jaraguá, e Pajuçara, onde as sumacas os carregam para o Recife, ou Bahia.

Este nome Pernambuco, derivado ou corrupção de Paranabuca, com que os

	Olinda Iguaraçu		
	GoianaNa comarca de Olinda		
	Limoeiro Pau-		
	d'Alho RECIFE		
	Serinhen		
	Santo AntônioNa comarca de Recife		
Vilas	Santo Antão		
	Portocalvo		
	Alagoas Anadia		
	Atalaia		
	PoximNa comarca das Alagoas		
Penedo M	} eió	{	Porto
de Pedras			

Caetés designavam o Porto, onde hoje surgem as embarcações menores, compreende vulgarmente duas povoações distintas, a cidade de Olinda, e a Praça ou Vila do Recife, com o intervalo duma légua, e comunicadas por uma restinga de área estreita, e baixa, de N. a S. também por um braço de mar, que entra pelo pequeno Rio Biberibe, que corre ao longo da mencionada restinga duma até a outra povoação; e ainda por uma estrada ao longo da margem ocidental do mesmo rio pelo continente.

RECIFE, *Reciffum,* à qual com toda a propriedade pudéramos denominar *Trípoli,* é grandíssima, populosa, comerciante, e aprazível com boa casaria, magníficos templos, um convento de padres da Congregação do Oratório, outro de franciscanos, terceiro de carmelitas calçados, um hospício de esmoleres da Terra Santa, outro de barbônios italianos, um recolhimento de mulheres, um magnífico palácio episcopal, um hospital de lazarentos. Os jesuítas tinham um colégio, que é hoje o palácio dos governadores.

Está repartida pelo Rio Capibaribe em três bairros designados pelos nomes de Recife, Santo Antônio, e Boavista, (cada um dos quais compõe uma paróquia) e comunicados por duas pontes: a da Boavista é quase toda de madeira, e calçada, e tem trezentos e cinqüenta passos de comprimento: a de Santo Antônio, que tem duzentos e oitenta, é em grande parte de pedra, e bordada por ambos os lados com lojas de mascataria, com um elegante arco de cantaria em cada

extremidade, sobrecondecorados com seu nicho, onde se celebra missa. Todos são totalmente planos, e com poucos pés acima do nível do preamar.

O primeiro bairro ocupa uma península, em que termina a mencionada língua de terra, que se estende de Olinda para o sul por entre o mar, e o Rio Biberibe. Nele está a alfândega, que em quase nada se parece com os edifícios do seu nome. A Rua das Cruzes é larga, e formosa; as outras geralmente calçadas; mas nem todas direitas e espaçosas. A sua formosa matriz, comumente designada com o nome de Corpo Santo, tem por padroeiro S. Pedro Gonçalves. Em mil oitocentos e dez compunha-se a sua população de duzentos e vinte e nove vizinhos.

O Bairro de Santo Antônio ocupa outra península, que é a extremidade setentrional da ilha formada pelos dois braços do Capibaribe: Tem melhores ruas. geralmente descalçadas, com passadiços altos de tijolos pelos lados, proporcio-

nados à largura das mesmas ruas, por onde as carruagens correm sem estrépito; e uma praça quadrada rodeada de casinhas com alpendrada de arcos pela face anterior, onde se vendem víveres, e diversidade de outros objetos. A sua matriz é da invocação do *SS. Sacramento.* Dois mil setecentos e vinte e nove vizinhos compunham a sua povoação no mencionado ano.

O Bairro da Boavista, que deve ser o mais considerável, está no continente, e cresce sem regularidade, como os outros, num terreno susceptível do mais elegante plano, por negligência do senado em não lhe haver alinhado as ruas de princípio. A sua matriz também é da invocação do SS. Sacramento. A sua população forma-se de mil quatrocetnas e trinta e três famílias.

Estão estes bairros em linha L. O.

Esta ilustre e florente vila é a capital da província e residência do seu Governador, dum Ouvidor, dum Intendente da Marinha, dum Juiz de Fora; cada um com várias inspeções. Tem tribunal da administração da Fazenda Real; três professores régios de Latim, um de Filosofia, outro de Eloqüência e Poética.

Todas as lâmpadas, que alumiam o SS. Sacramento, têm três luzes. Os subúrbios são planos com formosos coqueirais, e casas de campo.

Todo o mundo bebe água do Rio Biberibe tomada em Olinda, onde se lhe fez um açude, denominado varadoiro, para impedir o fluxo da maré e fazer subir o rio, que passa através dele por vinte e quatro bicas, donde um grande número de canoas com coberta a transportam ao porto do seu nome, e a vendem. Projeta-se conduzir parte deste rio desde sua origem, por um aqueduto duma légua de comprimento até o Bairro da Boa Vista.

O seu porto, que não tem fundo para navio do maior porte carregados, é uma das maravilhosas obras da natureza neste gênero. O recife, que se estende da entrada da Bahia de Todos os Santos até Cabo de S. Roque, ao longo e pouco afastado da praia, em nenhuma parte parece obra humana, feita com muita arte, como aqui, onde se prolonga por espaço duma légua em linha reta com a praia, e em distância dela obra de cem braças, em forma de muralha, larga, plana, e sempre ao nível do preamar, e descoberto seis pés no baixamar, a prumo pela parte de terra em declive pela outra. Esta muralha acaba aqui de repente: e sobre sua extremidade está o Forte do Picão: os navios entram encostados a ele; e navegam o mais proximamente ao recife que lhe é possível, quando demandam muito fundo, até surgir onde lhes é mais cômodo, ou entrar pelo Capibaribe até à Ponte de Sto. Antônio. Quando o mar anda empolado com ventanias, as ondas rolam com estampido por cima do recife para o porto, que tem forma de rio, e assaz corrente no baixamar, e o agitam consideravelmente. Os navios grandes surgem ao norte do Picão numa enseada desabrigada, defronte dos fortes de Brun, e do Buraco, situados na mencionada restinga.[8]

8 O Porte de Brun. ao qual os holandeses deram princípio a vinte cinco de Junho de mil seiscentos e trinta e um e o nome duma matrona do seu General Teodoro, teve entre os pernambucanos por alguns tempo o apelido de *Perriril.*

Esta famosa e célebre Praça, quando ainda pouca coisa, (foi tomada pelos holandeses em seiscentos e trinta, que a conservaram por vinte e quatro anos. Entre os pouquíssimos monumentos, que ali atestam a sujeição do país naquele tempo aos batavos, nota-se uma lage de mármore europeu com a seguinte inscrição:

OP GEBOUWT
ONDER
DHOOGE REGERINGE
VAN
PP^ESID[4] EN RADEN
ANNO M.DC.LII.[9]

Quer dizer:

Edificado
Debaixo do Alto Governo
do
Presidente e Conselho
Ano de 1652.

Os mencionados fortes, e o das *Cinco Pontas,* na extremidade meridional do Bairro de Santo Antônio, são os principais que a guarnecem. Uma légua ao sul do Recife, junto ao braço meridional do Capibaribe, no sítio dos Afogados está a crescer o considerável arraial deste nome, ornado com três ermidas das invocações de N. Senhora da Paz, do Rosário, e de S. Miguel.

Olinda, vistosamente situada num terreno levantado e desigual (que é o princípio duma pequena cordilheira, que se prolonga para o interior do continente), noutro tempo considerável, rica e florescente, erecta cidade episcopal em seiscentos e setenta e seis, quando já estava bem decaída com a tomada dos holandeses, é hoje pobre, e mal povoada em razão da vizinhança do Recife, que lhe roubou todo o comércio; mas uma bela habitação para estudiosos, convalescentes, e melancólicos, que aborrecem os tumultos. Tem casa de misericórdia com seu hospital, um recolhimento de convertidas, um convento de franciscanos, outro de carmelitas descalços, outro de calçados, e quatro de beneditinos: um palácio, onde os governadores eram obrigados a residir seis meses no ano, em outro tempo: outro episcopal assaz deteriorado: um seminário no colégio ex-jesuítico com aulas, e professores de Latim, Grego, Francês, Geografia, Retórica, História Universal, Filosofia, Desenho, História Eclesiástica, Teologia Dogmática, e Moral; grande número de ermidas; um jardim de árvores, e plantas exóticas, comumente asiáticas; para dali os lavradores as transplantarem nos seus prédios. Seus habitantes estão repartidos em duas paróquias, sendo uma delas a catedral, que é magnífica, e de três naves, dedicada a S. Salvador com oitocentos e oitenta fogos; a outra é da invocação de S. Pedro Mártir, e tem trezentos e quinze. O senado é rico; quase todas as casas lhe pagam um tostão de foro por cada palmo de frente; quase todas têm grandes quintais, de ordinário quase inúteis. O terreno é apropriado para diversidade de árvores frutíferas, as mangueiras são as mais multiplicadas. Só fábricas poderão fazer crescer a população

9 Em oitocentos e seis estava esta pedra Junto à porta da Igreja do Corpo Santo, entre a cantaria destinada para a continuação deste elegante edifício; onde porventura a colocaram.

Na parte Inferior do coro da Capela de Nossa Senhora da Conceição dos Militares, no bairro central, está pintada a gloriosa batalha que os pernambucanos ganharam aos holandeses a dezenove de abril de seiscentos e quarenta e oito nos pequenos montes Guararapes, que ficam quatro léguas ao sul, e vão per terra dentro.

desta cidade, que já tinha o nome de Olinda quando os holandeses se apoderaram dela.[10]

Goiana, situada em terreno plano entre os rios Capibari-mirim que a banha pelo norte, e o Tracunhaen pelo sul, pouco mais de légua arriba da sua confluência, é vila grande, populosa, florescente, e abastada de carne, peixe, e frutas, ornada com uma igreja matriz que tem por padroeira Nossa Senhora do Rosário, uma ermida da mesma invocação, outra do Amparo, outra da Conceição, outra do Senhor dos Martírios, casa de misericórdia, um convento de carmelitas calçados, um recolhimento de mulheres, duas pontes. Tem Juiz de Fora desde oitocentos e oito, e professor régio de Latim, e feira de gado nas quintas-feiras. Exporta-se dela grande quantidade de algodão, principal riqueza dos lavradores do seu extenso termo, onde há acima de vinte ermidas quase todas com capelães. Fica catorze léguas ao nor-noroeste de Olinda, e quatro longe do mar.[11]

Duas léguas ao sul da foz do Rio Goiana, junto à praia está a Freguesia de São Lourenço de Tijucopabo, que vai em aumento.

Obra de dez léguas ao poente de Goiana fica a Paróquia de Santo Antônio de Tracunhaen junto deste rio: seus habitantes recolhem algodão.

Iguaraçu, vila considerável, a mais antiga da província, enobrecida com o ilustre título de leal, ornada com uma igreja matriz dos Santos companheiros Cosme e Damião, casa de misericórdia, um convento de franciscanos, um recolhimento de mulheres, quatro ermidas, abastada de peixe, carne, e frutas, fica cinco para seis léguas ao norte de Olinda, e duas longe do mar sobre a margem direita do rio, que lhe deu o nome, (formado pelas ribeiras Otinga, Pitanga, e Taipé, que se unem pela banda de cima) sobre o qual tem uma ponte. As canoas chegam aqui com a maré; as sumacas ficam meia légua abaixo. Açúcar, e algodão são as exportações.

Duas léguas ao norte de Iguaraçu, na estrada de Goiana, está a considerável Aldeia do Pasmado, ornada com duas ermidas, e povoada de brancos em grande parte serralheiros.

Serenhen, criada em mil seiscentos e vinte e sete com o nome de Vila-Formosa, situada num alto sobre a margem, e pouco menos de duas léguas acima da embocadura do rio, que lhe empresta o nome, não passa ainda de pequena; e tem uma igreja matriz dedicada a Nossa Senhora da Conceição, duas ermidas, e um convento de franciscanos. Seus arredores são de notável fertilidade, e abundantes de água com ricas plantações de canas-de-açúcar.

Santo Antônio, assim chamada do padroeiro da sua matriz, fica duas léguas e meia ao noroeste do Cabo de Santo Agostinho, junto à margem do Parapamba; e tem duas ermidas, uma de S. Brás, outra de Nossa Senhora do Rosário. Foi erecta em oitocentos e doze.

Pau-d'Alho, situada na margem direita do Capibaribe, dez léguas longe da capital, erecta em oitocentos e doze, tem uma igreja matriz com a invocação do Espírito Santo, uma Ermida de Nossa Senhora do Rosário, e mercado todos os oito dias.

Limoeiro, criada em oitocentos e doze, está na margem do Capibaribe, obra de dez léguas acima de Pau-d'Alho, e tem uma igreja paroquial dedicada a Nossa Senhora da Expectação; e um mercado cada semana. Algodão é a riqueza de seus habitantes.

10 A decadência de Olinda foi considerada por multa gente da mesma cidade, como castigo do orgulho de seus magnates, cuja libertinagem havia subido ao ponto, que pregando um oraaor numa festividade em uma de suas paróquias, e declamando energicamente contra os vícios dominantes no país, alguns dos principais o fizeram calar, e descer do púlpito com violência, sem que o pároco auxiliado da piedosa turma pudesse atalhar tão desaforada audácia.

Olinda, segundo nos atesta o seu mencionado donatário, quando foi queimada, tinha acima de dois mil e quinhentos fogos, subindo a mais de vinte e cinco mil habitantes, se dermos dez pessoas a cada família.

11 Em oitocentos e dez tinha quatro mil quatrocentos e um vizinhos, incluindo os do seu termo.

Santo Antão, situada junto à Ribeira Tapacorá, erecta em oitocentos e doze, tem uma igreja matriz dedicada ao santo, que lhe dá o nome, e duas capelas com as invocações do Rosário, e Livramento, e mercado cada oito dias. Recolhe muito algodão.

Entre outras povoações, e paróquias consideráveis desta comarca nota-se a da Ipojuca na margem do rio, que lhe empresta o nome, duas léguas longe do mar, ornada com uma igreja matriz de S. Miguel, e um convento de franciscanos. Muribeca, com uma igreja paroquial de Nossa Senhora do Rosário, uma ermida da mesma invocação, outra do Livramento entre o Recife e Cabo de Santo Agostinho uma légua longe do mar. Açúcar é a riqueza de ambas.

Porto Calvo, vila mediana com algum comércio, e uma igreja paroquial de Nossa Senhora da Apresentação; situada na margem do Rio Manguaba, cinco para seis léguas distante do mar. Vila de Bom Sucesso foi o seu primeiro nome.[12]

Alagoas, assim chamada do seu assento sobre a porção meridional do Lago Manguaba, erecta com o nome de Vila da Madalena, considerável, cabeça da comarca do seu nome, e residência ordinária do Ouvidor, que é também inspetor das madeiras da Marinha Real, ornada com uma igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, um convento de franciscanos, outro de carmelitas calçados, duas ordens terceiras, e três capelas mais com as invocações do Amparo, Rosário, e Bonfim. Tem cadeira regia de Latim. Em todo o tempo é abastada de pescado. As jacas, e laranjas são em abundância.

Nos princípios do século passado, saíam do distrito desta vila dois mil e quinhentos rolos de tabaco, um ano por outro, de oito arrobas cada um; e de tão boa qualidade, que se comprava quase cinqüenta por cento mais caro que o da Bahia. Açúcar é hoje a riqueza de seus habitantes.

Atalaia, seis léguas arredada da precedente, três por água, outras tantas por terra, em terreno fecundo, sadio, e de excelentes águas com uma igreja matriz de Nossa Senhora das Brotas. Nos seus contornos há muita ipecacuanha; e cultiva-se algodão com os víveres do país. O número dos seus habitantes, incluídos os do termo, sobe a mil quinhentos e setenta: parte deles são caboclos, brancos e de feições mais regulares do que nenhuma outra tribo dos indígenas conhecidos.

Anadia, vila mediana com uma igreja matriz de Nossa Senhora da Piedade, catorze léguas distante da das Alagoas. Seus moradores são índios, europeus, brancos do país, e mestiços em número de mil vizinhos, incluindo os do seu termo, quase todos ou cultivadores, ou compradores de algodão, sua principal riqueza.

Pelo mesmo alvará, com que à Vila do Penedo se concedeu Juiz de Fora, foram criadas as vilas de Maceió, e Porto de Pedras.

A primeira é um desmembramento da das Alagoas. Está obra de um quarto de légua arredada do Porto Jaraguá junto à praia. O seu termo tem para mais de sete léguas de costa, desde o Rio das Alagoas até o de Sto. Antônio Grande. Neste intervalo desembocam o Rio Doce, que é curto, e sai duma pequena lagoa; o Paratiji, o de Sto. Antônio-mirim, e o Paripueira que recolhe o Cabuçu pela direita junto à sua foz.

A de Porto de Pedras é um desmembramento da de Porto Calvo. Está situada na foz do Rio Manguaba, aliás Manguape. Seu termo tem perto de nove léguas de costa, ocupando o intervalo do mencionado Rio de Sto. Antônio

12 Porto Calvo, a cujo cais chegavam noutro tempo as sumacas com a maré, é pátria do mulato Calabaf, que passando para os holandeses em seiscentos *e* trinta e dois ,lhas foi de tanta vantagem, quanto aos pernambucanos de dano; até ser entregue em prêmio dos seus serviços, para receber o castigo da sua perfídia. Na tomada desta vila perdeu a vida um sobrinho do general holandês o Conde de Nassau; e parte dum braço o célebre preto Henrique Dias, que ao depois tanto se distinguiu na batalha dos Montes Guararapes.

Grande até o de Manguape. O Camuriji, e o Tatuaimonha ou Tatuamuí são os principais, que deságuam na sua costa.

Cada uma destas vilas tem dois juízes ordinários, e um dos órfãos, três vereadores, um procurador da câmara, um tesoureiro, dois almotacéis, um alcaide com escrivão do seu cargo, dois tabeliães do público, judicial, e notas: ao primeiro dos quais estão anexos os ofícios de escrivão da câmara, cizas, e almotacerias: ao segundo pertence o ofício de escrivão dos órfãos.

Poxim, vila pequena sobre a margem do rio deste nome, que sai ao mar três léguas ao nordeste de Cururipe, tem uma grande ponte, e uma igreja matriz dedicada a N. Senhora com o título de Madre de Deus. Dista duas milhas do Oceano; e abunda de pescado.

No seu termo está a nova, e ainda pequena Aldeia de N. Senhora da Conceição, assim chamada da padroeira de uma capela que a orna, e onde nos dias festivos concorrem seiscentas famílias, espalhadas pelos seus contornos; situada junto ao Rio Cururipe uma légua distante do mar. O seu bom porto, onde por ora só se carrega alguma madeira, e azeite de mamona, e a fertilidade do território interior contribuem muito para vir a ser uma vila considerável. O terreno na proximidade da praia é arenoso, e apropriadíssimo para os cajueiros, que em pouco tempo se fazem grandes árvores; e podem subministrar um ramo de comércio com o fruto.

Penedo, vila considerável, populosa, e comerciante, parte em plano ao longo do Rio de São Francisco, que a danifica com as grandes cheias, parte em alto da extremidade duma lomba, que vem de longe, e é a primeira terra levantada, que se encontra sobre a margem setentrional, subindo rio acima. Além da matriz, dedicada a N. Senhora do Rosário, tem uma ermida da mesma invocação, outra de N. Senhora da Corrente, outra de S. Gonçalo de Amarante, outra de S. Gonçalo Garcia, e um convento de franciscanos, cuja cerca inútil ocupa o melhor sítio para a povoação. Tem cadeira regia de Latim, e uma boa casa para aposentadoria do Ouvidor. Até poucos anos há, as casas eram de pau-a-pique, e mesquinhas; hoje tem muitas de pedra com dois e três andares, bom risco, e portados duma casta de pedra de amolar. Em oitocentos e seis tinha esta vila trezentos vizinhos, pela maior parte europeus, e açoritas; sendo ainda raros os patrícios, que soubessem conservar as legítimas, e menos os que as aumentavam. O rio tem aqui um quarto de légua de largura; a maré três pés no plenilúnio. A maior cheia, de que há memória, subiu vinte pés. Contam sete léguas daqui à boca do rio.[13]

Por alvará de quinze de dezembro de mil oitocentos e quinze se lhe concedeu Juiz de **Fora.**

Pouco mais de sete léguas acima, na margem do mesmo rio, em sítio aprazível está a paróquia do Colégio, cujos moradores, que não chegam a oitenta famílias, são quase geralmente índios de três nações diversas: Aconans, que viviam no distrito da Lagoa-comprida, que fica poucas milhas pelo rio arriba; Carapotos, que habitavam na Serra Cuminati; e Cairiris, que viviam encostados à serra, que deles tomou o nome. A maior parte desta colônia anda vagabunda, quando não pesca, segundo o costume de seus antepassados, por um terreno de seis milhas de comprimento ao longo do rio, e três de largura, que se lhes deu para exercerem a agricultura. As mulheres destes poltrões trabalham diariamente em olaria assentadas no chão. A todos os vasos dão princípio em cima duma folha de bananeira sobre o joelho: depois assentam-nos num prato grande pulverizado de cinza, sobre o qual acabam de lhes dar a forma, e o enfeite. Elas mesmas procuram, acarretam, amassam o barro, e vão buscar a lenha para no sábado à noite cozerem a obra da semana, em grandes fogueiras num terreiro,

13 O rol dos Confessados tinha onze mil quinhentos e quatro, Inclusos os do termo.

sem que os maridos lhes dêem o menor adjutório. A matriz foi uma capela de jesuítas, que possuiam o território. Pode vir a ser povoação considerável.

Desta comarca é o considerável Arraial de São Miguel situado na margem, e obra de sete léguas acima da foz do rio, que lhe dá o nome, e ornado com uma igreja matriz de N. Senhora do Ó, cujos paroquianos sobem atualmente a mil quatrocentos e oito vizinhos, pela maior parte dispersos.

A parte ocidental da província é muito mais extensa que a precedente; porém muito mal povoado, sendo um país agreste, e seco sem outras chuvas mais que as das trovoadas; mas não geralmente infecundo; encontrando-se por toda a parte pedaços de terreno mais ou menos fértil, onde se cultiva, ou pode cultivar mandioca, milho, feijão, hortaliças, algodoeiros com algumas árvores frutíferas. Alguns há apropriados para plantações de canas-de-açúcar. Por toda a parte se cria gado vacum em maior, ou menor quantidade; e se encontra variedade de caça em abundância.

Pertencia à correição do Ouvidor da Jacobina até oitocentos e dez, em que foi erecta comarca, cedendo-lhe a do Recife a porção interior. Ouvidoria do Sertão de Pernambuco é o nome que a designa, enquanto o magistrado não escolhe para cabeça a vila, de que haja de tomar o apelido. Gado, couros, algodão, sal, e ouro são os objetos de exportação.

Rios —- O Rio-Grande, e o Correntes são os únicos consideráveis.

O Rio de São Francisco, cuja descrição interrompemos na confluência do Carinhanha, donde, até entrar no Oceano, só recolhe cinco outros de nome; o das Rãs, o Pará-mirim, o Verde pela direita, o Correntes obra de trinta léguas abaixo do primeiro, e o Rio Grande obra de quarenta mais abaixo pela esquerda, continuam daquela paragem contra o setentrião com amiudadas, e pequenas tortuosidades, largura assaz considerável, formando grande número de ilhas, e algumas correntezas, que não impedem a navegação. As margens são baixas, e em parte tão rasas, que com as grandes cheias ficam submergidas por mais de duas léguas.

Abaixo da confluência do Rio Grande vai declinando para leste até les-sueste, conservando a mesma largura por maior espaço até à Aldeia da Vargem Redonda, onde termina a navegação de Cima; e as terras laterais começam a elevar-se. Seu álveo estreita; e a corrente começa a ser despedida por entre margens de rocha azul, ou anegrada, e como envernizada até à pequena Aldeia do Canindé, (termo da navegação de Baixo) que fica obra de vinte léguas abaixo daqueloutra. Neste intervalo há várias cachoeiras grandes, das quais a mais famosa é a de Paulo Afonso, onde o rio corre mui apertado. Entre elas há pas-sagens de canoa no verão.

No Canindé continua a correr por entre ladeiras de muita pedra, pouca terra, mesquinhos vegetais, e cem braças para mais de altura, e margens ainda de rocha com largura dum tiro de funda, por espaço de três léguas até a boca do Rio Jacaré, onde de todo acaba a penedia. O seu leito nesta paragem é semeado de recifes com aparência dos resquícios dum majestoso dique demolido.

Três léguas abaixo está a pequena Ilha do Ferro, onde as ladeiras começam a diminuir de elevação, e o rio a aumentar de largura, e a ter coroas de areia branca, onde passeiam garças brancas, ou cinzentas; onde se ajuntam legiões de mergulhões negros, (que formam como um tresmalho, e cercam os peixes nos remansos de pouco fundo, e onde não há piranhas) e onde as gaivotas, e outros pássaros aquáticos fazem suas posturas em covinhas, e criam seus filhos depois que o calor do sol os faz nascer.

Seis léguas abaixo da Ilha do Ferro está a do Ouro, também pequena, alta, e de rocha, coroada com uma Ermida de N. Senhora dos Prazeres: e são as

únicas, que se encontram no espaço de trinta léguas do Canindé até à Vila do Penedo, onde findam as colinas, que bordam a margem esquerda.

Meia légua abaixo de Vila Nova acabam as colinas da margem direita: e o rio começa a repartir-se, formando grande número de ilhas geralmente rasas, povoadas de matos viçosos de aspecto agradável, de terreno fértil, onde se cultiva algum arroz, milho, mandioca, canas-de-açúcar, hortaliças. Algumas são arenosas, outras de barro pardo com uma camada de outro negro por cima, e dum pé de grossura; e em cima desta outra de terra amarelada de três para quatro palmos de altura. Todas ficam submergidas com as grandes cheias. As cana-fístulas, formosas enquanto carregadas de flor encarnada, e que dão por fruto uma vagem comumente de dois palmos de comprido, e grossura proporcionada, são aqui em grande quantidade; e continuam por ambas as margens até dez léguas acima da Vila do Penedo. Este rio, tão profundo no interior do continente, deságua por duas bocas muito desiguais: a do norte, que é a principal, tem meia légua de largo; e tão pouco fundo, que as sumacas só entram com o preamar, e esperam as maiores marés para sair.

A navegação de cachoeiras acima é feita em barcas, e ajojos, que são duas ou mais canoas amarradas com travessas por cima. Tudo o que desce rio abaixo, é desembarcado na Vargem Redonda, distrito da freguezia e julgado de Taçaratu, e transportado em bestas, ou bois de carga ao Porto do Canindé, ou das Piranhas, que fica meia légua abaixo. A navegação daqui para o Penedo só é feita em ajojos, e sempre à vela para cima. O vento reina favorável das oito horas do dia até à madrugada seguinte, não sem alteração, segundo a idade da lua, e a variação do tempo: sempre cresce de tarde; e muitas vezes acalma antes de meia-noite. Para baixo descem com a corrente sempre viva, enquanto não há vento, que agite a água. Quando este é forte, a corrente diminui, e o rio sobe um palmo. É mais piscoso das cachoeiras para riba. Dizem os homens antigos, que esta diferença começara com a extinguidora pesca das tapagens, injustamente apoiada pelas câmaras, que tiram deste abuso consideráveis rendimentos, que desaparecem sem deixar ao público sinal do em que se dispenderam, segundo o eco dos povos.

Os mais deliciosos peixes deste rio são surubins, que tomam a grandeza dum homem; mandins, que crescem até quatro pés de comprimento com grossura proporcionada, e têm mui grandes barbas; piras de dois pés de comprido; piranhas, que são curtas e largas com dentes agudíssimos, e fatais a todo o vivente, que podem alcançar. Nenhum destes pescados tem escamas; camurins com uma risca branca nos lados, camurupins, ambos corpulentos, e escamosos.

Os cães, por um instinto natural, enquanto as águas estão barrentas, só bebem nas pontas, onde são correntes, com medo das piranhas, que só andam em água morta.

O Rio Correntes, ao qual dão quarenta léguas de curso, e o nascimento numa lagoa, corre primeiramente com o nome de Formoso: recolhe outro do mesmo apelido; e depois o das Éguas, o Guará, e o Arrojado: dá navegação por largo espaço, e deságua no de S. Francisco obra de três léguas abaixo da Capela do Bom Jesus da Lapa. Todos os ramos mencionados saem da falda, ou da proximidade da Serra do Paranã. Alguns correm por terrenos auríferos, onde se minera de poucos anos a esta parte; o que motivou fundar-se na vizinhança do Rio das Éguas uma Capela de Nossa Senhora da Glória, já paróquia de seiscentos e oitenta e quatro vizinhos, com mil novecentos e noventa e oito adultos, em oitocentos e nove: sendo muitos criadores de gado vacum, outros agricultores.

O Rio Grande,[14] ao qual fazem ter cinqüenta léguas de curso, principia na Serra do Paranã, perto do registro de S. Domingos, obra de cinco léguas distante da origem do Guará, ramo do Correntes. Depois de largo espaço se lhe une o Rio do Mosquito, e cinco abaixo o Rio das Fêmeas, que nasce quatro arredado da contagem da Tabatinga. Obra de doze milhas adiante entra nele o Rio das Ondas, que nasce duas léguas afastado do precedente, e mui perto do Sobrado, ramo do Tocantins, e corre rápido por um terreno aurífero, e diamantino, segundo contam. Quatro léguas abaixo se lhe une o Rio Branco, navegável até o sítio das Três Barras, assim chamado por causa da união do denominado Riachão, e Rio de Janeiro, que desembocam um defronte do outro. Obra de vinte léguas abaixo se lhe incorpora também pela margem esquerda o Rio Preto, que é o seu maior tributário, e nasce na falda da Serra das Figuras, que é a continuação da da Mangabeira, donde saem os outros ramos mencionados, menos o Riachão. Seu primeiro nome é Rio dos Dourados: sua corrente rápida por, um leito tortuoso, e de margens alcantiladas; e suas águas cristalinas. Passa junto da Aldeia da Formosa, ornada com uma Ermida do Senhor do Bonfim; e pela Ifreguezia de Santa Rita, que fica obra de doze léguas abaixo daquela, e pouco mais arriba da sua embocadura.

O Rio Grande, que se incorpora com o de São Francisco obra de catorze léguas abaixo da confluência do Rio Preto, é navegável até à foz do das Ondas, e sem cachoeiras até à do Branco: passa pela Paróquia de SanfAna de Campo-Largo, que fica obra de dez léguas acima da embocadura do Rio Preto. Cria surubins, crumatãs, grandes dourados, piranhas, piaus, martrinchãs, e outras castas de pescados. Suas águas têm cor mui diversa das do rio, que o recolhe, e conservam-na largo espaço, depois de terem entrado nele.

A Vila da Barra do Rio Grande, situada no ângulo setentrional do con-

Barra do Rio Grande Santa Maria
vilas Assunção
Pilão-Arcado
Simbres
Flores

fluente, que lhe dá o nome, é mediana, abastada de carne, e peixe, e com algum comércio. A igreja matriz é da invocação de S. Francisco das Chagas; e o número total dos paroquianos incluído em mil e trinta e seis famílias. A passagem do do Rio de São Francisco, que tem aqui uma milha de largo, é mui freqüentada.

Pilão-Arcado, erecta em oitocentos e dez, fica obra de trinta léguas abaixo da precedente, bem situada junto a uma colina na margem do Rio de São Francisco, sua única fonte em todo o tempo, e cujas cheias extraordinárias lhe causam algum dano. A igreja matriz, dedicada a Sto. Antônio, é nova, e sólida, feita de tijolo, e cal: as casas quase geralmente térreas, e de madeira; e sendo ainda muitas cobertas de palha. É vila de trezentos vizinhos, que vão em aumento, e com os do seu vasto termo chegam a cinco mil habitantes. Cultivam mandioca, milho, legumes, bons melões, e melancias nas margens do rio.

Nos seus contornos geralmente agrestes, estéreis, e que só criam gado vacum, (sujeito às horrorosas mortandades causadas pelas grandes secas, que freqüentemente se experimentam) há várias lagoas pequenas em maior, ou

14 Ignoramos o original nome deste rio. ao qual os. primeiros sertanejos, talvez Injustamente, substituíram o com que atualmente se designa, à Imitação dos primeiros descobridores da costa com outros, que desde aquele tempo têm este mesmo apelido, nao havendo inconveniente em conservar-lhe o primitivo, quando nao é indecente, ou mui bárbaro. É verdade que todos os que tem este nome, é por excederem em cabedal a todos os daquele distrito; mas também é certo, que estes dois vocábulos ja nao são bastante para designar o desta ou daquela paragem.

menor distância do rio, todas de água mais, ou menos salobre, em cujas margens o calor do sol faz aparecer sal como geada.

A água destes lagos (e mesmo a doce) filtrada por uma porção da terra adjacente em cochos de pau, ou de couro finamente furados, e expostas em tabuleiros ao tempo, em oito dias de calor se congela, e cristaliza, ficando sal alvo como o marinho. Posto que em terras de proprietários, são reputadas como terrenos auríferos, e comuns a todos os que delas se querem utilizar; sendo um

grande recurso da pobreza. Quase todo este sal sobe para o centro de Minas Gerais.

Vila Real de Santa Maria, situada numa ilha de três milhas de comprido, larguíssimo espaço abaixo da precedente, tem o aspecto de aldeia, e cento e sessenta vizinhos geralmente índios caçadores, pescadores, e agricultores; inimigos do fausto, isentos de tributos; suas mulheres fiam, e tecem algodão; e trabalham em olaria, de que se exporta considerável porção.

A Vila de N. Senhora da Assunção, que tomou o nome da padroeira da sua matriz, e cujos habitantes, em número de cento e cinqüenta e quatro vizinhos, todos indígenas, pescam, caçam, cultivam mandioca, milho, melancias, hortaliças, e algodão, está na extremidade ocidental duma ilha, que tem cinco léguas de comprimento e fica outras tantas abaixo da precedente.

Defronte está o mediano arraial, e julgado de Quebrobó, com uma igreja matriz de N. Senhora da Conceição, cujos paroquianos, em número de mil oitocentos e vinte e sete vizinhos de todas as compleições, vivem pela maior parte dispersos pelo seu vasto termo. Algodão, e gado fazem a sua riqueza.

Flores, erecta vila no ano de oitocentos e dez, é ainda pequena, e fica na vizinhança do Rio Pajeú. Serve-lhe de matriz uma capela filial da paróquia de Quebrobó. O povo, que a habita só tira lucro da criação do gado, e da cultiura dos algodoeiros.

Simbres, anteriormente Ororobá, pequena vila de índios Chucurus com alguns brancos, e mestiços cultivadores de algodão, e mantimentos do país. Os primeiros têm fama de saber compor remédios, que fazem alienar o juízo. Suas mulheres trabalham em olaria com arte; fiam, e tecem algodão; e fazem um pranto lúgubre, quando os maridos não trazem caça do mato. A matriz, dedicada a N. Senhora da Montanha, foi dos padres da congregação do Oratório do Recife. Quatrocentos e setenta e dois é o número dos vizinhos, que formam a sua população.

O considerável Arraial, Julgado, e Paróquia de Santo Antônio, no distrito de Garanhuns, confinante com a precedente é ainda desta comarca, havendo sido, como a derradeira, desmembrado da do Recife. Algodão é a riqueza do povo, que o habita.

Desta ouvidoria é também a Freguesia de SanfAna do Sacramento do Angical, desmembrada da de Campo Largo, da qual dista obra de oito léguas, três da margem do Rio Grande.

PROVÍNCIA DA PARAÍBA

Esta província é a mesma Capitania de Itamaracá; ou para melhor dizer, ocupa quase dois terços daquela: não tendo hoje mais de dezoito a dezenove léguas de costa, contadas do Rio Goiana até à Enseada dos Marcos, que fica três milhas ao norte do Rio Camaratiba; havendo-lhe tomado a de Pernambuco sete a oito léguas na parte meridional, e a do Rio Grande quatro a cinco ao norte: sendo de notar, que a Capitania de Itamaracá verdadeiramente nunca foi mais que uma porção da que el-Rei D. João o Terceiro dera a Pedro Lopes de Sousa, em mil quinhentos e trinta e quatro.

Constando que o historiador João de Barros obtivera uma capitania quando, e como os outros donatários, concorda a maior parte dos nossos escritores, que falaram geográfica, ou historicamente deste país, que ela fora a da Paraíba.

O autor da D. G. d'A. P. inadvertidamente avançou, que a Capitania de João de Barros se estendia com cinqüenta léguas de costa da Enseada Aretipicaba (hoje Baía Formosa) a qual ele põe em pouco mais de seis graus, até confinar com a de Pedro Lopes, que terminava junto ao Rio Iguaraçu: não reparando que do Rio Guaramataí, hoje Cunhaú, posto por ele em seis graus, até o mencionado Iguaraçu só há trinta léguas de costa, devendo haver oitenta.

Os que advertiram no impossível, não souberam desembaraçar-se, senão apoucando-as, como fez o A. do Castrioto Luzitano, dando à pretendida de João Barros vinte e cinco léguas de costa, e Rocha Pita com o P. Jaboatão reduzindo a de Itamaracá à pequenez de sete: pretendendo todos que a Capitania da Paraíba seja diversa da de Itamaracá.

Documentos incontrastáveis, tais como a carta de doação, e as transações para a venda da maior parte da capitania declarando a sua extensão de costa, e limites tanto meridionais, como setentrionais, mostram evidentemente que jamais houvera Capitania da Paraíba, que não fosse a mesmíssima de Itamaracá.[1]

A Capitania de João de Barros compreendia o terreno, que restava ao norte da Baía da Traição, ou do paralelo de seis graus, limite setentrional das trinta léguas dadas a Pedro Lopes, e que faziam a chamada Capitania de Itamaracá, dentro da qual está o Rio Paraíba.[2]

Consta que Pedro Lopes de Sousa passara ao Brasil em quinhentos e trinta e um; que voltara ao reino em trinta e três, e tirara a carta de doação no ano seguinte, como se disse. O P. Jaboatão diz que ele passara à Índia, (sem declarar quando) e se perdera na volta em quinhentos e trinta e nove, sem se saber aonde.

A ida deste donatário à Índia é tão incerta, e duvidosa, como possível, e ainda provável ter sido na companhia de Martim Afonso, seu irmão, em qui-

1 "As trinta léguas, que falecem, começarão no rio, que cerca em redondo a Dha Itamaracá, ao qual rio eu ora pus nome. Rio de Santa Cruz, e acabarão na Bala da Traição, que está em altura de seis graus: e isto com tal declaração que a cinqüenta passos da casa da feltoria, que de principio fez Cristóvão Jaques pelo rio dentro ao longo da praia, se porá um padráo de minhas armas, e do dito padráo se lançará uma Unha, que cortará a oeste pela terra dentro; e da dita linha para o norte será do dito Pedro Lopes... e será sua a dita Ilha Itamaracá." Memor. para a Hlstor. da C. de S. Vicente, pag. 149.

"As ditas cinqüenta léguas de costa se possam dividir, e apartar das trinta léguas de costa, que o dito Marquês de Cascais pela mesma doação no Rio da Sereia em redondo da Ilha Itamaracá, e acabam na Baia da Traição que está em altura de seis graus". Id. Achando-se a bala da Traição catorze minutos mais ao sul, e a Formosa mui próxima da latitude mencionada, parece ter havido ou equivocação no nome, ou engano na observação.

2 Sem embargo de haver só dezoito léguas da Bala da Traição até Cabo de São Roque, a capi tania de Jofto de Barros tinha a mesma área, como se ficara com cinqüenta de frente nesta parte; porque na ocidental tinha mais de oitenta.

nhentos e trinta e quatro; porque o Pedro Lopes de Sousa, que passou à Índia, por comandante duma armada em trinta e nove, e desapareceu na volta, navegando por fora da Ilha Madagascar, acha-se em alguns historiadores com o nome de Diogo Lopes de Sousa: e deste nome era um dos quatro capitães, que acompanharam M. Afonso no dito ano; e repetiu a viagem feito Capitão-inor duma das Armadas de quinhentos e trinta e sete.

O autor das Memórias para a História da C. de S. Paulo assevera, que as cinqüenta léguas de costa meridional (doadas a Pedro L. de S.) permaneceram incultas até à morte do donatário; porque constando nos cartórios que sua mulher depois de viúva, e todos os seus sucessores nomearam procuradores, capitães, e ouvidores; e achando-se o nome da viúva, filhos, e mais descendentes, só o seu não se encontra, senão falando dele como defunto.

Parece devia inferir-se, que tardando tanto a colonização da Capitania de Santo Amaro, apesar da contigüidade com a dos parentes, mais tarde deveria ser a de Itamaracá. Contudo o A. da D. G. d'A. P. diz que P. Lopes fora pessoalmente povoá-la, levando para este fim muitos casais do Porto de Lisboa; no que gastara muito cabedal, e experimentara grandes trabalhos, e perigos: que pelejara com franceses no mar por muitas vezes, sempre com felicidade; e em terra com os índios Pitigares, que por vezes o cercaram, acometeram, ofenderam, e nunca venceram: fazendo-os ele afastar de suas vizinhanças. O que só podia acontecer, não indo ele à Índia. Fosse, como fosse: no que não parece haver um grau de verossimilhança, é quando pretende persuadir-nos que este mesmo P. L. de Sousa "sendo muito moço correu esta costa em uma armada à sua custa."

Convém-se que a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, sita na Ilha de Itamaracá, fora a primeira povoação, e também por largos tempos a capital da capitania; mas como não há documentos do ano da sua fundação, ignora-se a época do desembarque dos primeiros colonos.

A população crescia tão devagar, que na época da perda do Senhor D. Sebastião ainda não havia um estabelecimento fora da Ilha Itamaracá, cujos vizinhos andavam então por uns duzentos com três engenhos de açúcar: e os franceses infestavam os portos do continente em busca do pau-brasil.

No curto reinado do Senhor D. Henrique (da mesma sorte que se fizera no Rio de Janeiro, em razão da fraqueza do donatário) foi João Tavares por ordem do Governador do Estado, Lourenço da Veiga, fundar um presídio na Ilha da Camboa, sita no Rio Paraíba; e sendo rendido pelo Capitão Frutuoso Barbosa, este o mudou para o lugar de Cabedelo, onde, sendo inquietado pelos indígenas, Manuel Teles, Governador da Bahia, lhe mandou socorro por D. Diogo Baldez em quinhentos e oitenta e três. Os indígenas, e os franceses, que os auxiliavam, foram batidos: e Francisco Castrejon, comandante dum fortim. que então se fez, não querendo reconhecer por superior a Frutuoso Barbosa, deu motivo à retirada deste, e a uma invasão de índios, que o obrigaram a desertar o posto. Com a sua chegada a Pernambuco voltou o Barbosa com algumas companhias; e tendo restaurado todas as fortificações, deu princípio à povoação, que no ano de oitenta e cinco foi enobrecida com o título de cidade, e nome de Filipéia. Ela se achava já com setecentos vizinhos independentes do donatário, e vinte engenhos de açúcar nos seus contornos, quando os holandeses, apoderados de Pernambuco, e Itamaracá, determinaram conquistá-la;

Depois de várias tentativas, sempre frustradas, no decurso de dois anos, o General Segismundo Escup se apoderou, por capitulação, do Forte de Cabedelo a dezenove de dezembro de mil seiscentos e trinta e quatro, e lhe substituiu o apelido de Margarida em obséquio duma matrona holandesa. Com a sua redução, e com a do Forte de Santo Antônio, que se lhe rendeu quatro dias depois com as mesmas condições, passou logo o resto da província ao domínio dos novos conquistadores, que em razão das contínuas inquietações não a melhoraram.

Jaz entre os seis graus e um quarto, e os sete e catorze minutos. Fazem-lhe ter sessenta léguas no maior comprimento de leste oeste.

O maior dia do ano não chega a ter doze horas e meia de sol. O inverno começa no equinócio de março, e dura até julho, e nunca é rigoroso. O clima é cálido; mas refrescado pelas virações do mar, mormente nas suas vizinhanças. Mais de dois terços da face do país, geralmente desigual, é de catingas ou charnecas insusceptiveis de gênero algum de agricultura: o restante é de pedaços de terreno forte, substancioso, e fértil, coberto de grandes matos, principalmente nas serras de maior altura, e adjacências de alguns rios; e só nestes é que se fazem as plantações, e lavouras de mandioca, milho, legumes, canas-de-açúcar, algodoeiros, tabaco com algum arroz, inhames, batatas, abóboras, e as mais hortaliças, e frutas comuns do clima como ananases, melancias, bananas, e laranja.

Cabos e Ilhas — Ponta de Cabedelo, que é a meridional da embocadura do Paraíba; Ponta de Lucena seis milhas ao norte da precedente; Cabo Branco quatro léguas ao sul da primeira são os mais nomeados. Na costa desta província não há ilhas senão nas bocas dos rios, ou entradas das baías, e geralmente pequenas.

Portos — O que fica dentro do Rio Paraíba é o mais freqüentado: a Baía da Traição, originalmente Acejutibiró, em forma de meia lua com três entradas formadas por duas ilhotas, quase duas léguas de largo, outro tanto de seio, e uma ribeira na extremidade, passa por o melhor porto de toda a costa; e tem capacidade para recolher uma cinquentena de grandes baixeis. A entrada setentrional tem meia légua de largura. Desta baía corre um recife de cinco léguas até Cabo Branco, entre o qual e a praia há nove e dez braças de fundo, onde os navios surgem como em rio morto.

A Enseada de Lucena, da banda do norte da ponta do mesmo nome, é grande com bom surgidouro, e um rio chamado Meriripe; mas desabrigada enquanto venta do norte até leste.

Rios — O Rio Paraíba, do qual a província tomou o nome, tem a origem no distrito dos Cariris-velhos, na falda da Serra do Jabitacá, perto da do Capi-baribe: corre a les-nordeste, e só caudaloso nas vizinhanças do Oceano, onde deságua por duas bocas, divididas pela Ilha de S. Bento, que tem perto duma légua de extensão. Como o terreno, onde principia, é árido, só corre naquele distrito, enquanto duram as chuvas: depois de meio caminho é que recolhe os que o engrossam, e fazem navegável por grande espaço. Os navios sobem por ele algumas milhas; as sumacas chegam à capital, e as canoas até à Vila do Pilar. Daqui para cima seu álveo é quase sempre de penedia com muitas cachoeiras, e correntezas, que dificultam, ou impedem a navegação. Por toda a parte é pouco piscoso: na proximidade do mar largo e vistoso com margens cobertas de mangues. O Rio Guaraú, que é o maior dos seus confluentes, junta-se pelo lado setentrional pouco arriba da capital.

O Rio Mamaguape, que é formoso, e de navegação vantajosa a muitos fazendeiros de suas adjacências, sai ao Oceano por duas fozes, separadas por uma ilha rasa e povoada de mangues, entre a qual e a cadeia dos recifes, que quebram toda a fúria ao mar, há um excelente ancoradouro, onde as embarcações estão como num rio morto, para o qual os recifes abrem um estreito boqueirão, com três braças de fundo, e fica pouco mais de três léguas ao norte da Ponta de Lucena.

O Rio Gramame, originalmente *Guaramanw,* que deságua aparatoso entre Porto Francês e Cabo Branco, tem uma grande ponte de madeira na estrada de Goiana para a capital, onde corre mui espraiado: só é navegável até o lugar onde chega a maré.

O Rio Camaratiba, ou Camarative, que desemboca obra de três léguas ao norte da Baía da Traição; e o Rio Popoca, aliás Ipopoca, que sai seis milhas ao norte do Goiana, também são navegáveis com o fluxo.[3]

Na parte ocidental nota-se o Rio das Piranhas, ao qual deram o nome os peixes de que abunda. Principia na falda da Serra dos Cairiris, perto dum monte que retumba; e depois de vinte ou mais léguas de curso contra o setentrião recolhe pela margem esquerda o Rio do Peixe, que vem da Serra de Luís Gomes, com quinze ou mais léguas de extensão, sempre por campinas, onde há numerosidade de emas; e em cuja vizinhança se tem achado ouro e prata. Sete léguas abaixo desta confluência recebe pela direita o Rio Pinhancó, que lhe é pouco inferior, e também vem da Serra dos Cairiris, atravessando tortuosamente um extenso terreno, povoado de gado vacum pertencente a vários fazendeiros, que por ali vivem dispersos. Depois de grande espaço, e já caudaloso com o tributo doutras torrentes, entra na Província do Rio Grande, onde tornaremos a falar dele.

MONTANHAS — Quase todos os montes de que é semeada, são ramos da Serra Borborema, que, (começando perto do mar dentro da Província do Rio Grande) a atravessa do nordeste ao sudoeste, ou com pouca diferença, dividindo-a em duas partes, oriental e ocidental. A derradeira, designada com o nome de Cairiris Novos, é país alto, lavado dos ventos e sadio; e também consideravelmente mais larga que a oriental. Janeiro, fevereiro, março e abril, são aqui os meses mais chuvosos.

Na Serra do Teixeira, que é uma porção da mencionada Borborema, há umas inscrições com tinta vermelha, e caracteres desconhecidos dos homens do país vizinho, que com maior fundamento os reputam por obra dos holandeses ou flamengos, como ainda lhes chamam; parecendo natural que sejam caracteres germânicos, ou góticos.

ZOOLOGIA — Todos os animais domésticos da nossa península se multiplicaram aqui sem degenerar. Nos matos encontram-se antas, veados, onças, porcos, raposas, macacos, guaxinins, preguiças, pacas, quatis, e outros quadrúpedes comuns às províncias vizinhas. Nota-se aqui uma casta de furão do tamanho dum gato, e alguma parecença de quati, com o qual os caçadores tiram das tocas os mocos e as preás, como na Europa se pratica a respeito dos coelhos. Se o animal pressente cobra na toca, não entra. Não consta que haja este vivente do Rio de São Francisco para o sul. Entre as aves notam-se emas, seriemas, jacus, zabelês, codornizes, papagaios, rolas, sabiás, pombos-trocazes, canários, cardiais, marrecas, colhereiras, garças, jaburus, socos, diversidade de maçaricos e de gaviões. As arapongas todas têm as costas anegradas. O Pupeiro, que é do tamanho dum melro, com bico de pombo, costas azuladas, peito encarnado, e cauda, quando aberta, dum pintado elegante, só se encontra nas matas de algumas serras.

Duas nações dominavam este país: Caetés do Rio Paraíba para o sul, e Potiguaras para o norte; cada uma dividida em várias hordas, e todas cristianizadas há largos anos.

FITOLOGIA — Cedro, pau-brasil, aroeira, pereira, batinga, que é amarela: pau-ferro, violete, fava-de-cheiro, que frutifica em vagens, e cujo legume é excelente para rouquidões: sipipira, pau-d'arco, coração-de-negro: angico, ange-lim, jatobá; a árvore do óleo copaíba, a da goma elemi ou almécega. Nos bosques onde se criam estas árvores, e outras de construção, encontram-se também frutíferas sem benefício algum do braço humano, como jabuticabeiras, pitombeiras, goiabeiras, cajueiros, umbuzeiros, araçazeiros: as mangabeiras são multiplicadíssimas em algumas partes: os coqueiros numerosos ao longo das praias, que

3 O Rio Ipopoca na proximidade do mar atravessa o Lago Ablal, que tem cinco milhas de comprimento norte-sul com largura proporcionada, cria diversidade de pescado, e recolhe varias ribeiras, das quais as mais consideráveis sao a Jaguarema e Camaçari.

em partes são de areia, noutras de rocha, ou cobertas de mangues. Catulé é uma casta de palmeira grande, cujo fruto alimenta o gado. Piki é árvore mediana, seu fruto redondo, do tamanho de maçã com casca esverdeada, e um grande caroço espinhoso e tenro, cuja amêndoa se come assada, ou crua: a polpa é branca e mole, e também se come crua, ou cozida; ainda se extrai dela um óleo para temperos.

Esta província produziu noutro tempo muito e excelente açúcar, cuja cultura tem diminuído consideravelmente em razão das grandes secas, que freqüentemente se experimentam; em seu lugar se tem adiantado a do algodão, cujo vegetal resiste melhor ao calor, e não deixa menor interesse aos cultivadores.

O número dos negros diminui à medida que os brancos, honrando-se com o trabalho, aumentam.

As vilas, na parte oriental desta província, são: Paraíba, Pilar, Alhandra, Vila-Real, Vila do Conde, Vila da Rainha, São Miguel e Montemor; na parte ocidental, Pombal e Vila Nova <le Sousa.

Paraíba, cidade medíocre, aprazível, populosa, sobre a margem direita, e três léguas acima da embocadura do rio, que lhe empresta o nome, junto à confluência da Ribeira Unhabi, ornada com casa de misericórdia e seu hospital, um convento de Franciscanos, outro de Carmelitas Calçados, terceiro de Beneditinos: cinco ermidas, a do Bom Jesus, que é dos soldados; a de Santa Cruz, a de S. Pedro Gonçalves, a de N. Senhora Mãe dos Homens, pertencente aos pardos, a de N. Senhora do Rosário dos Pretos, dois elegantes chafarizes de boas águas; é a capital da província, e residência do seu Governador, e do Ouvidor, cuja jurisdição abrange também a Província do Rio Grande. Tem professores régios de Primeiras Letras, Latim, e uma Junta da Real Fazenda. Seus habitantes obedecem a uma só matriz, dedicada a N. Senhora das Neves. Os jesuítas tinham aqui um colégio, hoje palácio dos governadores, que possuem outro para recreio, em distância de légua e meia, na praia do Tambaú, onde há um hospício de franciscanos. As ruas principais são calçadas, e muitas casas nobres. O rio, cuja entrada é defendida por dois fortes fronteiros, e distantes uma légua, tem aqui uma milha de largura, e forma-lhe um bom porto para sumacas: os navios sobem pouco mais acima dos fortes. Em 1813 se lhe concedeu Juiz de Fora.

Nos seus contornos cultivam-se víveres e canas-de-açúcar, para cuja manipulação há vários engenhos. Em maior distância cultivam-se algodoeiros, especialmente no sertão de Crumataú.

Os holandeses trocaram-lhe o nome primitivo pelo de Friderica, em obséquio ao Príncipe de Orange; e substituíram às suas armas um *pão de açúcar,* aludindo à ótima qualidade do que se fabricava no país. Não lhe aumentaram os edifícios, e demoliram-na, quando quiseram evacuá-la.

Três léguas arriba, sobre a margem do mesmo rio, está o considerável Arraial de Santa Rita, com uma ermida desta invocação.

Doze léguas acima da capital, na margem esquerda do Paraíba, está a Vila do Pilar do Taipu, ornada com uma igreja matriz, que tem por padroeira Nossa Senhora do Pilar. Cariri foi o seu primitivo nome, enquanto aldeia de índios, seus primeiros habitadores, e que ainda hoje formam com as suas extrações o grosso do povo, que bebe do rio, e nos seus arredores cultiva boa quantidade de algodão, mandioca, e outros mantimentos.

Em distância de duas léguas e meia está o considerável arraial, e paróquia de Taiabana sobre a margem do mesmo Paraíba: e três para o norte o de Canafístula, ornado com uma ermida. Em ambos se recolhe muito algodão; como também no de Gurunhem, situado sobre a ribeira do mesmo nome, e ornado com uma capela de N. Senhora do Rosário.

Junto ao mesmo Paraíba, e obra de meia légua arredada da Vila do Pilar, está a Freguesia de São Miguel. Algodão é a riqueza dos seus paroquianos.

Alhandra, originalmente Uratauí, vila medíocre, e bem situada junto ao Rio Capibari, obra de oito milhas ao nordeste de Goiana, e duas léguas longe do mar, ornada com uma igreja matriz, que tem por Orago N. Senhora da Assunção. O povo, que a habita, compõe-se de índios e brancos, ou puros ou combinados, agricultores e pescadores.

Vila do Conde, noutro tempo Japoca, ainda pequena e sem notabilidades, ornada com uma igreja matriz, que tem por padroeira N. Senhora da Conceição, fica obra de cinco léguas ao sul da capital, e perto de quatro afastada do mar. Seus habitantes, índios brancos e mestiços, cultivam diversidade de víveres, e bebem duma boa fonte.

A Vila de São Miguel, situada na proximidade da Baía da Traição, com uma lagoa de permeio, tem aspecto duma pequena aldeia. A matriz, que a orna, é dedicada ao Arcanjo, que lhe dá o nome. Seus habitantes são índios, agricultores e pescadores.

Montemor é uma vilota de aborígines, obra duma milha arredada da margem setentrional do Rio Mamanguape, e quatro léguas longe do mar. Teve princípio seis milhas mais arriba, onde está a Paróquia de S. Pedro e S. Paulo, para habitação dos avós de seus atuais habitadores. Tendo crescido muito o número dos brancos, que ali se lhes agregaram, para evitar as desavenças, que às vezes se originavam entre as duas jerarquias, conveio-«e em separá-las, fazendo-se nova aldeia, com o nome de Preguiça, para estabelecimento dos primeiros no sítio onde está a vila. A sua matriz é dedicada a N. Senhora dos Prazeres.

O Senado desta vila reside na mediana povoação da mencionada paróquia de S. Pedro e S. Paulo, mais conhecida pelo nome de Mamanguape, por estar perto deste rio.

Em 1813, quando a sua população, e de seu extenso termo, andava por bem perto de quinze mil adultos, se lhe desmembrou a porção ocidental para criação da Freguesia de N. Senhora da Conceição do Brejo de Areia.

Vila Real. Por alvará de 17 de junho de 1815 foi esta nova Freguesia de N. Senhora da Conceição criada vila, com o nome de Vila Real do Brejo de Areia, assistindo ao seu governo civil dois juízes ordinários e três vereadores, com os mais oficiais do comum nas outras vilas da mesma ordem. Fica vinte e duas léguas arredada de Montemor. Algodão é a riqueza do seu povo.

Vila da Rainha, vulgo Campina-Grande, por estar solitária numa dilatada planície, obra de trinta e cinco léguas ao poente da capital, não passa ainda de pequena; porém mui freqüentada, em razão de lhe passar por dentro a estrada real do sertão. Paupina era o nome que a designava antes de ser vila. Seus habitantes bebem duma lagoa contígua, a qual, faltando dágua nos anos de grande seca, os obriga a ir buscá-la ali a duas léguas. A sua matriz é dedicada a N. Senhora da Conceição.

Pombal, vila considerável (para o país) e bem situada sobre o Rio Pinhancó, uma légua acima da sua embocadura, e quarenta e cinco ao sul de Vila Nova da Princesa, tem por padroeira N. Senhora do Bom Sucesso. Seus habitantes, quase geralmente brancos, vivem do produto da agricultura, e do gado, que não é numeroso.

Vila Nova de Sousa está situada na margem do Rio do Peixe, três léguas acima da sua foz, dez arredada de Pombal, e tem uma igreja matriz dedicada a N. Senhora dos Remédios. Seus habitadores cultivam legumes, canas-de-açúcar, melancias e melões, nas adjacências das torrentes; e nas serras mandioca, algodoeiros e milho. Nas catingas pastam gados, e encontra-se diversidade de caça.

No ano de 1806 ainda não havia as quase indispensáveis laranjeiras em nenhum dos distritos das últimas duas vilas, onde todas as outras árvores estão inclinadas para o poente: tão constantes e impetuosos são aqui os levantes.

PROVÍNCIA DO RIO GRANDE DO NORTE[1]

A conquista desta província, que é uma porção da Capitania de João de Barros, foi começada no ano de 1597, por ordem de Filipe II, com o intuito de impedir aos franceses a exportação do pau-brasil, e domar os potiguaras, que destruíram as lavouras aos moradores da Paraíba, e estorvavam o progresso daquela colônia.

D. Francisco de Sousa, Governador do Estado, por ordem que teve, contribuiu com tudo o necessário à custa da Real Fazenda. A esquadra, que se aprestou em Pernambuco, e levava um jesuíta por engenheiro, e um franciscano por intérprete da língua dos indígenas, navegou destinadamente à embocadura do Rio Grande, que era o porto mais visitado pelos corsários. A empresa teve princípio com um fortim de madeira, junto ao lugar onde hoje está a Fortaleza dos Reis, e cujo primeiro comandante, Jerônimo de Albuquerque, teve muitos, e renhidos combates com os aborígines por mais de um ano, até travando amizade com Sorobabé, chefe dos indígenas, por mediação dum índio aliado, cujo nome em português significa *Ilha-Grande,* teve a oportunidade de lançar os fundamentos à cidade Natal, que tomou este nome, por se encontrar a inauguração da sua matriz, com a festividade do nascimento do Nosso Salvador em 1599.

A falta de melhores portos, a qualidade do terreno, que não atraía colônias, o cetro de ferro, que naquele tempo dominava a nação, o natural inconstante dos indígenas tão inúteis quando amigos, como fatais enquanto inimigos, concorriam para que a colônia não tivesse aumentos consideráveis em trinta anos.

Os holandeses, depois de estabelecidos em Pernambuco, apresentaram-se por vezes diante do Forte dos Reis, que sempre lhes fez resistência, até que finalmente se entregou por traição dum sargento, desertor da Bahia que, furtando as chaves de noite ao comandante gravemente ferido, fez aviso ao Almirante Ceulio, que a guarnição do forte se entregava com as condições oferecidas ao comandante, e por ele rejeitadas. Ceulio, vendo amanhecer uma bandeira branca arvorada, encaminhou-se logo ao forte, que lhe fez pouca resistência; porque o traidor, e um Orteguera, também inimigo do comandante, aconselhavam vigorosamente a entrega; e com ela ficaram os batavos senhores da província, que foi restaurada com as outras.

No ano de 1654, deu el-Rei D. João IV parte desta província a Manuel Jurdão, que pereceu naufragado na ocasião do desembarque; e por cuja morte tornou o terreno para a Coroa.

Esta província, que por algum tempo teve o título de Condado, criado em 1689 a favor de Lopo Furtado de Mendonça, confina ao norte e oriente com o Oceano; ao sul com a da Paraíba, e ao ocidente com a do Ceará, da qual é separada em parte pela Serra do Apodi, que fica uma légua ao poente do rio deste nome.

Jaz entre os 4º e 10', e os 5º e três quartos de latitude meridional. Os dias diferem pouco de grandeza das noites em todo o ano. O clima é cálido e sadio; o inverno, comumente escasso, dura de abril até junho na parte oriental; na ocidental apenas caem outras chuvas, que não sejam as das trovoadas, que de ordinário começam em janeiro, ou fevereiro. Dão-lhe cinqüenta léguas de leste

1 O tempo pode fazer que esta província seja ainda designada com o nome de S. Roque.

a oeste no maior comprimento, e trinta de norte a sul na parte ocidental. A face do país é geralmente desigual, e semeada de algumas serras de considerável altura, e também de bosques, mas raros e pouco extensos, sendo a maior porção de catingas áridas.

Posto que o terreno em várias partes seja apropriado para a plantação das canas-de-açúcar, a sua cultura, que nunca foi considerável, vai de cada vez a menos, substituindo-se-lhe por toda a parte a dos algodoeiros, como menos dispendiosa, e igualmente interessante. Por toda a parte se cultiva mandioca, milho, legumes, hortaliças do país, e ainda algum arroz, e tabaco em quantidade suficiente ao consumo da população. Os negros são poucos nesta província, onde os indígenas há largos tempos que foram de todo reduzidos, apesar da sua ferocidade; e cujos descendentes, por meio das alianças com os europeus e africanos, têm aumentado as classes dos brancos e dos pardos, que pela maior parte não se dedignam de manejar os instrumentos da agricultura.

CABOS E PORTOS — Cabo de São Roque, que, como se disse, é o ângulo da região contra o nordeste: Ponta da Pipa, à qual deu nome uma pedra, que tem a figura dum tonei, onde o mar continuamente bate; um pouco ao sul desta ponta há quatro abundantes fontes dágua doce na praia; Ponta Negra, e duas léguas ao norte da precedente, e quase outras tantas ao sul do Rio Tareiri; Ponta da Pepetinga, Ponta do Touro, Ponta dos Três Irmãos, Ponta do Tubarão, que fica entre os rios Aguamaré e o Amargoso: a do Mel, que está entre o Apodi e o das Conchas, todas cinco na costa do norte.

Não tem portos, nem baías capazes de recolher esquadras de navios de alto bordo. Nota-se porém Baía Formosa na costa oriental com duas léguas de boca, uma de seio, quatro braças de fundo no baixamar; mas semeada de pedras, e desabrigada.

MINERALOGIA — Tem ouro, amianto, minerais de ferro e de prata; pederneiras, pedra calcárea, pedreiras de granito, cristais, argilas de várias cores e qualidades.

MONTANHAS — Serra da Estrela, em nada comparável com a deste nome na Província da Beira; a de São Cosme com uma ermida; a de São Domingos, a de São José, a do Camelo com cinco léguas de comprido; a do Panati, nas cabeceiras do Pinhancó; a do Bonito, da qual desce uma pequena torrente denominada Aguaboa; a do Camará, a do Patu com uma ermida de N. Senhora dos Impossíveis, e na falda outra de N. Senhora das Dores; a de Luís Gomes, todas cobertas de grandes matas, onde se fazem as melhores lavouras de mantimentos e algodão, e povoadas: a de Cabelo-não-tem, por ser toda escalvada, e onde há ouro; a do Regente, hoje de Portalegre, depois que nela se fundou a vila deste nome; a de Campo-Grande, vizinha da precedente, e cujos moradores obedecem à Paróquia de Pau dos Ferros, meia légua arredada; a dos Martins, que tem três léguas de comprimento, e uma ermida na sumidade junto a uma lagoa, que trasborda com as grandes trovoadas. No fim do século passado havia já nesta serra (segundo dizem) quatro mil pessoas de comunhão. A Serra de Borborema na parte oriental.

ZOOLOGIA — Cria-se gado vacum, e algum cavalar, como também ovelhas e cabras: os porcos são pouco numerosos, assim como nas províncias convizinhas: também a natureza não criou árvore que frutifique destinadamente, e com abundância para a sua mantença em lugar da sovereira, azinheira, ou carvalho. No mato encontram-se os mesmos quadrúpedes das províncias limítrofes, sem excetuar o lobo ou guará, nem o furão, nem a preguiça, nem o veado suçuapara. As emas, seriemas, guirapongas, tucanos, zabelês, pombos trocazes, papagaios são mui conhecidos, assim como o beija-flor, o sabiá, o cardeal, o canário, o caburé, a carriça, o pupeiro. Nas margens dos rios e das lagoas há garças, jaburus,

colhereiras, galeirões, socos, e várias castas de maçaricos. Os jucurutus e os macauãs matam as cobras.

FITOLOGIA — Os coqueiros são multiplicados em muitos sítios junto das praias: no interior há outras muitas espécies de palmeira: nas matas encontram-se diversidade de árvores de boa madeira; algumas resinosas. O cedro não é desconhecido em todos os distritos. Entre as frutíferas do mato nota-se o cajueiro, a jabuticabeira, o umbuzeiro, o araçazeiro; encontram-se às vezes soutos quase unicamente de mangabeiras. Também há árvores de copaíba, e variedade de outros vegetais que têm gasto na farmácia. Quase toda a gente se alumia com azeite de mamona, e cera que as abelhas fabricam nas cavidades das árvores.

RIOS E LAGOS — Rio Grande, originalmente Potegi (nome que se lhe devera conservar), vem do centro da província, crescendo com as águas de vários outros geralmente inconsideráveis, e deságua aparatoso quatro léguas ao sul do Cabo de S. Roque, depois de ter regado as vivendas de numerosos fazendeiros e lavradores. Suas margens são, em grande parte, povoadas de vistosos mangues até o lugar onde chega a maré. Grandes barcos sobem por espaço de onze léguas; daí para cima, só as canoas.

O Rio Apodi, ao qual dão quarenta léguas de curso, noutro tempo Upanema, nome que hoje se apropria a outro menor, que se lhe une pela margem direita, três léguas acima da embocadura, corre quase sempre por terreno plano, onde há várias lagoas, que pouco a pouco lhes restituem as águas, que suas cheias lhes introduziram. Tais são entre outras a denominada Apanha-peixe, que tem uma légua de circuito; Paço, um pouco menor: a da Freguesia das Varges, que tem seis milhas de comprido, e pouca largura. Todas secam nos anos que não são chuvosos. Grandes canoas sobem até o Arraial de Santa Luzia, situado sobre a margem esquerda, seis léguas longe do Oceano. Deste sítio para baixo, estão as famosas salinas de Mossoró, cujo sal é alvo como a neve, e faz que aquelas paragens sejam vistosas e povoadas, e o rio visitado por grande número de embarcações, que o transportam a diversas partes.

O Rio Aguamaré corre contra o setentrião, como o precedente, e deságua (seis léguas ao poente da Ponta dos Três-Irmãos), por duas bocas, formadas por uma ilhota, onde há salinas. Canoas grandes sobem por ele algumas léguas. O lugar da sua embocadura é assinalado com dois montes de desigual altura, ambos com forma de pão de açúcar, e obra de duas léguas longe do mar. Cambujis é o nome que o designa.

O Rio Gunepabu, aliás Ginepabu, por outro nome Ceará-Mirim, depois de ter regado um terreno extenso, e semeado de pequenas aldeias, desemboca três milhas ao norte do Potengi, com boa largura e duas braças de fundo.

O Rio Cunhaú, aliás Crumataí, que desemboca perto de cinco milhas ao sul da Ponta da Pipa, e rega os estabelecimentos de muitos fazendeiros, recolhe várias ribeiras, e dá navegação a canoas por algumas léguas.

O Rio Tareiri, aliás Garatuni, e que é o desaguadoiro do Lago Groairas, sai seis léguas ao sul do Rio Grande. Este lago, que tem dez milhas de comprimento, e comunica com dois menores, é abundante de pescado, e em certa paragem só dista do mar obra de uma milha.

O Rio Guajeí vem do noroeste, regando as possessões de numerosos agricultores, até unir-se ao Potengi junto à sua barra.

O Guajeí deságua pouco mais duma légua ao norte da Enseada dos Marcos.

O Rio das Piranhas, que é o mais caudaloso, e cujas maiores cheias são em março e abril, deságua por cinco bocas, cujas principais são: Rio Amargoso, que é a oriental; Rio das Conchas, que é a ocidental; e Rio dos Cavalos, que é a

central, e mais volumosa; e fica sete léguas ao poente de Aguamaré, e outras tantas ao oriente do Apodi. Barcas grandes sobem até Vilanova da Princesa. Nas suas margens estão as abundantes salinas do Açu, nome primitivo do rio.[2]

O Rio Seridó, ao qual dão trinta léguas de curso, é o maior confluente do das Piranhas, depois que entra na província, unindo-se-lhe pela margem direita vinte e quatro léguas acima da sua embocadura, havendo regado grande porção da Paraíba, e banhado Vilanova do Príncipe.

Uma linha imaginária, tirada norte-sul da ponta dos Três-Irmãos, divide esta província em duas partes pouco desiguais.

Na parte oriental há as vilas de Natal, Arez, Entremoz, São José e Vilaflor. Na parte ocidental há Vilanova da Princesa, Portalegre e Vilanova do Príncipe.

NATAL, Natalópolis, que se acha às vezes na história com o nome de Cidade dos Reis, e cuja matriz é dedicada a N. Senhora da Apresentação, capital da província, não passa ainda de uma vila considerável no país, com boa casaria, abastada, ornada com vários templos, e ilustrada com o título de Cidade por ser fundação dos Filipes.

Está vantajosamente situada sobre a margem direita do Rio Grande, meia légua acima da sua embocadura, que é defendida pelo Forte dos Reis Magos, assentado na ponta meridional, e ficando ilha com o preamar. Os holandeses apoderaram-se dela em 1633, e deram-lhe uma ema por armas, aludindo à multiplicidade destes pássaros, que então havia na província. Nos seus contornos cultivam-se algodão, milho, feijão, mandioca, com outras raízes comestíveis, algum arroz, e poucas canas-de-açúcar.

Arez, anteriormente Groaíras, vila pequena, ornada com uma igreja paroquial dedicada a S. João Batista, fica dez léguas ao sul da capital, junto à lagoa do seu primitivo nome, e seis milhas longe do mar. Seus habitantes são quase todos pescadores, e respiram um ar salutífero.

O canal, que os holandeses projetavam abrir deste lago para a Praia do Tibau, da qual dista obra de meia légua, para encurtar a navegação pelo Tereiri quatro ou cinco léguas, com facilidade pode ser executado.

No termo de Arez, está a povoação de Goianinha, maior que a vila da qual dista três léguas. É habitada de brancos, e ornada com uma igreja paroquial da invocação de N. Senhora dos Prazeres. Fica junto do Groaíras.

Vilaflor, a princípio Gramació, vila pequena povoada de índios e brancos, agricultores, ornada com uma igreja matriz da invocação de N. Senhora do Desterro, fica obra de doze léguas ao sul da capital, e uma afastada do mar, junto ao Rio Cunhaú, que serve de fonte.

Entremoz, noutro tempo Guajiru, é vila pequena, bem situada junto a uma lagoa de três léguas de comprido, e meia de largo, obra de dez milhas longe do mar, e outro tanto ao noroeste da capital, ornada com uma igreja matriz, que tem por padroeiros S. Miguel e N. Senhora dos Prazeres. O povo, que a habita, compõe-se de brancos, índios e mestiços, todos agricultores.

No termo de Entremoz, sobre a costa do norte, junto à embocadura duma ribeira, está a medíocre, aprazível e florescente povoação dos Touros, habitada de brancos, e ornada com uma Capela do Senhor Jesus dos Navegantes. Do seu porto, onde surgem embarcações menores, exporta-se algodão.

Vilanova da Princesa, primeiramente Açu, bem situada na margem esquerda do Rio das Piranhas, obra de sete léguas acima da sua embocadura, onde chegam iates, é a mais considerável, populosa, e comerciante da parte ocidental. Além da matriz dedicada a S. João Batista, tem a Ermida de N. Senhora do Rosário.

2 Como o Rio das Piranhas é plscosisslmo até certa paragem, grande porção do sal é ali mesmo consumido em salgar o pescado, que por diferentes maneiras se pesca, e cuja maior parte é exportada para Pernambuco.

Seus habitantes criam gado, e cultivam os mesmos objetos que os da capital. As salinas ocupam muita gente, e seu produto faz um considerável ramo de comércio.

Vilanova do Príncipe, noutro tempo Caicó, medíocre, e bem situada sobre o Rio Seridó, oito léguas acima da sua embocadura. Sant'Ana é a padroeira da sua matriz; e seus habitantes, de várias compleições, bebem do rio, em cujas margens cultivam feijão, hortaliças, milho e tabaco.

No seu termo há a Ermida de SanfAna do Pé da Serra, a de SanfAna do Campo-Grande, e a de Santa Luzia, que dentro de pouco tempo virão a ser paróquias, visto o aumento, que a agricultura tem dado à população.

Portalegre, vila considerável, situada sobre a serra do seu nome, perto de vinte léguas longe do mar, e pouco mais de duas ao poente do Rio Apodi. Por qualquer lado que se queira ir a ela, há meia légua de subida. S. João Batista é padroeiro da matriz, que a orna. O povo, que a habita, composto de europeus, brancos do país e índios, respira ar fresco e salutífero, e bebe excelente água de duas fontes perenes. Os índios, cujo número é já muito inferior ao dos brancos, são descendências principalmente de três colônias, que os conquistadores ali estabeleceram, a saber: Paiacu, que possuía as margens do Apodi; Icó, que dominava as do Rio Peixe; e Panati, que habitava a serra do seu nome. Algodão e mandioca são a riqueza deste povo.

Os limites orientais do termo desta vila são comuns com os da Freguesia de São João Batista do Apodi, em cujo distrito junto a um riacho, debaixo duma árvore, há um olho dágua tépida, designado pelo nome de Água do milho. É preciso tirá-la com um vaso pequeno para outro maior, quando alguém quer banhar-se com ela.

A Vila de São José, que tomou Nossa Senhora do O por sua padroeira, é medíocre, aprazível e bem situada. Mipibu foi seu primeiro nome. Fica oito para nove léguas ao sul da capital, cinco longe do mar, e uma arredada da Lagoa Groaíras. Seus habitantes são brancos e índios, agricultores.

Em distância duma légua está a pequena povoação de Papari, junto à Lagoa de Groaíras, ornada com uma capela de N. Senhora do ó, e habitada de brancos, que freqüentam a pescaria.

Obra de setenta léguas a lés-nordeste do Cabo de São Roque está a Ilha de Fernando de Noronha, descoberta pelo português do seu nome, com três léguas de comprido, largura proporcionada, geralmente montuosa e de penedias, com tão poucos e pequenos pedaços de terreno cultivável, que não pode manter uma diminuta colônia. Para impedir o contrabando com as nações estrangeiras se conserva aqui um destacamento vindo de Pernambuco, e rendido anualmente.

Alguns criminosos vão passar ali o tempo do seu degredo. Uns e outros cultivam uma pouca de mandioca, com algumas frutas do continente; e criam algumas vacas, ovelhas e cabras. Destas há muitas monteses, e sem inimigos. Os ratos são numerosíssimos, como também as rolas.

Há em grande quantidade gatos monteses, descendentes dos que fugiram das casas, e fazem maior guerra às rolas, do que aos seus inimigos naturais.

Tem boas águas, e oito ou dez fortins para defender os lugares onde se pode fazer desembarque.

No ano de 1738 mandou el-Rei D. João V construir estas fortificações, depois de expulsos os piratas, que ali se haviam estabelecido. Alguns navios, que trazem falta dágua, aportam aqui para prover-se dela.

Ao norte, e separada dela por um canal estreito, está a Ilha dos Ratos, com uma légua de comprimento, menos pedregosa, e mais povoada de mato, onde os degradados fazem plantações de algodoeiros. Nota-se que há poucos anos ainda não havia nesta ilha os animais que lhe deram o nome. No mencionado canal há um penedo cavado, onde o mar rebenta com grande estampido.

PROVÍNCIA DO CEARÁ[1]

Não se consta que o terreno desta província tivesse outros donatários mais que os infelizes João de Barros, e Luiz Melo; nem também consta da precisa época da fundação dos presídios (por onde começou a colonização), que já havia na costa em 1603, quando o Capitão Pedro Coelho de Sousa, enviado pelo Governador do Estado, com oitenta portugueses e oitocentos índios em várias caravelas, para ir destruir a aliança que o francês M. Bombille havia feito com o célebre *Mel Redondo,* principal capitão da Serra Ibiapaba, donde resultava tamanho dano aos presídios, tirou deles alguma gente na ida para melhor executar o projeto; que felizmente conseguiu, deixando o índio sujeito à coroa de Portugal.

Na retirada entrou Pedro Coelho pelo Rio Jaguaribe, unicamente com o intuito de observar; e notando grande número de vantagens, determinou dar ali princípio a uma cidade com o seu estabelecimento. E tendo mandado vir da Paraíba a sua família, continuava na fundação da colônia com o nome de Nova Lisboa; mas pouco tempo depois foi obrigado pelos indígenas a desistir da empresa, e retirar-se à sua vivenda da Paraíba.

Duarte de Albuquerque Coelho, escritor da Guerra de Pernambuco, onde era donatário, atesta-nos, como testemunha ocular, que Martim Soares Moreno, que em 1631 fora do principal presídio do Ceará socorrê-los contra os holandeses, com um auxílio de índios, em cujo idioma era versadíssimo, era daquele presídio o primeiro governador nomeado por el-Rei: sendo também certo, que já o comandava em 1613, quando, deixando em seu lugar Estevão de Campos, acompanhou Jerônimo de Albuquerque na primeira tentativa contra os franceses intrusos na Ilha do Maranhão; mas não se sabe se naquele tempo comandava com patente regia, e se era o comandante, quando ali aportou o Capitão Pedro Coelho. Consta porém, que fora povoada mui devagar, por falta de melhores portos, e conveniências, que atraíssem colônias numerosas.

Esta província, que tomou o nome dum dos menores rios que a regam, em razão de ser fundado junto da sua embocadura o primeiro estabelecimento, tem ao norte o mar Oceano, ao sul a Cordilheira do Araripe, ou Cairiris, que a divide da de Pernambuco; ao oriente a do Rio Grande, e a da Paraíba; e ao ocidente a de Piauí, da qual é separada pela Serra Ibiapaba. Dão-lhe noventa léguas, com pouca diferença, no maior comprimento e largura.

Quase toda era dominada pela numerosa nação dos potiguaras, repartidos em várias hordas;[2] a maior parte das quais foi cristianizada pelas diligências dos jesuítas, que para este mesmo fim tinham em Aquiraz um hospício, a cujas ruínas dão o nome de Colégio.[3]

A face do país é quase geralmente desigual, sem vales profundos, e com poucas montanhas de considerável elevação, se excetuarmos os ramos da grande cordilheira que o rodeia. O terreno é na maior parte arenoso, árido e estéril, com pouco mato. Nas serras é onde há as grandes matas, onde a terra é substanciosa e fecunda, onde se fazem as mais ricas lavouras. O restante serve de pastagens, que criam grande quantidade de gado.

1Dizem que *ciará,* no Idioma dos Indígenas, significa *canto* da Jandala, que é uma casta de papagaio pequeno, e grasnador.
2Também havia Indígenas Guanacás, e Jaguaruanas.
3Os primeiras catequistas destes povos foram dois missionários capuchinhos, que Frei Cristóvão de Lisboa, primeiro custódio do Pará, aqui deixou ás Instâncias do Comandante Martim Soares Moreno.

Os invernos são irregulares, e comumente escassos, passam-se anos que não chove; e então há fatalidades. Este flagelo repete de dez em dez anos. O calor é intenso nas terras baixas do centro do país.[4]

Em 1632 aportaram dois baixeis de guerra holandeses na costa desta província, com o intuito de conquistá-la pelo meio mais cômodo, como era a entrega feita pelos indígenas: e para efetuar o projeto, puseram em terra quatro índios, que com outros muitos tinham sido apanhados, sete anos antes, na Baía da Traição, e levados a Amsterdam, onde aprenderam o idioma batavo. Dois sendo descobertos por diligências de Domingos da Veiga, Comandante do presídio, foram logo enforcados para exemplo dos outros, e os condutores, desenganados de conseguir o intento, fizeram-se à vela para Pernambuco.

Depois de cinco anos, chegando aos ouvidos dos índios deste país a notícia dos grandes sucessos dos holandeses, com a chegada do Conde de Nassau a Pernambuco, lhe deputaram dois mensageiros a oferecer-lhe obediência, no caso que quisesse assenhorear-se do presídio, cujo comandante acabava de concluir seus dias, e a soldadesca se achava assaz diminuta. Partiram logo quatro baixeis com duzentos soldados, quando muito menor número bastava.

Os holandeses assenhorearam-se desta província em 1637 sem fadiga, sem dispêndio e sem glória: possuiram-na sem interesse considerável por alguns anos, e largaram-na contra a vontade, sem nela deixarem obra útil.

Os indígenas, que espontaneamente se lhes uniram, cuidando encontrar nos novos conquistadores o que não acharam nos primeiros, experimentando o contrário, retiraram-se pela maior parte às terras meridionais vizinhas à cordilheira, sem que as liberdades do protestantismo pudessem sujeitá-los à disposição dos hóspedes, que sempre lhes foram odiosos.

MONTES — A Serra de Jaguaribe, com muitos Cabeços agudos a leste do rio do mesmo nome: a Serra Guamame, que começa perto do Jaguaribe, e corre por mais de oito léguas a oeste, e cinco ou mais em distância da praia: a do Ceará, com quatro Cabeços, entre o rio do seu nome a leste, e o Caiope ao poente: a do Mandaú entre o rio deste nome ao poente, e a enseada do Curu a leste: a do Caracu entre o rio do mesmo nome ao poente, e o Aracati-mirim ao nascente: a Boritama, por detrás do Morro Jericoacoara, que está no fundo da enseada deste nome. Todas servem de balisas aos navegantes para conhecenças dos distritos. A de Uruburetama, lançada norte-sul, entre os rios Curu e Acaracu: a de Botarité no centro da província: a de Merooca obra de vinte léguas longe do mar.

A Serra de Ibiapaba, longe de ser um cordão singelo, é formada de vários, que sucedem uns aos outros, em partes escalvados, ou de penedia; mas na maior porção cobertos de soberbo arvoredo, nutrido em terrenos fecundos e substanciosos. Os índios tabajarás possuíam a maior parte dela.

MINERALOGIA — Ouro em pouca quantidade, minerais de prata e de ferro em mais ou menos conta; cristais, crisólitas, pedra-ume amianto, magnete, pedra-calcárea, granito, salitre, alvaiade, tabatinga, pedras de Sant'Ana, que se aplicam às mulheres de parto.

ZOOLOGIA — Há furões, ouriços-cacheiros com o nome de quandús como em Pernambuco, preguiças, onças, veados, coelhos, guaxinins, quatis, pacas, porcos do mato, capivaras, lontras, e todos os outros quadrúpedes selváticos, que se encontram nas províncias convizinhas. Os macacos guaribas ajuntam-se em grandes rebanhos sobre as árvores mais corpulentas dos bosques, e fazem algazarras, que parecem comboios de carros carregados, como os das outras pro-

4 Em 1792 começou uma seca, que durou até 1796, e fez perecer todos os animais domésticos, e muita gente à mingua: o mel foi por largo tempo o único alimento: e também a causa de varias epidemias, que varreram muitas mil pessoas por toda a província. Os povos de sete paróquias desertaram, sem ficar uma só alma!

víncias. Entre outras espécies de aves são comuns as emas, seriemas, jaburus, colhereiras, tucanos, mutuns, jacus, pombos-torquazes, guirapongas, nhambus, zabelês, papagaios, urubus, sabiás. Nas lagoas há diversidades de marrecos, patos, galeirões: junto de suas margens saracuras, maçaricos, e socos. Os morcegos são numerosíssimos, principalmente nos anos de maior seca, e mais fatais ao gado, do que todas as feras juntas: eles reduzem criadores ricos à indigência, fazendo que grandes extensões de terreno, povoadas de muitas mil cabeças de gado, fiquem de todo desertas. Esta praga faz os maiores estragos nas fazendas, que têm morros de penedia, em cujas cavernas se criam, onde se recolhem de dia amontoados em grandes pinhas, e onde também se matam melhor, ou com fogo, ou à espingarda.

As cabras e ovelhas são assaz multiplicadas; posto que ainda não tanto como antes da seca mencionada: as últimas resistem melhor às chuvas, e são mais fecundas: ordinariamente parem dois filhos de cada vez; muitas três, poucas um, algumas quatro. As cabras comumente parem também dois, muitas um, e rara as que dão três dum parto. Nas adjacências do Rio Jaguaribe é onde se encontram os mais numerosos rebanhos duma e outra espécie. Suas peles fariam um grosso ramo de comércio, se os homens fossem tão peritos na arte de curtir e surrar como os Barberiscos. Ninguém reputa imunda a carne, nem o leite destes animais. As peles de veado, quando curtidas em leite, ficam macias como pelica.

FITOLOGIA — Diversidade de árvores, que dão boa madeira de construção, outras de marchetaria e tinturaria: as que usam o benjoim, que dão a goma copai, e as da almécega. Várias espécies de palmeiras, das quais a carnaúba é o vegetal mais comum e útil deste país: pode fazer-se uma casa com ela, sem mais outro ingrediente do que barro: seu tronco é rijíssimo, e serve para tirantes e ripas; sua copa pequena; as folhas, em forma de leque fechado, servem para cobri-la, como também para fazer esteiras, chapéus, açafates, cabazinhos; elas são ainda o sustento do gado vacum no tempo de maior seca. Enquanto novas o âmago do tronco é tenro, e dá-se aos animais na falta doutro alimento. Ainda se extrai dele uma sorte de farinha, que é um recurso em tempo de fome. Nas folhas do olho cria-se um pó glutinoso, em quantidade diminutíssima, que por meio do fogo se põe em consistência de cera, da qual tem o cheiro. Seu fruto, que é em cacho, de cor negra, alimenta todos os viventes. Também se fazem lindos bastões da sua madeira, que fica salpicada depois de burnida.

Oiticica é a maior, e mais frondosa árvore do sertão: todos os vivelntes procuram a sua refrigerante sombra; só se criam onde suas raízes podem achar água. Nos bosques há jabuticabeiras; nas catingas, umbuzeiros.

A cultura dos algodoeiros vai em grande aumento, e o seu produto é o principal ramo de comércio, e introduz no país a maior parte das mercancias forasteiras, que as necessidades da vida e o luxo requerem. As canas-de-açúcar prosperam em muitas partes; mas o seu suco quase todo é distilado em aguardente, ou reduzido a rapaduras, que são pedaços de açúcar mascavado com forma de tijolo, que se lhe dá em moldes cavados em madeira. O café, cuja colheita pode vir a ser prodigiosa, é ainda insignificante. O mesmo se pode dizer do cacauzeiro. O milho é o único grão que prospera no país, onde a farinha de mandioca faz as vezes do trigo e centeio.

As atas, que são as pinhas, das províncias meridionais, são aqui abundantes, e as melhores de todo o Brasil, e talvez de toda a América: os melões e melancias, excelentes em muitas partes, como também os ananases. As laranjeiras são quase inúteis em muitos sítios, e as bananeiras são raras por tfalta de chuvas a tempo. As mangabas e os araçás são conhecidos em todos os distritos, assim como os cajueiros, e a planta do tabaco.

Gado, courama, algodão e sal são quase os únicos objetos de exportação. Noutro tempo recolhia-se considerável quantidade de âmbar, que as grandes

marés lançavam sobre a praia. As abelhas fabricam abundância de mel nas cavidades das árvores; mas a cera não tem melhoria sobre a das outras províncias. Descobriu-se há pouco a quina-quina.

Rios e Lagos — Do grande número de rios, que regam esta província, o único caudaloso é o Jaguaribe que no idioma dos indígenas quer dizer *rio idas onças.* Tem sua origem na Serra da Boa Vista, que é uma porção da dos Cairiris, no Distrito de Inhamú: corre, como todos os outros, para o setentrião: passa pelas vilas de São João do Príncipe, São Bernardo, Aracati, e deságua no Oceano, quinze léguas ao poente do Apodi. A sua corrente, em quando por campinas povoadas de gado, é vistosa. A maré sobe oito léguas por ele acima, e o torna majestoso. Cria diversidades de peixes; grande parte dos quais entram com as cheias nas lagoas adjacentes, onde são consideravelmente diminuídos pelos jaburus, e outras aves ictiófagas. Os seus principais tributários são o Rio Salgado, que sai da mesma cordilheira, rompe uma montanha que encontra, passa pelas paróquias de Lavras e Icó, e une-se-lhe pela margem direita; havendo atravessado o Distrito da Mangabeira, onde há ouro, cuja extração foi vedada. O Banabuiu, pouco inferior ao precedente, vem da vizinhança da mencionada cordilheira, e jun-ta-se-lhe pela esquerda, poucas léguas abaixo da confluência daqueloutro, havendo recolhido, entre outros menores, o Rio Quixeramubi.[5]

O Rio Caracu tem suas cabeceiras no centro da província, rega a Vila do Sobral, já considerável, e deságua por duas bocas, onze léguas a leste da Enseada Jericoacoara. A maré sobe por ele muitas léguas, fazendo-o navegável por grande espaço.

O Rio Camucim, que no interior do país tem o nome de Croaihu, e ao qual dão trinta léguas de curso, principia na Serra de Ibiapaba, refresca a Vila da Granja, e desemboca sete léguas ao poente de Jericoacoara. É navegável por grande distância, e tem na embocadura um cômodo surgidouro para sumacas, que exportam daqui grande quantidade de algodão.

O Rio Aracati é extenso, e entra no mar por duas bocas desiguais, e denominadas *Aracati-açu* e *Aracati-mirim;* a primeira é a oriental. A ilha média tem quatro milhas de diâmetro, e fica sete léguas a leste de Caracu.

O Rio Caoípe, que sai quatro léguas ao poente da capital; o Rio Ciopé, que deságua cinco mais ao ocidente; o Curu, que se acha depois de seis ao mesmo rumo; e o Mandaú, catorze mais adiante, e cinco a leste de Aracati-açu, são os outros mais notáveis.

Em todos os rios desta província se cria uma arraia pequena, com um esporão sobre a cauda, cuja dolorosa picada, quando não mata, deixa o padecente aleijado. O cautério é o único remédio sabido, quando não íoi ofendida artéria. Por decreto do Autor da Natureza ela só anda pelo fundo dágua morta, e não faz mal aos nadadores, nem aos que se banham em água viva.

A Lagoa do Velho fica à direita do Rio Jaguaribe, com o qual comunica por dois canais, na Freguesia de São João, muitas léguas arriba da Vila do Aracati: a Lagoa Jaguaraçu encontra-se entre o Rio Ciopé e o Ceará, em distância de dez léguas longe do mar: a do Camurupim acha-se pouco distante da margem oriental do Rio Camucim: são as mais consideráveis, e todas piscosas. Nota-se outra periódica de pouco fundo, e considerável diâmetro, que só existe em quanto chove, e cuja água, vindo o calor e vento seco, se congela e cristaliza em alvo e excelente sal.

Ilhas, Cabos e Portos — Na extensa costa desta província não há promon-tórios ou cabos notáveis, nem portos para navios grandes, nem ilhas, senão nas embocaduras ou álveos dos rios. As praias em parte são alcantiladas; noutras

5 Jaboatão diz que o Jaguaribe junto à sua foz recolhe outro, chamado Rio Grande, quando é sabido, que em toda a província n&o ha rio deste nome.

rasas, e arenosas, povoadas de mangues, ou doutros vegetais inúteis. Em muitas paragens há formosos coqueiros.

A Enseada de Titóia com duas léguas de boca, meia de fundo, rodeada de aprazíveis mangues, povoados de diversificadas espécies de caranguejos, pasto dos tímidos guaxinins, fica entre a embocadura do Camucim e a raia da província. A de Jericoacoara, que é vasta, escalvada em torno, e esparcelada junto da praia, tem por conhecença a montanha do seu nome, como se disse. A de Iguape, rodeada de barreiras altas, e cortadas a pique como um morro da banda de leste.

N. B. Os pouxinhos são ifreqüentes e fatais no sertão desta província; destroçam as lavouras, arrancam árvores, levam os tetos das casas, maltratam os gados, e ainda a gente que não se acautela.

Uma linha tirada norte-sul, da boca do Rio Curu até a raia meridional, divide esta província em duas partes quase iguais.

A oriental tem as Vilas Aracati, Crato, Aquiraz, Nossa Senhora da Assunção, São Bernardo, São João do Príncipe, Montemor o Novo, Bom Jardim, Campo-Maior, Icó, Soure, Mecejana e Arronches. A ocidental, as de Granja, Sobral, Vila Viçosa e Vila Nova d'El Rei.

Aracati, a maior vila, a mais populosa, comerciante e florescente da província, criada por el-Rei D. João o V, em 1723, situada na margem oriental, e obra de oito milhas acima da embocadura do Jaguaribe, cujas grandes cheias incomodam parte de seus moradores, tem uma igreja paroquial dedicada a N. Senhora do Rosário, e quatro ermidas com as invocações do Senhor Jesus do Bonfim, do Senhor Jesus dos Navegantes, de N. Senhora do Livramento, e de S. Gonçalo: cadeira regia de Latim, boas ruas, e muitas casas de sobrado. Grande parte de seu edifícios são de tijolo. O seu porto é o mais freqüentado: algodão e courama as exportações de lucro.

Icó, situada ao longo da margem direita do Rio Salgado, poucas léguas acima da sua embocadura, obra de trinta ao norte do Crato, e perto de cinqüenta ao sul de Aracati, é uma das mais consideráveis vilas da província. Tem uma igreja matriz dedicada a N. Senhora da Expectação, uma ermida do Rosário, outra do Senhor do Bonfim, e cadeira regia de Latim. Seus edifícios são quase geralmente de madeira; e seus habitantes assaz incomodados pelo calor, aumentado por um morro que lhe fica por detrás, e donde se descobre uma vasta extensão de seus contornos, onde se cria muito gado vacum, riqueza do país. O rio é piscoso, e toma grandes cheias, que inundam considerável espaço de terreno, onde nas vasantes se semeia arroz, milho, feijão, melancias, e excelentes melões; mas nem a bananeira, nem árvores alguma frutífera prospera nos seus arredores. A farinha. açúcar e rapaduras vêm-lhe do Crato, o sal do Açu, tudo em carros.

Lavras da Mangueira, freguesia erecta em 1813, fica dez léguas acima de Icó, da qual é um desmembramento, e também na margem do Rio Salgado. A sua matriz é dedicada a S. Vicente Ferreira. Seus habitantes recolhem diversidade de comestíveis, algodão, e criam gado.

Crato, vila medíocre, assentada numa planura junto da ribeira, a que empresta o nome, e é uma das cabeceiras do Rio Salgado, ornada com uma igreja paroquial de N. Senhora da Penha, é a mais abastada e mimosa de toda a província. Todas as árvores frutíferas do continente prosperam em fértil terreno do seu distrito, onde se aproveitam as águas correntes para regar as lavouras, sem excetuar os mandiocais, quando lhes faltam as chuvas: razão por que sempre se recolhe super-abundância de mantimentos, que são o recurso de outros povos, quando nos anos secos experimentam carestia. As limas, cidras, bananas, e repolhos são de grandezas pouco comuns. Moléstias de olhos e das pernas são aqui endêmicas. As trovoadas começam no seu vasto distrito, que é uma porção dos Cairiris Novos, em outubro, e duram até maio. Em certos meses experimentam-se frio de noite.

Obra de oito léguas para lés-sueste está a Freguesia de São José, ainda conhecida pelo nome de Missão-Velha, cujos numerosos paroquianos, geralmente brancos e mui espalhados, cultivam mandioca, milho e canas-de-açúcar.

A Vila de Santo Antônio do Bom Jardim, criada por alvará de 30 de agosto de 1814, é um desmembramento, que dois anos antes se fizera da Missão-Velha, então a mais populosa paróquia da província. Fica catorze léguas arredada do Crato. A sua igreja matriz é da invocação do Bom Jesus: açúcar e gado são as riquezas do seu povo.

A Vila de São Bernardo, ainda pequena, está situada junto a uma ribeira, que depois de meia légua se ajunta ao Jaguaribe pela margem ocidental, obra de dez léguas acima de Aracati, e quarenta abaixo de Icó. A sua matriz é dedicada a N. Senhora do Rosário: gado e algodão as riquezas de seus habitantes.[6]

São João do Príncipe, anteriormente Tauá, situada junto ao Jaguaribe, poucas léguas abaixo da sua nascença, em terreno aprazível, lavado de ares saudáveis, e fértil, é ainda pequena. Seus habitantes criam gado, e recolhem algodão e mantimentos. No seu termo há uma abundante mina de pedra-ume.

Sobral, noutro tempo Caracu, assentada numa planície sobre a margem do rio que lhe deu o nome primitivo, obra de vinte léguas longe do mar, e três da Serra Merooca, é a segunda vila da província em grandeza, comércio e população. Afora a igreja paroquial dedicada a N. Senhora da Conceição, tem a capela do Rosário; e no seu termo a de S. José, a de Santa Cruz, e de Sant'Ana, a de Santa Quitéria, a de N. Senhora do Rosário no riacho de Guimarães, a de N. Senhora da Conceição sobre a mencionada Serra Merooca, onde se fazem ricas lavouras.[7]

Granja, situada numa planura sobre a margem esquerda do Rio Croaiú, obra de seis léguas distante do mar, é vila medíocre, abastada, e florescente, prometendo crescimento. S. José é o padroeiro da sua matriz.

No seu termo há as ermidas de Santo Antônio de Hiboaçu, a de Nossa Senhora do Livramento, a de Santo Antônio do Olho de Água. Do seu porto, que é freqüentado, sai algodão e coirama.

Vila Viçosa, que é grande, e bem situada sobre a Serra Ibiapaba, em terreno escolhido pelos jesuítas para estabelecimento duma colônia de índios, cuja descendência forma hoje a maior parte do seu numeroso povo, e junto a um lago, fica obra de doze léguas ao su-sudoeste da Granja. As casas são de madeira, ou de tijolo. A igreja matriz, dedicada a N. Senhora da Assunção, é a do hospício jesuítico, hoje residência dos vigários, que são administradores duma fazenda de criar gado no sítio de Tiaia, estabelecida para patrimônio da mesma igreja. As noites de verão são mais frescas que as do inverno. É pátria de D. Antônio Filipe Camarão.

Entre outras fontes de boas águas nota-se a chamada água do inferno, por estar num lugar escabroso, e é a mais excelente. A prodigiosa fecundidade dos seus vastos contornos, povoados de famosas matas, onde se fazem as mais ricas lavouras de algodão, e de toda a casta de víveres, a salubridade do ar que a refresca, atraíram aqui numerosos europeus, que, fazendo florescer a agricultura, vivem abastados.

Os índios desta vila, como os que se acham espalhados no seu termo, formam dezoito companhias.

Em distância de nove léguas fica a Freguesia de São Pedro de Baiapina, sobre a mesma serra: seus habitantes são brancos e índios, agricultores dos mesmos objetos que os da precedente.

6A VUa de SâD Bernardo, antes de ter foral, denomlnava-se Freguesia das Russas: havendo tomado este nome dumas grandes pedras, que estão em distância de meia légua.
7No Riacho do Jure, dentro do termo da Vila do Sobral, se nao é no da Granja, ha ametlstas volumosas; e nas terras adjacentes ouro mui subido .

Vila Nova d'El Rei, noutro tempo Campo-Grande, situada sobre a Serra dos Cocos, que é uma porção da Ibiapaba, perto da origem da Ribeira Macam-bira, fundada para habitação duma horda de índios cristianizados, dos quais há poucos, apesar da fertilidade do território, bondade das águas, e salubridade do ar, conveniências, que atraíram grande número de brancos, fica vinte léguas ao sueste de Vila Viçosa. A sua matriz é da invocação de N. Senhora dos Prazeres, e seus contornos ricos em lavouras de mandioca, canas-de-açúcar, e algodoeiros.[8]

Obra de oito léguas arredada está a matriz de S. Gonçalo, cujos fregueses vivem dispersos pela mesma serra, e cultivam os mesmos objetos.

Campo Maior de Quixeramobi, vila considerável, abundante e ornada com uma magnífica igreja matriz da invocação de Santo Antônio, fica perto de quarenta léguas ao meio-dia de Aracati, na margem do rio que lhe deu o apelido, e em cujas adjacências se cria muito gado, principal riqueza de seus habitadores.

A medíocre Vila de N. Senhora da Assunção, aliás Vila do Forte, por causa dum que a defende, e onde reside o governador, e cuja capela é dedicada à Assunção de N. Senhora, donde lhe vem o nome, é a capital da província, e a sua matriz dedicada a S. José de Ribamar. Está quase junto da praia, rodeada de areais, perto de duas léguas ao noroeste da embocadura do Rio Ceará, onde teve princípio, no sítio chamado hoje Vila Velha. É a mais antiga da província, e a pretendida cidade *Siará* de Vosgien. Nada lhe promete melhoramento. As atas são aqui grandes, em abundância, e deliciosas. Em 1803 se lhe deu Juiz de Fora do Cível, crimes e órfãos; o qual é também auditor da gente de guerra, juiz de alfândega, procurador da Coroa, e deputado da junta da administração da Real Fazenda, que não difere das outras.

Ao poente fica a paróquia de N. Senhora da Conceição de Almofala, cujos fregueses são brancos, com alguns índios tramembes, todos cultivadores de mandioca, legumes, arroz e batatas. No seu distrito há salinas sem benefício do braço humano.

Ao sul da precedente está a Freguesia de N. Senhora da Conceição de Amontada, cujo povo, pela maior parte de brancos, recolhe as mesmas produções, e cria gado.

Aquiraz, que fica uma légua arredada do mar, cinco da capital para o sueste, na margem oriental do Rio Pacoti, e menos de milha afastada do lago, que lhe deu o nome, é vila medíocre com algum comércio, e uma igreja paroquial dedicada a S. José.

Montemor o Novo, vila medíocre, assentada sobre a Serra de Botarité, ornada com uma igreja paroquial de N. Senhora da Palma, fica obra de quarenta léguas ao sul da capital. Seus habitantes respiram ar salutífero; fazem ricas plantações de mandioca, e canas-de-açúcar, bebem boas águas, e sentem frio em muitas noites.

Poucas léguas ao norte da precedente fica a Freguesia de N. Senhora da Conceição de Montemor o Velho, cujos habitantes são brancos e índios, que diminuem, como nas outras povoações, à medida que os primeiros aumentam combinados com eles; todos agricultores de diversos objetos.

Mecejana, cuja matriz é dedicada a N. Senhora da Conceição, fica obra de três léguas ao sueste da capital, junto a um lago.

Soure, situada perto da margem oriental do Rio Ceará, quatro léguas longe do mar, e outras tantas da capital, tem uma igreja matriz dedicada à Mãe de Deus.

Arronches, que tem por padroeira N. Senhora dos Humildes, dista duas léguas da capital para o meio-dia.

8 Poucos tempos depois que se lhe deu o título, multa gente só lhe chamava Vila Nova dos Enredos, aludindo às Intrigas suscitadas pelos agentes da Justiça.

Todas três são vilas de índios, com alguns brancos e mestiços, cultivadores de mandioca, algodão, arroz, inhames, legumes: todas fundadas em sítios escolhidos para estabelecimentos dos indígenas cristianizados: todas pequenas, podendo ser consideráveis e ricas, se os primeiros tivessem atividade, mais parentes europeus, e diretores mais religiosos, e inteligentes de agricultura, com mais patriotismo e menos avareza.

Nas vizinhanças das cabeceiras do Rio Jaguaribe ficam as paróquias de São Mateus, no Distrito de Inhamuz; a de Nossa Senhora da Paz, no de Ameiroz, noutro tempo vila de índios cristãos. Gado e mantimento fazem a riqueza dos seus povos.

PROVÍNCIA DE PIAUÍ

Esta província, à qual deu nome um dos rios que a regam, foi criada no ano 1718, sendo até esse tempo comarca do Maranhão; mas não começou a ter governadores senão em 1758. Dão-lhe cento e vinte léguas de norte-sul, e cinqüenta de largura média. Sua forma é quase triangular, tendo para mais de cem léguas na parte meridional, onde confina com a Província de Pernambuco, e dezoito com pouca diferença na setentrional, onde é banhada pelo Oceano. Ao nascente tem a Província do Ceará, da qual é separada pela Serra Ibiapaba; e ao poente o Rio Parnaíba, que a separa do Maranhão.

É país quase geralmente raso e baixo, entressachado de colinas, e extensas planícies em grande parte destituídas de árvores, e ainda às vezes de arbustos; coberta de erva enquanto chove, ou a terra conserva frescura; e de feno, depois que o sol a secou; e regado por muitos rios geralmente tributários do Parnaíba.

O inverno todo é de trovoadas, que começam em outubro e duram até abril. O vento reina do norte a princípio; depois passa para o sul. O clima é cálido; e as febres dominam em alguns distritos. Na parte setentrional em todo ano os dias são iguais com as noites; e na meridional só há a diferença de meia hora. O terreno desta província era possuído por várias nações geralmente pouco numerosas, cuja redução, ou repulsa, não custou tanto tempo, nem tantas fadigas e dispêndios de cabedal e gente, como as doutras de menor extensão; concorrendo muito para isto a falta de grandes bosques e serranias, que servem de refúgio aos selvagens, e de obstáculo aos conquistadores em outras. Os que mais deram de fazer, foram os da vizinhança do Rio Poti, comandados por um índio doméstico, que fugira duma aldeia de Pernambuco, e os atiçava a uma teimosa resistência, enquanto não pereceu violentamente, a tempo que nadava para a outra banda do Parnaíba. *Mandu Ladino* era o seu nome vulgar.

Sendo passados mais de cinqüenta anos, sem que houvesse notícia de ainda existirem índios bravios dentro dos limites da província, pelos anos de 1760 e tantos apareceu na parte meridional uma horda, que desde aquele tempo tem dado em que cuidar aos colonos, e os há obrigado a abandonar grande número de fazendas de criar gado vacum. Os brancos dão-lhe o nome de Pimenteiras, porque no seu distrito há um sítio assim denominado. Tem seus alojamentos entre as cabeceiras dos rios Piauí e Gurguéia, na raia da província, ficando rodeados pelos estabelecimentos dos conquistadores. Dentro do seu terreno há uma lagoa grande e piscosa, junto da qual habitam considerável tempo do ano. Conjectura-se serem (ao menos em parte) descendentes de vários casais, que viviam domesticados com os brancos, nas vizinhanças de Quebrobó, e que desertaram pelos anos de 1685, afim de não acompanhar as bandeiras quando faziam guerra aos indígenas. As suas hostilidades começaram em despique dum cão, que se lhe matou na vizinhança do Gurguéia, até onde se estenderam em uma ocasião à caça. Num assalto frustrado, que há poucos anos se lhes deu, acharam-se oitenta arcos; donde se inferiu que ao menos tinham outros tantos homens capazes de usar desta arma.

Domingos Jorge Paulista e Domingos Afonso Mafrense foram os que começaram a conquista desta província. Pelos anos de 1674 possuía o derradeiro uma fazenda de criar gado na banda do norte do Rio de São Francisco: os grandes danos, que nele lhe causavam os índios centrais, e o desejo de aumentar a sua fortuna com outras possessões semelhantes, o animaram a empreender a conquista

do país setentrional; para cujo efeito juntou a gente que lhe foi possivel, e tendo passado a Serra dos Dois Irmãos para o norte, felizmente encontrou o Paulista mencionado, que andava cativando os indígenas, e foram de grande socorro cada qual a outro. Havendo cativado um grande número, e feito retirar outro maior, o Paulista recolheu-se ao seu país com a maior parte dos prisioneiros, e o europeu ficou senhor do terreno, ou com algum jus para o haver.[1]

Fizeram-se outras campanhas semelhantes, ou entradas ao mesmo país, sendo delas sempre capitão o mencionado Afonso. Ele não concorria já com o total das despesas, porque sendo já muitos os que pretendiam terrenos para estabelecimentos de criações, entrava cada qual com o que podia, e à proporção tirava o interesse: mas o Afonso era sempre o mais aquinhoado em tudo. As suas vastas possessões adquiridas com muitas entradas, ou campanhas, a diversos distritos, lhe deram a alcunha de *Sertão.*

Conta-se que estabelecera acima de cinqüenta fazendas de criar gado grosso, e que dera ou vendera em vida. O certo é, que por sua morte deixou trinta, e os jesuítas do Colégio da Bahia por testamenteiros e administradores delas, para com os seus rendimentos dotar donzelas, vestir viúvas, e socorrer outras necessidades da pobreza; e com o resto aumentar o número das fazendas. Diz-se que estabeleceram três de mais. Com a extinção da Companhia, todas passaram para debaixo da administração da Coroa, e conservam-se no mesmo estado debaixo da inspeção de três administradores, cada um de onze fazendas, com 30OS000 réis de ordenado. Ocupam as terras por onde correm os rios Piauí e Canindé, desde a raia da província até ainda ao norte da capital, em cujos arredores há algumas de particulares. A ninguém é concedido estabelecer-se dentro das suas terras, onde só os escravos delas trabalham para sua subsistência e vestuário. Os gados, chegando a certa idade, são arrematados, e conduzidos pelos compradores principalmente à Bahia e seu recôncavo. Os da parte setentrional descem para o Maranhão: outro vai para Pernambuco.

MONTANHAS — Não tem serras, nem montes notáveis, se excetuarmos a cordilheira que a limita ao oriente, e aquela donde emanam os diversos ramos do Parnaíba: no interior só há colinas e alguns pequenos morros, que nem mesmo no país são nomeados. A chamada Serra dos Dois Irmãos são dois pequenos montes na raia meridional, por entre as quais passa a estrada da capital para o Rio de São Francisco.

MINERALOGIA — Minerais de prata, ferro, chumbo, caparrosa, pedra-ume, salitre, sal-gema, magnete, talco, pedras de amolar, almagre, gesso, tabatinga, abundância de pedra calcária.

Rios — O Parnaíba, o Poti, o Gurguéia, o Canindé, o Piauí, o Itaim, o Longa, o Piraim, o Urussuí, e outros menores.

O Parnaíba, ou Paranaíba, é formado de três torrentes do mesmo nome, cujas nascenças estão na falda ou proximidade da serra, que limita a província ao sudoeste. O seu primeiro tributário é o Rio das Balsas, o único que se lhe junta pela esquerda; abaixo desta confluência pouco espaço se lhe une pela direita o Urussuí, que vem da mesma serra: obra de vinte e quatro léguas depois se incorpora o Gurguéia.[2] Obra de trinta abaixo sai o Canindé, e vinte mais adiante o Poti. Depois de quarenta se encontra a foz do Longa, pouco abaixo do qual o Parnaíba lança para leste um pequeno braço, que atravessa uma grande lagoa com o nome de Encantada,[3] e forma uma ilha de quatro para cinco milhas de

1Esta caçada do Jorge deu motivo a um escritor de nossos dias para estender a Capitania de S. Paulo até à altura do Cabo de Santo Agostinho!! *Memórias* para a história daquela capitania, pag. 2.
2Quatro léguas abaixo da foz do Gurguéia está a Aldeia da Matança, num sítio vantajoso para crescer; sendo uma das principais passagens do Parnaíba.
3Nesta lagoa há grandes jacarés, e medonhas sucurlúbas; e também tubarões, que sobem do mar.

comprimento, largura proporcionada, rasa com forma de arco. Obra de seis léguas adiante, se divide em dois braços um pouco desiguais, e subdivindo-se o ocidental até quarta vez, o rio entra no Oceano por seis bocas, formadas por cinco ilhas de diversas grandezas, nunca submergidas, e algumas povoadas de gado. O braço oriental, e mais caudaloso, denomina-se Higuaraçu; o imediato Barra-Velha; o que se segue Barra do Meio, o quarto Barra do Caju, o quinto Barra das Canárias, o mais ocidental Tutóia, pelo qual sai também o pequeno rio do mesmo nome. Contam doze léguas de distância entre os laterais. Este rio, pelo qual sobem barcas de trezentas cargas até à confluência do Rio das Balsas, dá navegação a canoas até perto das suas origens. Aquelas navegam oito dias a vela, o restante é sempre a remo e vara, o que faz ser a subida prolongadíssima. Não tem cachoeiras, só correntezas, nas maiores das quais as barcas são aliviadas de meia carga. Seu álveo, assaz tortuoso, é quase sempre largo e aprazível: suas margens, em algumas partes alcantiladas, são por largos espaços povoadas de carnaúbas e piaçabas. Entre outras muitas espécies de pescado, que cria, as mais estimadas são os surubins, camurupins, piratingas, fidalgos, mandis, pirabembas, piranhas e traíras.

O Rio Poti, ao qual deu nome o gentio, que habitava o terreno por onde ele corre a princípio, tem sua origem no lado ocidental da montanha donde sai o Jaguaribe, no Distrito de São José. Depois de quinze léguas, ou com alguma diferença através de campos povoados de gado grosso e miúdo, e quatro abaixo do Arraial das Piranhas, onde há uma Ermida do Senhor Bom Jesus, abre uma estreita passagem através da cordilheira, onde forma várias cachoeiras. Saindo dela, recolhe pela margem direita a considerável Ribeira Macambira, que vem da Serra dos Cocos. Obra de dez léguas abaixo desta confluência se lhe une pela esquerda a Ribeira de Marvão; e pouco mais doutras tantas abaixo, sai pelo mesmo lado do Rio de São Vitor, que vem dos Campos da Lagoa, com mais de vinte léguas de curso, e traz consigo a Ribeira de São Nicolau, e a das Berlengas. Mais de vinte abaixo desta paragem está a sua embocadura. Seu álveo é em grande porção largo, e sua corrente amena: as canoas sobem por ele algumas léguas. Nas suas margens cultiva-se bom tabaco.[4]

O Gurguéia sai debaixo dum penedo na falda da serra do seu nome, que é uma porção da mencionada, onde o Urussuí tem princípio. Depois de Vinte léguas ao norte recolhe pela margem direita o Rio Piraim; e continuando ao mesmo rumo por espaço de cinqüenta, perde-se no Parnaíba, como se disse. Sua corrente é apressada quase sempre por um terreno plano, povoado de gado vacum. Só dá navegação durante o inverno, e tem uma cachoeira poucas léguas acima da sua embocadura: suas águas são avermelhadas.

O Piraim, ou Paraim, nasce obra de oito léguas a leste do precedente, nas abas da mesma serra que faz a divisão com Pernambuco. Depois doutras tantas contra o setentrião atravessa a Lagoa de Pernaguá; e obra de quinze abaixo encontra o que o recolhe. Corre quase sempre apertado com muito fundo por um terreno duro.

O Canindé nasce perto da Serra dos Dois Irmãos; corre ao norte, passa meia légua arredado de Oeiras, e depois de vinte entra no que o absorve, com cinqüenta léguas de curso através dum terreno baixo, e rico em criações de gado. Nas proximidades da sua nascença só é corrente enquanto chove. No ângulo da sua confluência há uma extensa planície cobiçada pelos viandantes para fundação duma cidade, em cujos contornos se podia fazer florescer uma variada agricultura.

O Itaim começa na raia meridional da província; passa junto da Serra Vermelha, correndo grande espaço paralelamente com o Canindé, ao qual se une

4 Carateuz é o nome com que se designa o distrito regado pelo Potl antes de romper a cordilheira. Nele há também a Ermida de SanfAna, pertencente à Vila de Marvao, como a mencionada do Bom Jesus.

pela direita cinco léguas acima de Oeiras, depois de ter atravessado um extenso terreno povoado de gado grosso. O seu maior confluente é a Ribeira das Guaribas, que vem de longe, e junta-se-lhe pela margem direita pouco mais de duas léguas acima da sua embocadura.

O Piauí, do qual a província tomou o nome, nasce perto da raia, corre ao setentrião, e une-se com o Canindé, obra de quinze léguas abaixo da capital, depois de quarenta de curso por terras povoadas de gado vacum.

O Longa principia nos campos da Vila de Campo-maior, da qual passa arredado duas léguas, procurando o setentrião. Entre outras ribeiras que o engrossam, notam-se a do Surubim, a Maratoã, que corre por um álveo de pedra de amolar, e a Piracruca, que vem da Serra Ibiapaba. Só é considerável durante as chuvas, e navegável por espaço de vinte milhas até o sítio da Vitória. Junto das suas margens, que são rasas, e povoadas de gado grosso, e capivaras, há muitas lagoas: algumas são consideráveis e têm ilhotas, mas todas secam logo que o rio empobrece.

FITOLOGIA — Tem poucos bosques, e esses de pouca extensão, mas com árvores de boa madeira para construção: as carnaúbas e piaçabas são multiplicadíssimas em vários distritos: os coqueiros só aparecem perto do mar. Certificam haver a verdadeira quinaquina.

O terreno em parte é substancioso, e apropriado para a cultura da mandioca, milho, legumes, arroz, canas-de-açúcar e tabaco: de tudo se recolhe o necessário para o consumo do país. O tabaco das margens do Parnaíba passa, na opinião de muitos, pelo melhor do Brasil; ao menos é o mais caro, e preferido ao aprovado da Bahia. Há grandes plantações de algodoeiros, cuja produção fornece um grosso ramo de comércio. A jalapa, a ipecacuanha, a cainana não são aqui desconhecidas; como também entre outras árvores frutíferas do campo o umbuzeiro, a jabuticabeira, a mangabeira. As jaqueiras e as mangueiras são raríssimas: as laranjeiras, e ainda as bananeiras por desmazelo não aparecem em todas as povoações; porém as atas, ou pinheiras, prosperam quase por toda a parte, e frutificam com perfeição. Das árvores frutíferas européias apenas aparecem as figueiras: as videiras tomam pouca grossura, e frutificam em pouca quantidade, e sem formosura.

ZOOLOGIA — A abundância e boa qualidade dos pastos, que se acham em todos os distritos, onde de ordinário são poucos os pedaços apropriados para a agricultura, fazem que por toda a parte se tenham destinado as terras para a criação dos gados. O vacum é prodigiosamente numeroso, e faz a principal riqueza do país, com razão considerado como açougue do Maranhão, Pernambuco e Bahia: os cavalos chegam para os serviços do país: as ovelhas são multiplicadíssimas: as cabras menos numerosas; mas se os homens fossem industriosos, e se esmerassem em curtir e surrar as peles com perfeição, podiam estabelecer um grosso ramo de comércio com marroquins, cordovões e pelicas. Todos os animais bravios das outras províncias convizinhas são aqui bem conhecidos: os veados são os mais numerosos. As cobras de cascavel encontram-se em todos os sítios. As araras são numerosas nas paragens onde há muito licorizeiros; e os urubus brancos não são raros. Nas catingas encontra-se um pássaro pequeno, negro, com o peito encarnado, o qual faz o ninho de fibras de cascas como cabelo, e com forma de bolsa como o do japu. As espécies dos patos são assaz variadas.

Na curta extensão desta costa não há ilhas, nem cabos, ou pontas;' e o único porto, só para sumacas, é o do Rio Higuaraçu: elas subiam noutro tempo até à Vila de São João; hoje ficam duas léguas abaixo, porque o rio diminui de fundo. A entrada é perigosa por entre parcéis, sobre os quais o mar se enfurece.

Esta província tem as vilas de Oeiras, Parnaíba, Marvão, Campomaior, Valença, Jerumenha e Pernaguá.

Oeiras, à qual o senhor Rei D. José deu o título de cidade, com este nome, em obséquio ao seu célebre secretário, primeiro conde deste apelido, denominada até então Vila da Mocha, havendo sido erecta no reinado do senhor D. João o V, pelos anos de 1718, posto que desde princípio capital da província, não passa ainda duma medíocre vila; mas florescente, abastada, e bem situada, junto à margem direita duma pequena ribeira, que depois de três milhas cai no Canindé paio lado esquerdo, obra de setenta e cinco léguas de São João da Parnaíba, perto de cem ao su-sueste de São Luís do Maranhão, quarenta ao mesmo rumo de Caxias, duzentas ao poente de Olinda. A matriz, que a orna, é dedicada a N. Senhora da Vitória. Tem as ermidas da Conceição e do Rosário. As casas são geralmente térreas, de madeira, e branqueadas com tabatinga: muitas têm elegância e bons cômodos. Grande parte de seus habitantes são europeus.

Parnaíba, vila mediana, e a principal da província em todo o sentido, vantajosamente situada numa ponta sobre a margem direita do braço oriental do rio, que lhe empresta o nome, em terreno areento, quatro léguas longe do mar. Tem algumas casas de sobrado, coisa que ainda não se vê em outra alguma povoação da província, e as ruas geralmente descalçadas. É o depósito de grande quantidade de algodão e coirama. A matriz é dedicada a N. Senhora da Graça. Seus habitantes bebem do rio, ou de cacimbas, e são freqüentemente atacados de febre. Em 1811 se lhe concedeu Juiz de Fora e estabeleceu alfândega. O terreno do seu contorno cria melões grandes e excelentes, e melancias em todo o ano.

Campomaior é vila medíocre e bem situada na margem, e duas léguas acima da embocadura da Ribeira do Surubim, da qual teve o nome em outro tempo; e obra de oito arredada do Parnaíba, junto duma lagoa profunda, piscosa e de boa água. Além da matriz, dedicada a Santo Antônio, tem uma Ermida de N. Senhora do Rosário. No seu termo corre a Ribeira de Marataoã, de cujo leito se transportam excelentes pedras de amolar para diversas partes. Seus habitantes criam gado, e cultivam algodoeiros e mantimentos.

Valença, anteriormente Catinguinha, vila pequena, situada sobre uma ribeira, que depois de quatro léguas entra no Rio de São Vitor. A sua matriz é dedicada a N. Senhora do Ó. No seu termo há minerais de salitre, e bons pastos, que criam muito gado. Obra de sete léguas arredada está a Capela de N. Senhora da Conceição, noutro tempo paróquia, em cujos arredores se cultivam os víveres do país.

Marvão, cujo primeiro nome foi Rancho do Prato, é vila pequena, situada em planura obra de seis léguas acima da foz da ribeira do seu nome, cujas margens são povoadas de gado grosso, que faz a riqueza de seus moradores. No seu turno, junto à nascença do riacho chamado Cabeça de Tapuio, há minerais de caparrosa; e em outro sítio de pedra-ume e de prata. N. Senhora do Desterro é a padroeira da matriz que a orna.

Jerumenha, vila pequena, assentada na margem, e obra de quatro léguas acima da embocadura do Gurguéia, do qual teve anteriormente o nome. Tem uma igreja paroquial dedicada a Santo Antônio. Seus habitantes criam gados, cultivam os víveres comuns do país, e são freqüentemente atacados de febres.

Pernaguá, vila pequena e bem situada sobre a margem ocidental duma lagoa de quatro léguas de comprido, e perto de duas de largura, profunda, piscosa e atravessada pelo Rio Piraim. Tem uma magnífica igreja paroquial de pedra, dedicada a N. Senhora do Livramento. Seus contornos são planos, e só tem colinas ao longe. Seus habitadores, entre os quais há alguns europeus, criam gado vacum e cavalar; e entre as plantações dos outros comestíveis fazem algumas de canas-de-açúcar para rapaduras e aguardente. Fica quinze léguas arredada da raia meridional da província, obra de dezesseis do Rio Preto, e quarenta da Vila

de São Francisco das Chagas. No seu termo há pedaços de terreno apropriado para a cultura do tabaco, como «m poucos, ou talvez nenhum do Brasil.[5]

Piracruca, arraial considerável e bem situado, junto à grande ribeira do seu nome, obra de doze léguas afastado da embocadura do Longa, tem a melhor igreja matriz de toda a província. No seu distrito há minerais de caparrosa, e a verdadeira quinaquina, ou outra árvore, cuja casca faz o mesmo efeito daquela. Os seus habitadores fazem grandes plantações de algodoeiros, mandioca, e canas-de-açúcar para aguardente e rapadura.

São Gonçalo de Amarante, aldeia e paróquia de índios, situada num terreno escolhido e fecundo, onde outro povo laborioso, fazendo florescer a agricultura, podia viver em abundância, e ser rico. Fica cinco léguas arredada da embocadura do Canindé, e obra de vinte ao norte da capital. Foi fundada pelos anos de 1766 para habitação de novecentos Gueguês, que ocupavam o terreno onde o Parnaíba tem as suas cabeceiras, e mil seiscentos Acroás, que viviam mais para o meio-dia. Passado algum tempo, todos desertaram; porém, indo-se-lhes ao alcance, foram de novo conquistados, e restabelecidos no mesmo lugar onde hão ido sempre em decadência.

A freguesia de Nossa Senhora das Mercês, cujos primeiros habitantes era pela maior parte de índios Jaicós, fica entre o Rio Itaim e a Ribeira das Guaribas. Todos os fregueses vivem dispersos: o vigário é quase o único vizinho da matriz, que fica mais de vinte léguas afastada da capital.

As duas paróquias derradeiras, criadas de poucos anos, ambas foram tiradas à da capital, em cujo vasto termo há ainda a Capela de N. Senhora dos Humildes, não longe das cabeceiras do Canindé; a de Santo Inácio, junto do mesmo rio, e obra de dez léguas arredada da capital; a de São João, perto da origem do Piuaí; a de N. Senhora de Nazaré, na margem do mesmo rio, e doze léguas distante de Oeiras; a de Nossa Senhora da Conceição, no sítio da Bocaina, junto à Ribeira das Guaribas.

O considerável Arraial do Poti, vantajosamente situado sobre a embocadura do rio que lhe empresta o nome, tem já bom comércio, e com facilidade pode ser uma vasta povoação.

Todo o povo é diocesano do Bispo do Maranhão, que tem um vigário geral em Oeiras.

O subsídio literário, imposto no gado desta província, é assaz importante: mas em 1808 ainda não havia nela uma cadeira de primeiras Letras, nem de Latim: sem dúvida por não terem sido pedidas; pois que dumas e outrías se vêem em algumas aldeias doutras províncias.

S A Lagoa de Pernaguá, que nunca tem menos de duas léguas de comprimento, e uma de largura no tempo da seca, íol formada por uma extraordinária cheia do rio, segundo dizem, depois que os conquistadores se apoderaram do pais: embravece como o mar nas ocasiões de ventanias.

PROVÍNCIA DO MARANHÃO

Quando el-Rei D. João o III repartiu a costa brasílica em capitanias, coube a do Maranhão por sorte ao historiador João de Barros; 'o qual, por ser homem de nobre espírito, e desejoso de se empregar em coisas grandes, e prevendo as dificuldades da empresa, associou-se aos cavaleiros Fernando Álvares e Aires da Cunha, para com este maior cabedal poder reduzir a empresa ao fim desejado.'

Concordando unanimemente que fosse Aires da Cunha o condutor e plantador da colônia, partiu este de Lisboa em 1535 com novecentos homens, entre os quais iam dois filhos do donatário; e demais cento e treze cavalos em dez baixeis de guerra, com tanta desventura que todos naufragaram nos baixios, que rodeiam a Ilha do Maranhão. Escapando alguma gente por diversos modos para a Ilha do Medo ou do Boqueirão, que fica na entrada da Bahia, por não ser bastante para fundar a povoação, por onde devia começar a capitania, voltou ao reino no primeiro navio que lhe apareceu.[1]

Dos escapados ficou entre os indígenas um ferreiro, por nome Pedro, ou *Peró,* o qual foi mui estimado deles; porque do ferro, que veio à praia dos fragmentos dos baixes, lhes fazia variedade de instrumentos muito úteis. Aliando-se com a filha dum cacique, houve dela dois filhos, ambos Pedros ou *Perás;* porque os índios pensavam que todos os portugueses tinham este nome, ou que era o nome gentílico da nação; e daqui veio darem-lhes o apelido de *Feros*.

Desistindo Barros da doação pelos desgostos do desastre, pouco depois fez o mesmo monarca mercê deste terreno a Luís de Melo; dando-lhe juntamente três navios, e duas caravelas de auxílio, para com maior facilidade poder executar o seu projeto, que era penetrar pelo Rio Amazonas até às minas do Peru oriental: porém foi pouco menos desgraçado que Aires da Cunha, indo encalhar a armada nas mesmas sirtes; escapando uma caravela, em que tornou a Lisboa. Estes infortúnios, aos quais necessariamente se há de supor todo o navio, que houver de aportar no melhor surgidouro da província, desanimaram a todos os que poderiam colonizar este fértil terreno, que não deixava de ser visitado politicamente.

No ano de 1594 aportou o francês Mr. Rifault com três velas na Ilha do Maranhão, onde deixou a Carlos de Vaux com alguma gente. Esta débil colônia foi reforçada por Mr. Ravardiere em 1612. Dois anos depois, indo de Pernambuco

1 "A qual (Terra de Santa Cruz) ao presente el-Bel D. João III, nosso Senhor, repartiu em doze capitanias dadas de Juro e herdade às pessoas, que as têm, como particularmente escrevemos em a nossa parte Intitulada Santa Cruz. Os feitos da qual, por eu ter uma destas capitanias, me têm custado multa substância de fazenda; por razão duma Armada, que empraçarla de Aires da Cunha, e Pernão d'Alvares de Andrade, tesourelro-mor desde reino, todos fizemos para aquelas partes o ano de 1535. A qual Armada foi de novecentos homens, em que entravam cento e treze de cavalo; coisas que para tao longe nunca ealu deste reino: da qual era capitão-mór o mesmo AlTes da Cunha; e por Isso o principio da milícia desta terra, ainda que seja o último de nossos trabalhos, na memória eu o tenho bem vivo, por qu&o morto me deixou o grande custo desta Armada sem fruto algum."
BARBOS, Becod. I, *liv.* VI, *cap.* I.

"Foi também a este Blo Maranhão um fidalgo português, que se chamava Aires da Cunha: levou dez navios, novecentos portugueses, cento e trinta cavalos.* fez grande gasto, em que se perderam os que armaram: e o que mais perdeu nisso foi João de Barros, feitor da Casa da fndla, que por ser nobre, e de condição larga, pagou por Aires da Cunha, e outros, que Ia faleceram com piedade de mulheres, e filhos que lhes ficaram."
ANTÔNIO GALVÃO, Descobrlm. antigos e mod., ano 531, Lisboa 1731*'. •
Deve prevalecer o testemunho do donatário.
•* O motivo por que os Sócios quiseram começar a colonização nesta paragem, foi sem dúvida porque este porto (posto que perigoso) excedia a todos os outros da costa; e o terreno convizinho era o mais substancioso, e os rios, que ali deságuam, navegáveis até o limite meridional da capitania.

Jerônimo de Albuquerque Coelho, por mandado do Governador Gaspar de Sousa a expulsar os intrusos, só conseguiu, depois de alguns choques, uma capitulação pouco vantajosa, a cujos artigos Alexandre de Moura, chegando no ano seguinte com forças para maior empresa, substituiu os que melhor lhe pareceram, sendo o principal a evacuação do presídio; aos quais o comandante se sujeitou obrigado da fraqueza em que se achava. Este fato aconteceu no primeiro de novembro; motivo por que Moura deu à ilha o bem apropriado nome de Ilha de Todos os Santos, que logo perdeu.

Jerônimo de Albuquerque, deixado aqui por Alexandre de Moura, com o posto de Capitão-mór, para fundar uma povoação, e continuar a conquista da nascente província por conta da Real Fazenda, preferiu ao lugar do presídio francês o sítio, onde deu princípio à capital da mesma província, em cujo crescimento e defensa se ocupou até o ano de 1618, em que faleceu; sucedendo-lhe interinamente por pouco mais dum ano seu filho Antônio de Albuquerque, e a este Domingos da Costa Machado. No princípio do seu governo aportou ali Jorge de Lemos, com duzentos casais de açoritas em três baixeis, tudo à sua custa.

Em 1621 houve uma grande mortandade nos índios domésticos, causada pelas bexigas. Parte desta perda foi remediada no mesmo ano com quarenta casais tirados também das Ilhas dos Açores pelo Provedor-mor, Antônio Ferreira Bitancourt, em cumprimento do ajuste feito com a Coroa.

Seguiu-se em 1622 Antônio Moniz Barreiros, ao qual pouco depois da posse apresentou ao Senado um requerimento em nome do povo, para que não consentisse estabelecerem-se ali os jesuítas, cujos sentimentos acerca dos indígenas não eram favoráveis aos colonistas. Fez dois engenhos de açúcar em cumprimento da obrigação que seu pai, do mesmo nome, assinara para ser despachado Provedor-mor da Fazenda Real da cidade da Bahia.

Algum tempo antes que Barreiros começasse a governar, se resolvera na corte de Madrid, em 1621, fazer das conquistas do Maranhão um novo Estado deste nome, para cujo governo foi logo nomeado D. Diogo de Cárcamo, cuja recusa deu lugar a nomear-se D. Francisco de Moura, que não indo também, foi eleito Francisco Coelho de Carvalho, o qual saiu do Tejo em março de 1624, e desembarcou em Pernambuco, onde as irrupções dos holandeses o demoraram dois anos, vindo a entrar no porto da sua capital em 1626; havendo tomado posse algum tempo antes na Fortaleza do Ceará, que então lhe pertencia.[2] No ano seguinte, indo visitar a Província do Grão-Pará, entrou na Baía Gurupi, e desenhou nela uma povoação com o nome de Vera Cruz. Faleceu no duodécimo ano do seu governo.

Em 1641, quando el-Rei D. João IV já tinha embaixador em Holanda, que o reconhecera por legítimo Soberano de Portugal, aportaram aqui uns navios holandeses, com um pretexto dum temporal, exigindo o que em tais casos as nações amigas costumam prestar-se. O Governador portou-se com demasiada credulidade, e os traidores, apoderados da capital, com facilidade subjugaram o resto da província, donde foram expulsos em 1643.

Nem todos os governadores desta província tiveram o título de Capitães-generais do Estado; por vezes gozaram os do Grão-Pará desta preeminência. Todos os processos, que admitiam apelação depois de sentenças dos magistrados, em qualquer das províncias, foram sempre remetidos à Corte, e os seus bispados logo na sua criação ficaram sufragâneos do metropolitano de Lisboa.

2 Sendo certo que o Estado do Maranhão compreendia ainda mais que a Província do Oeará para o nascente, nao sabemos até onde precisamente se estendia a princípio. O Padre André de Barros diz que ele abrangia a Capitania de Itamaracá; porém nos Anais de Berredo, que o governo, Já mutilado acha-se o seguinte: "Há bastantes anos que se separou a Capitania do Ceará do governo geral do Maranhão, que principia hoje abaixo da Serra de Iblapaba: mas é sem dúvida, que a verdadeira demarcação do Estado fica setenta léguas do Cabo de Santo Agostinho nas vizinhanças dos baixos de São Roque."

A sujeição da nação a cetro estranho, no princípio, as pretensões dos holandeses para conquistar o país; depois a prolongada guerra da aclamação, e finalmente a prescrição de abusos destruidores não deixaram tomar ao Estado o florescimento, de que era susceptível, no decurso de quase século e meio. Com a mudança do hemisfério mudaram os primeiros colonistas de costumes, olhando com desprezo para a agricultura, com indiferença para a instrução; e até preferindo ao idioma materno a língua dos bárbaros Tupinambás senhores do país. Os missionários de várias corporações fizeram contudo grandes progressos na conversão dos indígenas; e tê-lo-iam feito maiores se o povo não tivesse degenerado tanto, e fosse mais obediente às leis. A língua portuguesa começou a ser geral, ou, para melhor dizer, a ter uso em 1755. Nesta mesma época começou também a agricultura a florescer com a criação duma companhia, que abrangia a Província do Pará. e cujo fundo subia a duzentos mil cruzados, e com a introdução dos negros.[3] Os grandes progressos, que naquela se observam, são devidos a esta associação, a qual um famoso escritor daquele tempo considerava como uma produção de ignorância, e um sistema destruidor.

Esta província, que tomou o nome do Rio Meeari, denominado Maranhão pelos primeiros observadores destas praias, confina ao norte com o mar Oceano; ao poente com a Província do Pará; ao meio-dia e oriente com a de Piauí.[4] É de figura triangular, com cento e vinte léguas de norte-sul no lado ocidental, e pouco menos de praias: jazendo entre Iº e um quarto, e os 7° e meio de latitude austral. O clima é cálido em razão da sua vizinhança ao equador. As trovoadas são as que fazem o inverno, o qual começa em outubro na parte meridional, onde o maior dia do ano tem doze horas e meia; na mais setentrional, quase não há diferença do dia para a noite em todo o ano.

A face do país, geralmente desigual, mas sem montes de elevação notável, é regada por grande número de rios, e em grande parte coberta de matas, com variedade e abundância de boa madeira para construções.

Rios, Portos e Ilhas — Meia légua dentro da barra do Canal da Tutóia (braço ocidental do Rio Parnaíba, e limite oriental desta província), deságua o rio do mesmo nome, que vem de perto, e só é vistoso até onde sobe a maré. Defronte da sua boca há uma ilheta, que abriga o surgidouro.

Cinco léguas ao poente da Barra Tutóia sai o Rio das Preguiças, que é largo, e oferece bom surgidouro a embarcações menores por dentro da ponta oriental.

Segue-se uma vistosa praia de areia branca, com nove léguas de extensão, denominada os Lanções; no fim dos quais há outra com quatro léguas de mangues, até o considerável Rio Marim, que rega um terreno fértil e povoado, e deságua por três bocas.

Passada a boca ocidental do Rio Marim, a costa muda de direção para o sudoeste a formar um golfo, ou enseada, de onze léguas de boca, em cujo fundo está a Ilha do Maranhão, que tem sete léguas de comprimento do nordeste ao sudoeste, e perto de cinco na maior largura, formando com o continente duas formosas baías, uma ao oriente com o nome de São José, outra ao poente com o de São Marcos; de seis milhas de largura cada uma, e comunicadas por um esteiro apertado, chamado Rio do Mosquito, com cinco léguas de comprido, e que separa a ilha do continente. Esta ilha é quase toda coberta de mato. Tem algumas eminências, e quinze torrentes perenes.

3"O fundo, e capital da companhia será dum milhão e duzentos mil cruzados repartidos em mil e duzentas ações de 40OS0O0 cada uma delas; podendo a mesma pessoa ter diferentes ações; contanto que as que forem de dez para cima, que sao as bastantes para qualificar os acionistas para os empregos da admlnlstrção dela, nao passem do segredo dos livros da Companhia às Relações públicas." Instltulç. da Companhia Geral do Grão-Pará e Maranhão, 7 de Junh. de 1755.

4O autor da *Descrição Geográfica da América Portuguesa* ainda designou Rio Mearlm com o nome de Maranhão: "Também neste Rio do Maranhão entra o do Plndaré..."

Obra de duas léguas adiante do mencionado Marim sai o Rio Pereá, navegável por grande espaço. Quase defronte está a ilha do mesmo nome; e perto dela outra, chamada Rasa, e não longe delas a de Sant'Ana.

Segue-se o Rio Moconandiva, e depois dele o Mamuna, que sai por duas bocas; Rio Anajatuba é o nome da ocidental, da qual contam quatro léguas até a do mencionado Pereá; cujo intervalo é um arquipélago de pequenas ilhas tão próximas, que não dão passagem pelos canais que as separam.

Obra de sete léguas adiante desemboca o considerável Rio Moni, que principia perto de oito léguas arredado da margem do Parnaíba, seis milhas acima da sua foz recolhe o piscoso Iguará, que rega um território onde se cultivam vários comestíveis, e pode fazer-se uma rica colheita de baunilha.[5]

Uma légua ao poente do Moni está a vasta embocadura do caudaloso Itapicuru, que é o maior da província. Tem a origem no Distrito de Balsas, que é a porção mais meridional, donde sai já considerável, procurando o nordeste até Caxias, acima da qual pouco mais de trinta léguas se lhe une, pela margem esquerda, o Rio Alpercatas, de volume igual, quando não superior, que vem das terras dos índios Timbiras, para onde dá navegação a canoas. Em Caxias muda de rumo contra o noroeste, e passa pelas duas freguesias do seu nome, onde terminam a maré e a navegação das grandes barcas, que sobem a vela. Sua corrente é rápida; o álveo tortuoso, e ainda quase sempre por entre matos. Poucas léguas acima da embocadura, depois de meia vazante, forma um sorvedouro perigoso. Os pescadores de linhas nas cabeceiras deste rio prendem às vezes uma espécie de enguia pequena, que lhes causa o mesmo efeito que a tremelga aos europeus. Atribuem esta eletricidade a uma pedra que o peixe tem na cabeça, mui estimada pelos supersticiosos, que lhe atribuem virtudes sinistras.

Os dois últimos rios deságuam no fundo da Baía de São José.

Perto de seis léguas ao poente do derradeiro, no fundo da Baía de São Marcos, e outras tantas ao sudoeste da capital, sai o caudaloso Meari ou Mearim, que se forma também na parte meridional da província, através da qual descreve numerosos torcicolos, engrossando sensivelmente com vários outros, que se lhe incorporam, entre os quais se nota o Rio Grajeú. Seu álveo é profundo e largo, e sua corrente tão rápida, que suspende a enchente da maré por largo tempo; resultando desta oposição ondas encapeladas, chamadas pororocas, que depois de vencidas, tudo quanto vazou em quase nove horas, enche em menos dum quarto; ficando a maré caminhando para cima três horas completas com uma rapidez semelhante à calha dum moinho. Este fenômeno ocupa o espaço de cinco léguas com grande ruído. Há sítios, denominados *Esperas,* onde as canoas esperam a decisão do combate, e continuam a viagem sem perigo. Este grande rio, cujo menor fundo é na embocadura assaz espraiada, onde as embarcações não entram senão com o preamar, dá navegação até o centro da província, onde uma cachoeira a interrompe. Atravessa as terras dos índios Gamelas, e doutras nações bárbaras. Nas vizinhanças do mar corre por campinas aprazíveis, e de terreno fértil, onde se cria gado, e cultiva diversidade de comestíveis e algodão. Um dos seus principais e derradeiros confluentes é o Rio Pinaré, pelo qual se sobe para a Vila de Viana.

Nesta paragem a costa inclina contra o setentrião, e forma uma enseada de três léguas com pouco seio. Segue-se depois de cinco a Baía de Cumá com três ou pouco menos de fundo, e uma de largura, aberta a leste. Nela deságua o Rio Piracunã.

Depois de sete léguas encontra-se a baía chamada Cabelo da Velha, que tem seis milhas de largura, com outras tantas de fundo, onde desemboca o Rio

5 Quacenduba era o nome com que por largo tempo rol designada a terra, que ílca a leste da Ilha do Maranhão, segundo Slmão Estácio.

Curupu; sua entrada é por entre duas ilhotas rodeadas de baixos perigosos. Junto da praia, que medeia entre estas baías, estão cinco ilhas em fileiras, povoadas de mato; a maior tem légua e meia de comprimento.

Depois de igual distância, bordada por outras tantas ilhas, está a embocadura do Rio Turinana, que vam de longe, e oferece bom surgidouro a navios pequenos. Defronte está .a Ilha de São João, que é a mais ocidental das mencionadas, com três léguas de comprimento do nordeste ao sudoeste, rasa, povoada de mato, pássaros e quadrúpedes bravios, e separada do continente por um canal profundo, com uma légua de largo. Na ponta do nordeste há um bom surgidouro.

Segue-se a vasta Enseada de Turiaçu, limite da província com a do Pará. Nela deságua o rio do mesmo nome, que é de curso extenso por entre bosques.

Os indígenas, que dominavam esta Ilha do Maranhão, e o continente vizinho, eram Tupinambás, repartidos em pequenas tribos, designadas com diversos apelidos.

MINERALOGIA — Pedra calcárea, caparrosa, pedra-ume, minerais de ferro, chumbo e prata; antimônio, amianto, salitre, sal-gema, molibdeno com que se podem fazer penas de lápis; cristais, pedras de amolar, pedreiras, ou rochedos de granito.

FITOLOGIA — Os coqueiros asiáticos são poucos, e só ao longo das praias; as atas ou pinheirais mui comuns e frutificam com perfeição: do fruto das mamoneiras, ou carrapateiros, extrai-se quase todo o azeite que se gasta nas luzes: encontram-se as árvores que dão a goma copai, a almécega, o beijoim, o sangue-de-drago; as do óleo de copaíba, as estoraque: araribás, de cuja casca se extrai uma boa cor encarnada; aroeiras, barbatimões: cajueiros, umbuzeiros, cacauzeiros, jabuticabeiras, mangabeiras, araçazeiros: baunilha, butua, gengibre, cainana, jalapa, ipecacuanha, espigélia: a palmeira carnaúba.

As canas-de-açúcar prosperam em muitos sítios; porém a sua cultura tem sido suplantada pela dos algodoeiros, cuja produção faz o mais volumoso objeto de exportação, e a principal riqueza do país.

Entre as árvores resinentas, nota-se ainda a sucuba, cuja goma passa pelo amoníaco do Levante.

Dos cereais só se cultiva arroz em prodigiosa quantidade, sendo-lhe o terreno particularmente apropriado, e milho: a irregularidade das estações não permite a lavoura do trigo, centeio, nem cevada. As melancias, melões e ananases são excelentes. As bananeiras indígenas frutificam com grandeza monstruosa, e de boa qualidade.

ZOOLOGIA — As vacas, as ovelhas e as cabras multiplicam aqui melhor do que no país donde são oriundas; mas não melhoram de volume; nem de sabor a sua carne; nem também são consideravelmente numerosas as suas espécies, à exceção da primeira. Também há criações de gado cavalar: os porcos chegam para o consumo da povoação. Vêem-se todas as espécies de animais bravios comuns às províncias orientais, sem alguma desconhecida naquelas outras: os mocos sao numerosos por toda a parte. Vêem-se também as mesmas aves do campo, dos bosques e das lagoas. Os formosos guarás, que são numerosíssimos na proximidade do mar, onde só habitam, quando se pousam em bando sobre alguma árvore seca, ou despida de folhas, esta fica vistosíssima. Havendo tantos sítios desde o Cabo de Santa Maria até o Rio Parnaíba, cujos nomes mostram terem ali havido noutros tempos estes pássaros, hoje não se encontram em parte alguma desta vastíssima extensão, depois de excetuarmos o Rio de Guaratuba e o de São Francisco do Sul. As espingardas têm feito maior destruição nestes viventes em três séculos, do que as tacoaras dos indígenas em toda a antigüidade.

Há nesta província uma espécie particular de bicho de seda, cujo casulo é, segundo contam, três vezes maior que o do bômbice ordinário, ou persiano: a cor da seda é amarela escura; e pode vir a ser um ganancioso ramo de comércio,

em razão da abundância, que facilmente pode haver, porque o inseto nutre-se das folhas de laranjeiras, e pinheira ou ata, que está no seu país nativo.

Todo o terreno, que fica entre o Rio Itapicuru e o Parnaíba, está de largos anos evacuado de selvagens, assim como também a parte setentrional do que fica ao poente do primeiro rio, e por toda a parte mais ou menos povoado de brancos e indígenas cristianizados, geralmente ocupados na lavoura da mandioca, milho, legumes, e sobretudo na dos dois mencionados, e lucrosíssimos objetos mercantis, arroz e algodão; mas quase todo o trabalho é feito pelos braços dos negros, cujo número excede muitas vezes o daqueles outros.

As famílias vivem, pela maior parte, dispersas. Como cada fazendeiro ou lavrador de ordinário tem todas as suas possessões em um só pedaço de terreno, também comumente ali habita com toda a sua família, e haveres: e sendo cada vivente destas uma aldeia, e não poucas vezes assaz populosa em razão da escravatura; são poucas (para a extensão da província) as aldeias, onde habite considerável número de vizinhos, depois de excetuarmos as que hão sido criadas freguesias, das quais algumas têm vinte e mais léguas de distrito.

Até agora fabricavam-se excelentes redes para dormir, e panos de algodão para vestir os trabalhadores; e podemos dizer que mais nada. A mudança das coisas habilita este povo para fazer florescer a indústria, principalmente com aquela mesma produção.

A porção meridional da parte ocidental desta província está ainda em poder dos indígenas selváticos, como também grande extensão da central: os setentrionais, e convizinhos dos conquistadores são os Gamelas, assim chamados por aqueles, em razão do extravagante costume de furarem e dilatarem o lábio inferior com uma rodela de cabaça, ou de pau, fazendo-lhe tomar a forma de gamelinha. Cultivam variedade de comestíveis, e têm cabanas onde habitam quando não andam a corso, em busca da caça e das frutas silvestres. Suas armas são o arco, a flecha, e uma maça de pau rijo, denominada *matarana,* esquinada na parte grossa, e aguçada na delgada. Muitos conhecendo a ridicularia (ou talvez a mofa que os cristãos fazem) do batoque, já não usam dele, nem furam o beiço aos pequenos.

Ao meio-dia daqueles ficam os Timbiras, divididos em duas hordas, designadas com o apelido de Timbiras da mata, que vivem no interior dos bosques, outra com o de Timbira de canela fina, assim denominados pela delicadeza de suas pernas, segundo dizem: estes vagueiam pelos descampados, e são de tal velocidade na carreira, que emparelham com um cavalo. Todos usam de arco, duma maça pequena, e outra grande de pau roxo, espalmada. Diz-se que os da mata têm no seu território uma grande lagoa, e minas de sal, de que fazem uso; e que cultivam mandioca, inhames, abóboras e amendoim, e ainda algodão, com que fabricam as suas maças. Fazem várias bebidas, mais ou menos embriagantes, que lhes duram pouco tempo, tanto pela qualidade, como pelo excesso como usam delas: desde que começam a beber, até dar-lhes fim, são dias de folia e também de desavenças.

Andando para o sul, encontram-se os Manajós, que são alvos, e ocupam o terreno, que fica ao poente de Balsas, estendendo-se até a margem do Rio Tocantins, onde se lhes dá o nome de Temembós. Deles são convizinhos os Bus e os Cupinharós.

Na raia da província com a do Pará habita o gentio Gê, repartido em cinco tribos, distinguidas pelas denominações seguintes: Auge, Grangê, Canacatagê, Pontacagê, e Paicogê; quase sem diferença de linguagem nem de costumes.

As vilas desta província são: Maranhão, Alcântara, Guimarens, Caxias, Viana, Vinhais, Turi, Monção, São João de Cortes, Passo do Lumiar e Hicatu.

Maranhão ou São Luís, *Maragnanum,* capital da província, situada na parte ocidental da ilha do seu nome, entre as embocaduras de duas ribeiras, que parecem

rios consideráveis com a maré, que sobe por elas até perto de suas origens, e lhes dá largura notável. A do norte denomina-se Rio de São Francisco por curto espaço, até à união do chamado Rio do Anil com o Vinhais, dos quais nenhum tem mais de duas léguas de extensão. A do sul, chamada Rio Maranhão, é formosa, e recolhe pela margem setentrional outra denominada Rio Bacanga. É cidade medíocre, populosa, comerciante e florescente, criada episcopal em 1676, e ornada com casa de misericórdia, um convento de carmelitas calçados, outro de mercenários, outro de franciscanos da reforma da Conceição, um recolhimento de mulheres, e um hospital. O colégio ex-jesuítico serve hoje de palácio episcopal, e a sua igreja de catedral. A casaria é sólida, com muita frente e quintais, e varandas sobre eles; as ruas calçadas. Seus habitantes estão repartidos em duas paróquias, sendo uma delas a catedral, dedicada a N. Senhora da Vitória, outra de N. Senhora da Conceição. Tem uma Relação, criada em 1812* tribunal da Real Fazenda, um Intendente da Marinha, e professores régios de Primeiras Letras, Latim, Retórica e Filosofia. Arroz e algodão são quase as únicas exportações do seu comércio: para entreposto do derradeiro há vários armazéns de vasta capacidade; e para pilar o primeiro muitos engenhos. É bem provida dágua, e abastada de pescado, carne e frutas. Três fortificações defendem o seu porto, que diminui de fundo. A maré sobe aqui vinte oito palmos.

Pouco menos de légua ao norte desta cidade há uma Ermida de S. Marcos, sobre uma colina na borda do mar, donde se faz sinal dos navios que procuram o porto.

Em distância duma légua a leste da mesma cidade está a pequena Vila de Vinhais, sobre a ribeira do mesmo nome, com uma igreja matriz, dedicada a S. João Batista. Todas as casas são de madeira, e cobertas de palha, e seus habitantes índios, pescadores e cultivadores de vários comestíveis, que fazem também esteiras de piaçava para estivar os navios, e cordas de imbé.

Passo do Lumiar, a mais populosa vila de índios de toda a província, está no centro da ilha sobre a Ribeira de São João, que a atravessa. A sua matriz, dedicada a N. Senhora da Luz, é feita de pedra, e coberta de telha. Seus habitadores são de diversas nações, e cultivam excelente tabaco, arroz, mandioca. com outros víveres; tiram madeira, e freqüentam a pescaria.

Na extremidade oriental da mesma ilha, há uma aldeia já considerável e vistosa, com uma Ermida de S. José, do qual a baía toma o nome.

Esta ilha é de mediana altura, e terreno em grande parte fértil, e apropriado para diferentes produções e ramos de agricultura.

Alcântara, vila grande, com boa casaria, e vistosamente situada em terreno levantado, ornada com quatro ermidas, um convento de carmelitas calçados, outro de mercenários, e um forte assentado no lugar onde existiu um hospício de jesuítas, fica três léguas ao noroeste da capital. Foi por algum tempo capital da

6 Segundo o sau regimento:

Título I. "Terá esta Relação a mesma graduacão que tinha a antiga Relação do Rio de Janeiro e a da Bahia, antes do alvará de 1808: sendo por essa razão promovidos os desembargadores dela ou para a Relação do Porto, ou para a da Bahia.

"IV. O distrito da Relação do Maranhão será todo aquele que se compreende nos territórios das capitanias do Maranhão e Para, e das outras, que delas forem desmembradas.

"V. No mencionado distrito se compreenderão não só as comarcas do Maranhão; Piauí, Pará, e Rio Negro: mas também a do Ceará Grande, bem como todas as outras comarcas e Judlcaturas, que nas referidas capitanias e comarcas de novo se criarem.

"VI. Será finalmente o distrito, como da Corte, dos ministros desta Relação o espaço de quinze léguas em circunferência da cidade de São Luís, ou do lugar onde a Relação estiver.

"VII. O corpo desta Relação se comporá do Governador, do Chanceler, e de mais nove Desembargadores: e não se considerarão habilitados para requerer, e merecer estes lugares bacharéis alguns, que não tenham a graduação de correlção ordinária, ou três lugares servidos.

"VIII, O Governador, e os ditos ministros terão os mesmos ordenados, e propinas, que atualmente tem o Governador, e Ministros da relação da Bahia.

"IX. Os oficiais da casa se distribuirão entre os sobreditos desembargadores; sendo sete desembargadores dos Agravos, Apelações Cíveis, e criminaU; um Ouvidor Geral do crime; um Ouvidor-geral do Cível; um Juiz dos ritos da Coroa, Fazenda, e Fisco; um Procurador da Coraa e Fazenda; um Juiz de Chanceleria; e um Promotor da Justiça."

Capitania de Cumá, que terminava na Baía de Turiaçu. O seu porto recolhe sumacas. O algodão do seu território é o melhor da província, e arroz a riqueza principal de seus habitadores. As salinas, que ficam obra de três milhas ao norte, poderiam fornecer de bom sal a muitas províncias, sendo administradas, como no tempo dos jesuítas, a quem pertenceram.

Guimarens, vila considerável e florescente, situada no lado setentrional da Baía de Cumá, dez léguas ao nor-noroeste de Alcântara, ornada com uma igreja paroquial da invocação de S. José. Do seu porto, que só é capaz de embarcações menores, sai algodão, arroz, e muita farinha, riqueza de seus habitantes.

São João de Cortes, vila pequena e sem notabilidades, fica cinco léguas ao sul de Guimarens, no lado meridional da Baía de Cumá. O povo, que a habita, recolhe farinha com algum algodão, e arroz.

Viana, vila medíocre, e bem situada sobre a margem do Rio Maracu, que é um ramo do Pinaré, na vizinhança dum grande lago, perto de trinta léguas distante da capital. A sua matriz é dedicada a N. Senhora da Conceição, e seus habitantes lavradores de algodão, farinha, e outros víveres do país; também criam gado, e tiram muita madeira. No seu distrito está o melhor engenho de açúcar da província, que foi dos jesuítas.

Obra de cinco léguas para o sul de Viana está Monção, pequena vila de índios, com uma igreja de N. Senhora sobre a margem do Pinaré. Seus habitadores cultivam mantimentos e algum algodão; freqüentam a pescaria e a caça.

Hicatu *(Água Boa),* vila antiga, noutro tempo considerável e florescente, situada junto da confluência do Rio Higuará com o Moni, ornada com uma igreja paroquial de N. Senhora da Conceição, foi a primeira residência dos governadores da província; e ao seu Senado concedido muitos privilégios. Algodão de excelente qualidade é a riqueza de seus habitantes.

Caxias, vila considerável, famosa e florescente, na margem oriental do Ita-. picuru, sessenta léguas ao sueste da capital, e cinqüenta ao nor-noroeste de Oeiras, tem uma igreja paroquial de N. Senhora da Conceição, e uma Ermida do Rosário. Aldeias-Altas foi o seu primeiro nome. O Senado é presidido por um Juiz de Fora desde o ano de 1809. A tafularia no jogo dos seus habitantes tem ocasionado a ruína de muitos negociantes da capital. No seu vasto distrito recolhe-se prodigiosa quantidade de algodão e arroz, para cujos transportes até à Freguesia de Itapicuru-Grande, se usa de barcas chatas de grande carga, e que navegam em pouco fundo.

Da outra banda do rio está a Freguesia de Trezidelas, cujos paroquianos são aborígines, e a matriz da invocação de N. Senhora do Rosário.

Trinta léguas, ou com pouca diferença, acima de Caxias, e também sobre a margem do Itapicuru, está o pequeno Arraial do Príncipe Regente, começado em junho de 1807. A fertilidade do território dos seus contornos, e a vantajosa circunstância de subirem até aqui canoas de considerável carga, auguram florescimento a esta nova colônia, onde já há uma ermida.

No distrito de Balsas há a Freguesia de São Felis, cujos paroquianos são lavradores de algodão e mantimentos.

Obra de dez léguas ao su-sudoeste do novo Arraial do Príncipe Regente está o de São Bento des Pastos Bons, mais famoso que considerável, cabeça de julgado, situado entre colinas, três léguas arredado do Rio Parnaíba, e oito do Itapicuru. Gado e algodão fazem a riqueza dos seus vizinhos.

Uma légua de Pastos Bons para o norte está a Aldeia de Santo Antônio, cujos habitadores são uma tribo de índios Manajós, cristianizados, que vivem de caça e de agricultura.

Obra de dez léguas longe do mar, na margem do Rio Itapicuru, está a Freguesia de N. Senhora do Rosário, mais conhecida pelo nome de Itapicuru Grande. Seus habitantes criam gado, e recolhem muito arroz, sua pr'"cipal

riqueza. Aqui chegam as grandes canoas da capital a carregar as produções do distrito, e as que descem do Alto-Itapicuru e Balsas.

Obra de oito léguas mais arriba, e também na margem do rio está a considerável povoação de Itapicuru-mirim com uma igreja paroquial de N. Senhora das Dores. Seus habitantes recolhem suficiência dos víveres do país, e grande quantidade de algodão.

Entre as duas paróquias precedentes está a de Nossa Senhora da Lapa, no lugar de São Miguel.

Na margem do Mearim, em distância de quinze léguas longe do mar, está a Freguesia de Nossa Senhora de Nazaré, cujos paroquianos criam gado e cultivam algodão, arroz e variedade de comestíveis, e não são ricos.

Turi é uma vilota com aspecto de aldeia, que pode vir a ser considerável pela sua situação na grande enseada do mesmo nome, e fecundidade do terrn tório adjacente, depois de pacificados os selvagens centrais. A sua matriz é dedicada a S. Francisco Xavier.

Junto à foz do Rio Tutóia, situação assaz vantajosa, está a Freguesia de Nossa Senhora da Conceição, povoação ainda pequena, abastada de peixe e dos víveres do país, com um bom porto para as sumacas, sendo esta barra atualmente a de maior fundo entre todas as do Parnaíba.

Em grande distância para o sul, e obra de meia légua arredada do Rio Parnaíba, está a Freguesia de São Bernardo de Anapuru. Algodão é a riqueza do diversificado povo que a forma.

Restaurada a Ilha do Maranhão, saiu daquele porto Francisco Caldeira, com duzentos soldados em três caravelas, no fim de 1615, em busca dum lugar azado para o estabelecimento doutra colônia mais vizinha à entrada do Rio Amazonas; tanto para facilitar a navegação deste rio, como para frustrar quaisquer tentativas, que alguma outra nação ousasse fazer em prejuízo da Coroa.

Depois de várias observações em diversos sítios foi ancorar no porto, que hoje é o da cidade de Belém, à qual imediatamente deu princípio com um forte de madeira no começo de 1616.

Este arquipélago começou logo a ser, e foi por largos tempos um teatro de crua guerra. Várias nações indígenas se opuseram ao estabelecimento dos hóspedes, principalmente os Tupinambás, resto e descendência de várias hordas da nação Tupinambá, que dominava os sertões de Pernambuco, quando os portugueses para ali estenderam a conquista,[1] e que por não poderem resistir-lhes, desertaram, e foram fazer assento nas margens do Tocantins e Amazonas.

As invasões dos bárbaros acresceram pouco depois as pretensões dos holandeses, que entusiasmados com o espírito de conquistar, e auxiliados por corsários ingleses, e piratas franceses, queriam ser senhores do Rio Amazonas.

Era o Caldeira valoroso e intrépido, mas falto de equidade, tão necessária ao fundador duma colônia entre bárbaros. O assassínio dum capitão amado de todos, menos dum seu sobrinho, em cujas mãos pereceu atraiçoada, pública e barbaramente, lhe encurtou o governo. Pretendia ele expiar a atrocidade do sobrinho com alguns dias de prisão, e punir rigorosamente dois homens honrados, que tendo-lhe requerido com desembaraço outro gênero de castigo do matador, e vendo que lhes ia sair cara a comiseração do desgraçado, se haviam homiziado no hospício dos capuchinhos, que ali se tinham estabelecido no ano antecedente. As diligências menos honestas para segurar-se dos homiziados ocasionaram um tumulto, donde lhe resultou a prisão em 1618.

No curto governo interino do Capitão Baltasar Rodrigues de Melo assaltaram os Tupinambás a paliçada com tal intrepidez, que porventura causariam o maior estrago, se o chefe, ao qual os nossos denominavam *Cabelo da Velha,* não caísse morto logo no princípio.

Em 1719, pouco depois da retirada dos bárbaros, chegou de Pernambuco Jerônimo Fragoso de Albuquerque, nomeado por D. Luiz de Sousa para remeter à Corte o preso Caldeira, e suceder-lhe no governo, cujo começo ilustrou com grandes proezas executadas por uma armada, em que ele mesmo quis ser o chefe, e cujo almirante era o célebre Pedro Teixeira.

A tempo que aplaudia essa vitória, chegou de Pernambuco o Capitão Bento Maciel, enviado pelo mesmo Governador do Estado, com oitenta portugueses e quatrocentos índios flecheiros, em auxílio ao Comandante Fragoso, para fazer guerra aos Tupinambás. Não permitindo as circunstâncias novo armamento, foi o Bento Maciel com alguns práticos procurar os selvagens, e retirou-se triunfante.

1 "Quando os portugueses conquistaram as terras de Pernambuco desenganados os índios Tupinambás que não podiam prevalecer contra as nossas armas, uns deles se sujeitaram, ficando em suas terras; outros com mais generosa resolução, e determinados a nao servir, se meteram pelo sertão, onde ficaram mfultos: outros caindo para a parte do mar, vieram sair às terras do Maranhão, e ali, como soldados tao exercitados com o mais poderoso Inimigo, fizeram facilmente a seus habltadores o que nós lhes tínhamos feito."
VIKIBA, *HUt. do Futur.*

Seguiu-se no mesmo ano a morte do Governador: e a esta a instalação de Matias de Albuquerque, que foi deposto, passados vinte dias, debaixo de certo pretexto; nomeando-se-lhe por sucessor o Capitão Custódio Valente, Frei Antônio, guardião dos capuchinhos, e o Capitão Pedro Teixeira, que governou não só depois da retirada do primeiro para Lisboa, e da desistência do segundo; mas o seu governo foi curto, sucedendo-lhe em 1621 o mencionado Bento Maciel, que expulsou os holandeses já estabelecidos em uma e outra margem do Amazonas, destroçou algumas hordas de selvagens mais intrépidas e audazes; afugentou outras, e obrigou muitos a ir oferecer paz e amizade sincera à colônia: o que lhe granjeou justamente o nome de conquistador do Maranhão. No seu governo fizeram os missionários grandes progressos.

Sucedeu-lhe em 1624 Manuel de Sousa d'Eça, com patente regia: honra que não tiveram todos os que lhe sucederam no decurso dum século, apesar de pelas diligências dos missionários ser mais numerosa a população, do que a da província oriental.

Ao depois alguns governadores tiveram o título de Capitão-general do Estado do Maranhão, como foi João Abreu Castelo Branco, que governava em 1743, e Francisco Xavier de Mendonça, que chegou aqui em 1751, nomeado também plenipotenciário da demarcação do Alto-Amazonas.

O cativeiro dos indígenas, praticado em quase todas as outras províncias, e adotado nesta desde a sua primeira fundação, continuava. Todos os serviços eram feitos pelos braços dos índios, dos quais cada colono caprichava qual havia de possuir maior número. As riquezas calculavam-se pela quantidade destes infelizes, aos quais seus injustos possuidores davam o honesto nome de administrados. A injustiça com que estes pretendidos cabedais se ajuntavam, a lentidão com que se acudia ao castigo dos crimes (quando não ficavam impunes), as conseqüências que consigo trazia a cobiça, não deixavam germinar a moral sã. Em todos os tempos e país se notou sempre que os indivíduos, que querem distinguir-se pelos cabedais, ordinariamente pretendem serem-lhes lícitos todos os meios de os adquirir. As sagradas leis do Evangelho e do Estado lhes são odiosas, porque não favorecem a sua insaciabilidade. O jesuíta Antônio Vieira foi o primeiro, que no novo Estado declamou com energia contra o cativeiro dos aborígines, indo expressamente à metrópole solicitar providências mais eficazes à sua liberdade; e os seus colegas, por serem do mesmo sentimento, foram expulsos de todos os pontos de ambas as províncias pelos seus magnates em 1661.

Este povo foi turbulento, e deu assaz que fazer aos governadores, até que o senhor D. José, de feliz memória, com a salubérrima lei de 1755, fez observar as multiplicadas, que seus augustos antecessores (desde o reinado do senhor D. Sebastião) haviam promulgado, quase sem efeito, a favor da liberdade dos indígenas.[2]

Libertados os índios, passaram a viver debaixo da inspeção de administradores, que os faziam trabalhar comumente em terrenos determinados, e cujas produções se lhes pagavam pela Real Fazenda, até que de todo, na feliz regência de Sua Majestade, que Deus guarde, foram entregues ao seu arbítrio. Nota-se porém que alguns hão tomado a vida selvática de seus avós; os outros não melhoraram de natural. Os negociantes de Mato Grosso e Alto-Maranhão experimentam prejuízos nos contratos, que com eles fazem, vendo-se muitas vezes abandonados

2 "Declarando-se por editais postos nos lugares públicos das cidades de Belém, do Grão-Pará. e de S&o Luís do Maranhão, que os sobredltos indlos, como livres e isentos de toda a escravidão, podem dispor das suas pessoas e bens, como melhor lhes parecer, sem outra sujeição temporal, que nao seja a que devem ter às minhas leis, para à sombra delas viverem na paz e união cristã, e na sociedade civil, em que, mediante a Divina graça, procuro manter os povos, que Deus me confiou; nos quais ficaram incorporados os referidos indlos, sem distinção, ou exceção alguma, para gozarem de todas as honras, privilégios e liberdades, de que os meus vassalos gozam atualmente conforme às suas respectivas graduações e cabedais." *Lei* de 6 de Junho de 1755.

em paragens, onde por falta de marinheiros lhes é dificultoso remediar o ia-fortúnio.

A língua portuguesa começou a ser geral aqui no ano de 1755, com a introdução dos negros, liberdade dos índios, e criação da Companhia: até então todos falavam tupinambá; nem os oradores usavam doutro idioma no púlpito.

Esta província confina ao norte com o Oceano e o Rio Maranhão, ou Amazonas, que a separa da Guiana; ao poente tem o Rio Madeira; no sul as províncias de Goiás e Mato Grosso; ao oriente a do Maranhão. Jaz entre a linha equinocial e o paralelo de 7º de latitude austral, com duzentas e cinqüenta léguas de comprimento leste-oeste, e pouco menos de cento e vinte na maior largura.

O clima é cálido: os dias iguais às noites em todo o ano: as estações quase dominam juntamente. Todos os dias há calor, ainda quando chove. Ao mesmo tempo que umas árvores anunciam o outono carregadas de frutos sazonados, outras estão florescendo na sua primavera.

A face do país é geralmente baixa, e quase por toda a parte dum aspecto agradável, coberta de extensos bosques, onde se criam árvores mui altas, e de prodigiosa grossura: o terreno em grande parte úmido, substancioso e fertilíssimo, e cria em abundância várias produções, que nas outras províncias ou absolutamente não há, ou em pouca quantidade. Também não há outra regada de tantos, e tão caudalosos rios.

MINERALOGIA — Cristais, esmeraldas, pedreiras de granito; minerais de prata, mas não se sabe em que quantidade; argilas, almagre, ocre amarelo, do qual se tira outro encarnado como vermelhão.

FITOLOGIA — Em nenhuma outra província se criam árvores tão corpulentas: muitas são de excelente madeira para construção; algumas para marcenarias; várias dão casca para cortumes; outras estopa para calafetar, ou linho para cordoaria; outras finalmente foram criadas pelo Autor da natureza para, com seus frutos, alimentarem os víveres: a sua superabundância, e a diminuta população fazem que elas, pela maior parte, sejam como inúteis. Entre as árvores oleosas e balsâmicas nota-se do cumaru e copaíba; as do estoraque só são conhecidas aqui pelo nome de omiri; o pau-cetim é precioso; o merapinima compacto, pesado e manchado, parecendo tartaruga depois de polido; porém mui quebradiço: há o pau-roxo; a sucuba destila, por incisão, um líquido mui alvo, que tomado em certa dose, é um eficaz remédio contra as lombrigas; a maçaranduba destila outro líquido também alvíssimo, que faz as vezes do bom grude; o suco de assacu é um dos mais refinados venenos; a rezina da jetaícica serve para vidrar louça; a cinza da chiriuba, que arde como isca, é a melhor que se conhece para a fatura do sabão. Entre as árvores frutíferas há laranjeiras, mangabeiras, araçazeiros, cajueiros: as atas são comuns, e seus frutos formosos: as figueiras e videiras são poucas, porque não frutificam bem. Entre outras frutas mais nomeia-se o abiu, o ingá, o assai, a bacaba, o inajo, o cotitiribá, o cupuaçu, ajuru. Os coqueiros só os há nas proximidades do mar: os cedros são volumosos, e em grande quantidade; como também as sapucaias: as plantas da baunilha, do anil e jarzelim, crescem espontaneamente. Os castanheiros, quero dizer, as árvores a cujo fruto dão vulgarmente o nome de castanha do Maranhão, são diversos das sapucaias, com as quais alguns os confundem: o coco do castanheiro é oblongo e sem tampa, sendo preciso parti-lo a machado, para se lhe tirarem as castanhas. O cautecuc passa, e com justiça, por uma das mais úteis árvores deste país, onde é comum: é do gênero eufórbio, e do seu tronco se tira, por incisão, um líquido que se condensa, e torna em uma goma elástica, com a qual por meio de moldes se fazem seringas de vários feitios; e também se oleiam vestidos para a água os não passar. Notemos ainda os cacaueiros cultivados uns pela natureza, outros pelo

braço humano: a planta da baunilha, o arbusto do urucu: salsaparrilha, ipecacuanha, abutua, jalapa, gengibre; as árvores que produzem a sumauma, as do pecurim, as que dão o chamado cravo do Maranhão, designadas entre os indígenas pelo nome de *cucheri.* Começa-se a cultivar os loureiros, que produzem os das Molucas.

A derradeira especiaria é uma droga de aroma e sabor tão particular, que nada pode suprir a sua falta, nem fazer as suas vezes desde que foi conhecida, até o século XVII, em que se descobriu o Maranhão; o qual, posto que diverso na forma, é tão idêntico e apropriado para todos os usos daquele outro, que lhe tem causado uma quebra assaz considerável, tanto no preço, como no consumo entre as nações européias. As árvores que o produzem melhor crescem nesta província nas mesmas latitudes, em que estão as várias Ilhas Molucas, que criam as daquele outro. Mas como aquela mercancia jamais deixará de ser preciosa e procurada, o Estado vai a perceber com a sua cultura o considerável interesse, que poderia ter feito, se neste país se naturalizassem as suas árvores, logo que os holandeses se apoderaram daquele arquipélago.

A palmeira do sagu, tão útil aos povos das ilhas mencionadas, não pode deixar de prosperar neste território, a cujos habitadores será igualmente vantajosa.

Não é mais sabida a analogia do cravo do Maranhão com o molucano, do que a da noscada oriental com o pechurim brasílico. As Ilhas de Banda e Amboino, às quais a natureza particularizou as noscadeiras, são periecas desta província particularmente amada pelas pucheris, que dão o pechurim. Espera-se que aquelas, cuja cultura é atualmente animada, prosperem como no país nativo. Começa-se a experimentar a utilidade da árvore do pão, indígena das ilhas do Mar-Pacífico.

O território é apropriado para a cultura da mandioca, milho, legumes, café, algodão, canas-de-açúcar, cujas plantações não entretém ainda grande número de engenhos; arroz, cuja colheita é considerável e lucrosa: tais são, depois do cacau, os principais objetos da agricultura, para cujo aumento não há os braços necessários.

ZOOLOGIA — Conhecem-se todas as espécies de quadrúpedes domésticos e selváticos comuns às outras províncias limítrofes: e também as aves mais notáveis como papagaios, araras, tucanos, jacu, emas, socos, arapongas, mutuns, pombos-torquazes, perdizes, jaburus, garças, diversas castas de patos, e de maçaricos; colhereiras, sabiás, colibris. Os guarás, que só se encontram nas proximidades dágua salgada, onde são numerosos, nidificam sobre as árvores, e criam muitos filhos. Encontram-se várias espécies de passarinhos desconhecidos nas outras províncias, cujas abelhas não são aqui desconhecidas, nem preguiçosas.[3]

PORTOS E RIOS — Um navegante prático da costa numera vinte e tantos rios abundantes da Baía Turiaçu até a Ponta Tigioca, todos com surgidouros mais ou menos cômodos, para embarcações de menor porto, ou dentro, ou junto de suas embocaduras, grande parte das quais estão dentro de baías, ou enseadas espaçosas, comumente rodeadas de mangues povoados de guarás, de maçaricos, e outras aves marisqueiras.

Como quase todos os rios que regam a província são tributários do Maranhão ou Amazonas, descrevendo este, iremos falando dos outros pela ordem com que nele entram.

O Rio Maranhão, denominado também Guiena por alguns indígenas, e ainda impropriamente Rio das Amazonas, descoberto no interior do continente por Francisco Orellana, que desceu por ele da embocadura do Napo até o Oceano,

3 O *cauitaú,* que Condamine observou, é sem dúvida a *anhuma;* e o *trombeteiro* parece ser o *queroquero* das províncias meridionais.

em 1539, é sem contestação o maior do mundo, tendo de onze dozecentas léguas de curso.[4]

Não tem em toda a parte alguns dos nomes que o designam. Os portugueses chamam-lhe Rio das Amazonas até a embocadura do Rio Negro; dali para cima dão-lhe o nome de Rio dos Solimões. Na confluência do Ucaiale com o Tan-, guraguá é onde ele toma o nome de Maranhão. Questionou-se por algum tempo sobre qual deles era o principal tronco. O primeiro, sem dúvida, vem de mais longe, e é mais largo quando se une ao derradeiro, o qual não obstante foi de princípio considerado por o Maranhão, sem dúvida, por estar aquele outro menos conhecido.

O Tanguraguá sai do Lago Hiauricocha, situado em 10° e meio de latitude austral, no Distrito de Huanaco e Intendência de Tarma, obra de trinta léguas ao nor-nordeste de Lima. Corre a nor-noroeste espaço de cem léguas por entre as duas cordilheiras dos Andes até a Vila de Jaen de Bracamoros, a princípio com o nome do lago que lhe dá o nascimento. Em Bracamoros, onde começa a ser navegável, recolhe pela esquerda o Rio Chinchipé, que vem do noroeste, e pela direita o Rio Chachapóias, que vem do sueste, ambos navegáveis. Aqui inclina para o nordeste até encontrar o Rio de Santiago, formando várias torrentes que descem das montanhas de Loxa.[5] Com este rio fica o Tanguraguá de duzentas e cinqüenta toesas de largura: e antes de meia légua (correndo já a leste) começa a estreitar, atravessando a cordilheira interior dos Andes reduzido a vinte e cinco no mais estreito. No fim deste canal, denominado *Pongo,* cujo comprimento é de duas léguas, está a cidade de Borja. A corrente é de seis milhas; desce-se em uma hora: continua a leste.

Obra de vinte léguas abaixo de Borja deságua pela esquerda o Rio Marona, que não é inferior ao de Santiago, e desce do vulcão de Sangaí: e doze mais adiante, também pela esquerda, o caudaloso Pastaça, que principia como aqueles na cordilheira.

Dez léguas abaixo entra o grande Gualaga, que nasce pouco ao norte do Lago Chiquiacobe em 11° de latitude, na intendência de Huanaco, que lhe dá o nome por grande espaço: descreve pequenas tortuosidades.

Segue-se o Rio Chambira, e depois o Tigre; ambos vêm do noroeste: o derradeiro tem perto de cem léguas de extensão.

Vinte léguas abaixo da embocadura do Tigre está a magnífica confluência do Tanguaraguá com o Ucaiale, que principia na latitude de 18° ao sudoeste do grande Lago Chucuito, aliás Titicaca, e trinta e seis léguas a leste nordeste da cidade Arica: corre ao norte e noroeste com o nome de Beni até se encontrar com o Apurimaco na latitude de 11°, onde perdendo ambos o nome, a torrente toma o de Ucaiale.

4Os primeiros descobridores de ordinário encontram notablllldades, que não aparecem aos segundos, e mais exploradores. Orellana publicou que as margens deste rio eram povoadas de mulheres armadas de arco, como as fabulosas do *Termodante:* nao foi preciso mais para se lhe dar o nome de Rio das Amazonas, que Injustamente conserva. O seu nacional Lopo de Agulrre fez a mesma viagem, e descendo pelo Gualaga em 1568, e deixou coisas respectivas na mesma obscuridade. O português Pedro Teixeira, que conduziu uma frota de canoas do Pará até à boca do Napo, subindo por este até onde começa a ser navegável, fez uma relação circunstanciada dum, e outro em 1638. Falando dele o Jesuíta Crlstoval da Cunha, que o acompanhou do Quito até o Pará. diz o seguinte: "Sallò pues este buen Caudlllo de los confines dei Pará a los 28 de Outubre de 1637 anos com 47 canoas de buen portes, y en ellas 70 soldados Portuguezes, 1200 indios de boga y guerra, que con Ias mugeres y ruuchachos de servido passarian todos de 2000 personas. Duro el vlage cerca de um âno assl por Ia fuerça de Ias corrientes, como tamblen por el tlempo, que en hacer mantenlmlentos para tan numerozo exercito era fuerça se gastasse, y principalmente por caminar sln guias clertas que les pudlesen endereçar sln rodeos, nl dilaciones por los rumbos mas breves, por los quales deverlan seguir su camino."

5De Bracamoros e Santiago haverá quarenta léguas. Coisa de vinte abaixo da primeira paragem deságua na margem direita do Tanguraguá o Rio Chuchunga, navegável por espaço de quatro léguas; na sua esquerda está o Porto de Bracamoros; porque aquele logo abaixo da vila começa a estreltar-se por entre dois montes, e corre furioso com várias cachoeiras, que só permitem descida a Jangadas. Abaixo de Chuchunga encontra-se o Estreito de Cumblnama com pouco mais de vinte e cinco toesas de largura; e depois o de Escorregabragas, que não são mui perigosos.

O Apurimaco principia poucas léguas ao norte da cidade Arequipa, entre o Lago Chucuito e o Mar Pacífico, do qual dista quinze léguas; corre ao norte descrevendo grandes rodeios, e recolhendo vários outros, dos quais os maiores são o Rio Pampas, pela esquerda, em 13° e 10'; o Urubamba, que se lhe une pela direita em 12° e um quarto; o Montaro, em 12° e 6', onde muda de direção contra o nordeste; e antes de perder o nome confundindo-se com o Beni, recolhe pela esquerda o Rio Perene, e pela direita o Paucartamba, três léguas arriba da sua confluência, que está em 11°.

O Montaro sai do Lago Chinchaiocha, na intendência de Tarma em 11°; corre largo espaço ao sueste ao longo da cordilheira, e descreve grandes rodeios antes de se incorporar com o que o recolhe.

O maior tributário do Ucaiale, depois que toma este nome, é o Pachitéia, que se lhe une pela esquerda na latitude de 8º e meio; rio mais formoso que considerável: poderá ter sessenta léguas de curso.

O Maranhão, na confluência onde toma o nome, dirige-se ao nordeste por espaço de trinta léguas, e recebe pela esquerda o Rio Napo, que principia em diversos lugares da cordilheira interior dos Andes nas vizinhanças de Quito, donde corre ao sueste recolhendo vários outros, e deságua por diferentes canais formados com diversas ilhas, acima das quais tem seiscentas toesas de largura: dão-lhe cento e sessenta léguas de curso. Com este rio fica o Maranhão de novecentas; e ainda não tem a metade do volume com que entra no Oceano, do qual ainda dista quatrocentas léguas em linha reta.

Nesta paragem inclina para leste, e depois de quinze léguas recebe pela direita o Rio Cassiquin, que vem do sul com cem léguas de extensão.

Segue-se depois de vinte e quatro léguas o Rio Hiabari, que dizem ter princípio nas terras dos Toromonas em 11° e meio.

Trinta e quatro abaixo sai o caudaloso Içá, que principia nas faldas da cordilheira mencionada, ao nordeste do Napo, a vizinhanças de São João do Pasto, com o nome de Putumajo.

Seguem-se depois o Hiutaí, o Hiuruá, menor que o precedente, e com trezentas e sessenta e duas toesas de boca; o Tefé, o Cuari, e o Purus, que deságua por muitas bocas.

Na margem setentrional entra o caudaloso Hiapurá, que principia na província de Popaiã, ao norte do Putumajo. Este rio corre paralelamente com o Maranhão por larguíssimo espaço, no qual vão saindo dele em diferentes pontos nove canais para o outro, ficando a boca do primeiro mais de cem léguas ao ocidente da do mais oriental. Auatiparaná, Euiratiba, Manhana, Uaranapu, Hiepurá, Unaná, Copéia, Hiucará, Cadaia são os nomes dos canais por onde o Rio Hiapurá entra no Maranhão: e tal é a sua ordem para os que descem.

Condamine, estimando a largura do Maranhão de dez a mil e duzentas toesas, em certa paragem livre de ilhas, que fica sete ou oito léguas abaixo do Purus, diz que não lhe achara fundo com um cordel de cento e três braças.

Segue-se também pela margem setentrional a embocadura do Rio Negro, quase tão largo como o mesmo Maranhão; e perto de vinte léguas abaixo, pela direita, a foz do Rio Madeira, com mil e cem braças de largura, seguramente o mais volumoso de todos os subalternos do que o recolhe.

O Rio Madeira,[6] assim chamado dos grandes troncos que trazem as suas cheias, alguns de cedro duma grossura extraordinária, toma este nome na confluência do Guaporé (como dissemos) com o Mamoré, que nasce na Província do Potosi, atravessa a de Santa Cruz de Ia Sierra, descrevendo um vasto semicírculo pelo nascente para o setentrião, engrossando com grande número de outros, que se lhe unem por um e outro lado até a mencionada confluência com

6 *Caiarl* era o nome com que este rio entrava no Amazonas, antes que os portugueses lhe dessem o de Madeira.

o Guaporé na latitude de 10° e 22': quarenta léguas acima desta paragem, no paralelo de 13° comunica este rio o Beni pelo Rio da Exaltação, que sai do Lago Rogagualo, do qual sai outro de curta extensão para aquele, que passa pouco afastado: se é que o Rio Beni não reparte as suas águas para aquele lago, que poderá ter seis ou sete léguas de comprimento leste-oeste.

Em frente do ângulo da confluência do Mamoré com o Guaporé, ou Itenez, há um ilhéu de rocha com capacidade para um forte. Contam por água duzentas e sessenta léguas desta paragem até a foz do Madeira. No espaço das primeiras sessenta, com pouca diferença, há doze cachoeiras notáveis. A primeira, que tem o mesmo nome do rio, fica pouco abaixo do mencionado ilhéu, e é formada de três saltos ou degraus no espaço de meia légua. As canoas sobem a sirga descarregadas, obra de trezentas braças.

Segue-se a da Misericórdia, meia légua abaixo. O perigo e o trabalho dependem aqui da altura, ou da diminuição das águas do rio.

Passado outro igual intervalo, está a Cachoeira do Ribeirão, formada de cinco saltos no espaço de quatro milhas, onde as cargas são levadas às costas obra de três mil passos, e as canoas puxadas a sirga, e em parte também arrastadas por terra.

Segue-se depois de quatro léguas a da Figueira, aliás das Araras, formada de ilhotas e penedos, com pouca extensão, e onde se sobe sem maior trabalho.

Doze léguas abaixo está a das Pederneiras, onde o rio é semeado de penedos à flor dágua, obrigando a descarregar as canoas, que sobem a sirga, e as cargas aos ombros por espaço de duzentas e quarenta braças.

Três léguas mais adiante se encontra a do Paredão, onde o rio corre apertado e rápido por entre rochedos, mas curto espaço.

Depois de seis léguas encontra-se a dos Três Irmãos, formada de vários degraus, geralmente pequenos, no espaço de um quarto de légua, e onde não há maior incômodo.

Oito léguas mais abaixo está a do Jirau, onde o rio passa rápido e apertado, por entre morros, sendo indispensável arrastar as canoas por terra obra de trezentas e cinqüenta braças. É formado de cinco saltos num curto espaço.

Légua e meia adiante está a do Caldeirão de Inferno, com três milhas de comprimento, formando em certa paragem um sorvedoiro perigosíssimo, que obriga a muita vigilância e trabalho.

Obra de seis léguas abaixo está a Cachoeira dos Morrinhos, aludindo a três morros pequenos, e pouco afastados da margem ocidental, cobertos de salsaparrilha.

Quatro léguas mais adiante está a denominada Salto do Teotônio, que é um açude de rocha com mais de trinta e seis pés de altura, quebrado em quatro partes, repartindo as águas do Madeira em outros tantos canais, sendo cada um deles um rio caudaloso. Paralelamente com este majestoso dique corre da margem oriental um recife até bem perto da ocidental, impedindo a passagem às águas de três canais, fazendo-as passar todas rapidamente por um estreito entre a extremidade do mesmo recife e a margem esquerda do rio. As canoas são arrastadas por terra com muito trabalho, obra de duzentas e cinqüenta braças.

Pouco mais do uma légua abaixo está a Cachoeira de Santo Antônio, onde o rio passa repartido em três canais, formados por dois ilhotes de penedia; sendo preciso aliviar as canoas para poderem subir. É a primeira para os que sobem; e está na latitude de 8º e 48'.

Três meses ordinariamente gastam os navegantes em subir desta cachoeira até a do Guajiru-mirim, no Guaporé.

Da Cachoeira de Santo Antônio até a embocadura do Madeira contam-se mais de trinta ilhas de uma até três léguas de comprimento, quase todas povoadas de arvoredo soberbo. As de menor grandeza são muito mais numerosas. A maior é

a das Minas, que sobre dez milhas de comprimento, tem mais de légua de largura, e fica dezessete léguas abaixo da foz do Rio dos Marmelos.

Com as águas do Rio Negro, e Madeira, fica o Maranhão comumente de uma légua de largura; e quando forma ilhas emparelhadas, tem às vezes duas e muito mais.

Sessenta léguas em linha reta, ou noventa pelo álveo, abaixo do Rio Madeira sai o caudaloso Tapajós, e obra de sessenta mais a leste o Rio Xingu, igual, quando não superior ao precedente: ambos vêm da Província do Cuiabá, e nenhum com menos de 230 léguas de curso.

Na confluência do derradeiro, o Maranhão ou Amazonas, inclina contra o nordeste por espaço de quarenta léguas, aumentando sensivelmente de largura até a equinocial, onde sai ao Oceano por uma boca de sete para oito léguas.

Vinte e quatro léguas abaixo da foz do Xingu há um canal denominado Tagipuru (que em certa paragem não tem mais largura que a da voga duma canoa), para o sueste até a boca do Rio Anapu, onde Ifica de quatro légluas de largura (como muitas ilhas), e o rumo de leste até sair do Rio Tocantins, que, como dissemos, vem do centro de Goiás, e nesta paragem inclina para o nordeste, aumentando consideravelmente de largura ao entrar no Oceano por uma boca igual à do Amazonas ou Maranhão, com a diferença, que algumas léguas dentro dele acha-se ainda água salgada, e aquele outro leva a sua sempre doce muitas léguas pelo mar adentro.

Na margem setentrional do Maranhão desembocam entre outros menores, depois do Rio Negro, o Matari, que sai duns formosos lagos; o Urubu aliás Barururu, o Aniba denominado às vezes, Saracá, o Rio das Trombetas, o Gurupatuba, o Anarapucu.

Alguns escritores dão ao Rio Maranhão oitenta léguas de boca, acrescentando que os navegantes bebem suas águas doces setenta antes de chegar a ela. Nada disto é verdadeiro. As melhores cartas mostram cinqüenta léguas da Ponta Tigioca até Macapá: advertindo que neste intervalo está a Ilha de Marajó, que ocupa a maior parte dele. Mais: as águas do Oceano correm em todo o tempo a oeste do Cabo de São Roque até quase à embocadura deste rio, onde inclinam para o setentrião; de sorte que os navios, que vão .ao Pará, navegam à vista e porto da costa já antes de chegar à Ilha de São João, e dobram a Ponta Tigioca, navegando sempre em água salgada; e só de meia baía para diante é que encontram água doce. As águas do Maranhão correm encostadas ao continente, ou costa de Guiana, até perto de Cabo do Norte. Esta evidência é outra prova que Pinzon não desembarcou no continente do Brasil, como pretende Herrera com outros.

Entre Macapá e Cabo do Norte, onde as ilhas lhe estreitam o canal, nota-se um fenômeno raro, denominado Pororoca, durante os três dias mais próximos aos novilúnios e plenilúnios, tempos das maiores marés: um rolo dágua de praia a praia, de doze a quinze pés de altura, seguido de segundo e terceiro, e às vezes quarto, iguais, com pouco intervalo e prodigiosa rapidez, despedaçando tudo o que se lhe opõe: a maré, em vez de empregar seis horas ou quase, chega num ou dois minutos à sua maior altura, com um ruído que se ouve duas léguas distante.

Este rio começa a encher em novembro; a sua maior intumescência é em junho. As terras laterais, desde Borja, onde se acabam também as cachoeiras e correntezas, são rasas e cobertas de bosques. A corrente sempre apressada, ainda no tempo da sua maior diminuição. As águas tiram a alaranjadas, e nos meses das cheias nunca são barrentas. Seu álveo é um arquipélago de ilhas a par umas das outras, deixando aos navegantes, no espaço de trezentas léguas, poucas paragens onde distintamente avistem ambas as margens do continente. Estas ilhas crescem e diminuem anualmente, não só em número, mas ainda no tamanho, com as cheias, que em partes de uma fazem duas; em outras, de muitas formam uma, entupindo os canais que as separavam: aqui arrancam pedaços do conti-

nente, ali de ilhas, com os quais ou acrescentam as existentes, ou formam novas. Algumas são duma grande extensão, e comumente povoadas de corpulentos arvoredos.

As embarcaçõees em que se navega para o Alto-Maranhão, principiam num tronco de quarenta a sessenta pés de comprimento, cavado em forma de canoa, fazendo-lhe, à força de fogo e água, tomar a largura possível; e conservando-lha com curvas por dentro, as fazem subir com pranchas pregadas às mesmas curvas: até lhes adaptam proa redonda, e popa com camarote cômodo, e ainda um leme. Estas embarcações, que sempre conservam o nome de canoas, têm dois mastros, e velas redondas para subir com vento leste à popa, e descem com a corrente. É perigoso navegar junto das margens, onde freqüentemente caem grandes árvores sem vento, havendo-lhe a corrente desfeito o terreno, que as criara.

A maré sobe até Óbidos, que fica acima de Macapá, mais de cetato e cinqüenta léguas contadas pelo álveo do rio. Com vento rijo encapela-se como o mar; mas logo que ele acalma, torna-se bonançoso com a corrente que desfaz as ondas num momento.

Entre outras espécies de pescado cria gorujubas, grandes piraíbas, dourados, pescadas, poraquez, que tem a propriedade de adormentar o braço do pescador. O denominado peixe boi,[7] em razão da semelhança, que no focinho tem com o daquele animal, é o maior, e pasta a erva que se cria nas margens sem sair dágua; é vivíparo e aleita os filhos como a baleia. Tem olhos extremamente pequenos; carne como vitela, e gostosa, da qual ifazem também lingüiças, a que chamam *mixiras:* o azeite do seu toucinho serve, não só para luzes, mas ainda para tempero de vários manjares. Os holandeses, enquanto dominaram os mares adjacentes, fizeram um lucroso ramo de comércio com este peixe. O pirarucu é grande e bom; a sua língua serve de groza aos índios para ralar o guaraná, o bucho, depois de seco ao sol, é uma boa cola, e reduzido a pós excede a tudo para precipitar e clarificar o café. Os jacarés são numerosos e corpulentos: e as tartarugas mui grandes e multiplicadíssimas; mas a sua concha não presta. Estes anfíbios põem duma vez até cem, e mais ovos em covas que fazem na areia, em pouca distância dágua, e cobrem-nos com a mesma acalcada com o peito: o calor do sol os choca, e os filhos rodando se desenterram e procuram logo o rio: sendo muitos os que nesta curta viagem são devorados pelos gaviões.

O Rio Moju, que é espaçoso e profundo, ainda para cima donde chega a maré, principia nas terras do gentio Camecrã, fora das matas ,que ao depois atravessa contra o setentrião até entrar na Baía de Guajará. Nestas matas tão abundantes de excelente madeira, e onde os castanheiros do país são multiplicadíssimos, há falta de caça, sem dúvida por causa das contínuas perseguições dos índios Amaniús, Pochetis, Apinagés e Norogagés, que vivem nas convizinhanças. A falta deste recurso é a causa de não se terem feito estabelecimentos no fértil território regado por este rio navegável até o seu centro.

O gentio.Câmera está dividido em cinco hordas, distinguidas por outros tantos prenomes, a saber: Macamecrã, Crorecramecrã, Porecamecrã, Chacamecrã, e Piocamecrã; todas mui semelhantes no idioma e costumes. Os Macamecrãs vivem hoje pacificamente confundidos como habitantes do novo Arraial de São Pedro de Alcântara, pertencente às jurisdições de Goiás.

Doze léguas acima da foz do Moju há um canal estreito, tortuoso e extenso, denominado Iguarapé-mirim, que comunica este rio com o Tontins; formando todos uma ilha de doze léguas norte-sul, e sete na maior largura leste-oeste.

O Rio Acará, também considerável, e de vantajosa navegação aos fazendeiros de suas adjacências, repartidos em várias freguesias, perde o nome unindo-se ao Moju, pela direita, quatro léguas ao sul da capital: seis milhas abaixo daquela

7 ***Manai è o* nome que os Índios dfto ao *peixe* boi.**

confluência mediu Condamine o Moju, e achou-lhe setecentos e quarenta e nove toesas de largura.

O Rio Guamá, que é considerável, vem do nascente atravessando um terreno fértil e povoado até a sua nascença, e deságua na Baía Guajará juntamente com o Moju, havendo recolhido doze léguas acima pela esquerda, o Rio Capim.

A maior ilha desta província é a de Joanes, por outro nome Marajó, situada, como se disse, entre o Tocantins e o Amazonas, com o Oceano ao norte, e o estreito Tagipuru ao sul. Tem vinte e sete léguas de norte-sul, e trinta e sete de leste-oeste. Faz a margem esquerda do primeiro rio por espaço de vinte e seis, e a direita do segundo por quinze. Sendo baixa e rasa, não é geralmente plana; nem devido às cheias dos rios, que a formaram com a abertura do estreito mencionado. É povoada, regada de vários rios: abunda em gado vacum, e teve noutro tempo o título de baronia; e naturalmente fará de per si uma comarca no futuro. Sendo, como realmente é, a antípoda de Gilolo, é mui provável que ao menos algumas das produções desta prosperem nela.

Os seus principais rios são o Anajaz, que sai dum lago, e corre ao poente; dão-lhe dezesseis léguas de curso em linha reta: o Arari, que é pouco maior, sai também doutro lago, e deságua por duas bocas no lado oriental: o Mondim, que corre também ao nascente; e o Atua ao sueste. Todos são navegáveis com o socorro da maré, e piscosos; e também infestados de jacarés.[8]

Os Nengaíbas, principais senhores desta ilha, e cristianizados em parte pelo jesuíta Antônio Vieira, eram hábeis marinheiros, assim como os das margens dos rios convizinhos, e possuíam vastíssimo número de canoas, denominadas em linguagem do país, *igara,* donde se lhes derivou o apelido de *lgaruanas;* isto é, gentes que andam sempre em canoas, para distinção dos que viviam no centro dos bosques longe dágua. Debaixo do nome *lgaruanas* eram compreendidos também os Tupinambás, os Mamaiamás, os Guaianás, os Juruúnas, os Pacaiás e outros. Tinham igaras pequenas para a pescaria, e passagem dum para outro lugar vizinho; e grandes de quarenta a cinqüenta pés de comprimento, inteiriças, cavadas com machados de pedra e fogo, para a guerra; às quais davam os nomes de *maracatim,* vocábulo composto de *maracá,* nome dum instrumento de cabaça com seixos, ou legumes secos dentro, e *tim,* que propriamente significa nariz, e translatamente bico das aves, e ainda a proa das embarcações: porque estas canoas tinham na proa uma grande vara em forma de gorupé, ao qual amarravam os maracás, e com cordéis os faziam chocalhar com grande ruído igualmente bélico e horrível. As suas batalhas eram fatais, e decididas à seta, lança e maça.

Estes lgaruanas do Baixo Maranhão passam pelos melhores remeiros, quando habituados desde a infância. Foram eles os que à força de remo levaram a frota do Capitão Pedro Teixeira desde a Baía Guajará até a vista dos Andes.

8 Plmentel, guiado pelas primeiras e multo más cartas, deu & Dha de Joanes dez para doze léguas de comprido. O Jesuíta André de Barros, nao satisfeito de lhe ter dado "mais de noventa léguas de comprimento," em outra parte pretende que ela "excede o reino de Portugal em comprimento e largura!!" Parece demasiadamente crédulo este escritor quando nos refere, que um missionário Jesuíta (o Padre Manuel da Mota) encontrara nos sertões do Tocantins uma grande cidade habitada por seis nações diferentes, todas gigantescas, cada uma com seu principal, e designadas com o nome comum de *Guaranises.* Nem parece mais seguro, quando pretende persuadir-nos que os seus colegas regiam trinta e oito aldeias com quarenta mil Indios batlsados, além de vinte e quatro outras em que se estavam ainda catequizando em 1661, quando trinta e dois Jesuítas foram remetidos presos pelo povo para Lisboa: pois achamos que: "Os lololllstas. na época de sua extlnção, regiam dezenove aldeias de Indios sobre as margens do Amazonas e seus confluentes, onde os capuchinhos tinham quinze, os carmelitas doze, os mercenários cinco." As exagerações com que os Inaclstas nos relataram os seus trabalhos e progressos na redução dos índios, e o silêncio em que sepultavam os dos que trabalhavam Igualmente com eles, d&o lugar aos de curta noticia a crer que só a eles Jesuítas se deve a conversão dos povos desta vasta regláo.

É para notar, que nao favorecendo os catequlstas das outras corporações a oplnl&o do povo acerca do cativeiro dos Indígenas contra as leis dos Soberanos, quero dizer, sendo os seus sentimentos os mesmos que os dos lololllstas, só contra estes eram todas as recalcltrações dos povos!

Acerca da grandeza da Ilha de Joanes ou Marajó seguimos a autoridade do hábil oficial da real marinha, que em nossos dias de ordem superior rodeou esta Ilha, fazendo continuadas observações geométricas e astronômicas, e levantou a melhor carta entre as que dela tem aparecido.

Com quatro cauladosos rios a saber: o Tocantins, o Xingu, o Tapajós, e o Madeira, repartiu a natureza esta vasta província que em outros tantos distritos, ou províncias menores, que antes de largos tempos farão igual número de comarcas. Para desembaraço da história e da geografia, consideremo-la assim repartida.

No distrito do Pará próprio, as vilas principais são: Belém ou Pará, Bragança e Colares.

No da Xingutânia: Vila Viçosa, Gurupá e Melgaço.

Na da Tapajônia: Santarém, Souzel e Alter do Chão.

No da Mundrucânia: Vilanova da Rainha, Borba e Vilafranca.

PARA PRÓPRIO

O distrito, ou Comarca do Pará confina ao norte com o mar Oceano; ao sul com a Província de Goiás; ao oriente com a do Maranhão; ao poente com a Xingutânia, da qual é separada pelo Rio Tocantins. Tem cento e trinta léguas de norte-sul, obra de sessenta leste-oeste. Ê país raso, regado de muitos rios, com grandes matas que mostram a fertilidade do terreno. Os mencionados rios Guamá, Acará e Moju são os principais desta comarca, assaz provida de portos, e a mais povoada e cultivada. Na parte meridional ainda vivem indígenas indômitos.

Os índios Taramambás, que dominavam o beiramar desde a Baía Turiaçu até a do Caeté, eram os maiores nadadores, que se encontraram: nadavam léguas, e iam de noite cortar as amarras aos navios fundeados ao largo, aturando extraordinário espaço de tempo debaixo dágua.

BELÉM ou PARA, capital da província, vantajosamente situada na margem oriental do Rio Tocantins, sobre a Baía Guajará, no ângulo setentrional da embocadura do Rio. Guamá, em frente da Ilha das Onças, numa planura, vinte e cinco léguas longe do Oceano; é cidade episcopal, medíocre, de aspecto alegre, populosa e comerciante; ornada com muitas capelas e praças, um convento de capuchinhos, outro de carmelitas calçados, casa de misericórdia, e um hospital. A catedral e o palácio dos governadores são edifícios magníficos; as ruas direitas, e calçadas as principais; as casas pela maior parte de pedra, sólidas e com elegância. O convento dos mercenários, que foram extintos, é hoje o quartel dum regimento: o colégio ex-jesuítico está convertido em seminário e palácio episcopal, e a igreja serve de misericórdia. Tem um tribunal, denominado Junta da Fazenda Real, com as outras capitais; um Intendente da Marinha, Ouvidor, Juiz de Fora, professores régios de Latim, Retórica e Filosofia. Há nela um jardim botânico, com variedade de árvores das mais úteis e vistosas do país, e algumas européias; um bom arsenal com sua capela, e muitos magníficos engenhos de pilar arroz.

Às instâncias do senhor D. João V, expediu o Papa Clemente XI a bula para a criação deste bispado, em 1719.[8] Nenhuma catedral brasílica ficou no seu princípio com tão numerosos, brilhante e condecorado cabido. Compõe-se de quatro dignidades: Arcediago, presidente do coro, Arcipreste, Chantre, mestre-escola; dez cônegos presbíteros, seis diáconos, e quatro sub-diáconos: todos geralmente usam de roquete, capas-magnas roxas, e murças encarnadas; nos dias de semana usam de murça preta forrada de encarnado com botões e casas da mesma cor. Com eles oficiam dezesseis beneficiados com cotas, capas-magnas roxas, e murças da mesma cor, menos nos dias de semana, que são pretas com forro, casas e botões roxos: e vinte e um capelães; nove destes têm o título de capelães cantores, entre os quais há um mestre de capela; os outros têm o título de capelães acólitos, sendo um deles sub-chantre. Há dez moços do coro.

9 Nao foi erecto mais cedo, pela causa que dá Bocha Pita "Querendo depois o sereníssimo Rei D. Pedro II fazer também catedral do Pará, nomeou-lhe por bispo dela a D. Frei Manuel **da Natividade...** mas Impugnando esta separação D. Gregórlo dos Anjos, Bispo do Maranhão, **duraram as dúvidas** que presentou, tantos anos, que neles morreram ambos os contendores."

Seus habitantes, entre os quais não são numerosos os negros, estão repartidos em duas paróquias, a de Santa Maria da Graça na catedral, e a de Sant'Ana.

O seu porto, onde a maré sobe a onze pés, diminui de fundo. Exportam-se daqui cacau, café, arroz, algodão, salsaparrilha, cravo do Maranhão, couros crus, atanados, pixurim, ou puxiri, copaíba, tapioca, goma, cravo, malúcano, urucu, melaço, goma elástica, castanhas do Maranhão, madeira.

As trovoadas são amiudadas, mas não diárias, como contam por fora: as noites iguais aos dias em todo o ano. Nas madrugadas há vento terral, e de tarde viração do mar, que moderam o ardor do sol quase sempre vertical e refrescam a atmosfera. As primeiras águas vêm no mês de novembro: segue-se-lhe outro de estio, chamado veranico; comumente repetem em janeiro, ei duram até junho, ou julho, quando renovam em fevereiro. O princípio e fim do inverno são com trovões. Há poucos dos insetos que se introduzem no corpo humano. Também não são numerosos os homens achacados das moléstias endêmicas que tão visivelmente os disformam nas capitais do meio-dia.

Os contornos desta cidade eram mui doentios; porém melhoraram depois que os conquistadores começaram a derrubar os matos, e os gados a multiplicar-se.

Em distância de meia légua, ou com pouca diferença, para o nordeste, há uma Capela de N. Senhora de Nazaré, freqüentemente visitada pelo povo desta cidade.

Bragança (anteriormente Caité, e capital duma pequena capitania assim chamada), é uma das mais antigas, melhores, e mais abastadas vilas da província, ornada com algumas ermidas, bem situada na margem esquerda do rio, que lhe deu o nome primitivo, em uma planura, três braças e meia sobre o nível da mesma torrente, pouco mais de seis léguas longe do Oceano, trinta lés-nordeste da capital, e vinte e três lés-sueste da Ponta Tigioca. Uma extensa ponte através duns pântanos a divide em dois bairros: o setentrional era a princípio somente habitado de índios. As marés, que em setembro crescem mais de doze pés, sobem até o Porto de Bragança, que fica oito léguas acima. É escala das embarcações costeiras, que navegam do Maranhão para o Pará. A sua igreja matriz é dedicada a S. João Batista.

Sete léguas e meia a lés-sueste de Bragança, e outras tantas arredada do mar, está a Freguesia de São José de Cerzedelo, sobre a margem direita duma ribeira.

Obra de nove léguas ao su-sudoeste de Bragança, e vinte è quatro a leste da capital, está a pequena Vila de Ourem, sobre a margem direita do Rio Guamá, ornada com uma igreja paroquial da invocação do Divino Espírito Santo. Seus moradores recolhem variedade dos mantimentos do país.

Vigia, uma das mais antigas vilas da província, e por algum tempo considerável e florescente por causa do muito cacau e café que ali se ajuntava, enquanto a sua população não diminuiu, fica quinze léguas ao nor-nordeste da capital, sobre a margem do Pará, ou Tocantins. Os jesuítas tiveram aqui um colégio, e os mercenários um hospício. Seu primitivo e verdadeiro nome é São Jorge dos Alamas; sua matriz dedicada a Nossa Senhora de Nazaré; seus habitantes pescadores e agricultores.

Obra de quinze léguas a oés-noroeste de Bragança, vinte e três ao nordeste de Belém, cinco a leste de Vila Nova, está a pequena Vila de Cintra, vistosamente situada sobre a foz do Rio Maracanã, do qual teve noutro tempo o nome. O seu território é apropriado para diversos ramos da agricultura. A sua matriz dedicada ao Arcanjo S. Miguel. O povo que a habita vai em diminuição; pouco mais cultiva que o necessário para viver, e freqüenta a pescaria.

Na vizinhança de Cintra, para o nordeste, está a AJdeia Salinas, situada com regularidade num terreno aprazível, e ornada com um templo dedicado a N. Senhora do Socorro.

Colares, noutro tempo vila mediana e abastada, fica treze léguas ao nor-nordeste da capital, numa ilha de seis milhas de comprimento norte-sul, e largura proporcionada, separada do continente por um igarapé. Só tem a igreja paroquial dedicada a N. Senhora do Rosário. O território é apropriado para café, cacau, e variedade de comestíveis do país.

Quatro léguas ao su-sueste da Ponta Tigioca, e dezoito ao nordeste da capital, está a Vila Nova d'El-Rei, sobre a margem, e pouco acima da embocadura do Rio Curuçá, no fundo duma enseada. Seus habitantes, pela maior parte índios, são pescadores, e cultivadores de mandioca, milho, arroz, cacau, e café, que não os tiram da pobreza, em um terreno digno dum povo mais ativo. A sua igreja matriz é dedicada a N. Senhora do Rosário.

Gurupi, vantajosamente situada sobre a baía do seu nome, já era vila em 1661, e floresceu por algum tempo, enquanto capital duma pequena capitania, e escala das embarcações costeiras do Maranhão para o Pará. O seu surgidouro tem diminuído de fundo, a agricultura tornado para trás com a falta de homens brancos e africanos.

Em distância considerável para o sul avistam os navegantes do alto a serra do mesmo nome, que não é vista pelos seus moradores.

Baião, pequena vila de indígenas com alguns brancos, na margem oriental do Rio Tocantins, onze léguas acima de Cametá, é abastada de peixe, e escala das canoas de Goiás. Tem uma igreja paroquial dedicada a Santo Antônio. Seus moradores cultivam cacau, arroz, mandioca, café e algodão, com diversidade de frutas e hortaliças. A sua vantajosa situação, os progressos que a agricultura pode fazer, prometem-lhe aumento considerável.

Dez léguas mais arriba, na mesma margem do Tocantins, e cinco abaixo do Forte de Alcobaça, está a Aldeia da Pederneiras, habitada de índios cristãos» pescadores e cultivadores dos mesmos objetos. Aqui começa o rio a ser semeado de ilhas até a capital. Deste distrito são ainda a pequena Vila do Conde, sobre a margem do Tocantins, seis léguas ao sudoeste de Belém; Beja, que é da mesma ordem, e duas léguas ao sul da Vila do Conde; Abaité, que também não passa ainda de pequena, e fica oito milhas ao sul de Beja, todas três na ilha formada pelo Tocantins, Maju e Igarapé-mirim, cujo terreno é apropriado para diversos ramos da agricultura, ocupação dos habitadores destas povoações. Arcos, sobre a Enseada de Turiaçu, e a mais oriental da província, também de aborígines, cujos braços não são suficientes para fazer florescer a agricultura a proporção da fertilidade do território.

Nesta mesma costa estão as paróquias de São José de Piriá e Viseu, povoações de índios pescadores, e cultivadores de mantimentos. Nas margens ou adjacências do Rio Guamá, estão a de Caraparu, Bujuru, Anhangapi, Irituia, São Miguel da Cachoeira e São Domingos, que está no ângulo da foz do Rio Capim.

XINGUTÂNIA

Este distrito, ao qual dão de setenta a oitenta léguas em quadro, tem ao norte o Rio Amazonas; ao poente o Xingu, que lhe dá o nome e o separa da Tapajônia; ao sul a Tapiraquia; e ao nascente o Tocantins. É país ainda pouco conhecido, e quase todo povoado de aborígines selváticos repartidos em diversas nações. As mais setentrionais negociam com os cristãos das povoações situadas nas margens dos rios que limitam o distrito, e vários indivíduos têm abraçado o cristianismo.

Os terrenos, que têm sido cultivados, são férteis e apropriados para toda a casta de hortaliças, raízes comestíveis, milho, arroz, feijão, tabaco, canas-de-açúcar, e árvores frutíferas do clima: como também para a cultura dos algodoeiros. As árvores do cacau criam-se espontaneamente em vários sítios.

Nas vizinhanças dos rios há bosques de aspecto agradável, pela diversidade e corpulência das árvores que os formam, povoados de caça, recursos dos indolentes selvagens, e também dos cristãos, que não estão ainda em estado de criar gados.

Nada se sabe acerca da mineralogia, nem do gênio, ou costumes, que caracterizam as hordas de gentios centrais e meridionais.

Grande número de rios, e alguns assaz consideráveis, e dáguas cristalinas e frias, saem do centro desta comarca para os que a limitam.

O Anapu, que a atravessa do sul para o setentrião, deságua em frente da Ilha Marajó por várias bocas; a principal, que é assaz espaçosa, forma uma grande baía dentro. Este rio tem cachoeiras, e penedos no seu leito, depois de muitos dias de viagem por ele acima. Nos matos, que o bordam, há abundância das árvores do cravo do país.

O Pacajás, verdadeiramente Pacaiá, vem de muito longe; e também tem penedos no seu álveo, e cachoeiras de certa distância, e considerável, para riba. Quatro dias de viagem são precisos para chegar à barra do considerável Rio Iriuná, que se lhe encorpora pela margem ocidental. Poucas léguas acima da sua embocadura está a entrada do canal que o comunica com o Anapu. Tomou o nome duma nação que dominava as suas adjacências, onde há abundância de cravo. Este rio corre a leste do Anapu.

O Rio Jacundás, verdadeiramente Hiacundá, é caudaloso, de extensa navegação, e desemboca a leste do Pacaiá.

O Araticu sai a leste do Hiacundá para o largo canal que banha a Ilha Marajó pelo sul.

O Rio das Areias, que deságua no Amazonas junto à entrada setentrional do Estreito Taigipuru, é navegável por largo espaço através de matos criados em terreno plano, povoado de caça.

O Rio dos Tacanhunas, assim chamado dos índios cujas terras rega, deságua no Tocantins perto da Itaboca.

Vila Viçosa, primeiramente Cametá, uma das mais antigas da província, grande e florescente, situada sobre a margem esquerda do Tocantins, vinte e seis léguas ao sudoeste da capital, é a escala das canoas, que navegam para Goiás e para o Alto-Maranhão; e o depósito de várias mercancias cultivadas no seu fértil território. A igreja paroquial, que a orna, é dedicada a S. João Batista. Foi por algum tempo capital duma capitania pequena, e do mesmo nome.

O Tocantins tem aqui dez milhas de largura, e é um arquipélago de ilhas. Cinco léguas ao nordeste (que é a sua direção desde esta vila entrar no Oceano) está a Ilha Araraí, ou Aragachi, com três léguas de comprimento, pouca largura e rasa, que divide o rio em dois canais: o oriental denominado impropriamente Baía Marapatá, ocidental Baía do Limoeiro.

Pouco arriba da ponta meridional da Ilha Araraí, está, na margem oriental do Tocantins, a entrada meridional do mencionado Igarapé-mirim,[10] e defronte desta, na margem oposta, a doutro chamado o Furo do Japim, que é extenso, e vai sair no largo canal que banha a costa meridional de Marajó.

Obra de vinte e seis léguas por água, acima de Vila Viçosa, sobre a mesma margem do Tocantins, está o Forte de Alcobaça para registar as canoas de Goiás;

10 *Igarapé* significa esteiro, ou canal estreito, que só dá passagem a canoas. Estes canais &c. de ordinário preferidos pelos navegantes aos largos, e rios freqüentemente empolados com o vento, e por onde só navegam, quando não têm destoutros.

e três milhas mais arriba, outro denominado Arroios, para o mesmo intento. Aqui se faz às vezes ainda sensível a maré.

Gurupá, vila pequena e alegre, com uma igreja paroquial de Santo Antônio, sobre a margem do Amazonas, doze léguas abaixo da foz do Rio Xingu. Tem olarias, e faz um ramo de comércio em telha e tijolo, que se exportam para diversas partes. Seus moradores também ajuntam salsa, cacau e cravo.

Daqui se avista bem para o norte a Serra da Velha, quase sempre nevoada; e por detrás dela a Serra do Paru, sobre as quais se formam amiudadas trovoadas: ambas de considerável altura, e as únicas que os navegantes do Amazonas avistam de Belém até à cidade de Borja.

Melgaço, vila medíocre e abastada de peixe, no lado ocidental do Lago do Anapu, atravessado pelo rio deste nome, cinco léguas acima da sua embo-cadura. A sua igreja paroquial é dedicada ao Arcanjo S. Miguel: seus habitantes cultivam diversidades de comestíveis, e tiram do mato alguns objetos mercantis.

Portei, vila mediana, situada sobre o lado oriental do Lago Anapu, junto à embocadura do canal, que o comunica com o Rio Pacaiá, duas léguas ao sul de Melgaço. A matriz, que a orna, é da invocação de S. Miguel. Seus habitantes, quase todos índios, são pescadores, caçadores e agricultores.

Oeiras, vila pequena, situada em terreno arenoso sobre a margem, e cinco milhas acima da embocadura do Rio Araticu, treze léguas ao noroeste de Vila Viçosa, e onze a leste de Melgaço. O povo, que a habita, compõe-se de índios de várias nações, que cultivam os víveres mais comuns, e freqüentam a caça, e pescaria. A sua matriz é dedicada à Assunção de N. Senhora.

Teve princípio entre o mesmo rio e o Panauá, que deságua um pouco mais ao poente, e denominava-se então Aldeia dos Bocas, por serem Combocas os seus primeiros habitadores, donde também procedeu chamar-se Baía dos Bocas, a grande enseada que se segue para o poente até a barra do Rio Parauau, que deságua perto da entrada meridional do Estreito de Tagipuru.

Porto de Mós, vila medíocre e abastada sobre a margem oriental do Rio Xingu, que é aqui mui largo, quatro léguas longe, do Amazonas, escala dos que navegam por estes rios, tem uma igreja matriz dedicada a S. Brás. Seus habitantes são índios lavradores de comestíveis, e ajuntam alguns objetos de exportação.

Veiros, vila mediana e bem assentada na margem do Xingu, dezesseis léguas arriba de Porto de Mós, junto à embocadura duma ribeira, ornada com uma igreja paroquial da invocação de S. João Batista. O povo que a habita compõe-se de indígenas de várias nações, e recolhe suficiência dos víveres do país, com alguns objetos mercantis.

Pombal, é outra vila de índios, e da mesma ordem das precedentes, e que só carece de que a seus habitantes atuais se ajunte um bom número de brancos e de negros, para tomar o grande crescimento e florescimento de que é susceptível com a agricultura; em razão da fertilidade do território e das preciosidades naturais que o enriquecem, e fácil exportação. Fica cinco léguas acima de Veiros, também na margem do Xingu, que a regala de pescado. S. João Batista é o padroeiro da matriz que a orna.

A Ilha de Marajó, em razão da proximidade, é considerada uma dependência deste distrito. As suas principais povoações são as seguintes:

Monforte, por outro nome Vila de Joanes, medíocre, abundante, e bem situada num teso sobre a Baía Marajó, ornada com uma igreja matriz de N. Senhora do Rosário. Fica quinze léguas ao norte de Belém. O seu Senado é presidido por um Juiz de Fora. Pode ser considerada como a capital da ilha.

Monçaraz, primeiramente Caia, vila pequena com uma igreja paroquial dedicada a S. Francisco de Assis, fica três léguas ao sul de Monforte, na embocadura duma ribeira, defronte de Colares.

Salvaterra, vila pequena, e bem situada no ângulo meridional da embocadura do Rio Mondin, duas léguas e meia ao norte de Monforte, tem uma igreja paroquial dedicada a N. Senhora da Conceição.

Soire, vilota sobre a margem setentrional do Rio Mondin, poucas milhas acima de Salvaterra, ornada com uma igreja paroquial do Menino Deus.

Chaves, vila pequena e abastada sobre a costa setentrional, fronteira a Robordelo, floresceu enquanto durou o pesqueiro, que uma sociedade do Pará ali estabelecera. Santo Antônio é o padroeiro da sua matriz.

Ao poente de Chaves está a Freguesia de Condexa, também povoação marítima, lavada dos ventos, e sem notabilidades.

Da mesma ilha são ainda as freguesias de Porto Salvo na boca do Rio Marajó-açu, em frente da Vila do Conde; Ponte de Pedra mais ao norte; e Vilar um pouco ao setentrião. Todas são povoações de índios, que cultivam os mantimentos do clima, e freqüentam a caça e a pescaria.

TAPAJÔNIA

Este distrito confina ao norte com o Rio Amazonas; ao sul com a Comarca dos Arinos; ao poente com a Mandrocânia, da qual é separado pelo Rio Tapajós, do qual se lhe derivou o nome; e ao nascente com a Xingutânia. O seu comprimento é de cem léguas norte-sul, e a largura média de sessenta.

Sendo o Xingu o único dos grandes rios do Brasil, que não tem sido navegado até às suas cabeceiras, ignora-se o aspecto da parte oriental desta comarca de certa paragem para cima.

Os navegadores do Tapajós observaram numerosas colinas, e alguns montes, estando ainda mui distantes do Amazonas, em cujas vizinhanças as terras são baixas, e nenhum rio considerável sai deste país para o primeiro, que é assaz largo e cheio de ilhas de todas as grandezas, povoadas de matos.

Não nos atrevemos a dizer se a parte do sudoeste é regada pelo caudaloso e cristalino Rio das Três Barras (de que em outra parte fizemos menção), por ainda não estar acertada a latitude das suas bocas. Mas ou estejam dentro, ou fora dos limites que assinamos, à comarca, e que por ora só servem para clareza da descrição empreendida, é provável que, quando com o tempo a povoação crescer nestas paragens, venha ele a ser em parte a divisão comum com a província dos Arinos. Pela sua grandeza se supõe ser navegável por larguíssifmo espaço, com grande vantagem dos futuros povoadores duma e outra comarca, facilitando-lhes a condução das suas produções ao Tapajós.

O Rio Xingu, limite oriental deste distrito, é mui largo e de amenas praias, e só depois de oito dias de viagem começa a ter cachoeiras, prova de que o terreno se eleva sensivelmente. O primeiro confluente considerável, que se lhe une pela margem ocidental, é o Rio Guiriri, que principia no centro da Província dos Arinos. Boa distância abaixo desta confluência descreve dois grandes semicírculos opostos, e corre por entre colinas.

Nenhum rio caudaloso sai deste país para o Amazonas; nomeiam-se porém o Curuá, que vem de longe, e atravessa o considerável lago do mesmo nome, onde engrossa com as águas de várias ribeiras, que ali deságuam. A sua embocadura fica nove léguas abaixo do Tapajós: por ele se sobe até o mencionado lago, cujas margens são povoadas da diversas castas de aves, que se sustentam de mariscos.

O Uruará, que vem de perto, deságua por duas bocas abaixo do Curuá.

O Guajará, que não vem de maior distância, atravessa um terreno mui raso, onde se reparte em vários canais, e deságua por seis bocas geralmente pequenas, e distantes umas das outras abaixo do Uruará.

O Uraucu, aliás Hiuraucu, que comunica com o Guajará, sai nove léguas acima do Xingu, com o qual também comunica em três paragens.[11]

Não se sabe se na parte meridional há minas de alguns metais.

Várias nações bárbaras dominam este belo país até bem perto das povoações dos cristãos, que de poucos não se afastam das margens dos rios que o limitam; e em cujas adjacências há formosos bosques de corpulentas árvores. Os territórios, que as criam, são de substância e fertilidade admirável, e apropriados para diversificados ramos da agricultura. A natureza cria aqui as árvores do cravo, do copaíba, do pexurim, do cacau, com salsaparrilha, ipecacuanha, jalapa e outras drogas medicinais.

Entre outras nações, que possuíam as adjacências do Tapajós, e afugentadas pelos Mundrucus, conheceram-se os Hiauains, que tinham uma lista negra do alto da testa até a barba: não se sabe hoje deles.

Souzel, vila medíocre, situada na falda dum monte sobranceiro ao Rio Xingu, que é a melhor fonte de seus habitadores, quase geralmente indígenas, ocupados na caça, pescaria, e lavoura de diversos objetos. Fica trinta e cinco léguas longe do Amazonas: tem sua olaria, e deve ser considerável, quando o for o número dos brancos, e a navegação do rio estender para as províncias da Tapiraquia le Arinos. S. Francisco Xavier é o padroeiro da matriz, que a orna.

Santarém, vila grande e florescente, situada pouco dentro da embocadura do Rio Tapajós, é escala das canoas, que navegam para Mato Grosso e Alio Amazonas, e o depósito de grande quantidade de cacau, cujas árvores têm sido cuidadosamente cultivadas no seu território, que lhe é particularmente apropriado. Seu princípio foi uma aldeia, com o nome do rio que a banha, fundada pelos jesuítas para habitação duma horda indiana. É povoação abastada de pescado. Tem uma igreja paroquial dedicada a N. Senhora da Conceição, e muitas casas de sobrado. No fortim, que a princípio a defendia contra os bárbaros, há hoje um destacamento para registar as canoas que sobem e descem por um e outro rio. Seus habitantes, em grande parte brancos, criam ainda pouco gado vacum.

Alter-do-Chão, vila ainda pequena, mas vantajosamente situada sobre um lago em pouca distância do Tapajós, com o qual comunica, quase na falda dum morro, que se eleva piramidalmente a uma altura assaz considerável, fica obra de três léguas ao sul de Santarém. O povo, que a habita, composto pela maior parte de índios, cultiva variedade de mantimentos, e excelente cacau, sua principal riqueza; freqüenta a caça e a pescaria. A sua igreja paroquial é da invocação de N. Senhora da Saúde. A princípio chamava-se Hibiraribe.

Aveiro, situada sobre a margem do Tapajós, não passa ainda duma mediana aldeia, com título de vila. As casas, que a formam, são palhoças, dispostas num belo sítio sem regularidade. O povo que a habita, indígena, e incapaz de a melhorar. A sua vantajosa situação sobre um rio navegável, piscoso e dáguas salutíferas, a fertilidade do território apropriado para numerosos ramos da agricultura, especialmente para a dos cacaueiros, e algodoeiros, tudo vale nada enquanto os brancos não excederem quadruplicadamente o número dos índios, que por ora recolhem as produções comuns do país. Fica obra de vinte léguas arriba de Alter-do-Chão.

MUNDRUCÂNIA

Esta comarca, que confina ao sul com a Juruena, tem ao norte o Rio Amazonas, ao poente o da Madeira, e ao nascente o Tapajós. Seu comprimento norte-sul é de noventa léguas na parte oriental, e a largura média de sessenta, com uma área de quarenta e quatro milhas quadradas.

11 *Aiqulqui* é o nome da boca oriental do Hiuraucu, a qual é comum ao Igarapé Urucurlcala, o mais setentrional dos três, que o comunicam com o Xingu.

Ao longe dos rios, que a limitam, é em grande parte país apaulado com extensos pântanos povoados de patos, maçaricos, marrecos, e diversas espécies de aves marisqueiras, entre as quais se distinguem as formosas colhereiras, os majestosos jaburus, alvas garças, airosos socos. Nos intervalos e no centro há matas, mais ou menos extensas, e de árvores de todas as grandezas. Nas margens dos rios e dos lagos cresce um gênero de canas, que é pasto do peixe-boi e das tartarugas. *

Tem-se achado tabatinga: em partes há pedreiras de granito: não tem aparecido metais.

Entre outros menores rios, que correm para o Madeira, nomea-se o Anhangatini, cuja foz está em 5º e meio; o Mataurá, que deságua obra de seis léguas mais abaixo, e comunica com o Canomá no interior do distrito; o Rio dos Marmelos, originalmente Araxiá, cuja embocadura ifica duas léguas acima da entrada para o Lago Marucutuba.

O interior da comarca é regado pelos rios Canomá, Abacaxi, Apiuquiribó, Mauê-guaçu, Mauê-mirim, Massari, Andirá, Tupinambarana, que deságua, cada um de per si, num braço do Rio Madeira, que com o nome de Canomá, outras vezes com o de Furo dos Tupinambaranas, descreve uma curvidade, atravessando alguns lagos até entrar no Amazonas por uma boca assaz espaçosa com o nome de Rio do Mauês, cinqüenta léguas abaixo da principal embocadura do Madeira.

Este Rio dos Mauês, assim chamado da nação Mauês, que ultimamente habitava as suas margens, acha-se também com o nome de Rio dos Tupinambaranas duma aldeia de Tupinambás, que existiu sobre o Lago Uaicurapá, um pouco arredado da margem oriental, e obra de dez léguas acima da sua embocadura: cinco léguas ao poente da qual há outro pequeno braço do mesmo rio, em cujas adjacências há muito cravo, e excelente guaraná.

Guaraná é um pequeno coco, fruto dum arbusto, e cuja amêndoa, que é do tamanho dum grão de bico, depois de torrada, é pisada num pilão, e reduzida a massa, de que os índios fazem uns paus redondos, que endurecem extremamente, e ficam com a cor de chocolate, conservando o nome do fruto. Há quem diga que lhe ajuntam uma porção de cacau, e outra de tapioca. Atribuem-lhe vários efeitos: o mais seguro é afugentar o sono.

No espaço de doze léguas, desde o Furo dos Tupinambaranas até a Vila de Borba, há os lagos Anamaá, Guaribas, Cauintu, Taboco, Frechal, Macacos e Jatuarana, todos na proximidade do Rio Madeira, onde deságuam cada um de per si: e outras doze mais acima da mesma vila está a entrada para o Lago Matari; e mais arriba a do Murucutuba. Entre o mencionado Furo dos Tupinambaranas e a foz do Madeira desemboca o Lago Massurani.

Os animais domésticos são mui poucos ainda; os selváticos das outras comarcas todos aqui são bem conhecidos, e ainda numerosos, porque os possuidores das espingardas, instrumentos fatais que em outras províncias os hão diminuído tão sensivelmente, são ainda poucos para lhes fazer grande guerra.

À exceção de alguns pedaços sobre as margens dos rios, que as limitam, tudo o mais é dominado por várias nações selvagens, das quais as mais conhecidas são os Jumas, os Mauês, os Pamas, os Parintintins, os Muras, os Andirás, os Araras, e os Mundrucus, que dão nome ao país: cada uma com seu idioma, e todas repartidas em hordas, das quais umas são errantes ainda, outras já têm aldeias fixas onde habitam como os cristãos, dos quais hão também aprendido a fazer roça, onde cultivam vários comestíveis; começando já a cobrir a maior parte do corpo: tanto pode o exemplo! Uns e outros, conhecendo a vantagem da amizade com os cristãos, têm assaz diminuído de ferocidade, e vão passando de malfazejos a tratáveis.

O arco é a arma comum a todo o homem de qualquer idade que seja. Muitos possuem também outra ainda mais fatal, denominada esgaravatana. É um canudo

de pau escolhido, com dez até doze palmos de comprimento, feito de duas peças grudadas com cera, e bem liadas com correias de casca de certas plantas, cujo orifício perfeita e igualmente redondo anda por oito linhas de diâmetro e serve para as setas ervadas, que despedem com o assopro. Estas setas não têm mais de palmo, e levam na extremidade posterior uma bola de algodão igual ao adarme da esgaravatana. Quando querem fazer o tiro (que dizem ser muito certo, e do alcance duma clavina), molham-lhe a ponta em um fluido crasso, composto de vários sucos de plantas venenosas. Dizem uns, que o açúcar é o seu único contraveneno; outros pretendem que seja o sal. Asseveram que a ferida não é mortal, se o veneno estava seco quando contaminou o sangue; e que por isso é que trazem o veneno num coco, para envenenar a seta no momento do tiro: o' Condamine diz, que ferindo uma galinha com uma seta envenenada havia mais de um ano, aquela só vivera meio quarto de hora. Talvez entre na composição feita pelos Ticunas do Peru algum ingrediente ignorado destoutros, de quem tratamos.

Os Jumas manejam também uma maça arpoada no cabo.

Os Araras, que são os mais insignes artistas dos ornatos de penas, fazem um círculo negro à roda da boca, e furam a cartilagem do nariz, através da qual metem um pauzinho enfeitado com plumas de cores.

Os Parintintins, dilatando muito as orelhas com rodelas, e denegrindo o beiço superior em forma de meia lua, capacitam-se que ficam airosos e respeitáveis.

Os Muras, talvez os mais numerosos, hão sido entre os que têm correlações com os cristãos, os mais tardios em aprender deles ocultar as vergonhas; vendo-se ainda a maior parte de ambos os sexos absolutamente nus. Os homens não só ornam os braços e pernas, mais ainda furam o nariz, orelhas e beiços, donde trazem pendentes conchas, dentes de porco e de feras: "Muitos desenham várias figuras na pele, não sem grandes dores e muito tempo: outros trazem o corpo embuçado de certas tintas, e ainda de lodo; usando destas disformidades industriais, talvez não tanto por aformosaarem o corpo, como para lhes dar um ar impostor, afim de aterrar os inimigos com a sua presença." As mulheres são extremosas para com os seus filhos, enquanto pequenos; e remam nas canoas,igualmente com os homens, dos quais uma grande parte tem barba como os europeus. Os maiores têm muitas mulheres, e outros uma; porém largam-na quando bem lhes parecer, e tomam outra. *Tuxaua* é o título dos chefes das hordas Muranas.

Os Mundrucus, que costumam tingir o corpo de negro com tinta de genipapo, são numerosos, apessoados, guerreiros, e temidos de todas as outras nações, que lhes dão o apelido de *Paiquicé,* que significa *corta-cabeça;* porque costumam cortá-la a todo o inimigo que lhes caiu em poder; e sabem embalsamá-los de sorte, que se conservam largos anos com o mesmo aspecto do momento em que foram cortadas. Ornam as suas toscas, e mesquinhas cabanas com estes horrendos troféus. Aquele que mostra dez, está habilitado para poder ser eleito chefe da horda. Conhecem a virtude de vários vegetais, com cujo uso facilmente curam algumas moléstias perigosas.

Quase todas as hordas Mundrucanas estão hoje nossas aliadas, e algumas já cristãs.

A desumanidade das que ainda vagueiam pelos matos, porquanto não dão quartel a sexo, nem a idade, tem obrigado grande parte das outras nações a refugiar-se junto das povoações dos cristãos, onde à sua sombra e de paz vivem seguros daquele desalmado inimigo.

Os valorosos Mundrucus são periecos dos Macaçares da Ilha Celebes, que passam pelos mais esforçados entre os povos do grande arquipélago oriental.

Vilafranca, medíocre e com alguma regularidade, sobre um lago, que comunica com o Amazonas e com o Tapajós, de cuja margem esquerda dista pouco,

fica perto de quatro léguas ao sudoeste de Santarém. É abastada de pescado. A sua igreja paroquial é dedicada à Assunção de N. Senhora: seus habitantes quase geralmente índios, agricultores dos víveres, que melhor prosperam no território assaz apropriado para cacaueiros, sua principal riqueza. Camaru foi o seu primeiro nome.

Vilanova da Rainha é mediana e abastada de peixe, junto à embocadura do Rio dos Mauês, paragem vantajosa para crescer. Quase todos os seus habitadores são índios Mauês, os melhores mestres na composição do guaraná, cujo vegetal é comum no seu território, igualmente apropriado para a cultura dos cacaueiros, já assaz numerosos os plantados. As árvores do cravo não são assaz raras em alguns sítios do seu extenso distrito.

Borba, vila medíocre e de casas mesquinhas, bem situada num terreno levantado sobre a margem direita do Rio Madeira, vinte e quatro léguas longe do Amazonas, e perto de doze acima do Furo dos Tupinambaranas, é escala dos que navegam para Mato Grosso, e tem uma igreja paroquial dedicada a Santo Antônio. O seu povo é uma coleção de aborígines de várias nações, com uns poucos de europeus e mestiços, com alguns negros. Além dos víveres comuns recolhem muito tabaco, e grande porção de cacau, sua principal riqueza, e com a pescaria das tartarugas suprem a falta do gado, que é ainda mui pouco.

Esta vila teve princípio sobre o Rio Jamari, donde foi mudada para a foz do Giparaná, e daqui para o sítio de Pancau, ou Paraxiau, e ultimamente para o chamado Trocano, onde já estava em 1756, quando o senhor D. José lhe deu o título de vila. Sempre tomou o nome da paragem onde esteve: sendo causa das suas mudanças a perseguição, que os Muras faziam aos seus moradores.

Contígua a esta vila há uma populosa aldeia de Muras pagãos (filhos dos que tanto perseguiram os seus primeiros habitadores), refugiados para escaparem dos Mundrucus.

Os cacaueiros, criados pela natureza, são em vários sítios as árvores mais comuns, tão apropriado lhes é o território.

Vilaboim, ainda pequena, sobre a margem esquerda do Tapajós, quinze léguas longe do Amazonas, deve crescer atendendo à sua vantajosa situação e fecundidade do território, susceptível duma variadíssima e lucrosa agricultura. Seus habitadores são índios, e a matriz, que a orna, é dedicada a Santo Inácio.

Pinhel, vila ainda pequena e bem situada na margem do Tapajós, obra de cinco léguas acima de Vilaboim, tem uma igreja paroquial dedicada a S. José. Seus moradores, quase todos indígenas, cultivam os mantimentos que lhes são necessários, freqüentam a caça e a pescaria, e recolhem alguns dos objetos mercantis, que a natureza produz nos seus férteis arredores.

Vilanova de Santa Cruz, em distância de três para quatro léguas acima de Pinhel, quase defronte de Aveiro, é ainda pequena: as casas, que a formam, geralmente mesquinhas, e seus habitantes Mundrucus caçadores, pescadores e cultivadores dos víveres da primeira necessidade para a vida. A sua vantajosa situação, a bondade das águas do rio que a refresca, a fecundidade do território tão apropriado para fazer florescer a cultura do cacau, cravo, e outras ricas produções que a natureza por ali cria, prometem-lhe um considerável aumento, logo que a este povo se agregue um bom número de europeus.

Em distância assaz considerável acima de Vilanova de Santa Cruz, sobre a margem ocidental do Tapajós, há uma aldeia habitada por outra horda de Mundrucus, ainda pagãos, e já com suas roças, usando alguns já de calças, e as mulheres dum saiote, tudo de algodão.

Um catequista, um ferreiro, um carpinteiro inteligentes de agricultura, com uma mulher tecedeira, e outra costureira, são bastantes para a povoação começar a florescer, e dar utilidade ao Estado.

A P Ê N D I C E

DAS PROVÍNCIAS DE SOLIMÕES E GUIANA,

DEPENDÊNCIAS DA DO GRÃO-PARÁ

SOLIMÕES

A Província de Solimões, e a parte ocidental da Guiana, com a porção ocidental da Mundrucânia, formam um governo subalterno do Grão-Pará. A parte oriental da Guiana faz imediatamente uma porção do Governo do Pará.

Os primeiros portugueses, que subiram pelo Amazonas da foz do Rio Negro para cima, deram-lhe o nome de *Solimões,* pelo qual é ainda designado aludindo, não aos venenos com que os índios desta paragens infeccionam as suas setas, pois também os do Baixo-Amazonas, e alguns do Rio Negro, usavam do mesmo malefício; mas da nação denominada *Soriman,* e por corrupção *Solimão* e *Solimões.*

A Província de Solimões tem ao norte o rio do mesmo nome, aliás *Amazonas;* ao poente o Hiabari, que a separa dos domínios da Coroa católica; ao sui os mesmos domínios, cuja raia é a linha divisória ajustada em 1751, e ratificada em 1777; e ao oriente o Rio Madeira; setenta léguas de norte-sul na parte oriental, e para mais de cento e oitenta de leste-oeste. Jaz entre os 3º e 23', e os 7º e meio de latitude austral.

É país quase só conhecido ao longo do Madeira e vizinhanças do Amazonas, ou Solimões; povoado de numerosas nações indígenas com diversos idiomas: regado de muitos rios grandes e navegáveis.

Sabe-se que cria todos os quadrúpedes, répteis, e aves das províncias, que ficam ao oriente do Rio Madeira; diversidades de plantas, e árvores conhecidamente de grande utilidade, entre as quais são bem conhecidas as do cravo, copaíba e cacau; as da goma elástica, as puxeris; os algodoeiros: sabe-se também que o território é apropriado para a cultura do milho, arroz, legumes, canas-de-açúcar, tabaco, mandioca, café, baunilha, inhames, batatas, e variedade de frutas, posto que todos estes objetos não prosperem igualmente em cada distrito ou por toda a parte.

O gado doméstico por toda a parte é ainda mui pouco; porque a sua multiplicidade depende da povoação cristã, que também não passa ainda de pouca.

Nada sabemos sobre a mineralogia: parece natural que se achem alguns dos minerais, que têm aparecido nas províncias convizinhas.

Estes cinco caudalosos rios Hiutaí, Hiuruba, Tefé, Coari, Puru (que a atravessam do sul para o norte), com os dois mencionados Madeira e Hiabari, a repartem em seis províncias menores ou distritos de desigual largura, e quase dum mesmo comprimento norte-sul. Cada um toma o nome do rio, que lhe serve de limite ao poente.

Distritos	*Povoações principais*
Puru	**Crato**
Coari	Alvelos
Tefé	Ega
Hiuruba	Nogueira
Hiutaí	Fonteboa
Hiabari	Olivença

PURU

A província ou distrito do Puru, que jaz entre o Rio Madeira, e o que lhe dá o nome, é o mais conhecido, e de melhor situação para o comércio. Do seu centro saem vários outros rios consideráveis para os três que o limitam. O Capaná e o Uautás são os maiores entre os que correm para o Madeira.

O Capaná, que desemboca obra de quarenta léguas acima da Vila de Borba, atravessa um lago considerável, que recolhe várias ribeiras, e donde também sai um canal para o Rio Puru. Seus contornos são povoados de índios Catauixis e Itatapriás, grandes pescadores e caçadores.

O Uautás, ao qual dão doze léguas de curso, deságua cinco léguas arriba de Borba, e principia no lago do mesmo nome, que é vasto, e semeado de ilhas povoadas de árvores de cravo. Deste mesmo lago, que recolhe várias ribeiras, saem ainda dois rios para o Amazonas; um desemboca duas léguas arriba da foz do Madeira, outro denominado Paratari, sai obra de trinta léguas mais ao poente.[1]

Cinco léguas abaixo da boca principal do Rio Negro está o Lago d'El-Rei, junto à margem meridional do Amazonas.

Os índios Purupurus, que habitam no centro do país, dão ao seu maioral o nome de Maranuxauá.

As margens do Amazonas, do Rio Negro para cima, são infestadas dum pequeno mosquito chamado *pium,* cuja ferroada dolorosa deixa uma nódoa vermelha, acompanhada duma comichão insofrível, que passa a chaga.

Cinqüenta léguas, ou pouco menos, é a largura setentrional deste distrito.

Crato, vila ainda pequena, e bem situada na margem do Rio Madeira, muito arriba de Borba, tem uma igreja matriz dedicada a S. João Batista. Seus habitadores são quase geralmente índios e mestiços, que recolhem algum cacau, cravo e salsaparrilha, com os víveres da primeira necessidade, e vão fazer grandes pescarias de tartarugas na Praia do Tamanduá, que fica quatro léguas abaixo da Cachoeira de Santo Antônio, e no mesmo lado, e guardam-nas em currais dentro dágua. É uma das escalas das canoas de Mato Grosso. Muitas circunstâncias concorrem para que esta vila venha a ser uma das principais povoações do Solimões.

COARI

Este distrito fica entre o rio do seu nome, e o principal braço do Puru, com trinta e quatro léguas de largura na frente, ou parte setentrional. Os Muras possuem as vizinhanças do Solimões, os Purupurus e Catauixis o centro do país, com outras nações indômitas.

Três canais do Puru regam uma porção da parte oriental desta comarca na proximidade do Solimões: o Cochiuara, que sai oito léguas arriba do principal: o Coiuana seis léguas acima do precedente, e o Arupaná, que é o mais ocidental. O primeiro dá também o nome a esta porção do distrito. Por todos se tira cacau, salsaparrilha, e óleo de copaíbà.

Alvelos, vila pequena, situada sobre uma grande enseada em um vistoso arraial, quatro léguas acima da boca do Coari, do qual teve noutro tempo o nome. Seus habitantes, pela maior parte descendências dos Uamanis, Sorimões, Catauixis, Jumas, Irijus, Cuchiuaras e Uaiupés, ajuntavam cravo, cacau, copaíba e salsaparrilha, e fazem muita manteiga dos ovos das tartarugas, que são numerosíssimas, e bebem do rio, cujas margens são de areia alva e vistosa, e as águas um pouco

1 O Rio Paratari, que deságua doze léguas abaixo do principal braço do Puru, passou noutro tempo por uma boca deste mesmo rio.

alambreadas e excelentes. A matriz, que a orna, é dedicada a SanfAna. A indústria consiste em olarias, tecidos de algodão, e esteiras. As formigas fazem grande estrago nas lavouras.

Esta vila principiou sobre a margem oriental, e oito léguas acima da foz do Rio Paratari, donde o Padre Frei José da Madalena a mudou para a mesma do Riacho Guanamá, que deságua na setentrional do Amazonas, abaixo do braço oriental do Hiapurá: daqui a mudou, o Padre Frei Antônio de Miranda, para o sítio de Guaraiatiba, que fica mais a leste sobre a margem do Solimões, duas léguas abaixo do grande canal do Puru; donde finalmente a mudou, Frei Maurício Moreira, para a paragem onde existe.[2]

As ilhas, de que o Amazonas nesta extensão é cheio, foram por algum tempo habitadas pelos índios Cambevas, aliás *Omagoas,* nomes que significam *cabeças chatas,* por costumarem as mães apertá-las aos filhos, enquanto pequenos, com duas tabuinhas: o que os fazia bem conhecidos entre as outras nações. Acabou o abuso, desconhece-se hoje as suas descendências.

TEFÉ

Esta comarca situada entre o rio, que lhe dá o nome, e o Coari ,que a separa da precedente, tem vinte cinco léguas de largura ao longo do Solimões.

Os dois rios primeiros são assaz volumosos, e de nenhum deles é ainda conhecida a origem; nem também o número e nomes dos seus principais confluentes, que saem do centro deste distrito. Ignora-se igualmente se tem algumas montanhas em maior distância do Amazonas, em cuja proximidade o terreno é plano, e nunca inundado pelas cheias deste rio, que alagam considerável porção do território setentrional, por ser mais baixo.

O Rio Coari deságua numa enseada do Amazonas de quase duas léguas de largura, e junto dele o Urucuparaná, e o Urauá, aliás Cuanu, ambos de curta navegação. Doze léguas acima sai ao Solimões o Rio Catuá, e seis mais ao poente o Caiamá, abundante de salsaparrilha; e mais adiante a Ribeira Giticaparaná, que significa *rio das Batatas,* e sai cinco léguas abaixo do Tefé.

Sendo tão diminuto o número dos cristãos, os únicos que fazem desaparecer os bosques com os roçados para as lavouras, só deles entendidas, o país mostra ainda aos navegantes do Amazonas o aspecto que mostrara aos primeiros descobridores. As majestosas corpulências de variados gêneros de árvores mostram quão substancioso e fecundo seja o terreno que as cria.

As águas do Rio Tefé, ou Tepé, como lhes chamaram os primeiros, são alambreadas como as do Coari; e nas suas adjacências cria-se muita salsaparrilha, e outros vegetais preciosos.

Ega, vila medíocre, e bem situada na margem direita do Rio Tefé, obra de duas léguas distante do Amazonas, com uma igreja paroquial dedicada a Santa Tereza de Jesus. Seus habitadores são quase todos índios puros, e descendências dos Uaiupis, Sorimões, Coretus, Cocurunas, Jumas, Hiupiuás, Tamauanas e Achouaris. Cultivam mandioca, feijão, arroz, milho, hortaliças e frutas, quanto lhes baste para viver: recolhem mel, e ajuntam salsaparrilha, e alguns cacau, cravo e pexurim, com que se fornecem de ferramentas, baetas, e outros tecidos para o asseio. Todos freqüentam a caça e a pescaria. As mulheres fiam algodão, de que fabricam redes e panos.

2 Os carmelitas calçados foram os fundadores de todas as paróquias do Solimões. "Toute Ia partle découverte des bords de *Rio-Negro* est peupleé de Mlsslons portugalses, des mêmes rellgleux du *Mant Carmel* que nous avlons rencontrés en descendants 1'*Amazone,* depuls que nous avlons laissé les Mlsslons Espagnoles." Condamlne.

Esta vila teve princípio na Ilha dos Veados, que fica pouco abaixo da embocadura do Rio Hiuruá, donde Frei André da Costa a mudou para o sítio em que está.

HIURUÁ

Tem este distrito ao norte o Rio Solimões; ao poente o que lhe empresta o nome; ao sul os domínios da Coroa católica, e ao oriente o Rio Tefé, que o separa da comarca do seu nome.

Na parte setentrional tem vinte e quatro léguas de largura. A porção conhecida é falta de pedra, e abundantíssima de madeira. Os rios laterais criam os mesmos peixes do Amazonas. Os bosques são povoados de variedade de caça rasteira e volátil, e de feras terríveis, que lhe fazem guerra, com os indígenas centrais, dos quais pouco mais se sabe do que os nomes.

Nogueira, vila medíocre e aprazível, sobre a esquerda do Rio Tefé, quase defronte de Ega, duas léguas e meia longe do Solimões, ornada com uma igreja matriz da invocação de N. Senhora do Rosário. As casas estão entre-misturadas com laranjeiras; e as ruas, cheias das mesmas árvores, são vistosas alamedas. Seus moradores, quase geralmente indígenas de várias nações, e mestiços, respiram ar fresco e salutífero: freqüentam a pescaria, recolhem abundância dos mantimentos do país com alguns objetos de exportação, e possuem suas cabeças de gado.

O primeiro assento desta vila foi mais ao poente, na margem meridional do Solimões, para habitação duma numerosa coleção de índios Jumas, Ambuás, Cirus, Catauixis, Uaiupés, Hiauauais e Mariaranas, acareados pelos padres carmelitas. Daquele sítio foi mudada para a Ponta Parauri, que fica légua e meia acima na mesma margem do Solimões, onde Condamine a encontrou com o nome da paragem em 1743, e donde o padre Frei José de Santa Tereza Ribeiro a mudou, no ano de 1753, para o lugar onde existe.

O termo da posse, pública e solenemente tomada pelo Capitão Pedro Teixeira (na volta do Quito) para a Coroa portuguesa, à vista da boca do Rio do Ouro, a 16 de agosto de 1639, na paragem por ele chamada *Franciscana,* não apoia a opinião de Condamine, que se persuade de ter acontecido este fato no sítio de Parauari (por ele denominado Paragoari), onde estava no seu tempo a Vila de Nogueira, como dissemos.

Alvarens, anteriormente e às vezes ainda Gaiçara, vila pequena, situada sobre um lago próximo à margem do Solimões, cinco léguas acima do Rio Tefé. A sua igreja matriz é dedicada a S. Joaquim. O povo, que a habita, é uma coleção de indígenas de várias nações com muitos mestiços, que cultivam os víveres, que melhor se dão no território, e ajuntam cacau e salsaparrilha, sua riqueza; mas são mui incomodados pela praga do pium, e têm que fazer com as vorazes formigas.

O seu primeiro assento foi na margem do canal, que comunica o Rio Hiapurá com o Lago Amaná, dois dias de viagem longe do Amazonas. Ambuás e Uaruecocas eram então os seus moradores. Daquele sítio a mudou, para o em que está um Giraldo Gonçalves, em 1758.

Em Nogueira há um esteiro, aberto pela natureza, pelo qual se vai embarcado por dentro para Alvarens, quando os rios estão cheios.

O Rio Hiuruá, no qual há notícia duma catadupa, comunica com o Lago Cupaçá, que deságua na sua margem direita.

Entre a Ponta Parauari e o Hiuruá saem para o Solimões as ribeiras Hiautó, Acaricoara, que tem duas bocas, e a Guará.

HIUTA1

Confina esta comarca com Solimões ao seténtrião, com o rio do seu nome ao poente, com as possessões da Coroa católica ao meio-dia, e com o Distrito de Hiuruá ao nascente. A sua largura ao longo do Amazonas anda por dezoito léguas.

As partes média e meridional não são melhor conhecidas, que as das províncias limítrofes, por estarem em poder de várias hordas de indígenas bravias, tais como Marauás, Catuquinas, Urubus, Cauaxis, Uacarauás, Gemiás, Toquedás, Maturuás, Chibarás, Bugés e Apenaris, com outras mais, que passam os rios laterais para os distritos convizinhos, e usam de esgaravatanas, arcos, flechas, e lanças envenenadas quando vão à guerra.

Que o Rio Hiuruá com trezentas toesas de largura na foz, nem o Hiutaí ainda mais espaçoso, nem também os mencionados Tefé e Puru, maior que todos, não descem das serras do Peru, onde alguns disseram, que eles principiavam, prova-se com a existência da comunicação do Rio Ucaiale com o Mamoré pelo Rio da Exaltação, e Lago Rogagualo;[3] mas se eles saem deste lago, como outros querem ou se têm suas origens mais ao seténtrião, é o que não podemos asseverar. O certo é, que cada um deles, segundo o volumoso cabedal de suas águas, indica vir de mui longe. Os nossos não se atrevem a alongar-se das vizinhanças dos povoados com receio dos índios centrais, com quem ainda não têm correlações; e quando sobem alguma distância, nunca saem dos limites dos índios pacificados, com quem fazem algum comércio.

Fonteboa, povoação medíocre, situada na margem oriental da Ribeira Caiaraí, perto de duas milhas acima da sua foz, pouco mais de seis léguas arriba da embocadura do Rio Hiuruá, e onze abaixo da do Hiutaí, tem uma igreja paroquial dedicada a N. Senhora de Guadalupe.

O primeiro assento desta vila foi sobre a Ribeira Capuri, que deságua na margem oriental doutra, chamada Moroentiba, que desemboca pouco abaixo do Manhana, terceiro braço do Hiapurá. De Capuri foi mudada para a foz da mesma Moroentiba; e dali para o sítio de Taracoatiba, que fica pouco arriba do mesmo Manhana, e desta paragem para duas léguas abaixo da boca do Hiutaí, onde a viu Condamine, e donde finalmente passou para o sítio onde ainda está.

Ignoramos que nação eram os seus primeiros habitadores. Quando estava na quarta estação, lhe agregou o Padre Frei João de S. Jerônimo os índios Pacunas, que estavam aldeados na margem oriental da Ribeira Icapó, meio dia de viagem longe do Amazonas: ao depois se lhes agregaram Araicás, Marauás e Momanás, e por derradeiro Tacunas, Tumbiras e Passes. Todos são agricultores, pescadores e caçadores: recolhem, com os víveres mais necessários à vida, também os objetos mercantis dos convizinhos.

Entre Fonteboa e o Rio Hiuruá sai a Ribeira Anamapia, e no outro espaço da mesma povoação até o Rio Hiutaí desembocam mais cinco: Campina, Gurumati, Puruini, Manaruá, Icapó; as quais são outros tantos abrigos das canoas, quando há tempestades no Amazonas.

HIABARI

Este distrito, que é o mais ocidental, tem ao norte o Rio Solimões, como os outros; ao poente o que lhe empresta o nome, e separa dos domínios da Coroa católica; ao meio-dia os mesmos domínios, demarcados pela mencionada linha divisória; e ao nascente o Rio Hiutaí, de cuja boca até a do Hiabari contam cinqüenta léguas.

3 "Rogagualo, laguna en Ia província *y* hoblerno de Moxos. es grande, hace Ia figura de un óvalo, y se forma dei desague de un cano ó brazo dei rio Benl, que luego sale por outro, que llaman de la- Exaltaclon ao rio Mamoré." Alcedo.

Em ambos os rios laterais se criam os mesmos peixes do Solimões; ambos oferecem extensa navegação para transporte das produções do país às margens do que os recolhe. Nas adjacências dum e outro há salsaparrilha, e também cacaueiros. Os confluentes, que os engrossam, são-nos incógnitos.

Os seus extensos bosques, onde se cria e perde preciosa madeira, são povoados de porcos, antas, veados e outras caças miúdas, geralmente perseguidas por várias nações ainda selváticas, tais como os Marauás, os Uaraicus, e os Tapaxanas, que habitam a parte inferior do país vizinho do Amazonas; em maior distância os Panos, os Maiurunas, que fazem uma coroa no mais alto da cabeça, e deixam tomar aos cabelos todo o seu crescimento. Têm muitos furos no nariz e beiços, em que metem espinhos compridos; nos cantos da boca trazem penas de arara. No lábio inferior, extremidade do nariz e das orelhas, penduram rode-linhas de concha. São antropófagos; e quando os mesmos parentes adoecem gravemente, matam-nos, para os comer, antes que emagreçam com a moléstia: os Chimanos, e os Culinos, mui conhecidos entre os outros indígenas, por terem o rosto mui redondo, e os olhos por extremo grandes.

Castro Avelaens, povoação de índios de diversas nações, com uma igreja paroquial dedicada a S. Cristóvão na margem do Solimões, seis léguas acima da foz do Içá, principiou mais abaixo entre as ribeiras Aruti e Maturá, nas terras do Cambevas, donde passou para o sítio de Eviratiba, sobre a margem setentrional do Amazonas; e daqui para o lugar fronteiro à mencionada ribeira Aruti, donde foi mudada para entre Maturá e Maturacupá, na margem meridional do Solimões donde tornou para a do norte, um pouco abaixo do Riacho Tonati, que fica pouco acima do Auatiparaná, braço mais ocidental de Hiapurá: e finalmente foi situada na paragem, onde existe.

No intervalo desta povoação até o Rio Hiutaí saem ao Solimões as ribeiras Capatana, Aruti, Maturá, Maturacupá e Patiá.

Olivença, a princípio São Paulo, pelo qual nome é ainda às vetes designada, vila medíocre e bem situada na margem do Solimões, doze léguas acima de Castro de Avelaens, teve seu primeiro assento sobre a mesma margem do Solimões, três léguas abaixo da Vila de São José, donde desceu para meia légua acima da Ribeira Pacuti: daqui passou para a margem setentrional fronteira, donde tornou para a meridional, incorporando-se com a Aldeia de São Pedro, que estava três milhas abaixo da Ribeira Camatiá, e menos dum quarto de légua acima do sítio onde está. Seus primeiros habitadores foram Cambevas, Tecunas, Júris e Passes.

No intervalo de Castro de Avelaens até Olivença desembocam as ribeiras Acurai e Jandiatiba.

A Vila de São José, situada na margem do Solimões, dez léguas arriba de Olivença, e três abaixo do Rio Hiauari, é povoada de índios Tacunas, que cultivam os mantimentos, que melhor prosperam no terreno, e freqüentam a pescaria e a caça.

Entre esta vila e a de Olivença deságua a Ribeira Acuti, e no intervalo superior Camatiá, Pacuti, Macapuana e Hiuraparitapera. Entre a mesma vila e o Hiauari está o Lago Maracanatiba.

Junto à embocadura do Hiauari está o presídio de Tabatinga, dedicado a S. Francisco Xavier: quatrocentas e oitenta e quatro léguas contam os canoeiros do Pará até aqui, e gastam oitenta e sete dias.

GUIANA

Guiana é a parte oriental e meridional da região chamada *Terra-Firme,* confinante pelo setentrião com o Oceano e Rio Orenoco; pelo sul com o Rio Amazonas; ao nascente com o Oceano, e ao poente com os rios Hiapurá e Orenoco.

A Guiana portuguesa, que inclui a francesa desde 1809, ocupa a parte meridional daquela vasta província, e célebre ilha. Confina ao norte com as possessões da Coroa católica, e o Surinam. Os outros limites são os mencionados. Tem duzentas e oitenta léguas de comprimento leste-oeste, e noventa na maior largura. Jaz entre os 4º de latitude austral, e os 6º da setentrional.

Os dias, ou são iguais às noites em todo o ano, ou têm pouca diferença. O clima é cálido; o terreno, não geralmente fecundo, tem mais de raso que de montuoso. Em muitas partes do interior é pedregoso, e com indícios de antigos vulcões. É regado de muitos rios navegáveis; dos quais alguns principiam em uma extensa serrania, que se prolonga leste-oeste com o Amazonas, e mui longe dele.

As árvores só são corpulentas nas adjacências dos rios, e nos terrenos substanciosos e úmidos. As mais úteis são as do cravo, as do pexurim, as do copaíba, e as que dão a goma elástica, e os cacaueiros. Tem-se achado minerais de ferro, sinais de prata, e algumas pedras de estimação.

CABOS — Cabo do Norte, situado na latitude de 2º setentrionais.

ILHAS — Terra dos Coelhos, que está entre a embocadura do Rio Aruari e a do Carapapuri, com um canal, que os comunica ao poente, e o Oceano ao nascente: a sua ponta oriental é o mencionado Cabo do Norte.

A Ilha Maracá com cinco léguas de comprimento, e largura proporcionada, pouco ao noroeste da dos Coelhos, tem no centro um grande lago piscoso, e sua costa oriental é batida pela pororoca.

A Ilha Bailique, assim denominada pelos portugueses em razão dos balanços que o mar aqui faz dar às canoas, é a mesma da Penitência. Tem pouco menos de duas léguas de comprimento e fica vinte léguas ao sul do Cabo do Norte.

As ilhas do Cora são cinco em fileira, separadas por canais apertados, e ficam ao sudoeste de Bailique. Todas são rasas, e povoadas de mangues, onde há infinidade de mosquitos e insetos, que incomodam a gente.

O Rio Nhamundá, por corrupção *Jamundá* e *Jamwtdazes,* divide esta vasta província em oriental e ocidental, servindo também de limite entre as jurisdições dos ouvidores do Pará e do Rio Negro.

Rios — Na parte ocidental notam-se primeiramente o Hiapurá e o Rio Negro; depois o Rio Branco, o Matari com duas bocas, o Urubu, que comunica com o Rio Aniba pelo grande Lago Saracá, que fica de permeio, e perto do Amazonas, onde deságua por seis bocas. Na oriental o Rio das Trombetas, originalmente *Oriximina,* o mais caudaloso de quantos entram no Amazonas abaixo do Rio Negro, e que tem duas barras; o Gurupatuba, o Anauirapucu, por corrupção *Aranapucú,* o Vacarapi, o Aruari, que deságua no Oceano, como se disse.

O Rio Hiapurá, como se disse em outra parte, principia na Província de Popaiã; e depois de ter regado um terreno de trezentas e vinte léguas contra o sueste, formando numerosas ilhas de todas as grandezas, incorpora-se com o Amazonas nas paragens mencionadas. As terras adjacentes são rasas, inundadas e doentias. Caquetá é o seu primeiro nome no país onde nasce.

O Rio Negro nasce na Província de Popaiã, ao nordeste do Hiapurá, com o qual corre paralelamente igual espaço. Doze léguas antes de se incorporar com o Amazonas, reparte-se em dois braços assaz desiguais. Condamine diz, que medira o braço oriental, três léguas longe do Amazonas, e lhe achara no mais estreito mil duzentas e três toesas de largura. Este rio "vai alargando consideravelmente à medida que se afasta do Amazonas; em partes tem largura de quatro e seis léguas. É retalhado de muitas ilhas, o que faz a navegação assaz favorável; limpo de toda a casta de praga; as margens cobertas de alvos areais e dum arvoredo viçoso, não muito alto, e espesso: As suas águas vistas mostram um escuro tão cerrado, que mais parece lago de tinta preta. Não é difícil de conhecer, que unindo-se muitas

lâminas, ou superfícies desta água, hão-de turvar infalivelmente a sua transparência, e quanto mais do alto for o fundo, tanto maior deve ser o escuro: daqui vem, que junto da beira, onde o fundo é baixo, a água quase que mostra a sua cor natural de alambre." São águas mui diuréticas e salutíferas, e conservam a sua transparência por muitas léguas, depois que entram no álveo do Amazonas. Criam os mesmos peixes deste outro, e dá navegação para o centro de vários distritos. As maiores cheias são em agosto. Logo nomearemos os seus numerosos confluentes juntamente com as povoações das suas margens.

As vilas orientais desta província são: Macapá, Masagão, Vilanova, Arraiolos, Espozende, Almeirim, Outeiro, Montalegre, Prado, Alenquer, Óbidos, Faro e Caiena.

As do ocidente são: Silves, Serpa, Maripi, Rio Negro, Barcelos, Moura e Tomar.

Macapá, vila famosa e das mais consideráveis da província, situada na margem do Amazonas junto à foz duma ribeira, uma légua ao norte da equinocial, num terreno levantado duas até três braças sobre o nível do rio, com uma magnífica fortaleza, uma igreja paroquial dedicada a S. José, um hospital, boas ruas, e casas de telha. Teve princípio quatro léguas mais ao poente sobre a embocadura do Rio Matapi. Seus habitantes recolhem milho, farinha, arroz, algum cacau, algodão, e diversidades de frutas. Entre outras árvores de madeira estimada que se criam no seu distrito, nota-se a chamada quatiara, cujo pau é amarelo raiado de preto, e também de pau macaco.

Vinte léguas a leste de Macapá está a chamada Vila de Robordelo, reduzida a pouca coisa com a deserção dos índios, que a habitavam, na margem meridional da Ilha Caviana, que tem onze léguas de comprimento, e seis de largura, terreno raso e fértil, com uma boa fazenda de gado vacum pertencente ao hdspitall da Santa Casa de Misericórdia do Pará: Fazenda da Caridade é o nome que lhe dão. Cria pau-macaco. Em todo o seu circuito há abundância de peixe.

Vilanova, ou Vila Vistosa da Madre de Deus, situada na margem oriental, e sete léguas acima da embocadura do rio considerável Anauirapucu, que principia nas terras dos Armabutos, e deságua quatro milhas ao poente do Matapi, tendo sido fundada para estabelecimento de gente branca, vai em decadência com a deserção do povo, apesar da fertilidade do território, apropriado para a cultura da mandioca, milho e arroz, riqueza dos que se conservam. Tem boas campinas para criar gado. No seu contorno criam-se as árvores do pau-macaco, que é pesado: o que se cria nas terras secas é todo vermelho, e o das várzeas veiado de preto.

Os habitadores desta ilha vão fazer pescarias nos canais das ilhas do Croá.

Masagão principia numa ilha fronteira à foz do Matapi, donde se mudou para a margem esquerda, e dez léguas acima da embocadura do Rio Maracapucu; e daqui para a margem ocidental, e obra de cinco milhas arriba da barra do Rio Mutuacá, que deságua no Amazonas quatro léguas ao poente do Anauirapucu. Povoação de SanfAna foi o seu primeiro nome, o qual perdeu quando nela se estabeleceu a gente da praça de Masagão no reino de Marrocos à qual se ajtotaram depois vários casais açoritas. Algodão e arroz fazem a riqueza dos seus moradores, que diminuem por causa das febres. No seu distrito há tabatinga, e outros bons barros; porém os oleiros são maus.

Obra de doze léguas ao sudoeste de Masagão, e perto de sete afastada do Amazonas, está a Freguesia de Fragoso, na margem direita do Rio Jari, que vem de mui longe, ornada com uma igreja paroquial de Santo Antônio. Principiou mais arriba, donde se mudou por ser doentio o sítio. Seus habitantes recolhem cravo, cacau, algodão, salsaparrilha, e diversidade de mantimentos; e sobem pelo Amazonas em busca das tartarugas.

Entre Fragoso e Masagão fica a Freguesia de SanfAna, na margem do aprazível Rio Cajari. Seus habitantes cultivam mandioca, arroz e algodão, e recolhem também algum cacau.

Arraiolos, vila pequena e vistosa, sobre uma colina junto à margem oriental, e cinco léguas acima da embocadura do Rio Aramacu: tem dois grandes terreiros com alguma forma de praças, e uma grande matriz dedicada a Nossa Senhora do Rosário. Seus habitantes são agricultores e pescadores. A água do rio é fria e cristalina.

Espozende, vilota bem situada na falda duma lomba sobranceira ao Rio Tubaré, aliás Tueré, com aprazíveis vistas de campinas, outeiros e arvoredos, ornada com uma igreja paroquial de N. Senhora do Rosário, fica a três léguas ao noroeste de Arraiolos. O povo, que a habita, recolhe algodão, milho, arroz e farinha, e freqüenta a pescaria e a caça. O rio, que a lava, é um ramo do ameno e tortuoso Aramucu, que sai do Amazonas por duas bocas.

Almeirim, vila medíocre e vistosamente situada sobre a foz do Rio Paru, do qual teve noutro tempo o nome. Seu princípio foi um forte holandês, que se conserva melhorado. Nossa Senhora da Conceição é a padroeira da igreja paroquial que a orna. Seus habitantes são lavradores de mandioca, milho, arroz, legumes e algodão, e freqüentam a pescaria. No seu contorno há diversidade de boas madeiras.

Pouco mais de seis léguas acima de Almeirim está a Freguesia de N. Senhora do Desterro, situada sobre a embocadura do Rio Vacarapi, que é considerável. Seus habitadores cultivam algodão com os mantimentos, que melhor se dão no território, e freqüentam a caça e a pescaria.

Outeiro, vila medíocre e abastada de pescado, situada sobre uma colina no lado oriental do Lago Urubuquara, formado pelo rio do mesmo nome, obra de cinco léguas longe do Amazonas, e pouco mais de vinte ao poente de Almeirim. A matriz, que a orna, é dedicada a N. Senhora da Graça; o povo, que a habita, lavrador de mantimentos e algodão.

Montalegre, vila considerável e abastada de peixe, situada no mais alto duma ilheta junto à margem oriental do Rio Gurupatuba, que a forma, e do qual tomava o nome a princípio, fica obra de dez léguas acima da do Outeiro, e duas léguas longe do Amazonas. Foi uma das principais missões dos jesuítas, cujo hospício é hoje a residência do vigário. A sua igreja matriz é dedicada a S. Francisco Xavier. Seus habitantes são lavradores de mandioca, feijão, algodão, cacau e café. No seu distrito criam-se as árvores do cravo, e os do breu do sertão. Tem, ou teve uma serraria por conta da Fazenda Real, para serrar os troncos dos cedros, que com as cheias do Amazonas encalham numa ilha vizinha.

Prado, vila ainda pequena sobre o braço oriental do Rio Surubiu, seis léguas arredada do Amazonas, e quatorze ao poente de Montalegre. Seus habitadores são indígenas, que vivem da agricultura, da caça e da pesca.

Alenquer, vila considerável, abastada e bem situada sobre o desaguadouro central do Lago Surubiú, quatro léguas longe do Amazonas, e treze ao norte de Santarém. É terra infestada do mosquito carapaná: a sua matriz dedicada a Santo Antônio. Seus habitantes cultivam mandioca, milho, arroz, tabaco, e ótimo cacau, sua principal riqueza. A carne do gado, que se cria no seu contorno, é deliciosa.

Curuamanema é o nome do terceiro e ocidental desaguadouro do Lago Surubiú.

Óbidos, noutro tempo *Pauxis,* nome dos índios para cujo estabelecimento teve princípio, vila considerável, situada numa colina com alguma regularidade, e uma grande praça no centro, junto à embocadura oriental do Rio das Trombetas, com espaçosa vista para o Amazonas, cujas águas nesta paragem correm todas por um canal de oitocentas e sessenta e nove braças de largura; mas de tal profundeza",

que tendo sido por várias vezes sondado, não se lhe achou fundo. Tem uma magnífica igreja paroquial dedicada a Sant'Ana. Fica dezesseis léguas ao poente de Alenquer. Seus habitadores recolhem diversidade de víveres, algodão, e grande quantidade de cacau, que é um dos mais bem reputados da capital.

Faro, vila medíocre, num sítio escolhido sobre um grande lago atravessado pelo Rio Jamundá, obra de doze léguas a oés-noroeste de Óbidos, e sete longe do Amazonas, tem uma igreja paroquial dedicada a S. João Batista. O seu território é apropriado para cacau, principal riqueza de seus habitadores, que recolhem também algodão, e diversidade de comestíveis.

Silves, vila mediana na sumidade duma ilheta junto à margem do Lago Saracá, que é vasto, e atravessado em parte pelo Rio Aniba, vinte e quatro léguas a oés-noroeste de Faro, e seis arredada do Amazonas, é abastada de pescado, e de víveres do país.

A matriz, que a orna, é da invocação de Sant'Ana. Seus habitantes são de variadas classes e cores, como os das outras povoações; recolhem excelente tabaco, algodão, cacau, cravo e salsaparrilha.

Abaixo de Silves, na mesma margem setentrional do Amazonas, há umas ribanceiras, cujos pedaços, em caindo, e sendo borrifados com a água do rio, começam logo a petrificar-se; toda a margem está juncada destas massas, umas já penedos feitos, outras com princípio de petrificação. Em outras muitas paragens vizinhas, e da mesma margem, há barreiras mui altas de tabatinga de várias cores, branca, amarela, roxa e vermelha.

Serpa, vila medíocre, situada numa pequena ilha do Amazonas, junto à sua margem setentrional, dezesseis léguas arriba de Silves, e dez abaixo da embocadura do Rio Madeira, é abastada de pescado, e tem uma igreja paroquial da invocação de N. Senhora do Rosário. Seus habitantes cultivam os mantimentos, que melhor prosperam no território do continente, e ajuntam boa porção das ricas produções, que a natureza apropriou ao país, como cacau, cravo, salsaparrilha, e ainda café, algodão, tabaco.

Esta vila teve princípio sobre a foz do Rio Mataurá, na margem oriental do Madeira, mais de trinta léguas por ele acima; donde se mudou para o Rio Canomá, e deste para o Amacaxi, donde tornou para a direita do Madeira, pouco abaixo do Furo dos Tupinambaranas, onde estava em 1759 já com título de vila, é donde por derradeiro foi mudada para a ilheta onde existe. Todas as suas mudanças foram causadas pelas invasões dos Muras.

Treze léguas ao noroeste de Serpa está a Freguesia de N. Senhora da Conceição, vantajosamente situada na margem do considerável Lago Canumá, que deságua para o Rio Urubu, cuja boca está quase fronteira à do Madeira. É povoação abastada de pescado, e dos víveres do país. Seus habitantes ajuntam também objetos mercantis, a troco dos quais se provém doutros forasteiros.

Sete léguas para o noroeste da precedente, e doze afastada do Amazonas, está a Freguesia de São Raimundo, na margem do Rio Urubu. É povoação de índios pescadores, caçadores e lavradores dos mantimentos da primeira necessidade, e também recolhem alguns objetos de exportação, que fazem a sua riqueza.

Quinze léguas ao poente da Freguesia da Conceição, e doze longe do Amazonas, esta outra, da invocação de N. Senhora do Socorro, junto ao Lago Matari. O povo, que a habita, freqüenta a pescaria, e cultiva mantimentos e algodão.

Cinco léguas para cima da Freguesia de São Raimundo está a de São Pedro Nolasco, também na margem do Rio Urubu. Seus habitantes, geralmente índios, perseguem a caça, freqüentam a pescaria, e cultivam algodão com os mantimentos do país.

Maripi, vila medíocre na margem esquerda do Rio Hiapurá, obra de dez léguas longe do Amazonas, tem uma igreja matriz dedicada a Santo Antônio. O povo, que a habita, é uma coleção de indígenas de diversas nações, em cujo

número entra também a dos Miranhas, que dominam parte do terreno dentro do mesmo Hiapurá e o Rio Içá. Todos são pescadores e caçadores; recolhem suficiência de víveres, e boa porção das estimadas mercancias, que a natureza produz nos arredores, ainda em poder de bárbaros. As febres não permitem aqui aos europeus dilatada residência.

Rio Negro, vila considerável e florescente, capital da província e cabeça da ouvidoria do mesmo nome, abastada de peixe, e ornada com uma igreja paroquial de N. Senhora da Conceição, situada junto duma colina na margem esquerda do braço oriental do rio, que lhe empresta o nome, pouco mais de três léguas arredada do Amazonas. Seu princípio foi um forte, que se conserva; e junto do qual foram logo situados vários casais das nações Baniba, Baré e Passe. É o depósito de várias produções mercantis, que descem pelo mesmo rio destinadas para exportação. Tem uma cordoaria de piaçaba, uma olaria, e fábrica de tecidos de algodão, tudo administrado por conta da Real Fazenda. A maior parte do gado, que se corta no açougue, vem embarcado das reais fazendas do Rio Branco. Pouco acima da extremidade da vila, desemboca o chamado Rio da Cachoeira, que em distância duma légua forma uma vistosa catadupa, cuja zoada se ouve na povoação.

Trinta e duas léguas acima da capital, ou quarenta e três contadas por água, está a Freguesia de Airão, com uma igreja paroquial da invocação de S. Elias, na margem meridional do Rio Negro. Teve princípio na enseada grande, pouco arriba da capital, para habitação de duas hordas de indígenas, Tarumá e Aroaqui; às quais se agregaram indivíduos doutras ao depois.

No intervalo destas povoações recolhe o Rio Negro pela margem meridional o Riacho Hiborena; e pela setentrional o Riacho Aiurim, o Rio Anauene (por corrupção Anavilhana), e as ribeiras Canamau, Mapauau, e Uarinau que deságua quase defronte de Airão.

Doze léguas acima de Airão está Moura, vila mediana, aprazível, e com alguma regularidade sobre a margem direita do Rio Negro, ornada com uma igreja paroquial da invocação de Santa Rita. Seus habitantes são pela maior parte filhos de brancos com indianas, que recolhem suficiência de víveres, e alguns objetos procurados para o comércio.

Seu primeiro assento foi na margem esquerda do Rio Uarirá, que fica mais ao poente, e donde se mudou para a direita do Rio Negro, um pouco arriba do lugar onde existe. Principiou sendo um ajuntamento de índios de quatro nações, Caraiaí, Cocuana, Manau e Juma.

Pouco acima de Airão deságua na margem meridional do Rio Negro o Rio Jaumuí, e cinco abaixo de Moura o Anani, aliás Unini: ambos comunicam o rio, que os recolhe, com o Cadaia, braço oriental do Hiapurá, pelo grande Lago Atinineni, em cujas adjacências há árvores de copaíba.

Na margem setentrional do Rio Negro sai o Rio Hiauapari, por corrupção Jaguapiri, cuja foz está quase defronte de Moura. Este rio, cujas águas são brancas, vem de muito longe. Os índios Aroaquis estendiam-se desde as suas margens até à do mencionado Anavilhana.

Perto de nove léguas acima de Moura, e na mesma margem meridional do Rio Negro, está a Freguesia do Carvoeiro, que principiou na oriental do Rio Cauauri (por corrupção Cuburi), três horas de viagem por ele arriba, donde foi mudada para a margem direita do Rio Negro, três léguas acima do sítio onde está. Santo Alberto é o padroeiro da sua matriz, e seus habitadores uma coleção de índios Manaus, Parauanos, e Maranacuacenas.

No intervalo de Moura até o Carvoeiro nenhum rio entra no Rio Negro pela margem austral; na setentrional deságua o caudaloso Rio Branco (assim chamado da cor de suas águas), o qual sai por quatro bocas: três mui próximas, formadas por duas pequenas ilhas; outra, quatro léguas mais acima denominada Amaiauau.

Este rio, cujo verdadeiro nome é Quecuené, e o maior dos que entram no Rio Negro, principia na falda meridional da Serra Baracaina, sendo contravertente do Rio Paraguá, grande confluente do Orenoco. Recolhe pela margem oriental, e ordem em que os nomeamos subindo a Ribeira Macoari, e desaguadouro do Lago Uadauau, o Rio Ememeneni, as águas dos lagos Curiucu e Uaricori; o Rio Uanauau, chamado comumente Guanauau; e pela ocidental a Ribeira Cercueni, e os rios Coratirimani, Eniuini, Aiarani, Cauamé, Ueaiaí. O Rio Mau, que é dos seus primeiros confluentes pela esquerda, é contravertente do Essequibo de Suriname.

Pouco arriba da boca ocidental do Rio Branco está a do Rio Uaranacuá, por outro nome Hiuari, em frente do Carvoeiro.

Dezessete léguas acima do Carvoeiro está a Freguesia de Poiares, também na margem meridional do Rio Negro, ornada com uma igreja paroquial da invocação de Santo Ângelo, e povoada de índios Manaus, Bares e Passes, para cujos pais foi fundada mais de quarenta léguas pelo rio acima, onde existiu alguns anos antes que se mudasse para o sítio onde está.

Entre Carvoeiro e Poiares deságua na margem meridional do Rio Negro o Cauauri, comumente Caburi, cuja boca está quatro léguas acima da primeira povoação; e na setentrional as ribeiras Uanapixi, Uaniba e Cuaru.

Sete léguas acima de Poiares está (também na margem austral do Rio Negro) Barcelos, a maior vila da província, e por largos tempos residência dos seus governadores, com uma igreja paroquial de N. Senhora da Conceição. Seus habitadores são de várias classes; agricultores, pescadores, caçadores e negociantes. Principiou mais de quarenta léguas acima, junto à foz do Rio Uenenexi, para habitação de vários casais de Manaus, Bares e Baianaís.

Neste intervalo de Poiares a Barcelos só deságua na margem meridional do Rio Negro o Riacho Uataanari, duas léguas abaixo da derradeira povoação; e na setentrional as ribeiras Uirauau, Hiamurauá e Buibuí, que fica defronte da mesma vila.

Dezesseis léguas acima de Barcelos está a mediana Vila de Moreira, num sítio eminente da margem austral do Rio Negro, que corre aqui mui espraiado. N. Senhora do Carmo é a padroeira da sua matriz. Seus moradores são quase todos filhos de europeus casados com índia.

Uma desavença, que o Capitão José Menezes Cabuquena teve com os outros da Vila de Moura, quando existia um pouco acima do sítio onde está Moreira, deu ocasião à sua fundação neste mesmo lugar, retirando-se para ele o descontente e teimoso Cabuquena com os índios do seu partido.

Neste intervalo de Barcelos até Moreira recolhe o Rio Negro pela margem austral os rios Baruri e Quiiuni; e as ribeiras Arataí e Quemeucuri; e pela setentrional a ribeira Parataqui, e o Rio Uaracá denominado pelos conquistadores Araçá, em cuja margem esquerda desemboca o Rio Demenene, por corrupção Dimene, sobre cujas margens habitavam antigamente os índios Guianas.

Dezessete léguas acima de Moreira está a pequena Vila de Tomar, com olarias ao longo da margem meridional do Rio Negro, num terreno apropriado para a cultura do anil. A sua matriz é dedicada a N. Senhora do Rosário. O povo, que a habita, compõe-se de diversificadas compleições, e recolhe o necessário para subsistir. Teve princípio junto à foz do Chiuará, mais de 30 léguas acima, para habitação de Manaus, Bares, Uaiuanás e Passes.

Neste intervalo de Moreira a Iomar deságua, na margem austral do Rio Negro, o Urarirá, dominado noutro tempo pelos valorosos índios Manaus, que se estendiam até o Rio Chiuará. Admitiam dois deuses, um autor do bem, denominado *Mauari,* outro do mal, chamado *Sarauá.* O seu idioma prevalece aos dos outros com quem vivem.

Na margem setentrional deságuam o Rio Uereré, cujas terras foram noutro tempo habitadas pelas nações Caraiari e Uairiá, e o Rio Padauiri, cuja boca está fronteira à Vila de Tomar. É rio caudaloso dágua branca, e atravessa o terreno dos antigos Oremanaus, e recolhe pela esquerda o Rio Uexié-tnirim.

Entre o Padauiri e o Umauoca, que deságua na margem direita dum ramo do Orenoco, medeia um istmo, que se vence com jornada de meio dia.

Três léguas acima de Tomar está Lamalonga, povoação de índios Manaus, Bares e Banibas, na margem direita do Rio Negro. Uma discórdia entre os capitães Alexandre de Sousa Cabá-Cabari e José João Dari, moradores de Tomar, deu motivo a retirar-se o derradeiro com a sua gente para este sítio, onde se lhe fundou igreja paroquial dedicada a S. José; agregando-se-lhe depois os índios da aldeia Auaciida, que ficava três léguas mais pelo rio acima.

Neste curto espaço só deságua na margem esquerda do Rio Negro o Riacho Anhori.

Dezessete léguas adiante de lamalonga está a Freguesia de Santa Isabel, povoação de índios Uaupés, também na margem direita do Rio Negro, o qual neste intervalo recolhe pela direita as ribeiras Chibaru e Mabá; e pela esquerda a Ribeira Hiiaá, e o Rio Daraá.

Dezoito léguas arriba da Paróquia de Santa Isabel está a Aldeia de Maracaí, no sítio deste nome sobre a margem setentrional do Rio Negro, cuja corrente é aqui violenta, por causa dos penedos de que o seu leito é semeado, o que obriga a descarregar as canoas.

Neste intervalo deságuam no Rio Negro, pela direita, os rios Hiurubaxi, Uaunaná (chamado vulgarmente Ajuana, Uenenexi, comumente Inuuixi, e o Chiurá. O primeiro forma grandes lagos acima da sua barra, e comunica, segundo dizem, com o Hiapurá: nas suas margens há puxiris: o Uaiunaná abunda das mesmas árvores. Na margem do norte entram o Rio Marauiá, a Ribeira Hiarudi, os rios Inabu e Abuará, as ribeiras Sabururuá e Dibá, e o Rio Cauaburi.

O Marauiá, antigamente habitado dos Caranaus, que fizeram larguíssima resistência aos Manaus, tem cacau e salsaparilha, junto às serras.

Nas vizinhanças do Inabu, abundante de salsa, habitam os índios Hiabaanaas e Curanaus. O Cauaburi, comumente Caburi, é povoado das nações Demacuri e Madauacá, e tem salsaparrilha nas suas adjacências como aqueles. Este rio, que é considerável, comunica com o canal Cassiquiari pelo Rio Umarinaui, que se lhe une pela margem ocidental, e de cuja parte superior se passa por pantanais, e mais facilmente no inverno, ao Bacimoni, ou Bacimonari, que deságua na margem oriental do mencionado Cassiquiari.

Depois de Maracabi encontra-se a paróquia de Nossa Senhora das Caldas, na margem setentrional do Rio Negro; e quase defronte, na meridional, a de Nossa Senhora do Loreto: mais adiante a de S. Pedro, na do norte; e depois a de Santo Atônio da Castanheira, na do sul, habitada de índios Bares, Macus e Mepuris.

No espaço de quatorze léguas de Maracabi até Santo Antônio da Castanheira, só deságua o Rio Maiuuichi, e o Riacho Ituia, ambos na margem direita.

Três léguas acima, também na margem meridional ,está a Aldeia de São João Nepomuceno de Camundé, habitação de índios Bares.

Neste intervalo nenhuma torrente entra no Rio Negro.

Doze léguas adiante está, sobre a margem setentrional, a Freguesia de São Bernardo de Camanau, povoação de índios Bares.

Neste intervalo, todo semeado de penedo com duas cachoeiras, que não se passam sem um bom prático, recolhe o Rio Negro pela direita os rios Maria e Curicuriau, cujas margens são habitadas de índios Macus e Mepuris; e pela setentrional as ribeiras Uacaburu, Maruueni, Uuibará e Cassabu; e o Rio Miubá, que rega um terreno, onde se cria salsaparrilha.

Três léguas e meia mais arriba, e também na margem setentrional do Rio Negro, está a Paróquia de N. Senhora de Nazaré, povoação de índios Airinis, Bares, Macus e Mepuris.

Neste intervalo, todo semeado de penedos com cachoeiras, sendo as mais notáveis a denominada Cojubf, que fica imediata à povoação de São Bernardo e à das Furnas, pouco mais acima, só saem as ribeiras Cajari e Cana, ambas pela margem do norte.

Légua e meia mais adiante, e também na margem setentrional do Rio Negro, sobre a grande Cachoeira Crocobi, está o Forte de São Gabriel, com uma povoação de índios Bares.

Neste curto espaço cheio de recifes deságua pelo sul o Riacho Curiana, assim chamado do cacique duma aldeia, que ali esteve, e pelo norte a Ribeira Imutá, e outra ainda anônima.

Continuando a subir pelo mesmo Rio Negro, encontra-se depois de dez léguas a Paróquia de São Joaquim de Coané, povoação de índios Uaupés e Cucuanas, uma légua arredada da margem austral do Rio Negro, e sobre a direita do Rio Uaupé, que comunica com o mencionado Curicuriau pelo canal chamado Inebu.

Neste espaço, onde se notam os perigos denominados *Caldeirão* e *Paredão,* com muitos recifes, deságuam pela margem austral dois riachos anônimos, e pela setentrional as ribeiras Mabuabi, Hiiá, e outras duas ainda anônimas.

O mencionado Rio Uaupé, que é caudaloso, e o seu verdadeiro nome Ucairi, recolhe pela margem meridional o considerável Tiquié, cuja confluência fica cinco dias de viagem afastada da povoação. Tomou o nome dos índios Uaupés, que furam o beiço inferior e as orelhas, e trazem ao pescoço uma pedra branca lapidada em cilindro. Na foz do Ucaiari, findam as penedias do álveo do Rio Negro.

Oito léguas acima da embocadura do Ucaiari está a do caudaloso Rio Içana, que corre paralelamente com aquele e com o Uexié. Seis dias de viagem pelo Içana acima, há uma grande cachoeira; e com outro dia mais se chega à barra do considerável Coiari, que se lhe une pela margem setentrional, e recolhe também pela esquerda o Rio Mabuiauá, cuja origem dista poucas braças da do Uexié.

No ângulo superior da embocadura do Ucairi, está a Paróquia de São Miguel do Iparaná, e pouco mais acima, também na margem austral do Rio Negro, a Freguesia de N. Senhora da Guia, ambas povoações de índios Banibas.

Segue-se a Paróquia de Sant'Ana na margem setentrional; depois a de São Felipe na meridional e mais arriba a de São João Batista do Mabé, povoada de índios Banibas, sobre a margem do norte.

Contam doze léguas da Paróquia de N. Senhora da Guia até a de São João Batista; no qual espaço só entra um riacho na margem meridional, cuja boca fica pouco abaixo da derradeira povoação.

Quatro léguas acima da Paróquia de São João Batista sai para o Rio Negro o caudaloso Uexié, chamado comumente Ixié, que rega os territórios dos índios Banibas, Capuenas, Mendos, Uerequenas. Por entre este rio e o mencionado Içana, se prolonga a grande Serra Tunuí.

Na vizinhança desta confluência está a Freguesia de São Marcelino, sobre a margem austral.

Oito ou nove léguas mais acima está o Forte de São José dos Marabitanas. também na margem meridional do Rio Negro, com uma povoação de índios Ariinis e Marapitanas, por corrupção Marabitanas, derradeira colônia portuguesa do Rio Negro, que depois do Uexié não recolhe outro algum pela margem meridional; unindo-se-lhe pela setentrional a Ribeira Beturu, e o considerável Rio Dimiti, cujas cabeceiras distam pouco das do mencionado Caburi, aliás Cauaburi, que deságua abaixo do Maracabi, como se disse.

Quatrocentas e oitenta e cinco léguas contam os canoeiros da cidade do Pará até este forte, e gastam comumente oitenta e seis dias de viagem.

Nove léguas acima do Forte de São José dos Marabitanas, na margem setentrional do Rio Negro, está a embocadura do chamado Rio Cassiquiari, que é um canal de cinqüenta léguas (segundo dizem), desprezadas as suas numerosas e grandes reviravoltas, aberto pela natureza para comunicar o Rio Orenoco com o Amazonas.

Em 1756 ainda não havia senão oito missões sobre o Rio Negro: Jaú, Pedreira, Aracari, Camará, Mariuá, Bararuá, Camarú, Dari eram os seus nomes; a primeira a mais vizinha, a derradeira a mais distante do forte da barra do mesmo rio.

Nas margens do Rio Branco estão as paróquias de Santa Maria, de São João Batista, de Nossa Senhora do Carmo, de São Filipe, de Santo Antônio, de Santa Bárbara, de São Joaquim com um forte, em distância de trezentas ei sessenta e nove léguas longe da cidade do Pará, e sessenta e dois dias de viagem. Os povoadores são indígenas: todas as casas são cobertas de palmas.

Falam-nos da Vila de São Manuel, mas não nos dizem se está na margem do Rio Negro, se na do Rio Branco.

Entre os lindos pássaros das adjacências do Rio Negro nota-se o chamado galo da serra, pouco maior que o melro, com pernas reforçadas, e esporões como galo, do qual tem também a forma do bico. É todo amarelo cor de laranja, com um penacho em forma de leque aberto do pescoço até quase à ponta do bico, da mesma cor com uma risca encarnada junto à borda. São mui raros estes pássaros.

Caiena, vila considerável, e bem situada na parte setentrional da ilha, e sobre a embocadura do rio do mesmo nome, em terreno pouco elevado, cercado de muros, que só são de pedra pelo lado do porto, para onde se sai por um portão e uma ponte de madeira. Todas as casas são térreas, com dois ou três degraus na entrada. O palácio dos governadores não tem maior altura, e é rodeado de laranjeiras, com uma praça em frente. Um forte denominado Cidadela, no sítio mais alto, é quase a sua única defesa.

É a única povoação notável da Guiana ex-francesa, à qual os franceses comumente chamavam *França equinocial,* ou *Caribania francesa,* cujo limite setentrional é, como sempre foi, o Rio Maroni. No tratado de Utreck foi nomeado o Rio de Vicente Pinson para limite comum entre a Guiana portuguesa e francesa, sem que se falasse em ponto de latitude.[4] Os portugueses e franceses também deram sempre este nome ao Rio Oiapoque: os derradeiros começaram a querer, depois de Condamini, que fosse o Aguari por eles chamado Arauari, que desemboca sessenta léguas mais ao sueste. É constante que estes nunca fizeram gênero algum de estabel ecimento do Oiapoque para o meio-dia.

O forte de São Luís, que trocou o nome pelo de São Francisco com a revolução, situado cinco léguas longe do mar, na margem setentrional do Oiapoque, foi sempre o estabelecimento mais meridional da denominada *France equinocciale.*

Pelo Tratado de Madri de 1801, cedeu a Coroa Fidelíssima constrangidamente o terreno que fica do Rio Carapanatuba para o norte. No ano seguinte, pelo Tra-

4 "Sa Magesté T .C. se déslstera pour toujours, comme elle se desiste dès à présent par ce Tralté, dans les termes les plus forts et les plus authentlques, et avec toutes les causes requises comme si elles étolent insérées lei, tant en son nom que'en celui de ses holrs, suecesseurs, et héritiera de tous droits et prétentions, qu'elle peut et pourca prétendre sur Ia proprieté de terces appelées du *Cap du Nord,* et sltuées entre Ia rivière des *Amazcm,es* et celle de *Japoc,* ou de *Vincent Pinson,* sans se réserver ou retenir aucune portlon des dites terces, afln qu'elles solent désormals
possédées par Sa Magesté Portugalse..... Mr. J. Du Mont. *Corps universel diplomatique du Droit des Gens,* 1731.

Os castelhanos, aos quais os franceses tomaram esta porção de terreno, reconheceram sempre o Rio Olapoc. e o de Vicente Pinson por um mesmo rio; e junto da sua boca fez Carlos V levantar um padrfto de mármore, para servir de limite entre as suas conquistas, e as de Portugal. BEREDO.

tado de Amiens, recuou a linha divisória vinte léguas, ficando o Rio Aruari, ou Aguari, servindo de limite até a conquista do país.

Em 1624, ou 1635 segundo outros, se estabeleceram aqui os franceses com tão má estrela, como em outras partes do continente setentrional. Pouco depois, abandonando os estabelecimentos da terra firme, se passaram à Ilha Caiena, onde estiveram até 1655, sem que a colônia pudesse adquirir o florescimento desejado. Neste ano passou para o domínio dos ingleses, que a conservaram até 1674. Os holandeses, a quem tudo sempre fez conta, apoderaram-se da ilha por este mesmo tempo, e perderam-na quatro anos depois.

Jamais faltaram obstáculos à atividade dos colonos, que viveram sempre na esperança de providências até a época da revolução, a qual pôs tudo em pior estado. Com ela quase desapareceram algumas vilotas e aldeias de índios, que havia na ilha, e ainda no continente; principiando por um hospício de Franciscanos, que estava na parte ocidental da mesma ilha.

A Ilha Caiena, formada pelo rio do seu nome com o Maori, e um canal estreito e tortuoso, que os comunica, ficando o lado oriental um pouco fora do correr da costa, tem sete léguas de comprimento norte-sul, largura proporcionada, forma irregular. É terra baixa, semeada de pauis e colinas vistosas; terreno arenoso, e negro na superfície, vermelho em dois pés de profundidade, e apropriado para a cultura do cafeeiro, algodoeiro, milho, anil, mandioca e cana-de-açúcar. Durante a estação das chuvas, há pastos abundantes que sustentam os bois, cavalos, cabras, ovelhas e caça. Nos três meses de seca mais rigorosa todos estes animais padecem fome e alguns morrem à míngua. Tem várias ribeiras de água doce, que fazem moer diversos engenhos de açúcar. O canal, que a separa do continente, conduz ao porto as produções daquele lado. Posto que o vento leste refresque a atmosfera todas as manhãs, o ar é doentio por causa dos pântanos, que o infeccionam, e criam multiplicadas espécies de insetos, como sejam mosquitos, sapos, rãs, moscardos, formigas e outros que incomodam a gente.

FIM